CORIOLANO PINTO RIBEIRO
Do Instituto Genealógico Brasileiro e da Associação dos Magistrados Brasileiros

•

JACINTO GUIMARÃES
Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

DONA JOAQUINA DO POMPÉU

★

BELO HORIZONTE
1956

PERTENCE A
DILMA MORAES
R. Silviano Brandão, 14
Santo Antônio do Monte
-Minas-

AVISO

Os autores desta obra firmaram em convenção assinada a 14 de setembro de 1950, dentre outros, os seguintes artigos:

4) — A obra "Dona Joaquina do Pompéu" será registrada no nome dos seus autores Coriolano Pinto Ribeiro e Jacinto Caitano da Silva Guimarães.

5) — Os autores reconhecem que a obra "Dona Joaquina do Pompéu" é perfeitamente divisível, compreendendo duas partes distintas: a) uma histórico-genealógica da autoria de Coriolano Pinto Ribeiro; b) outra literária, compreendendo poesias, perfis de homens ilustres e artigos diversos da autoria de Jacinto Caitano da Silva Guimarães.

6) — O autor Coriolano Pinto Ribeiro tem o direito de aproveitar em outras publicações o trabalho histórico-genealógico de sua autoria enfeixado na obra "Dona Joaquina do Pompéu" e constante dos seguintes capítulos: "Pinto da Fonseca-Melo Franco-Dale Mascarenhas", "Abreu e Silva-Castelo Branco-Pinto Ribeiro", "Descendência de Três Filhos de Garcia Rodrigues e Isabel Velho", "Sás e Castros", "Outros Rodrigues", "Os Macieis", "A família Alvares Cabral entrelaçada com a de Garcia Rodrigues e Isabel Velho"; "Descendência de Dona Joaquina Bernarda Silva de Abreu Castelo Branco e do Cap. Inácio de Oliveira Campos", compreendendo dez capítulos.

7) — O autor Jacinto Caitano da Silva Guimarães tem direito de aproveitar em outras publicações as suas produções literárias, também enfeixadas na obra "Dona Joaquina do Pompéu", constantes de poesias e perfis dos seguintes homens ilustres: "Afonso Arinos", "Dr. Virgílio de Melo Franco", "Cáio de Melo Franco", "Dr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade", "Gastão da Cunha", "José Joaquim da Rocha", "Bernardo Pereira de Vasconcelos", "José Alves Maciel", "Dom Sebastião Leme", "Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta", "Conselheiro Rodrigues Alves", "Almeida Júnior", "Gustavo Capanema", "Frederico Zacarias Álvares da Silva", "Afrânio de Melo Franco", "Prudente de Morais", e "Olegário Maciel"; "Lindolfo Xavier", "Ovídio de Abreu", "João Lopes Cançado", "Professor Benedito dos Campos Cordeiro Valadares", "Francisco de Campos Valadares", "Caio de Campos Valadares", "Inácio de Campos Valadares", "Tte-Cel. Clorindo Valadares", "Mariana", "Pintangui", "Pompéu", "Casamento de Dona Joaquina", "Von Schwege e Dona Joaquina", e "Visconde de Caeté e Dona Joaquina", "Dona Joaquina do Pompéu, divisor de gerações", Antônio Cândido" e "Por último".

CORIOLANO PINTO RIBEIRO
Do Instituto Genealógico Brasileiro e da Associação dos Magistrados Brasileiros

e

JACINTO GUIMARÃES
Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

DONA JOAQUINA DO POMPÉU

Adquirido a 28-4-54
do Sr. Edson Moreira - Livraria
Itatiaia - B. Hte.

PERTENCE A
DILMA MORAES
R. Silviano Brandão, 14
Santo Antônio do Monte
-Minas-

DIADORIM
B. H.
Timbiras, 491

IMPRENSA OFICIAL
BELO HORIZONTE
1956

HOMENAGEM

Dr. MILTON SOARES CAMPOS

Dr. Coriolano Pinto Ribeiro

INTRODUÇÃO

O matriarcado de Dona Joaquina do Pompéu é uma página impressionante da história da mulher brasileira, assinalando sublime epopéia sempre relembrada com exaltada admiração. Foi Dona Joaquina modêlo edificante de virtudes viris, que a situam no mesmo pé de igualdade ao homem, quebrando-lhe a vaidade de julgar-se o número um da espécie.

As lendas engendradas pela maledicência e que procuram marcar-lhe a memória, tôdas se amarrotam e se anulam, ante a reabilitação definitiva da excepcional matrona, figura eminentemente política, cuja evocação é hoje motivo de orgulho para várias gerações que dela descendem. É natural que Dona Joaquina, cuja existência foi um desdobrar incessante de prestígio, autoridade e ação, encha de ufania a sua raça, tanto mais quanto tôdas aquelas virtudes que tanto lhe exaltam a personalidade, aliás herdadas em grande parte de seus ancestrais, se mostrem perpetuadas em seus descendentes, senão mesmo evoluídas pela cultura e civilização.

Nasce daí a verdadeira obcessão que nos acompanha desde a adolescência, alimentada pelos liames do parentesco, de enfeixar em um trabalho o mais possível exato e completo tôda a história daquele magnífico exemplar humano, que realmente foi Dona Joaquina do Pompéu, multiplicando-se em sucessivas gerações e compondo riquíssima galeria de personalidades ilustres, marcadas pela inteligência, cultura, devoção ao trabalho e serviços à Pátria.

São médicos, jurisconsultos, engenheiros, cientistas, militares, sacerdotes, políticos, agricultores, etc., que descendem da lendária mulher, cujo perfil se recolhe ao altar da Pátria, nimbado de glórias imarcessíveis e santificado pela tradição.

É o que tentamos realizar neste trabalho, fazendo de nossas fraquezas fôrças, ao enfrentarmos tamanho cometimento, digno de outros que pudessem mais alto e distante elevar o pensamento e a ação.

Entregamos, pois, leitor amigo, à sua benévola apreciação êste trabalho, fruto de muitas locubrações, sacrifícios, dissabores e constrangimentos.

Foi o inesquecível e bondoso amigo, Major Samuel Soares de Almeida, grande genealogista, quem nos deu a idéia de fazê-lo e com quem aprendemos a gostar das questões genealógicas. Quantas vêzes nos chamou êle a seu quarto de estudos para conversarmos sôbre a genealogia das principais figuras de nosso cenário humano. Ensinou-nos a ter paciência; deu-nos conselhos, para que colhêssemos dados e levantássemos a árvore genealógica de Dona Joaquina do Pompéu.

Em 1933, pela primeira vez, fomos à histórica cidade de Ouro Prêto.

Com permissão de Monsenhor Castilho, com o nosso irmão Padre Ribeiro, percorremos a Matriz. Admiramos a perfeita caligrafia dos manuais de oração e dos missais, de mil setecentos e tanto; apreciamos as lindas

pinturas do teto, os artísticos quadros, o São Jorge de madeira e outras obras do imortal Aleijadinho.

Visitamos outras igrejas, nada, porém, encontrando sôbre Dona Joaquina do Pompéu. Uns nos diziam ela havia nascido em Diamantina, outros em Mariana, e alguns, em Ouro Prêto mesmo.

À tarde do mesmo dia, 25 de janeiro de 1933, se nos não falha a memória, fomos visitar o Instituto Histórico em companhia do Dr. Rocha Lagoa.

Com a amabilidade que lhe é própria, o Dr. Racciopi fêz-nos percorrer o velusto edifício, levando-nos ao quarto de Tomás Antônio Gonzaga, de cuja janela se descortina o mais belo panorama e, à distância, a Escola Normal, construída no local da casa de Marília de Dirceu. Conduziu-nos ao salão de objetos históricos antigos: candieiros, candelabros, lampiões, cruzes e navios dentro de garrafas, a medida de roupa do Dr. Getúlio Vargas, quando estudante em Ouro Prêto, e uma infinidade de cousas velhas, que não nos mitigavam a sêde de saber qual seria o glorioso torrão natal de Dona Joaquina do Pompéu.

Em 1939, voltando a Mariana, lá tivemos imensa satisfação de rever o velho amigo e nosso ex-professor de sociologia, o Revmo. Cônego Trindade.

Foi êle, genealogista profundo, quem nos forneceu informações seguras a respeito de Dona Joaquina. Deu-nos a sua ascendência — pais e avós paternos e maternos. Era o ponto de partida. Estávamos assim aptos para iniciar os nossos trabalhos, sabendo fóra Mariana a terra de seu nascimento.

Com a devida licença, fomos ao Arquivo-Geral da Arquidiocese, e lá nos deixamos ficar por algumas horas, tomando apontamentos, lendo e relendo os autos de habilitação de Dr. Jorge Castelo Branco, pai de Dona Joaquina, os livros de casamentos, batizados, etc.

Muito gratos, queremos deixar aqui a expressão de nosso reconhecimento ao Revmo. Cônego Trindade e ao Sr. Antônio Ferreira de Morais, secretário do Arquivo, que se apressuram em nos enviar alguns documentos.

Ao Dr. Onofre Mendes Júnior, ilustrado Procurador-Geral do Estado, pelo autógrafo do Dr. Jorge Castelo Branco que gentilmente nos forneceu, os nossos agradecimentos.

Cabe ao Dr. Onofre o merecimento de ter trazido à luz da História que Dona Joaquina do Pompéu não foi uma mulher má, porém, bondosa e caritativa, que teve virtudes cívicas elevadas e um magnânimo coração. Desfez êle, com suas investigações históricas e diversos artigos publicados nos jornais de Pitangui, as calúnias e os atos de perversidade com que a maledicência dos invejosos procuraram enxovalhar a dignidade e diminuir os méritos de tão insigne dama mineira.

Ao nosso grande amigo Dr. Lindolfo Xavier, amante das investigações genealógicas, pela preciosíssima colaboração que nos ofereceu e que vai transcrita nesta obra, o nosso sincero reconhecimento.

Envidamos todos os esforços para que êste trabalho saísse mais ou menos perfeito; entretanto, ficaremos imensamente gratos a quem descobrir nêle faltas, erros ou enganos possíveis e nos enviar a correção respectiva. Pulsamos inúmeros papéis, autos de inventários e demandas, percorremos muitas cidades, visitamos cemitérios com o fim de obter datas de nascimentos e óbitos, examinamos livros de igrejas, etc. Uma cousa, porém, notamos: nem sempre estas fontes de informação condizem com a verdade.

Vimos alguns relação de herdeiros, cujos prenomes e sobrenomes foram alterados. Conhecemos um cartório, cujo antigo escrivão deu a um pai os filhos de outro e chegou ao cúmulo de mudar o sexo de muitas crianças ali registradas!

Um tabelião de antiga cidade mineira vendeu autos preciosos ao fogueteiro! Tais as conseqüências da nomeação de gente ignorante para cargos de tamanha responsabilidade!

Não pudemos obedecer à quinta regra do Instituto Genealógico Brasileiro em seus conselhos, porquanto estabeleceria a confusão. Por exemplo, tratando-se do Dr. Antônio Benedito Valadares Ribeiro, um dos ilustres descendentes de Dona Joaquina do Pompéu, cujos filhos, dentre outros. Dr. Márcio Ribeiro, Dr. Domingos Justino Ribeiro, Francisco Cordeiro dos Campos Valadares, tomariam sobrenomes diferentes. À sexta regra, também não nos foi possível obedecer.

Quanto à primeira, saiba o leitor que quase todos em Pompéu são parentes entre si e era uso muito generalizado o casamento de tios com sobrinhas; daí o mesmo sobrenome usado por espôso e espôsa.

O incêndio da Matriz de Pitangui, fonte fornecedora de pesquisas, em 1914 fêz desaparecer alguns livros de batizados, casamentos e óbitos, prejudicando esta obra, quanta às datas.

Não visando interêsse pecuniário, queremos tão sòmente que a memória da insigne família de Dona Joaquina, que deu tantos e tantos varões úteis à Pátria, não se perca na voragem do passado.

Eis o em que se justificam as locubrações, sacrifícios e trabalhos de tôda ordem, em pról do "desideratum" a que finalmente atingimos, após dois decênios da indefessa dedicação, sem os louros da perfeição, aliás indispensáveis a uma obra de tão elevado propósito, mas ao menos com a consciência tranqüila de ter trabalhado com devoção, renúncia e honestidade.

MARIANA

Dona Joaquina do Pompéu nasceu em Mariana. Ali viveu por tempos a sua nobre família, até que lhe morreu a mãe. Seu pai concluiu para logo os estudos canônicos começados em Portugal e mudou-se para Pitangui.

É justo digamos algo sôbre a velha cidade arquiepiscopal, banhada pelo Ribeirão do Carmo, de águas espraiadas e reluzentes. Em Mariana se formou o primeiro conglomerado humano de Minas Gerais, a adquirir foros de cidade. Tudo em Mariana é evocativo na sua ancianidade singular. Os grandes templos, maravilhosas expressões da arte religiosa brasileira e o casario distendido em ruas tortuosas imprimem-lhe a fisionomia típica, despertando em nossa imaginação suaves reminiscências do passado, em sua manifestação mais genuína.

O progresso na colonial cidade não tem tido o desenvolvimento das urbes modernas, por isso que tem encontrado barreiras em uma tradição sugestiva e respeitosa, já no domínio material de suas construções vetustas, já no domínio espiritual de seu povo, que sabe alimentar religiosamente o culto de suas coisas antigas. Efetivamente Mariana desdobra-se aos olhos dos visitantes como o mais encantador cenário do nosso passado histórico, em o qual viveram homens a que sagraram a inteligência, a sabedoria e a virtude cristã em tôdas as suas modalidades mais expressivas.

A poesia, a cultura e a santidade, de Mariana fizeram a sua catedral, em todos os tempos. Alfonsus de Guimaraens, Dom Viçoso, Dom Silvério, Monsenhor Horta, Diogo de Vasconcelos, dentre outros mortos e vivos, ali desferiram as fulgurações de seus espíritos, forrados, sobretudo, do mais puro misticismo religioso.

Príncipes todos êles, tiveram em Mariana a sede de seu principado, o teatro de suas atividades intelectuais.

Na santidade viveu Monsenhor Horta, enquadrado na árvore genealógica de D. Joaquina do Pompéu. Uma santidade tal que alto luminar da hierarquia eclesiástica, no venerando sacerdote via apenas, a princípio, um ingênuo, tal a universalidade e firmeza de sua fé; ao depois, porém, convencera-se de que o santo se identificara plenamente, pelos primores da inteligência e cultura, como pela perfeita formação moral e religiosa do espírito. Santidade ainda mais revelada nos atos que praticava, ultrapassando as raias do verossímil e do natural.

Está na consciência de todos a tradição de sua influência milagrosa, quando solicitada para a cura dos sofrimentos humanos de tôda espécie.

Nas "Cartas, sermões e outros escritos de Monsenhor Horta" de autoria de Francisco Horta, relatam-se milagres praticados pelo virtuoso sacer-

dote. Dentre êles citemos por exemplo o caso do exorcismo de uma alma que se debatia em grandes sofrimentos pelas tentações do demônio que dela se apoderara. Monsenhor Horta ao praticar aquela impressionante cerimônia religiosa, após recitar as orações do estilo, exclama: Ordeno-te, Satanaz, em nome de Deus, que te retires. Ouve-se então uma voz firme, que diz: Não me retiro, porque estou obedecendo às ordens do próprio Deus. Retruca severamente Monsenhor: Pois bem, sendo eu ministro de Deus, revogo as suas ordens e de novo ordeno que te retires. Ouve-se a voz do mesmo timbre, dizendo em tom de indignação; Contigo, careca, ninguém pode. E opera-se o milagre.

O caso do menino Horta, que acolitava Dom Silvério, acompanhando-o em viagem a cavalo pela paróquia. Eis que o cavalo em que monta o menino seminarista cai e rola pelo abismo. Dom Silvério sente, de súbito, e com espanto, a presença da criança em sua garupa, teimando embalde em dar explicação natural ao acontecimento. É que o espírito de santidade madrugara em Monsenhor Horta, quando ainda adolescente iniciava os seus estudos eclesiásticos.

Na Igreja das Mercês está o jazigo perpétuo de Monsennor Horta — José Silvério Horta. Tem o seu túmulo singelo uma cruz e o seguinte epitáfio, por êle próprio traçado em vida, que bem lhe traduz comovidamente a piedade e a inteireza da fé:

"Não quero em minha sepultura mausoléu
Que o meu nome recorde, e sim a cruz,
Que foi, no meu caminho para o Céu,
O guia que segui, após Jesus".

As bandeiras paulistas, sempre elas a plantar os primeiros marcos, estabelecendo a gênese de muitas cidades de Minas Gerais, onde quer que lhes deslumbrem os olhos, aguçando-lhes a cobiça as refulgências dos metais e das pedras preciosas.

Aconteceu assim em Mariana, onde elas aportaram em 16 de julho de 1696, descobrindo nesta data o Ribeirão do Carmo, em cujas margens reluzia ao sol em mancheias o ouro, cujo reinado não acaba. Fincou-se então o marco da maravilhosa descoberta, celebrando-se naquelas paragens ainda inóspitas a primeira missa pelo Capitão das bandeiras. E eis que surge em breve tempo o povoado embrionário do futuro arraial, que se transformou na venerável cidade arquiepiscopal, cuja importância se poderá medir pelas efemérides de sua história, referta de acontecimentos marcantes.

Foi Mariana a primeira metrópole dos governadores da província, tais como Antônio de Albuquerque, D. Bras Baltazar da Silveira, Conde de Assumar, D. Lourenço de Almeida e Gomes Freire de Andrade. Coube a primitiva Vila de Mariana desfraldar pela primeira vez no torrão mineiro o pavilhão das municipalidades.

A primeira despêsa da Vila do Carmo foi a construção do Pelourinho, antigo instrumento de suplício, em frente à cadeia. Esta lembrança dos antigos tempos, deprimente para os foros de humanidade, foi demolida em 1871, restando apenas algumas peças esquecidas no almoxarifado da Prefeitura.

Dentre as instituições da velha cidade avulta o Bispado de Mariana, que tem influenciado decisivamente em tôdas as etapas de seu progresso. Criou-se êle em 1745, sendo inaugurado por D. Frei Manuel da Cruz, em 1748.

É Mariana muito justamente apelidada a "Cidade Santa" por ser o berço da civilização cristã de Minas Gerais; "Museu de Igrejas e Panteon de Mitras"; "Jerusalém de Minas"; "Cidade das Litanias", para mais tarde tornar-se, como Ouro Prêto, "Cidade Monumento", por Decreto-lei de 6 de julho de 1945, assinado por Getúlio Vargas e Gustavo Capanema.

Dentre as suas mais lindas igrejas destaca-se a Sé-Catedral, de grande pureza e perfeição arquitetônica e estilística, construída, diga-se de passagem, ao tempo em que se levantava a famosa Penitenciária de Ouro Prêto, hoje convertida em Museu. Admira que então já germinavam as greves, concretizadas no movimento coletivo de protesto dos operários contra o desequilíbrio reinante entre os salários e o padrão de vida. A "Sé-Catedral" nasceu da Capelinha da Conceição, ereta em 1703, a qual passou ainda por substanciosas reformas sucessivas, até que em 1939 sofreu a reforma geral e definitiva pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

No cemitério do Rosário, que é uma das belíssimas Igrejas de Mariana, assinale-se a existência do jazigo de Alfonsus de Guimaraens, que por muitos anos foi Juiz em Mariana e lá escreveu os seus mais lindos poemas. Dorme ali o sono eterno o maior poeta mineiro de todos os tempos. Os seus patrícios bem lhe poderiam erguer sôbre a campa, que aponta apenas modesta cruz de madeira, um mausoléu glorificador e condigno.

À Mariana, pois, terra do nascimento de D. Joaquina, e que guarda os restos mortais de sua mãe, terra tão assinalada històricamente por efemérides e legendas, dedica Jacinto Guimarães o poema seguinte:

MARIANA

Bem te nomeiaz Mariana,
que a tristeza de Maria
ao ver o seu filho morto,
te ensombra por tôda parte.
És a urbe da liturgia
que teus sinos tristemente,
dolentemente anunciam.
A prece é a queixa da dor
que na prática do culto
que consagras a Maria
não te sai do coração.
Mas, urbe colonial,
tens outra característica
de impenitente tristeza.
És a mais velha de Minas
em sua ordem cronológica
És a primeira de tôdas,
em que fala a tradição

PITANGUI

Pitangui... Pinta aqui...

De qualquer forma evoca a toponímia do nome uma tradição de riqueza. É o ouro atraindo o bandeirante, quer aflorando à superfície da terra, quer se decantando de permeio aos saibros no fundo das águas. Tanto na significação tupi-guarani, quanto na corruptela a que se atribui — rio das crianças ou pinta aqui — a palavra revela a presença dos bandeirantes naquelas paragens, vivendo o seu drama de ambições, que foram sempre em tempos idos as precursoras das aglomerações humanas, que se evoluíam em povoações, arraiais e cidades.

Pitangui então se formou, ao influxo e fascínio de suas pepitas aurifulgentes e de seus cristais magníficos, de envolta com os sonhos da ambição bandeirante, que para uns se tornava em realidade, mas que para outros tinha apenas o condão de manter bem viva em suas almas de aventureiros a esperança, que é o bendito e perene consôlo da vida.

Eis o "substratum" histórico de Pitangui, cujo progresso, impelido pelas riquezas do seu solo, fá-lo organizar-se administrativa e politicamente, constituindo-se em importante comuna, em que se desenvolveram outras fontes de riquezas àquelas incorporadas, para tornar-se econômicamente um dos mais prósperos municípios do Oeste de Minas. À cidade aportavam sempre, atraídos pela fama, forasteiros que lá se fixavam, fazendo dela um centro de progresso, cuja tradição de cultura e civilização traduz uma realidade confortadora para quantos a visitam, deixando-se conquistar pela distinção e hospitalidade de seu povo.

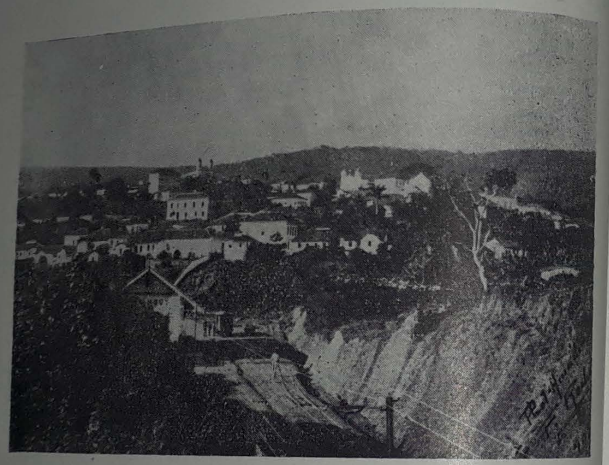
Gente de raça, a de Pitangui, a qual se perpetua em sucessivas gerações, fornecendo à Pátria uma plêiade de homens ilustres. A princípio Pitangui se estendia por uma vasta região, abrangendo diversas localidades, que dela se acercavam e que emanciparam ao depois. Mas, ainda é um grande município, constituído por diversos distritos — Cidade, Papagaio, Maravilhas, Cercado, Conceição e Leandro, todos prósperos e felizes, porque habitados por gente boa, em cujas veias, em sua maioria, corre o sangue de Dona Joaquina do Pompéu, portador dos germens das grandes virtudes da legendária matrona.

É ainda premiado o tradicional município pela amenidade do clima e uberdade do solo.

E assim Pitangui revive o passado cheio de ufania pelas glórias conquistadas e cônscio de que elas se multiplicarão sempre pelos tempos em fora.

Se o campo principal das atividades de Dona Joaquina foi o território que hoje constitui o município de Pompéu, a cidade de Pitangui foi o teatro de acontecimentos marcantes de sua vida, porque ali residiu a sua

família e, sobretudo, porque era Pitangui a sede do município, onde teria que tratar de seus negócios e em cuja vida política e administrativa tomava parte integrante e decisiva. O capítulo desta obra, sob o título "Dona Joaquina e o Marquês de Inhambupe" é uma página impressionante, que pinta ao vivo o grande prestígio e a freqüente intromissão da poderosa e fascinante mulher em os negócios de Pitangui, sempre no sentido de uma alta benemerência, praticada ao compasso de uma autoridade incontrastável, a cuja influência curvavam-se os poderosos.



Vista parcial de Pitangui

Justificam-se, pois, as nossas homenagens especiais à lendária e velha Pitangui, cuja glória maior é ter sido o cenário de acontecimentos, que envolvem de tanta magnitude a história de Dona Joaquina do Pompéu.

A ENTRADA

Em 1692, mais ou menos, Antônio Rodrigues Arzão, partindo de Taubaté, Estado de São Paulo, e passando por Pindamonhangaba e Guaratinguetá, alcançou a Serra da Mantiqueira. Daí, prosseguindo, passou por Pinheiros, Rio Verde e Rio das Mortes, chegando até o Itatiaia.

Do Itatiaia, rumando para leste, pelo Rio Doce acima, chegou ao lugar denominado Casa da Casca, e no vale do Rio Piranga descobriu ouro. Voltando, desceu o Rio Doce até entrar no Espírito Santo. Do Espírito Santo passou ao Rio de Janeiro e daí foi para Taubaté, onde adoeceu gravemente e morreu. Antes, porém, de morrer, confiou o segrêdo e o roteiro a seu

cunhado Bartolomeu Bueno da Silveira. Êste, saindo de Taubaté, em 1694, e tendo em vista o roteiro, que lhe havia sido confiado, conseguiu ir ao Itatiaia. Mas, tomando o oeste, pela região dos campos, subiu os Altos dos Pires, desceu as fraldas do Itabira, seguiu pelo Rio das Velhas e pelo Paraopeba, em cuja margem encontrou o arraial de Sant'Ana. Tendo aí notícias de que num ribeiro próximo havia ouro, tomou sua direção. Ao aproximar-se, as índias, que se banhavam, aterrorizadas fugiram, deixando criancinhas de peito às margens do ribeiro, que por isto recebeu o nome de Pitangui, que quer dizer rio das crianças.

A denominação de Pitangui, segundo outra versão, vem de "pinta aqui". O ouro deixava pintas no chão.

As minas de Pitangui, pois, foram descobertas pelos paulistas bandeirantes. Morrendo-lhes o guia, mordido de cobra, à margem do Caruru, não prosseguiram viagem e resolveram voltar. Foi quando, à pouca distância, descobriram um grão de ouro à beira de um buraco de tatu. Resolveram então examinar os terrenos em derredor e qual lhes não foi a surprêsa, quando descobriram mais ouro, à semelhança de batatas, provindo daí o nome de Batatal ao lugar. Permaneceram ali e se entregaram à faina do garimpo, construindo ao mesmo tempo um grande rancho, que abrigasse a caravana. Colheram grande resultado. A riqueza se estendia a outros lugares à margem dos ribeiros Brumado, São João, Onça, Guardas e São Joanico.

Não foi sem dissenções e sérios conflitos despertados pela cobiça e pelas intrigas, que decorreram os tempos na fundação de Pitangui, prevalecendo muitas vêzes a fôrça contra a justiça.

Era governador das Minas Gerais Brás Baltasar da Silveira. Quando se iniciou a cobrança do impôsto do ouro, o povo de Pitangui se revoltou, tendo à frente Domingos Rodrigues do Prado. Para sufocar a sedição, que já se alastrava pelos povoados vizinhos, o Governador enviou para Pitangui um grupo de homens armados, sob o comando do Ouvidor-Geral Bernardo de Gusmão. Os rebeldes fugiram para o Pará. Conta-se que Bernardo de Gusmão, não podendo castigar o chefe dos amotinados em pessoa, resolveu castigá-lo em imagem, para o que mandou fazer um boneco, que enforcou em praça pública, anunciando a todos que aquêle boneco era Domingos Rodrigues do Prado. Em 1714, foi criado o primeiro tabelionato de notas para escrituras e outros documentos e nêles se denominava esta terra por Minas do Pitangui, Freguesia de Nossa Senhora do Pilar, até 1715, em que se denomina Vila de Nossa Senhora da Piedade do Pilar e Vila do Infante.

Em 1718, elegeram-se Antônio Rodrigues Velho — o Velho da Taipa — e Bento Pais da Silva, os primeiros juízes ordinários, quando se procedeu à eleição da Câmara.

O município de Pitangui constituiu-se antigamente de 20 freguesias, denominadas: Pitangui, Onça, Abadia, Buriti da Estrada, Maravilha, Saúde, Bom Despacho; Pequi, Patafufo, Mateus Leme, Cajuru, Sant'Ana do São João Acima, São Gonçalo do Pará, Espírito Santo do Itapecerica, Santo Antônio do São João Acima; Confusão, Tiros, Morada Nova, Marmelada e Dores do Indaiá. Pitangui foi elevada à categoria de cidade em 1855, depois de ter perdido as cinco últimas freguesias.

tado o Hino dos Voluntários da Pátria, da autoria do Dr. Vaz Pinto e musicado por J. Gomes da Silva e que transcrevemos.

Os festejos se marcaram pelo cunho da exaltação patriótica, que caminava todos os espíritos. A entrega da bandeira oferecida aos soldados que partiam, dispondo-se ao sacrifício da própria vida, em defesa da Pátria, foi feita por uma comissão de distintas personalidades de Pitangui, assim constituída: Dr. Vaz Pinto, Tenente Pedro de Azevedo, Comendador Gomes da Silva e Leonel Pereira da Fonseca, servindo de porta-estandarte Rosinha Azevedo, filha do Tenente Pedro de Azevedo.

Pitangui escrevera, assim, uma das páginas mais sugestivas da sua história. Eis a relação dos voluntários e recrutas que foram para a guerra do Paraguai, entre 7 de fevereiro e 21 de março de 1865:

1) Antônio da Silva Barbosa
2) Antônio Silvério da Fonseca
3) Antônio Gonçalves dos Reis
4) José Faustino Rodrigues Zica
5) Antônio Rodrigues de Sousa
6) Jacinto Pereira da Silva
7) Manuel Gonçalves dos Santos
8) Luduvino Gonçalves Pinto
9) José Bernardino Fernandes Gama
10) Moisés Antônio Pereira
11) Francisco Gomes da Conceição
12) Fidelis Cláudio Maciel
13) Francisco Marinho
14) Teófilo Martins Ferreira
15) José Bahia da Rocha
16) Inácio Joaquim Bahia da Rocha
17) Francisco de Assis Pereira da Fonseca
18) Jacinto Pereira Guimarães
19) Claudino José da Silva
20) Antônio Luis Fagundes
21) Francisco Ferreira da Silva
22) Guilherme da Silva Capanema
23) Herculano Xavier Rabelo
24) João Soares de Freitas Mourão
25) João Farnaspe de Freitas Mourão
26) José Figueira Rates
27) João dos Santos Mascarenhas
28) João José Patrício
29) José Agostinho Pereira
30) José da Silva Gomes
31) Joaquim José Ferreira
32) Joaquim Pereira de Castro
33) João José de Sousa
34) Antônio José Patrício
35) Antônio José Correia
36) Braz Xavier da Silva
37) Domingos Martins da Silva

38) Estácio José da Silva
39) Francisco Moreira da Silva
40) Francisco da Silva Dantas
41) Francisco de Paula
42) Francelino José Gonçalves
43) Fortunato José Gonçalves
44) Florêncio José de Andrade
45) Francisco Antônio da Silva
46) Manuel Ricardo Fernandes
47) Manuel José da Silva
48) Manuel Ferreira Coelho
49) Marcelino Pedro Abade
50) Olímpio José da Silva
51) Sebastião Alves Coelho
52) Antônio Silvério Dantas Pintor.

HINO DOS VOLUNTARIOS DE PITANGUI

(Dr. Vaz Pinto)

(Música de Gomes da Silva)

Voa ardente coorte de bravos
Voluntários do Pátrio Brasil!
Eia! as armas em punho e na pugna
Esmagai o inimigo tão vil
Côro
Às armas, bravos soldados!
Às armas, correi e voai!
Vil afronta do estrangeiro
Em seu vil sangue lavai!

É a voz da Nação que assim brada,
Ecoando por serras e vai!
É a Pátria que chama seus filhos
Dum civismo e valor sem rival!
Côro
Às armas, bravos soldados!

.....

Eia! os campos do Sul já se alastram
De mil corpos de bravos guerreiros!
São irmãos que lá tombam, sorrindo!
Que assim morrem os heróis brasileiros!
Côro
Às armas, bravos soldados!

.....

Não ouvis o clarim do combate
Que medonho se trava no Prata?
Não ouvis o trovão da metralha
E o estalar do mosquete que mata?

Côro

Às armas, ...
É a guerra, que vil estrangeiro
Provocou à Nação Brasileira:
Voluntários da Pátria, voemos
Em defesa da nossa bandeira.

Côro

Às armas, ...
Lá ressoa o clarim do combate
Pelos bravos mineiros bradando!
Eia! à guerra marchemos ufanos!
E pela Pátria morramos cantando.

Côro

Às armas, ...
E tu, berço da infância dourada,
Nossa terra gentil, Pitangui,
Aceita nosso adeus, que partimos
Suspirando saudoso por ti.

Côro

Às armas, ...

.....

Bicentenário de Pitangui

(Corgozinho Filho)

1715-1915

Contar tôda tua história
Teus belos feitos narrar
Fôra cobrir-te de glória
Cidade bi-secular.

Côro

Terra dos Taipas! doutrora
A Vila de Pitangui,
Duzentos anos; Senhora,
Passaram já sôbre ti!

Das gerações que passaram
Há muito que enaltecer,
Quer nas lides que lidaram
Quer nas lutas do saber.

Côro

Terra dos Taipas!.....
Mas tu tens da mocidade
A fôrça, o brilho, o vigor,
Se há muitas de tua idade;
Nenhuma do teu valor.

Côro

Terra dos Taipas! doutrora
A Vila de Pitangui.

.....

PITANGUI

Jacinto Guimarães

A gente chega a Pitangui,
subindo, avistando na encosta
a urbe mais do que centenária,
de vetustez original,
e de beleza interessante
distribuída aqui e ali.
São solares coloniais
que pontilham tôda a cidade,
deixando ver na bizarria
de sua antiga arquitetura
e em linhas características
manifesta ancestralidade.
Topografia ouropretana.
~~As~~ Escadinhas para subir
rua, cujo custoso acesso
sòmente elas permitiriam.
Há na cidade três palmeiras
que assinalam alguns poetas,
são namoradas de um coqueiro
que se levanta no Lavrado
do lado oposto ao casario.
Soldado mudo e vigilante,
cujas fôlhas o vento dobra,
marcando o tempo, qual barômetro.
Esse coqueiro é uma bandeira
também, hasteada lá no alto,
bandeira verde da esperança
que a cidade jamais perdeu.
Tem essa árvore as suas lendas,
como o Lavrado a sua história.
Das flôres o perfume ali
se consorcia bem com as auras
de poesia, que não morre
e se estende pela cidade,
onde por todos os recantos
a gente a bebe em largos haustos.
Pitangui é essencialmente
a cidade tradicional.
Velho da Taipa... Tangará...
Dona Joaquina do Pompéu...
Cada canto lembra uma lenda
ou então desperta uma saudade,
lenda viva de bôca em bôca,
nos corações terna saudade.
É assim Pitangui, que o destino,
romanceando, remarcou
com a beleza das tradições
e com o eterno da poesia.

PITANGUI DE OUTROS TEMPOS...

Os Belos Gestos do Passado

— Paulo DE MEDINA COELI —

Das pequenas cousas, costumam-se extrair grandes lições. O passado está cheio de gestos que definem os homens e as cousas dos tempos idos. A compreensão do dever aos que ocupavam cargos públicos era muito mais grave do que hoje. O zêlo pelos dinheiros públicos era notável. Quando se confrontam as cousas de hoje com as do tempo dos nossos avós, a gente sempre tem uma impressão de desolador retrocesso. Parece que o progresso material corre em sentido oposto ao moral. Enquanto que o homem atinge quase à perfeição, no terreno material, mais retrograda no que se refere à moral, à consciência, ao dever. Hoje, merece elogios o homem que cumpre o seu dever. Causa espanto um ato de dignidade. Antigamente, era o contrário.

Os homens públicos costumavam ter uma profunda compreensão de seu dever e eram de um rigor excessivo no tocante aos dinheiros públicos.

Uma prova da afirmação é o gesto do Dr. João Crisóstomo Pinto da Fonseca, na sessão da Câmara de Pitangui, de 24 de setembro de 1825. O Dr. João Crisóstomo Pinto da Fonseca era, então, o Juiz de Fora de Pitangui, com jurisdição no cível, crime e orfanológico e conseqüentemente, o Presidente do Senado da Câmara.

Nesse dia, êle declarou à Câmara que havendo sido celebradas, no dia 6 de junho de 1822, duas festas — uma de Corpus Christi e a outra de regosijo pelo Nascimento da Sereníssima Princesa Dona Paula, recebera êle duas propinas. Que, entretanto, havendo estudado o decreto de sete de abril de 1719, chegara à conclusão de que só tinha direito a uma propina, visto como as festas se realizaram no mesmo dia. Devolvia, por isso, ao Conselho, os vinte mil réis que recebera a maior naquela ocasião.

Outrossim, declarava mais que no mesmo ano de 1822 recebera para aluguel de casa, que era custeado pela Câmara, oitenta mil réis, correspondentes a um ano. Que, entretanto, começara a pagar aluguel no dia primeiro de abril, de forma que recebera também demais os 3 primeiros meses, motivo porque devolvia ao Senado da Câmara vinte mil réis, correspondentes ao aluguel do primeiro trimestre de 1822.

Fazia essa declaração — continuou o juiz — não só para ficar constando que êle devolvera o que recebera a maior, como também para que a Câmara ficasse certa de que podia e devia haver daqueles a quem pagou propinas dobradas no dia 6 de junho de 1822.

A Câmara resolveu, então, que o escrivão extraisse uma conta de todos os vereadores e mais oficiais que, no dia 6 de junho de 1822, receberam suas propinas, para que cada um dêles restituisse aos cofres públicos a quantia de dez mil réis, recebida a maior, (o presidente vencia o dôbro dos demais vereadores) e que ficassem todos no entendimento da disposição do decreto de 7 de abril de 1719, abonando-se, dali por diante, uma só propina a cada um, no caso de duas festas religiosas no mesmo dia.

Ficaram assim os cofres a salvo do prejuizo e cada um dos nobres vereadores, bem como o digno juiz, em paz com sua consciência.

POMPÉU

O distrito de Pompéu foi criado pelo artigo 1.º da Lei n.º198 de 184[illegible] sob a denominação de distrito da Conceição do Pompéu, tendo por divisas o Pará, Rio do Peixe, Ribeirão da Areia, Serra do Duna, Bom Jardim, Rio Pardo, Paraopeba, no município de Pitangui, de que fica o novo distrito fazendo parte integrante.

Pertenceu à nova freguesia de Abadia, em virtude da Lei n.º 911 de 8 de junho de 1858.

A Lei n.º 1.190 de 23 de julho de 1866 dá para o distrito a seguinte divisa: Artigo 12 — A divisa do Distrito de Pompéu com a cidade de Pitangui será da foz do ribeirão do Salobro no Pará até às suas cabeceiras na Serra Limpa, pelo espigão desta às cabeceiras do Pedro Moreira; seguindo por êste até o Rio Prêto, limite do Distrito de Pompéu com Maravilhas, ficando a parte compreendida entre o Salobro, Serra Limpa, Pedro Moreira, Rio Prêto, pertencendo ao Distrito de Pompéu.

Esta lei foi revogada pela Lei 1.635, § 2.º do artigo 2.º ficando em vigor as antigas divisas.

O Distrito de Pompéu foi elevado à freguesia pela Lei n.º 1.378 de 1855. Suas divisas são: Pará, Rio do Peixe, Ribeirão da Areia, Serra do Duna, Bom Jardim, Rio Pardo, Paraopeba e São Francisco.

O município de Pompéu foi criado em 17 de dezembro de 1938, pela Lei n.º 148:

Em dezembro, 27, quando foi da Divisão Administrativa do Estado para o quinqüênio de 1948-1953, criaram-se a comarca de Pompéu e o distrito único de Silva Campos, Lei n.º 336, cuja sede é o antigo povoado denominado Buritizal, nome que não foi conservado porque havia outro igual em nossa carta geográfica. O povo, pelos seus elementos mais representativos, sugeriu o nome de Silva Campos, em homenagem à família de Francisco Campos.

O nome de Buriti da Estrada, por que era conhecida a sede do distrito, até a criação do município, desaparecera, dando lugar ao de Pompéu, só reservado antes para designar o distrito em tôda a sua inteireza.

Certamente o povo de Pompéu acolheu a nova denominação com grande pezar, por isso que era aquela, Buriti na Estrada, mais evocativa, mais consentânea com as tradições locais

Insulado entre caudalosos rios, no ubérrimo trato de terra são as contradições, perfiladas em renques, as lindas palmeiras que inspiraram Afonso Arinos formosíssima página literária.

São de beleza impressionante os buritizais do sertão, de cujas estipes pendem cachos de côco retintos e em cujas frondes freqüentemente pousam

as araras itinerantes. São também lindas as paragens em que medram, freqüentadas pelas garças, jaçanãs, irerês e outras aves aquáticas, matizando o ambiente.

Consoante a topografia ou os acontecimentos históricos os buritizais tomam nomes diferentes e característicos, tais como: Buriti da Estrada, Buriti do Canto, Buriti Torto, Buriti do Açude, Buriti Comprido, Buriti do Meio, Buriti do Cordovil, Buritizinho, Buritizal, etc.

Pois, Buriti da Estrada é o velho nome da sede do Pompéu, que todos evocamos com justificada saudade.

De Pompéu se podem assinalar etapas decisivas de progresso, que a uberdade de seu solo, a inteligência e operosidade de seu povo, herdeiro das

Rua D. Joaquina do Pompéu
(Cidade do Pompéu)

qualidades de Dona Joaquina, fomentam e aceleram, dando-lhe lugar de destaque entre as comunas mineiras.

O território do município oferece aspectos e perspectivas os mais variados, desde as vastas planícies de serrados e serradões, em meio dos quais se abrem clareiras de campos e campinas, que se sucedem a morros mais ou menos acidentados, até a montanhas e serras mais elevadas, formando cadeias, que, como os buritizais, tomam nomes diferentes, consoante a região que atravessam, os córregos que margeiam ou outros motivos quaisquer. Nessas serras que cortam o município em várias direções é que a terra, em geral calcárea, se mostra de exuberante fertilidade, apesar de há muito se achar despojada da matéria primitiva, em quase tôda a sua extensão, dando lugar a pingues pastagens artificiais ou então a terrenos destocados e reservados ao cultivo de cereais. O município, flanqueado por caudalosos rios, é entrecortado em seu seio por numerosos córregos, riachos e nascentes, proporcionando-lhe um sistema de irrigação fácil e fecunda.

A lavoura em Pompéu já se torna em uma grande riqueza econômica, obedecendo aos processos modernos em que se procura substituir o braço do homem pela maquinária, que ali já tem emprêgo corrente e grandemente compensador.

Pompéu representa um dos principais centros de exportação de produtos agrícolas, a que se somam os da pecuária, que é talvez a sua principal

fonte de riqueza. O gado de Pompéu tem evoluído acentuadamente em número e qualidade, tornando-se digno de menção a benéfica influência das raças indianas na formação dos seus rebanhos, sem prejuízo da indústria do leite, a que se dedicam com subido interêsse todos os fazendeiros.

O gôsto pela criação do gado bovino é ali tradicional, desde os tempos de Dona Joaquina, cujo rebanho, segundo o testemunho do sábio alemão Barão Eschwege, seu hóspede freqüente, ascendia a 40 mil cabeças.

Um município como o de Pompéu não pode sofrer solução de continuidade em seu progresso, que está subordinado a tão poderosas influências. A sua sede já apresenta o aspecto de uma cidade bonita, em que se revela o influxo do urbanismo, já na obediência ao traçado cartográfico de cidade, já no apurado gôsto das novas construções, que se multiplicam dia a dia. Construiu-se ali recentemente, às expensas do povo, o Forum, belíssimo edifício de arquitetura moderna. Dependendo a instalação da Comarca de sua construção, era de ver a celeridade e o carinho imprimidos aos trabalhos de seu acabamento, o que bem espelha o espírito patriótico de um povo inteligente, trabalhador e progressista, que a despeito de afastado dos grandes centros de civilização, dela querem participar também. Não foi em vão que Dona Joaquina elegera Pompéu para centro de suas atividades, seduzida cer-

Fazenda do Pompéu (Residência de D. Joaquina)

tamente pelas grandes fontes de riqueza que se revelaram a seus olhos perscrutantes de mulher sagaz e inteligente. O acêrto de sua escolha se evidencia na importância econômica dêste abençoado rincão do oeste mineiro, cujas conquistas de progresso são glórias que se irmanam às glórias que lhe herdou a matrona extraordinária, consubstanciadas em uma tradição indelével de

inteligência, dinamismo, coragem, religiosidade, patriotismo, generosidade, enfim de tôdas as grandes virtudes que podem nobilitar e engrandecer a criatura humana.

— A comarca de Pompéu instalou-se solenemente, com a presença do Governador do Estado Milton Campos e Secretários Pedro Aleixo, Magalhães Pinto, Rodrigues Seabra e Baeta Viana, respectivamente do Interior, Finanças, Viação e Saúde Pública, no dia 4 de junho de 1950.

Foi então ressaltada a influência preponderante do espírito de Dona Joaquina sôbre a gente do Pompéu, que muito pròpriamente poderá denominar-se matriz cívica.

Sobrado do Pompéu

Consta que o Cap. Inácio de Oliveira Campos queria que o sobrado fôsse construído na Passagem de Ana Maria, para onde havia mandado levar todo o material necessário, próximo à Fazenda de Crisípo Cordeiro Valadares.

D. Joaquina, porém, desejava que fôsse mais acima, isto é, no local onde foi afinal construído.

D. Joaquina, muito autoritária, aproveitando-se da ausência do marido, que tinha sido chamado a Vila-Rica, onde permaneceu três meses, incumbiu da construção o carpinteiro Tomás Dias Pereira, de São Joanico, o qual com 20 operários, em pouco tempo o concluira.

Ao chegar, o Cap. já o encontrou pronto, nada podendo fazer.

DECRETO-LEI N.º 959, DE 9 DE NOVEMBRO DE 1943

Autoriza o Govêrno do Estado a adquirir a Fazenda "Pompéu Velho" e abre à Secretaria da Viação e Obras Públicas o crédito especial de Cr$ 68.060,20.

O Governador do Estado de Minas Gerais, na conformidade do disposto no art. 6.º, n.º 5, do Decreto-lei Federal n.º 1.202, de 1 de abril de 1939, decreta:

Art. 1.º — Fica o Govêrno do Estado autorizado a adquirir de Antônio de Assis Machado e Benevides de Campos Cordeiro, respectivamente, o edifício da Fazenda "Pompéu Velho" e terrenos adjacentes, situados entre os municípios de Pitangui e Pompéu, com a área de 53 alqueires geométricos, e a reconstruí-lo, podendo para isso despender até a quantia de Cr$ 68.060,20 (sessenta e oito mil e sessenta cruzeiros e vinte centavos).

Art. 2.º — Fica aberto à Secretaria da Viação e Obras Públicas o crédito especial de Cr$ 68.060,20 (sessenta e oito mil e sessenta cruzeiros e vinte centavos), para atender às despesas a que se refere o art. 1.º.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário, entrando êste Decreto-lei em vigor na data de sua publicação.

Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, 9 de novembro de 1943.

BENEDITO VALADARES RIBEIRO
Dermeval José Pimenta
Francisco Balbino Noronha Almeida.

POMPÉU VELHO

Este nome surgiu no noticiário mineiro, com o decreto do Governador Benedito Valadares, estampado no "Minas Gerais", de 10 do corrente.

Por êsse ato, o Govêrno Mineiro adquire cinqüenta e três alqueires geométricos de terras, entre os municípios de Pitangui e Pompéu às margens do rio Paraopeba.

Dentro dêsse terreno, fica a fazenda do "Pompéu Velho", afamada nos primórdios do século passado, pela opulência dos seus proprietários, pela vasta zona de influência exercida na Província de Minas Gerais, pelos benefícios que distribuía à população do interior e pelo movimento de capitais empregados em terras e criação de gado.

Eram proprietários da fazenda do *Pompéu Velho* o Capitão Inácio de Oliveira Campos, descobridor dos sertões de entre os rios das Velhas, Paranaíba e Dourados, homem de rijo caráter, e sua espôsa Dona Joaquina Bernarda da Silva Abreu Castelo Branco, senhora de raras qualidades morais, inteligência, energia e tino comercial.

O Capitão Inácio de Oliveira Campos era neto do Capitão Antônio Rodrigues Velho, fundador de Pitangui, conhecido por "Velho da Taipa".

Homem de valimento, construiu e doou àquela cidade uma igreja ali ainda existente. Foi um tipo de energia moral inquebrantável, célebre por atos de retidão e intransigência. Descendia do Cacique Tibiriçá, de Piratininga.

Seu nome está hoje gravado na estação da estrada de ferro na cidade que fundou.

Os Garcias Velhos formavam numerosa família paulistana, pertencente à nobreza da primeira época do descobrimento. Constituiam-na os primeiros povoadores e bandeirantes do sertão paulista, que exerciam autoridade sôbre as terras. Eram entrelaçados com Manoel Fernandes Ramos, da família dos Fernandes Povoadores, gente destemida e laboriosa, e com o régulo Martim Afonso Tibiriçá, cacique de Piratininga, cuja neta, Susana Dias se casara com um Garcia Rodrigues Velho, ancestral do fundador de Pitangui, o Velho da Taipa.

A família Campos, que entrou na composição do ramo pompeano, vem de Felipe Vanderburg, nobre belga, embaixador do seu país junto à Côrte de Espanha, onde se casou com Antônia del Campo; dêste casal nasceu Felipe de Campos Vanderburg que veio para o Brasil e casou-se em São Paulo, em 1643, com Margarida Bicudo. Começa aqui o entrelaçamento destas duas famílias, que figuram nos anais paulistanos como descobridores, povoadores e representantes da nobreza bandeirante, por serviços relevantes ao país.

Com o casamento de Margarida de Campos, filha do magistrado paulista José de Campos Bicudo, com Antônio Rodrigues Velho, em Itu, em 1705,

ligaram-se estas duas famílias, que aparecem em várias páginas da história bandeirante mineira e paulista e são o ponto de partida de muitas proles pitanguienses.

José de Campos Bicudo foi juiz ordinário em Pitangui, em 1720 e penetrou, com seu genro Antônio Rodrigues Velho, os sertões do São Francisco, realizando importante trabalho de descobrimento e povoamento daquelas regiões.

O Capitão Inácio de Oliveira Campos, que se casou com Dona Joaquina do Pompéu estava na faina de viajar e descobrir terras, como um bandeirante, descendente de gente paulista. A época era de entusiasmo pelas "entradas" e processava-se a mesma senha do *rumo ao oeste*, que neste momento agita o Brasil.

Os Garcias Velhos, os Fernandes Povoadores, os Bicudos, os Campos, os Pais Lemes, os Buenos, andavam na ordem do dia. Em Pitangui encontravam-se as famílias Bicudo, Garcia Velho e Campos, que mais tarde se uniram aos Capanemas, aos Xavier-Rabelos, aos Dias Maciéis, aos Álvares da Silva, aos Cordeiros Valadares, aos Abreus e Silva, aos Lopes Cançados, aos Lobatos, aos Mourões, aos Vieiras Machados, e outros.

Ascendentes de Dona Joaquina:

O Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco, que exercia a profissão de advogado em Mariana, era parente do Governador e Capitão General das Minas Gerais, D. José Luiz de Menezes Abranches Castelo Branco e Noronha, Conde de Valadares. Ambos vieram de Viseu, em Portugal, nos meiados do século XVIII, formados pela Universidade de Coimbra, entrelaçados por parentesco e amizade. Vários membros dos Valadares aparecem na genealogia pompeana.

O Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco, que além de formado em ciências jurídicas e sociais, tinha também o curso canônico até às primeiras ordens, em Coimbra. Casou-se em Mariana, com Dona Jacinta Teresa da Silva, em 1748, havendo vários filhos, dentre êles Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, que se casou com o Capitão Inácio de Oliveira Campos. Após o casamento, vieram êles residir em Pitangui, comprando então a fazenda do Pompéu, que de minúscula propriedade passou dentro em pouco a opulento centro de criação e engorda de gado e plantação de cereais e legumes, com grande escravatura e prestigiosas relações sociais.

Enviuvando-se em 28-3-62, após formar numerosa prole, quando exercia as funções de advogado, em Mariana, o Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco deliberou concluir o curso canônico, que havia interrompido em Coimbra, e, ordenando-se padre, foi vigário em Pitangui e morreu vigário de Santa Rita Durão, cheio de vida proba e relevantes exemplos de fé cristã e ardor pela família.

Em seu testamento moral, escrito para os filhos, fêz êle um escrínio do dever do cidadão, soldado de Deus, da Pátria e da Família, pedindo que todos os seus descendentes lêssem êsse breviário doméstico e cívico e guardassem seus ensinamentos.

Esse manuscrito, conservado em custódia por alguns zeladores da memória do austero sacerdote, jurista e pai de família, é digno de ser divulgado, para conhecimento da comunidade católica brasileira. Revela elevada cultura, espírito evangélico, ânimo de missionário reformador, franqueza rude ao ver-

gastar heresias e libertinagens, conhecimento profundo da alma humana, piedade pelas suas fraquezas e coragem de vergastá-las para redimi-las.

"Instrução que deixo a meus filhos, com recomendação de que se governem por ela, tomando cada um em particular para si as advertências que lhe faço".

Assim começa o Padre Doutor Jorge de Abreu Castelo Branco o seu manuscrito, que de princípio ao fim é vasado em língua clássica do melhor *quilate* daquela época.

"Já que não te posso deixar maiores bens, quero instituir-te um Morgado, que poderás usufruir e gozar, sem vocação de primogenitura, que não está sujeito a leis mentais e sálicas, tanto mais estimado quanto mais o usares, mais encontrarás o aumento da felicidade".

Depois dêste introito, entra o autor no texto do seu *Morgado Celeste*, que tal é o presente de festas legado à sua descendência.

São dezesseis *homilias*, em tom afetuoso e paternal, abrindo os olhos dos filhos para a prática da virtude, como único caminho da felicidade.

Com êste pai, bebendo ensinamentos numa escola de pureza como era o lar do Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco e de sua espôsa Dona Jacinta Teresa da Silva de Abreu Castelo Branco, não podia Dona Joaquina do Pompéu ser uma mulher vulgar.

Sua progenitora era dama da primeira sociedade portuguêsa, da ilha de Faial, vinda para o Brasil com a mesma nata social que cercava o Conde de Valadares. Foi mãe exemplar, soube preparar a alma da sua descendência. Dona Joaquina herdou-lhe o dom da virtude sem desplante, da franqueza sem ofensa, da alegria sã, nascida do coração puro, que sabe ser jovial e ruidosa, que tem ironias e mordacidade, mas no fundo é tudo exteriorização da alma forte, sem receios de comentários, superior à mediocridade vulgar.

Note-se êste exemplo paterno: o Dr. Jorge, em 1762, com cinqüenta anos de idade, enviuvando-se da espôsa que tanto estimava e com quem lidara quatorze anos de vida comum e feliz, não procurou nos braços de outra mulher o aconchêgo, que lhe faltava, pela perda de tão nobre companheira.

Procurou, sim, na Igreja Católica, no sacerdócio, o arrimo espiritual, que a ausência do anjo doméstico lhe arrebatara. No mesmo ano em que a perdera, 1762, completou os seus estudos canônicos, em Mariana, e aí recebeu as ordens sacras.

Foi vigário de Cristo, pregou e animou as almas para a virtude, e legou aos descendentes um exemplo edificante. Êste o meio social, êste o ambiente moral, em que foi criada e educada D. Joaquina Pompéu.

Quis a sorte que ela fôsse lavradora e fazendeira. Era ambiciosa. Tinha gênio comercial. Era autoritária. Sabia mandar. Revelou-se, na fazenda, a administradora admirável, que causou assombro.

O casal viveu sempre na maior harmonia e fidelidade, reinando o amor e a paz conjugal; assim criaram grande prole, que prosperou em renome e dignidade, achando-se hoje representada por milhares de descendentes, em Minas e no resto do país.

Dêsse tronco nasceram cidadãos de alta expressão social; advogados, médicos, sacerdotes, juizes, professôres, engenheiros, desembargadores, deputados e senadores, ministros e chefes de Estado; lavradores e industriais, escritores e parlamentares, funcionários civis e militares, banqueiros e jornalistas, nomes cheios de serviços à pátria.

Modesto em seu aspecto provinciano, traçando-se a diretriz de um labor agrícola honesto, o casal do Pompéu tornou-se benemérito não por ter pretendido cargos e brazões, mas por ter erguido uma árvore genealógica longa, de homens laboriosos e probos e mulheres de alta nobreza moral, em cujos peitos pulsou sempre o fervor da fé católica e o amor da pátria, acima de tudo. Na marca do caráter das gerações do Pompéu, verifica-se sempre a altivez de espírito, a nobreza de pensamentos, a firmeza de convicções; homens de quebrar sem torcer, como os queria Sá de Miranda.

Podem-se apontar tipos, como o Conselheiro Martinho Campos, a quem o Conde de Afonso Celso rende homenagens no seu livro *Meus oito anos de parlamento;* de quem falava com respeito o Conselheiro Pereira da Silva, no seu livro *Memórias do meu tempo*. Refere episódios, frases e atitudes de nobreza sem jactância, de oposicionista intransigente aos governos monárquicos, cujas falhas apontava e criticava com ironia mordaz e franqueza.

O historiador Diogo de Vasconcelos procedia de ramos do Pompéu, onde se encontram os entrelaçamentos das duas famílias, na Taquara, no Barreiro, em Sete Lagoas e em Ouro Prêto.

Um fato triste modificou desde cêdo a vida do casal do Pompéu, dando em resultado o afastamento do Capitão Inácio de Oliveira Campos de tôdas as atividades dos negócios e do serviço militar.

Uma hemiplegia levou-o ao leito e aí ficou paralítico para tôda a vida.

Dona Joaquina assumiu a direção dos negócios e pagou as dívidas da compra da fazenda. Com a responsabilidade da numerosa prole, ela substituiu no comando do navio o chefe que tombara.

Em 1804 faleceu o Capitão Inácio de Oliveira Campos, deixando-lhe a total responsabilidade da família e dos negócios. Dona Joaquina nasceu em 1752, enviuvou aos cinqüenta e dois anos e morreu com setenta e dois anos de idade, em 1824.

Todos os velhos do município de Pitangui, que conheceram de perto a geração do Pompéu e suas tradições, louvam, sem restrições, o viver da matrona ilustre, que foi mãe exemplar e espôsa dedicada, senhora de predicados domésticos e sociais raros, de franqueza rude e tom autoritário, querida e respeitada por todos. Viuvez honrada e laboriosa, que se exaltou pelo martírio, convertendo a tristeza em batalha vitoriosa, pelo trabalho honesto e o amor da prole. Não quis se casar em segundas núpcias, embora na sua idade e com a fortuna e beleza que ainda conservava da mocidade, poderia trazer para o seu lar um dos pretendentes, que muito a assediaram, à espécie da Penélope de Homero. Mas, como esta, resistiu aos príncipes e preferiu viver o resto de seus dias para a família, para a fazenda e para o serviço da Pátria.

A fazenda era asilo de perseguidos e vítimas de injustiças e aí daqueles que tentassem arrebatar-lhe algum dêsses párias da sorte, a quem a bondade e clemência de Dona Joaquina estendessem a proteção. Esse caráter benfeitor atingia às vêzes feição violenta, contra beleguins, esbirros, mandões políticos, quando lhe feriam a autoridade e lhe faltavam à cortesia e ao respeito. São célebres os episódios e as lutas nesse sentido.

A fortuna de Dona Joaquina foi útil aos moradores dos municípios vizinhos, pois alimentou o trabalho de milhares de braços, abasteceu de gê-

neros alimentícios as povoações dos arraiais sertanejos de Minas e especialmente da Capital da Província, até mesmo da Côrte.

Quando o Brasil-Colônia levantou a bandeira da Independência, a propriedade da fazenda de Pompéu colocou-se ao lado do Príncipe Regente, ofereceu tôda a sua fortuna a Dom Pedro I, para a guerra de libertação do Brasil. Ofereceu os escravos e os filhos para combater; ofereceu o gado, para alimentar as tropas da Independência; ofereceu as terras, para serem vendidas ou utilizadas pelo Exército de libertação; ofereceu os próprios serviços à causa sacrossanta, que agitava todos os corações de brasileiros.

A fita verde-amarela, no chapéu, no peito, na lapela, era o signo da revolta. Quem não tivesse um trapo de pano auri-verde, supria-o com as fôlhas das palmeiras e das árvores, que tivessem essa coloração.

Na fazenda do Pompéu as pessoas se engalanavam com os símbolos da revolta, desfraldando aos ventos os trapos auri-verdes.

Todos, senhores e escravos, vibravam de patriotismo.

Das ofertas, que Dona Joaquina fêz, aceitou Dom Pedro I apenas o gado, para abastecimento das tropas.

E a contribuição do Pompéu foi valiosa. Do remoto sertão de Pitangui, o gado era conduzido até à Côrte, a pé, por numerosos e leais escravos, onde era abatido e fornecido, gratuitamente, aos quartéis e regimentos da Corôa. Nunca aceitou a ofertante nenhuma paga do Tesouro Público, embora insistisse o Imperador por mandar-lhe a retribuição de tão vultosas somas.

Em épocas de epidemias e fome, em Pitangui, Curvelo, Sete Lagoas, Sabará, Paraúna, Curral d'El-Rei, Caeté, Santa Bárbara, Rio Acima, Mariana e Vila Rica, eram as tropas de cargueiros e os carros de bois, abarrotados de mantimentos, que surgiam pelas estradas, abastecendo as populações e os mercados sertanejos. Eram os rebanhos de bois gordos, tangidos por escravos, que despontavam na capital velha da Província, garantindo o fornecimento de carne aos povos daquelas redondezas, na azáfama da mineração do ouro.

Êsse comércio era feito com clarividência e admirável tino administrativo.

Dona Joaquina vigiava a criação, adquiria mais terras, expedia levas de boiadas para Vila Rica, onde os seus fiéis escravos abatiam os bois e retalhavam a carne entre os moradores da vetusta Capital e sua vizinhança. Não havia mãos a medir. As multidões de aventureiros que afluiam de tôda parte em busca do ouro abriam as "catas" em rumo aos ermos das velhas sesmarias.

Por todo êsse caminho, onde hoje vemos os traços do cascalho revolvido, no atestado vivo e presente das ambições passadas e mortas, por qualquer daqueles rincões e aclives da terra mineira, passava o gado de Dona Joaquina, guiado por capatazes de confiança, em demanda da Côrte, do Curral del-Rei, de Sabará, de Vila Rica ou de Mariana.

Tudo isso repercutia e dava ensejo ao crescimento da fama e prestígio de Dona Joaquina. Daí, o cêrco político em tôrno do Pompéu. A *Casa Grande* tinha setenta e tantos quartos de dormir, todos alfaiados a primor. A sala de jantar tinha uma mesa de uma só tábua de peroba, que acomodava cem convivas. Móveis de rico estilo colonial adornavam tôdas as peças, onde os linhos da Holanda e da Bélgica refulgiam em leitos, toalhas e cortinas, onde as baixelas de prata e ouro brilhavam ao lado das porcelanas da China. Iguarias finíssimas desafiavam os paladares. Escravas adextradas em rendas e bordados

fabricavam primores de arte doméstica e peças do fino vestuário. E no sotão do sobrado, arsenais de armas para defesa militar da fazenda; prisões subterrâneas para escravos criminosos ou salteadores de rebanhos. Dona Joaquina aplicava em pessoa os castigos, efetuava as prisões e inquéritos, perdoava, indultava. E por tudo isso, o Pompéu tornava-se asilo de trabalhadores honestos, que por acaso sofressem vexames noutras fazendas, ou fôssem perseguidos pela sanha dos mandões políticos. Ali, todos eram intangíveis.

Da prole numerosa do Pompéu descendem o Governador Benedito Valadares, o Dr. Francisco Campos, assim como os já falecidos Desembargadores Frederico Augusto Álvares da Silva e Amador Álvares da Silva; o Dr. Francisco Cordeiro de Campos Valadares e o Dr. Antônio Zacarias Álvares da Silva, médicos notáveis; o professor Benedito Cordeiro de Campos Valadares, que foi diretor da Instrução Pública na Capital Federal e lente da Faculdade de Direito; o Dr. Olegário Maciel, ex-Presidente de Minas; tantos outros vultos eminentes; vivos e mortos, que seria longo enumerar.

Dona Joaquina faleceu em 1824, logo após a Independência, e estava reconstruindo o casarão da fazenda, que hoje é um vestígio apenas da grandeza antiga. O tempo passou sôbre ela, mas não apagou o nome e a glória da sua proprietária, que além de legar ao Brasil um exemplo de bravura e tenacidade feminina, foi ardente patriota e colaboradora da causa da Independência nacional. O inventário de Dona Joaquina, cujos autos se acham ainda conservados no cartório do Fórum de Pitangui, de que é serventuário um seu sexto neto, revelou a posse de propriedades territoriais, que abrangiam os municípios de Pitangui, Paracatu, Abaeté e Dores do Indaiá, compreendendo os atuais arraiais de Maravilhas e Papagaio, as fazendas do Junco, Rio Pardo, Taquara, Ponte e Barreiro, o antigo arraial de Abadia de Pitangui, hoje cidade de Martinho Campos, o antigo arraial de Buriti da Estrada, hoje cidade de Pompéu e muitos outros sítios. Tôda a área da fazenda do Pompéu Velho abrangia um total de noventa e cinco mil alqueires geométricos, ou sejam 4.598 quilômetros quadrados.

Em 1824, data do inventário, o cômputo do rebanho da fazenda era de cêrca de dezoito mil cabeças de gado vacum, além de perto de mil eqüinos, avaliados a três mil réis por unidade. Escravos havia algumas centenas, cujos preços eram de cento e cinqüenta mil réis, por unidade. Muita prataria, ouro em barra, alfaias, móveis coloniais, veículos de transportes, títulos de dívidas de fazendeiros vizinhos, etc. Tudo isso forma um acervo, que na moeda de hoje e computado de acôrdo com a valorização da propriedade territorial e dos demais bens, somaria a cêrca de cem milhões de cruzeiros.

Sôbre os assuntos do *Pompéu* consultem-se os recentes trabalhos do erudito historiador mineiro Cônego Raimundo Trindade, assim como os de Silva Leme, Gustavo Pena, Mário Matos, João Dornas Filho e Onofre Mendes Júnior, todos dignos de aprêço.

Rio, 19-11-43.

Lindolfo Octávio Xavier

O SOLAR DE D. JOAQUINA

Jacinto Guimarães

Ei-lo firme em seus alicerces,
o solar de D. Joaquina,
o casarão senhorial.
No forte esteio de aroeira,
na grossa trave e vigamento
do rijo e perfumoso balsamo
e do jacarandá perene
vai resistindo à ação do tempo.
Não cai! Na rigidez granitica
dessas madeiras, faz lembrar
beleza de vida exemplar,
perpetuada na memória
de tôda a gente montanhesa,
resistindo às invectivas,
às malversações e calúnias,
para tão sòmente deixar
a sua fama de energia,
e de bondade, e assim de amor
encha e doire todo um capítulo
da fundação de nosso império.
Se o solar de D. Joaquina
mostra aparência de ruinas,
são ruinas que se eternizam.
A pátina do tempo ali
sòmente esconde a resistência
singular, que o ferro e o granito
não garantiriam igual.
Mais que secular monumento,
a gente o vê com certo enlêvo,
e com ternura, e com devoção,
ao evocar comovidamente
as lendas mais edificantes,
cujos manes que as vivificam
em seus amplos salões perpassam.
D. Joaquina foi matrona
que ali tal prestígio ostentava
que se tornara oracular,
pelo espírito condutor,
pelo mando e soberania
que se estendia incontrastável
por várias centenas de léguas,
que lhe mediam os dominios.
Tão querida dos pequeninos
requestavam-na os poderosos.
E assim ela marcava uma época
de glória, de benemerência

e fôra o tronco venerando
de familia tradicional
que Minas engrandece e honra.
E ei-lo ainda erecto em escombros,
o velusto solar e símbolo
representativo. Não cai!

LEI N. 1.033, DE 10 DE DEZEMBRO DE 1953

Autoriza o Poder Executivo a doar um imóvel à União, para a instalação e um Pôsto Agro-Pecuário.

O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º — Fica o Poder Executivo autorizado a doar à União a "Fazenda do Pompéu Velho", de propriedade do Estado, com área aproximada de 212 hectares, bem como o sítio que constitui o "antigo solar de D. Joaquina do Pompéu.

Parágrafo único — A presente doação destina-se à instalação de um Pôsto Agro-Pecuário.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário, entrando esta lei em vigor na data de sua publicação.

Mando, portanto, a tôdas as autoridades, a quem o conhecimento e execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir, tão inteiramente como nela se contém.

Dada no Palácio da Liberdade, Belo Horizonte, 10 de dezembro de 1953.

JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA
Odilon Behrens

SOLAR DE D. JOAQUINA DO POMPÉU

Alvares da Silva

Já se disse tudo que se podia dizer — e ainda é pouco — sôbre as reliquias de Ouro Prêto. As casas veneráveis, o tesouro dos templos, as pedras gastas pelo solado do sapato dos nossos antepassados, Ouro Prêto inteira, desde as coisas grandes às pequenas, mas velhas e sugestivas, já suscitou exclamações de milhares de pessoas e já deu à literatura páginas admiráveis. Palavras de admiração já foram ditas aí em numerosas linguas. Sensibilidades cansadas e desiludidas dos centros cosmopolitas sentiram reanimar-se diante daquelas casas velhas e daquelas ruas antigas. O patrimônio de Ouro Prêto é duplo: em pedra e ouro, em prosa e poesia. Orson Welles, "o mago do espetáculo", gênio difuso e acostumado com as coisas gigantescas, banhado da vaidade de Hollywood e habituado à fama em Nova York, sentiu uma pressão no peito diante daquelas casas velhas e só poude balbuciar uma palavra: "Estranho!..."

O caso é quase para rir-se, quando se lembra que êle é um "factotum" do cinema, artista, diretor, escritor de argumentos, intérprete laureado do "Júlio Cesar" de Shakespeare, locutor que alarmou os Estados Unidos e provocou pânico e morte, um milhão de coisas mais. O gênio, o gênio americano, com a respiração oprimida diante de Ouro Prêto! Era para rir... era para quase r...ir. Mas não! Não se pode dizer isto. Diz-se: êle tem razão! Nada mais. Uma relíquia, seja um sobrado colonial ou apenas as pedras de um gamão com duzentos anos, quase sempre aturde e mal dá a quem a admira o fôlego de dizer, um simples "Estranho!..." Assim é em Ouro Prêto ou em qualquer outro lugar. Diante de um solar antigo — nem é preciso dizer-se antigo — muitos nem podem dizer uma palavra. O homem volta ao tempo em que êle foi construido, cheio de lembranças, sente num momento todo aquêle tempo que passou. Cem... duzentos... trezentos anos! E fica mudo. O Solar de D. Joaquina do Pompéu tem perto de duzentos anos, é uma relíquia que está no oeste de Minas, e tem também essa presença estranha e saudosa que se sente nas casas veneráveis de Ouro Prêto e Mariana. A dona dêle nasceu em Mariana e construiu-o como se construiria em Ouro Prêto para os séculos adiante. Parado diante dêle, vendo-o, admirando-o, o que resiste ao tempo e também o que os anos escreveram nas suas paredes, fica-se silencioso, dominado pela sugestão, cheio de lembranças. Como é pequeno um homem moderno da era do cimento armado diante de um solar antigo! O homem é um minuto, a casa é dois séculos, veio das idades. Naquelas paredes bateram o sol e as chuvas de dois séculos! Aquelas janelas e aquelas portas se abriram pela primeira vez em 1700 e tantos...

Sim, aquelas janelas parecem portas de igrejas. São enormes. Aquelas portas parecem portas feitas para os muros de uma cidade medieval. Tudo é grande. Foram feitas, aquelas — vê-se bem — para que sôbre elas passassem os grandes, e com êles as gerações, todo um patriarcado rural do oeste de Minas.

O solar de D. Joaquina do Pompéu foi construido num descampado: dêle que se vê a léguas de distância, a vista se perde pelos chapadões azuis do oeste de Minas. É um sobrado. Domina a terra plana e aberta. Hoje ainda, das suas janelas, pode-se olhar ao longe e pensar que a 1700 e tantos, D. Joaquina do Pompéu queria ver os seus descendentes espalhar-se e crescer em cem léguas ao redor! Das janelas altas ela via o futuro, os descendentes, os trinetos e pentanetos.

É curioso! Como é que o povo pode dizer que paredes como essas são de taipa! Taipa! Não! Isto é pedra!

Como se disse muitas vêzes, "os antigos construiam em bases sólidas". As paredes que construiam eram muralhas. Tão boas eram as suas paredes que até costumavam acrescentar-se ao nome do dono, como é o caso de Antônio Rodrigues Velho, descendente de bandeirantes ou êle mesmo bandeirante cognominado o "Velho da Taipa".

O solar de D. Joaquina é uma relíquia que honra Pompéu. Não é apenas uma casa para ver-se, mas diante da qual é preciso rever a história mineira e percorrer os estudos de genealogia. Depois disso, conhece-se bem o solar e vê-se que êle é um monumento do Oeste de Minas. Dêle saíram gerações que povoaram e engrandeceram aquêle pedaço de terra de Minas. No sangue dos filhos de D. Joaquina do Pompéu já havia sangue dos bandeirantes Fernão Dias e Anhanguera; também do famoso Tibiriçá, "pai da metade do Brasil"; fundiam-se sangues de flamengos, Vanderburg e Beting, de portugueses, espanhóis nativos. Os seus ascendentes diziam que eram "os descobridores dêste país". Os seus descendentes povoaram o Oeste de Minas, fundaram cidades, cooperaram na colonização, descobriram sertões, ajudaram o Império e honraram a República. Foram guardas-mores, barões do Império, conselheiros, chefes de govêrno, ministros, fazendeiros, industriais, economistas, financistas, administradores, políticos e intelectuais. Cresceram além das cem léguas em redor do sobrado, do solar que domina a terra ampla para além das janelas em que D. Joaquina de Pompéu via a terra e o futuro da sua gente. Ela deve estar satisfeita. O seu sangue era bom e vigoroso, espalhou-se por gerações que souberam e sabem honrar a sua memória.

Sim aquêle sobrado de D. Joaquina Bernarda da Silva Abreu Castelo Branco Souto Maior é um capítulo expressivo da história de Minas. No oeste mineiro, quando alguém passa diante dêle, pára, olha-o, vê as suas janelas e portas enormes, repara nos estragos do tempo, nos hieroglifos que os anos escreveram nas paredes e diz: "Sim, Senhor! Os antigos construíram em bases sólidas! Êsse solar tem quase duzentos anos!"

Depois acende um cigarro de palha, ritualmente e conta qualquer história de D. Joaquina do Pompéu.

"Bem, isso deve ter acontecido em fins de 1700, ali por perto de 1800... Não sei direito... Ela morreu em 1824, isto eu tenho a certeza! Bem, o caso foi assim..." E desfia a história. No fim, o ouvinte retruca: "Isto parece lenda! "O que está contando se encrespa (é descendente dela) e diz: "Eu sei! Eu sei! D. Joaquina é uma lenda! Tudo é lenda! Aquêle sobrado ali daquele tamanho todo, é também uma lenda! Eu sou descendente dela! "Bate no peito: "Pentaneto, sabe? Com certeza sou lendário também, não é?!"

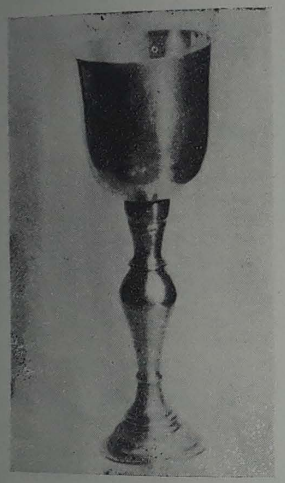
E volta a ficar calado, fumando o cigarrinho de palha, como se fôsse personagem de uma lenda.

(Ficou calado e furioso, porque havia lido no livro do famoso repórter John Gunther "O Drama da América Latina", editado em três línguas, que no Brasil ninguém sabe direito o nome dos seus avós.....)

O velho casarão colonial do Pompéu, hoje reduzido à metade, pois que ruiu há tempos, um lanço do tamanho equivalente aos que ainda existe, era, no tempo de D. Joaquina, o centro onde a gente fina do município fazia "rendez-vous". Era um enorme sobrado senhorial, com a bagatela de grandes e espaçosos 79 quartos. E tudo muito bem mobilado. A ordem e asseio reinavam na casa.

Tudo era fino e distinto: panos de Damasco, da Bretanha, holandas finas, cambraias, linhos, candelabros de bronze, finíssimas louças japonesas, baixela de prata, salvas de ouro enchem os quartos e os salões do Pompéu. Na capela, além de castiçais finamente lavrados, a riqueza e a distinção expressavam-se nas alfaias, paramentos e belos veludos carmezins que ornavam as paredes.

E, nos dias de festa, na capela ou na mesa de banquetes brilhavam os doirados das fardas dos capitães, sargentos-mores, alferes-cadetes, sobressaindo dentre tôdas, pelo seu fulgor, a do capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos, da guarda imperial do sr. D. Pedro I. Gente nobre que viesse de Ouro Prêto, Sabará ou S. João Del-Rei ia infalivelmente ao Pompéu, pois todos queriam



Cálice pertencente a Jacinto Guimarães, com o qual celebrava o Padre Serrão, Capelão de Dona Joaquina do Pompéu

conhecer e cair nas graças dessa mulher extraordinária, cujo prestígio cada vez mais se alarga, mais se dilata, saltando as fronteiras da Província e indo até à Côrte, para onde ela despacha, periòdicamente, suas grandes boiadas. D. Joaquina do Pompéu era uma mulher brava, uma mulher enérgica, forte e varonil. Muita gente, por isso mesmo a tem por uma mulher má. Confundem muitos a bravura com a maldade. Dona Joaquina não foi má. Tinha um grande coração. Fazia muitas esmolas. Detestava as crueldades. Prova-o a aventura a que se arriscou, dando fuga a uns prêsos que estavam sendo maltratados pela escolta que os conduzia.

OS CASTELOS BRANCOS

ASCENDÊNCIA DE DONA JOAQUINA

José Rabelo Castelo Branco e sua mulher Isabel Maria Guedes Pinto, ambos naturais de Viseu (Portugal), tiveram muitos filhos, dentre os quais o Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco, nascido em Viseu, em 1713. O Dr. Jorge formou-se em Cânones na Universidade de Coimbra. Ai, no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, recebeu das mãos de D. Frei Manuel de Jesus e Maria, Bispo de Nankim, a primeira tonsura e as ordens menores.

Interrompeu a carreira eclesiástica e veiu para Minas em 1747, fixando residência em Mariana.

Casou-se em 20 de fevereiro de 1748, em Santo Antônio do Bacalhau, capela filial da freguesia de Guarapiranga, com Jacinta Teresa da Silva, natural do Salvador, na ilha do Faial, bispado de Angra, filha legitima de Gaspar José da Silva, da vila de Sernancelhe, bispado de Lamego, e de D. Bernarda Maria da Conceição, da vila de Mertola, arcebispado de Évora.

Certidão do casamento do Dr. Jorge

"A vinte de fevereiro de mil setecentos e quarenta e oito annos na capella de Santo Antônio do Bacalhau filial desta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam da Guarapiranga, onde os contrahentes sam moradores, feitas as denunciaçoens na forma do sagrado concilio Tridentino, sem se descobrir impedimento algum, pelo meio dia, em prezença do Reverendo Bonifacio da Costa Mattos, de minha licença, se cazaram solemnemente por palavras de presente o Doutor George de Abreu Castello Branco, natural da cidade de Viseu e baptisado na Sé da mesma cidade, filho legitimo de Jozé Rebello Castello branco e de sua mulher Dona Isabel Maria Guedes Pinto, e Dona Jacinta Thereza da Silva, filha legitima de Gaspar Joseph da Silva e de sua mulher Dona Bernarda Maria da Conceiçam natural e baptizada na freguesia do Salvador da Ilha do Fayal, bispado de Angra, e logo lhe deo as bençoins conforme os ritos e ceremonias da Santa Madre Igreja: Assistiram por testemunhas André Martins Pires e Manoel Ferreira Veiga. De que fiz este assento que assinei com as ditas duas testemunhas.

João Barbosa Maciel — O Padre Bonifácio da Costa Mattos — André Martins Pires — Manoel Ferreira Veiga".

Déste casamento nasceram os seguintes filhos:

F-1 Eufrásia Leonor Guedes da Silva Sobral Abreu Castelo Branco. Casou-se na vila de Pitangui com o Dr. Manuel Ferreira da Silva, formado em

cânones, natural dali, onde advogava. Era filho de D. Josefa de Campos e de Antônio Ferreira da Silva.

(Vide Genealogia Paulistana de Silva Leme — volume IV).

Certidão de batismo de Eufrásia Leonor

"Aos quatro de janeiro de mil sette centos quarenta e nove na Santa Sé desta Cidade puz os Santos oleos e baptizei sub conditione a Eufrazia innocente, que tinha nascido em vinte e seis de Dezembro do anno passado, e por se deter no parto a baptisou seu pae na ponta da cabeça temendo sahisse morta, filha legitima do Doutor Jorge de Abreu Castello Branco, natural de Viseu, e de sua mulher Dona Jacinta Thereza da Silva, natural da Ilha do Fayal, onde nasceu por occasião de virem de Portugal seus pais: neta pela parte paterna de José Rabello Castello Branco e de sua mulher Dona Isabel Maria Guedes Pinto, ambos moradores e naturaes da cidade de Viseu; e pela materna de Gaspar José da Silva natural da Villa de Sarnancélhe, Bispado de Lamego, e de sua mulher Dona Bernarda Maria da Conceição, natural da Villa de Mertolla, Arcebispado de Evora; forão padrinhos o Doutor Francisco Angelo Leitão, Juiz de Fóra desta cidade e Dona Maria Clara Sobral, mulher do Capitão Domingos Fernandes de Oliveira, meus frequezes e vesinhos de que fiz este assento que assignei.

O Vigário Domingos José Coelho Sampayo.

F-2 Ana de Abreu Castelo Branco. Casou-se com o viúvo de sua irmã Eufrásia o Dr. Manoel Ferreira da Silva.

F-3 José de Abreu Castelo Branco, batizado a 29 de março de 1750.

F-4 Agostinho de Abreu Castelo Branco, batizado a 6 de setembro de 1751.

F-5 D. JOAQUINA BERNARDA SILVA DE ABREU CASTELO BRANCO, nasceu a 20 de agosto de 1752. Casou-se em Pitangui com o Capitão Inácio de Oliveira Campos, descobridor dos sertões de entre os Rios das Velhas, Paranaíba e Dourados, destruidor de quilombos de negros em Paracatú. (Vide Genealogia Paulistana de Silva Leme, vol. IV).

Certidão de batismo de D. Joaquina

"Minha filha Joaquina nasceo em hũ domingo pela meia noite que se contarão vinte de agosto de mil setecentos e cincoenta e dous; foi baptizada em esta sé de Mariana em hum domingo que se contarão tres de setembro do dito anno. Realizou-o o Rvdo. Conego Francisco Xavier da Silva: forão padrinhos o Dr. Caetano da Costa Matoso — Os avós constão do assento de sua irman Eufrasia".

(De um livro de família do próprio punho do Dr. Jorge transcrito no livro dos batizados da Sé de Mariana).

F-6 Francisco Jorge de Abreu Castelo Branco, batizado a 28 de Dezembro de 1753.

F-7 Floriana de Abreu Castelo Branco, batizada a 11 de abril de 1755.

F-8 Domiciano José de Abreu Castelo Branco, batizado a 2 de janeiro de 1757.

F-9 Germano de Abreu Castelo Branco, batizado a 30 de novembro de 1760.

A MÃE DE DONA JOAQUINA

D. Jacinta Teresa da Silva, mulher do Dr. Jorge, faleceu em Mariana a 28 de março de 1762 e está sepultada na igreja da Ordem Terceira de São Francisco.

Certidão de óbito de D. Jacinta

"Aos vinte e oito de Março de mil setecentos e sessenta e dous, com o Sacramento da Extr. Uncção, falleceu D. Jacinta Theresa da Silva mer. do Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco, foi encomda. e depositada na Cathedral onde se fez o officio de corpo presente e dahi foi acompanhada a sepultura na Capella de São Francisco desta cidade de que hera irmã".

Ficando viúvo, resolveu o Dr. Jorge continuar a carreira eclesiástica e ordenou-se presbítero a 24 de setembro de 1762, menos de seis meses depois de falecida sua mulher.

Continuou a advogar no fôro eclesiástico de Mariana. Ali adquiriu poderosos adversários, que o inquietaram bastante perante a justiça eclesiástica, porém, obteve sempre cartas de seguro.

Respirando mal os ares de Mariana, retirou-se o Dr. Jorge para Pitangui, onde, tranqüilo e em paz, se entregaria aos misteres de sua profissão e do ministério sacerdotal.

Parece que em 1772 exerceu em Pitangui o cargo de vigário encomendado, como se vê do seguinte, inserto na Genealogia da "Zona do Carmo", do Cônego Trindade.

"Illmo. e Revmo. Sr. D. Governador.

O Supplicante não ha duvida que por lhe ter cometido o meu antecessor o Vigario Encomendado Jorge de Abreu Castelo Branco o trabalho de Fabriqueiro, que eu tão bem preocupado o deixei continuar... O Vigário Domingos Soares".

Uma petição do Dr. Jorge nos autos de sua habilitação

"Exmo. e Rmo. Sr. — Diz Jorge de Abreu Castello Brco. clerigo in sacerdibus qe. V. Excia. lhe fez a graça de o admittir ás mais ordens qe. lhe falleio ti Presbitero dispensando-o nos intersticios e extra tempora, e como o Supe. foi casado e tem advogado nos auditorios seculares e, sendo procurador em causas crimes, dando conselho nas mesmas, sendo ascessor e pro. or, pedera ter por esse motivo incorrido em algua irregularidade, suposto a ignora,

comtudo pa. mayor segurança e cautela q.r o Sup. e q. e V. Excia. lha conceda a graça de o dispensar em toda e qualqr. irregularidade. em q. e o Sup. e se ache incurso.

P. a V. Excia. Seja servido dispensa-lo na forma dita; e rogará a Ds. por vida e saude espiritual e temporal de V. Excia. Rma.

E.R.M.

(Despacho) Dispensamos ad cautellam.
Marianna e de Agosto 31 de 1762.
(Sinal do Bispo)

O MORGADO

Eis um trabalho de fino lavor literário, que certamente irá surpreender os leitores, pelo seu teor expressivo, evidenciando o alto grau de inteligência e cultura de seu autor e a magnitude de uma alma de eleição, voltada para os problemas sociológicos, dentre os quais figuram em primeira plana, por sem dúvida, os de ordem moral e religiosa. Êles se equacionam no precioso legado em homílias fecundas de ensinamentos, que descortinam as perspectivas da felicidade humana, iluminadas pelos sábios conselhos filosóficos que enfeixam. Este documento tem, ao demais, a elevada significação de revelar a aristocracia espiritual da raça de Dona Joaquina, a qual se estende do pai ao marido e ancestrais de ambos, transmitindo-se aos descendentes, a que dão justificado renome no seio da familia brasileira.

É atribuido ao Pe. Doutor Jorge de Abreu Castelo Branco, pai de D. Joaquina.

"Instrução, q. deixo a meus filhos com a recomendação, de q. se governarem pr. ella, tomando cada hum em particular pa. si as advertencias, q. lhes faço.

Já q. não está da m. parte, amado Filho, o fazer-te feliz, pr. q.o moderado patrimonio, q. possuo te não habelita pa. ficares rico, nem me dá meios pa. te por no camo. de gozares mais honras, q. a com q. nasceste, quero ao menos concorrer pa. a sua mais solida felicidade, instituindo hum Morgado, q. possas segurmte. gozar sem vocação de primogenitura pr. q. se estende igualmte. a todos, e ainda no q. for aplicavel tambem as femeas, pr. q. não he dos q. estão sugeitos à Lei Salica, ou Mental: tanto mais estimado qto. menos dependente da fortuna: de tal rendimto. q. qto. mais uso fiseres dos bens, q. nelle te deixo, menos falta te hão de fazer: E pr. q. não tardes em os gozar recebe já as propriedades q. o constituem nos segtes. documtos.

DOCUMTO. 1.º

Ama sempre a Ds. sobre todas as cousas; e pa. q. este amor seja verdado he necessario, q. conheças as razões, q. te obrigão a ama-lo. He Ds. eterno e uma razão natural nos dicta q. não teve principio nem hade ter fim. Não podia ter principio, pr. q. não havia outra entidade. q. lho desse, nem hade ter fim, pr. q. não pode acabar quem não principiou. Este mmo. Ser Eterno creou, e sustenta com suma ordem, e perfeição o Universo. Tudo lhe obedece, excepto o homem q. sendo o q. mais lhe deve, he o mais ingrato. O primo. q. creou, transgrediu hum unico preceito, q. Ds. lhe impoz, e desta transgressão deixou no peccado original manchada toda a sua descendencia. De livres e capazes da gloria passamos a escrevos da culpa, e sugeitos a eterna pena.

Oh q. desgraça! Mas o mmo. Sor. q. sendo hum só Ds. são tres Pessôas, mdou. a Segda. q. he o Unigenito e Eterno Filho tomar sobre si o pezo dos nossos peccados. Elle tomou carne humana pa. poder morrer pr. nós, e com a morte temporal, e afrontosa q. veio a soffrer, nos abriu a porta da vida eterna.

Deixou-nos a Lei da Graça, e nos Sacramentos. o remedio pa. as nossas reincidencias. Espera-nos a emenda dellas dando-nos auxilios pa. levantar-nos de tantas quedas. Em fim são tantos, e taes os favores, q. da Eterna Benediciencia recebemos, q. não hé possivel numera-los, e todos naturalmente, nos inspirão o Amor Divino.

DOCUMTO. 2.º

Crê frmente, tudo o q. crê, e ensina, e manda crer a Sta. Igreja Catholica Romana. Nunca te desvies desta fé: ella he presentemente, a unica, verdadra., e confirmada com o Sangue do Cordro. Imaculado, pregada pelos Apostolos, e continuada pelos Stos. Pes., rubricada com o sangue de innumeraveis Martires. Ella tendo sido perseguida na sua premetiva ereção pelos Principes da terra, entre as mais crueis perseguiçoens cresceu, e resplandeceu como vinda do Ceo. Esta fé difundida em huma só Igreja constituiu hum corpo mistico, perfeito, cuja Cabeça he o Romano Pontifice, Sucessor de S. Pedro, q. foi a Pedra fundamental, sobre q. Christo Sor. nosso edificou a mma. Igreja. E ainda q. muitos membros desta se apartarão della, levantando varios Scismas, e herezias a sua mma. variede, dá a conhecer o seu êrro, e q. ficão sendo membros cortados e corruptos, pr. q. todos os membros do corpo perfeito livres de corrupção são subordinados a direcção da Cabeça. A nossa Lei he a mais perfeita, digo, a mais conforme com a razão, e ainda q. nella não comprehendas os misterios, sabe q. he pr. serem superiores á razão, e não contrarios a ella. Em fim se o Demonio te sugerir pr. si, ou pr. algum dos seus sequazes algum êrro na fé, recorre a Ds. pa. q. te tire êsse máo pensamto., e crê segamte. pois não podes prezumir, q. sabes mais, q. tantos Doutos, q. a professarão e professão, e estão promptos pa. dar por ella a vida, como tu deves estar.

DOCUMTO. 3.º

Practica sempre todas as mais virtudes. Espera em Ds., q. hade dar-te a salvação, fazendo tu da tua pte. com o seu Divino auxilio, deligencia, pr. seres digno della: pa. o q. has de practicar a maior de todas as virtudes, q. he a caride. Desta procede o Amor de Ds., q. já te tenho recomendado, e o do proximo, q. deves sempre igualar a ti mmo. Não passes dia algum sem exercitar mtos. actos de caride., dando as esmolas, q. puderes, soccorrendo ainda q. seja com o trabalho pessoal o afflicto, consolando o triste, dirigindo o descaminhado, fortificando o Virtuôso, e compadecendo-te de todos os q. têm necessides, esperituaes e temporaes, de sorte que qdo. sahir da tua prezença, o desgraçado, ou o afflicto, se te não for possivel manda-lo soccorrido, não deixe de ir consolado.

DOCUMTO. 4.º

Observa huma perfeita humilde.: a ninguem desprezes nem tenhas em pouco; pois pode ser q. aquelle, q. nos olhos dos homens he o mais indigno de attenção, na prezça. de Ds. seja o mais grato. A humilde. tem le-

vado ao Ceo mtos. stos., a soberba sua contraria, sepultou no inferno innu-
meraveis Anjos, e os converteu em Demonios. Isto não he dizer-te, q. faças
sociede. com o vulgo, antes dezo. apar-te delle, pello mto. q. costuma unir-
se com os vicios, mas q. o não desprezes, q. o trates com agrado e q. lhe
faças todo o bem, q. puderes. E se entre ésses homens do vulgo achares
algum com grdes. merecimtos. pessoaes de prendas, e virtudes, não te pro-
hibo, antes te aconselho a sua familiaride., pode concorrer pa. a tua edu-
cação.

DOCUMTO. 5.º

Segue igualmte. todas as mais virtudes catholicas, e morais. A verde.
te acompanhe sempre tão recomendada he esta virtude no Evangelho q. ainda
q. não houvera mtos. outros, e grdes. motivos, q. nola inspirão devia ser
sempre bem recebida. Offende gravemte, a Ds., e faz-se indigno da commu-
nicação dos homens pm. practica a mentira. Ella he de sua natureza pec-
caminosa, e vil: Ao mmo. tempo, q. nem pr. graça deves, nem podes sem
discredito mentir, tambem não has de dizer todas as verdades: Has de callar
aquelas q. são injuriosas ao proximo, e as q. se encaminhão a revelar algum
segredo, como tambem as q. sem mor. fim, podem desgostar gravemte. a
qm. as ouve. E se algum com artificio, ou violencia pertender extorquir-te
essas verdes., q. deves recatar, uza prudentemte. de algum rodeio gracioso,
com q. possas escapar a malicia de qm. te provoca, ainda q. te seja preciso
adquirir o conceito de menos intelegente. E no q. respta. ao segredo, q.
deves guardar inviolavelmente, deves estar prevacido com o conhecimento
de q. a contradição he a q. facilmte, o arruina, e assim ainda q. te contra-
digão não deves descobri-lo pa. confirmares a tua opinião.

DOCUMTO. 6.º

Cuida em ter sempre flexibilidade de animo condescendendo com
todos no q. não for offensivo a Lei, e a razão. Os homens de animo tenaz
e pegados com excesso a sua opinião são geralmente, aborrecidos, como ama-
dos os que sabem ceder, mostrando, q. não he pr. ignorancia, mas sim, por
docilide.

Nesta advertencia não pertendo inspirar-te frouxidão, antes quero q.
tenhas um animo constante, q. se conserve fixo em ql. qr. extremo, sem se
ensoberbecer com as fortunas, nem se deixar decahir com as adversides., fi-
cando livre pa. se não poder surpreder d'aquellas nem abater com estas.
Quem admitte ecessos de alegria chega-se pa. a loucura, e qm. cahe em pro-
funda tristeza inhabilita-se pa. os recursos, q. podem moderar ou desfazer a
cauza de sua pena. Segue pois constantemente. o meio entre estes dous ex-
tremos, considerando nos ditos, q. os deste mundo não são permantes, e mu-
desgraças, q. são de ordino. mandadas pr. Ds., como as de Sto. Job, pa.
purificar o animo de qm. as soffre.

DOCUMTO. 7.º

Deves ser fiel ao teo amigo, sem q. o mêdo, ou a conveniencia o
faça mudar de opinião e mto. menos faltar á tua palavra. Só huma cou-
desculpa esta falta, q. he qdo. a promessa for feita inconsideradamte. cont
a Lei de Ds., ou dos Reis; q. de outra sorte a promessa em todo o homem

de bem se hade respeitar como se fôsse sagrada, e hade ter força de juramte.
Da mma. sorte as leis da amizade hão de ser inaiteraveis, de tal forma, q.
has de fazer pelo teu amo. tudo aquilo, q. quizeres, elle fizesee pr. ti: e se
possivel te for has de cuidar em q. elle não saiba o beneficio q. lhe fizeste,
pois não deves esperar, nem querer agradecimento, e mto. menos recompensa
pr. q. o q. pertender ser remunerado serve a ambição e não ao affecto.

DOCUMTO. 8.º

Nunca te deixes possuir da ira, nem te domines o espirito de vin-
gança, aproveitando toda a occazm., q. tiveres de fazer bem aos teus mmos.
inimigos. Castiga-os com os beneficios, q. elles se confundirão no seu êrro
ou se voltarão teus amos., ou se esconderão de envergonhados ou evitarão a
occazm. de cauzar-te desgostos. Em fim, em poucas palavras te admoesto,
q. fujas de todos os mais vicios, não dando entrada a algum, nem levemte.,
pois nenhum costuma assaltar pela prima. vez ao homem com toda a força:
introduzem-se desconhecidos ou desfarçados, e, em ganhando forças assaltão
a qm. lhes deo entrada de tal sorte, q. he impossivel, ou qdo. menos dificul-
toso rezistir-lhe. No principio he que hade haver o principal cuidado para
não deixar chegar mto. estes inimigos capitais do genero humano, opondo-
lhes d'ante mão o exercicio das virtudes, q. lhes são contrarias. Nesta guerra
das paixoens viciozas, se queres sahir victoriôso, has de andar acautelado
antes de te ver combatido, e adverte q. qm. se deixa vencer destes tiranos,
depois de chegar ao cativeiro arrasta de ordino. os mais pezados grilhoens
pr. toda a vida, q. facilmente. o conduzem as penas eternas.

DOCUMTO. 9.º

Aplica-te solicito a administração dos bens q. tiveres, de sorte q.
sem q. chegues ao defeito de ambicioso, ou de miseravel, adquiriras as qua-
lides. de bem governado. Faze deligencias pr. passar com o teu, e viver in-
dependente pois he penoso ser cortez por dependencia, qdo. o devemos ser
pr. generosidade. Observa a limpeza, mas não ames o luxo, e se não pode-
res tratar-te com decencia vive antes pobremte., mas com acçoens honradas,
do q. faltar a estas pa. sustentar o trato, q. com o teu rendimto. não podes
conservar, uzando de enganos ou precipitando-te em invenciveis empenhos.

DOCUMTO. 10.º

Ellege boas companhias: as menos perigosas são as dos teus iguais,
mas ainda nestes procura sempre os q. forem mais virtuosos, doutos e pru-
dentes, e os q. não tiverem estas qualides. não os desprezes, nem os pro-
cures; nem lhes faltes a politica, nem os admittas a confiança. Aos q. fo-
rem superiores a ti não os busques com impertinencia, pertendendo enxe-
rir-te a fôrça na sua familiaride., nem se te chamarem, fujas delles com re-
pudio, q. isso será grosseria: aceita o lugar que te fizerem, no ql. te deves
portar sempre comedido. Aos que forem inferiores a ti, trata com muito ca-
rinho, fazendo-lhes todo o bem que puderes ainda q. seja com dispeza tua;
mas acautela-te da sua sociede., q. além de arriscar a estimação, poem em
perigo os bons costumes; esta regra tem a excepção, q. já assima te disse;

pois bem podes acompnar. com sugeitos mto. inferiores, se tiverem prendas e virtudes q. sobresaião, e q. dem a conhecer, q. se lhe falta a nobreza do nascimto. lhe sobeja a dos bons talentos: pois esta qualide. de homes não se honrão das suas familias, mas são capazes de dar honra a toda a sua posterde.

DOCUMTO. 11.º

Ama as letras, e os seus Professores. Se tiveres meios pa. freqüentar as aulas aplica-te a aquella faculde., ou faculdes., a q. te inclinar o genio, mas respeita a todas. He justo, q. te inclines a Filosofia, mãe da agudeza e chave q. abre o entendimento pa. a entrada de todas as ciencias. Olha para a Theologia Dogmatica e Especulativa como pa. couza sagrada, e pa. a Moral como directora da consciencia. Venera a Jurisprudencia pr. dever ser a companheira inseparavel da Justiça e chora com lástima o máo uzo que della se faz no fôro contencióso. Vê de longe a Medicina, pois sendo inventada pa. reparar a saude, quaze sempre a arruina. Passa curiosamte., e com ligeireza pla. Mathematica, mas não te demores nella. Todas as mais artes he justo, q., registes, aplicando-te mais a aquelas, q. te podem servir pa. algum fim. A poezia he resplandecente, e se he conceituósa, e natural dá a conhecer engenho sublime, mas ainda q. tenhas genio, e propensão pa. ella, não te aconselho, q. a frequentes, pr. q. se suceder sahirem as tuas obras insipidas, sendo poucas enfadarão menos, e se forem boas far-se-ão mais desejadas, e crearão maior estimação. Has de observar, q. athé os manjares mais delicados, se são continuados enfastião. A historia sagrada, e a profana sem cansarem o discurso recreão a memoria, e deixão nélla exemplares rato. uteis. Se te não for possivel frequentar as escolas, ao menos lê pelos livros, pede aos Intelligentes, q. te escolhão os melhores, e q. te possão ser perceptiveis; Communica os Doutos, pede-lhes, não com impertenencia, mas com moderação, q. partão com tigo do q. sabem, q. se êlles o forem, não hão de ser avarentos de huma fazda. q. se lhe augmenta na mma. liberalde: confessa-lhe a tua ignorancia, e nunca prezumas de sabio, pr. q. essa vaide. fecha as portas á instrução. Assenta comtigo, q. se chegares a saber alguma couza, então has de conhecer, q. he mto. mais o q. ignoras.

DOCUMTO. 12.º

Nas praticas procura ser serio, honesto e grave, explica-te ainda em materias conceituosas pr. termos perceptiveis: não busques rodeios; pois em lugar de fazerem floretes os periodos, os tornão enfadonhos. Sejão as vozes naturais, mas não antiquadas, e menos exquizitas, os conceitos terminantes as imagens com propriede., e se te for possivel sublimes. Não te prohibo, se Ds. te der alguma graça, q. uzes della — mas seja a seu tempo, e qdo. o pedir a occuzião; não he justo q. hum homem de bem faça continuamte. ostentação de gracioso.

DOCUMTO. 13.º

Veste com asseio, observa em caza o mmo. com proporção á tua possibilde. porem qdo. fugires da nota de grosseiro, não caias na de esquesito, ou na de afetado. Não procures, ainda q. póssas, alimentar-te de manjares delicados: as comidas qto. mais simplices são mais sans, e o costume

as faz saborozas. Serve-te do axioma de hum dos bons Réis da Monarchia Portugueza que costumava dizer: Todo o vestido cobre, toda a vianda sustenta.

Podes nas horas livres procurar os divertimentos, licitos, como são a muzica, o passeio, a cassa, o jôgo com tanto q. nenhuma destas couzas exceda a medida, q. permite a Virtude da Eutrapelia: e o jôgo ha de ser só de recreação e não os de parar. Tanto que nestes exercicios se transcendem os limites da moderação ficão sendo viciosos. Em todas as acçoens será bom, q. tenhas desembaraço, mas não tanto, q. passe a desenvultura.

DOCUMTO. 14.º

A arte da guerra fôra util q. ninguem a soubera; ella se inventou, mais q. pa. segurança dos Estados, pa. ruina dos Paizes, das Cides., das Aldeias, das embarcaçoens, do comercio, e o q. he mais lastmavel, dos mmos. homens; mas o desconcerto do Mundo, a tem feito necessaria. A defensa da Patria, e o servo. do Soberano a fazem indispensavelmente. pereiza, e assim não te recommendo, q. deixes de aprende-la, e pores-te habil pa. em cazo de ser assim necessario, servires ao teu Rei, e a tua Patria, ainda q. seja expondo gloriosamte. a vida, pr. q. assim o mandão as obrigaçoens da honra, e as de bom patrióta; porem se te achares com talento de viver a servi. ao Rei, e a Patria na paz, habilita-te em pro. lugar pa. os empregos della He a páz hum dom recommendado pla. Igreja no Sto. Sacrificio da Missa, e pelo ql. orão a Ds. todos os justos, e mta. pte. dos peccadores; he hum dom sobrenetural da Divina Clemencia; e a guerra, além de ter a sua origem do peccado, he flagelo, com q. Ds. castiga os q. commetemos. Logo não só deve preferir-se a paz á guerra, mas aborrecer-se esta, e amar-se aquella.

DOCUMTO. 15.º

Em qi. qr. estado, q. tenhas, em ql. qr. lugar q. occupes, e em toda a parte aonde te achares, te peço, q. andes sempre revestido de prudencia. Hé esta virtude essencialmente. necessaria a todos. pr. q. depois q. o mundo perdeo a sua primitiva innocencia, se armão infinitos laços contra o socego das gentes, dos q. só se pode livrar o homem prudente. Não sejas desimulado, pr. q. a desimulação he predespozição pa. o engano, mas has de saber desimular tudo aquillo, q. te pode provocar a paixão, e descontentar-te o animo, fazendo mto. pr. te conservar com sinceridade, ainda nas maiores pertubaçoens. Da mma. sorte não falles, nem obres couza alguma sem reflexão, q. qm. tiver este cuidado dificultosamente. fallará, ou obrará com desacerto. Não he precizo pa. executar esta recomendação andar estudando palavras, mas olhar de longe pa. os conceitos, q. elias exprimem, ou qe podem reprezentar, fugindo cuidadozamte. de equivocos picantes, e de galantarias offensivas. Tudo o qe. aqui te advirto se encaminha a viver bem com os homens. E qto. mais necessario he viver bem com Ds.! Neste ponto se deve empregar maximo cuidado. Se não poderem obrar em ti as rasoens, qe. nos inspirão o amor Divino, ao menos te contenha o temôr do Omnipotente, em qe. está sempre com os mais attributos, igual a da Justiça, pa. fugires dos peccados leves, qe. he o meio seguro pa. não chegar a commetter

os grdes. Este seja o teu principal cuidado digo principal empenho, viver huma vida pura, innoscente, e virtuosa, qe. se conseguires esta felicide., depois de na terra seres ditoso, me persuado, q. o serás eternamte., gozando a vizão Beatifica, qe. he o principal fructo, qe. pertendo tires deste Morgado, o qe. he dos de maior rendimto., se for bem administrado, pr. qe. sendo temporal, o seu producto he eterno.

D. JOAQUINA DO POMPÉU. DO "BANDEIRANTE"

Como tipo representativo de bondade, inteligência, heroísmo e patriotismo da mulher brasileira, destaca-se o vulto admirável da D. Joaquina Bernarda de Abreu e Silva Castelo Branco, conhecida por todos como D. Joaquina do Pompéu.

Faleceu em Pompéu em 1824, onde era possuidora de imensa fortuna — milhares de escravos e vastas terras. Na galeria de nossas mulheres célebres, a memória preciosa dessa matrona dos tempos idos sobressairá dominadora em gloriosa moldura. Às suas qualidades assumem feições grandiosas!

Respeitando profundamente as autoridades, em 19 de março de 1790, requereu licença para andar armada, alegando que, sendo-lhe preciso tratar de negócios por êsses sertões infestados de assassinos, e percorrendo sòzinha como um *cheique* árabe suas terras intermináveis, era obrigada a andar armada para sua defesa. Em Vila Rica, o seu requerimento foi despachado favoràvelmente. Foi, porem, nos primeiros meses que se seguiram à proclamação da Independência, que deu D. Joaquina os mais extraordinários exemplos de patriotismo.

Em agôsto de 1823 estava ainda anarquizada a Bahia. Ela enviou 100 bois como auxílio às tropas que sustentavam a causa da independência nacional. A possibilidade de uma guerra entre Portugal e o Brasil, quando repercutio o grito do Ipiranga, impressionou de tal maneira o espírito de D. Joaquina, que ela ofereceu ao Govêrno Imperial todos os seus bens para auxiliar a resistência.

Que abnegação quase incrível! Que ato admirável de patriotismo!

A fazenda de D. Joaquina, ainda que muito velha, é linda! não devíamos dizer "sobrado de D. Joaquina"; o nome que se casa admiràvelmente ao seu aspecto é Castelo do Pompéu.

Está em completa decadência.

As gameleiras amigas de tôdas as ruínas irrompem dos escombros, quietas e mudas, sem uma palpitação de fôlha.

As janelas colossais quase fechadas, põem na paisagem uma nota de abandono.

Tive a ocasião de percorrer quase todos os cômodos; não todos, porque alguns estavam com a entrada impedida por escombros de paredes que desmoronavam. Salas enormes que não se podem descrever, senzalas e numerosíssimos quartos. Das janelas o panorama é lindo! Canaviais, musgos, cipós, e, pelo declive dos pastos, árvores isoladas abrigam grupos de gado sonolento!

Por de trás de uma ondulação do terreno ergue-se o cemitério. Do muro que o cercava, resta sòmente um paredão todo gretado e negro com um pouco de musgo em cada fenda.

Árvores seculares, cruzes, ou antes pedaços de cruzes, sôbre montes de pedra escondidas pelas urtigas, a capela em ruina, era tudo que restava daquele sitio.

DONA JOAQUINA E O MARQUÊS DE INHAMBUPE

(De O Município de Pitangui)

Foi o ano de 1804. O ano de 1804 marcou talvez a mais dolorosa quadra de tôda a vida da Vila de Nossa Senhora da Piedade de Pitangui.

Foi o ano da peste e da fome. A peste das bexigas, com indomável violência, rompeu em setembro e se prolongou até Junto de 1805. O terror se espalhava ao mesmo tempo que a epidemia se propagava com assombrosa impetuosidade. A doença apanhara o povo de surprêsa. Não havia remédio para debelá-la. E, enquanto que a maior parte dos doentes era ceifada impiedosamente pela morte, os poucos que escapavam eram indelèvelmente marcados pelas cicatrizes que sucediam às pústulas da varíola. E a população da Vila desaparecia totalmente se não fôsse aquêle gesto comovente do Capitão Martinho Alvares da Silva, que correu ao Rio de Janeiro e de lá trouxe a primeira vacina, cousa até então ignorada nessa terra, vacina que aplicou "a tôdas as famílias e "Grandes Fábricas de escravatura" na linguagem pitoresca dos senhores do Senado da Câmara, marcando o decrescimento da epidemia, que pouco tempo depois estava completamente extinta.

Mas, por êsse tempo, em Pitangui além da peste, havia a fome. Aliás essas duas terríveis irmãs andam quase sempre de braços dados.

As provisões de genero de 1.ª necessidade estavam prestes a esgotar-se. E não havia para quem apelar. Em tão dura emergencia, só duas pessoas podiam valer ao povo: D. Joaquina do Pompéu o Capitão Domingos Gonçalves Pereira, do São Joanico.

Só êles tinham as suas grandes tropas, as bestas luzidas, bem aparelhadas de cangalhas e broacas, com os seus arreieiros valentes e tôda a gente necessária para as longas caminhadas, na baldeação dos gêneros de primeira necessidade.

Mas, o administrador das rendas de aferição do Conselho tivera a triste idéia de, pouco tempo antes, suspender a baldeação das tropas de Dona Joaquina e do Capitão Domingos Gonçalves, porque entendia que êles estavam sujeitos ao tributo das aferições, da mesma forma que as casas de comissão. E suspensa a baldeação pelo administrador, D. Joaquina e Domingos Gonçalves não quiseram reiniciá-la de novo. Não pagavam o impôsto exigido. Tal exigência era capricho do administrador.

E conseqentemente, não fariam mais as suas tropas o habitual transporte de víveres para a Vila. Decidiram solucionar a questão pelos canais da justiça. Estavam as coisas nesse pé, quando irrompe a epidemia. Se os gêneros já começavam a escassear, à míngua de transporte pior era a situação em face da peste. O administrador das rendas das aferições arrepende-se da sua intolerância, cujos prejudiciais efeitos começavam a se esboçar. A Câmara pede a D. Joaquina que continui a baldeação. Dona Joaquina, porem, sente-se ofendida com a injustiça da imposição que se lhe queria fazer, E fica quieta e mantém a paralisia da baldeação. A Câmara volta-se para

A situação da Vila é angustiosa. Reina consternação entre o povo. Urgem as providências do Senado da Câmara. E a melhor providência que o Senado da Câmara encontrava era o apêlo do Corregedor. Participa o caso a Antônio Luiz Pereira da Cunha, Desembargador, Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca do Sabará do Rio das Velhas, o mesmo que depois foi nomeado para a Relação da Bahia. Foi Senador do Império, Ministro, Presidente do Senado e Marquês de Inhambupe. Pereira da Cunha era uma grande energia e um grande coração. Foram os traços que êle deixou nas suas correições por todos os pontos da comarca, onde acudia, no cumprimento de seus deveres funcionais, com notável pontualidade. A sua promoção para o tribunal da Bahia foi deveras sentida pelo povo de tôda a Comarca, que implorou ao Príncipe Regente a sua permanência no pôsto de corregedor. Apesar disto, era êle de uma dura energia. Com D. Joaquina do Pompéu, porém, era preciso ser cavalheiro. Com D. Joaquina o ilustríssimo senhor Corregedor não podia ir logo às últimas. Era mister tentar, primeiro, os meios suasórios. D. Joaquina desfrutava de um formidável prestigio diante de todos e de tôdas as autoridades. Era a mulher que fascinava, pela sua coragem. Era a mulher que fascinava pelo seu valor. Era a mulher que dominava pela sua coragem. Era a mulher que mandava e a quem todos obedeciam. O seu prestígio, com as suas fazendas, saltava as fronteiras de Pitangui e se irradiava por diversos pontos da Capitania.

Curvavam-se ao seu poder os poderosos da terra, e muita gente nobre que desfrutava altas posições, se valia do patrocínio de D. Joaquina para obter favores com as autoridades do tempo.

Quem quisesse bom pistolão, que se agarrasse à D. Joaquina Bernarda, do Pompéu.

Pereira da Cunha recebeu a carta da Câmara, percebeu a gravidade da situação da Vila, que êle tanto estimava. E recorreu, por sua vez, a D. Joaquina do Pompéu!

Mandou-lhe uma carta amiga, uma carta conselheira!, diferente das que as autoridades costumavam dirigir em tais emergências.

"A suspensão da tropa era um capricho do administrador. Senhora Dona Joaquina, e eu não me persuado de que semelhante capricho possa decidir Vossa Mercê a tomar uma semelhante vingança, contra as leis divinas e os próprios sentimentos de humanidade e beneficência, que acompanham a uma Senhora da sua qualidade e merecimento. Estou, por isso em que Vossa Mercê, assim para acudir à humanidade oprimida pela fome e remir o vexame do povo, como por me fazer, dará as necessárias providências para que continui a baldeação, deixando-me muito obrigado, pois receberei como próprio êste favor. Espero que êste meu pedido tenha todo o rigor e aceitação e que Vossa Mercê, dando esta prova de generosidade, aceite os votos do meu agradecimento e pronta vontade para tudo quanto fôr de seu serviço. E Deus guarde a Vossa Mercê por muitos anos" — lá dizia o futuro Inhambupe. Pereira da Cunha era habilidoso. Escreveu a carta, certo de que ela daria resultado. Diante dela, uma mulher valorosa e inteligente como Dona Joaquina do Pompéu não adotaria outra solução, senão ceder. Já devia cortar-lhe o coração o penoso estado dos habitantes da Vila, que, afinal, estavam sofrendo injustamente as conseqüências da birra do Administrador.

E D. Joaquina cedeu.

Pouco tempo depois de recebida a carta, as tropas luzidas de D. Joaquina muito bem aparelhadas de arreatas, ao tilintar dos guizos e ao cantarolar valente dos comboeiros, varavam as estradas, atulhadas de gêneros para matar a torturante fome da Vila de Nossa Senhora da Piedade de Pitangui.

D. Joaquina de Pompéu.

Pelo Dr. Onofre Mendes Júnior

"Folha de Minas"

Conta-se que quando Pedro I, em Minas, foi apresentado a João Batista de Sousa Ferreira Coutinho, não conteve a exclamação que pôs estremamente desapontado o famoso milionário: "Maior é o nome de que a pessoa". Sousa Coutinho ficou imensamente magoado com a ironia de D. Pedro. E êste, para consolá-lo, amenizou-o com o título de Barão de Catas Altas. Foi o célebre Barão de Catas Altas, o argentário das minas de Gôrgo Sôco, que morreu pobre, depois de haver gasto largamente uma fortuna descomunal.

D. Joaquina do Pompéu tinha também um nome imenso: Joaquina Bernarda Silva de Abreu Castelo Branco Soto Maior! Simplesmente. E, como Catas Altas, uma fortuna imensa. Dela, porém, não se podia dizer o mesmo que D. Pedro disse de Souza Coutinho, porque, se o nome era grande, de fato, a pessoa era, incontestàvelmente, maior.

O que enaltece D. Joaquina como figura de destaque, na história de Minas, não é a extensão do seu nome nem o pêso do seu ouro. Ela podia ter um nome enorme e uma fortuna muito maior. Isto, entretanto, não impediria que o seu nome desaparecesse com a sua morte. Contudo o seu nome aí ficou. A sua memória permanece, e há de passar de geração a geração, como uma das figuras mais extraordinárias da história desta terra, considerando o seu caráter impoluto aliado aos mais belos dotes de coração. O que muito contribuiu para imortalizar D. Joaquina foi, certamente, aquela têmpera de aço, aquêle espírito viril e inflexível, aquela riqueza de mentalidade, que fizeram dela uma mulher única no seu tempo. Dela se pode dizer que viveu um século antes da época em que deveria viver. D. Joaquina era mulher para hoje. Mulher para o século XX. Meteria num chinelo uma legião de feministas. Fez, sòzinha, uma campanha muito mais eficiente em favor do feminismo, que mil discursos de sufragistas. E isso, vivendo numa época de têrno lirismo, numa era puramente romântica, ai pelas vésperas de 1830, naquele tempo em que a mulher era um "bibelot", trancado dentro de casa, inspirando madrigais apaixonados.

O seu marido era o capitão das milícias pitanguenses, Inácio de Oliveira Campos. Um homem muito pobre, muito honesto e muito doente. Em 1795, uma congestão atira-o ao fundo de uma cama, paralítico. O capitão Inácio e sua mulher possuiam muitos bens e atribuições, que exigiam uma pessoa ativa e de expediente. Seus latifúndios estendiam-se da seguinte maneira: Fazenda da Ribeira do Paracatú com seus quatro retiros de gado; a Serra ou o Cotovelo; a Barra do Rio Prêto; a Novilha Brava e o Gado Bravo. Uma imensidade de chãos! Uma propriedade imensa com divisas largas de rios e espigões, estendendo-se pelos sertões de Paracatú. Suas fazendas possuiam 6.000 cabeças de gado, 300 éguas, muitos cavalos e bestas, uma legião de escravos. Mas, não parava aí: no têrmo de Pitangui, o casal tinha a fazenda do Pompéu, comprada em 1792, a Manuel Gomes da Cruz, das Catas Altas, pela bagatela de 2.800 cruzados, indo de quebra muitos bois, muitas bestas de sela e tropa e alguns escravos. A fazenda do Pompéu era por sua vez, um mundo interminável: quatro enormes retiros de gado; o Pompéu, o Mato Grosso, Passagem e Santa Rosa. Era todo o distrito de Papagaio e Maravilhas. Para se fazer a idéia do que era a fazenda de D. Joaquina, basta dizer que o atual distrito de Pompéu, que representava uma parte de sua propriedade, contava perto de 20 léguas de extensão.

Pois, D. Joaquina, com a doença do marido, assume a direção de todos êsses bens.

TANGARÁ

PAULO DE MEDINA COELI

Quando se fala na história de Pitangui, um nome avulta logo, cercado de uma auréola de lenda: Dona Joaquina do Pompéu. Todos os outros vultos, e não poucos, de valor, da terra dos Taipas, são colocados em segundo plano, cedendo a primazia à rica senhora, dona de formidável extensão de terras, que se alargava em vastas campinas, pontilhadas, aqui e alí, de espessas matas, desde o Rio do Peixe até à barra do S. Francisco com o Paraopeba, num percurso de umas estiradas vinte léguas de comprimento por umas quinze de largura, não se contando a sua fazenda do sertão bruto a Ribeira do Paracatu com os seus quatro retiros de gado, a Serra ou Cotovelo, a Barra do Rio Preto, Novilha Brava e Gado Bravo estendendo-se, igualmente, por uma infinidade de serras, campos e matos, onde se abrigavam as seis mil cabeças de gado, pequena parte do enorme rebanho de Dona Joaquina.

Mas, não é pròpriamente pelos seus haveres, que o nome de Dona Joaquina do Pompéu ficou gravado na memória dos pitanguienses. É que dela se contam cousas extraordinárias. Era uma mulher truculenta, arbitrária, malvada, excedendo-se em requintes da perversidade contra aquêles que não contavam com as suas boas graças.

E os casos aparecem, com aquele sabor das coisas do passado, para a confirmação dos instintos máus de Dona Joaquina.

Ora é uma escrava de dentes bonitos, a quem Joaquina manda arrancar os dentes todos, depois de ouvir a respeito deles um elogio de seu marido, que lhe despertou ciúmes. Ora, são as ajudas de pimenta do reino propinadas aos meirinhos que tinham o atrevimento de atravessar suas terras, para ler-lhe um mandato de citação... De outra vez, são as histórias tremendas, horripilantes, de escravos amarrados ao tronco, gemendo sob a violência das chibatadas dos feitores...

Parece-nos que nem uma cousa nem outra. Explicamos êsse êrro tradicional que se observa nas referências à pessoa de Dona Joaquina do Pompéu, como sendo o fruto de uma confusão entre essa mulher e outra, por sinal que sua rival irreconciliável, que não logrou, entre os pósteros, a notoriedade de Dona Joaquina: Dona Maria Tangará.

Seu nome legítimo era Maria Barbara da Cunha. Mas todos a conheciam por Maria Tangará.

Seu marido era o Sargento-mor Inácio Joaquim da Cunha, nome de relêvo na Vila, onde ocupou postos de representação.

A mãe de Maria Barbara era uma índia, de nome Tangará, provindo daí a alcunha por que era conhecida.

É possível que da ascendência gentia lhe ficassem os traços que representam ainda uma como a mulher de maior crueldade de que se tem notícia na história desses sertões.

Maria Tangará era, de fato, uma mulher truculenta. Não tão rica como Dona Joaquina do Pompéu, era, entretanto, possuidora de grandes cabedais de fortuna e aproveitava-se do respeito e do temor que a cercavam, para dar azas aos seus instintos crueis.

Sua fazenda, o Ribeirão, era também grande em extensão territorial e suas senzalas abrigavam um grande número de escravos. Se Dona Joaquina tinha o sobradão soturno do Pompéu, com seus 79 quartos, Dona Maria Tangará, procurando sobrepujá-la em grandeza, construiu o sobradão da antiga rua da Cachoeira, hoje em parte, com a denominação de Rua do Grupo. Esse sobradão é hoje a sede de um de nossos grupos escolares. Foi ali que Dona Maria Tangará passou grande parte de sua vida, e são aquelas paredes vetustas do casarão que se anima hoje com a garrulice da meninada pitanguense, as testemunhas mudas de cenas sombrias que se desenrolaram, anos a fio, nos porões sinistros do sobradão de Inácio Joaquim, que ainda guardam, nas manchas de sangue até há pouco visíveis aos olhos aterrorisados do povo, os protestos dos que tombaram sem vida, vítimas imbeles da maldade de Tangará.

A extração de todos os dentes de uma sua escrava não foi, seguramente, um dos atos de maior crueldade que ela demonstrou. Há cousas piores. Terrivelmente piores. Cousas de arrepiar os cabelos do indivíduo mais calmo.

Com a escrava, o caso foi simples. O sargento-mor Inácio Joaquim admirou-se, certa vez, da linda dentadura de uma escrava, que sua mulher adquirira dias antes e que êle via pela primeira vez. Dona Maria Tangará estava presente e não gostou da prodigalidade de seu marido, nos elogios à dentadura da preta. Nesse mesmo dia, à tarde, Inácio Joaquim tremeu de pavor, ao lhe serem apresentados por sua escrava, em uma rica salva de prata, por ordem de sua espôsa, todos os dentes que momentos antes, lhe haviam arrancado tão inocentes louvores.

Isso não é nada, em face de outras cousas que se contam de Tangará.

Daquelas janelas do terceiro andar dos fundos do sobradão, já se despencaram escravos, fugindo diante do pavor dos castigos, arrebentando os crâneos, cá em baixo, nas lages do terreiro.

E, no pátio debaixo de um pé de sapucaia, conta-se que sessenta negros, de uma só vez, pagaram com a vida, o tributo prometido por Maria Tangará aos ídolos da magia negra, em que ela se iniciára...

Era uma cisterna profundíssima, aberta especialmente para servir de tumulo aos sessenta infelizes, cujos corpos, depois de trucidados, eram despedidos no abismo...

Cumprido o voto, a cisterna foi tapada e, sôbre ela, plantou-se um pé de [illegible], que hoje já não existe.

É perto, onde, àquêle tempo, ficava a estrebaria do sobradão conta-se que debaixo de um esteio, há enterrado um tesouro.

Ninguém, ao que sabemos, ainda quis aventurar-se à procura do ouro de Maria Tangará. É ouro maldito, que há de estar vigiado pelas cinzas daqueles sessenta negros, imolados no altar sanguissedento de deuses feiticeiros.. Certamente, porá quebranto em quem tiver a infelicidade de encontrá-lo...

Foi assim a vida de Maria Tangará.

Mas, essa mulher sempre teve sorte até depois de morta. Aquêle rastilho de sangue que devia acompanhar a sua memória passou a circundar, no juizo de quase todos, a memória de sua rival e veneranda sennora Dona Joaquina do Pompéu...

DAMA ANTIGA

Gustavo Pena

Não nos faltam, graças a Deus, tipos representativos da inteligência, do caráter, do heroismo, da bondade e do patriotismo, da mulher brasileira.

Ao lado de Bárbara Heliodora, de Soror Angélica, de d. Maria Quitéria, de d. Maria da Cruz, de d. Ana Neri e de tantas outras damas do passado, as quais nada ficam a dever a quaisquer outras, de qualquer tempo e em qualquer parte do mundo, por atos de bondade, coragem, abnegação e patriotismo — podemos colocar o vulto extraordinàriamente admirável de D. Joaquina Bernarda da Silva Abreu Castelo Branco, conhecida por D. Joaquina do Pompéu, senhora nascida em Mariana e falecida em Pitangui, onde era possuidora de imensa fortuna e vastas terras, e dominava pela autoridade enérgica, bondade de coração e grande inteligência.

Deve-se ao ilustre escritor Gustavo Pena o inestimável serviço de haver escavado nos arquivos, onde jazia esquecida, a memória preciosa dessa matrona dos tempos idos, para enriquecer com ela a nossa galeria das mulheres célebres.

Pertencem à pena brilhante dêsse ilustre escritor os seguintes trechos sôbre a respeitável dona brasileira:

— "Dona Joaquina do Pompéu, falecida em 1824, há precisamente um século, é ainda hoje, como lembrei, sòmente conhecida por uns casos de alegre judiaria que a gente sabe e conta risonhamente. Do seu grande mérito, ninguém sabe cousa alguma.

Era realmente uma singular mescla do gênio de Mussolini, de Garroche e de Spartana, ou mais pròpriamente um simulacro do temperamento de Pedro Primeiro, que acabava de proclamar a independência de nossa pátria, sabendo querer, intrépido, voluntarioso, despótico às vezes, e gracejador — Rosas, sem a fria crueldade do argentino.

Uma vez, ela avistou de sua fazenda três soldados, cuido que do corpo de dragões, que conduziam um prêso, com as mãos atadas às costas e a quem, de momento a momento, os homens da escolta bàrbaramente espancavam. Dona Joaquina mandou convidar os soldados para o jantar, e, enquanto estavam abancados à mesa, matando uma fome velha, uma escrava cortava, às ocultas, as cordas, que martirizavam o homem e lhe deu a

mais merecida escapula. Foi processada por isso a fazendeira onipotente; porém, "Dom Pedro de Alcântara, Príncipe Real do Reino de Portugal e do Brasil e dêle Lugar Tenente de El-Rei, Meu Senhor e Pai", por ato de 7 de junho de 1822, mandou-lhe passar a "carta de seguro negativa".

As qualidades daquela extraordinária mulher assumem uma feição deveras grandiosa. Respeitando profundamente as autoridades, desde que lhe não mandassem meirinhos à fazenda, ela requereu, em 19 de março de 1799, licença para andar armada, alegando (sic) que sendo-lhe preciso tratar de seus negócios por várias partes desta Capitania e Sertões dela, infestados d'assassinos, è obrigada a trazer armas para sua defesa tão sòmente e não para ofender a pessoa alguma e que nem seu sexo, nem as qualidades, nem os grandes haveres da suplicante dão lugar as exercitar". Foi o requerimento despachado favoràvelmente em Vila Rica.

Tendo pela ordem pública o máximo interêsse, ela já em 1805, solicitava do "Nosso Príncipe e Senhor a nomeação de um Juiz de Fora, para se evitarem grandes barulhos, dissenções, subornos, e injustiças que nascem de não haver Juiz Letrado".

Foi, porém, nos primeiros meses, que se seguiram à proclamação da Independência, que deu Dona Joaquina os mais extraordinários exemplos de um patriotismo, de tal forma admirável, que nem eu mesmo lhes daria crédito si não tivesse lido tantos documentos, que os comprovam de modo mais absoluto.

Está ainda anarquizada a Bahia, em agôsto de 1823, e ela envia 100 bois como auxílio às tropas, que sustentavam a causa da Independência do Brasil.

A comoção imensa, que deveria repercutir em todo o país pelo grito do Ipiranga, e a possibilidade ameaçadora de uma guerra entre Portugal e o Brasil de tal maneira impressionaram o espírito de Dona Joaquina do Pompéu, que por ato solene ela ofereceu ao govêrno Imperial *todos os seus bens* para auxiliar a resistência.

Não é êste um ato dos mais admiráveis que conhecemos do patriotismo da mulher brasileira? Escrevia ela, em 27 de janeiro de 1823, que "fazia êsse oferecimento, não como rasgo de generosidade, porém, sim, como demonstração de um dever de fidelidade, honra, e adesão pela salvação da Pátria, e pela defesa do Nosso Augusto Imperador, pois por tão caros e sagrados objetos, dou voluntàriamente todos meus bens. Arriscar voluntàriamente a vida é, no meu conceito, um pequeno sacrifício".

Medite o leitor na abnegação, quase incrível, dessa velha fazendeira, morando e vivendo a mais de cem léguas da Côrte, em pleno sertão mineiro, e que faz a oferta de tôda a sua imensa fortuna como auxílio à nossa independência: pese bem a grandeza, a elevação moral das suas palavras nesse documento, e confesse que em nossa história não há um ato que se lhe avantaje em grandeza e em patriotismo, partindo de mais a mais de uma mulher nascida e vivendo em pleno sertão, nada conhecendo da Côrte, do brilho da civilização daqueles tempos, percorrendo, sòzinha, como um cheik árabe as suas terras quase intérminas, não mantendo ambições, e que à sua pátria livre, mas, ameaçada pelo govêrno da antiga metrópole, oferece tudo quanto possui, com palavras tão nobres, que bem mereciam ser esculpidas no seu jazigo, uma vez que não poderão ser gravadas no seu monumento".

D. JOAQUINA FOI CATÓLICA

a) Morto o marido à 6 de maio de 1804, foi seu corpo acompanhado e sepultado por dez padres, que celebraram dez missas de corpo presente;

b) Foi zeladora da Capela da Penha no morro do Batatal, em Pitangui, de 1804 a 1821, à qual prestou grandes serviços;

c) Mandou celebrar 630 missas, umas em sufrágio da alma de seu marido e outras no de diversas almas;

d) Coadjuvou para se ordenar um padre;

e) Mantinha Capelão em sua fazenda;

f) Deu à Capela de Santa Ana da Catinga, do têrmo de Paracatu, 100 bois a 2$000 cada um;

g) Socorria os presos da cadeia de Pitangui;

h) Legou à Capela de Pompéu 150$000 e à da Penha em Pitangui quantia que os documentos não dizem.

Por êsse registro, vê-se bem que ela não foi uma simples católica, mas uma trabalhadora eficiente em prol da religião, concorrendo com seu esfôrço pessoal e com esmolas para conservação dos templos e do culto.

VON ESCHWEGE E DONA JOAQUINA

O Barão Wilhelm Ludwig Von Eschwege, diretor do Real Gabinete de Mineralogia do Rio de Janeiro, além de autor de mais obras sôbre o Brasil, é o da "Pluto Brasiliensis" (1813), que escreveu como encarregado de estudar e fomentar a já então decadente indústria da mineração. É uma grande autoridade em assuntos brasileiros, tanto que foi o mentor de Goethe, quando se entregou ao estudo dos mesmos, pelos quais passou a interessar-se vivamente o génio de Weimar.

Transcrevemos da excelente obra, traduzida pelo Dr. Domicio de Figueiredo Murta, expressivo excerto.

Êste importante documento, a que dá um cunho de grande valor a autoridade moral do alto dignatário, desfaz por completo uma das inúmeras calúnias de que foi vítima D. Joaquina do Pompéu, dando asas à maledicência em tôrno de sua personalidade, investida de grande prestígio e autoridade, que lhe conferiam os governantes.

É um testemunho irretorquível e definitivo da generosidade, fidalguia e cavalheirismo da lendária senhora, o qual comprova a sua hospitalidade franca e nunca regateada a quantos a seu solar aportavam.

No volume 2.º, pág. 280 e 281, lê-se o seguinte:" De Pitangui em diante viajamos por amenos campos, banhados por numerosas lagoinhas, onde ao lado da gigantesca gibóia, milhares de aves palustres, aquáticas, grandes e pequenas, ostentam a sua deslumbrante plumagem.

Chegamos assim à Fazenda do Pompéu, que possui uma superfície de 150 léguas quadradas, pelos menos. Ela é habitada ùnicamente pela família da proprietária dêsse principado, cujos súditos seriam as quarenta mil cabeças de gado que habitam essas regiões despovoadas e anunciam ao viajor a proximidade de habitações humanas.

No Pompéu, em virtude de insistente pedido, tivemos de permanecer alguns dias na residência da generosa matrona, viúva Dona Joaquina da Silva Oliveira Castelo Branco, que conta dentre seus descendentes sessenta netos. Munidos de todos os víveres possíveis, que davam para diversas semanas, partimos dali para os sertões de novos despovoados, onde nada se poderia arranjar".

NOTA DO AUTOR: "Desejo tornar público aqui a minha gratidão a essa digna senhora e a seus filhos pela maneira gentil com que durante semanas, às vêzes, me acolheram nas freqüentes viagens que fiz àquela região e pela maior hospitalidade que dispensaram a diversos naturalistas, recomendados por mim. Devo desmentir também um boato que corre a meu respeito, espalhado por alguns viajantes e subscrito por outros. Teria sido contrário à delicadeza dessa digna senhora oferecer a um Barão alemão um presente de mil bois e algumas centenas de cavalos, e receber êste um tal presente.

NOTA DO TRADUTOR: Essa senhora célebre pela energia de que era dotada ocupa lugar importante na história do Oeste de Minas. Sua vida tumultuosa e quase lendária não encontrou ainda quem quisesse retratá-la. E no entanto poucas mulheres já viveram vida igual em que a administração de um feudo imenso, que era a fazenda e as lutas políticas da época, em que tomou parte saliente, fizeram dessa mulher um exemplo vivo de coragem, de energia e de amor à terra natal, digno de ser seguido. Seu velho solar, que abrigou tantos sábios ilustres está hoje em ruínas e sua fazenda, que era em extensão o que é hoje o município de Pompéu, subdividiu-se em várias outras. Nada mais resta, senão lendas pouco respeitosas às vêzes e um punhado de ruínas do velho solar, tão cheio de vida e de movimento outrora".

O testemunho autorizado do Barão Eschwege anula em definitivo a obra da maledecência que tem procurado enxovalhar a memória dessa mulher admirável, cuja vida foi entretecida de tantas virtudes, quantas podem enobrecer a criatura humana.

Ele, mais que ninguém revestido de uma idoneidade insuspeita, é quem nos manda de além-mar, quando presta contas de seus trabalhos científicos do "hinterland" brasileiro, aquelas referências elogiosas, que traduzem a irretorquível verdade, acêrca da existência em terras brasileiras de uma mulher excepcional, cujo espírito e coração se comparam em grandeza à extensão de seu domínio feudal e se extravazam em prestígio e benemerência até os próprios governos, a que às vêzes ela estende as mãos, não para pedir, mas para dar, em gestos de filantropia e patriotismo e em atos de abnegação e renúncia.

Está, pois, reabilitada na plenitude de sua pureza a memória de Dona Joaquina do Pompéu, cujas legítimas tradições reivindicam para ela lugar proeminente no altar da pátria.

A tradição de uma coragem varonil foi certamente a que lhe deu o sentido mais decisivo na vida, obrigando-a a andar armada para a sua defesa pessoal.

Conta-se que ela um dia dissera na intimidade dos seus: Sou eu talvez o único homem dessas redondezas!

Eis Dona Joaquina do Pompéu, tal como era, jamais como queriam que fôsse os seus gratuitos detratores.

O ESPIRITO POLITICO DE DONA JOAQUINA

Já dissemos alhures, aliás repetindo um conceito generalizado entre todos quantos analisam os fatos concretamente, diante da documentação autenticada e não ao sabor dos boatos, engendrados pela maledicência, que Dona Joaquina do Pompéu exerceu o seu matriarcado, aureolada e respeitada pelas altas virtudes que lhe herdaram os antepassados. Mãe de dez filhos, cada um dos quais desdobrou-se em numerosa prole, essas virtudes se transmitiram naturalmente, acentuando-se ainda mais pela cultura e civilização. Dentre elas a que assume o aspecto de principal característica de Dona Joaquina do Pompéu e seus descendentes é o espírito político, que lhe incendia na alma e no coração os sentimentos viris, que dela fizeram a autoridade suprema das bandas em que se estendiam os seus domínios materiais, espirituais e morais. A sua família, a que a providência prodigaliza tão elevados dotes se ramifica para tôda Minas, ultrapassando fronteiras, para constituir uma notável plêiade de homens verdadeiramente representativos da mentalidade e das virtudes brasileiras, os quais se têm revezado na governança, na cátedra, nos parlamentos, como na ciência, nas letras, etc., de sorte que, no Estado montanhês a descendência da ilustre senhora, espalhando-se em todos os sentidos, constitui quase sempre um elemento freqüente no seio da comunidade mineira, fazendo de Minas Gerais uma sociedade homogênea, com características e tendências semelhantes.

Pode dizer-se é a família mineira uma só, tanto mais que o mineiro tem o seu "facies" sociológico próprio, que a ciência regista, assinalando a uniformidade e a constância de caracteres físio-psicológicos calcados e desenvolvidos no alto, algo diferenciando dos habitantes da baixa e constituindo um único tipo, pela uniformidade de costumes e civilização peculiar.

Pois não devem ser as montanhas campo propício e fértil às lutas extremadas e alimentadas quase sempre pela diversidade do sangue e da índole, encontradiça em meios cosmopolitas. Minas é a tradição, cuja tendência são as constantes hereditárias, que se perpetuam nas raças. Obedece à homogeneidade espiritual de seus filhos, que se confraternizam por uma fatalidade sociológica e geográfica, na comunhão dos mesmos sentimentos familiares, cujo sentido está na união de todos, jamais na sua desagregação, que é o fruto do partidarismo cego.

Nota-se que em todos os partidos políticos que operam em Minas, há descendentes da famosa mulher, cujos domínios territoriais excediam em extensão ao de muitos países europeus e dentro dos quais se exercitavam também o seu incontrastável prestígio político, estabelecendo como que um elo de ligação ou afinidade entre os espíritos, a fazê-los convencidos de que não há interêsses políticos capazes de quebrá-lo em definitivo, ferindo a estrutura familiar mineira, por cuja integridade dariam mesmo os mineiros o melhor do que possuem. No P.S.D. vemos Benedito Valadares, Gustavo Capanema, Vasconcelos Costa e Emílio de Vasconcelos; no P.R. Carlos Campos; no P.T.B. Getúlio Vargas; na U.D.N. Afonso Arinos de Melo Franco, Leopoldo Maciel, Paulo Campos Guimarães e Simão da Cunha Pereira; no P.S.P. Herbert Maia de Castro Vasconcelos, etc. O espírito de Dona Joaquina, na integridade de sua formação hereditária, revive benfazejo e presente em seus descendentes, em todos os partidos, que lutam nestas montanhas, convidando-os, senão mesmo

compelindo-os ao apaziguamento, em defesa de nossas instituições democráticas, ameaçadas pelas fôrças da carrupção.

Como sempre verifica-se a justeza do velho aforismo, filho da sabedoria dos povos, que diz: cada vez mais os vivos são governados pelos mortos.

O espírito de Dona Joaquina será o nume tutelar das fôrças políticas mineiras para um congraçamento definitivo, na revivescência de nossas instituições republicanas e em prol de nosso progresso e civilização.

O casamento de Dona Joaquina

Realiza-se o casamento de Dona Joaquina do Pompéu em 1764, quando conta ela apenas 12 anos de idade, desabrochando para a vida, que se lhe entreabre sorridente, já deixando vislumbrar a felicidade consciente.

Naquela idade de menina-moça apresenta pleno desenvolvimento físico e espiritual, mostrando-se desembaraçada de maneiras e sedutora na beleza de flor entreaberta, desprendendo o perfume da formosura e da graça.

Eufrásia, sua irmã mais velha, também bonita, foi quem conquistara primeiro o amor de seu futuro espôso. Êste, sem de nada saber, confessa o seu amor ao rival e amigo Dr. Manuel Ferreira da Silva, que êle jamais suspeitara fôsse o pretendente preferido à mão de sua amada.

O Capitão Inácio de Oliveira Campos acaba afinal por tomar conhecimento da realidade e, exasperado, propõe resolver o caso em duelo.

O Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco, pai de Dona Joaquina, apreensivo e temendo funestas conseqüências, oferece um jantar aos amigos, recomendando ao Capitão Inácio, dentre êles, a que comparecesse sem falta.

Incumbe a Joaquina de fazer-lhe um brinde especial, pretendendo desta forma amainar-lhe o ânimo exacerbado.

Estava armado o laço.

Joaquina, graciosa e juvenil, desempenha-se cabalmente da incumbência. E o leão transforma-se em cordeiro. O Capitão Inácio volta às boas e como por milagre apaixona-se doidamente por Joaquina, esquecendo Eufrásia, com cujo desprêzo nunca mais se importara.

E casam-se em 1764, o Capitão Inácio de Oliveira Campos e a senhorinha Joaquina Bernarda Silva de Abreu Castelo Branco, fixando residência em Pitangui. Dona Joaquina revela desde então a sua gloriosa destinação, por isso mesmo que o seu casamento, assinalado tão singularmente, marca o prematuro início de uma série progressiva de outros feitos, que lhe exalçam a figura de mulher varonil, tornando-a respeitada e famosa, os quais assumem, através do tempo e do espaço o caráter legendário, imprimido por dois séculos que já se escoaram, desde a data de seu nascimento, e considerando que foi cenário de sua vida o longínquo sertão de Minas Gerais, inteiramente segregado dos grandes centros de civilização. O casal e filhos passam a residir desde 1784, na fazenda do Pompeu, quando ainda aquela propriedade pertence a Manuel Gomes da Cruz, morador no arraial do Inficionado (hoje Santa Rita Durão), município de Mariana.

Em 17 de julho de 1792 lavra-se-lhe a escritura ao Capitão Inácio de Oliveira Campos, no arraial de Catas Altas de Noruega. Mencionam-se nesta a fazenda do Pompéu e também as de, Mato Grosso, Santa Rosa, Passagem (antiga Monte Serrate), com seu respectivo retiro, casas, currais, 39 escravos, gado vacum e cavalar, tudo que nelas se continha, com o ferro e sinal de Manuel Gomes da Cruz.

Tudo isto pela importância de 11:200$000, sendo 7.595$995 à vista e 3.693$005 em prestações anuais de 500$000, concedendo-se ainda ao comprador o prazo de dois anos, caso se tornasse faltoso. Essas terras foram compradas a Estevam Gonçalves Fraga, morador em Mariana (Escritura em Bento Rodrigues, de Mariana, em 1.º de agôsto de 1756).

O Cel. Estevam comprou-as por sua vez de seu tio João Gonçalves Fraga, primeiro possuidor das terras de Pompéu, natural de Portugal.

Daí se conclui que Pompéu, hoje florescente município, é formado pelos terrenos que constituiam as fazendas do Capitão Inácio de Oliveira Campos, marido de Dona Joaquina.

O sítio onde se ergue em ruínas o solar de Dona Joaquina, em épocas remotas, quase há dois séculos, pertenceu ao Capitão Antônio Pompêu Taques. Infere-se daí que o nome de Pompéu é uma corruptela de Pompêu, não se encontrando outra origem para a designação toponímica da terra de Dona Joaquina. Pompêu Taques vendera o sítio ao Capitão-mor Francisco de Barros Braga em 23 de dezembro de 1737, dando o vendedor ao comprador a importância de 100$000 a juros de 6% para com êsses reedificar e paramentar a capela de N.S. da Conceição, que ali existia.

Adoece o Capitão Inácio de Oliveira Campos, acometido de paralisia, em junho de 1795, que o faz tombar ao leito, impossibilitado de gerir os seus negócios.

Dona Joaquina assume as rédeas de chefe e cabeça do casal. Êste acontecimento, sôbremaneira lamentável, não diminui, entretanto, a personalidade do marido, que, dotado de regular instrução, desempenhou vários cargos públicos, elegendo-se vereador à câmara municipal de Pitangui. O Capitão Inácio de Oliveira Campos teve tal gesto de renúncia e conformação em seu estado de invalidez, que, casado em comunhão de bens, não relutou em vender a sua meação à mulher, em cuja inteligência e operosidade tinha confiança. Patenteia-se a superioridade espiritual do enfêrmo, cuja clarividência e compreensão jamais os males físicos que o consumiam conseguiram obliterar.

Dona Joaquina passa a administrar sòzinha o seu imenso feudo, acrescido ainda de quatro fazendas: Gado Bravo, Novilha Brava, Cotovêlo e Barra do Rio Prêto, situadas no município de Paracatu.

Desenvolve então grande dinamismo, com que exercita o seu tino administrativo e energia varonil, que a faz sempre presente nos mais longínquos rincões de seus domínios, aos quais estende o prestígio totalitário de um policiamento armado, que lhe fôra concedido pelo Govêrno, em virtude do requerimento formulado nos seguintes têrmos:

Illm. e Exm. Senhor

Diz D. Joaquina Bernarda de Abreu Castello Branco, moradora no Districto de Pitanguy, que sendo-lhe preciso tratar dos seus negocios por varias partes desta Capitania e Sertões, della infestados d'assassinos, he obrigada a trazer pistolas e outras armas para sua defeza tão somente, e não para ofender a pessoa algûa, o que nem o sexo, nem as qualidades, nem os grandes teres da

Supplicante deixam lugar a se recear. E como lhe consta que os seus Inimigos da Villa de Pitanguy ententam culpala com este prexto.

P. a V. Exa. Seja Servido conceder-lhe licença a Sup. para trazer as ditas armas que nesta declara.

Rubricada pela autoridade, a petição acima está com este despacho:

Como pede. Villa Rica, 19 de Março de 1799.

O VISCONDE DE CAETÉ E DONA JOAQUINA DO POMPÉU

O elegante perfil físico, semblante desanuviado e circunspecto, do notável político do Império Teixeira de Vasconcelos sugere-nos, antes de tudo, a verticalidade inflexível de seu espírito aprimorado pelas mais excelsas virtudes, fazendo-se respeitado e querido em tôda Minas, que confiante descansava em suas qualidades de estadista e patriota todos os ideais que alentava, dentre os quais, maior que todos, destacava-se o da independência da pátria.

Nasceu Teixeira de Vasconcelos na fazenda de seus pais, no município de Sabará, em 18 de outubro de 1764 e faleceu em 10 de fevereiro de 1838 e está sepultado na Matriz de Taquaraçu. Era casado com Dona Teresa Maria de Jesus, falecida em 1855. Teve o casal oito filhos.

Depois de formado em leis pela Universidade de Coimbra, percorreu várias províncias de Portugal, estudando agricultura, obedecendo ao seu amor congênito da gleba, tanto que, de regresso ao Brasil repartiu as suas atividades, ao princípio, entre o amanho da terra e o exercício gratuito da medicina para servir ao seu povo, na carência de médicos formados, dando expansão aos sentimentos filantrópicos de que era dotado.

Exerceu, ao depois, honrosos cargos públicos como os de Intendente do ouro e Juiz de Fora, até que foi nomeado Ouvidor da Comarca de Sabará.

Membro e Vice-presidente da primeira Junta do Govêrno Provisório, foi nesses postos que prestou relevantíssimos serviços à causa da Independência Nacional, sendo incumbido de levar a D. Pedro I a expressão dos sentimentos do povo mineiro, decepcionado e mesmo indignado com o procedimento das Côrtes e do Govêrno de Portugal, a que se atribuia a intenção de revolucionar o Brasil, certamente com o intuito de dar expansão ao absolutismo, contrário ao ideal de libertação, alimentado pelo povo brasileiro.

Pronunciou o impávido mensageiro em presença do príncipe memorável discurso, que Xavier da Veiga considerou como o gérmen abençoado para o brado emancipador de 7 de setembro.

Com palavras candentes e ungidas de patriotismo, superou em vibração e energia a José Bonifácio, a que antecedera no pronunciamento sôbre o mesmo assunto.

A Junta Governativa Mineira cindira-se em duas facções, ante o problema da emancipação brasileira; uma chefiada por Dom Manuel de Portugal e Castro, a serviço da mãe pátria, a que prestava cega obediência; a outra dirigida por Teixeira de Vasconcelos, constituindo maioria, tanto que se elegera êle o emissário para levar a Dom Pedro o pensamento de Minas.

Um dos primeiros atos da Junta, releva notar, sôbre a chefia de Teixeira Vasconcelos, foi mandar demolir o "padrão de ignomínia", perpetuando a "execranda" memória de Tiradentes, o que sobremodo desagradou a Dom

Manuel, que se exonerou humilhado e vencido, senão expulso, consoante a afirmativa de Saint-Hilaire, diante a atitude impávida e varonil de Teixeira de Vasconcelos.

É de assinalar-se a Junta de Minas antecipava o movimento libertador, antes de ser concitado por São Paulo, assim como se deve ao discurso de Teixeira de Vasconcelos o ponto de partida ou o gérmen da idéia nova, concretizada na emancipação, a qual já vinha se apoderando do espírito de Dom Pedro I, o Príncipe Regente do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, cujo sonho doirado era tornar-se primeiro Imperador Constitucional do Brasil.

Teixeira de Vasconcelos se se considera o êmulo de José Bonifácio, teve também um grande aliado e colaborador na sacrossanta jornada, na pessoa do Conselheiro José Joaquim da Rocha, que desde 1812, nas lojas maçônicas, em comícios e outros centros políticos, se mostrou insuperável em serviços à causa da libertação do Brasil, considerando-se a alma do Fico de 9 de janeiro, como Vasconcelos foi fôrça necessária do Fico de 7 de setembro. Ambos os "sonhadores prematuros" das grandiosas datas, como seus maiores paladinos, antes mesmo de José Bonifácio, sagrado o Patriarca da Independência.

O Visconde de Caeté, agraciado com êste título e antes com o de Barão, por serviços prestados à Pátria, foi contemporâneo de Dona Joaquina do Pompéu, com quem apresentava afinidades espirituais relevantes, ambos voltados para os mesmos ideais de benemerência, fraternidade e patriotismo, que os fazia grandemente estimados e obedecidos pelo povo, como prestigiados pelos governos, desde que viveram sempre investidos de grandes poderes políticos. Essas afinidades, segundo a tradição, os aproximaram estreitamente, constituindo-se o Visconde por vêzes advogado de Dona Joaquina.

Os forasteiros encontravam em seus solares franco acolhimento, tanto mais quanto se apresentassem credenciados por investiduras políticas ou científicas.

Há acontecimentos na vida de ambos, que os irmanam na mesma categoria espiritual.

São conhecidas e geralmente comentadas as excursões científicas de Eschwege e de Saint-Hilaire, sábios estrangeiros, que percorreram a cavalo os sertões de Minas em todos os sentidos, em cujo âmago fizeram verdadeiros descobrimentos. Pois bem, sôbre o Visconde de Caeté, assim se exprimiu Saint-Hilaire: "Hospedei-me na Capital do Rio das Velhas em casa do Sr. José Teixeira, Juiz de Fora e Intendente ou Inspetor do Ouro. O Sr. Teixeira era um homem de quarenta e tantos anos, rico e de um aspecto muito meigo. Nascido em Minas, estudou em Coimbra e sua conversa era muito agradável. É impossível gozar de reputação mais bela que o Sr. Teixeira de Vasconcelos. Por tôda parte em que é conhecido concorda-se em elogiar seu desinterêsse, sua candura, seu amor à justiça, suas luzes e apêgo ao seu país".

Sôbre D. Joaquina do Pompéu, de que fôra hóspede várias vêzes, escreveu igualmente Eschwege em sua obra "Plutus Brasilienses": "Desejo tornar pública aqui a minha gratidão a essa digna senhora e a seus filhos pela maneira gentil com que durante semanas às vêzes me acolheram nas freqüentes viagens que fiz àquela região, e pela maior hospitalidade que dispensaram, a diversos naturalistas recomendados por mim. Devo desmentir também um boato que corre a meu respeito, espalhado por alguns viajantes e sobrescrito

por outros. Teria sido contrário à delicadeza dessa digna senhora oferecer a um Barão um presente de mil bois e algumas centenas de cavalos e receber êste um tal presente".

Se Dona Joaquina fôra uma grande latifundiária, consumindo os seus dias na labuta rural e constituindo-se mandatária de poderes discricionários no verdadeiro feudo que estabelecera, não fugia o Visconde do mesmo destino, tanto que nascera, vivera grande parte da vida e morrera na fazenda, onde exercitava as suas mais acalentadas aspirações, embora nunca se excusasse às solicitações do povo para investiduras políticas da maior autoridde, das quais nem sequer recebia os vencimentos respectivos. A história se quiser ser verdadeira e justa há que reivindicar para o Visconde de Caeté o título que a ninguém, senão a êle lhe pertence, de Patriarca honorário da Independência, já que a José Bonifácio lh'o fôra dado de preferência, quando mal não houvera que aos dois lhes fôsse conferido o mesmo título.

Quanto à Dona Joaquina enche-se-lhe a história de coragem, energia, abnegação e renúncia pela causa da liberdade pátria, pondo de ânimo resoluto com a maior bravura cívica todos os seus bens à disposição de D. Pedro I pela causa da Independência, chegando mesmo a remeter para a Bahia convulsionada uma leva de bois, destinados à alimentação dos soldados fiéis à causa do povo.

E por que não reivindicar para Dona Joaquina do Pompéu um lugar no patriarcado da Independência, ao lado de José Bonifácio, Visconde de Caeté e Conselheiro José Joaquim da Rocha?

A justiça não falha, tanto mais quanto ela já se fêz presente e respeitada na reabilitação do nome de Dona Joaquina, até há pouco enxovalhado pela detração e pela calúnia.

Visconde de Caeté e Dona Joaquina do Pompéu, duas majestosas figuras de nossa história antiga, que deixaram rastros luminosos e imperecíveis em nosso "hinterland", fazendo-as rememoradas em todos os tempos, quanto benditas pelo povo e pela Pátria, a que serviram com inexcedível amor e desinterêsse.

NOTA — Verifica-se lamentàvelmente que não existe sequer uma lápide comemorativa, assinalando os túmulos do Visconde de Caeté e de seu genro Cel. Joaquim Camilo Teixeira da Mota, que tomaram assento na curul presidencial do Estado de Minas Gerais e foram sepultados na igreja de Taquaraçu.

ASCENDENTES DOS VALADARES DE PITANGUI

O apelido "Valadares" vem da freguesia de Nossa Senhora dos Remédios da Vila de Valadares.

O capitão José Fernandes foi o primeiro que acrescentou ao nome o apelido Valadares. O documento seguinte confirma o que disse: a princípio é José Fernandes, mais adiante é José Fernandes Valadares e mais além é o "dito" Valadares; começa a falar de André Fernandes e termina com André Fernandes de Valadares (José Fernandes, irmão de André Fernandes de Valadares e não filho de André Fernandes, como pensava o Cel. Américo de Campos Cordeiro Valadares, em suas notas sôbre a família).

Vinham de "Valadares", de onde era natural Dom José Luiz Abranches Castelo Branco Valadares, Bispado de Visêu, terra natal do Dr. Jorge de Castelo Branco, que veio para o Brasil, em 1748, e que, em 1762, tomou ordens sacras, em Mariana.

Pela mesma época, veio para Pitangui o Capitão José Fernandes de Valadares, natural de Vila de Valadares e falecido em Pitangui em 1808. Em 16 de Julho de 1768, Dom José Luiz Abranches Castelo Branco, conde de Valadares, foi nomeado Governador de Minas Gerais e, em 1771 enviou ao sertão do Paracatú o capitão Inácio de Oliveira Campos, genro do Dr. Jorge de Castelo Branco, e marido da celebre D. Joaquina Bernarda S. de Abreu Castelo Branco, com o fim de destruir o quilombo da Serra Negra.

O mesmo sobrenome "Castelo Branco", a mesma terra de procedência, a mesma época de vinda para o Brasil — e diziam todos que gozavam de nobreza" e "que eram da mais nobre e principal família do país", conforme os documentos, tais coincidências nos levam a crer que o Conde de Valadares era parente próximo do Dr. Jorge de Castelo Branco.

O primeiro Valadares, portanto, que apareceu em Pitangui foi o Capitão José Fernandes de Valadares, filho de Domingos Fernandes Alves e de D. Teresa Francisca e natural do Couto de São Cristovão de Lafões, freguesia de Valadares — bispado de Visêu. Casou-se, em Pitangui, com D. Rita Maria de São José Cordeiro, filha de João Cordeiro, natural de Cintra, e de D. Maria Teresa Joaquina (esta filha de D. Gertrudes de Campos — Vide Genealogia Paulistana de Silva Leme — Volume IV pág. 186).

Paga e quitação de Legados qe. dão os Mezarios da Confraria de N. Sra. dos Remedios da frega. de Valadares e outros, a João Alves Pereira da Cunha Torgo, e a seu Correspondente o Capm. Mór Jozé da Motta Pereira em 25 de Agto. de 1807.

Saibão os que este Publico Instrumento de paga e quitação dos Legados, ao adeante declarados, virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oito Centos e sete, aos vinte cinco dias do Mez de Agosto, nesta cidade de Porto, Rua das Cangostas, e no meu Escritorio,

apareserão prezentes Partes e como bem a saber de huma Jozé de Matos Pinho, morador no Lugar da Igreja, freguezia de Sam Pedro de Casteloens, Concelho de Cambra da Feira, em nome e como Procurador bastante, de Manoel Ferreira, de Manoel Francisco, de Manoel Jozé dos Santos, de Jozé Fernandes, de Valerio Fernandes, Antonio Lopes da Silva, e de Manoel Pereira da Carreira, moradores na freguezia de Valadares, Couto da Trapa; todos Oficiais, e Mezarios da Confraria de Nosa Senhora dos Memedios, da mesma freguezia de Valadares, e bem asim tambem em nome, e como Procurador de Jozé de Almeida, e sua mulher Anna Margarida, de Antonio da Silva, e de sua mulher Maria Rodrigues, de Joaquina Maria da Conceição, de Antonio Lopes da Silva, e sua mulher Ascenção Maria do Espirito Santo, de Quiteria Maria Soares Viuva que ficou de Antonio Jozé Pereira, de Manoel Pereira e sua mulher Luiza Maria Alves; todos Erdeiros que ficaram de André Fernandes, moradores na dita freguezia de Valadares. E outro sim em nome e como Procurador de Manoel Rodrigues Ferreira Viuvo, do Lugar de Soutelo, de Joanna Maria Viuva, que ficou de Bernardo Jozé de Oliveira, do Castelo, e moradores na sobredita freguezia de Valadares, como amostrou pellas procuraçoens, que no fim deste Instrumento vão Copeadas, conhecido das testemunhas, ao adeante nomeadas, e asinadas pelo proprio e estas de mim reconhecidas pellas mesmas, de que dou fé; e da outra estava prezente João Alves Pereira da Cunha Torgo, homem de Negocio, morador na Rua das Ortas desta Cidade, e como correspondente do Cap. Mór José da Mota Pereira, morador na Cidade do Rio de Janeiro, Conhecido de mim Tabelião e das ditas testemunhas, perante as quais dise o Segundo outorgante João Alves Pereira da Cunha Torgo, que seu Correspondente o sobredito Capitão Mór Jozé da Mota Pereira, em lembrança datada, e por elle assinada no dia vinte e hum de Março do prezente anno lhe dis. que o Capitão Jozé Fernandes Valadares, morador na Villa do Pitangui, Capitania de Minas Geraes lhe determinava, que remetese hum Conto e Setenta mil reis, conthidos na letra pasada por Antonio Gomes Barrozo, sobre Domingos Fernandes Alves, e que depois de o receber mandaria chamar a esta Cidade os Mezarios de Nosa Senhora dos Remedios da freguezia de Valadares, e lhes entregaria quatro Centros e setenta mil reis, a saber quatro centos mil reis para huma alampada, vinte mil reis para o azeite, quando ella se fazer, a cicoenta mil réis de Esmola para a dita Senhora, e que da mesma forma mandaria chamar as filhas de André Fernandes, que pareserião ser da mesma freguezia, e lhe entregaria quatro centos mil reis, e igualmente a Bernardo Jozé de Oliveira, e a Quiteria, cazada com Manoel Rodrigues Ferreira, parecendo serem os dois primeiro Irmaons do dito Valadares cem mil reis, a cada hum pasando-lhe todos Quitaçoens de pagas por duas vias, que receberão do mesmo Valadares, por ordem, por elle dirigida, e entregue por elle mesmo segundo Outorgante, o qual querendo Cumprir com a dita Ordem, mandou as sobreditas pesoas, que viecem a esta Cidade receber os referidos Legados, ou que mandasem pesoa a q. com Procuração sua os Recevese, e com efeito mandarão ao primeiro Outorgante Procurador Jozé de Mattos Pinho, o qual veio a esta Cidade fazer o dito recebimento, e por isso a elle fazer, digo, lhe queria Entregar todas as ditas parcelas expredadas no citado Avizo, asina copeado, importantes todas as ditas parcelas digo todas na quantia de hum couto e setenta mil reis, a qual sendo Logo por elle Lançada, sobre huma meza em dinheiro do Contado, moeda corrente neste Reino, a entregou ao dito Procurador, Jozé de Matos Pinho, que a tomou

contou, achou certa, em si recebeu, embolsou, sem erro falta nem deminuição alguma, perante mim Tabelião e das testemunhas de que outro sim dou fé, e dise, que por este Instrumento e em nome e como Procurador dos Mezarios da Confraria de Nossa Senhora dos Remedios, dos Erdeiros de André Fernandes, e dos ditos Manoel Rodrigues Ferreira e Joana Maria Viuva, de Bernardo Jozé de Oliveira, dava como com efeito dá plena quitação e geral, aos ditos Capitãos Jozé Fernandes Valadares, ao Capitão Mór da Mota Pereira, e a ella seu correspondente Jozé Alves Pereira da Cunha Torgo, e a todos os seus bens e Erdeiros, deste dia de hoje, para todo o sempre mundo, das respectivas quantias, que para cada hum tinha recebido, e vão especificado no dito Avizo asima encerto, para mais lhe não serem pedidas em juizo, nem fóra delle, antes a firmeza da prezente Quitação lhes obrigava como obriga suas pesoas, e bens cada hum na parte que lhe toca. Em fé da verdade asim o dise, e outorgou, e se obrigou a fazer a cada hum dos mesmos seus constituintes entrega fiel, das suas respecitivas quantias e delle o aceitou o segundo outorgante João Alves Pereira da Cunha Torgo, que dise aceitava como aceita esta Escritura, na forma della, em seu nome e de seus correspondentes e Eu Tabelião a aceito por quem mais tocar posa auzente; E o teor das mencionadas procuraçoens se segue. — Procuração, do Reitor, e Mezarios da Irmandade de Nosa Senhora dos Remedios de Valadares, deste Couto da Trapa — Saibão os que este Publico Instrumento de procuração bastantes virem, que no anno do Noscimento de Noso Senhor Jesus Cristo, de mil oito centos e sete, aos dezesete dias do Mez de Agosto, nesta Villa e Couto da Trapa, na minha prezença compareserão o Reitor Manoel Ferreira, Thezoureiro Manoel Francisco, Secretario Manoel José dos Santos, Procurador Jozé Fernandes, e Mezarios Valerio Fernandes, Antonio Lopes da Silva, Manoel Pereira da Carreira, todos do Lugar e freguezia de Valadares deste Couto da Trapa, Conhecidos de mim Tabelião pelos proprios Mezarios da Irmandade ou Confraternidade de Nosa Senhora dos Remedios de Valadares, e dise fazia por este seu bastante Procurador a Jozé de Matos Pinho da Igreja de Sam Pedro de Casteloens Concelho de Cambra da Feira, e a cada hum in solidum, dão poder quanto em Direito se requer, para que em nome delles Outorgantes, como se prezentes fosem, posa em qualquer Juizo ou Tribunal deste Reyno defender e requerer toda a sua Justiça em todas as Cauzas, movidas e por mover, tanto Civis como Crimes, em que forem Autores ou Reos em geral, e em especial, para arecadarem da mão de João Alves Pereira da Cunha Torgo da Rua das Ortas da Cidade do Porto, a quantia de quatro contos e setenta mil reis de Esmola que lhe vem de Manoel Fernandes Serra falecido na Villa do Pitangui nos Estados dos Brazis e Americas deste Reyno e dar Quitação Publica, ou Raza, como lhe for pedido, fazendo citar, demandar, penhorar, oferecer açoens, Libelos, artigos, Enbargos, exceçoens, Contrariar dar provas, por contraditas e suspeiçoens, dar testemunhas, contraditar as das partes, e jurar na sua Alma todos o licito juramento, o de calumnia decizorio e supletorio, deixado na Alma das partes paresendo-lhe, asinar os termos e autos necessários, protestos e contra protestos Requerimentos, Apelar, agravar, Embargar, e tudo seguir thé maior Alçada, e esta substabelecer, e della uzar, asinar termos de confiçoens, negaçoens, Louvaçoens, e dezestencias, tirar Sentenças, e fazelas dar a sua execução, requerer prizoens, sequestros, e aremataçoens, adjudicaçoens Lançar nos bens dos devedores, na falta de Lançador, e delles tomar pose, Requerer Precatorias, asinar de como os recebe,

vir com Embargos de terceiro Senhor e Posuidor, e provalos, variar de açoens, e ententar outras de novo, asinar termos judiciais, nas Cauzas Crimes, juntar documentos e recebelos, reservando a nova citação, e tudo feito e obrado por elle Procurador e sobstabelecidos, in solidum, promete aver por firme, valioso por suas pesoas e bens, asim o diserão Sendo testemunhas prezentes Arrogo dos que não sabem escrever, meu filho Joaquim Teixeira de Vasconcelos, e mais testemunhas Jozé Jorge de Almeida de Velarigues, e Antonio Rodrigues de Eyró dos Eyrós de Santa Cruz, Concelho de Lafões, que conheço, de que dou fé, que asinarão com os Outorgantes e Eu Manoel Luiz Ferreira Semoens Tabelião proprietario o Escrevy sobrescrevy e o asiney — Valerio Fernandes — de Manoel Ferreira — Reitor huma Cruz — de Manoel Francisco Thezoureiro huma Cruz — de Jozé Fernandes Procurador huma Cruz — Manoel Jozé dos Santos — Antonio Lopes da Silva — Secretario — de Manoel Pereira huma Cruz — José Jorge de Almeida — de Antonio Rodrigues testemunha huma Cruz — Arrogo Joaquim Teixeira de Vasconcelos — Lugar do sinal publico — Em testemunho da verdade Manoel Luiz Ferreira Semoens Procuração dos Erdeiros de André Fernandes de Valadares, abaixo declarado — Saybão os que este Publico Instrumento de Procuração bastante virem, que no anno do Nascimento de Noso Senhor Jesus Christo de mil e oito centos e sete, aos dezaseis dias do Mez de Agosto, nesta Villa e Couto da Trapa; em meu Escritorio, na minha prezença, compareserão Jozé d'Almeida e sua mulher, Anna Margarida, Antonio da Silva, e sua mulher Maria Rodrigues, Joaquina Maria da Conceição, Antonio Lopes da Silva, mulher Ascenção Maria do Espirito Santo, Quiteria Maria Soares Viuva d'Antonio Jozé Pereira, Manoel Ferreira, e mulher Luiza Maria Alves, todos Erdeiros, que ficarão de André Fernandes, todos do Lugar e freguezia de Valadares, deste Couto da Trapa, Reconhecidos de mim Tabelião, e das testemunhas, que dou fé serem os proprios, e unicos Erdeiros, daquele de que dou fé, e diserão fazião por este seu bastante Procurador a Jozé da Matos Pinho da Igreja de Sam Pedro de Casteloens, Concelho de Cambra da Feira e a cada hum in solidum dão poder quanto em Direito se requer, para, que em nome delles Outorgantes como se prezentes fosem, posa em qualquer Juizo, ou Tribunal, deste Reino, defender, e requerer toda a sua justiça, em todas as suas Cauzas, movidas, e por mover, tanto Civis como Crimes em que forem Autores, ou Reos, em geral e em especial, de arecadar de João Alves Pereira da Cunha Torgo, da Rua das Ortas, da Cidade de Porto, a quantia de quatro Centos mil reis, que lhe vem de esmola de Manoel Fernandes Serra, falecido na Villa do Pitangui Estados das Americas deste Reyno e dar Quitação Publica, ou Raza, como lhe for pedida, e asinala, ou as verbas necesarias, fazendo citar, demandar, penhorar, Oferecer açoens, Libelos, Artigos, embargos, exceçoens, Contrariar, dar provas, pro contrarias e suspeiçoens, dar testemunhas, contraditar as ditas partes, e jurar na sua Alma, todo o licito juramento, e de Calumnia, decizorio e supletorio, e deixalo na Alma das partes paresendo-lhe, asinar os termos e autos necesarios, protestos contra protestos, e requerimentos, Apelar, Agravar, Embargar, e tudo seguir thé maior Alçada, e esta sobstabelecer, e della uzar, asinar termos de confiçoens, negaçoens, Louvaçoens, e desistencias, tirar Sentenças, e fazelas dar a sua execução, requerer prizoens, sequestros e remataçoens adjudicaçoens, Lançar nos bens dos devedores na falta do Lançador, e delles tomar pose, requerer Precatorias, asinar de como os recebe, vir com Embargos de terceiro Senhor e posuidor, provalos, variar de açoens, ententar

outras de novo, asinar termos judiciais nas Cauzas crimes, juntar Documento, e recebelos reservando a nova citação, e tudo feito obrado por elle Procurador, e substabelecidos in solidum promete haver pro firme, e valioso por suas pesoas e bens, asim o diserão. Sendo testemunhas arrogo das mulheres, e dos que não sabem escrever asinou meu filho Joaquim Teixeira de Vasconcelos por lhe rogares, e forão testemunhas Manoel Jozé dos Santos de Valadares e o Alferes Marcelino Pereira de Villa Nova, deste Couto, que conheço, de que dou fé e que asinarão depois de lido por mim, que asinarão com os Outorgantes e Eu Manoel Luiz Ferreira Semoens Tabelião Proprietario a sobrescrevy e asinei — Lugar do Sinal Publico — Em testemunho da Verdade Manoel Luiz Ferreira Semoens — de Manoel Ferreira huma Cruz — de Jozé de Almeida huma Cruz — de Jozé Pereira huma Cruz — digo Pereira da Silva huma Cruz — Antonio Lopes da Silva — Manoel Jozé dos Santos Arrogo Joaquim Teixeira de Vasconcelos — Marcelino Pereira — Antonio da Silva — Procuração bastante de Manoel Rodrigues Ferreira Viuvo de Soutello e Joanna Viuva de Bernardo Jozé do Soutello de Valadares deste Conto da Trapa.

Saybão os que este publico instrumento de Procuração bastante virem, que no anno do Nascimento de Noso Senhor Jesus Christo de mil e oito centos e sete, aos dezaseis dias do Mez de Agosto do dito anno, nesta Villa e Couto da Trapa, em meu Escritorio, na minha prezença, compareserão prezentes Outorgantes, Manoel Rodrigues Ferreira Viuvo de Soutello e Joanna Maria Viuva de Bernardo Jozé de Oliveira, do Castello do Lugar, e freguezia de Valadares deste dito Couto da Trapa, que certefico serem os proprios de que tracto e dou fé, serem os Legitimos Erdeiros dos contemplados a quem se dirige a Esmola, abaixo declarada, e diserão fazião por este, seu bastante Procurador a Jozé de Matos Pinhaieor, digo, de Matos Pinho do Lugar da Igreja de Sam Pedro de Casteloens, Concelho de Cambra da Feira, e a cada hum in solidum dão poder quanto em Direito se requer, para que em nome delles Outorgantes como se prezentes fosem, posa em qualquer Juizo, ou Tribunal deste Reyno defender, e requerer, toda a sua Justiça em todas as suas Cauzas movidas e por mover tanto Civis como Crimes, em que forem Autores ou Reos, em geral e em especial para cobrar e arecadar de João Alves Pereira da Cunha Torgo, da Rua da Cidade do Porto, a quantia de Cem mil reis acaba hum delles Outorgantes que vem das Americas por via de seu Irmão e cunhado Jozé Fernandes, de Minas e dar Quitação das ditas quantias publicas, ou razas, como lhe forem pedidas, e sendo necessario para tudo, fazendo citar, demandar, penhorar Oferecer doco., Libelos, Artigos, Embargos, exceçoens, contrariar, dar provas, por contraditas e suspeiçoens, dar testemunhas, contraditar as da parte, jurar na sua todo o licito juramento, e de Calumnia decizorio e supletorio deixado na Alma das partes paresendo-lhe, asinar os termos e Autos necesarios, protestos, e contra protestos e Requerimento, Apelar, Agravar, embargar e tudo seguir thé maior Alçada e esta sobstabelecer e della uzar, asinar termos de confiçoens, negaçoens, Louvaçoens, e dezestencias tirar Sentenças e fazelas dar a execução, requerer prizoens, sequestros, aremataçoens, adjudicaçoens, Lançar nos bens dos devedores, na falta de Lançadores, e delles tomar pose, requerer Precatorias, asinar docomos. ou receber, vir com embargos de terceiro Senhor e posuidor, provalos, variar daçoens, ententar outras de novo, asinar termos judiciais, nas Cauzas Crimes, aprezentar Documentos e recebelos, reservando a nova citação e tudo feito e obrado por elle Procurador e sobestabelecidos insolidum prometem aver por

firme e valioso, por pesoa e bens, asim o diserão. Sendo testemunhas presentes, Arrogo dos Outorgantes por não saberem escrever Joaquim Teixeira de Vasconcelos meu filho, e mais testemunhas Manoel de Almeida dos Carvalhos de Paço, e Domingos Leite, Chapeleiro desta Villa, que conheço de que dou fé e asinarão todos com os Outorgantes, e Eu Manoel Luiz Ferreira Semoens Tabelião Proprietario a sobreescrevy e asiney — Lugar do Sinal Publico. Em testemunho da Verdade Manoel Luiz Ferreira-Semoens — Manoel Rodrigues Pereira — Arrogo Joaquim Teixeira de Vasconcelos — Manoel de Almeida, de Domingos Leite huma Cruz — E não se continha mais em as ditas tres procuraçoens que aqui tresladei fielmente das proprias a que me reporto e reconheço por verdadeiras, as quais ficão em poder do Segundo Outorgante de que asinou.

E, tresladadas, tomarão elles Partes a outorgar e aceitar esta Escritura na forma della, e Eu Tabelião por quem Mais tocar posa auzente, a qual requerão a mim Tabelião, que lhes escrevese, nesta Nota e que da mesma lhes dese os treslados necesarios do mesmo theor de que for necesarios. Sendo testemunhas prezentes Jeronimo Luiz Pereira de Souza Seringueiro, e morador na Rua de Sam Domingos, e Diogo da Costa Guimaraens Mestre Sapateiro, morador nesta Rua, que aqui asinarão com os Outorgantes depois desta lhes ser lida por mim Manoel da Cunha Valle Tabelião que a escrevy — Jozé da Matos Pinho — João Alves Pereira da Cunha Torgo — Jeronimo Luiz Pereira de Souza — Diogo da Costa Guimaraens. O qual Instrumento de paga e quitação fis tresladar fielmente do meu Livro de Notas a que me reporto. Eu Manoel da Cunha Valle Tabelião publico da Cidade de Porto e Seu Termo, pelo Principe Regente Noso Senhor, que Deus guarde e fis escrever, sobreescrevi, e asignei em publico.
Manoel da Cunha Valle

Nós abaixo asignados homens de Negocios da Prasa desta Cidade, Attestamos e juramos sendo necesario, ser o Signal Publico a Sina do Tabelião Manoel da Cunha Valle a quem Se dá inteiro Credito em Juizo e fora delle. Porto 16 de Setembro de 1807.

Antonio da Costa S.
Domingos Pires de Miranda
Thomás da Rocha Pinto
Antonio Jozé Rebello Guimes.

CONDE DE VALADARES E O CAPITÃO INÁCIO DE OLIVEIRA CAMPOS

"O Exmo. Sr. Conde de Valadares (D. José Luiz de Menezes Abranches Castelo Branco) foi o que mais empenhou em diligenciar o pretendido descobrimento daqueles sertões de Paracatú (Minas do Rio das Mortes).

Governando estas Minas, fez sair em 1770, do Paracatú várias bandeiras para esse fim. No ano de 1771 fez igualmente seguir desta Vila os capitães João de Godoi Pinto Silveira e Caetano José Rodrigues. Passados, porém cinco meses voltaram eles sem esperança alguma. Pelos fins do mesmo ano de 1771, fez sair o Capitão Inácio de Oliveira Campos (genro do Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco), comandante da Ordenança desta Vila, o qual indo à sua custa se recolheu no começo do ano de 1773, trazendo esperanças mais animadoras.

Informou ter visto mostra de ouro nas vertentes dos rios das Velhas, Paranaiba e Dourados, cujos sertões achava com boas disposições tanto para a agricultura como para miseração, sendo as terras salubres, abundantes de mantimentos, águas e bons campos.

Fez o mesmo capitão duas roças de milho com seus monjolos, uma no ribeirão do Esmeril e outra no dos Pavões. Destruiu um grande quilombo de negros fugidos nos matos da Serra Negra, onde disse ter visto mostra de ouro.

Apanhou mais de 50 negros e, entre êles, muitos crioulos pagãos, os quais remeteu a seus senhores no arraial de Paracatú.

Nesse mesmo ano de 1773 se recolheu para Portugal o Exmo. Sr. Conde de Valadares e ficou suspenso o reconhecimento daquele sertão, aliás perigoso, não só pelos quilombos de negros fugidos, como pela má vizinhança dos gentios caiapós, que subindo das partes e capitania de Goiás, patrulhavam e defendiam aquelas terras, chegando a ofender e sobressaltar os ultimos moradores confinantes nas partes do Rio São Francisco."

Nota: "D. José Luiz de Menezes Abranches Castelo Branco foi nomeado governador de Minas a 16 de julho de 1768.
(Catálogo publicado no Arquivo Mineiro)

Logo que assumiu o govêrno, pôs este homem todo o seu cuidado e esfôrço em induzir as populações da capitania a continuarem a concorrer, por mais 10 anos, com subsidio voluntário destinado a reedificação de Lisboa, e com tal habilidade, indo em pessoa entender-se com a maior parte das Câmaras, que de tôdas alcançou o que desejava. Fêz em seguida uma guerra de extermínio às chusmas de vagabundos e facínoras que infestavam a capitania, e deu acertadas medidas no sentido de melhorar a administração e polícia dos arraiais, os vários serviços de natureza local, e principalmente a justiça e a ordem pública. (Rocha Pombo História do Brasil — tomo VI pág. 386).

".....pôs toda a capitania em socêgo, pelo terror que todos os maus tinham do zêlo e da constância com que procurava fazer executar as leis proferidas contra os delinqüentes. Os poderosos não oprimiam os pobres, os fracos; os mulatos e os negros respeitavam os brancos; os facínoras moderavam a sua inumanidade (Instruções pág. 482). Quando assumiu o govêrno era muito moço, era menor de 25 anos, mas observa o Dr. Teixeira Coelho "o seu talento e a sua prudência suprimiam a falta de idade". (Instruções para o govêrno da capitania de Minas Gerais pelo desembargador Dr. José João Teixeira Coelho, inserta na Revista do Arquivo Público Mineiro pág. 469)".

O Conde de Valadares era parente do Dr. Jorge Castelo Branco.

DOCUMENTOS

Inserimos neste capítulo documentos e comentários, colhidos alhures, os quais se não tem o cunho do ineditismo, representam contribuição valiosa à história de Dona Joaquina, referta de acontecimentos que envolvem a personalidade dessa singular figura de mulher, cuja memória, quanto mais se passam os tempos, tanto mais se aviva e se credencia à nossa exaltada admiração.

Os papéis velhos do Pompéu são quasi todos rotulados, ora pelo seu genro o Guarda Mor Joaquim Cordeiro Valadares, ora pelo seu filho o Capm. Joaquim Antônio de Oliveira Campos. Êsses rótulos algumas vêzes nos facilitam a leitura dos documentos, outras vêzes esclarecem mesmo o assunto dêles.

Está neste último caso o documento que segue, o qual, se não estivesse rotulado, prestava-se a interpretações, dava lugar à dúvida, embora muito legível. O documento traz o rótulo:

"Do Dor. Diogo Pereira, em ql. falla dos bois de Donativos".
Illma. Sra. D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco.

Minha Camarada, May e Snra.

Recebi a sua com que folguei pela certeza de sua saúde, que o Céo lha continue, conforme os meos desejos, pois sabe quaes elles são depois de confiar de sua amisade e virtude a minha familia, que me não sahe jámais da lembrança, e cuido que só verei para fins de Maio, ou princípios de junho, quando tenha de hir ao Rio de Janeiro, porque do contrario mais cedo nos veremos. Faça V. S. as vezes de May, e de Avó, e não hé muito que tendo tantos Filhos, e Netos acrescente meia duzia mais a aquelle numero.

O seu Francisco nada quer de Cirurgiaons: Leva os dois barris de vinho, o Xumbo sortido, Tabaco e freios, conforme a sua Ordem. Elle lhe dirá, q. faltaram 14 bois mortos, ou extraviados no Caminho, e q. alem dos 200 de S. A. R. fiz apartar 13, q. entreguei ao Ajude. Bento Joaquim e q. o Cunha não quiz comprar, desfazendo mto. nelles, como lhe dirá a seo escravo, bem como as pessoas, a qm. pertencem estas 13 cabeças. Fico de acordo a procurar Compradores, e a pedir ao D. Ajude. que entenda na mma. deligencia, pois a Fazda. R. não compra, por q. tem muito dos Certoens, e da Comca. do Rio das Mortes. Resta-me dizer-lhe q. em toda a parte heide executar as suas Ordens, e q. me recomde. a todos os seus Filhos, e particularmente. a Senra. D. Maria. Já tarda a Proposta do Sr. Felis, bom era q. se vá ter com o Capm. Mor para a fazer, porque S. Exa. quer lhe dar provas

de estimação, em q. a tem, tanto assim q. já remeteo a sua carta a Real Presença de Sua Alteza, abonando o seu Patriotismo: Tudo isto me satisfaz mto.

porq. sou
De V. S.
Attento Venro. e Cro. mto. Obro.

P. S. Os nossos amores
lhe envia saudades, e foi
agora para N. Senhora das
Dores encomendar-nos a Deos.
Diogo Pereira Ribro de Vasconc.
Villa Rica, 18 de Março de 1808.

Combinando-se o rótulo com o texto do documento, vê-se claramente que os 209 bois não foram objeto de venda, e sim de um presente que D. Joaquina fez a D. João VI — dizemos D. João VI, por ser êle a S.A.R. daquele tempo no Brasil. O documento, com outros, prova mais que D. Joaquina não era escrava de seu dinheiro: dêle se servia, com êle socorria o pobre e a Nação, e ainda fazia generosos presentes aos Reis.

Primeira Carta de Seg. negativa passada a D. Joaquina Bernarda da S. de Abreu Castelo Branco pelo Crime q. lhe resultou da Devassa de fugida de presos a q. se procedeo na V. de Pitangui, pr. tempo de hum anno.

Dom Pedro Alcantara Principe Rial do Reyno Unido de Portugal e do Brasil e Algarves Regente do Reyno do Brasil e nelle lugar Thenente de El Rey Meu Senhor e Pay Ect. A todos os meus Doutores Desembargadores Corregedores Provedores Ouvidores Julgadores Auditores Geral e Particular da Gente de Guerra Contadores Conservadores Juizes de Fóra Ordinarios e de Orphaons Ministros de Justiça Officiaes e Mais Pessôas della áqueles a cuem e perante quem o Conhecimento e Cumprimento desta primeira Carta de Seguro negativa pertencer e requerido lhes for por qualquer via modo ou maneira que seja. Aos sobreditos meus Ministros de Justiça supra. Faço-lhes saber que nesta Villa Real de Sabará Comarca do Rio das Velhas a meu Ouvidor e Corregedor José Antônio da Silva Maia enviou a dizer D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castello Branco e outro por huma petiçam por escripta da qual o seu theor he da maneira seguinte: "Dizem o Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos e sua May D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castello Branco moradores no Termo de Pitangui desta Comarca que elles tem noticia que pessoas suas inimigas aproveitando-se da ocazião de huma devaça a que se procedeo pela fugida dos presos que se achavão recolhidos na cadea da mesma Villa de Pitangui entrarão a fazer constar, que os suplicantes tinhão concorrido para a fugida dos ditos prezos, e porque por estas vozes vagas se atrevessem a jurar na dita devaça contra os suplicantes e serem estes pronunciados, e não desejão ser prezos por esta falsidade antes se querem mostrar livres: requerem por isso a Vossa Senhoria para que se digne mandar lhes passar sua primeira Carta de Seguro negativa por tempo de hum anno não só para o caso recontado, mas tao bem por outros quaisquer de que Vossa Senhoria os possa Livrar. Pedem a Vossa Senhoria se sirva mandar que destribuida esta e pagos os Novos Direitos se passe aos Suplicantes primeira Carta de Seguro negativo na forma que requerem". E receber a mercê segundo o que assim se continha e declarava em a dita petiçam

a qual sendo apresentada ao meu Ouvidor e sendo por elle vista lida e examinada a margem della dera o seu despacho do qual o seo Theor he da maneira seguinte: "Passe Cartas de Seguro negativas, pagos os Novos Direitos". Sabará sete de Junho de mil oitocentos e vinte e dois: "May".

Segundo o que assim se continha e declarava em o dito despacho depois do qual e no verso da dita petiçam se via o conhecimento em forma pelo qual fizera a Suplicante constar ter pago o correspondente novo direito do qual hera seu Theor da maneira seguinte. Numero oito. A folhas vinte verso do Livro de Receita e despesa dos Rendimentos publicos que serve nesta Intendencia como Thesoureiro o Coronel Antonio Gonçalves Gumide lhe ficão carregados tres mil reis que recebem do Capitão Joaquim Antonio de Oliveira Campos e sua May D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castello Branco de Novos Direitos de sua primeira Carta de Seguro negativa. E de como recebeo assigna aqui comigo Escrivão. Sabará sete de Junho de mil oitocentos e vinte e dois "Antônio Gonçalves Gumide. Antonio Gomes Baptista". Segundo o que assim se continha e declarava em o dito Conhecimento pelo que e por bem do despacho do meu Ouvidor e Corregedor se passou a presente primeira Carta de Seguro negativa a qual mando a todas as minhas Justiças ao principio declaradas a cumprão e guardem a fação muito inteiramente cumprir e guardar assim e da maneira que nella se contem e declara e em seu cumprimento a inteira observancia pela qual: Hey por bem de segurar a Suplicante D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castello Branco por tempo de hum anno pelo Crime que lhe resultou da Devaça a que se procedeo na Villa de Pitangui pela fugida dos prezos na forma relatada na sua petiçam que nesta vai incerta, e visto ter pago os novos Direitos durante o dito tempo não seja presa não só pelo dito Crime mas ainda por outros quaesquer que pelo meu Ouvidor custumo segurar apresentando-se porem com esta dentro dos dois nove dias perante as Justiças que seu Crime conhecer para lhe passar contra-mandado para não ser preza e depois fará citar a parte ou partes si houver para dizer se lhe quer ou não ser parte e vir com seu libello acuzatorio a primeira (aqui parece que falta a palavra audiencia) debaixo da pena de ser lançada e devolvida a acuzaçam pela Justiça, e será outro sim obrigada a assistir a todas as audiencias a que se falar ao feito do seu livramento alhe que o mesmo se ponha em prova debaixo da pena de lhe ser quebrada a Carta de Seguro e não uzará de armas offensivas e não levantará maons para pessoa alguma a pena de lhe ser quebrado o Seguro e não se poder valer da Graça que por este lhe confiro.

O Principe Real Regente do Reyno do Brazil que Deus guarde a mandou pelo Doutor José Antonio da Silva Maya Juiz de Fóra desta Villa Real e seu Termo e pela lei Ouvidor Geral e Corregedor desta Comarca do Rio das Velhas e nella Provedor dos bens e Fazendas dos defuntos e duzentas Capellas Resíduos Superintendente das terras e aguas mineraes Juiz dos Feitos e Agravos da Corôa e das Justificaçoens ultramarinas Provedor e de Orphaons e mais cargos anexos com alçada no Civel e no Crime — Dada e pessada nesta Villa Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará Comarca do Rio das Velhas. Sob o signal e Sello que perante elle serve que he Valha sem sello em-quanto aos Sete dias do Mez de junho (aqui uma palavra que não se entende) do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e vinte e dois. Eu José Manoel da Silva Escrivão da Ouvidra. Geral a subscrevi.

MANDADO

José Antonio da Silva Maya

O Capitão Miguel Gomes Duarte Vereador mais velho do Senado da Camara desta V. na forma da lei e pela mesma Juiz de Fóra e Orphaons Provedor de Auzentes Capellas e Resíduos com alssada no civil e no crime no impedimento do Ministro Trienal o Dor. João Chrisostomo Pinto da Fonseca. Ect.

Mando aos officiaes de Justiça que perante mim servem mandado de prisam contra D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco pela culpa que lhe resultou da devaça e fugida dos presos da Cadeia desta V. e não prendam por se ter apresentado com sua primeira Carta de Seguro vinda do Tribunal do Desembargo do Passo que assim cumprão.

V. de Pitangui 26 de Outubro de 1822, eu José Ferreira Rates Segundo Tabeliam que escrevi. (O documento está com a rubrica da autoridade acima).

Pelos documentos anteriores ficou provado que d. Joaquina era uma distinta, caridosa e sensata matrona e não, como corria, uma perversa. Vinhamos provando que era também d. Joaquina uma patriota e que estava sempre disposta a sacrificar os seus avultados bens em prol da terra de Santa Cruz.

Os documentos que seguem vêm corroborar mais as provas anteriores.

O documento abaixo, publicado em 27 de Janeiro de 1823, portanto, alguns meses depois da proclamação de independência pátria, prova que d. Joaquina prestou grandes e relevantes serviços a este importante cometimento, devendo seu nome figurar nas páginas fulgurantes da nossa história.

Illmo. Sr. Capm. Joaquim Antonio de Oliveira Campos.

Pelo Exmo. Senr. Marechal de Campo, 1. Commde. da imperial Guarda de Honra de ordem de S. M. O Imperador me foi incumbido convocar Cidadãos Benemeritos desta Commca. afim de se formar huma Compa. do dito. Corpo desligada de S. João d'El Rey, tendo somente obrigação o soldado da dita Imperial Guarda de Honra assestir no Rio de Janeiro ao sempre Memoravel Dia 12 de 8bro Anniverssario Natalicio e Acclamação de S.M.I.

E porque em V. S. concorre as circumstancias necessarias p.a exercer hum tão Honrado Posto, por isso o convido p.a assentar Praça, e com sua decizão levarei ao conhecimento do dito Senr.

Deos Guarde a V. S. pr. mtos. annos.
Sabará, 1 de Janeiro de 1827.

De V.S.

Amigo fixo obrigado.
Manoel Antonio Pacheco.

PROCLAMAÇÃO

Honrados companheiros d'Armas e briosos Soldados: a justiça da Causa afiança, previne, e de algum modo decide o seu vencimento: hum só momento de liberdade he muito mais apreciavel do que tres seculos de abjecta escravidão; as algemas estão quebradas; Pedro o Grande as desfez. Elle sustentará com dignidade só propria d'elle, a Independencia do Brasil. Elle pelas suas Virtudes Imperiaes, Civicas e Militares, será em todo o tempo, e em qual-

quer situação o Modelo, e Norma invariavel da nossa conducta, da conducta da familia Brasileira; eia, briosos Soldados, obedece-lo he imita-lo.

Porem resta ainda, Honrados Companheiros d'Armas e briosos Soldados, resta ainda dar-vos uma ideia exacta dos meos sentimentos, resta ainda comunicar-vos em parte o zelo e o patriotismo de que me acho animado; resta ainda assegurar-vos hum penhor de que serei constante companheiro nos vossos trabalhos, nos vossos perigos, e na vossa gloria, por tanto contai já de agora com meos bens ficando sempre salvo o vosso soldo; contai igualmente com os bens de D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, minha Mãe; por quem estou authorizado a fazer-vos este puro offerecimento; aceitai-o pois não como rasgo de generosidade, porem sim como um dever e demostração de fidelidade, honra e adhesão pela Salvação da Patria e pela defesa do Nosso Augusto Imperador; pois por táo claros e sagrados objectos uar voluntariamente os bens arriscar gostosamente a vida he no meo conceito pequeno sacrificio.

Em fim, Honrados Companheiros d'Armas e briosos Soldados, sois brasileiros, a Causa he justa; isto nos basta.

Villa de Pintaguy, 27 de Janeiro de 1823

Illma. Senra. D. Joaquina Bernarda da S. de Abreu Castelo Branco.

Para eu me saber desidir sôbre a sua ofertola de cem bois que os offereceo nas suas Fazendas do Piracatú para o secoro da Baia, levey a prezença dos Exos, Snrs. do Govêrno a sua própria carta que V. S. me faz. Acabo de receber o Officio dos mesmos Snrs. datado de 14 do corrente, no qual determinarão que levasse a sua prezença o justo louvor e agradicimento pela generosa offertola dos cem bois, e que para aquelle Distino Convencionou-se com V. S. a extração deste gado a milhor se despor e lugar para milhor ventage e permitir a despuzição deste para de cujo emporte serem remetidos aos coffres dezeguinados, da qual emportancia será emprenca, e subirá a Augusta prezença de S. M. Imperial, a seffazer publico nas Empresas e voltar a este Termo, do que esperamos de V. S. o bom egigo para este arango, e as determinasoins suas para o meo governo.

Desejo que V. S. seja asestida de feliz saude e que Deos a Guarde por muitos annos.

De V. S.
Sincero reverente Sobro. e Cro.
Antonio Alves de Araujo

Villa de Pitangui 26 de Agosto de 1823.
Illma. Srna D. Joaquina Bernarda da Sa. e Abreu.
Vila de Pitangui 31 de Agosto de 1823.

Minha Tia e Snra. Rci.a a de V. S. de 28 do corrente e vendo o seo contento, levo á prezença de V. S. a Carta para o Snr. Te. Iguacio de Oliveira Campos e conheço neste toda a prubidade para este mesmo Arango a quem S. S. lhe escreverá como May para milhores Arangos, que o meo animo he que V. S. fique bem a fiquar o seu nome eternizado para huma asão como esta daquella desgraçada Provincia, que neste Termo só se mostrou com animo generoso e Patriotismo para huma causa tão justa, e desejarey toda a brevidade deste Arango para se poder emprençar o nome de V. S. com respectiva offertola, para conhecimento do nosso Augusto Emperador e do Exmo. Governo, reconhecer o zelo e cuidado com que V. S. se prestou a ser reconhecida a gratidão, este he o meo assômo, esperando que V. S. botará todas as medidas preprecisas para este mesmo fim.

E lhe desejo felicidade e que Ds. Ge. por dilatados annos, aqui fico esperando ocasions de seos serviços que me mandará.

Como Seo Amte. Sincero Sobro. e Cro.
Antonio Alves de Araujo

Transcrevemos adiante uma proclamação do Capm. da 1.ª Companhia a.s seus soldados, quando a Baia, oprimida em 1823 pelas fôrças do General Madeira, estava sendo ensanguentada pela guerra civil, fatos êsses que mostravam não estar ainda bem firmada a Independência do Brasil, e que, podemos afirmar foram a origem da referida proclamação.

Esse documento, que não tem assinatura, está com êste rótulo textual: — Proclamação do Capm. da 1.ª Compa. E como nele está o fato a nosso ver, o mais importante da vida de D. Joaquina, sôbre o qual devemos falar, e falar de modo a torná-lo evidente, por isso vamos provar:

1.º Que o Capm. da 1.ª Companhia a que, por referência, o rótulo de documento aludido era o Capm. Joaquim Antônio de Oliveira Campos, filho da mesma D. Joaquina.

2.º Que êle era nomem tão conceituado, que foi convidado por D. Pedro 1.º para fazer parte de sua Guarda de Honra.

Eis a prova:

Illmo. Senhor Tente. Coronel.

Diz Joaqm. Anto. de Olivra. Campos Capm. da 1.ª Compa. do 3.º Regimento da comarca do Rio das Velhas de cujo Regimento de V. S. Comde. que lhe he perciso hir a seu negocio a Cumarca de Paracatú aonde li era perciso estar seis mezes e porque o não pode faser sem licença de V. S. ha motvo. porque

P. a VS haja de Si conceder a licença pedida no que

E.R.M.

Concedo a licença pedida
Junho 20 de Setembro de 1820.
Felipe José da Cunha.

Illmo. Senhor Coronel

Diz Joaqm. Anto. de Oliveira Campos Capm. da 1.ª Compa. do 3.º Regimento da fidelicima Comarca do Rio das Velhas de que he VS. Coronel Comde. que a elle emprestaram heça falça resistencia a Justiça pella passagem que fez nos vallos do S. Mor Ignco. qdo. por V. S. foi mandado marxar de baxo do Comando do Capm. da 1.ª linha José Pereira Mascarenhas Peçanha a hir desperear os Garimpeiros q. emvadiam os sertons do Indaiá e Abaeté e porque o supe. se haxa e comsiderace sem culpa quer ir a emperial Sidade de ouro Preto Requerer para Fallar a hum Concelho de guerra para nelle se mostrar livre de

tal emputasam e porque o não pode faser sem que V. S. lhe conceda licença Requer haja de Conceder por seu Respeitavel despaxo no que

E. R. M.

Concedo a licença q. pede.
Pitangui 9 de Janr. de 1824.
Cunha

O documento que transcrevemos abaixo é um ofício do então Presidente da Provincia de Minas, José Teixeira da Fonseca Vasconcellos, ao Capm. Joaquim Antônio de Oliveira Campos.

Illmo. Snr.

Sua Magestade o Imperador Houve por bem Authorizar-me em Portaria expedida pela Secretaria do Estado dos negocios da Guerra na data de 23 de Junho do preterito anno para convidar as Pessoas que nesta Provincia estiverem com a necessaria aptidão para serem alistados, e formarem o 3.º Esquadrão da Imperial Guarda de Honra. Nessas cercunstancias considerando-o não só revestido de patriotismo, mas habilitado para sustentar a dignidade propria de tão distincto Emprego, resolvi contempla-lo neste convite, communicando-lhe no Exemplar incluso o Decreto do 1.º de Dezembro de 1822 relativo á Organisação da mesma Imperial Guarda de Honra a fim de que inteirado de quanto se acha estabelecido, regulado, e composto a este respeito, tome a resolução, que lhe dictarem o Amor a Augusta Pessoa de Sua Magestade Imperial, e a adhesão á Sagrada Causa da Independencia, e do Imperio. Espero pois sua resposta para elevar a Imperial Presença a Relação das Pessôas que se offerecerem com declaração de suas posses, ou Estabelecimento á fim de que á vista delles o Imperador Faça expedir as suas Imperiaes Ordens.

Ouro Preto 21 de Abril de 1824.
José Teixeira da Fonseca Vasconcellos.
Senr. Capm. Joaquim Antônio de Oliveira.

Illmo. Sr.

Sua Magestade O Imperador Acaba de Ordenar-me Communique a V. Sa. Haver-lhe feito a Graça de Admitir a servir na Imperial Guarda de Honra do meu commando; eu me apresso portanto a assim cumprir, enviando a V. Sa. os meus Cordiais e Sinceros parabens, congratulando-me não menos com a ventura de ter ao meu lado tão digno Camarada.

Deos Guarde a V Sa. quartel General do Rio de Janeiro 11 de Novembro de 1827.

Senr Capm Joaquim Antônio de Campos.
José Manoel de Moraes

Resposta do Capm. Joaquim Antônio de Oliveira Campos ao Marechal José Manoel de Morais em que dá os motivos que o privam de aceitar o posto honroso de fazer parte da guarda de Honra de D. Pedro I.

Illmo. Exmo. Sr.

Tive a distincta honra de receber o officio de V. Exa. datado de 11 de Novembro de 1827 pelo qual V. Exa. me communica haver Sua Magestade o

Imperador Dignado-se Fazer-me a Graça de Admitir-me no serviço de Sua Imperial Guarda de Honra: este acto, por ser filho de Sua Alta Munificencia, faz cada vez mais, se he possivel, acender em mim o fogo do Amôr que nutro pa. com a Augusta Pessoa do m.mo Senhor: sim esta Graça he pa. mim assas lizongeira, pois que he precedida do bom conceito, que de mim formam essas pessoas probas, que com bóafé puseram na Augusta presença de Sua Magestade Imperial a minha edoneide. pa. tão alto Emprego: e na verdade se huma firme adhesão á sagrada Pessoa de Sua Magestade Imperial, e ao bem ser da Patria, se hum ardente desejo de me consagrar todo ao serviço destes dois objetos caros, são bastantes a tornar-me suficiente e digno desta Honra, eu ufano digo q. ninguem me excede em capacidade mas eu bem comheço que a suficiencia moral deve andar reunida á suficiencia fisica, q. em mim falta, e pr. isso com grande pezar meo não posso aceitar a destincta Honra emanada da Alta, e Imperial Munificiencia, e já não serão estranhas a V. Exa. as causas, q. me tornão inhabil pa. semelhante exercicio; pois que já pa. sommo. fim que convidado pelo Presidente, q. foi desta Provincia, e pr. Manoel Antonio Pacheco de Sabará de Ordem de V. Exa. e a ambos fiz ver a minha impossibilidade fizica pa. este Emprego precedida não só de molestia, q. padeço, mas tão bem de huma gôrdura de corpo tão fora do ordinario, que absolutam.te me impossibilita de poder prehencher dignamente o serviço Militar de 2.ª linha, em q. me acho no posto de Capm. o q. sendo necessario, farei certo pr. isso athé pertendo requerer a minha reforma; pois que se acontecer que o Regimento., ou Compa. de q. sou Capm. seja necessario Sair a huma expedição a não posso acompanhar pelos motivos expendidos, e pr. isso igualmente me he impossivel fazer viagens longas, e desempenhar o serviço activo que em certas occasiões pede hum seme. Empregado. Fica-me portanto grde. sentimto. de não poder aceitar, e gozar huma Graça honroso quto. ella demanda do bom conceito, e contemptação, q-mereci na Augusta Presença, de Sua Magestade Imperial, ficando tão bem altamte. penhorada a minha gratidão pa. com V. Exc. em me reputar digno de militar a seu lado. Deos Guarde V. Exa. muitos annos.

Pitangui 21 de Janeiro de 1828
Illmo. e Exmo. Senr. Marechal José Manoel de Moraes.
Joaquim Antonio de Oliveira Campos.

Provado, como ficou, não só que o Cm. da 1. Companhia era de fato o Capm. Joaquim Antônio de Oliveira Campos, filho de D. Joaquina, mas ainda que êle era homem conceituadíssimo, passamos à transcrição da já aludida proclamação, que nos obrigou a esta digressão longa, mas necessária para o fim que temos em vista.

"Honrados Companheiros d'armas, e briosos Soldados!

Depois de ler-vos, em cumprimento de Ordem superior, a sábia, enérgica, e justíssima Proclamação do Vosso Augusto Imperador, e Senhor Dom Pedro Primeiro, dirigida a todo seu Exército do Brasil, do qual nós também gosamos a honra de sermos uma parte integrante; depois de ler-vos, torno a dizer, esta justíssima Proclamação, esta importantíssima Lei Militar, em que se desenvolvem com evidência os motivos urgentíssimos que nos determina a defender a sagrada Causa, em que se acha empenhado o vasto Império do Brasil, esta causa em si mesma grande, justa e santa, de cujo vencimento estão pendentes, não menos, que a Liberdade da Pátria, a nossa liberdade, e segurança individual, e das nossas caras familias; a conservação

do direito de propriedade; o socêgo e prosperidade pública e particular; em uma palavra, a Independência, e Consideração Política do vasto Império do Brasil; objetos êstes tão relevantes e tão sagrados, que naturalmente exigem de nós voluntários sacrifícios não só dos bens e dos esforços, mas ainda os da própria vida; finalmente depois de ler-vos esta justíssima Proclamação, em que o nosso Augusto Imperador, o Senhor Dom Pedro Primeiro, afiança ao seu Exército do Brasil, e a todo Universo fazer o sacrifício maior dos sacrifícios, expondo pela Salvação da Pátria a Sua Sagrada, Inviolável, e Augusta Pessoa: exemplo de Magnânima heroicidade, raro nos Anais da História; de certo, Honrados Companheiros d'Armas, e briosos soldados, nada mais se faz necessário dizer-vos, se não esperarmos constantes o momento, em que voluntários intrépidos marchemos com cega obediência ao campo da glória a reivindicar nossos direitos naturais e civis, tão vilipendiados e atrozmente ultrajados pelo obstinado, machiavélico, injusto, e até tirânico Congresso de Lisboa, mostrando-nos decididamente ao mundo a coragem, o timbre, a fidelidade e a reputação militar das Armas Brasileiras".

Estamos descrevendo a vida de D. Joaquina, a fim de restabelecer a verdade sôbre os sentimentos de tão humanitária matrona.

Correm verdadeiros absurdos sôbre D. Joaquina, enxovalhando-lhe a memória e dando-a como uma mulher perversa, sem caridade e até mandante de assassinatos.

Estas versões transpuseram os limites de Pompéu e foram até à capital da República, onde um jornalista aproveitou-se delas para atacar o conselheiro Rui Barbosa, na campanha presidencial de 1910.

Para desfazer e opor um formal desmentido a êstes verdadeiros absurdos é que transcrevemos êstes documentos, que provam exuberantemente que D. Joaquina era uma mulher de bom coração, caridosa, humanitária e justa.

Se, como se diz, fôsse ela perversa e sangüinária, não havia de pedir um representante da lei, que, por certo, viria incomodá-la.

D. Joaquina era mulher dotada dos melhores sentimentos.

Os documentos que seguem provam que além de humanitária e protetora dos desprotegidos da sorte, era ela generosa para com o Estado e além disto patriota.

Illma. Sra. D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castello Branco.

Por aviso q. agora tive a honra de receber do Exmo. Sr. Genal., tenho de fazer remessa dos Donativos, q. moradores dêste Têrmo concorrerão com ânimo generoso para as reconhecidas precizoens do Estado, e como honde remetidos nos fins dêste mêz aos Cofres Reaes em Bazão de hirem na Não D. João de Castro q. hade partir do Pôrto do Rº pa. lá. athé fins do mez de Janro. próximo, portanto participo a Vm. pa. qe. haja de mandar a sua oferta q. são sento e cincoenta mil-reis q. generosamente prometeo para as referidas precizoens do mmo. Estado, e quem trouxer o dinheiro levará recibo meu (aqui umas palavras que não se entendem); o que mto. espero da sua honra e Zello pello Real Serviço.

Ds. Ge. a Vm. Pitanguy, 17 de Dezembro de 1804.

De Vmce.

Certo venro. e Compe. mt. affectuoso.

Francisco José da Silva Capanema.

Recebi da Illma. Sra. D. Joaquina Bernarda da S. de Abreu Castello Branco a importância de certo e cinqüenta mil réis. Da Contribuição voluntária q. offereceo a S. A. R. para as precizões do Estado em Conciqüência da Ordem Régia de 6 de abril de 1804; a saber de cento e hum escravos q. declarou possuir sessenta mil e seiscentos rs. e de Donativo de sua destincta pessoa oitenta e nove mil e quatrocentos rs. q. ambas as parcellas somão a referida quantia de 150$000, q. ficão lançados em hum L. Rubricado plo. Conselheiro do Consselho ultramarino José Carvalho de Andrade a f. com a competente declaração do Escr. Deputado da Junta da Real Fazenda. Assim mais recebe na m. forma assima dos seos fos. cazados e aggregados cincoenta mil e oitocentos q. igualmente ficão lançados m. L. fl. emfirma do que mandei passar o presente que assignei. Vila de Pitanguy a primeiro de Janeiro de 1805.

S. do 200$800 Domingos Glz. Pera.

Comandte.

Illmo. Revmo. Theodoro Soares de Faria.

Tenho de mandar dizer cem mil réis de miças por alma de minha cunhada D. Margarida (+) que foi religiosa em um dos conventos em Lisboa, querendo vmce. dizer estas missas pode lhe dar princípio e acabadas ellas a esmola está prompta, e disto mesmo quero resposta para me saber determinar. O Padre Francisco de Assis me prometteo vir dizer me as Missas de Páscoa, e por isso não avisei a Vmce., porém lhe rogo saiba do dito se vem ou não, por q. a não vir êle quero venha Vmc. e assim espero o fassa. Estimo a sua saúde e permita-me as suas ordens porque sou

De Vmce.

Atta. Vnra. e Obrma. serva.

Pompeu, de Março — 3 de 1822

Joaquina Bernarda da Sa. de Abreu Castello Branco.

Illmo. Sr. Capm. Joaquim Antonio de Oliveira Campos.

Pitangui a 10 de Dezembro de 1827

Estamos com a obra da Sra. da Penha sem ter vintem, e as madeiras com os preparos querem ser pagos, não falando ainda nos carapinas, e como Vmce. me prometeo que antes da sua viagem havia de dar o dinro. do Legado deixado pela defunta Snra. D. sua Mai, rogo a Vmce. queira fazer o mce. dar o dito dinheiro pa. podermos continuar com a dita obra, e pagar a qm. se deve, e a Sra. de Penha lhe dará o pago.

Desejo q. Vmce. fizesse a sua viagem com saúde e que achasse a sua casa em paz.

Eu aqui fico a sua ordem como amo. mto. seu venro e cro.

Pedro Nolasco Cordeiro

Ao amostrador desta q. he o sr. José Coelho de Menezes, dará o sr. Agostinho Gomes da Costa cem bois nas mas. Fazdas. q. tenho na Ribeira do Rio Preto, os quaes os dou de esmola pa. a Capella da Snra. S. Anna da Catinga, os quaes vão a presso de dois mil reis, preço taxado no Paiz, emportam em duzentos milrs., e por firmeza de tudo mandei passar o pres. por mim somte. assignado.

Fazda. do Pompéu 26 de Agosto de 1806

Joaquina Bernarda da Sa. de Abreu Castello Branco.

NOTA: — O documento está com o recibo dos cem bois no seu verso.

Illma. Snra. D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castello Branco.

Tendo ordem do Illmo. Diretor Provedor desta Comca. pa. fazer notificar todos os zeladores de Capellas pa. na presente Correição virem dar conta de suas administraçons: Mas devo ter com V. S. toda atenção fazendo-lhe pr. este meio aviso de que deve mandar o seu Lo. com as contas dos annos antecendentes e deste pa. desta sorte cumprir a ordem de meo Ministro.

Ds. Ge. a V. S. por muitos e felicitados annos.

Pitangui, 24 de 8bro. de 1807

De V. S. Mto. alto. Vor.
Francisco de Paula Lopes

Illmo. Snr. Camp. Antonio Alves de Araujo.

Meu Snr. a esta sua casa veio o Snr. Antonio Joaqm. Glz. de Sza., na pertenção que anda de pedir pellos ficis pa. assim poder tomar ordens como pertende, e porq. nesta occazião não me acho com dinheiro pa. lhe concorrer com a ma. esmola, vou por esta rogar-lhe me queira dar ao do. Snr., quatro oitavas, que he na ocasião o que posso dar, querendo vmce. me fazer esse obsequio, e não mando dar na ma. comição, porque tenho de dar ao Capm. Franc. Xer. Rabello hum dinheiro de huma festa, que por ordem minha me fez o obsequio fazer, e por isso he que lhe dou este emfado, ficando vmce. serto, q. logo que se der esse dinheiro ao do Capm. Xer., mando ordem a José Ribeiro pa. Saptisfazer a vmce. as quatro Svas q. por mim der a este Snr. portador desta, e por este favor lhe serei mais obra. e promta tambem para o que lhe puder prestar porq. sou de Vmce. a mais respeitosa serva e cra.

Pompéu de 7bro 24 de 1811

Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castello Branco.

Meu Compe. e Senr. de todo o meu respeito, de mim se vale João Ribeiro da Costa, pa. pedir a vmce. pa. o apatrocinar na dependencia q. o do. tem com João Fialho do Rego. Rogo a Vmce. fassa pello do. o que faria por mim, que tudo lhe agradecerei, e prompta a satisfazer o que elle gastar, vmce. bem saberá q. João Fialho, como lhe conhecem o genio por ser na verdade um miseravel podia com elle, queira pôr os olhos nisso q. tambem faz algum serviço a Ds., eu nisso não enteresso nada, só sim acodir a esse miseravel q. se acha fóra das leis, sem ter quem o valha, e como se vale de mim, desejo o acodir, e porisso lhe sou nesta occasião emportuna. Esta semana não lhe mando peixe por ser tarde para mandar no Xôro, o que farei pela semana que vem sem falencia, heide estimar que vmce. e a Snra. Com. e meninos, lhe asistão com saude e felicidades, e pa. destribuir as suas ordens serei sempre prompta, por ser de Vmce.

Com e mto. respeitadora e obra
Joaquina Bernarda da Sa.

Pompéu, 12 de junho de 1804

PROCURAÇÃO

Dou meos poderes, e constituo em tudo meos bastantes Procuradores aos Snrs. D.D. Manoel Ferreira da Silva, João Evangelista de Faria Lobato, pa. em meu nome réquererem e protestarem em Camara tudo q. for a bem

de se decidir, q. muito convem a pas e sucego deste tereno, conservação dos bens e boa administração da Justiça, approveitar-se a graça do Nosso Principe e Senhor, e mesmo pedir-lhe q. nos conceda bom Juiz de Fora para se evitarem os grandes barulhos dessensoens sobronos injustiças q. nascem de não haver Juiz Letrado.

E poderão os ditos Senhores meos procuradores requerer protestar aggravar appellar jurar em ma. alma ql. qr. licito juramento de caluminia (aqui uma palavra que não se entende) e suppletorio, e fazer tudo qto. for a este fim necessario e q. puder, para isso lhe concedo que poderão substabecer. Pompéu 1 de Fevereiro de 1805.

Pa. o que esta mandei fazer, que assigno.
Joaquina Bernarda da Sa. de Abreu Castel Branco.

Precisa D. Joaquina de absoluta liberdade de ação. Ela não queria ser uma mera feitora, sujeita às ordens do seu marido, que lá estava curtindo a paralisia, no fundo da cama.

Queria alargar o âmbito dos negócios.

E, para poder agir livremente, firmou, com o marido, êsse contrato original: comprou-lhe a meação!

Comprou do capitão Ignácio a parte que êste possuía nos bens do casal. E isso, sem o menor constrangimento da parte do marido.

Foi tudo na melhor harmonia. Passaram a escritura pelo preço de vinte contos, novecentos e oitenta e nove mil réis, que Dona Joaquina ficou devendo. A compradora ficou ainda responsável pelo pagamento da dívida para com Manoel Gomes da Cruz, originária da compra do Pompéu.

Pois, em pouco tempo Dona Joaquina saldou tudo. Pagou até o último vintém. E ficou senhora absoluta de tôdas aquelas terras, daqueles enormes rebanhos e inúmeros escravos. E continuou a tratar do Capitão Inácio com o mesmo carinho, até 1804, quando teve fim a paralisia, com a morte. Eis um trecho da escritura de Compra e venda:

"E assim mais possuimos no Termo da Villa de Pitanguy os bens seguintes: quatro fazendas de criar gado que havemos por compra de Manoel Gomes Cruz intitulada Santa Rosa, Matto Grosso, Pompéu e Passagem com seus retiros e apartamentos que se demarcam desde a Barra do Rio de Peixe correndo asima á Barra das Areas e por este asima athé á Barra do Reacho fundo, e desta correndo por linha reta ao lado da Serra de Duna, e desta pela divisão das agoas à cabeceira do Rio Preto, e por esta abaixo athé a altura do corral do Bom Jardim; e dahi buscando a esta correndo a passagem do Rio Pardo que vae para o Junco donde tem huma Ponte, e desta decendo pello Rio Pardo athé á Paraupeba, e desta descendo a Barra chamada o Diamante donde faz Barra no S. Francisco; e dali correndo por esta asima athé á Barra do referido Rio do Peixe. Temos nas ditas fazendas trez mil cabeças de gado de todo porte que a preço de treze milrs. cada cabeça humas pellas outras emporta em nove contos, asim mais quarenta cavallos que a presso de dez milrs. emportam em quatrocentos milrs. quarenta cabeças de egoas com seus Pais que a preço de cinco milrs. emportão em dusentos mil rs. Bestas muares dezaceis que a presso de vinte mil emportão em tresentos e vinte milrs. Escravos oitenta e tres (omettimos os nomes) que todos estimamos em oito contos, e setecentos milrs. E asim mais huma engenhoca nova em trinta milrs.

E asim mais cobres em dosentos milrs. E asim mais hum moinho com os seus pertences em quarenta milrs.

E assim mais sellas, ferramentas, carros, freios que estimamos em sessenta e oito milrs.

E asim mais traste de casa e roupas de uso e mais moveis de prata e oiro dosentos milrs. E asim mais humas casas arruinadas da Corte da Villa de Pitanguy que partem por hum lado com Joaquim Ferreira, por outra parte com a crioula Eusebia, em vinte milrs. Cujos bens todos emportão quarenta e hum contos nove centos e setenta e oito mil reis, de que me vem a tocar á minha massão vinte contos nove centos e oitenta e nove milrs.; e de todos os bens asima que a minha meassão tocão fasso venda de hoje para todo sempre á minha dita Molher a quem sedo e trespasso desde agora toda a posse e dominio que nelles tenho ou ter possa para que fique-a possuindo-os em solidum pella referida quantia de 20 contos nove centos e oitenta e nove milrs. por me achar emfermo e incapaz de eu os administrar e para que fique a mesma tendo em solidum os lucros de todos elles, cuja venda lhe fasso de minha livre vontade e para maior reputação e aumento, e segurança de meus filhos com a condição porem que não será oubrigada a pagar e não correrão os pagamentos desta compra em quanto não liquidar a mesma compradora os pagamentos que se restão a Manoel Gomes Cruz feitas as contas na forma da Escritura, e parcellas recebidas a conta destas fazendas do Pompéo que serão seis ou sete mil cruzados ou o que for e constar verdadeiramente, e feitos os ditos pagamentos que se abaterão em parte na minha conta a quantia e compito respectivo terá a dita compradora douos annos livres".

Os carros e as tropas de Dona Joaquina faziam viagens até a Côrte, transportando cargas.

Certa vez, a Câmara de Queluz pôs obstáculos ao trânsito mandando fechar o caminho que êles trilhavam. Pois, até o presidente da Província se moveu, em favor de Dona Joaquina. Choveram os ofícios, para lá e para cá e, dentro em pouco o caminho estava, de novo, desembaraçado.

Quando havia falta de carne no Rio, lá vinha um ofício de Vila-Rica para Dona Joaquina, solicitando a remessa de seus gados, para abastecimento da Côrte. Dona Joaquina era sempre a primeira lembrada, nessas ocasiões. Era sempre a ela que recorria o govêrno de Vila-Rica. Também, os seus pastos, por êsse tempo, abrigavam, no mínimo, umas quinze mil rêzes.

Dona Joaquina era, em suma, uma mulher brava. Uma mulher enérgica, forte, varonil.

Muita gente, por isso, a toma por perversa.

Confundem muitos a bravura com a maldade. Ela não foi má. Tinha um grande coração. Fazia muitas esmolas. Não gostava de crueldades. Provou a aventura a que se arriscou, dando fuga a uns presos que estavam sendo maltratados pela escolta. Isso lhe valeu um processo. Mas, obteve sempre salvo-conduto, no Desembargo do Paço, e por isso, nunca chegou a ser presa, por êsse motivo.

Era Dona Joaquina, sobretudo, de uma têmpera de ferro.

Trabalhou muito. Prosperou sempre.

Sua fortuna multiplicou-se, com a administração que lhe deu. Os bens que deixou valeriam hoje, seguramente, sessenta mil contos.

E adquiriu, pelo seu valor, um extraordinário prestigio. Figurões daquele tempo apadrinhavam-se com ela, quando tinham pretensões junto às autoridades. A sua influência se fazia sentir nas altas camadas da pública administração.

Os seus pedidos eram ordens, imediatamente cumpridas.

E, finda a sua missão, ela legou aos seus descendentes e à sua terra um nome aureolado de triunfos.

É por isso que a sua memória não morrerá.

Em Pitangui, a todo o tempo, todo o mundo há de ficar conhecendo, pela tradição, essa mulher formidável.

Todo o mundo há de ouvir pronunciar o seu nome, há de respeitar a sua memória e há de querer bem à Dona Joaquina do Pompéu...

FAZENDA DO POMPÉU — Suas divisas e valos.

(Dos autos do inventário de Dona Joaquina — Cartório do 2.º ofício de Pitangui).

Principiando onde faz barra o Salobro com o Rio Pará pello dito Salobro assima até a sua cabeceira que aponta do Norte em Rumo aponta do Morro que verte para o Mucambinho pella fralda da Serra adiante até a fralda da Jabuticaba seguindo pella mesma serra adiante até o fundo do saco da Anta onde feicha a serra no Pedro Moreira e pello dito Pedro Moreira assima até a barra de uma grota que divide o saco dos porcos com o Pompéo chamado o Olho dagua e subindo por esta serra assima até a sua cabiceira cortando em rumo direito a procurar o córrego da Buccaina digo rumo direito ao Mato da buccaina cujo mato confronta com o dito olho dagua seguindo pelo dito grotão abaixo até o corrego da buccaina que faz barra no dito corrego da buccaina por baixo de uma vargem de Campo que fica dentro do mesmo Mato e cortando em rumo direito aponta da serra da buccaina ficando pertencendo todos os matos que vertem da serra para o dito corrego da buccaina a fazenda das Trez Barras e da ponta da serra da buccaina por uma grota abaixo até o Buriti das cabaceiras e por este abaixo até a sua barra no Buriti do Atoleiro e daqui cortando rumo direito ao Sul a barra do corrego do Palmital no corrego do Marruaz e pello dito corrego abaixo até a barra da Pontinha e pello dito abaixo até o Pará e por este abaixo até a barra do salobro onde se principiou esta divisa com declaração que todas as matas que vertem para o corrego do Pari da barra da Pontinha para abaixo até o dito rio Pará ficam pertencendo a fazenda do Paulista e ainda mesmo aqueles que estiveram unidos aonde este corrego faz barra no rio do dito Pará e da barra da Pontinha por ela assima de huma e de outra parte ficam pertencendo a esta dita fazenda do Pompeo assima mais o Capão do Carneiro Branco pertence a sobredita fazenda do Pompéo.

Acharão os ditos louvados dentro destas divizas haverem terras de cultura em Matas Virgens trezentos e vinte alqueres de planta de milho que sendo por eles vistas e examinadas acharão valer a razão de oito mil reis cada um alqueire a quantia de dois contos, quinhentos e setenta mil reis — 2:570$000. Acharão mais, os ditos louvados haver em Capoeiras na mesma fazenda trezentos alqueres de planta que sendo por eles vistos e examinados acharão valer a razão de seis mil reis cada um alqueire a quantia de um conto e oito centos mil reis — 1:800$000.

Acharão mais os sobreditos louvados haverem os campos desta mencionada fazenda cinco mil e seis centos alqueires que sendo por eles vistos e

examinados acharão valer a razão de mil e duzentos reis cada um alqueire a quantia de seis contos setecentos e vinte mil reis 6:720$000, que todas estas parcellas assima juntas pertencentes a esta fazenda fazem a total soma de onze contos e oitenta mil reis que se sai fóra — 11:080$000.

BEMFEITORIAS PERTENCENTES À DITA FAZENDA ASSIMA

Uma morada de caza de sobrado, engenho de cana, Paiol, currais, Senzalas, dois muinhos, quatro monjolos, Regos de agua, engenho de serra descobertado, uma caza velha de sobrado, uma horta sercada de muros, sercas de arueiras rachadas, trez pastos feichados, uns vallos que sercam as capoeiras do Pari, Ranchos de bezerros, sevas de porco, Arvores de espinhos, jabuticabeiras, Marmeleiros, varios pez de café, tudo avaliado depois de visto e examinado pelos ditos louvados na quantia de trez contos e duzentos mil reis com que se sai fora — 3:200$000

Pelos autos do inventário vimos que ainda pertenciam à Dona Joaquina mais as seguintes fazendas: Fazenda das Três Barras — valor: 12:200$000
Fazenda do Pary — valor: 11:140$000
Fazenda da Água Doce — valor: 13:720$000
Fazenda do Chôro — valor: 13:500$000
Fazenda do Quatí — valor: 17:820$000
Fazenda do Mato Grosso — valor: 14:450$000
Em Paracatú
Possuia D. Joaquina:
Fazenda Cotovêlo — valor: 3:200$000
Fazenda da Barra — valor: 2:600$000
Fazenda da Novilha Brava — valor: 2:000$000
Fazenda do Gado Bravo — valor: 2:800$000.

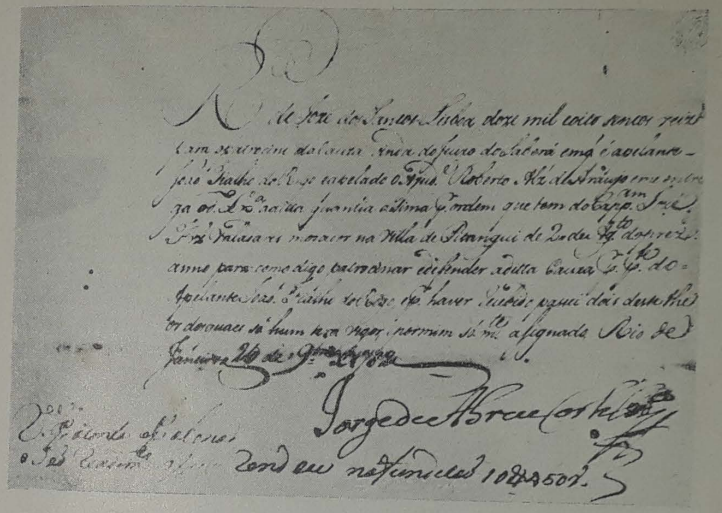
Resumo de uma escritura datada de 1756, relativa à compra de diversas fazendas por Dona Joaquina do Pompéu a Manoel Gomes da Cruz.

Manoel Gomes Cruz comprou as fazendas: Pompéu, Diamante, Mato Grosso, Santa Rosa, Chôro, Três Barras, Passagem a Estevão Gonçalves Fraga, a 1.º de agôsto de 1756, por 50.000 cruzados (Cr$ 20.000,00) com 43 escravos, gado cavalar e éguas, entrando nesta compra as fazendas da Coleta, Bom Jardim e uma outra cujo nome está ilegível. — É o que diz a escritura.

Estevão Gonçalves Fraga houve as referidas fazendas por compra a seu tio João Gonçalves Fraga e as vendeu a Manoel Gomes Cruz por 50.000 cruzados (Cr$ 20.000,00) em pagamentos mensais de 3.000 cruzados até completar a importância total.

CÓPIA DO DOCUMENTO SEGUINTE

R.º de Jozé dos Santos Lisboa, doze mil e oito sentos reiz para o patrocino da Cauza vinda do Juizo do Sabará em q' é apelante João Fialho do Rego e apelado o Adjude. Roberto Alz, de Araujo e me entrega od.º Lxa. aditta quantia assima pr. ordem que tem do Cappm. Jozé Prz' Valadares morador na Villa de Pitangui de 2 de Agto. dopreze. anno para como digo patrocinar



Recibo passado pelo próprio punho do Dr. Jorge Castelo Branco, pai de D. Joaquina do Pompéu

edefender aditta Cauza pr. pte. do Apelante João Fialho do Rego, epr. haver recebido passei dois deste theor dos quaes só hum tera vigor, epormim só mte. asignado, Rio de Janeiro 26 de 9bro. de 1782.

Jorge de Abreu Castelo Brco.

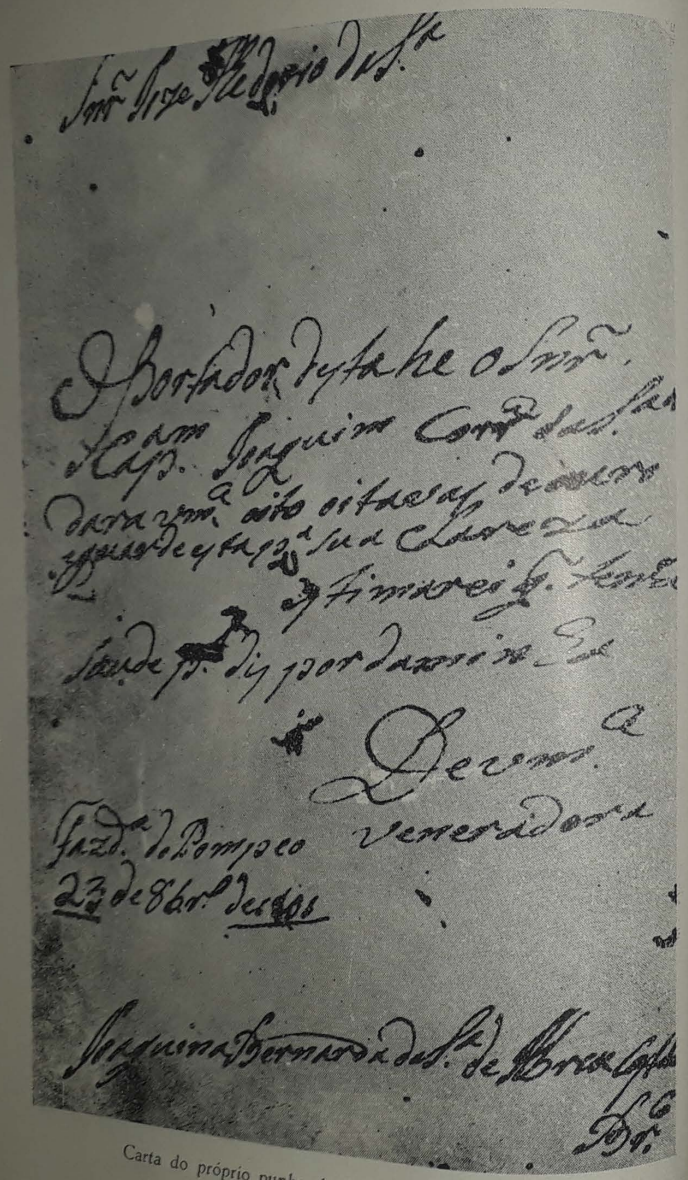
r.º pa. aconta epa.abono
o Seo rendimto. — 9 rendeu nafundição 1$450 r.

CÓPIA DO DOCUMENTO SEGUINTE

Sñr. Jozé Thedorio da Sa.

O portador desta he o Sñr. Capam. Joaquim Corra. daSa. dara vmce. oito oitavas de ouro eguarde esta pa. sua cLareza estimarei q. tenha Saude pa. dis por daminha.

De vmce. veneradora
Fazda. do Pompéo
23 de 8bro.º de 1801.
Joaquina Bernarda daSa. de Abreu Castelo Brco.

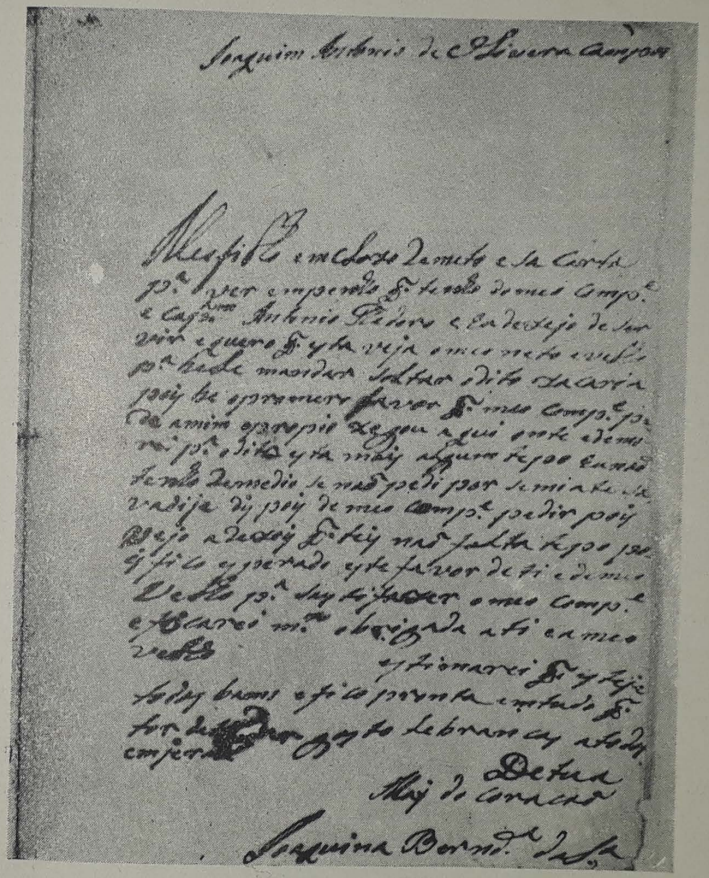


Carta do próprio punho de D. Joaquina do Pompéu

CÓPIA DO DOCUMENTO ABAIXO

Joaquim Antonio de Oliveira Campos

Meo filho em cLozo remeto esa Carta pa. ver empenho q. tenho do meo compe. e Capam. Antonio Thedoro e Eu dezejo de ser vir e quero q. esta veja o meo neto e velho pa. heLe mandar soLtar o dito Zacaria pois he



Carta do próprio punho de D. Joaquina do Pompéu

o promero favor q. meo compe. pede amim opropio xegou aqui onte e demorei pa. o dito esta mais algum tepo Eu náo tenho remedio se náo pedi por se mi

ate savadja dis pois de meo compe. pedir pois vejo a rezois q. teis não falta tepo pois fico es perado este favor de ti e demeo Velho pa. sas tifazero meo compe. e ficarei mto. obrigada a ti e a meo velho estimarei q. esteje todos bems e fico pronta emtudo q. for deti dar gusto Lebracas atodos em jeraL.

De tua
May do coração
Joaquina Bernda. daSa.

Devo que pagarei ao Sr. Camp. Pio Pinto de Serqra. e seus Irmaons, e cunhados a qtia. de duzentos e dez mil rs. procedidos dos qe. lhes coube em quinhão na fazda. do Curral pr. falecimento. de nossa bisavo D. Gertrudes de Campos e q. tudo prezentemte. se acha deteriorado, e pr. isso nos ajustamos pl. sobre do. preço de 240$000 rs. cuja qtia. pagarei ao sen Procurador Sr. Mel. Roiz Pera. ou a qm. este me mostrar da factura deste a tres annos em tres pagamentos iguais pa. cuja satisfação obrigo todos os meus bens havidos, e pr. haver, principalmte. as mmas. terras the sua ultima, e real satisfação pr. verde. passo este pr. mim feito, e assignado| Va. de Pitangui - de Junho de 1918.

Joaqm. Cordro. Valladares.

São 240$000.

Digo eu José Cordeiro de Negreiro Lobato pr. mim e como bastante Procurador de ma. Mulher. D. Julia Umbelina de Negreiro Macedo qe. entre os mais bens qe. possohimos, he bem assim nove mil trezentos e trinta e treis reis que me coube em parte das cazas qe. forão do falecido capm. José Frz. Valladares meu Avô, de qm. as erdei, cuja parte temos vendido ao Illmo. Sor. G. Joaquim Cordeiro Valladares pelo preço qe. me coube em Partilha ficando elle comprador obro. a respectiva Ciza: e desde hoje em diante cedo e trasposso todo o meu jus, e dominio, qe. tinhamos na ditta Caza ao mesmo comprador, de quem recebemos o mencionado preço assima: e para seu Titulo passo o prezente por mim feito e assignado.

Pompéo 26 de Junho de 1832
José Cordeiro de Negreiro Lobato
Como Procurador de ma. mer. D. Julia Umbelina de Negro Macedo.

Carta do Dr. Sebastião de Campos Cordeiro Valadares.
Illmo. Sr. Amancio José de Menezes

Pompéo, 18-8-186[illegible]

Estimo qe. tenha tido boa saude.

Peço-lhe pa. cobrar de meo Cunhado Joaqm. 1208000 cujo credo. lhe será entregue pr. meo Sobro. Jm. Anto. de Campos, este mmo. lhe entregará outro do Sr. Anto. Alves Ximango passado a ma. Cunhada Domitila, esta me entregou a cobrança e eu pr. morar longe lhe peço pa. faze-la pagando-se-lhe o seo trabalho na razão de 10 pr. centro.

Não se esqueça de encomendar meo cavo. lazão ferro 43 e 2 bestas novas, na meiapinhã e outra vermelha.

Disponha de qm. he com estima

Seo Ao. e Vo. Crdo.
S. de Campos Cordeiro Valadres.

CRÉDITO ASSINADO POR D. JOAQUINA

Devo que pagarei ao Sñr. Manoel Cordeiro a quantia de cem oitavas de ouro procedidas de Um Escravo por nome Manoel mistiço, que lhe comprei a meo contento tanto em preço como em vontade, sem embargo de ter o vicio de fujão e se achar ao afazer deste em o anno corrente no qual o recebi, cuja quantia pagarei a elle ditto, ou aquem este me mostrar da factura deste a num anno sem a isso por duvida alguma para clareza Escrevi este que a meo Rogo escreveo o Padre João Pereira Guimaraens e eu o assignei em prezença das testemunhas abaixo assignadas.

Villa de Pitangui a 6 de Setembro de 1792
Joaquina Bernarda da Sa. de Abreu Castello Brco.

Como testemunha, que este fiz a Rogo da sobreditta
O Pe. João Pera. Guime.

Fui presente Jozé Frz. Valladares
Fui presente Caetano Jozé Alz. Ruds.

Rec. da Sna. D. Joaquina da Sa. de Abreu Castelo Branco vinte e hua oitava e quatro e sete sentos de ouro a saber sete oitavas e hum tustão pa. meu mano Sebastião e outra sete e hum tusião pa. meu mano José e outra sete e hum tustão para eu dos resto das cazas e pa. sua clareza lhe paso este.

Vila de Pitangui 22 de 8bro. de 1797
Mel. Cordro.

Diz D. Rita Ma. de S. José Cordeiro qe. ella precisa pr. certidam o theor do Pagamento feito a Suppe. como herdeira no Inventro. do findo, seu Irmão Capm. Sebastião Jozé Cordro. e em testamto. que bens se separarão pa. as custas, assim como o imps. das que se não separou bens pa. estas e o theor da Semça. que fulgou as ditas Partes.

P. a V. S. se sirva mdar. passar a da. Certim. em Frm. que faça fé.
E. R. M.

E. R. M. — Como vai deferido retro. Morais — Eufrazia de Oliva. Campos — Anna de Oliva. Campos Cordo.

Dizemos nós Joaqm. Cordo. Valladares, e D. Antonia de Oliva. Campos qe. possuimos nesta fazda. do Pompéo em terras de cultura, e campos quatro contos quinhentos, trinta e oito mil, quinhentos e oitenta e nove reis 4:538$589 pr. herança, permutação e compra; e D. Anna de Oliva. Campos Cordo. possue pr. parte de sua meação no Inventro. do seu cazal metade no vallor de mil e setecentas braças de vallo, e hum curral de varoens d'aroeira, e rancho no retiro dos Machados na fazda. do Paulista ou Pari, e huma morada de cazas na Va. de Pitangui na Rua qe. vai da Matriz pa. a Capella do Rozario; todos estes bens pr. suas avaliaçoens no do. Inventro. emportão em setecentos e oitenta e tres mil rs. 7838000 cuja qtia. permutamos pr. outra igual nesta fazda. tambem pr. sua avaliação, ficando pertencendo à nossa filha da. D. Anna a da. quantia de 7838000 rs. assima, e a da. metade no vallor das mencionadas vallas. curral, e rancho, e a da. morada de casa, na Va., pr. isso cedemos a cada um de nós o direito qe. tinhamos no qe. possuimos, e pr. qe. a da. D. Anna he nossa fa., e se diz qe. a Lei prohibe, qe. façamos permutação que desigual seja, pr. isso declaramos qe. os valores dos bens per-

mutados são iguaes, vtos. qe. são pr. suas avaliaçoens nos respectivos Inventros., pr. tanto nem nós, nem nossos herdos. poderemos nos chamar lezados nesta permutação, qe. fazemos de nossas livres vontades, e sem constrangimto. algum, e pr. clareza passamos dous titulos deste mmo. theor, escritos pelo pro. assima nomeado, e assignados pr. nós tres permutantes preztes. as testemunhas abaixo assignadas. 1

Pompéo 27 Março de 1841

Joaqm. Cordo. Valladares
Antonia de Oliva. Campos Cordo.
Anna de Oliva. Campos Cordo.

Fui preste. José de Campos Cordo. Valades.
Como Tt. Anto. Garcia Cordo. Valladares
Francisco Silvestre Ribeiro
Antonia de Campos Cordeiro Valladares.

Diz o Camp. Joaquim Antonio de Oliveira Campos, q. elle antes da extinção das Milicias, como Official dellas, sempre costumava andar pr. toda a parte com pistollas, e espingarda, e juntante o seu Pagem, mmo. fóra de serviço, sem qe. em ocazião alguma abusasse dellas; e pr. qe. he homem q. possue numerosa Escravatura, entre a qual lhe he forçoso andar, bem como fazer frequentes viagens, em qe. certamte. se anda arriscado, sendo lhe pr. isso necessario andar armado, pa. se poder defender de qualquer ataque, qe. se lhe pertende fazer; e como pa. isso precisa de licença requer a Va. S. digne conceder lha, pa. poder e seu Pagem trazer pistollas, *faca*, e espingardas, e espadas.

Page o novo Dirto. se passe A. de Licença Pitangui 18 de Janro. de 1832.

Maciel

O Reverendo Vigario Miguel Dias Maciel Juiz de Paz do Distrito da Freguezia desta Va. em alçada do Civel e Crime na forma da ley.

Concedo a Licença pedida ao Supe. Camp. Joaquim Antonio de Oliva. pa. o uso de armas conforme o requer no seo requerimento retro que será observado em conformide. da Ley e assim o cumpra. Villa de Pitangui 18 de Janro. de 1832 eu Frco. Soares Branco. Escrivam do Juizo de Paz que escrivy.

Maciel

Declaro que E o Capm. Joaqm. Antonio de Oliva. Campos eu Escrivam o declarei. Franco. Soares Branco.

PROCURAÇÃO

Traslado da Procuração bastante da Guarda Mor Joaquim Cordeiro Valadares.

Procuração bastante que fazem Dona Rita Maria de Sam José Cordeiro, o Alferes João Cordeiro Valladares e o Guarda Mor Joapim Cordeiro Valadares, Viuva e Erdeiros e Testamenteiro do Capitam José Fernandes Valadares. Lasto numero trinta e Cinco a folhas vinte e quatro verso.

Saibam quantos este Publico Instrumento pader alias com puderes e Procuração bastante em Como em Direito milhor nome e Lugar haja virem que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito Cen-

tos e nove annos, aos Cinco dias do mes de Maio do dito anno nesta Villa de Nossa Senhora da Piedade de Pitangui da Fidelissima Comarca do Rio das Velhas em Cazas de morada de Dona Rita Maria de Sam José Cordeiro Viuva que ficou do falecido Capitam Jozé Fernandes Valladares aonde eu Tabelião ao diante nomeado fui vindo e sendo ahy prezente a dita Dona Rita Maria de Sam José Cordeiro, o Alferes João Cordeiro Valladares, e o Guarda Mor Joaquim Cordeiro Valladares filhos e Erdeiros e Testamenteiro do dito Capitam Jozé Fernandes Valladares moradores nesta Villa que reconheço pellos proprios de que dou fé por elles foi dito em prezença das testemunhas ao diante nomeadas e assignadas que por este publico Instrumento em milhor forma e via de Direito fazia ordenava e Constituia por seus Certos e em tudo bastantes Procuradores com livre e geral administração de seus bens, a saber nesta Villa o Doutor João Antonio da Silva. Viuva e os Sollicitadores de Cauzas o Guarda Mor Miguel de Souza de Macedo e o Alferes Antonio Manoel Cezar da Fonseca e os particulares Jozé Joaquim Cordeiro, Manoel da Fonseca Rego na Villa de Sabará.

NOTA — este instrumento prova filiação de Joaquina Cordeiro Valadares e João Cordeiro Valadares e o casamento de D. Rita Maria de São José Cordeiro.

Illma. Senhora D. Rita Maria de S. José Cordeiro

Tenho presente a Carta. qe. Va. S. me dirigio em data de 20 de 9bro. pp., e hoje recebida, e estimando muito as suas preciosas letras, devo dizer, qe. o modo compativel com a actual legislação sobre a pretenção de V. S. he, o de qe. lancei mão, recommendando ao favor compativel com a lei os herdros. do finado Sr. Capm. Sebastião José Cordro.

Fico sempre mto. prompto ao fav. de Va. S., a quem deso. a melhor saude, e felicidades. D. S. qe. ge. a Va. S. pr. mtos. annos, como de coração appeteço.

Cidade do Oiro Preto 3 de Nevo. de 1825.

De V. S.

Parente mto. affecto., e agedo.
José Pereira da Fonseca Vasconcellos ..

PETIÇÃO DO G. M. JOÃO CORDEIRO VALADARES GENRO DE D. JOAQUINA

Diz o G. M. Joam Cordro. Valles. por cabeça de sua mulher D. Anna Joaquina de Oliveira Campos, que elle precisa que o Escrivão reveado o Inventario, e partilhas, que se proceceo por falesimto. de sua sogra D. Joaquina Bernarda da Sa. de Abreu Casto. bico., lhe pase por certidam os bens, que se levarão em pagamento da herança do Supte. dos bens Inventariados na Comarca de Piracatu, sem condiçoens, e vallores, em breve relatorio, em modo que faça fé.

P. A. V. S. se digne assim mandar

E. R. M.

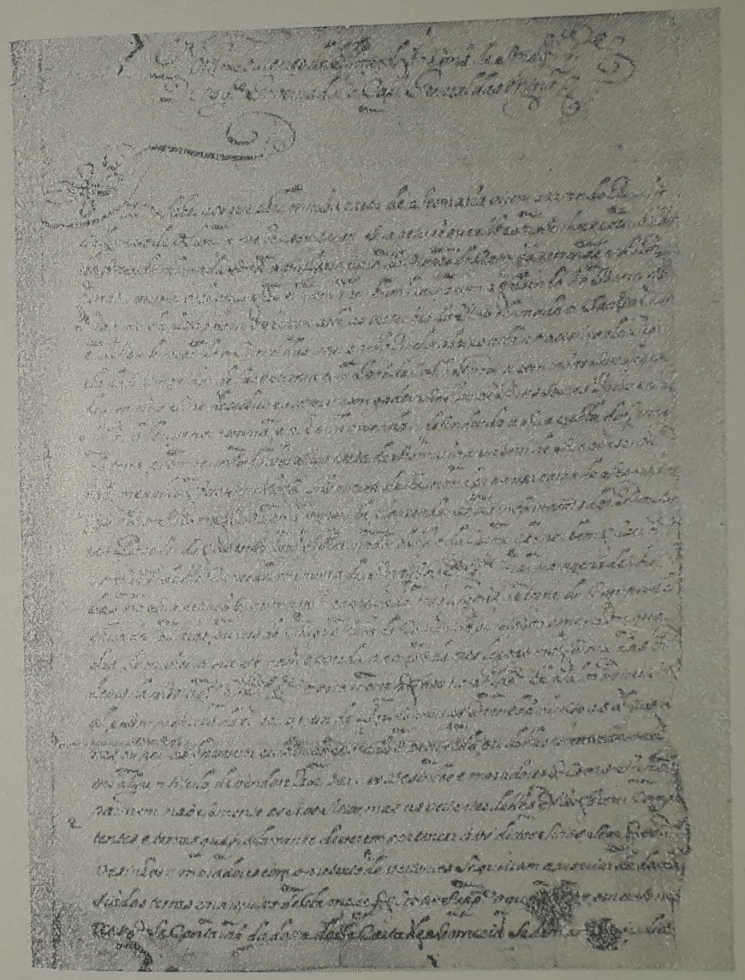
Pitangui 27 de Julho de 1827

B. Chizhôrro

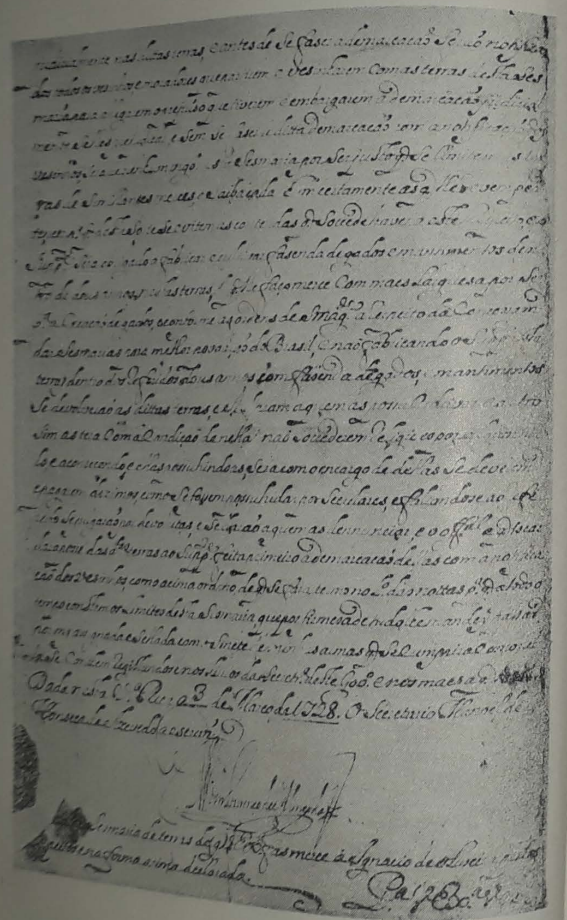
Carta de sesmária dada a Ignácio de Oliveira, pai do Capm. Ignácio de Oliveira Campos.

Dom Lourenço de Almeyda do Conso. de S. Magde. qe. Deos ge. Governador e Capm. General das minas.

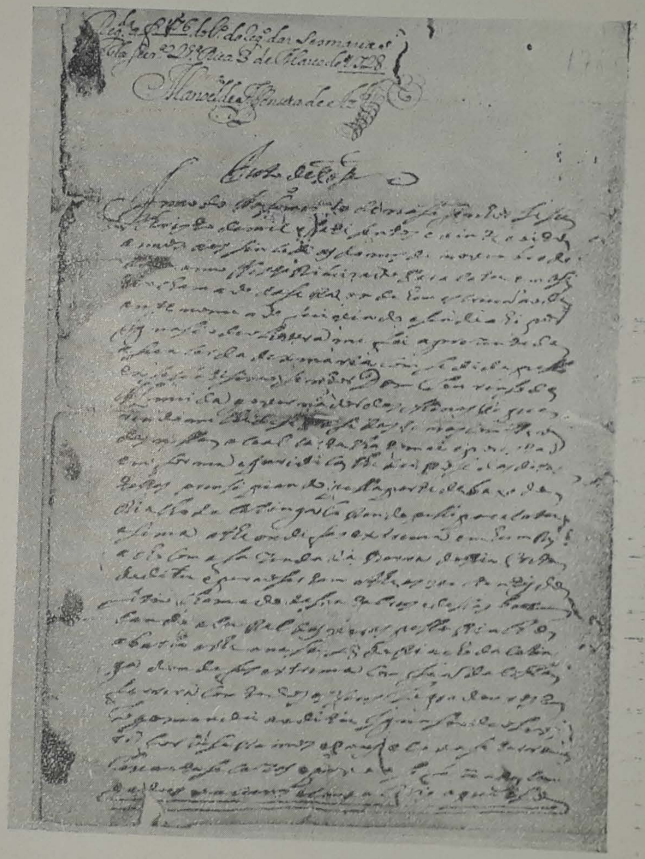
Faço saber aos que esta minha carta de Sesmaria virem que tendo respeito a Ignacio de Oliveira me representar em sua petição que elle está Senhor e Possuhidor da fazenda chamada Serra a qual principia do Riacho da Catinga correndo pello Paracatú acima athé onde fas extrema em hum Riacho com a fasenda da Barra do Rio preto do dito, e para o Sertam athé as vertentes do Sitio chamado a Santa Cruz e dellas buscando o Curral das vacas pello riacho athé a nascença do Riacho da Catinga donde fas extrema com João da Costa Ferreira com todos seos logradouros, cujo Sitio descobrio e povoou com gados seo Irmão Bras Soares Paços e elle Suppe. o houve por compra, e aly está vivendo e defendendo a sua custa do Gentio da terra, e como queria haver sua carta de Sesmaria para bem de sua conservação; me pedia fosse Servido fazer lhe mercê de lhe mandar passar carta de Sesmaria do ditto Sitio na forma em que houve, e precedendo as informações dos Doutores Provedor da fazenda real, e Procurador della, e da Corôa: Hey por bem fazer mercê ao Supp. de lhe conceder em nome de S. Magde. q. Ds. ge. nas paragens declaradas na sua petição que acima vay expressada tres legoas de terra de comprido e huma de largo, ou de tres de largo e huma de comprido, ou legoa e meya em quadra, de maneira que se nam exceda a proção de tres legoas na forma das ordens de S. Mgde. q. Ds. ge. a esta mercê q. faço ao Suppe. he Salvo o direito real, e sem prejuizo de terceiro, nem de algũas pessoas, q. tenhão direito as dittas terras, ou pellas haverem cultivado povoado e ocupado, ou dellas terem Sesmaria ou algum titulo, devendo-se reservar aos vesinhos, e moradores q. com o Suppe. partirem não somente os seos Sitios, mas as vertentes delles q. lhes forem competentes, e terras que justamente deverem pertencer aos dittos Sitios, sem q. os dos. vesinhos e moradores com o pretexto de vertentes se queiram apropriar de demaziadas terras em prejuizo desta mercê q. faço ao Suppe. o qual dentre em outo mezes q. se cantarão da datta desta carta de Sesmaria, se demarcara serão notificados todos os vesinhos, e moradores que partirem e vesinharem com as terras desta Sesmaria para allegarem o prejuizo que tiverem e embargarem a demarcação judicialmente se lhes prejudicar, e sem se fazer a ditta demarcação com a notificação dos vesinhos será de nenhum vigor esta Sesmaria por ser justo q. se limitem as terras de semelhantes mercês, e saiba cada hum certamente as q. lhe devem pertencer pa. q. desta sorte se evitem as contendas que soccede haver a este respeito, e o Supp. será obrigado a fabricar e cultivar fazendas de gados e mantimento dentro de dous annos, nestas terras de que lhe faço mercê com maes larguesa por ser pa. a creação de gados, e conforme as ordens de Smag. de a respeito da concessam das Sesmarias para melhor povoação do Brasil, e não fabricando o Suppe. estas terras dentro dos referidos dous annos com fazenda de gados, e mantimentos se devolverão as dittas terras, e se darão a quem as possa cultivar e outro sim as terá com a condição de nellas não soccederem religiões por algum titulo, e acontecendo, e ellas possuhindo as, será com o encargo de dellas se deverem pagarem dizimos, como se fosse possuhidas por seculares, e faltando se ao referido, se julgarão por devolutas, e se darão a quem as denunciar, e o ofal.



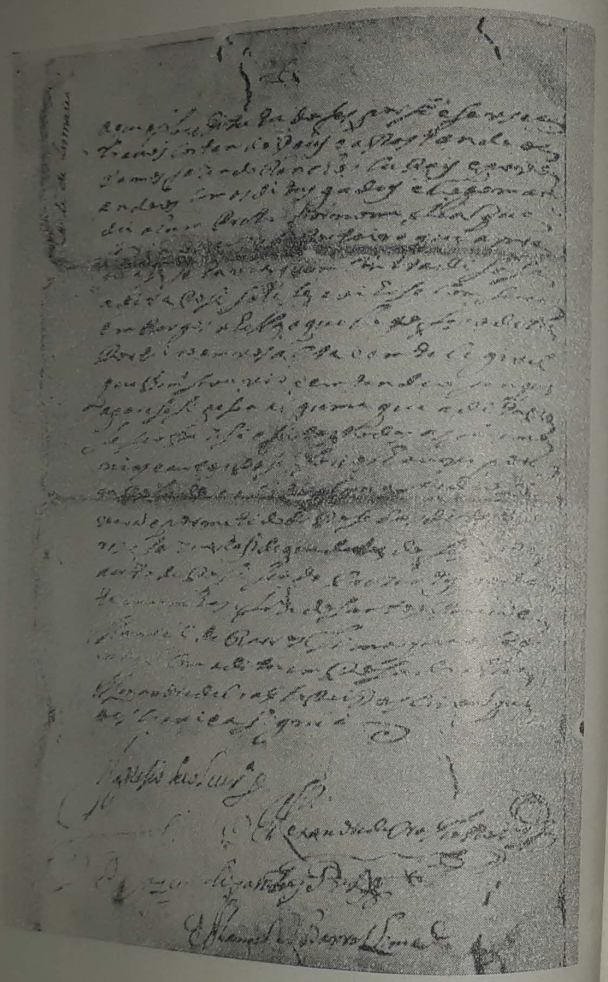
Carta de Sesmaria, dada a Inácio de Oliveira, sôgro de D. Joaquina do Pompéu
(a)



(b)



(c)



(d)

a q. tocar dará posse das. terras ao Supqe. feita primeiro a demarcação dellas com a notificação dos vesinhos, como acima ordeno, de q. se fara termo no D. das nottas pa. q. a todo o tempo constem os limites desta Sesmaria, que por firmesa de tudo lhe mandey passar por my assignada e Sellada com o Sinete de minha armas q. se cumprirá como nella se contem registando se nos Livros da Secreta. deste Govo. e nos maes a q. tocar.

Data nesta V. Rica a 3 de Março de 1728.

O Secretario Manoel de Afonseca de Azevedo,
a escrevi.

Dom Lourenço de Almeida

Carta de Sesmaria de terras q. V. Ex. fas mercê a Ignacio de Oliveira pellos repeitos e na forma acima declarada.

Regda. a fls. 176 do rego. das Sesmarias desta Sacra.
V. Rica 3 de Março de 1728.

Manoel de Afonseca Azdo.

ESCRITURA DE COMPRA E VENDA

Trasiado da Escritura de compra e venda que fêz o Alferes Pacifico José da Cunha e sua mer. Dona Joaquina Bernarda da Silva de huma Morada de Caza ao Capitam Joaquim Antônio de Oliveira Campos por preço e quantia de quatro centos e oitenta mil reis.

Lo. de Notas N. 37 folhas 87.

Escritura de compra e Venda que faz o Alferes Pacifico José da Cunha e sua mulher Dona Joaquina Bernarda da Silva de huma morada de cazas, pelo preço e quantia de quatro centos e oitenta mil reis, com trezentos e vinte a vista e o resto por termo de hum anno, ao Capitam Joaquim Antonio de Oliveira Campos.

Saibam quantos este Publico Instrumento de Escritura de compra e venda ou como em Direito milhor nome e lugar haja virem que sendo no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e vinte e sinco quarto da Independencia e do Império, aos oito dias do mes de Outubro do dito anno nesta Villa de Nossa Senhora da Piedade de Pitangui na Fidelissima Comarca do Rio das Velhas do Sabará em Caza de morada do Alferes Pacifico José da Cunha onde eu Escrivão adiante nomiado fui vindo, e sendo ahi compareceram presentes, o dito Alferes Pacifico José da Cunha e sua mulher Dona Joaquina Bernarda da Silva moradores nesta Villa que reconheço pelos próprios de que trato e dou fé, e por elles me foi dito em prezença das testemunhas adiante nomiadas e assinadas que elles são senhores, e possuidores de huma morada de Cazas na Rua do Rozario na Esquina das Ruas que sobem da Matriz desta mesma Villa para a Capella do Rozario e partem por hum lado com as cazas do Reverendo Belchior Pinheiro de Oliveira, com o seo quintal murado de muros e cobertos de telhas, as cujas cazas muito de suas livres vontades e sem constrangimento de pessoa alguma tinhão vendido ao Capitam Joaquim Antonio de Oliveira Campos pello preço e quantia de quatro centos e oitenta mil reis, a Saber cento e secenta mil reis por termo de hum anno, e trezentos e vinte mil reis que receberão a vista de que havia o Comprador pago a competente Ciza como constava do conhecimento que apresentou cujo teor he o seguinte .....

Nota — Esta escritura prova a filiação e casamento de D. Joaquina Bernarda da Silva — Belchior Pinheiro de Oliveira conhecido na história da Independência de nossa Pátria, residiu em Pitangui de onde era natural.

DIREITO:

Diz o Capm. José Fernandes Valadares que sendo lhe credor o Cazal do Capm mór Anto. Dias Teixra. das Neves e de sua mer. D. Gertrudes de Campos ambos falecidos a qtia. de cento e setenta e quatro oitas. e quarto, e hum vintem pa. pagamto. do Supp. e de outros credores se separarão vários escravos em partilha do juizo de Orphons desta Va., e hum dos escravos he Bernardo mestiço, e pr. despacho do juiz de Orphons se mandarão entregar a João Fialho do Rego como Inventariante e cabeça de Cazal pa. com elles fazer os pagamentos e pr. q. o reteve em si, indo o inventro, a Correição do anno proximo passado determinou o Ilmo. Sor. Dezembargador Provedor q. dentro de hum mez se pagassem os Credores com os proprios escravos pr. Provmto. de 30 de julho do mm. anno, em virtude do ql. entregou o do. João Fialho do Rego ao Supple. pr. conta de huma divida o d. escravo Bernardo, e recebendo e mandando trabalhar na sua roça, sendo no dia 25 de Maio deste prezte. anno o induzio José Anto. de Campos e chamou a si e o tem até o prezente em seo servo. desprezando os avisos p. pl. o Suppe, lhe pede o do. escravo, o ql. foi avaliado e bem valle na Comum estimação Cento e dez mil rs. e pr. q. este cazo he de rigorozo furto e compete ao Suppe. que rellar na forma da lei do Reino.

P. assim seja servido adimitir a prezente querela contra o do. José Anto. de Campos e no auto ..... aprezentará aos documtos. e nomes das testemunhas.

E. R. M.

Diviza da Fazda. da Agoa doce pelos confrezados della o seguinte: Quinhão feito a D. Anna de Olivra. Campos Cordro. da qtia. de dous contos de reis de q. foi comprador seo marido o Capm. Joaqm. Anto. de Oliveira Campos.

Principia esta diviza da Barra do Boritizinho do esgoto do Posso do peixe com o corrigo da Rossinha e pr. este assima athé a Ponte do Retiro dos porcos, e desta ponte acompanhando-se pelo campo assima a beirada do mato ao Lado do Posso do peixe até a beirada da Serra aonde se fincou hum Marco de Pau de Arueira lavrado de quatro faces com sete palmos de altura e quatro palmos de fundo e deste Marco Subindo plo. Serrote assima athé a Serra Limpa, e desta a Cabiceira do Salobro qe. divide a Fazda. da Agoa doce com a Fazda. do Pompéo, e pr. este corrigo do Salobro abaixo, athé hua grota q. confronta com Baritizinho do esgoto do Posso do Peixe, e por esta grota assima athe o campo, e deste em rumo dirto. athe a barra do Boritizinho aonde teve principio esta diviza, dentro de cujos limites axemos ter setenta, e nove alqueires e tres quartas de matos virgens, cessenta e sete alqres. de capoeiras e oito centos alqrs. de Campos, a saber nos setenta e nove alqres.

e tres qtas. de Matos virgens ficão Comprehendidos cincoenta alqres. de capoeiras pr. presso de matto virgem pla. razão de ter o Camp. Joaqm. Anto. de Olivra. Campos derrubado igual numero de alqueires no corrigo do Pedro Moreira. E assim fica comprehendida esta diviza.

Domingos Francisco Soares

Joaqm. Antônio da Silva

Quinhão feito ao Cadte. Felix da Olivra. Campos plo. q. lhe pertence da qta. quatro contos e quatro centos quinze mil e quatro centos e quarenta e seis e meio, incluzive nesta qtia. 2:530$3931/2 pertencentes a execussão feita pr. João Ambrosio pr. Anto. Xer. Rabello assim como ficão encluídos 17$790 rs. de êrro que ouve na partilha de Anto. de Olivra.

Principia esta diviza na Barra do Corrigo Salobro com o Corrigo da engazra. epr. este assima athe a sua última cabiceira aonde divide esta fazda. da Agoa doce com a do Quati e Mato Grosso, e desta cabiceira da engarza. a hua grota da qual nasse o Corrigo da Cana-braba qe. divide a Fazda. do Mato Grosso, e pr. este corrigo a baixo athé a barra do Corrigo que vem da Capoeira da Serra, e desta Barra em rumo dirto. a sahir ao Campo, e daqui pela beirada do mato assima athé a estrada q. vay do Sitio da Agoa doce pa. o Sitio do Sigano, e pr. esta estrada athé a pra. baixa da cabiceira de hua vereda, e pr. esta vereda a baixo athé onde faz Barra com o corrigo do Boriti do Morro do Chapeo, e pr. este assima athe onde o Boriti faz hu cotovêlo aonde se fincou hum marco de Pau de arueira lavrado de quatro faces com 7 palmos de altura, e quatro de fundo, e deste marco seguindo em rumo dirto. pelo campo athe o canto da mata da jaboricaba aonde se fincou outro marco de Pau de arueira da mma. altura e fundo, deste marco cortando em rumo direito a outro marco do mmo. Pau, e tamanho, q. se fincou na beirada do Corrigo da Mata da Jaboricaba encostado na beira do mato virgem, e deste marco plo. corrigo assima athé sua última cabicra. na Serra limpa e desta ao Serrote q. divide o Mocambinho com o Salobro, e deste Serrote a hu marco. q. divide co as terras de D. Anna de Olivra. Campos Cordra. e deste marco dessendo pl. beirada do Campo, e mato do Mocambinho abaixo athé a ponte do Retiro dos porcos, e desta ponte plo. corrigo abaixo athé a barra do Boritizo. do esgoto do Posso do Peixe, e desta barra dando-se as costas ao morro de chapéo em direitura a hua grota na beira do Corrigo do Salobro q. forma a diviza da da. D. Anna, e plo. corrigo Salobro abaixo athé a barra do corrigo da engazra, onde teve principio esta diviza e achemos ter dentro deste ambito 350 alqres. de mato virgem 33 alqres. de capoeira e 1181 de Campos q. Soma tudo 4:415$200 cujas terras assim divizadas ficão pertencendo ao dc. Cadte. Felix de Olivra. Campos.

Domingos Francisco Soares

Joaquim Antônio da Silva

Crédito passado por Joaqm. Antônio de Oliva. Campos.

Devo q. pagarei a Senhora D. Anna Felisberta de Oliva. a qa. de sento e setenta milrs., resto do legado q. ma. Mai avia deixado ao Marido da da. Sa. e falisido C. Mór Anto. Alzs. da Silva da qta. de trezentos mil rs. tendo eu dado a da. senhora sem mil rs. e ficar em meu puder trinta pa. pagar a dicima suposto q. a da. senhora me passaee hum recibo de toda qta. Iço foi

pa. mas. contas em juizo ficando eu obrigado pella qta. de sento e setenta mil rs. pr. tempo de hum anno e pa. clareza paso o presente pr. mim feito e asignado.

Va. de Pitangui 15 de Dezbro. de 1832.

Joaqm. Anto. de Oliva. Campos.

Recebi pr. conta da qta. acima cincoenta mil reis.
Pitangui 5 de Julho de 1834.

Anna Filisberta de Olivra.

Recebi o resto da Prima Snra. D. Anna, pr. mão do Snr. G. M. Joaquim Cordro.
Valladres. Pai da mma. Pitangui 14 de Fevro. de 1835.

Ana Felisberta de Olivra.

Carta do Coronel Felipe José da Cunha

Illmo. Sr. Camp. Joaqm. Anto. de Olivra. Campos.

Estes dias recebi hum off. do Governador das armas; e juntamte. varios bilhetes da Lutaria da Mizericordia, da qual o do. Sr. he Provedor, recommendando-me mto. eficazmte., qe. faça ciente a todos os Snrs. Offes. do reginto., o grande obsequio, qe. lhe fazem na distribuição dos ditos bilhetes. Eu lembro e peso ao Sr. Capm. mto. encarecidamte., q. faça todo o esforço pa. com os seus Offes. pa. a da. distribuição, e brevide., se hade abrir a Lutaria no mêz de Abril proximo futuro. segurando no séu affo. o do. Snr. abrir-se a da. Lutaria, a qual elle hade assistir pessoalmte. Eu mi interesso mto., q. o do. Sr. seja obzequiado, como elle meresse, e q. não fiquemos na sua lembrança. Eu espero q. o Sr. Camp. hade fazer toda a dilga. q. lhe for possivel. como costuma, em taes occaxiones.

Fazda. do Junco 30 de Janro. de 1828.

Seu companro. e cr.

Felipe José da Cunha

P. S.
Remetto 8 billhetes
cuclusos

Aoy 9 de Janro. de 1819

Minha Mana, e Senhora da ma. maior veneração, e respto. Cheio de amor, e zello vou a sua Prezença, nao só beijar-lhe as mãos, como procurar saber da sua Saude, na ql. mto. interesso, pellos grandes motivos que tenho de ser obrigado A Illma. Senhora D. Joaquina de cuja bondade, e grandeza nunca me esquecerei. O seo Escravo, Condutor da boiada, que a pouco sahio, me participou de ordem de Va. Sa. para eu mandar buscar o dinheiro do nosso contrato; eu, posso, por meo Compe. Antonio Gomes Pereira, a qm. Va. Sa. poderá integrar, elle leva o seo Cradito; assim como tambem leva o Cradito de Francisco P[illegible]as do Nascimento, desna. nada pude cobrar; pois já o achei mto. informo, e por sua morte nada deixou a Herdeira sua May, isto me occorreo.

Agora lhe lembram qe. Com os parabens a minha Mana, e ao Illmo. Senhor Capm. Mor, cuja opozição não foi piquena, porem foi sempre superior

a mta. justiça do Sor. Capan. Mor.; e maior qe. tudo o nome. e merecimto. da Illma. Snra. D. Joaquina Bernarda, a qm. dezejo as maiores vantagens, e deqem. sou com a maior veneração, e respto.

Mano o mais obrigado e fiel Criado

Domiciano Ferra. de Sá e Castro

LIBELO DE UMA AÇÃO EM QUE DONA JOAQUINA SAIU VENCEDORA

1.º) P. qe. o A. como secionario de Anto. José de Faria fez exme. pello Juizo Ordino. desta Va. a Bernardo Lopes de Babo como testamtro. Erdro. de Mel. Gomes Cruz, em vertude de hua Precatoria alcançada contra o do. Cruz por Divida qe. elle contrahio no anno de 1769 da qta. de 379922 Rs — resto do pral. e custas como consta do mdo. junto n.º 5

2.º) P. q. o do. Mel. Gomes Cruz sendo Snr. das Fazendas chamadas do Pompéo as vendeo no anno de 1792 ao C. Ignácio. de Oliva. Campos Marido e Pay dos RR. por 30 mil cruzados em pagamtos. qe. se achão já vencidos.

3.º) P. q. Mel Gomes da Cruz ordenou a R. dita D. Joaqna. no anno de 1799 pagasse a Anto. José de Faria Sedente do A os 360$000 resto da precatoria e o ouvesse a si e qe. fizesse conta e lhe mandasse os recibos para se levar em conta no presso da terra vendida ao Marido e Pay dos RR. como consta da carta junta n.º 2 escrita a R. e asignada pella propria letra e firma do S. Mel Gomes Cruz como dirão as testtas. a qm. será mostrado pa. a reconhecerem.

4.º) P. qe. a R. da. D. Joaqna. em virtude da da. carta ficou de pagar os referidos 360$000 mais nunca deu comprimto. a da. promessa athe q. o S. Anto. José de Faria. Fez seção dos exames e Precatoria ao A. por convenção que com elle fez em vertude da qal. he o A. pessoa legitima pa. propor a preste. ação contra os RR.

5.º) P. qe. Mel. Gomes Cruz faleceo da vida preste. no anno de 1800 na cid. de Marianna e os bens qe, lhe ficarão por seu falecimento. forão todos rematados e não chegarão pa. pagar as dividas qe. ficou devendo a seos credores como.

6.º) P. q. o do. Mel Gomes Cruz viveo onerado de dividas e vendeo as Fazdas. do Pompéo ao Capm. Inagcio de Oliva. C. marido e Pay dos RR. cõ lesão enormissima em prejuizo de seos credores como.

7.º) P. q. as referidas Fazendas tem de extenção 23 legoas e se compoem de oito fazendas qe. são Pompéo, Passagem do Choro, Rocinha, Mato Grosso, Retiro do Mato Grosso, Quati, Sta. Rosa, e Diamte, e todas se compoem de extensos campos de criar, e de mtas. mattas pa. planta de sorte qe. João Glz. Fraga vendedor do do. Mel. Gomes deo pr. ellas a vista somte. pello Casco 6680000 cruzados amais de 50 annos, tempo em qe. as Fazendas não tinham tanto valor, como no tempo qe. Mel Gomes, as vendeo ao marido e pai dos RR., porqe. nesse tempo valião ellas na communa e geral extimação 80$000 cruzados e além disto.

8.º) P. q. Mel Gomes vendeo juntamente. com as mesmas Fazendas mais de nove mil cabeças de gado vacum q. nellas se achavão, qe. tantas

marcou João Pto. do Amaral, sendo então Administrador das das. Fazendas, na occasião em qe. o marido, e pai das RR. as comprou.

9º) P. qe. as referidas 9 mil cabeças de gado importão em 67 mil cruzados e 200$ mil réis vendidas a 3:000 a cabeça, qe. he o preço ordinro. porqe. se costuma a vender no sertão, como dirão as ttas.

10) P. q. assim mais vendeo o do. Mel. Gomes com as msmas. fazdas. juntamte. 40 escravos, entre estes varias mulatas; e mulatos moços e bons qe. valião na communa e geral estimação a 200$ cada hum, vindo assim a importar os referidos escravos, em 20 cruzados, e alem de trastes de caza, ferramta. de Roça cavalos e selas do costeio do campo, qe. tudo vendeo Mel. Gomes pelo limitado preço de 30$ cruzados qdo.

11) P. q. as referidas fazdas, e as 9 mil cabeças de gado e as 40 escravas e cavallos trastes de caza valião na communa e geral estimação no sobredito tempo do contrato de compra e venda 167$ mil cruzados e 200$000 como dirão as ttas. a este respeito.

12) P. q. neste contrato houve lesão enormissima e dolo considerave, por qe. valendo as das. Fazdas. Gados e Escravos no sobredito, tempo do contrato na communa estimação 167$ crdos. e 200$000, não podia, nem permitia a boa razão, qe. fossem vendidas por tão diminutto preço, mas como não havia suceder assim, se aquele vendedor Mel. Gomes morava no Aral, do Inficionado diste. das Fazdas. 40 legoas, e havia mais de 20 annos, qe. não vinha a ellas, ignorava o gado, que nellas se achavão, alem de ser homem velho falto de tenção, pela avultada id. qe. tinha, de mais de 90 ans. de qe. todo se aproveitou o Comprador, pa. illudir e enganar como fica patente.

13) P. q. bem se verifica a lezão do contracto sem dubiede. alguma por qe. he tão certo ter sido enganado o vendedor por industria do comprador, qe. valendo as das. Fazendas, gado e Ecros. 167$ cruzos. e 200$000 elle teve a astucia de conseguir a venda pela qtia. relatada de tão diminuto preço de 30$ cruzados e destes mesmos mandou o do. Mel Gomes dar de esmolas, ou por grandeza 2 cruzos. a huma sua afilhada fa. da R. por nome Anta. casada com o R. o G. M. Joaqm. Cardo. tudo em prejuizo dos seos credores.

14) P. e mais he qe. os RR. inda estão devendo mta. pte. do preço dos 30 mil cruzados pr. qe. forão vendidas as referidas fazdas. e pr. isso devem ser obros. a pagar o A. pralmte. o R. Joaqm. Cordo. dos dois mil cruzados dados de esmola a da. sua mer. pr. qe. Mel. Gomes não podia dar esmolas tam avultadas estando devendo como devia em prejuizo de seos credores como se ha de mostrar de direito porpto.

15) P. q. os credores de qualqr. pessoa tem ampla liberdade de pugnar pela resolução dos contrtos. feitos pr. seos credores com lezão, dolo, ou engano em prejuizo dos dos. seos credores.

16) P. q. o Capm. Igncio. d'Oliva. Campos faiaceo da vida prezente, sobrevivendo-lhe a R. sua mer. D. Joaquina, e genros citados, e declarado, na certidão a R. e ficarão de posse dos bens do seo Cazal. e aceitarão a herança testamentra. e se achão na administração della, e a ellas lhes passarão todas as acções activas, e passivas, e como tais pessoas legitimas pa. do A. haver d'elles o seo pagamento.

17) P. q. o referido he verdade, e qe. se o não fora não alegaria o A. pr. ser pessoa de verdade, e de consciencia qe. não he capaz de alegar em juizo, ou fora d'elle o qe. fica deduzido, senão fora a propria verdade.

18) P. q. nos termos referidos e conforme aos de Dirto. se ha de julgar nulla, e injusta a venda das referidas fazendas como derivado d'hum contro. nullo e lezivo, que não pode produzir effeito em tempo algum, e serem os RR. condemnados a pagar ao A 379$992 rs. como compradores das fazendas de Mel. Gomes Cruz, ou a entregar os proprios bens da compra com os frutos, e esbulhos, da venda em diante pa. o A. n'ellas se pagar, vendendo-as em praça, qdo. os RR. não pagarem em dinhro, sendo outro sim condemnados nas custas pr. ser tudo o qe. alega a propria verdade.

Cópia do título de venda que fizeram Capm. Inácio de Oliveira Campos e sua mulher D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castello Branco de lavras de ouro, casas etc. etc. etc. como diz o título abaixo.

"Digo eu Ignacio de Oliveira Campos e minha mulher abaixo assignados que nós somos senhores e possuidores, no morro do Batatal, das lavras mineraes que foram de nosso avô Antonio Rodrigues Velho na parte respectiva que nos coube em partilha do inventario dos bens do sobre dito que era senhor na quarta parte das terras e aguas d'ellas, a saber na parte da sociedade com Roberto Alves de Araujo e outros conforme os titulos, e papeis e tratos d'aquella sociedade que comprehende engenho regos e tanques d'ella, e na parte da maquina no mesmo morro em uma quarta parte inteira e um terço de outra quarta parte que consta de terras e aguas mineraes e serviços pertencentes a esse engenho, rego e tanque e tudo o que lhe pertence no que tudo me coube a referida parte de meu avô como a neto seu herdeiro a emportancia de quatrocentos e trese mil reis ou o que do inventario milhor constar, e da mesma forma a parte que coube em partilha a nosso tio José de Campos Monteiro em todos os sobreditos bens, que foram vinte e seis mil reis, ou o que da partilha milhór constar, que houve em pagamento do que me devia e de que me acho em posse no que tudo entra tam bem a parte respectiva que temos nas casas de vivenda de taipa e telha citas no mesmo morro, senzalas e quintais a ellas pertencentes e outra casa tambem de taipa e telha visinha que tudo se avaliou encluido no preço da mesma lavra e lhe é anexo, e assim mais da parte que temos em uns titulos de terras mineraes para as partes do baiacu em que somos socios com Roberto Alves de Araujo e D. Maria Thereza Joaquina que consta dos titulos como tão bem de duas sortes de terras alem do corrégo do Caruru que constam de tres datas conforme os Libelos o que tudo vendemos e com effeito temos vendido de hoje para todo o sempre a José dos Santos Silva e Alexandre Dias Maciel assim na mesma forma em que o possuimos por preço e quantia de quatrocentos mil reis a saber as partes que temos no morro e casas do Batatal atendendo o estado de decadente em que se acha no presente tempo por preço e quantia de duzentos e oitenta mil reis e as datas do Cararu com as partes das terras do Bayacu por preço de cento e vinte mil reis que tudo faz a emportancia referida de quatrocentos mil reis de que me passaram credito e serão obrigados a fazer escriptura publica pedindo-nos como nos obrigamos a fazer-lhes esta venda boa firma e de paz com a condição porem que se da mão delles ditos compradores houverem de pagar os bens desta compra a outros por

venda que lhes fação reservamos o direito de proferir tanto por tanto querendo nos e para claresa lhes passamos este por nos somente assinado em presensa das testimunhas abaixo assinadas. Pompéo de Dezembro 2 de 1786 anno.

Ignacio de Oliveira Campos
Joaquina Bernarda Silva de Abreu Castel brco".

PETIÇÃO

Dizem o Capm. Joaquim Antonio de Oliveira Campos, como herdeiro e Testamenteiro de sua May D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castello Branco, e outros herdeiros, q. no Inventro. e Partilha, a q. se procedeo pr. falecimto. da mma. entraram treze crias, entre machos e femeas, filhas de humas escravas, cujos serviços tinhão sido concedidos pela dita sua May ao Coherdeiro Tente. Coronel Martinho Alz. da Sa., as quais crias forão avaliadas pr. mto. menos da metade do seu justo valor, em comparação das outras do cazal; e com elle deminuto valor forão lançadas ao Quinhão do dito Tente. Coronel com lezão enormissima do Suppe. e mais Interessados, e da Terça, q. o Suppe. como Testamentro., he obrigado a defender: por cujo razão querem fazer citar o do. Tenente Coronel, pa. no tro. de huma Auda. vir pr. meio de reconciliação declarar, se quer sujeitar-se a huma nova avaliação das referidas Crias, e equipararem-se as outras do Cazal, q. forão avaliadas pelo seu justo valor, e repôr o Suppdo. as respectivas quotas do excesso aos Suppes. lezados, e qdo. não queira nuir-se a este amigavelmente, ou nada declare, fique lançado da reconciliação, e logo citado pa. fallar a hum Libello de lezão enormissima, em q. se lhe ha de pedir esse excesso do justo valor das ditas crias, como nelle milhor se exporá: pr. tanto pedem a V.S. se digne mandar, q. o Suppdo. seja citado pr. carta do escrivão pa. o referido, tudo com a pena de revelia.

E. R. M.

Cite-se na forma requerida.
Pitangui 26 de Fevereiro de 1828
Chichorro
Carta de Luis da Cunha e Castro

CERTIDÃO

Certifico e sendo necessario juro aos Santos Evangelhos, como a seta e funeral da falecida Dona Gertrudes de Campos viva. e nelle correu, quatro oitavas de ouro a saber, acompanhamento, Misa de corpo presente e oficio, cujas quatro oitavas recebi pr. mam. do Capm. Jozé Frz. Valladares e pr. ser esta a mesma verdade passo esta certidam de minha letra e signal.

Pitangui 30 de Mo. de 1791

Jozé dos Santos Clemte.

Illmo. Sr. Collector Estadoal

Anna de Oliveira Campos Cordeiro em obediencia ao primeiro decreto de estatistica territorial deo a estas suas propriedades assim: — Culturas no Pompéo — mil cento e vinte e quatro hectares a dez milrs. — onze contos

duzentos e quarenta mil reis: nove mil setecentos e quotro hectares de campo a mil dusentos e cincoenta — doze contos cento e trinta mil reis; uma parte nos Morrinhos em reis — cincoenta e quatro mil tresentos e cincoenta reis; ao todo — vinte e tres contos quatrocentos e vinte e quatro mil tresentos e cincoenta reis. Não deo bemfeitorias e agora o faz, descrevendo estas no valor de tres contos dusentos e cincoenta mil reis. Somma vinte e seis contos seiscentos e setenta e quatro mil tresentos e cincoenta reis. Depois que fez suas declarações deo a seos bisnetos, filhos do finado Alexandre Cordeiro dos Campos Maciel a parte nos Morrinhos pelo mesmo preço por que foi dada a estatistica; e, assim sendo, é necessario que se dedusa o valôr dessa doação, da qual os filhos de Alexandre já pagaram n'esta collectoria o respectivo imposto, se dedusa da importancia supra sommada para então serem dedusidos os quarenta por cento e depoes os tres decimos do imposto. Observa, finalmente, a declarante, que o Sr. Collector verá a verdade desta exposição, se attender, o que deve, a um erro de somma em seo livro de estatistica, erro egual a um conto e dusentos mil reis. Isto posto quer o talão do imposto, rectificada a estatistica.

Pitanguy, 28 de agosto de 1901.
Por Anna de Oliveira Campos Cordeiro, Americo de Campos Cordeiro Valladares.

Pitangui 6 de agosto de 1836.

J. T. Fonseca

PETIÇÃO

Diz D. Anna de Olivra. Campos, viuva, e cabeça de Casal pr. falecimto. de seu marido Capm. Joaqm. Anto. de Olivra. Campos. q. ella foi citada pr. carta do Escr. não só pa. ver proceder a sobparta. no Invo. do pro. Cazal, como a Parta. no do 2º.; porém não havendo motivo de embaraço a q. se effectue a sobparta., o ha em tudo pa. q. deva demorar-se a Parta., não só pr. q. esta de algu modo depende d'aquella, como pr. q. a Suppe. ainda não da o Invo. pr. concluido, p. tem de ajustar contas com algumas pessoas. q. não tem podido fazer pr. inconvenientes, e tem de fazer descrever mais bens, tal he humas ptes de terras compradas na fazda. da Agoa doce, outra na Catita, a pte. q. o Cazal tem na fazda. do Pompéo e Bemfeitorias em sociede. com seu pai Joaqm. Cordro. Valladares. P. isso reqr. a V. S. se digne mdar. q. se sobresteja na Parta. emqto. não se conclue a sobparta. do pr. Cazal, deps. do q. a suppe. protesta concluir o Invi..... deverá transladar o pagamto. q. na sobparta. tocar á meiação do falecido.

E. R. M.
Na forma requerida
Pitangui 11 de 10bro. de 1835.
Cordro.

Carta do sôgro do Capm. Joaquim Antonio de Oliveira Campos.

Illmo. Sñr. Capm. Joaqm. Anto. de Oliva. Campos.

Meu caro filho. Saudo avme. a ma. fa. Claudina o meu Cpe. da Lagoa Seca a Claudina Carulina Joaquina Bernarda. Xeguei a esta sua caza mto. mofino, mto. me valeo o Copade. quero ver se se pode ferrar. O Te.

Bento os sauda a todos e vai levar as encommendas e fazer as Contas com sua May. Os effeitos no Rio estão melhores conforme as noticias qe. correm

Todos desta sua Caza os saudão e dezejão os ver.

as mais recentes.

So axei novesentos pregos qe. remeto. O Te. levará mais se Ari Gomes trocer.

Alias no Patafufo tem e o Parada não axou no Sabará mais sem.

No Patafufo qe. tem mto.

Vms. aseitem hua viva saudade ma. Mto. tenho sentido a afastamto. de ma. Socia.

Sou seu pay amto. e mto. obro.

Pedro Lattaliza

Venha o pde. Ignacio com o Anto. qe. aqui todos os esperão.

Uma carta de Luiz de Souza Machado ao Capm. Joaquim Antonio de Oliveira Campos agrarecendo a participação do contrato de casamento.

Meu Compe. mano e amo. e Sr.

Recebi a de Vmce. data de 15 de corrente. Agto. nella me fez.. participar-me estar justo para se casar com a Illma. Sra. D. Anna ma. Sobra. e fa. de meo Illmo. Compe. Sr. G. Mor Joaqm. Cordo. Eu mto. estimo o seu bom aserto e desejarei q. desfrute o seu des despozorio por infinitos annos e com gosto e felicides. que eu lhe apeteço. Lhe agradesso mto. a atenção qe. teve com este seu inutil crdo. Serei prompto no seu favor qdo. me queira permitir as suas dterminaçoens por qe. sou.

De Vmce.

Compc. mano e amo. extmoso.

Luiz Joaquim. de Sza. Machado

Trez Barras 25 de Agto. de 1826.

L I B E L O

Por via de Libeto Civel diz, como A. o Capm. Joaquim Antonio de Oliva. Campos contra o R. e Tente. Coronel Martinho Alves. da Sa. ou pela mor. Via de Direito o seguinte

E. S. N.

1.º) P. qe. o A. Cam. Joaquim Antonio de Oliva. Campos, apezar de estar estabellecido na Fazenda do Chôro com criação de gado vacum e cavalar em grande ponto, e com cultura de todos os generos de lavora, e Engenho de cana de assucar, em separado de sua May D. Joaquina Bernarda da Sa. de Abreu Castello Branco, na distancia de tres leguas, desde o anno de 1819 até fim de 1824 em qe. esta faleceo, sempre carregou com o peso da administração dos bens e negocios da caza da da. sua May pelo qe. tocava de portas a fóra por ella encarregado, chegando até a hir a Piracatú buscar boiadas, e ao Rio de Janro. a negocios da mma. nem jamais se moveo huma boiada vaquejada ou junta de gado nas suas fazendas do Pompéo, o qe. certamte. veio a redundar em beneficio commum de todos os Herdos. della, sem qe. recebesse salario algum. E por isso.

2.º) P. qe. sendo o A. o qe. de todos os Herdeiros estavam mais ao facto dos negocios da caza da da. sua May, logo qe. esta faleceo, teve certeza de qe. os mais Herdeiros ou alguns delles tratavão de obrigar judicialmte. o A. a ser Inventarte. do Cazal da finada, pelo qe. o A. supposto

conhecesse o dificilimo trabalho em qe. hia metter-se, mas tambem vendo qe. não teria escuza, suficiente, qe. o eximisse de tão laboriosa tarefa, até pr. qe. se acahava na compa, de sua May não esperou o ser notificado, ao tempo do seo falecimento, pr. estar tratando della em sua prolongada doença, e logo requereo a factura do inventario, sendo elle o inventariante a contento de todos os Herdrs. pois qe. nenhum delles se oppos, a qe. o fosse.

3.º) P. q. desde a Criação desta Villa até o presente ainda não houve, nem haverá pa. o fucturo neste termo Inventariação de Cazal tão laborioso pa. o Inventariante, como o do Cazal do Pompéo, de qe. o A. se encarregou, já pela qualidade dos bens, e já pelas pendencias, e demandas tendentes ao mmo. Cazal, e que o A. defendeo com todo o zelo, e xacção, como mostrou o bom exito de todas ellas em favor de todo o Cazal, tendo prechenchido exactamente os deveres de hum bom Administrador. Porqto.

4.º) P. q. os bens de qe. o A. foi Inventariante neste Termo e por consegte. Administrador exceptuando os qe. tocarão á terça, excedem mto. a trezentos mil cruzados, segundo suas avalições, como se protesta fazer certo pr. Documto., sendo necessario, a maior parte de cujos bens consta de nove fazendas mui extenças de cultura, e principalmente de criar gado vacum e algum cavallar, com grande Escravatura e pr. isto bens de mto. laboriosa Administração. Porq.

5.º) P. q. as sobreditas nove fazendas qe. são S. Roza, Matto Grosso, Quati, Agua Doce, Tres-Barras, Chôro, Passagem, Pari e Pompéo qe. todas são unidas, contem de dezoito a vinte legoas de comprimto., e de oito a dez de largura, com tanta quantide. de gado de criar qe. na pra. partilha a que. já se procedeo, se repartirão pelos herdros. 43.560 cabeças, entre gado de criar, bois de corte, de carro, e ainda existe gado pa. se subpartilhar, e que tudo com a Escravatura tem estado na Administração do A. até a partilha e ainda não se concluirão as entregas dos gados aos Herdros.

6.º) P. qe. á boa Administração do A. se deve não só a milhor conservação possivel de todos os bens do Cazal a seu cargo, mas até augmento; pr. qe. consistindo principal interesse deste Cazal em criação de gado vacum, as rendas dos annos da sua Administração tem sido mto. maiores do qe. as dos annos antecedentes á morte da falecida May, como poderá mostrar-se pr. certidões extrahidas dos Livros e das rendas, cujo augmento se deve sem duvida á boa direção e regime do A., além do producto da Lavoura, e outros artigos, qe. ainda existem pa. a subpartilha.

7.º) P. q. a Administração do A. se tornou ainda muito mais baboriosa com as demandas, qe. varios Herdros, suscitarão ao Cazal., querendo-o desfalcar, talvez em mais de oitenta mil cruzadas a pretexto de dotes, Doações e produçoens desses mmos. dotes, qe. nunca tinhão existido, como pr. certidão se poderá mostrar e a cujas pretenções o A. se oppoz, como Inventariante, com todo o exforço pela sua grande actividade na defeza dos bens do Cazal, pôde conseguir vencimto. em todas ellas, tanto neste juizo, como no da Suplicação, onde algumas subirão, segundo o mmo. R. conhece perfeitamte. e todos os mais herdos., e ainda existe huma no Rio de jenero proposta pela Capm. Thimoteo Gomes Valadares, qe. finalmente. foi decidida a favor do Cazal, mas ainda não chegou a Sentença.....

8.º) P. q. a acticidade do A. em adiantar o andamento do Inventario, e a sua energia na defeza das demandas do Cazal he qe. se deve o fazer-se a Partilha com a bravidade qe. se fez, por qe. aliaz ou ainda não

estaria feita, ou não entraria nella huma grande pte. dos bens, qe. se tornarão litigiosos com as ditas demandas: porém o A. fez tais exforços pa. o adiantamto. de todos os negocios tendentes ao bem commum do Cazal, e factura da Partilha, como nenhum dos mais herdros, era capaz defazer o qe. dirão as ttas. Porq.

9.°) P. q. o A. desde qe. faleceu sua May, qe. foi em dias de Dezbro. de 1824 até fins de Dezbro. de 1826, em qe. se fez a Partilha dos bens do seu Cazal, desamparou absolutamte. a sua caza, e a Administração della incumbindo a hum Feitor, e se aplicou a administração da Caza e bens do Cazal da dita sua May qe. por complicada não lhe dava lugar de cuidar dos seos proprios bens, pr. cujo falta sofreo hum grande prejuizo nos seos interesses anuaes; pr. exemplo o genero capados em qe. fazia anualmente. 400$.....pela falta da sua assistencis.

10.°) P. q. não foi só o A. com sua pessôa qe. se entregou a Administração do Cazal de sua felecida May, mas tambem sua mulher D. Claudina no qe. dizia respeito ao regimen da Caza de portas a dentro, em fazer fiar, e tecer algudões, e o mais necessario na forma do estillo, e trafico da falecida May commum, pois qe. o A. não podia acudir a tudo, mto. principalmente depois qe. foi forçoso a fazer grande pte. da sua existencia nesta Villa, pr. cauza das demandas, qe. alguns dos Herdros, começarão a propor contra o Cazal commum, e que o A. era obrigado a defender.

11.°) P. qe. por causa de huma das sobreditas demandas (hum aggravo) qe. o S. Mor Antonio Alves. da Sa. intrepoz pa. o Corregedor da Comarca, foi necessario ao A. acompanha-lo pessoalmte. até Sabará, donde não voltou, senão depois q. sahio a senta, a favor do Monte commum, e nessa viagem gastou quarenta dias.

12.°) P. q. o cuidado do A. para com o Cazal de sua felecida May não se restringio só aos bens deste Termo, de qe. o A. foi Inte., mas se estendeo também aos do termo de Piracatú, fazendo qto. em si estava pa. o adiantamto. e brevide. de Inventariação, destes, afim de entregarem na Partilha juntamte. com os deste Termo; e pa. isso foi qm. requereo e fez conduzir a Precatoria pa. aquelle juizo, recomendando ao mmo. tempo a pessoa do seu conhecimento naquella Villa pa. lá se agitarem esse Inventro, com a maior brevide. possivel mandando até Procuração sua pa. esse fim, tendo la hum proprio pa. trazer o Invi. logo qe. se concluisse, como de facto trouxe.

13.°) P. q. seria fastidioso, e até ultrapassar a razoavel orbita de hum Libello, o narrar pelo miudo os trabalhos, incomodos, e prejuizos, qe. o A. tem sofrido com a inventariação deste Cazal, e com o mais qe. estava a seu cargo, como inventariante, do qe. tudo se pode fazer idea pelo qe. já está allegado em summa. e qto.

14.°) P. qe. o A. (sem fallar nos annos, qe. trabalhou pa. a Caza de sua May antes de seu falecimto. sem disso perceber salario algum) tendo-se dedicado todo á Administração desse mmo. Cazal desde o falecimto. da da. sua May não só até as Partilhas, mas até depois dellas nas entregas das heranças aos diferentes Herdros, e qe. tambem ainda não estão totalmte. extintas, he digno sem duvida de hum salario correspondente e este trabalho, e em contemplação aos prejuizos qe. tem sofrido pela falta da administração da sua propria Caza.

15.°) P. q. o A., tendo assim trabalhado em beneficio commum de todos os Herdros, daquelle Cazal, e pr. consege. bem certo de qe. estes devem concorrer com a sua respectiva quota da remuneração deste serviço, requereo ao Benemerito Sñr. Dor. Juiz de Fóra pa. qe. os Herdros, respondesse mse queirião amigavelmente, nomear a aprovar Louvado, qe. arbitrassem o qto. deveria o A. perceber por este seu trabalho; o qe. assim sendo mandado e respondendo em pro. lugar o R. como um dos Herdros. qe. he, deo em resposta qe. só depois de convencido em ultima Instancia he qe. concorreria pa. tal Pagamto. e pr. isso a vista de seme. desengano he pe. o A. lhe propoem o presente Libello, pr. estar persoadido de qe. não tem obrigação de trabalhar pa. elle gratuitamte.

16.°) P. q., o A. posto q. esteja persoadido de qe. tenha direito de levar Administração de todos os bens, de qe. foi Administrador, como Invte., pr. ora só pertende a vintena das duas terças ptes., a exemplo do qe. a Ley, e estillo concede aos Ttestamenteiros, e ao R. pede a sua respectiva quota na qualidade de Coherdro. que a final se liquidar em face da Emportancia dos dos. bens, e da herança qe. lhe tocou.

17.°) P. q. nos referidos termos, e nos melhores do Direito ha de ser o R. afinal condemnado a pagar ao A. a respectiva quota da vintena deduzida do valor das duas terças prtes. dos bens, de qe. o A. foi Invte. e Administrador do Cazal da falecida May, e sogra commum, qe. se liquidar em prezença dos seos valores, e do quinhão q. ao R. tocou na Partilha já feita e da qual se acha entregue, na certeza de q. se o R. se resolver a concordar na reconciliação, qe. a paga do trabalho do A. seja arbitrada pr. Louvados, ou mmo. q. assim seja decidido a final, o A. se annue a esse meio pr. parecer o mais conforme com a razão.

Dizemos assignados digo nos assignados eu Tente. Luiz da Cunha e Castro e minha Mulher D. Bernda. Maria de Souza Machado q. somos Senhores de Duas partes de terras nas Fazendas de Gado Bravo, e Bara a saber na pra. assima numiada trinta e quatro mil quinhentos, e cecenta e sete e meio riais: na segunda trinta e dois mil e no venta e oito riais e tres terços. Piscuimos mais nas bem feitorias das mmes. Fazendas dois mil quatro centos e noventa e dois reis e hum quarto cujas partes de terras e suas bem feitorias acima declaradas ouvemos pr. crença q. nos veio como representantes da nossa fallecida Sogra, o Mãe D. Maria Joanna de Olivra. Campos Erdeira da fallecida nossa Avô D. Joaquina Bernarda Sa. de Abreo Castello Branco na importancia de 69$156 de riais, e por que nos he percizo vender as ditas terras ao Senhor Anto. de Campos Cordro, Valladares, com qm. já tratemos. Fazemos nosso bastante Procorador ao Illmo. Sr. Capm. Joaqm. Anto. de Oliveira Campos para q. em nossos nomes possa vender e passar Titulo ao do Senhor como se nos prezte. estivecimos e receber delle obrigação das ditas terras pa. oq. comcedemos lhe todos os nossos poderes q. em dereito nos são concedidos indo esta pr. hum de nos escrito e pr. ambos assignados prezte. Fui preste. Luiz Joaqm. de Sza. Mcado. Bernarda Maria. Antonio Alvares da Silva Campos.

Diz D. Claudina de Olivra. Campos, viuva, e Cabeça de Cazal pr. falecimento de seu marido Joaqm. de Campos Cordro. Valladares, q. falecendo Benta Maria Teixra., e não deixando senão hum negro de nome João, unica herança pa. se dividir entre seis herdros., q. são Aniceto Pera. Coelho, Cipriano Mendes Soares pr. cabeça de sua mulher Maria Pera., Lino Mendes

Soares, Francisco Pera. Coelho, Francisco Maria Teixra, e Franco. Pera. de Assis, filho de Comos. Pera. Coelho: O do. marido da Suppe. em sua vida comprou as partes, q. aos tres primeiros virião a ter no mencionado Escravo, como se mostra dos dous Documentos juntos, vindo o seu Cazal a ter nelle a metade. E não convindo á Suppe. conservar a communião com os mais herdros. no do. Escravo, o qual forçosamente, se deverá partir pr. estimação, segundo a Ord. Livro 42. Titulo 96 5.º; e apezar da Suppe. o Ter em seu poder, não tem vontade de ficar com elle, mas antes quer receber as suas partes em dinheiro; e por isso quer inventaria-lo, a fim de vender-se áquelle dos tres herdeiros interessados, q. quizer ficar com elle pelo q. for avaliado, repondo aos mais em dinho.; e qdo. nenhum delles queira, ou não possa compral-o, pôr-se em Praça, pa. ser arrematado, e repartir-se o seu produto; e nomeia pa. Avaliadores o Alfes Joaqm. José Frz... e o Capm. Bernardo Xer. Rabello, e requer a V.S. se digne mdar. que os interezados respondão ao pé desta não só se aprovão os Avaliadores, mas tambem se algum delles quer ficar com o Escravo, pa. depois das suas respostas se seguirem os demais termos.

Rispondão Pitangui 17 de Fevro. de 1835.

J.P. Fonseca E.R.Mce.

Escritura de compra e venda passada por Diogo de Oliveira Campos e sua mulher.

Dizemos nós Diogo de Oliveira Campos, e Claudina Gomes Leite, marido e mulher, que sendo Senhores e possuidores de huma parte de terras de cultura, e campo na Fazenda da Agua Doce, Cuja parte nos veio por herança de nosso Pae e sogro o Capitam Felis de Oliveira Campos já falecido, e outra que Erdamos por falecimento de nosso Irmão e Cunhado Antonio de Oliveira Campos cujas partes excedem a dois contos de reis, e dellas vendemos a nosso Tio o Capm. Joaquim Antonio de Oliveira Campos, hum conto de reis, em matos, e campos em proporção da qa. que nos toca, muito, digo, que nos toca pello presso de sua avaliação, matos a oito mil reis, e campos pello presso, que consta das avaliaçõens no inventario de nossa Avó e Mãe D. Joaquina Bernarda cuja venda fazemos de nossas livres vontades, sem constrangimento de espessie alguma, pelo tempo de oito annos, em pagamentos iguais, ficando elle Comprador obrigado a pagar na pessoa do dito sedemos, transpassamos, e demitimos de nós todo o direito posse, jus, e dominio qe. tinhamos na parte vendida, podendo o do. Comprador della dispor como fazenda sua que fica sendo de hoje em diante.

E outro sim nos obrigamos por nossas pessoas e bens fazer-lhe boa esta venda, e darmos Escritura Publica, qdo. pedida nos seja, sendo esta paga pello Comprador. E por verdade pedimos a Francisco Antonio Rodrigues q. esta por nós escrevesse, sendo por nós somente asignada perante as tetas. abaixo asignadas.

Fazenda do Sigano 22 de 9bro. de 1833. — Diogo de Oliveira Campos Claudina Gomes Leite.

Eu qe. escrevi, e asigno
Franc. Anto. Roids.
Como testemunha Antonio Joaqm. Glz.
Como Testa. Antonio Gomes Leite.

Cópia de escritura de doação

Escriptura de cem oitavas de ouro a juro, patrimonio da Capella de nossa Senhora da Penha, sita no bairro do Batatal desta Villa, que faz o Capm. Antonio Rodrigues Velho, administrador e protetor da dita Capella.

Saibam quantos este publico instrumento de escriptura de ouro a juro e obrigaçam virem, que sendo no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil setecentos e trinta e oito aos quinze dias do mez de dezembro do dito ano, nesta Villa de Nossa Senhora da Piedade de Pitanguy, e casas de morada do Capm. Antonio Rodrigues Velho, aonde eu Tabeliam ao adiante nomeado vim, e sendo ahi apareceo presente o dito Capm. Antonio Rodrigues Velho pessoa que reconheço pela propria aqui nomeada, e por elle me foi dito em presença das testemunhas ao adeante nomeadas e assignadas que o Capm. José de Campos Bicudo, já defunto, em sua vida fundara e erigira huma Capella de Nossa Senhora da Penha, sita no bairro do *Batatal* desta dita villa, com provisão do Illmo. Snr. Bispo desta Diocese do Rio de Janeiro e retirando-se o dito Capm. José de Campos Bicudo desta villa para a Comarca da cidade de São Paulo, trespassara a administraçam da dita Capella nelle dito Capm. Antonio Rodrigues Velho, digo, Capella na pessoa delle dito Capm. Antonio Rodrigues Velho outorgante desta escriptura, por estar casado com Margarida de Campos, filha legitima do dito Capm. José de Campos Bicudo, e este entregara a elle dito Capm. Antonio Rodrigues Velho cem oitavas de ouro, patrimonio da dita Capella, para dellas pagar os juros de seis e quarto pr. cento em cada hum anno e com elles comprar o nescessario para a mesma Capella, e porque o Doutor visitador geral Francisco Pinheiro da Fonsêca obriga em seos provimtos. a elle outorgante passar a presente escriptura pello que e por ter o dito Capm. Antonio Rodrigues Velho em seo poder as ditas cem oitavas de ouro, patrimonio da dita Capella, que confessava haver recebido do dito defunto o Capm. José de Campos Bicudo, tomava sobre si a dita quantia a razam de juro de seis e quarto por cento em cada hum anno, como é uso e costume para despender na mesma dita Capella os ditos juros no que for conveniente, como administrador e protetor della, o qual juro começaria a correr do dia vinte e cinco de Junho proximo passado do presente anno de 1738 e iria correndo o dito juro na mesma conformidade, o que prometia e se obrigava pela sua pessoa e bens moveis e de raiz, havidos e por haver.....

delles e a dar e tornar as ditas cem oitavas de ouro em pó a quem trespassara a administraçam da dita Capella que, por direito lhe pertencer e mostrar o que nelle tiver despendido pr. conta dos juros que vencidos forem como tambem a dar conta dos juros vencidos desde que se fundou e se erigiu a dita Capella e despeza que nella se tiver feito thé o dia 25 de junho proximo passado do presente anno, todas as vezes que pedidas lhes forem. Em fé e testemunho da verdade assim o disse e se obriga e pediu ao mesmo Tabeliam lhe fisesse esta escriptura nesta nota a qual lhe he e me disse estava na forma que me tinha declarado e assignou e aceitou e eu Tabeliam, como pessoa publica estipulante e aceitante, a estipulei e aceitei em nome das pessoas ou pessoa a que tocar possa o direito delle sendo a tudo presentes por

munhas e licenciado Antonio Ferreira da Silva, Manuel do Rego Bandeira, clerigo in minoribus, moradores nesta villa, pessoas reconhecidas de mim Tabeliam Pedro Barbosa de Lira, que o escrevi.

Nada mais se continha na dita escriptura, que estava assignada.

NOTA: Segundo o Dr. Juvenal Gonzaga, a palavra Batatal vem do tupi-guarani: Boi-tatá, cobra-fogo, mãe do ouro e não de batata. A palavra batata só muito mais tarde foi introduzida no português.

CAPELA DA PENHA

Saibam quantos êste público instrumento de trespasse de senhorio e administração virem, que sendo em o anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de 1725 annos, aos 16 dias do mez de junho do dito anno, nesta villa de Nossa Senhora de Piedade de Pitanguy, em a paragem chamada Batatal, em casa de morada do Cap. Antonio Rodrigues Velho, onde eu Tabellião ao diante nomeado fui vindo, e sendo ahi aparecerão presentes, de uma parte, como doados o Capm. José de Campos Bicudo, e da outra como doador o Capm. Antonio Rodrigues Velho, e pelo Capm. Mór Luiz de Cerqueira Brandam, seu procurador bastante com procuração bastante que me apresentou que posto fé (aqui ha uma palavra que parece — ser) o Capm. João Velloso de Carvalho, tôdas pessoas que reconheço pelas próprias aqui nomeadas, e logo pelo dito doador o Capm. José de Campos Bicudo me foi dito em presença das testimunhas ao diante nomeadas e assignadas, que elle era senhor e perpetuo administrador de uma Capella sita no Batatal desta Villa, com a invocação de Nossa Senhora da Penha por provisão que tinha do Illmo. Bispo desta Diocese, cujo dominio e administração passava trespassava de muito sua livre vontade, sem constrangimento de pessoa alguma e só por se retirar para povoado, nas pessôas de seu genro o dito Capm. Antonio Rodrigues Velho e do Capm. Mór Luiz de Cerqueira Brandam, para de hoje em diante a possuirem e administrarem como sua que fica sendo para se, seus ascendentes e descendentes, administrando-a e paramentando-a, pondo e despondo della como instituidores; e que outrosim doava á dita Capella para seu patrimonio, cem oitavas de ouro, as quaes deixava em mão do Capm. Mór Luiz de Cerqueira Brandam, para de seu rendimento paramentar a dita Capella, e logo pelo dito Capm. Mór João Velloso de Carvalho, como procurador bastante do dito Capm. Mór Luiz de Cerqueira Brandam, me foi dito, em presença das mesmas testimunhas, que era verdade ter recebido o dito seu constituinte da mão do dito Capm. José de Campos Bicudo as ditas cem oitavas de ouro em pó, e se obrigava em nome de seu constituinte e por seus bens que obriga a dar conta das cem oitavas de ouro no juiso onde pertencer, dellas e de seus juros paramentar a dita Capella, e logo pelo dito Capm. Antonio Rodrigues Velho me foi dito que elles acceitavão a dita doação da dita Capella, e se obrigavam por se e seus bens a cumprirem a dita administração da dita Capella, digo, administrarem-na como elle dito doador a tinha e mantinha; e de como assim o disseram e acceitaram e se obrigaram, me pediram lhes fisesse esta escriptura nesta nota que assignaram e aceitaram, e eu tabellião aceito em nome de quem tocar o dereito d'ella, ausente ou presente, com a pessôa publica estipulante e aceitante, sendo a tudo por testimunhas presentes o licenciado

(aqui um nome illegivel) e Manoel da Costa e Tal, pessoas reconhecidas de mim tabellião Estevão de Almeida (parece ser este o nome) que a escrevi.

M. R. Dona Rita Maria de S. Jozé Cordeiro com seus filhos, e genros, Viuva herdros., e Tutor dos Orphaons do Capm. Jozé Frz. Valladares, pela representação junta recorrerão a Alta Proteção de V. Exa. pa. os Prover de remedio contra a violencia qe. lhes cometteo hum S. Mor que informarão aos Supes. ser da Va. de Tamanduá, e obtiverão o Veneravel Despacho na mma. estampado; porem tendo de ser aprezentado ao Capm. Mor daquelle Tro. pa. o cumprir são certificados de qe. todos os mensionados factos forão praticados pelo S. Mor Antonio da Costa Pera. morador no Julgado do Araxá, e que foi da Capnia. de Goias, o qual fora autorizado pr. dispacho de 31 de Janro. deste anno proferido pelo. Governo Interino desta Capnia. em auzencia de V. Exc. pa. ser aberto hum bebedor apalitrado, qe. se descobriu na Matta da Corda vezinho as Fazdas. dos Suppes. a requerimto. dos moradores de S. Pedro de Alcantra do Araxá. Este G. Mor, Excmo. Senhor, fez esta entrada com pessoas do Povo, e tomou diferentes denominaçoens dos terrenos da Fazda reprezentada ora chamando-a Gloria — ora a vertente da Confuzão pa. figurar diferentes lugares quem o informava, sendo as identicas, qe. se reprezentão no requerimto. incluso, e consta aos Suppes. que passara Editais de suas divizoens, e declarava, qe. erão pa. João Teixra. Soares, Anto. Pedro Vedigal de Barros, Joaqm. Jozé da Silva, João Jozé de Olivra., e Antonio Januario Carmo., qe. são moradores nesta Capital, e na cide. de Mariana, e qe. pa. proteger estas mediçoens tinha recomendação mui circunspectas, e respeitaveis, quando os Supes. tudo tem já medido pr. ordem dos Antecessores de Va. Exc. pr. isso vem recorrer pela prezte. suplicaçõm toda a submissão, e respeito pa. q. V. Exa. se digne mandar substar naquelle procedimto. e ulteriores, attento e ponderado, ficando conservados ao Suples. em suas posses, e devizoens já batizados pr. ordens deste Governo athé qe. sejão convencidos pelos meios ordinarios em seu competente Juizo, constante dos documentos juntos, qe. não he o Jultado do Araxá tam modernamte. devolvido da Capnia. de Goias pa. esta, pois são terras nas vertentes do Abaité, Funxal e Andaiá do Termo da Va. de Pitangui, visto qe. o do. G. Mór, assim tem praticado authorizando-se com o respeitavel nome e ordens de V. Exca.

P. P. a V. Exca. se digne tomar em consideração o expendido, e a sua suplica junta, pa. deferir com a rectidão costumada.

E. R. M.

Outra petição de D. Rita Maria de São José Cordeiro

Para poder deferir com todo o conhecimento de causa ao prezente requerimento, ordeno ao Capm. Mor do Termo da Vila de Tamanduá que chamando a sua presença o Supdo. qe. se diz ser Sargento mor, o faça responder sobre o conteudo no mmo. requerimento declarando a ordem que teve pra. medir e demarcar as Sesmarias de que se trata em territorio diferente Termo, e assim satisfeito o do. Capm. Mor me remeterá tão bem sua informação á este respeito. V. R. 17 de Setbro. de 1817.

M. R.

Dizem D. Ritta Maria de S. José Cordeiro, viuva do Capm. José Frz. Valadares, e os herdeiros deste o Dor. João Evangelista de Faria Lobato, o Capm. João Cordeiro Vallades., e o G. Mr. Joaquim Cordeiro Vallades. qe. sendo o morido, e Pay das Supes. Snr. e possuidor da fazda. denominada S. Miguel das Alagoas do Campo Grande, nas Cabeceiras do Abaeté, Termo de Pitangui, havida do primro. possuidor José Frz. Viseu em pagamento de divida pr. qe. lhe fazia execução como mostra a Certm. N.º 10; a benificiou, administrou, e cultivou em qto. vivo, e pr. sua morte sendo inventariada entre os seus bens, e avaliada na qtia. de 2:000$000, fez parte da hera. dos Suppes., qe. na qualide. de legimos. Sucessores conservão o mesmo dominio, sem alteração das divisas, abalizadas pr. Authoride. dos Exmos. Predecessores de V. Excia., nem jamais houve a esse respeito contradim. algua, antes são tão reconhecidas de todos os vizinhos, e comfrontantes. qe. concedendo o Excmo. Sr. Conde de Sarzedas variar Sesmarias na passagem forão sempres reservadas as terras da fazenda dos Supes. pr. gozarem aprimazia de mais antigas, Situadas pr. aqle. Colono, qe. pa. lansar as primras. posses, e fazer habilitação, se arriscou a grandes perigos de vida ao combate de feras bravissimas, arrostando as pestilencias de hu certão dezerto desamparado de todos os soccorros da humanidade. pr. ser isto hu relevante Servo. qe. sempre conciliou a Rl. Attenção pa. seu protegido na Conservação, q. he transmissivel aos Supes. Porem não obstantes esta regalia e as qe. religiosamente se deduzem dos Sagrados Direitos de Posse, elles sofrem gravissimo prejo. e maior força commettida pr. hir Personagem, qe. tem tito. de Sargto. Mor em Tamanduá, cujo nome se ignora, assim como a Jurisdm., o qe. em fins do proximo mês de Julho apprezentando se no Lugar e apadrinhando-se com o Respeitavel Nome de Va. Excia. passou a medir e demarcar Sesmarias, repartindo as terras da Fazda. dos Suppes., sem estes serem ouvidos, e procedendo acelerado sem Conhecimento de Cauza, nem informação do estado das Cauzas com notavel offença da paz, e do socego qe. os Supes. gozão, a ate tolhidos de recurso; pr. qe. mal o poderão procurar em territorio alheio, e perante hu executor extranho; pois he sabido pertencer o da Fazenda de qe. se trata ao Tro. de Pitangui, onde os Suppes. são moradores, e a cujas Justiças sempre respoderão, e melhor se clarificou na divizão da Va. do Paracatú do Principe, e Alv. de 17 de Mo. de 1815. copiado na Certm.

N.º 3. Por tudo isto submissame. recorrem os Suppes. a Va. Exc. pa. os mandr. conservar na sua posse havendo pr. nenhum os actos violentame. praticados pr. aqle. intruso, das q. nenhú Concessionario se possa valer, nem pr. força delles perturbar os Suppes., pena de serem prezos a Ordem de V. Exca. e remettidos a esta Capital.

P. a V. Excia. se digne pr. sua costumada Rectidão e justiça de fazer aos Suppes. na fra. requca.

E. R. M.

TITULO DE VENDA

Digo eu Jozé Joaquim Cordeiro abaixo assinado como Procurador de meu Sobrinho o Tente. André Cordeiro de Negros. Lobato, e Luiz Antonio de Cordro. Lima e sua mulher Maria Rita Cordeiro de Negro. Lima, Senhores, e Possuidores de huma parte que a cada hum coube em huma morada

de caza, que forão do falecido Camp. José Cardoso da Sa.; que houverão por herança de seu Avô falecido Camp. José Frz. Valladares, cujas partes, que ora duas vendo ao Sa. Mór Joaquim Cordeiro Valladares por nove mil trezentos e trinta, e trez Reis cada huma parte, preço por que foi avaliada para o Inventro. do do. falecido Avô, e por ambas partes dezoito mil seis centos, e sessenta e seis Rs. de que se achão os meus Constituintes pagos, e por iso por conta de 25 de Agto. de 1829, que faz parte de Proçam. qe. me concede poderes pa. esta venda, que faso com obrigação de ser competente ciza paga pelo Comprador, a quem hei por emposado das das. duas partes na mencionada ciza, obrigando-me pelos ditos meus Constituintes a fazer-lhe boa, firme e valioza esta venda, e para clareza, como Proio, passo este titulo de venda por mim escripto., e assinado em presença das testemunhas abaixo assinadas.

Pompéo 2 de Janro. de 1831

José Joaquim Cordo.

Como testemunha Igncio. de Oliva. Campos

André de Barros Abreu

PROCURAÇÃO

Saibam quantos este Publico Instrumento puder alias com puderes e Procuraçam bastante ou Como em Direito milhor nome e Lugar haja virem que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito Centos e nove annos, aos Cinco dias do mes de Maio do dito anno nesta Villa de Nossa Senhora da Piedade de Pitangui da Fidelissima Comarca do Rio das Velhas em Cazas de morada de Dona Rita Maria de Sam Jozé Cordeiro Viuva que ficou do falecido Capitam Jozé Fernandes Valladares a onde eu Tabelião ao adiante nomeado fui vindo e sendo aby prezente a dita Dona Rita Maria de Sam Jozé Cordeiro, o Alferes João Cordeiro Valladares, e o Guarda Mor Joaquim Cordeiro Valladares filhos e Erdeiros e Testamenteiro do dito Capitam Jozé Fernandes Valladares moradores nesta Villa que reconheço pellos proprios de que dou fé por elles foi dito em prezença das testemunhas ao diante nomeadas e assignadas que por este publico Instrumento em milhor forma e via de Direito fazia ordenava e Constituia por seus certos e em tudo bastantes Procuradores com livre e geral administração de seus beins, a saber nesta Villa o Doutor João Antonio da Silva — Viuvo e os Sollicitadores de Cauzas o Guarda Mor Miguel de Souza de Macedo e o Alferes Antonio Manoel Cezar da Fonsêca e os particulares Jozé Joaquim Cordeiro, Manoel da Fonsêca Rego na Villa de Sabará...

NOTA — este documento prova filiação de Joaquim Cordeiro Valadares e João Cordeiro Valadares e casamento de D. Rita Maria de São José Cordeiro.

ESCRITURA DE VENDA, DIVIDA E OBRIGAÇÃO QUE ENTRE SI FAZEM O CAPITÃO JOSÉ FERNANDES VALADARES E SUA MULHER DONA RITA MARIA DE SÃO JOSÉ DAS MEAÇOENS DE SEU CAZAL E DESTRATE TUDO NA FORMA QUE ABAIXO SE DECLARA

Saibão quantos este publico insirumento de escritura de venda, divida e obrigação e destrate ou como em direito melhor Lugar haja, vivem

que sendo no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e seteccntos e noventa e quatro aos quatro dias do mez de Novembro de dito anno nesta villa de Nossa Senhora de Piedade de Pitangui em caza de morada do Capitão José Fernandes Valadares onde eu Tabelião ao adeante nomeado fui vindo e sendo ahi apareserão presentes digo apareserão perante partes justas e contratadas o dito Capitão José Fernandes Valadares e sua mulher Dona Rita Maria de São José moradores nesta mesma Villa e reconhecidas de mim pelos proprios de que trato e dou minha fé Judicial e por elles ambos me foi dito em presença das testemunhas ao adeante nomeadas e assignadas que elles erão Senhores e possuidores de huma morada de Cazas citas na Rua de Baixo desta Villa que separa pela parte do Norte com Domingos da Costa Braga e do Sul confinando com o beco que vai para a Caza do Ajudante Roberto Alves de Araujo com seu quintal e todos os mais trastes que dentro dela se achão como tão bem toda a fazenda Seca dividas que se devem por creditos bilhetes e de livro ouro Lavrado prata e mais alfaias e tudo o mais que tiver titulo de seu dinheiro enxó e Barras ferramentas de roça e lavra douro das ditas cazas e assim mais hua morada de Cazas já principiadas nesta mesma Villa na Rua de Sima que vai para a Igreja Matriz desta Villa e madeira que estão destinadas já lavradas e serradas para as mesmas casas e assim mais a parte que lhe tocou por Erança de sua May e sobre Dona Maria Tereza Joaquina tanto em huma morada de cazas citas no Batatal em que são socios com os mais Erdeiros e escravo que ficou da dita o capitão Manoel Ferreira Guimarains com a parte do Engenho de socar pedra aguas e lavras do mesmo morro Batatal de sociedade com os sobreditos e outros mais e a parte que nas mesmas terras lhe tocou por Erança da mesma Dona Gertrudes de Campos na Fazenda do Curral e a que tocou ao Sargento Mor Manoel Veleso de Carvalho filho da dita por Compra que se lhe fez por escritura e assim mais huma Sismaria de huma Legoa em terra de cultura de matos virgens campos e logradouros cita na Campo Grande adiante dos Jovitas como tambem todo o gado vacum e cavalar que se achar tanto nesta como na do Curral e assim mais todos os escravos de hum e outro sexo, que lhe pertencerem e que em todos os ditos bens herão elles socios em igual parte e como entre si estavão deliberados apartar esta sociedade para que cada hum deles podesse vender a sua meação que tinhão nos mencionados bens os havião mandado avaliar por pessoas de boa inteligencia que os avaliarão na quantia de dezaseis contos de Reis e que tocava a cada hum deles de meaçao oito contos de Reis e logo pelo dito Capitão José Fernandes Valadares me foi dito que ele vendia como de facto vendido tinha de hoje por todo o sempre todos os bens que lhe pertencião da dita meação a dita sua mulher pela quantia de oito contos de reis para lhes dar e pagar dentro do tempo de dez annos em dez pagamento iguais a que pro rata tocar em cada hum anno vindo a ter vencimento o primeiro pagamento do dia do falescimento dele vendedor a hum anno e que nesta forma cedia e trespassava na pessôa da dita compradora sua mulher toda a posse jus e dominio e ação que nos ditos bens tinha e que neles desde já havia por empossada pela clausula Constitute. e logo pella dita Compradora foi dito que ela aseitava a venda que lhe era feita e que se obrigava a cumprir com os pagamentos extipulados os que obrigava a sua pessoa e bens. E disse mais que ela tão bem vendia como de facto vendido tinha de hoje para todo o sempre os bens que a ela lhe tocavão de sua meação do dito seu marido o capitam José Fernandes Valadares pello preço e quantia de oito contos de Reis para lhes dar e pagar no expaço de dez annos em dez

pagamentos iguais e que pro rata tocar em cada hum como vindo a ter vencimento o primeiro pagamento dia do falecimento dela vendedora a hum anno e que no mesmo comprador cedia e trespassava toda a posse jus e dominio e ação que nos ditos bens tinha nos quais desde já o havia por empossado pela clasula Constituinte e logo pelo dito comprador me foi dito que ele asceitava e presente venda na forma que lhe era feita e por sua pessôa e bens se obrigava a cumprir com as clausulas e pagamentos que fica estipulado e diserão mais o dito marido e mulher que por falecimento de qualquer deles o que tinha sobrevivendo Seria obrigado dentro de um anno a pagar todas as dividas que eles tivessem devendo o diserão mais que eles contratantes havião feito perante hum Tabelião desta vila havia annos huma semelhante escritura a qual foi entre si e tihão de nenhum efeito e que agora havião por destratada e de nenhum vigor previrão que so esta tivesse seu vigor e que prometião não reclamar a presente por ser feita mto. de suas livres vontades e sem constragimento de pessoa alguma e de como hum e outro assim o diserão e extipularão me pedirão Refisese o presente instromento nesta nota que esceitarão e asignarão e ao depois de por mim ser lido perante as testemunhas Galião Costa Rangel e o Tenente Antonio Xavier Borges moradores nesta dita Villa Reconhecidos de mim José Antonio Marques Tabelião que o escrevi "José Fernandes Valadares" — "Dona Rita Maria de São José" — "Antonio Xavier Borges" — Galião Costa Rangel, e não se continha mais cousa auguma essa dita Escritura que o Conteudo aqui fiz tresladar bem e fielmente do meu livro de nota com o qual este li corri conferi sobscrevi e asignei em Publico e Raso e vai na verdade sem cousa que duvida faça nesta Villa de Nossa Senhora da Piedade de Pitangui em o dia mês e anno ao principio declarado cujos beins se fez Inventro pello Juiz de Orfaons desta Va., e são pessoas legitimas pa. contra elles correr a preste. cauza.

P. Que nestes termos, e nos de dirto. se devem elles julgar abilitados, e tão bem o A. continuar a preste. Cauza.

F. P.

PROCURAÇÃO DE JOSÉ FERNANDES VALLADARES

Para levar a Pia Baptismal meu amado Neto Recemnascido de minha Nora Sra. D. Antonia Jacinta de Oliveira Campos e de meo filho Joaquim Cordeiro Valladares dou os meus poderes aos Senhores Guarda Mor Feliz de Oliveira Campos e Luiz Joaquim Machada e qualquer delles por mim farão as vezes de Padrinho qe. sou preso Ser do do. Innocente o qual se chamará Joaquim para clareza passei esta de minha Letra e Sinal.

Pitanguy 23 de Agosto de 1805.

Jé Frz. Valladares.

PETIÇÃO

Remetida ao Capm. Comde. Carlos Caetano Monteiro para que no caso de não resultar prejuiso aos Regios Intereces da factura da Ponte, que se pede, consinta nella, ficando huma das tres chaves na mão do Comande. do Rego mais vizinho a da. Ponte. Va. Rica 11 de abril de 1807.

Senhor

Dizem o Capitão José Fernandes Valadares, o Alferes João Cordeiro

Valadares, e outro, que sendo Senhores, e pissuidores per si, e como herdeiros do Capm. Inacio de Oliveira Campos das fazendas do Barreiro, e do Pompéo, por entre as quais corre o riacho denominado o Rio do Peixe que he a diviza da Contagem e Registro do Ribeirão das Areias nelle imcurpurado, fizerão no prezente anno, e continuarão nos seguintes a plantação das suas Rossas em terras da dita Fazenda do Pompéo qe. ficão da Outra parte do dito Rio, e como a passagem delle lhes deficulta a transzitação dos carros para as coheitas; Requerem a V. A. R. seja servido conseder-lhes Licença para fazerem a sua custa huma Ponte no dito Rio fexada e hum portão com três chaves, das quais huma ficará na mão do Commande. do Rego. dito pa. o tranzito das Patrulhas, e as duas com os Supes.

P. a V. A. R. seja servido conseder-lhes a da. Licença visto não prejudicarem aos Regios interesses da V. A. de quem.

E. R. M.

PROCURAÇÃO

Por esta de ma. letra e Sinal faço meus Bastantes procuradores aos Snres. Cappm. Mel. Ferra. Guimes. e Dor. Mel. Ferra. da Sa. e o Capam. Jozé Cardozo para qe. cada hu de perci e em Saldidum poça em meo nome e como eu prezte. levar tomar parte na pia Batismal em hua Criança filho ou filha do Snr. Capam. Jozé Frz. Valadares e de sua Molher e Snra. D. Rita Maria de Jozé Valadares na V. do Pitangi Batizando e praticando todos os autos conducentes a elle qe. tudo avery por firma e valioso por em vertude desta pela Coale. para o do. feito lhes Concedo todos os poderes qe. por direito meção pormetidos.

Va. Rica a 11 de 8bro. de 1787

João Roiz. de Macêdo

Carta de D. Rita Maria de S. José Cordeiro

Illmo. Sr. Theodoro da Silva

Quero dever-lhe o favor, e obsequio de emprestar-me trinta mil reis, cuja quantia entregará em mão de meu Neto Antonio de Negreiro Cordeiro, que vai regressando para o lugar da sua residencia.

Muito brevemente pertendo embolçar a sua Pessôa não somente desta quantia, como também de tudo o mais, que lhe sou devedora e são bastantemente poderosos estes motivos para eternizar o meu agradecimento.

Estimo muito a sua boa saude, e felicidades, e que me permitta repetidas occasiocns de seu serviço, pois sou com ingenuide. muito.

Sua atencioza veneradora

Barreiro 27 de Fevereiro de 1832

Rita Maria de S. José Cordro.

TITULO DE VENDA

Dizemos nós abaixo assignados, que entre os bens, que possuimos livres e desembargados, he bem assim uma parte de terras de Cultura e Campos no Comum da fazenda do Pompéo, cuja parte de 7308000, pr. huma segunda lousação, isto he, já com cento pr. cento sobre a avaliação antiga, houvemos pr. herança de nossa finada Mai, e sogra D. Isabel de Campos Cordro. de

qual parte acima mencionada de setecentos, e trinta mil rs., vendemos trezentos, e secenta, e cinco mil rs. á nossa Tia D. Anna de Campos Cordro. e pr. termos com effeito vendido, passamos-lhe este titulo, em que cedemos lhe todo o direito, e posse, que nas ditas terras tinhamos, ficando a Compradora obrigada ao direito nacional.

Olho d'Agua, 27 de 8bro. de 1855

Alvaro de Campos Cordeiro
Beatriz de Campos Cordeiro
Belchior Joaqm. Sa. Machado

OS PINTOS DA FONSECA
OS MELOS FRANCOS
OS DALES MASCARENHAS

Carta do Dr. João Crisostomo Pinto da Fonsêca
O envelope traz este sobescrito:
Ao Illmo. Snr. Cap. Joaquim Antonio de Oliveira Campos
Pitanguy
Estava rotulado assim: Do Dr. João Chrisostomo Pinto da Fonseca com parecer em segrêdo sobre a Capella
Trata-se da Capela do Pompéu Velho (Cópia do Documento seguinte)

(Inventario de D. Joaquina)

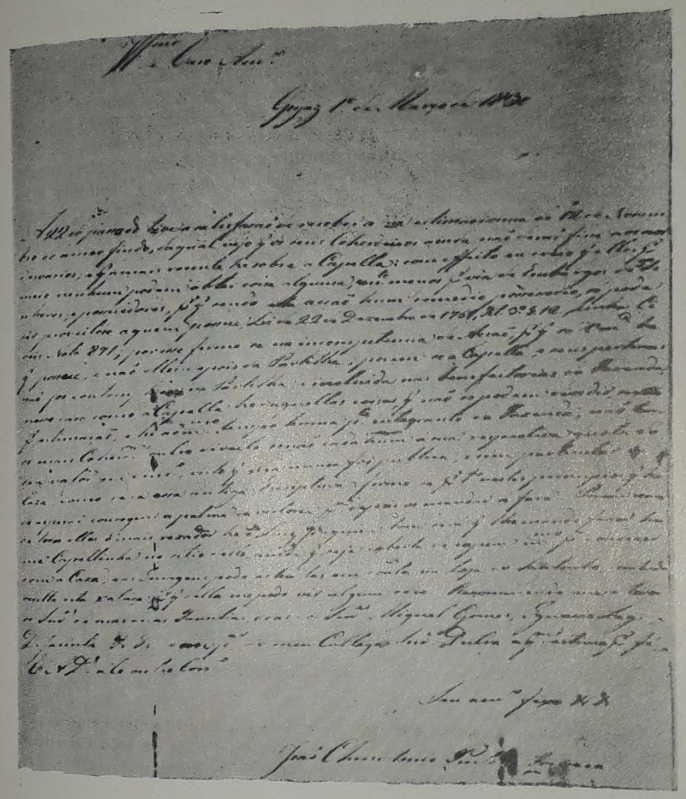
Illmo. E Caro Amo.

Goiaz, 1 de março de 1830.

A 22 do passado tive a satisfação de receber a sua estimadissima de 12 de Novembro do anno findo, da qual vejo qe. os seus Coerdeiros ainda não derão fim aos Seos desvarios; e qe. o recente he sobre a Capella: com effeito eu creio qe. elles por meio nenhum podem obter coisa alguma, mto. menos pr. via de Embargos de 3os Senhores, e possuidores, pr. qe. sendo esta acção hum remedio possessorio, só pode ser preveitoso a quem possue, Lei de 22 e Dezembro de 1751 Tit. 3.° 512 Linha Civeis, Nota 891; por isso firme-se na incompetencia da acção pr. qe. só Vmce he que possue, e não elles depois da Partilha; porém, se a Capalla e seos pertences não foi em tempo dada na Partilha, e incluida nas benfeitorias da Fazenda, nesse caso como a Capella he daquellas coisas, qe. não podem dividir senão pr. estimação, e he ao m.m. tempo huma pte. integrante da Fazenda, não tem os mais Coerdeiros outro direito senão cada hum á sua respectiva quota de seu valor em din., visto qe. ella nunca foi publica e sim particular e a caza, como reza a antiga Escritura; firme-se pr. t. neste principio qe. é de esperar a palma da victoria, pr. depois os mandar ás favas. Porém, como de todos elles o mais rixador he o Luiz Joaquim bom será qe. se lhe mande fazer huma Capellinha no sitio delle, ainda qe. seja coberta de capim. m.m. pa. condizer com a Caza, e as Imagens pode acha-las em conta na loja do Santinho, contudo, oculte essa xalaça pr. qe. della me pode vir algum odio.

Recomende-me a todos os Snrs. de duas Familias, e das dos Snrs. Miguel Gomes, Inacio Lage, e D. Jacinta e ampas. ao meu Collega Snr. Dutra, a quem estimo pr. fé.

E A D. athé outro enco.
Seu Amo. Fixo
João Chrisostomo Pinto da Fonseca



Certidão do casamento de João Chrisóstomo Pinto da Fonseca Junior e de D. Franklina Laura Pimentel Barbosa.

Aos oito de Fevereiro de mil e oitocentos e quarenta e seis, corridos os banhos e precedidas todas as formalidades do estillo juxta Tridentinum depois de se ter mostrado livre e desempedido perante o Reverendo Provisor, com licença do Reverendo Vigario Geral desta Comarca Eclesiastica da Manga do Bispado de Pernanbuco Freguesia de Santo Antonio da Manga do Paracatú pelas cinco horas e meia da tarde na Casa do Comendador Joaquim Pimentel

Barbosa, em minha presença e das testemunhas o Tenente Coronel Teodosio Caetano de Moraes, o Tenente Bernardo Bello Pimentel Barbosa, e outras muitas circunstantes juntei em Matrimonio por palavras de presente aos nubentes João Chrisostomo Pinto da Fonseca Junior, branco de vinte e dois annos negociante, filho legitimo do Doutor João Chrisostomo Pinto da Fonseca, e Dona Maria Aurelia de Oliveira, já falecida, natural e Baptizado na Villa do Pitanguí, e Freguesia do mesmo nome, com Dona Franklina Laura Pimentel Barbosa, branca de idade de dezoito annos, filha legitima do Comendador acima nomeado, e sua mulher Dona Maria de Mello Pimentel, natural e baptizada nesta Freguesia de Santo Antonio do Paracatú, e logo lhes dei as Bençans Nupciais na forma do Ritual Romano e Cerimonias da Santa Igreja do que para constar fis este assento que assigno o Vigario Miguel Archanjo Torres.

Dr. João Crisóstomo Pinto da Fonseca

Dr. João Crisóstomo Pinto da Fonseca, português, formado em Direito, foi Ouvidor das comarcas de Pitangui e Goiás, filho de João Crisóstomo da Fonseca Reis (1748) e de D. Maria Rodrigues do Nascimento (1762), neto paterno de Alferes Dionisio da Fonseca Reis e de D. Maria do Nascimento; neto materno de Domingos Rodrigues Afonso e de D. Isabel Caetana de Faria. Casado em Pitangui com D. Maria Aurélia de Oliveira e Silva, filha de D. Jacinta de Oliveira Campos. A tradição afirma que D. Maria Aurélia descende de D. Joaquina do Pompéu.

Pais de:

FA Cel. João Crisóstomo Pinto da Fonseca, nascido, em Paracatú, a 27 de agosto de 1824, e aí falecido a 12 de setembro de 1880, c.c. D. Franklina Laura Pimentel Barbosa, filha do Cap. Joaquim Pimentel Barbosa (português).

Cel. João Crisóstomo Pinto da Fonseca Filho

Pais de:

N-1 Ana Leopoldina, nascida em Paracatú a 19 de dezembro de 1847 e falecida a 23 de dezembro de 1925, c.c. Dr. Virgilio Martins de Melo Franco, nascido em Paracatú em 1839, ex-Senador estadual.

Pais de:

Bn-1 *Afonso Arinos*, nascido a 1.º de maio de 1868 Formou-se em Direito pela Faculdade de S. Paulo em 1889. Professor do Ginásio de Ouro Prêto. Diretor do "Comércio de São Paulo", pôsto a êle confiado por Eduardo Prado. Advogado no Rio de Janeiro, depois que deixou São Paulo, após a morte de Eduardo Prado. Banqueiro em Paris. Em uma de suas viagens à Europa morreu em Barcelona, aos 19 de fevereiro de 1916. Membro do Instituto Histórico e da Academia Brasileira de Letras. Suas obras: "Pelo Sertão", obra-prima, em que revela qualidades

insuperáveis de escritor regionalista, tornando-se considerado o príncipe dos sertanistas brasileiros. É um mago, quando descreve o sertão brasileiro e a sua gente. Êmulo de Euclides da Cunha, que superou na poesia, na simplicidade e na harmonia. Residindo em Paris, vivia em Paracatú, de envolta com o bucolismo do ambiente rural e sertanejo, que êle sabia traduzir e decantar como ninguém, obedecendo talvez ao atavismo; "Os Jagunços";

Dr. Virgílio Martins de Melo Franco

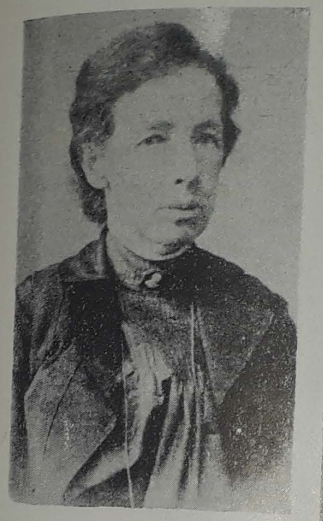
"O Contratador de Diamantes", obra histórica"; "Lendas e Tradições Brasileiras"; "O Mestre de Campo", notando-se que "Pelo Sertão" é a obra consagradora da beleza e opulência de sua bagagem literária.

Tristão de Ataide, de Afonso Arinos diz: "Era a flor da família, como era um dos mais belos tipos física e moralmente falando, do povo brasileiro, em todos os tempos. Casado com D. Antônia Prado, não deixou filhos.

Bn-2 Dr. Afrânio de Melo Franco.

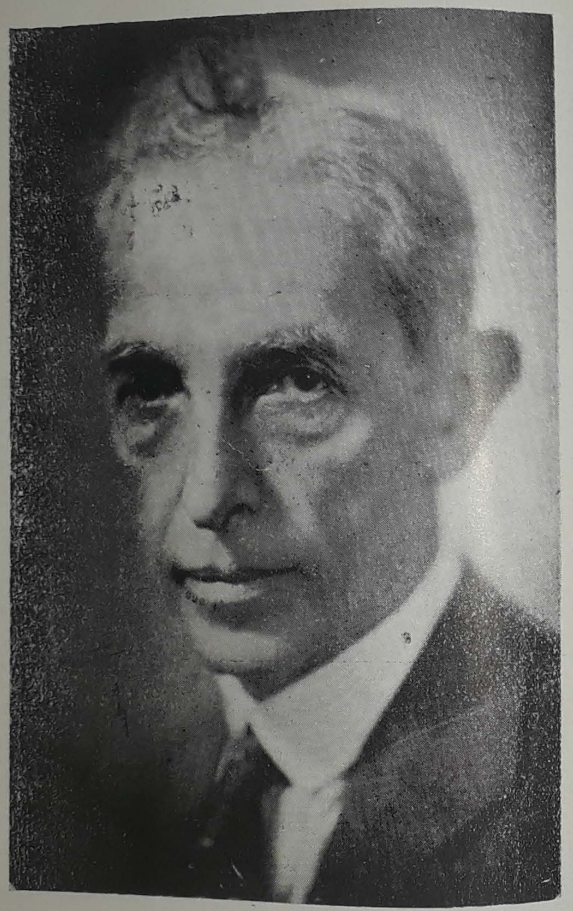
AFRÂNIO DE MELO FRANCO

Nasceu a 25 de fevereiro de 1870 em Paracatú e faleceu a 1 de janeiro de 1943. Féz o curso de preparatórios nos colégios "Padre Machado" e "Abílio César Borges". Bacharelou-se em direito em 1890, pela Faculdade de S. Paulo, após um curso brilhantíssimo. Promotor público em Juiz de Fora e Queluz de Minas, hoje Lafaiete. Secretário da Faculdade de Direito de Ouro Prêto.



D Ana Leopoldina Pinto da Fonseca

Dr. Afonso Arinos de Melo Franco



Dr. Afrânio de Melo Franco

Catedrático de Direito Internacional da Faculdade de Direito de Belo Horizonte. Procurador da República. Iniciou a carreira diplomática, como Secretário de legação em Montevidéu e Bruxelas, revelando-se diplomata aprimorado. Ingressando na política, elegeu-se Deputado Estadual e depois Deputado Federal. Elaborou importantes pareceres na Comissão de Diplomacia e Tratados, em várias legislaturas desde 1903. Conquistou os maiores triunfos parlamentares, pela clareza e lógica admiráveis de sua argumentação. Destacou-se nos trabalhos do Código Civil, assinando pareceres memoráveis, que lhe consagraram o nome de jurista. Embaixador na posse do Presidente Gutirrez, da Bolívia, em 1917. Delegado à Conferência Internacional do Trabalho em Washington (1919). Presidente da Delegação brasileira à Quinta Conferência Internacional Americana de Santiago do Chile (1923). Embaixador especial e Chefe da Delegação Permanente do Brasil, junto à Sociedade das Nações, cabendo-lhe presidir ao Conselho por duas vêzes e intervir em importantíssimos episódios (1926).

Juiz da Côrte Permanente de Arbitragem em Haia em 1923-1927. Ministro das Relações Exteriores da Junta Revolucionária de 25 de outubro de 1930, sendo mantido no cargo pelo Govêrno Provisório do Sr. Getúlio Vargas até 1933. Procurou obter o reconhecimento da Segunda República pelas potências estrangeiras e elaborou acordos comerciais com diversos países.

Retirando-se da pasta foi convidado para presidir à Conferencia Columbo-Peruana, reunida no Rio de Janeiro, para solucionar desacôrdo entre os dois países, acêrca da questão "Leticia". Deve-se à sua habilidade o entendimento entre as duas potências, pela posse do território encravado na selva amazônica, às margens do grande rio e ao longo da linha de nossa fronteira histórica, que vai da Vila de Tabatinga à foz do rio Apoporis.

A figura de Afrânio de Melo Franco está na galeria dos grandes vultos da história pátria.

Casou-se a 21 de outubro de 1894 com D. Sílvia Alvim, nascida a 2 de dezembro de 1877, no Rio, filha de José Cesário Alvim e de D. Amélia Calado de Miranda.

Pais de:

Tn-1 *Dr. Afonso Arinos*, nascido em Belo Horizonte, a 27 de novembro de 1905, c.c. D. Ana Rodrigues Alves Pereira, nascida a 5 de maio de 1908, filha de Cesário da Silva Pereira e de D. Ana Rodrigues Alves. Fez estudos secundários no internato Pedro II e superior na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, onde se formou em 1927. Foi Promotor de Justiça em Belo Horizonte de 1927 a 1928, quando voltou a residir no Rio, onde participou da campanha da Aliança Liberal. Depois da revolução de 1930 viajou para a Europa, por motivo de saúde, de onde regressou em 1932, no ano seguinte, assumiu a direção da "Estado de Minas" em Belo Horizonte. Em 1934 retirou-se daquele jornal para fundar a "Folha de Minas" que dirigiu até 1935.

Regressou ao Rio, onde ocupou o cargo de advogado do Banco do Brasil até 1943, quando foi demitido por ter assinado e colaborado na redação do "Manifesto Mineiro".

Na campanha de 1945 foi, com seu irmão Virgílio, um dos fundadores da União Democrática Nacional, da qual foi Secretário de Imprensa. Em 1947, substituindo a Milton Ca...

Deputado
Afonso Arinos de Melo Franco

integrar a bancada da U.D.N. mineira na Camara Federal, tendo sido, desde então, representante do Partido na Comissão de Justiça. Deu cursos na Universidade de Paris, Buenos Aires e Montevidéo. Foi Professor de História do Brasil. É catedrático de Direito Constitucional. Tem cêrca de 20 livros publicados. É atualmente Deputado Federal.

Pais de:

Qn-1 Afonso Arinos.

Qn-2 Francisco Manuel.

In-2 Lúcio de Melo Franco nascido em 1896. Acompanhou como adido a embaixada especial à Bolívia em 1917. Entrou logo após para a carreira diplomática como secretário. Encarregado de negócios em Paris em 1932 e em Haia em 1935. Ministro plenipotenciário no Equador. Poeta e prosador, já havendo publicado: Urna; Vida que passa; Elegias Romanas; Ao longo da Via Áppia; Os trinta e quatro contos de meu espírito; O Inconfidente Cláudio Manuel da Costa; O Parnaso Obsequioso; As Cartas Chilenas; O Bateeiro e Via Latina; Sombra, poesia; Vida e Sonho de Pedro Taques; A Vida Atormentada de Francisco de Melo Franco; autor do Reino da Estupidez. Embaixador do Brasil na Índia, em Nova Delhi.

Falecido em Paris a 18 de setembro de 1955, como embaixador, c.c. D. Iolanda Monzel natural da Austria.

Sem filhos

Tn-3 Virgílio Alvim de Melo Franco.

DR. VIRGÍLIO ALVIM DE MELO FRANCO

Era um mineiro ilustre que vivia pelo ideal da democracia, alimentado das solicitações de uma consciência pura e de coração ardente, a que dava ritmo funcional educação aprimorada, que sublimaram qualidades raciais.

Efetivamente nas veias de Virgílio de Melo Franco corria um sangue bom, que lhe transmitiram os antepassados de sua estirpe. Os Melos Francos, os Alvares da Silva, os Cordeiros, os Valadares, os Macieis, os Abreus e Silvas, os Capanemas, os Campos, os Vasconcelos, etc., de fato se irmanam em suas origens, na espessa fronde da árvore genealógica de Dona Joaquina do Pompéu.

No espírito de Virgílio de Melo Franco jamais arrefecera a chama daquele ideal, eclodindo como a flor perfumosa, que lhe havia de embalsamar a existência de paladino, estimulando-lhe as fôrças, acentuando-lhe a vontade.

E ei-lo na liça, com a santa bravura de um congregado, a pregar o seu evangelho democrático, de cujos postulados se constituiu o apóstolo sincero e abnegado. Só concebia a felicidade de sua pátria, dentro da efetivação das normas democráticas, deixando sempre transparecer em suas prédicas intimoratas um espírito público absolutamente desinteressado, inspirado pelos mais nobres sentimentos de caráter e de coração e animado por uma inteligência e cultura invulgares, que devassavam os domínios da humanística, da sociologia e da política. A sua atuação em todos êsses compos do conhecimento era assinalada pela presença de uma vontade de ferro e indômita coragem, levando de vencida todos os óbices por ventura deparados. Jamais ninguém o fizera arrefecer e nem vacilar em suas arrancadas cívicas. E por isso mesmo levava uma vida de renúncias, sacrifícios e sobretudo de heroísmo. A vida de Virgílio de Melo Franco é bem recente, para exigir que se lhe pormenorizem as gloriosas etapas.

Vivera aureolado pelas virtudes que dêle faziam um raro e magnífico exemplar humano, alto expoente de sua estirpe. No momento de transpor os humbrais da vida, ainda lhe fulgia na fronte a auréola de heroísmo, em que na sagrada defesa de seu lar, a arma de um sicário, apontada sôbre o seu peito, nem sequer fizera empalidecer.

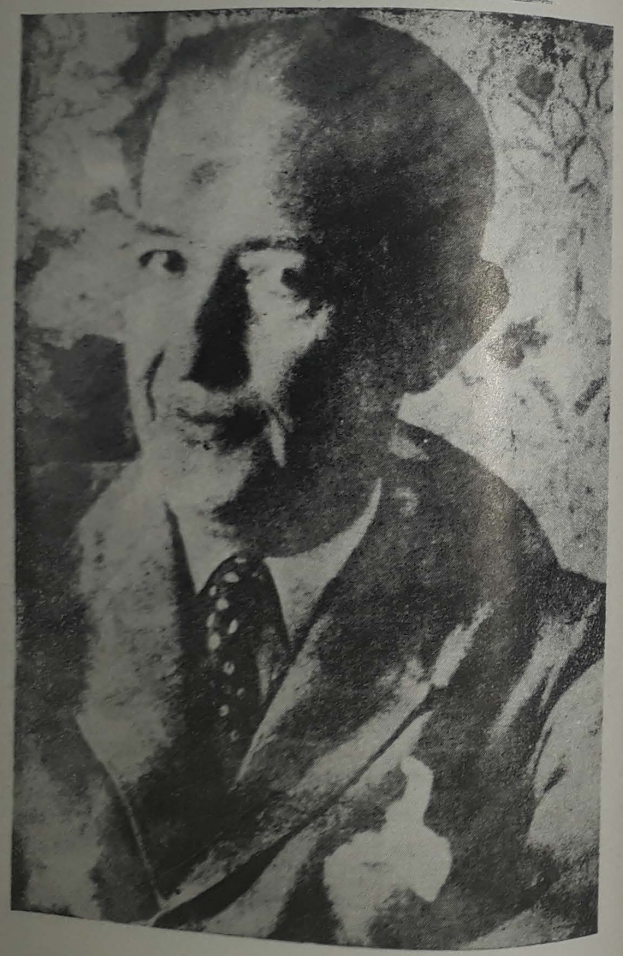
Nasceu o Dr. Virgílio Alvim de Melo Franco no dia 10 de junho de 1897, em Ouro Prêto. E era filho do Dr. Afrânio de Melo Franco e de D. Silvia Cesário Alvim de Melo Franco. Deputado à Assembléia Constituinte e líder de sua bancada. Brilhante Jornalista. O principal autor do "Manifesto dos Mineiros". Um dos grandes responsáveis pela candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República, obedecendo ao objetivo da reimplantação da democracia, consusbstanciando o seu grande ideal. Bàrbaramente assassinado no dia 29 de outubro de 1948. Deixou viúva a Exma. Dona Dulce de Melo Franco, já falecida.

Tn-4 Cesário, falecido.

Tn-5 Afrânio, Advogado, Secretário de embaixada, Professor e Escritor.

Tn-6 Silvia Amelia.

Tn-7 Maria do Carmo, c.c. Dr. José Tomás Nabuco de Araújo.



Dr. Virgílio de Melo Franco

Filhos:

1) Silva Maria da Glória, c.c. Antônio Carlos de Almeida Braga — Filho: Maria do Carmo...
2) Joaquim Aurélio
3) José Tomas
4) [illegible] do Carmo
5) Afrânio
6) João Maurício

Tn-8 Saide, c.c. Dr. Jaime Slaon Chermont.
Tn-9 João Victor, Advogado.
Tn-10 Ana Leopoldina, c.c. Dr. Carlos Chagas Filho.

Bn-3 *Dr. Arminio de Melo Franco*, falecido, foi Embaixador do Brasil em Haia. Nasceu em 1873 e faleceu em 1933. Iniciou a carreira diplomática como Adido à Secretaria de Estado das Relações Exteriores em 1897, passando a servir no estrangeiro,

Sentadas: D. Maria do Carmo, tendo no colo a neta Maria do Carmo e à sua direita sua filha Silvia Maria da Glória — De pé: da direita para a esquerda: Joaquim Aurélio, Afrânio, Maria do Carmo (Filha), José Tomaz e João Maurício. São netos do Dr. Joaquim Nabuco de Araújo pelo lado paterno, e do Dr. Afrânio de Melo [illegible]

na categoria de Ministro em 1921. Dirigiu várias missões, como a de Haia, durante a guerra européia, a de Quito, Pekim e Stocolmo. Embaixador em missão especial na posse do Presidente Gonçalo de Córdova, do Equador em 1924. Representante do Brasil nos funerais do Imperador Mutzu-Hito, do Japão em 1927.

DR. RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE

Na galeria dos Melos Francos se enfileira um pugilo de figuras representativas de sua estirpe, qual a qual mais digna de admiração.

São homens que primam pela inteligência e pela cultura, compondo uma elite expressiva, tanto mais quanto se distingem todos por uma finíssima educação moral e cívica frequentemente posta à prova.

Quando perlustramos o panorama social e político brasileiro, escassos se nos mostram os valores representativos do verdadeiro mérito, na altura

Dr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade

de hombrear com os componentes da ilustre família Melo Franco. Destaque-se nela o Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, que tão bem encarna a sua raça.

Desde 1936 desempenha êle o alto cargo de Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ao qual tem imprimido uma administração segura, graças a sua sólida cultura humanística e estética.

Tôdas as nossas cidades históricas ostentam restaurados os seus monumentos artísticos ao influxo do senso administrativo de Rodrigo Melo Franco, a despeito de minguadas verbas orçamentárias.

Êste homem de certo tempo a esta parte tornou-se um autêntico padrão do caráter mineiro. É bem recente a sua recusa de tomar assento no Tribunal de Contas de Minas Gerais, impelido por sentimentos democráticos e melindres morais.

Ao traçarmos o seu rápido perfil, sentimo-nos bem com a consciência, por isso mesmo que a homens como Rodrigo Melo Franco os maiores encômios não despertam constrangimento a quem os faz, constituindo tributo de justiça.

Dentre os monumentos históricos de Minas, ergue-se ainda em escombros o velho solar de Dona Joaquina do Pompéu, o qual ostenta ainda a sua antiga magestade, em linhas de estilo colonial.

A sua reconstrução é um anhelo de quantos já o hajam visto de passagem pela rodovia que o flanqueia, desafiando a ação do tempo contra a perenidade das aroeiras que o mantêm de pé, como organismo viril, sob uma indumentária andrajosa.

É um anelo ainda de quantos conhecem a história de Dona Joaquina do Pompéu, na evocação de sua vida heróica e lendária, que enche de ufania tôda a sua geração. Parece vai incorporar-se ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o vetusto monumento. Esta a notícia que se espalha, acolhida com alvorôço pelos que desejam ver reconstruido o palácio abandonado, onde outrora estadearam tantas riquezas.

São vivas as esperanças, caso se confirme a nova alviçareira, na ação decisiva e imediata do Dr. Rodrigo Melo Franco, no sentido de reconstruir o velho solar em ruínas, delatando a indiferença e o abandono completo a que tem sido relegado.

É que à individualidade do Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional se acham ligados interêsses concernentes às nossas antigas tradições estéticas, jamais desamparadas pelo seu espírito de grande elevação cívica.

O Dr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade nasceu a 17 de agôsto de 1898; filho de Rodrigo Bretas de Andrade e de D. Dália Melo Franco de Andrade. Fêz os estudos secundários no Ginásio Mineiro de Belo Horizonte e no Licêu Janson de Sally em Paris; formado em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1919; redator e posteriormente diretor do "O Jornal" (1925-1930); Diretor do Gabinete do Ministério da Educação e Saúde (1930-1931); Advogado nos Auditórios da Capital Federal e Diretor do Patrimônio Histórico Nacional, desde 1936. Publicou Velórios, ficção. Os amigos do livro — (Belo Horizonte — 1936). Vogal correspondente da Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa; Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e Minas Gerais.

Bn-4 Violeta, c.c. Dr. Honorato Alves
Pais de:
Tn-11 Márcio
Tn-12 Lina
Tn-13 Dália
Tn-14 Eloisa

Bn-5 Ademar, c.c. D. Isolina Tomás de Camargos
Pais de:
Tn-15 Ademar
Tn-16 Márcio
Tn-17 Augusto
Tn-18 Eduardo
Tn-19 Célia
Bn-6 Dália, c.c. Dr. Rodrigo Bretas de Andrade
Pais de:
Tn-20 Dr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade c. c. D. Graciema Sá de Andrade, em 1928;
Pais de:
Qn-3 Rodrigo Luis, n. em 1929
Qn-4 Joaquim Pedro, n. em 1932
Qn-5 Clara, n. em 1936
Tn-21 Vera, solteira
Bn-7 João, c.c. D. Isabel Portela
Pais de:
Tn-22 João Virgílio
N-2 Afonso Arinos Pinto da Fonseca, falecido aos 11 anos de idade.
N-3 Adelaide c.c. Dr. Aristides Maia.
NOTA — Eram irmãos de D. Franquilina Pimentel Barbosa: a) D. Zenóbia Pimentel Barbosa, c.c. Antônio Loureiro Gomes, avós do Dr. Argemiro de Resende Costa, ex-Deputado, residente em Belo Horizonte.
b) Dr. Nelson Dario Pimentel Barbosa, ex-Deputado, c.c. Matilde de Melo.
c) Joaquim Pimentel Barbosa, solteiro, todos naturais de Paracatu.
F-2 Maria Aldina Pinto da Fonseca, c.c. Dr. José Policarpo de Oliveira Mafra, de São João del-Rei.
Pais de:
N-4 Maria Olimpia, c.c. Guilherme Dalle.
Pais de:

D. Olivia e suas filhas Guilhermina e Vera, Helena Ratton Dalle com sua filhinha Ana, e o Sr. José Dalle (Juca Dalle)

Bn-8 Olivia Dale Mascarenhas, c.c. José Jorge Mascarenhas, residente em Barreiro — Paraopeba.
Pais de:
Tn-23 Guilhermina, solteira
Tn-24 Judite, falecida solteira
Tn-25 Dr. Afonso Dale Mascarenhas, c.c. Rita de Paula Mascarenhas.
Pais de:
Qn-6 Marta Maria
Qn-7 Fernando
Qn-8 Ângela Lúcia
Qn-9 Eloisa Helena
Tn-26 Bernardo, c.c. Maria de Paula Mascarenhas
Pais de:
Qn-10 Maria de Lourdes
Qn-11 Iêda
Qn-12 Marcos
Qn-13 José Euripedes
Tn-27 Angélica, falecida solteira
Tn-28 Dina Mascarenhas Lavalle c.c. Antônio Lavalle
Pais de:
Qn-14 Humberto
Qn-15 Luciano
Qn-16 Maria Olivia
Qn-17 Mariza
Tn-29 José, solteiro, ex-Prefeito e Paraopeba
Tn-30 Maria, solteira (falecida)
Tn-31 Viriato, solteiro
Tn-32 Geraldo, solteiro
Tn-33 Vera, solteira
Tn-34 Ana, solteira (falecida)
Bn-9 Ana Dale Mascarenhas, c.c. Aristides Mascarenhas
Pais de:
Tn-35 Sérgio, falecido solteiro
Tn-36 Iracema, falecida solteira
Tn-37 Sebastião, falecido
Tn-38 Ari, falecido solteiro
Tn-39 José Júlio Mascarenhas, c.c. Júlia Álvares da Silva, filha de Dr. Frederico Álvares da Silva e de D. Laura Marques, residente em Sete Lagoas
Pais de:
Qn-18 Aristides Augusto
Qn-19 Frederico Luciano
Qn-20 Laura Lúcia
Qn-21 Paulo José
Qn-22 Júlio
Qn-23 José Marcelo
Tn-40 Dr. Guilherme Dale Mascarenhas, c.c. D. Babita Barbosa Mascarenhas.
Pais de:
Qn-24 Aristides José

Qn-25 Ana Maria
Qn-26 Pacífico
Qn-27 Maria Elisa
Qn-28 Heitor Aluísio

Tn-41 Aires Dale Mascarenhas, c.c. Hortência Álvares da Silva, filha de Dr. Frederico Álvares da Silva e de Judite Andrade, de Juiz de Fora.

Pais de.
Qn-29 Ana Escolástica
Qn-30 Ana Regina
Qn-31 Rafael

Tn-42 Frederico Dale Mascarenhas, c.c. D. Irene Ratton Mascarenhas.

Pais de:
Qn-32 Ana Lúcia Cláudia, c.c. Dr. José Machado Mourão
Filha:
Cláudia
Qn-33 Carmem Sílvia e Frederico Luis

Tn-43 Jaime, falecido solteiro
Tn-44 Júlia, c.c. Dr. José Donato da Fonseca, Diretor do Instituto São Rafael (dos cegos) em Belo Horizonte, falecido.

Pais de:
Qn-34 Fernando José

Tn-45 Josefina, falecida solteira
Tn-46 Luis Augusto falecido solteiro

Bn-10 Josefina, falecida, c.c. João Maria Ribeiro
Pais de:
Tn-47 Antônio
Tn-48 Josefina
Tn-49 Guiomar

Bn-11 Maria Pia, c.c. Antônio Fortunato de Araújo Costa, português.
Sem filhos

Bn-12 José Dale (Juca Dale), c.c. D. Helena Ratton.
Pais de:
Tn-50 Ana Helena

Bn-13 Luis Dale, falecido, c.c. D. Dídima de Sousa, residente em Sant'Antônio da Encruzilhada — Paraiba do Sul — Estado do Rio — onde é Agente do Correio.
Pais de:
Tn-51 Carlos Luis, c.c. D. Zilda Lopes Cançado.

Bn-14 Afonso Dale, c.c. a 1.ª vez com Policena Mascarenhas, filha de Caetano Mascarenhas e de D. Bárbara Diniz Couto.
Pais de:
Tn-52 Caetano, falecido, c.c. D. Vera Bárbara da Silva.
Pais de:
Qn-35 Teresinha
Qn-36 Vicente

Tn-53 Dr. Guilherme Dale Mascarenhas, c.c. D. Eunice Albuquerque Mascarenhas

Pais de:
Qn-37 Carlos Márcio
Qn-38 Afonso Geraldo
Qn-39 Nanci
Qn-40 Teresinha de Maria
Qn-41 Maria Cristina
Qn-42 Eliana e Ulisses

Tn-54 José Luis, c.c. Policena da Silva Mascarenhas
Pais de:
Qn-43 Maria Isabel
Qn-44 Vanda Maria
Qn-45 Sônia Maria e Lucas

2.ª vêz, Afonso Dale Mascarenhas, c.c. D. Carolina de Castro Cunha.
Pais de:
Tn-55 Carlos Afonso
Tn-56 Maria Olívia

N-5 Carolina Gabriela de Oliveira Maira, c.c. Carlos Próspeiro Ratton.
Pais de:

Bn-15 Carmen Ratton, c.c. Cel. Anibal Pinto Mascarenhas, filho de Bernardo Ferreira Pinto e de D. Maria Teodora Mascarenhas.
Pais de:

Tn-57 Izaura Ratton Mascarenhas, c.c. Nicolino Malêta, proprietário do Grande Hotel de Belo Horizonte.
Pais de:
Qn-46 Mauro Roberto Mascarenhas Malêta
Qn-47 Marta Maria
Qn-48 Teresinha Maria
Qn-49 Elza Marina

Tn-58 Dagmar Ratton Mascarenhas solteira
Tn-59 Carolina, c.c. Bonifácio Barbosa da Silva, falecido
Pais de:
Qn-50 Carmen Maria
Qn-51 Anibal Antônio
Qn-52 Eloisa Helena

Tn-60 Irene, c.c. Frederico Dale Mascarenhas, filho de Ana Dale Mascarenhas e de Aristides Mascarenhas
Filhos já descritos

Tn-61 Carlos Ratton Mascarenhas, c.c. D. Branca Mascarenhas
Pais de:
Qn-53 Geraldo Bernardo
Qn-54 Maria Carmen, Andréia, Luis Felipe, Antônio e Anibal

Bn-16 Carlos Próspero Ratton Júnior, c.c. D. Ana Cândida Côrtes.
Pais de:
Tn-62 Helena
Tn-63 Antonieta
Tn-64 Lavínia

D. Carolina Gabriela de Oliveira Ratton

Tn-65 Lucila
Tn-66 Marina
Tn-67 Ciro
Bn-17 Alfredo Luis Ratton (Lulu Ratton), c.c. D. Maria Carlinda Mourão, residente em São João del-Rei.

Pais de:

Tn-68 Maria Carlinda Ratton de Carvalho, c.c. Dr. Júlio Ferreira de Carvalho, Deputado Estadual, ex-Interventor de Minas Gerais.

Pais de:

Qn-55 Maria Carmen de Carvalho
Qn-56 Júlio Maurício
Qn-57 Berenice, c.c. Dr. Júlio Tomaz Sales, filho: Júlio e Maurício
Qn-58 Maurício

Tn-69 Dr. Alfredo Luis Mourão Ratton, c.c. Hortência Barbosa

Pais de:

Qn-59 Luis Carlos

Tn-70 Capitão Antônio Carlos Ratton Mourão, c.c. D. Adair Pereira

Pais de:

Qn-60 Antônio Carlos
Qn-61 Ana Maria

Tn-71 Antonieta, c.c. Antônio Lopes Cançado

Pais de:

Qn-62 Maria Antonieta
Qn-63 Eduardo Luis
Qn-64 Antônio Luis
Qn-65 Maria Eunice

Tn-72 Eloisa, c.c. Dario de Castro Monteiro

Pais de:

Qn-66 Breno
Qn-67 Júnia
Qn-68 Maria
Qn-69 Dario
Qn-70 Sônia
Qn-71 Aluísio

Tn-73 Dr. Luis Ratton Mourão, Juiz de Direito em Divinopolis, c.c. D. Eurides Correia Amorim.

Pais de:

Qn-72 José Luis
Qn-73 Luis Fernando
Qn-74 Carlos Alberto

Tn-74 Elza, c.c. Mário Lombardi

Pais de:

Qn-75 Mário
Qn-76 Mariza

Tn-75 Dr Carlos, c.c. Eneida Rocha

Pais de:

Qn-77 Carlos Alfredo

Tn-76 Maria Carmen, c.c. Santiago Sabino de Freitas

Pais de:

Qn-78 Marcelo
Qn-79 Márcio

Tn-77 Nelson Mourão Ratton, solteiro
Tn-78 Moacir, funcionário de Banco no Rio de Janeiro, solteiro
Tn-79 Helvécio, falecido solteiro
Tn-80 Gualter Mourão Ratton, solteiro, funcionário de Banco em Belo Horizonte

Bn-18 Eugênia falecida solteira

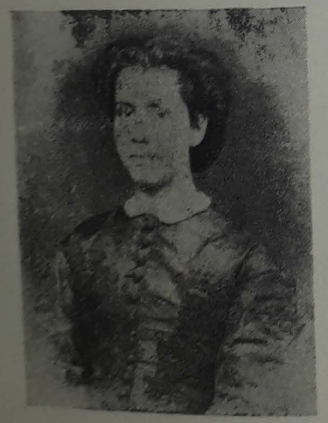
Bn-19 Maria Luisa Ratton Lírio, c.c. Henrique Augusto Lírio.

Pais de:

Tn-81 Eponina Lírio, c.c. Ildefonso Silva, comerciante em Belo Horizonte

Pais de:

Qn-80 Dr. Wite Lírio Silva, Engenheiro, residente em Belo Horizonte
Qn-81 Lóide, sócio da Casa Romualdo Cançado em Belo Horizonte



Carolina Ratton

Qn-82 Marina, solteira
Qn-83 Lêda, normalista, trabalha no escritório da Metro

Bn-20 Carolina Ratton de Moura, c.c. Dr. Artur de Moura, médico em Belo Horizonte.

Pais de:

Tn-82 Sílvia, c.c. Carivaldo Pires Salgado

Pais de:

Qn-84 Hélio
Qn-85 Ilca
Qn-86 Cléia
Qn-87 Vanda

Tn-83 Argentina, c.c. José Augusto Gonçalves (f.)

Pais de:

Qn-88 Elza
Qn-89 José
Qn-90 Mauro

Tn-84 Antonieta, c.c. Mário Teles

Pais de:

Qn-91 Ilca

Tn-85 Artur, c.c. D. Araci Andrade Moura

Pais de:

Qn-92 Artur
Qn-93 Aluísio (f.)

Tn-86 Dr. Nelson, c.c. D. Anita Lôbo de Moura

Pais de:

Qn-94 Márcio
Qn-95 Sérgio

Bn-21 América, falecida solteira

N-6 Paulina Emília de Oliveira Mafra, c. a 1.ª vez com Horta Barbosa Sem Filhos
2.ª vez, c.c. Dr. Cardoso

Pais de:

Bn-23 Tito Cardoso de Oliveira
Bn-24 Mário
Bn-25 Ademar, falecido

N-7 Maria Josefina
N-8 José Olímpio, falecido solteiro
N-9 Dr. Américo, Médico, falecido

Paulina de Oliveira Mafra

F-3 Carolina Cândida Pinto da Fonseca, c.c. Bernardo Belo Pimentel Barbosa.

Pais de:

N-10 Leopoldo Pinto Pimentel Barbosa, c.c. D. Claudina Ernestina de Castro

Pais de:

Bn-26 Maria José
Bn-27 Olga
Bn-28 José
Bn-29 Raul
Bn-30 Nelson
Bn-31 Maria da Conceição (D. Marieta) residente no Rio de Janeiro, onde é proprietária de uma Pensão na Praia do Flamengo).

N-11 João Crisóstomo Pinto Pimentel Barbosa, c.c. D. Ana do Vale Amado (D. Nicota).

Pais de:

Bn-32 Mário
Bn-33 Otávio
Bn-34 Leôncio
Bn-35 Mariana
Bn-36 Bernardo

N-12 José Tomás, c.c. D. Ana Côrtes (D. Nicota)).

Pais de:

Bn-37 Bernardo
Bn-38 Carolina
Bn-39 José Tomás

F-4 José Pinto da Fonseca, c.c. D. Armanda Xavier, sobrinha dêle.

Pais de:

N-13 Josina
N-14 Augusto
N-15 Elisa
N-16 Etelvina
N-17 Jacinta
N-18 José
N-19 Francisca
N-20 Antônio
N-21 Gastão
N-22 Eleonora

F-5 Joana Pinto da Fonseca, c.c. Firmino Corrêa de Mendonça.

Pais de:

N-23 Francisca de Paula, c.c. Antônio Ferreira dos Santos (f.) Reside no Rio de Janeiro

Pais de:

Bn-40 Vitor Manuel
Bn-41 Vitor
Bn-42 Maria Antonieta
Bn-43 Judite

N-24 Estefânia, c.c. João Cordeiro Caminha do Couto
Sem filhos

N-25 Licurgo, falecido solteiro
N-26 Arnaldo
N-27 Maria Aurélia, falecida em criança
N-28 Rita falecida

F-6 Antônia Carolina Pinto da Fonseca, c.c. Dr. Balbino Cândido da Cunha, filho de Dr. Domingos José da Cunha e de D. Balbina Cândida da Silveira Negreiros.

Pais de:

N-29 Dr. Augusto Cunha, Médico, c.c. D. Durvalina Panfiro, filha de D. Hortência de Abreu e Silva Castelo Branco e João Panfiro, neta materna de Major Agostinho de Abreu e Silva Castelo Branco e de D. Maria Joana, es-

Dr. Balbino da Cunha e espôsa

panhola. Dr. Augusto é falecido e D. Durvalina reside em B. Horizonte.

Pais de:

Bn-44 Paulo Panfiro da Cunha, c.c. D. Glorieta Campos da Cunha, residente em Belo Horizonte. Pais de: Antônio Augusto

Bn-45 Raul Panfiro da Cunha, falecido

Bn-46 Renato Panfiro da Cunha, c.c. D. Guiomar Costa. Residente em Belo Horizonte, funcionário da Secretaria da Viação. Pais de: Raul, Milton, Lúcia.

Bn-47 Maria Panfiro da Cunha., c.c. Tiago Nicolau da Rocha. Pais de: Antônio Augusto, Judite, Clotilde, Lígia, Vera, Gil, Tiago.

Bn-48 Sara Panfiro da Cunha, c.c. João da Costa Rodrigues. Pais de: Dulce, Marta, Zulma, Walter (f.), Elza, Breno, Luis (f.)

N-30 Dr. Gastão da Cunha, c.c. D. Elisa de Castro, filha dos Barões de Itaipe.

Pais de:

Gastão da Cunha

Nasceu em São João del-Rei em 1863 e faleceu em Paris a 4 de junho de 1937. Catedrático da Escola de Direito de Belo Horizonte. Diretor da Imprensa Oficial. Deputado Federal em 1903. Pertenceu à Comissão de Diplo-

macia e Tratados e defendeu na Câmara a política do Barão do Rio Branco, de quem se tornaria um dos colaboradores mais completos. Escolhido para Árbitro no Tribunal Brasileiro Boliviano do Rio de Janeiro em 1905; no ano seguinte entrava para o Tribunal Arbitral Brasileiro-Peruano (1906-1908) e foi um dos nossos delegados à Terceira Conferência Pan-Americana. Intérprete do pensamento da Chancelaria, pela sua dedicação e brilho no desempenho do cargo mereceu de Rio Branco a designação em 1908 para Ministro em Assunção. De volta ao Rio serviu no Itamarati, ao lado de seu chefe e amigo até

Dr. Gastão da Cunha

1911. Estêve em Buenos Aires em 1910, na Quarta Conferência Pan-americana, como membro da delegação brasileira, de parceria com Joaquim Nabuco. Removido de Assunção para Copenhague em 1911 e depois para Santa Sé e Madrid. Embaixador em Lisboa e Paris. Em 1914 estêve no Rio para desempenhar as funções de Subsecretário do Ministério das Relações Exteriores. Nomeado representante do Brasil no Conselho Executivo da Sociedade das Nações em 1920. Presidiu à Missão da Alta Silésia, da qual foi relator, merecendo os agradecimentos de vários governos europeus. Presidiu em Roma à uma sessão do mesmo Conselho da Sociedade das Nações. Regressando à Pátria em 1932 voltou à Europa no ano seguinte, havendo falecido em Paris. Em sua passagem pela Dinamarca em 1911, subscreveu uma convenção de ar-

bitramento. Um grande brasileiro, deixando rastro luminoso de talento, em todos os postos que ocupou.

Bn-49 Maria Teresa
Bn-50 Beatriz, c.c. João Carlos Penido
Bn-51 Antonieta, falecida

N-31 Dr. João Batista da Cunha, advogado, no Rio de Janeiro, c.c. D. Joana Liberal da Cunha
Sem filhos

N-32 Comandante da Marinha Ernesto da Cunha. Estêve como adido naval no Japão. Faleceu no Rio de Janeiro
Foi casado com D. Clarice Barandier.

Pais de:

Bn-52 Frederico
Bn-53 Luis Felipe
Bn-54 Ernesto

N-33 Álvaro, falecido em criança

N-34 Álvaro da Cunha, c.c. D. Maria, espanhola. Faleceu na Espanha como Cônsul do Brasil.
Sem filhos

NOTA — Dr. Balbino Cândido, da Cunha, foi Deputado-geral e Presidente do Estado do Paraná. Eram seus irmãos: Dr. Domingos José da Cunha Filho, que foi Presidente do Estado do Pará; Dr. Francisco da Cunha, Farmacêutico em S. João del-Rei; Álvaro da Cunha; Dr. Ernesto da Cunha, Médico da Saúde Pública no Rio de Janeiro; Maria da Cunha Mourão, c.c. Caetano da Silva Mourão; Padre João Batista da Cunha, Vigário em Conservatória-perto de Paraíba do Sul — Estado do Rio; Carlos Alberto da Cunha, Farmacêutico em São João del-Rei.

Jacinta G. Pinto da Fonseca

F-7 Jacinta Gabriela Pinto da Fonseca, c. a primeira vez com João Antônio da Silva Mourão.

Pais de:

N-35 Maria Gabriela Mourão, c.c. Dr. Joaquim de Araújo Maia

Pais de:

Bn-55 Judite, solteira reside no Rio de Janeiro
Bn-56 Raul, c.c. Marina Tasso Fragoso
Bn-57 Antônio, falecido solteiro
Bn-58 Galdino, c.c. D. Juraci da Costa Pimentel.
Sem filhos

2.ª vez D. Jacinta Gabriela Pinto da Fonseca casou-se com o Dr. Galdino Emiliano das Neves, (casado a 2.ª vez).

ABREU E SILVA CASTELO BRANCO — PINTO RIBEIRO

NOTA 1 — O Major José Agostinho de Abreu e Silva Castelo Branco era casado com D. Maria Joana, espanhola. Viveu na fazenda dos Quindins, perto de Paraíba do Sul, Estado do Rio.

Teve os seguintes filhos:

F-1 José Januário de Abreu e Silva, falecido solteiro.

F-2 Carlos Augusto de Abreu e Silva, c.c. Francisca do Amaral, filha de Cláudio Antônio do Amaral e de Bárbara Pinto Ribeiro.

Pais de:

N-1 José Carlos de Abreu e Silva c.c. D. Leonor Fontainha de Abreu e Silva.

Sem filhos

N-2 Carlos Augusto de Abreu e Silva, c. a 1.ª vez com Evarinta de Albuquerque Maranhão

Pais de:

Bn-1 Maceu
Bn-2 Aguinaldo
Bn-3 Iolanda
Bn-4 Maria
Bn-5 Lucília

Carlos Augusto, c. a 2.ª vez com D. Celeste Tinoco.

Teve:

Bn-6 Maria de Lourdes
Bn-7 Evangelina

Carlos Augusto, c. a 3.ª vez com .....

N-3 Trajano, falecido no Rio de Janeiro com descendência desconhecida.

N-4 D. Ana do Amaral, c. a 1.ª vez com Antônio Carlos Belo Lisboa, filho de João Maria Lisboa e Bernardina de Oliveira Belo.

Pais de:

Bn-8 Coronel Antônio Carlos Belo Lisboa, do Exército Nacional, residente no Rio, c.c. D. Laurita Sanches Belo Lisboa.

Pais de:

Tn-1 Maria Aparecida, c.c. Haroldo Alvim

Pais de:

Qn-1 Renato
Qn-2 Antônio Carlos

Tn-2 Antônio Carlos
Tn-3 Silvério

Bn-9 Dr. João Carlos Belo Lisboa, Professor, Engenheiro Civil, ex-Diretor da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, Fundador da Semana do Fazendeiro; Secretário da Comissão de Estudos Técnicos e Econômicos, nos Estados Unidos da América do Norte, Europa, Asia e África, sob a direção do Dr. Rodrigues Caldas. Coordenador da Agricultura Brasileira durante a Grande Guerra; Prefeito de Ubá e Uberlândia; Secretário Geral de Agricultura Indústria e Comércio do Distrito Federal; Vice-presidente da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, no Rio de Janeiro; Agricultor, Criador e Industrial em Lindoia, município de Rio Casca, c. c. com D. Maria da Conceição Damásio.

Dr. J. C. Belo Lisboa e sua espôsa D. Conceição Damásio — De pé da direita para esquerda : Regina, Helena, Maria do Carmo, João Maria, Alfredo e José Antônio

Pais de:

Tn-4 João Maria, Estudante
Tn-5 Maria do Carmo, Estudante
Tn-6 Helena Déa, Estudante
Tn-7 Alfredo Carlos, Estudante
Tn-8 Regina Célia, Estudante
Tn-9 José Antônio, Estudante

D. Ana do Amaral, casada a 2.ª vez com Manoel Raposo.
Pais de:
Bn-10 Jose
Bn-11 Luis
Bn-12 Sebastião
Bn-13 Rubens
Bn-14 Ondina
Bn-15 Hélio
Bn-16 Maria

F-3 Hortência de Abreu e Silva, c.c. João Panfiro.
Pais de:
N-5 João Panfiro, c.c. Rita Judice.
N-6 Altivo, c.c. Albertina Matos
N-7 Nicator, c. a 1.ª vez com Justina Carneiro e a 2.ª vez com Palmira de Castro
N-8 Corina, c.c. Cel. Antônio José Barbosa de Andrade, filho do Barão de Piabanha
N-9 Carolina, falecida solteira
N-10 Durvalina, c.c. o Dr. Augusto da Cunha, filho do Dr. Balbino Cândido da Cunha e de Antônia Carolina Pinto da Fonseca.
Pais de:
Bn-17 Paulo Panfiro da Cunha, c.c. D. Glorieta Campos da Cunha
Bn-18 Raul, falecido
Bn-19 Renato, c.c. Guiomar Costa
Bn-20 Maria, c.c. Tiago Nicolau da Rocha
Bn-21 Sara, c.c. João da Costa Rodrigues.
N-11 Hortência, falecida solteira.

F-4 Maria Augusta, c.c. Pedro de Oliveira Coelho.
Pais de:
N-12 Maria Cristina (filha única), c.c. Dr. Licínio Cardoso, médico residente no Rio.
Pais de:
Bn-22 Vicente
Bn-23 Leontina
Bn-24 Lídia

NOTA 1 — O Padre Marcos Antônio de Abreu e Silva Castelo Branco, residiu em Paraíba do Sul, onde morreu.

NOTA 2 — Maria Valeriana de Abreu e Silva Castelo Branco, residiu em Paraíba do Sul. Era irmã do Padre Marco Antônio de Abreu e Silva. Maria Valeriana, foi casada com Marcelino Pinto Ribeiro, português, de Ericeira e teve os seguintes filhos:

F-1 Marcelino Pinto Ribeiro, nascido em 1808, na fazenda Ericeira, perto de Juiz de Fora, e falecido em 1853 em Paraíba do Sul, c.c. Maria Felizarda do Espírito Santo, nascida em Brumado de Suassuí (Entre-Rios).
Pais de:
N-1 Luis Pinto Ribeiro, nascido em 1841 e falecido em 1870, solteiro. Residiu em Leopoldina-Minas

N-2 Francisco de Assis Pinto Ribeiro, nascido em 1842 e falecido em 1875.

N-3 Henriquêta, nascida em 1844 e falecida em 1918, c.c. Felisbino de Castro. Residiu em Guarará-Minas Gerais.
Pais de:
Bn-1 Marcelino
Bn-2 José
Bn-3 Antônio
Bn-4 Eglantini
Bn-5 Olímpia
Bn-6 Honorina

N-4 Cesário Pinto Ribeiro, nascido em 1845 e falecido em 1890, c.c. D. Ana Ribeiro. Residiram em Juiz de Fora.
Pais de:
Bn-7 Francisco Xavier
Bn-8 Eufrasina
Bn-9 Judite
Bn-10 Hildebrando

N-5 Bárbara Maria, nascida em 16 de agôsto de 1849, na fazenda da Ericeira, e falecida em 15 de outubro de 1909, c.c. Antonino Lara da Silva, nascido na fazenda do Mos-

De pé: Marcelino Lara da Silva e sua espôsa D. Rita da Silva — Sentados: D. Bárbara Lara da Silva com o neto Tito no colo e sua Filha Francelina

quito — município de São João del-Rei-Minas Gerais — e falecido em Juiz de Fora.
Pais de:
Bn-11 Antonino, falecido em criança

Bn-12 Etelvino, falecido em criança
Bn-13 Pedro, falecido em criança
Bn-14 Marcelino Lara da Silva, nascido em 1895 e falecido em 1915, no Rio de Janeiro, c.c. D. Rita da Silva.

Tn-1 Tito, c.c. Maria da Conceição Silva

Pais de:

Odiléia, c.c. Armando Augusto Ferreira

Pais de:

Tito Sérgio

Olycéia, solteira

Tn-2 Francelina, c.c. Graciliano Carneiro

Pais de:

Dalila
Dário
Dulce

Dila, c.c. Darci Rodrigues

Pais de:

Dayse

Desna, c.c. João Maia

Pais de:

João Carlos
Luis Wagner
Paulo Cesar

Dércia, c.c. Sebastião Mendes

Pais de:

Elisabete
Jorge

Tn-3 Zairo, c.c. Beatriz Dias Lara

Pais de:

Záiro
Yone

Tn-4 Áurea, c.c. Jose Silveira Jorge

Pais de:

Lila
Durval
Batista
José
Lionídio
Rita

Bn-15 Antonina, falecida solteira
Bn-16 Carolina, falecida, c.c. .....

Pais de:

7 — Anna Olinda Vieira, c.c. José Marques Vieira (português).

Filhos:

Erotides, c.c. José Henrique da Silva.

Filhos:

Lara
Luiz

Orlando, c.c. Laura de Sá Viera.

Filhos:

Nelson
Jorge
Aline
Judith
José

Osvaldo, c.c. Maria Isabel Quintela Vieira.

Filhos:

Janete
Marlene
Cinara
Sueli
Selma
Osvaldo

Wolney, c.c. Iêda Salvador Vieira.

Filhos:

Wanderley
Wolney

Marydaysi, c.c. Lino Carvalho de Almeida.

Filhos:

Lino
Nilo

Haydée Marques Vieira, falecida solteira.
Waldemar, c.c. Ivany Marques Vieira.

Filhos:

Waldemar

Nota — Todos residem no Rio de Janeiro.

Bn-17 Maria Possidônia, c.c. seu tio Dr. Miguel Pinto Ribeiro. Filhos descritos adiante

Bn-18 Etelvina, falecida solteira
Bn-19 Rodolfo Corinto da Silva, nascido a 25 de outubro de 1882, em Além Paraíba, Minas, e residente no Rio, c.c. D. Carmen Silva, falecida.

Sem filhos

N-6 Dr. Miguel Pinto Ribeiro, nascido a 23 de abril de 1852 em Sant'Ana do Deserto, Minas, e falecido em Formiga a 31 de maio de 1929; aposentado como Juiz municipal. Fêz o curso de humanidades do Colégio do Caraça e Ouro Prêto. Formou-

se pela Faculdade de Direito de São Paulo a 19 de novembro de 1883. Promotor e Juiz municipal de Baependi e Pitangui, Advogado em Juiz de Fora. Casado com sua sobrinha Maria Possidônia Ribeiro, nascida a 7 de abril de 1868 em Leopoldina, Minas, e falecida a 17 de setembro de 1934 em Porto Real, hoje Iguatama.

Pais de:

Bn-20 Termutes Pinto Ribeiro, nascida a 19 de março de 1893 em Baependi, solteira, professôra aposentada, residente em Formiga-Minas.

Bn-21 Nicaulis Pinto Ribeiro, nascida a 1 de agôsto de 1894 em Baependi, c.c. Manuel Pinto de Carvalho, nascido a 25 de agôsto de 1894, em Abadia de Pitangui, hoje Martinho Campos, filho de Manuel Pinto de Carvalho e de D. Genoveva Pereira do Vale, neto paterno de Manuel Pinto de Carvalho e de D. Maria Brígida de Carvalho, neto materno de Antônio Pereira do Vale e de D. Francisca Eulália da Silva. Manuel Pinto de Carvalho (Bilico) reside em Formiga, onde é Guarda-livros.

Sem filhos

Bn-22 Wolney Pinto Ribeiro, nascido a 27 de novembro de 1895 em Juiz de Fora, falecido a 17 de abril de 1914, solteiro, na estação de Calciolândia, onde era Agente.

Bn-23 Zenóbia, nascida a 22 de outubro de 1896 em Juiz de Fora e falecida em Arcos a 5 de abril de 1926. Foi casada com Manuel Pinto de Carvalho, já referido.

Pais de:

Tn-8 Maria, nascida e falecida a 19 de fevereiro de 1916 em Porto Real (Iguatama).

Tn-9 Geralda, nascida a 20 de maio de 1917 em Iguatama (Porto-Real). Professôra.

Tn-10 Azenete, falecida a 10 de setembro de 1918.

Tn-11 José, nascido a 18 de outubro de 1919 em Iguatama (Porto-Real), residente em Belo Horizonte, onde é Guarda-livros, c.c. D. Marília de Dirceu Alvarenga Reis, filha de Dr. Wagner Corrêa Reis, Médico, residente em Formiga, e de D. Cira de Alvarenga, já falecida.

Pais de:

Emerson Jose
Marcius Tulius
Marcus Vinicius

Dr. Miguel Pinto Ribeiro

D. Maria Possidônia Ribeiro

Wagner
Juarez José
José Wilson
Sandra Maria e Jane e Zenóbia

Tn-12 Wolney, nascido a 19 de fevereiro de 1920 e falecido a 29 de outubro de 1920, em Iguatama.

Tn-13 Ilca, nascida a 21 de maio de 1922 em Iguatama, Normalista, c.c. Dr. Aluízio Soares, Engenheiro, filho de Frederico Aluízio Soares e de D. Aldina Silva. Residente em Passos.

Pais de:

Ricardo
Manuel
Maria, falecida em criança
Frederico Carlos
Aluisio
Carlos Wolney e Genovena

Tn-14 Vinicius, nascido a 23 de maio de 1923 em Iguatama, c.c. Maria Augusta S. Carvalho Filha: Astride.

Tn-15 Petrônio, nascido a 20 de fevereiro de 1926 em Arcos

Bn-24 Miguel, nascido a 8 de junho de 1897, em Santos Dumont, falecido a 2 de fevereiro de 1898.

Bn-25 Padre Francisco Delile Pinto Ribeiro, da Congregação da Missão, nascido a 12 de março de 1898, em Pará de Minas, Cursou humanidades no Colégio do Caraça, fêz noviciado em Petrópolis e teologia em Paris, ordenando-se a 23 de setembro de 1923 em Dax, França. Naturalista apaixonado, pertence a Sociedade Entomológica do Brasil. Ex-Professor do Seminário Maior de Mariana, ex-Diretor do Seminário de S. Luis do Maranhão Professor do Seminário dos Lazaristas em Petrópolis, atualmente Capelão do Colégio N. S. da Piedade e Professor no Seminário de Belo Horizonte.

Bn-26 Dr. Coriolano Pinto Ribeiro, nascido a 19 de abril de 1900 em Pitangui. Fêz o curso de humanidades no Colégio do Caraça e Mariana. Juiz municipal em disponibilidade, formado pela Faculdade de Direito do Estado do Rio; Advogado em Belo Horizonte, onde reside atualmente; membro do Instituto Genealógico Brasileiro, ex-Professor de grego do Seminário de Mariana, ex-Professor de Latim do Ginásio "Antônio Vieira" de Formiga, ex-Diretor e Professor do "Liceu Mineiro" de Curvelo. Casado com D. Carmen de Campos Cordeiro, filha de Sebastião Augusto de Campos Cordeiro e de D. Conceição Cordeiro Maciel, nascida em Papagaio a 4 de julho de 1907. Autor de "Dona Joaquina do Pompéu".

Filhos descritos em outro local

Bn-27 Maria Felizarda, nascida a 19 de janeiro de 1902 em Pitangui e falecida a 29 de outubro do mesmo ano.

Bn-28 Zenaide, nascida a 9 de fevereiro de 1903, em Pitangui, c.c.

Alberto Ferreira de Oliveira, filho de Manuel Ferreira de Oliveira e de D. Francisca Garcia Leão, residente em Formiga.
Pais de:

Tn-16 Maria Ligia, nascida a 14 de dezembro de 1923, em Iguatama, normalista, solteira.

Tn-17 Sinval, nascido a 8 de dezembro de 1924 em Iguatama, solteiro.

Tn-18 José Alberto, nascido a 15 de julho de 1926.

Tn-19 Sílvio Romero, nascido a 30 de novembro de 1928 c.c. Teresinha Santos. Filho: João Alberto, Sílvio Romero e Paulo Cesar.

Tn-20 Plínio Luis, nascido a 6 de dezembro de 1930, c.c. Hortência Espischit de Oliveira Filho; Plínio Luiz

Tn-21 Maria Neide, nascida a 9 de dezembro de 1932, falecida.

Tn-22 Nilson, nascido a 23 de maio de 1934.

Tn-23 Delile, nascido a 27 de novembro de 1937, falecido.

Tn-24 Luís Carlos, nascido a 30 de 6 de 1940.

Tn-25 Francisco Delile, nascido a 24 de dezembro de 1942.

Bn-29 Juraci, nascida a 1 de agôsto de 1905 em Bambuí, Minas, c. c. Olímpio Garcia Campos, residente em Formiga.
Pais de:

Tn-26 José, nascido a 11 de setembro de 1925 em Iguatama e falecido em Formiga a 29 de fevereiro de 1935.

Tn-27 Maria Olímpia, nascida a 24 de março de 1927 em Formiga e falecida no mesmo dia.

Tn-28 Eudes, nascido a 2 de setembro de 1928.

Tn-29 Lair, nascido a 26 de agôsto de 1930, c.c. Maria Nélia da Silva. Filha: Nélia Maria.

Tn-30 Ivone, nascida a 7 de outubro de 1933, c.c. Francisco Gouveia. Filho-Lais, Marcos, Elizabete, Maria Cristina.

Tn-31 Kleber, n. a 19 de dezembro de 1934.

Tn-32 Eulália, n. a 4 de setembro de 1936.

Tn-33 Lélia, nascida a 16 de setembro de 1941.

F-2 Francisco de Assis Pinto Ribeiro, c.c. D. Carolina Côrtes. Residiu em Leopoldina.
Pais de:

N-7 Alfredo de Assis Ribeiro
N-8 Francisco Xavier de Assis Ribeiro
N-9 José de Assis Ribeiro
N-10 Hilário de Assis Ribeiro
N-11 Ana de Assis Ribeiro, c.c. Frederico Freidmann.
Pais de:
Bn-30 Segismundo

F-3 Luís Pinto Ribeiro, c.c. D. Henriqueta Ribeiro.
Sem filhos

F-4 Cesário Pinto Ribeiro, falecido solteiro
F-5 Manuel Pinto Ribeiro, falecido solteiro
F-6 Padre Miguel Pinto Ribeiro

F-7 Joaquim de Paula Pinto Ribeiro, falecido solteiro
F-8 Mariana Marcelina Pinto Ribeiro, nascida na fazenda Boa Vista, que passou mais tarde a pertencer ao Sr. Almeida. Foi casada com Antônio Antunes, português. Residiu em Juiz de Fora.
Pais de:
N-12 Josefina, c.c. .... Dalós.
Pais de:
Bn-31 Vitalina Dalós, c.c. Lucas de Morais e Castro,
Pais de:
Tn-34 Laís
Tn-35 Conceição
Tn-36 Dimas
Tn-37 Lucas (Mano)
N-13 Antônio Antunes.
F-9 Cândida Pinto Ribeiro (depois de casada Cândida Fontainha), c.c. Martim Afonso Fontainha. Residiu em Juiz de Fora, onde deixou os seguintes descendentes:
N-14-a) Eugênio Fontaina, c.c. Cândida Halfeld Fontainha.
Pais de:
Bn-32 Dr. Humbolt Halfeld Fontainha, c.c. D. Constância Sarmento
Pais de:
Tn-38 Iolanda, c.c. Evaristo Freitas Castro.
Tn-39 Cecília, c.c. Sávio Gama.
Bn-33 Múcio
Bn-34 Eugênia, falecida, c.c. Amanajós Araújo
Bn-35 Deodoro
Bn-36 Guilherme, ex-Diretor do Instituto Nacional de Música, residente no Rio
Bn-37 Eugênio, falecido
Bn-38 Santuza, c.c. Guilherme Geyer, falecido
Bn-39 Antonieta, c.c. Daniel Pereira
Bn-40 Newton, solteiro.
N-15 Francisco Afonso, c.c. D. Maria Isabel Américano.
Pais de:
Bn-41 Maria, c.c. Francisco Antônio Gomes, comerciante, residente em Belo Horizonte
Pais de:
Tn-40 Carlos Alberto
Bn-42 Joaquim, c.c. Carmelita
Pais de:
Tn-41 Carlos Alberto
Bn-43 Antônia, c.c. Dr. Benjamim Bredas
Pais de:
Tn-42 Rute
Tn-43 Elza
Tn-44 Nilza
Bn-44 Francisco Afonso, falecido c.c. D. Palée Goulart de Oliveira
Pais de:
Tn-45 Roberto

Bn-45 Emília, falecida solteira
Bn-46 José, falecido solteiro
Bn-47 Emerenciana, solteira
Bn-48 D. Amélia, c.c. Rômulo Leonelo Seta, Comerciante em Belo Horizonte
Pais de:
Tn-46 Cordélia
Bn-49 Gilberto, solteiro, Investigador em Belo Horizonte.
Bn-50 Julieta, c.c. Osvaldo Dantas
Pais de:
Tn-47 Alaor
Bn-51 João, c.c. Augusta Fontainha
Pais de:
Tn-48 Serafim
Bn-52 Olga, c.c. Tenente-Coronel Franklin Rodrigues. Comandante do C.P.O.R.
Pais de:
Tn-49 Franklin
N-16 José, c.c. D. Laura F. Fontainha, residente no Rio de Janeiro.
Pais de:
Bn-53 José
Bn-54 Dr. Murilo, Promotor no Rio de Janeiro
Bn-55 Laura, c.c. Correia de Melo
Bn-56 Dr. Joaquim, residente no Rio de Janeiro.
F-10 Bárbara Pinto Ribeiro, c.c. Cláudio Antônio do Amaral, natural de Funil, perto de Ouro Prêto.
Pais de:
N-17 Máxima, c.c. Carlos Benício
Pais de:
Bn-57 Ana
Bn-58 José Augusto
Bn-59 Honorina
Bn-60 Martinho
N-18 Mariano, c.c. Antônia
Pais de:
Bn-61 Ramiro
Bn-62 Emília
N-19 Messias
N-20 Bernadino
N-21 Marcílio, c.c. Josefa
Pais de:
Bn-63 Sara
Bn-64 Amador
Bn-65 Antenor
N-22 Marciano
N-23 Marcelino

N-24 Marciana
N-25 Carolina
N-26 Marcelina
N-27 Francisca, c.c. Carlos Augusto de Abreu e Silva, filho do Major Agustinho de Abreu e Silva e de D. Maria Joana.
Filhos já descritos
F-11 Maria Pinto Ribeiro, c.c. Marcelino França.

Pais de:

N-28 Antônio França, c.c. Adelaide Favila França

Pais de:

Bn-66 Antônio Esperidião França, Agente da Estação da Central, em Juiz de Fora.
Sem filhos
Bn-67 Corina, residente em Juiz de Fora, c.c. Osório de Almeida

Pais de:

Tn-50 Jurandir
Tn-51 Juraci
Tn-52 Jaí
Tn-53 Décio
Tn-54 Vicente
Tn-55 Abigail
Tn-56 Ligia
Tn-57 José
Tn-58 Ulisses
Tn59 Teresinha
Tn-60 Maria da Glória, falecida
Tn-61 Antônio, falecido
Bn-68 Cecília, c.c. Custódio Carvalho Cruzeiro, residente em Belo Horizonte, Gerente de Banco.

Pais de:

Tn-62 Silvio, falecido
Tn-63 Oneida
Tn-64 Walter
Tn-65 Maria
Tn-66 Paulo
Tn-67 Teresinha
Tn-68 Adelaide
Tn-69 Edisson
Bn-69 Georgina, falecida, foi casada com Aristides Garcia de Paiva.

Pais de:

Tn-70 Adelaide
Tn-71 Celeste
Bn-70 Dolores, c.c. Francisco Garcia Leão.

Pais de:

Tn-72 Iris
Tn-73 Georgina

Tn-74 Maria do Carmo
Tn-75 Hebe, falecida
Bn-71 Maria Aparecida, c.c. o cunhado Aristides Garcia de Paiva.

Pais de:

Tn-76 José
Tn-77 Georgina
Tn-78 Antônio
Tn-79 Marly

N-29 Marcelino
N-30 Eulália
N-31 Maria
N-32 Francelina
F-12 Joaquina, falecida em Paraíba do Sul, em criança.

Carta de Sesmaria do Capitão Marcelino Pinto Ribeiro

Pedro Maria Xavier de Ataide do Concelho do Principe Regente Nosso Senhor, do Seu Concelho Governador, e Capm. General da Capitania de Minas Geraes Etc. Faço saber aos qe. esta minha Carta de Sesmaria virem, qe. tendo consideração a mé representar por sua Petiçam Marcelino Pinto Ribeiro, qe. nos Sertõens do Rio Parahibuna da parte de cá do Registro do Termo da Villa de Barbacena, se achão terras devolutas, as quaes confrontarão pr. hun lado com as de Christovão Rodrigues de Andrade, pelo outro com as de João Pacheco Lourenço, e pelo outro com as de Paulo Ribeiro, e como o suple. as queria possuir por legitimo titulo de Sesmaria me pedia pr. fim e Concluzão de seu Requerimento lhe concedece na dita paragem meia legoa de terra em quadra na forma das Ordens, e ao qe. responderão os Officiaes da Camara da dita Villa, e o Dezor. Procurador da Coroa e Fazenda desta Capitania (aos quaes ouvi) disselhes não offerecer duvida algua na Concesão pr. não encontrarem inconviniente qe. aprohibisse, pela Faculdade qe. Sua Alteza Real me permite nas suas Reaes Ordens, e ultimamente na de 13 de Abril de 1738 para Conceder Sesmaria das Terras desta Capitania aos moradores della, qe. mas pedissem: Hey por bem fazer merce (como por esta faço) de conceder em nome de sua Alteza Real ao dito Marcelino Pinto Ribeiro por Sesmaria meia legoa de terra em quadra nas pedidas, sem interpolação de outras, ainda qe. sejão inuteis na referida paragem, não tendo outra, e não sendo esta em parte ou toda em areas prohibidas, e dentro das Confrontaçoens acima mencionadas fazendo pião aonde pertencer, com a declaração porem, qe. será obrigdo. dentro em hun anno, qe. se contará da data desta demarcada judicialmente sendo para esse efeito notificados os visinhos com quem partir para allegarem o qe. for a bem de sua justiça, e elle o será tão bem a povoar, e a cultivar a dita meia legoa de terras, ou parte della dentro em dous annos, a qual não comprehenderá a situação, e logradouros de algun Arraial ou Capela, em qe. se administrarem ao Povo Sacramentos com Licença do Ordinário, thé a distancia de hun quarto de legoa, nem tão bem comprehenderá ambas as margens de algun Rio navegavel, por qe. neste cazo ficará de hua, e outra banda delle a terra qe. baste para o uzo publico dos Passageiros, e de hua das bandas junto a passagem do mesmo Rio se deixará livre meia legoa de terra pa. comodidade publica, e de quem arrendar a dita

passagem como determina nova Ordem do dito Senhor de 11 de Março de 1754 rezervando os Sitios dos Vizinhos com quem partir esta Sesmaria, nas vertentes, e logradouros, sem qe. elles com este pretexto se queirão apropriar de demaziadas com prejuizo desta mercê qe. faço ao Supl., o qual não impedirá a repartição dos descobrimentos de terras mineraes, qe. no tal Sitio, sejão ou possão haver, e pelo tempo adiante pareça conveniente abrir para melhor utilidade do bem commum, com declaração porem, qe. partindo as ditas terras mato virgem com outra Sesmaria se deixará na sua estremidade pr. essa parte hua linha de duzentos palmos, e alem disto se conservará a decima parte dos matos virgens das referidas Terras, sendo a metade desta porção designada junto aos Corregos, ou Rios qe. por elles correm para a creação, e conservação das madeiras necessarias para o uzo publico, a qual porção de terra assim reservada não poderá o Suple. rossar sem Licença deste Governo, nem impedir qe. nella se cortem madeiras para os Serviços mineraes, vezinhos proporcionalmente ao arbitrio de bom Varão, tudo na forma do Bando de 13 de Março de 1736, e possuirá a dita meia legoa de terra com condição de nellas não sucederem Religioens, Igrejas, ou Eccleziasticos por titulo algun, acontecendo possuilas será com encargo de pagar dellas Dizimos como quaesquer seculares, e será outro sim obrigdo. a mandar requererem a S. A. R. pela Repartição competente Confirmação desta Carta de Sesmaria dentro em quatro annos, qe. correrão da data desta em diante, a qual lhe concedo salvo sempre o Distrito Regio, e prejuizo de terceiro e faltando ao referido não terá effeito, e se julgará pr. devoluta a dita meia legoa de terra dando se a qm. a denunciar tudo na forma das Reaes Ordens. Pelo qe. o juiz das Sesmarias do Termo da da. Villa dará posse ao Supl. e da referida meia legoa em quadra nas pedidas, não sendo esta em parte ou todo della em areas prohibidas, e por prejudiciaes aos Reaes Interesses, por pe. em tal cazo se lhe não dará a dita posse nem terá effeito esta Conceção, feita a demarcação, e notificaçoens como a ordeno de qe. se fará termo nos Los. a qe. pertencer, o assento nas costas desta para todo o tempo contar o referido. E por firmeza de tudo lhe mandei passar a prezente pr. mim assignada e Sellada com o Sello de mas. Armas, qe. se cumprirá inteiramente como nella se contem registrando se nos Los. da Secretra. deste Govo. e onde mais tocar.

Franco. Je. Teixra. Chaves a fez. Dada em Va. Ra. de Nossa Senhora do Pillar do Ouro Preto a 22 de julho Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos nove.

O Secretro. do Govo. João Jozé Lopes Mendes Ribro. a fez escrever Pedro Maria Xavier de Ataide Mello.

(Cópia extraida do Livro de Sesmaria n.º 306 — pág. 39 — 1809 Arquivo Público Mineiro).

Carta de Sesmaria de Dona Maria Valeriana de Abreu Castelo Branco

D. Manoel de Portugal e Castro do Concelho de S. A. R. e da Sua Ral. Fazda., Govor. e Capm. Genal. da Capnia. de Minas Ges. Etc. Faço saber aos que esta ma. Carta de Sesmaria virem, qe. tendo consideração a me representar por sua Petiçam Dona Maria Valeriana de Abreo Castelo Branco qe. na margem do Ro. Parahibuna, abaixo do Rego. se achão terras devolutas, as qes. confrontarão pela parte do Nascte. com terras do Capm. Marcelino Pto. Ribro. e pela do Norte com Sesma. de Paulo Alves Mizel., do Poente com as mmas. Sesmas., e terras de Jozé de Siqra. Leite e do Sul com as areas do do. Ro. Parahibuna Tro. da V. de Barbacena qe. a Suple. as quer possuir pr. legitimo titulo de Sesma., me pedia pr. fim e Concluzão de seu Rqto. lhe concedesse na da. paragem meia legoa de terra em quadra, na forma das Ordens, e ao pe. attendendo eu, e ao qe. responderão os Officiaes da Camra. da dita Villa, e o Dezor. Procor. da Coroa e Fazda. desta Capnia. aos quaes ouvi dise lhes não offerecer duvida algua na Conceção pr. não encontrarem inconveniente qe. a prohibisse, pela Faculde. qe. Sua Alteza Real me permite nas Suas Reaes Ordens, e ultimamente na de 13 de Abril de 1738 para Concèder Sesmas. das terras desta Capnia. aos mores. della que mas pedisem: Hey pr. bem fazer mce. como pr. esta faço, de Conceder em Nome de S. A. R. a dita Dona Maria Valeriana de Abreo Castelo Branco, pr. Sesma. meia legoa de terra em quadra nas pedidas, sem interpolação de outras, ainda qe. sejão inuteis, na referida paragem, não tendo outra, e não sendo esta em parte, ou todo della em areas prohibidas, e dentro das confrontaçoens assima mencionadas, fazendo pião onde pertencer, com declaração porem que será obrigada dentro em hun anno, que se contará da data desta a dermacalla judicialmente, sendo pr. esse effeito notificados os vezinhos com qm. partir pa. allegarem o qe. for de bem de sua justiça, e ella o será tão bem a povoar, e cultivar a dita meia legoa, ou parte della, dentro em dous aos., a qal. não comprehenderá a situação, e logradouros de algun Arr., ou Capella, em qe. se administrem ao Povo Sacramtos. com Lça. do Ordinro., athé a distancia de hun quarto de legoa, nem tão bem comprehenderá ambas as margens de algun rio navegavel., pr. qe. neste cazo ficará de huma, e de outra banda delle a terra qe. baste pa. o uzo publico dos passageiros, e de huma das bandas, junto a paragem do mmo. Rio, se deixará livre meia legoa de terra pa. comodidade publica, e de qm. arrendar a da. passagem, como determina a nova Ordem do do. Sr. de 11 de Março de 1754, rezervando os Sitios dos Vizinhos com quem partir esta Sesma., nas vertentes, e logradouros, sem qe. elles com este pretexto se queirão apropriar de demaziadas, com prejuizo desta mercê qe. faço a Suple. a qual não impedirá a repartição dos descobrimentos de terras mineraes, qe. no tal Sitio, sejão ou possão haver, e pelo tempo adiante pareça conveniente abrir para melhor utilidade do bem commum, com declaração porem, qe. partindo as ditas terras por mato virgem com outra Sesmaria se deixará na sua estremidade pr. essa parte hua Linha de duzentos palmos, e alem disto se conservará a decima parte dos matos virgens das referidas terras, sendo a metade desta porção designada junto aos Corregos, ou Rios qe. por elles correm para a creação, e conservação das madeiras necessarias para o uzo publico, a qual porção de terra assim reservada não poderá a Suple. rossar sem Licença deste Governo, nem impedir qe. nella se cortem madeiras para os Serviços proporcionalmente ao arbitrio de bom Varão, tudo na forma do Bando de 13 de Março de 1736, e possuirá a dita meia legoa de terra com condição de nellas não sucederem Religioens, Igrejas ou Ecleziasticos por titulo algun, acontecendo possuillas, será com o encargo de pagar dellas Dizimos como quaesquer seculares, e será outro sim obrigda. a mandar requerer a S. A. R. pela Repartição competente Confirmação desta Carta de Sesmaria dentro em quatro annos, qe. correrão da data desta em diante, a qual lhe concedo salvo sempre o Distrito Regio, e prejuizo de terceiro e faltando ao referido não terá effeito, e se julgará pr. devoluta

a dita meia legoa de terra dandoce a qm. a denunciar tudo na forma das Reaes Ordens. Pelo qe. o juiz das Sesmarias do Termo da da. Villa dará posse a Suple. da referida me'a legoa em quadra nas pedidas, não sendo esta em parte ou todo della em areas prohibidas, e por prejudiciaes aos Reaes Interesses, por qe. em tal cazo se lhe não dará a dita posse nem terá effeito esta Conseção, feita a demarcação, e notificaçoens como ordeno de qe. se fará termo nos Los. a qe. pertencer, o assento nas costas desta para todo o tempo contar o referido. E por firmeza de tudo lhe mandei passar a prezente pr. mim assignada e Sellada com o Sello de mas. Armas, qe. se cumprirá inteiramente como nella se contem registrando se nos Los. da Secretra. deste Govo. e onde mais tocar. V. da S. a fez. Dada em Va. Rca. de N. Sra. do Pilar do Ouro Preto a 9 de Julho Anno do Nascimento, de N. Sr. J. C. de 1814.

Luiz Ma. da Sa. Pto., Offal. Maior da Secria., no impedimto. do Secro., do Govo. a fez escrever.

D. Manoel de Portugal e Castro

(Cópia extraida do Livro de Sesmaria n.º 365 pág. 28 v. — 1814)

DESCENDÊNCIA DE TRÊS FILHOS DE GARCIA RODRIGUES E ISABEL VELHO

Garcia Rodrigues e Isabel Velho

Garcia Rodrigues e Isabel Velho, naturais do Pôrto, Portugal, vieram para o Brasil em companhia de Martim Afonso de Sousa, em 1932, e se estabeleceram na Capitania de São Vicente, com seus filhos dentre os quais mencionaremos:

Cap. 1.º Maria Rodrigues F-1
Cap. 2.º Méssia Rodrigues F-2
Cap. 3.º Isabel Rodrigues F-3

CAPITULO 1.º

Maria Rodrigues

F-1 Maria Rodrigues, foi casada com Salvador Pires, filho de João Pires e de .....
Filhos dentre outros:

N-1 Salvador Pires, c.c. Méssia Fernandes, filha de Antônio Fernandes e de Antônia Rodrigues, que era filha de Antônio Rodrigues, o português encontrado em S. Vicente por Martim Afonso de Sousa, e da índia filha de Piquerobi, maioral de Hururaí, batizada pelo Padre Anchieta com o nome de Antônia Rodrigues.

Filhos dentre outros:

Bn-1 Salvador Pires de Medeiros, Capitão da gente de São Paulo em 1620, homem muito rico e de grandes sentimentos religiosos. Construiu a capela dedicada a Santa Inês, de quem era muito devoto, casado com Inês Monteiro de Alvarenga.

Filhos dentre outros:

Tn-1 Bento Pires Ribeiro, prestimoso cidadão de São Paulo casado em 1670 com Sebastiana Dias Leite, filha de Pedro Pais Leme e de Maria Leite da Silva.

Dêste casal mencionaremos:

Qn-1 Francisco Pires Ribeiro
Qn-2 Inês Monteiro da Silva

Qn-1 Francisco Pires Ribeiro, c. em 1681 em Parnaíba com Maria de Arruda, filha de Francisco de Arruda e Sá e de Maria de Quadros. Pais de:

Pn-1 *Inácia Pires de Arruda*, que foi moradora no Sumidouro da cidade de Mariana, casada com o Guarda-Mór Maximiano de Oliveira Leite, natural de Parnaíba, filho de Francisco Pais de Oliveira Horta e de Mariana Pais Leme.

Pais de:

Sn-1 *Ana Inácia de Oliveira*, natural de São Paulo, c.c. Custódio de Sá, português.

Pais de:

Hn-1 *Inácia Custódia*, c.c. o Capitão-Mor Manuel Furtado Leite de Mendonça, da Ilha de São Miguel.

Pais de:

8n-1 *Mariana Manoela*, c.c. o Coronel Felício Moniz Pinto Coelho da Cunha

9n-1 *Felício Moniz Pinto Coelho da Cunha*, c. com Domitila de Castro Canto e Melo, mais tarde Marquesa de Santos, filha de João de Castro Canto e Melo e de Escolástica Bonifácio de Toledo Ribas.

Pn-2 Inácia de Arruda Pires, c.c. o Te. Coronel José Caitano Rodrigues Horta, fidalgo da casa real, filho do Coronel Caitano Álvares Rodrigues e de Francisca Pais de Oliveira.

Pais de:

Sn-2 Ana Francisca Joaquina de Oliveira Horta, c. c. o Coronel Gregório Caldeira Brant, natural de Minas Gerais, filho de Felisberto Caldeira Brant, natural de S. Paulo, e de Branca de Almeida, natural de S. Paulo. O Cel. Gregório Caldeira Brant era neto de Ambrósio Caldeira Brant, natural de Lisboa, que assistiu aos acontecimentos do Rio das Mortes, Minas Gerais, e foi o bravo Comandante da guarnição portuguêsa do fortim do Rio das Mortes, atacado pelos paulistas em 1710 por ocasião da guerra dos emboabas.

Pais de:

Hn-2 Conselheiro, Marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes Oliveira e Horta, Marquês de Barbacena, Senador do Império, c.c. Ana Constança Guilhermina, natural da Bahia, filha do Coronel Antônio Cardoso dos Santos e de Ana Joaquina de S. Miguel e Castro.

Pais de:

8n-2 Felisberto Caldeira Brant, Visconde de Barbacena, c.c. Augusta Isabel Kirckhoefer, natural de Hamburgo, Viscondessa de Barbacena.

8n-3 Ana Constança, Viscondessa de S. Amaro, c. c. José Carlos de Almeida, Visconde de S. Amaro, natural de Lisboa.

8n-4 Pedro Caldeira Brant, Conde de Iguaçu, casado a 1.ª vez com Cecília Rosa de Araújo Bahia. 1.ª Condêssa de Iguaçu, filha do Conde e Condêssa de Sarapuí; 2.ª vez casado com Maria Isabel de Barbacena de Bragança, 2.ª Condêssa de Iguaçu

Hn-3 Ildefonso de Oliveira Caldeira Brant, Visconde de Gericinó, falecido solteiro

Hn-4 José, falecido solteiro

Hn-5 Francisco, falecido em criança.

Sn-3 Francisco Pais Rodrigues Horta, c.c. Ana de Mesquita.

Pais de:

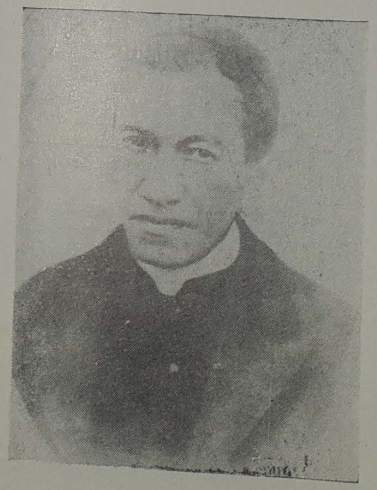
Hn-6 Comendador Quintiliano Justino de Oliveira Horta, c.c. Francisca Xavier de Sousa Ramos

Pais de:

8n-5 José Caitano Ramos Horta, c.c. D. Ana Jacinta de Figueiredo (Genealogia da Zona do Carmo-Cônego Trindade).

Pais de:

9n-2 *Monsenhor José Silvério Horta.*



Monsenhor Horta

Nasceu o Monsenhor José Silvério Horta, na Fazenda Monte Alegre, município de Barra Longa, Minas Gerais, a 20 de junho de 1859.

Estudou no Seminário de Mariana e ordenou-se em Macaúbas a 3 de junho de 1886. Cônego do Cabido de Mariana em 13 de outubro de 1887. Secretário do Arcebispado de 1898-1928. Vigário-Geral de 191 a 192. Agraciado com o título de Camareiro-mor de Prelado doméstico em 1924. Promovido a Chantre do Cabido Metropolitano pelo Santo Padre Pio XI. Sacerdote de grandes virtudes e sólida cultura.

Distinguiu-se pelo amor dos que sofrem. Na frase do Cônego Trindade foi o mais humilde dos sacerdotes e era o padre mais insigne do clero marianense. Faleceu em 30 de março de 1933.

Pn-3 *Juliana Francisca de Oliveira*, c.c. o Capitão-mor José Alves Maciel natural de Portugal.

Pais de:

Sn-4 Coronel Domingos Alves de Oliveira Maciel, Advogado e Deputado à constituinte em 1823, casou-se com.....

Pais de:

Hn-7 João Severiano Maciel da Costa, Marquês de Queluz, Senador e Desembargador, falecido em 1833.

Hn-8 Joana Teodora Inácia Xavier, c.c. .. ..

Filho:

8n-6 José Joaquim da Rocha, c.c. Maria Joaquina Eufrásia Pereira de Souza.

CONSELHEIRO JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA

O Conselheiro José Joaquim da Rocha é considerado uma das primeiras figuras do movimento da independência brasileira. Foi diplomata, Conselheiro de Estado e parlamentar. Precedeu na atuação libertária a muitos líderes daquele movimento, sendo mesmo considerado "o primeiro motor da independência nacional".

Era-lhe traço característico a modéstia, que jamais pôde anular as suas arrancadas destemidas, chegando por vêzes ao sacrifício do confôrto familiar e de haveres, imprimindo à sua atuação de paladino o cunho do desinterêsse pessoal. Eis a razão da penumbra que lhe tem coberto o nome glorioso, a despeito de ligado a uma atividade cívica sem par em prol da causa da liberdade.

Nasceu em Antônio Pereira, Mariana, em 19-10-1777, tendo sido batizado em 1777. Dotado de grande inteligência e cultura. Capitão-mor. Eleito Deputado às Côrtes de Lisboa, não tomou posse do cargo, em sinal de protesto à propaganda que lá se fazia contra o Brasil, chegando a convencer os seus companheiros, eleitos também por Minas a proceder pela mesma forma. Belíssimo gesto!

O Conselheiro José Joaquim da Rocha tinha o espírito republicano e revolucionário, tanto que tomou parte no primeiro movimento revolucionário fracassado em prol da independência.

É considerado a alma do primeiro "fico", em que já se vislumbravam os fulgores da aurora da liberdade brasileira, iluminando o caminho do Ipiranga, onde mais tarde, a 7 de setembro de 1822 se ouviu o memorável grito.

De José Joaquim da Rocha ninguém lhe tira a glória do primeiro "fico", nascido do seio do Clube de Resistência, sediado no Rio de Janeiro, sob a atuação decisiva e ardorosa daquele abnegado patriarca da independência, digno de figurar ao lado de José Bonifácio e Visconde de Caeté, vinculados pelos mesmos ideais e participando das mesmas virtudes e glórias.

Eleito Deputado, juntamente com o Visconde de Caeté à Constituinte de 1823, dissolvida a 12 de novembro do mesmo ano, sendo deportado. Ministro plenipotenciário em Paris em 1831 e Roma em 1834. Em 1841, agraciado com o título de Conselheiro. Faleceu a 16 de julho de 1848.

Filhos:

9n-3 Henriqueta Firmina, c.c. o Coronel Joaquim José de Almeida, de Mariana, Governador das Armas de Pernambuco, Mato Grosso e Goiás.

Filhos:

10n-1 Luisa da Rocha Almeida, c.c. o Major Diogo Antônio Pereira de Vasconcelos, filho do Dr. Diogo Pereira de Vasconcelos e de D. Maria do Carmo de Sousa Barradas.

Filhos:

11n-1 Dr. Diogo Luís de Almeida Vasconcelos, nascido em Mariana em 1843, Deputado várias vêzes à Assembléia Geral do Império, primeiro Presidente Constitucional da Câmara de Ouro Prêto, formado em Direito, Historiador consagrado da História de Minas, Jornalista intrépido. Político, Orador, Senador, Barão, Comendador da Ordem Militar do Santo Sepulcro e e Visconde de São João de Latrão.

Era casado com D. Juvelina, nascida em 1856 e falecida em 1933. O Dr. Diogo faleceu como Presidente do Senado Mineiro em 1927.

Pais de:

12n-1 Maria Joaquina, c.c. Dr. Leolino José Teixeira.

Pais de:

13n-1 Maria das Mercês
13n-2 Aristóteles
13n-4 José
13n-5 Dr. Diogo
13n-6 Florisa
13n-7 Emerenciana
13n-8 Dr. Francisco
13n-9 Antônio

12n-2 Messias Diogo, falecido solteiro.
12n-3 Dr. Diogo Renato, juiz aposentado, c.c. D. Josefina Ferraz.
Pais de:
13n-10 Maria Edwiges
13n-11 Diogo Otávio
13n-12 Marcelo
13n-13 Francisco
13n-14 Maria Assunção
13n-15 Maria Aparecida
13n-16 Maria
13n-17 Luís
13n-18 Maria Antônia
12n-4 Dr. Francisco Diogo, Juiz de Direito aposentado, c. c. Maria Cândida Salgado.
Pais de:
13n-19 Francisco de Paula
13n-20 Anicea Glicéria
13n-21 Diogo
13n-22 Bernardo
13n-23 Lérida Flora
13n-24 Alba Flávia
13n-25 Vasco
13n-26 Maria da Conceição
12n-5 Dr. Tiago, Major Farmacêutico do Exército.
12n-6 Dioguina Monoelina, c.c. Horácio Constantino dos Santos.
Pais de:
13n-27 Maria José
13n-28 Orlando
13n-29 Alberto
13n-30 Hélia
13n-31 Sebastião
12n-7 Maria da Anunciação, c.c. Dr. Pedro de Alcântara Almeida Magalhães, Engenheiro, ex-Diretor da Rêde Mineira de Viação.
Pais de:
13n-32 Dr. Pedro de Alcântara
13n-33 Maria da Conceição
13n-34 Dr. Geraldo
13n-35 Dr. José Diogo
13n-36 Maria do Carmo
13n-37 Dr. Paulo Antônio
13n-38 Luís
13n-39 Severino
13n-40 Maria da Anunciação
12n-8 Dr. Tomé Diogo, Promotor Público, c.c. D. Francisca de Assis Brandão.
Sem filhos
12n-9 José
12n-10 Dr. Roberto de Vasconcelos, nascido em Ouro Prêto em 1890, Advogado em Belo Horizonte, Historiador, Orador perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, membro do Instituto Histórico da Paraíba, Arqueológico de Recife, Polimático de Natal e Histórico de Ouro Prêto; c.c. D. Maria Augusta Rodrigues da Silva.

Pais de:
13n-41 Maria da Conceição
13n-42 Maria José
13n-43 Roberto
13n44 Maria Constança Jovelina
13n-45 Maria Berenice
13n-46 José
13n-47 Maria do Carmo
13n-48 Eduardo Otávio
12n-11 Isabel Regina, c.c. Dr. Egeu de Almeida Gomes.
Pais de:
13n-49 José Lucas

11n-2 Francisco Diogo de Almeida Vasconcelos, nascido em Mariana em 1845 e falecido em Ouro Prêto em 1898, c.c. D. Maria Madalena de Almeida Gomes, nascida em Mariana em 1855 e falecida em Belo Horizonte em 1930.
Pais de:
12n-12 José Joaquim da Rocha Vasconcelos.
12n-13 Henriqueta Albertina.
12n-14 Dr. Salomão de Vasconcelos, nascido em Mariana em 1877, Médico, Advogado, Historiador, Secretário-geral do Instituto Histórico de Minas Gerais, membro do Instituto Histórico de Ouro Prêto e Bahia, do Instituto Genealógico Brasileiro; c.c. D. Branca Teresa de Carvalho, nascida em 1886 em São Paulo, Professôra da Escola Musical de Belo Horizonte.
Pais de:
13n-50 Branca Rosália
13n-51 Dr. Paulo
13n-52 Dr. Décio, Historiador, Presidente do Instituto Genealógico Brasileiro — Secção de Minas Gerais. Engenheiro.
13n-53 Maria Selma
13n-54 Silvio
13n-55 Caitano
13n-56 Luisa Mercedes
13n-57 Ana Júlia
13n-58 Rita
11n-3 Fernando Avelino
11n-4 Luis Diogo
11n-5 Maria Luisa
11n-6 Ana Rosa
11n-7 Henriqueta Firmina
11n-8 Pedro Benjamim

Sn-5 Dr. José Alves Maciel, que tomou parte na inconfidência mineira e faleceu no degredo.

Dr. José Alves Maciel

O Dr. Alves Maciel, formado em filosofia em Coimbra, era filho do Capitão-mor de Vila Rica, Domingos Alves de Oliveira Maciel, Advogado e Deputado à constituinte em 1823. Esteve na Inglaterra, estudando pràticamente artes e manufaturas para introduzir no Brasil êsses estudos, sob àquele critério, principalmente em Minas Gerais.

Foi o inspirador de Tiradentes, a quem expôs os seus planos de libertação do Brasil e transmitiu a chama do entusiasmo que lhe incendia a alma, discorrendo sôbre os Estados Unidos e exalçando-lhe a Constituição liberal.

Tiradentes, por sua vez, expusera aqueles planos ao Tenente-Coronel Freire de Andrade, cunhado de Alves Maciel, Comandante do Regimento dos Dragões e ao Padre Carlos Corrêa de Toledo, aos quais se aliou para logo um pugilo de homens ilustres em tôrno do ideal da independência pátria, empolgando a todos os espíritos. Alves Maciel estêve entre os condenados à morte, teve a pena comutada para degrêdo perpétuo na África, havendo sido exilado para Moçangana.

Era mineralogista e técnico abalisado.

Sn-6 Isabel Carolina de Oliveira Maciel, c.v. o Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, do Rio de Janeiro, filho natural de José Antônio Freire de Andrade e de Maria do Bom Sucesso Correia de Sá.

Pais de:

Hn-9 Gomes Freire de Andrade, Barão de Itabira, c.c. Francisca.....

Pais de:

8n-7 Francisca de Paula Freire de Andrade, c.c. o Conselheiro Herculano Ferreira Pena, Senador do Império

8n-8 Maria Freire de Andrade, c.c. Manuel Dias Pais Leme

8n-9 Ana

8n-10 Isabel

8n-11 Dr. Augusto Freire de Andrade, c.c. Isabel Herculana, sua sobrinha

8n-12 Gomes Freire de Andrade, c.c. Sebastiana .....

8n-13 Martinho

8n-14 Francisco

8n-15 Antônio

8n-16 Bernardo

Qn-2 Inês Monteiro da Silva, c.c. o Capitão José de Campos Bicudo, filho de Felipe de Campos Brandemburg e de Margarida Bicudo. O Capitão José de Campos Bicudo foi Juiz Ordinário em Pitangui em 1720.

Pais de:

Pn-4 Margarida de Campos, casada em Itú em 1705 com o Capitão Antônio Rodrigues Velho (o Velho da Taipa), Juiz Ordinário em Pitangui e aí falecido em 1766, filho de Garcia Rodrigues Velho e de Isabel Bicudo.

Pais de:

Sn-7 Ana de Campos Monteiro, que se casou a 1.º vez com Inácio de Oliveira, natural da Cidade da Bahia.

Pais de:

Hn-10 *Cap. Inácio de Oliveira Campos*, descobridor dos sertões de entre os Rios das Velhas, Parnaíba e Dourados. Foi o destruidor do Quilombo da Serra Negra e o fundador da Cidade de Patrocínio, no Triângulo Mineiro. Casou-se com Dona Joaquina Bernarda Silva de Abreu Castelo Branco, nascida em Mariana a 20 de agôsto de 1752 e falecida em sua fazenda do Pompéu, Município de Pitangui, a 7 de dezembro de 1824, filha legítima do Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco e de D. Jacinta Teresa da Silva.

→ Bn-2 Maria Pires, casada, em 1550 em São Paulo, com Bartolomeu Bueno de Rivera natural de Sevilha, que veio para São Paulo em 1571, filho de Francisco Ramires de Porros.

Filhos dentre outros:

Tn-2 Amador Bueno de Ribeira, Ouvidor da capitania de S. Vicente, cargo que ocupou em 1627, foi aclamado Rei em São Paulo em 1641 recusou esta honra, c.c. Bernarda Luis, filha de Domingos Luis e de Ana Camacho.

Tn-3 Francisco Bueno, falecido em 1638, serviu honrosos cargos do Govêrno de São Paulo, c.c. Filipa Vaz em 1630 filha de Francisco João Branco e de Ana Cerqueira.

Filhos dentre outros:

Qn-3 Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, natural de Parnaíba, c.c. Isabel Cardoso, filha do Cap. Domingos Leme da Silva e de Francisca Cardoso. Filhos:

Pn-5 *Maria Pires*, casada em 1678 com Antônio Ferraz de Araújo, filho de Verônica Dias Leite e de Manoel Ferraz de Araújo, português.

Filho:

Sn-8 Verônica Dias Leite Ferraz, casada em 1708 em Parnaíba com Miguel de Faria Sodré, filho de Antônio de Faria Sodré, e de Inês de Oliveira Gotrim.

Filhos:

Hn-11 Antônio Ferraz de Araújo, casado em Pitangui com Leonor de Siqueira de Morais, filho de Manoel Prêto Rodrigues e de Francisca de Siqueira de Morais, natural de Jundiaí.

Filho:

8n-17 Maria Leite de Araújo, casada em Pitangui com Amaro das Neves de Morais Guarda-mor das mi-

nas de Airuoca, Minas, onde residiu, filho de Domingos Teixeira de Morais, português, e de Maria Soares das Neves.

Filho:

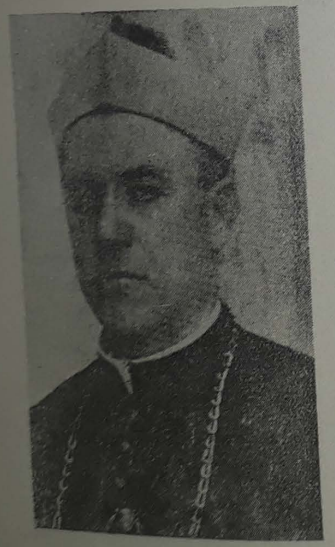
9n-4 Amaro Leite de Morais, natural de Airuoca, falecido em 1833 em Atibáia, onde foi Juiz Ordinário e de órfãos, casado em 1796 em Conceição de Guarulhos com Gertrudes Caitana do Nascimento, filha de Pedro Bueno de Morais e de Maria Leite de Araújo.

Filho:

10n-2 Maria Dionísia de Araújo, nascida em Atibaia e falecida em Piracicaba em 1882, c.c. Vicente Ferreira da Silva, natural de Campanha, Minas Gerais.

Filhos dentre outros:

11n-9 Bento da Silva Leite, nascido em Atibaia em 1836 e falecido em Campinas em 1890, casado com Benta Monteiro de Carvalho e Silva, nascida em Campinas em 1857 e aí falecida em 1890, filha de Antônio Monteiro de Carvalho e Silva, natural do Pôrto, Portugal, casado em 1829 com D. Teolinda Pires Monteiro, nascida em 1816 e falecida em 1891, em Campinas.



D. Joaquim Mamede da Silva Leite

Filhos dentre outros:

12n-15 *Dom Joaquim Mamede da Silva Leite*, n. a 18 de agôsto de 1876 em Campinas, falecido a 22 de março de 1947 em Petrópolis. Ordenou-se a 24 de maio de 1900 em Vitória. Bispo titular de Sebaste de Laodicéia, sagrado a 13 de agôsto de 1916, em Campinas.

Pn-6 Bartolomeu Bueno da Silva, o moço, c.c. Joana de Gusmão, filha de Baltasar de Godoi Moreira e de Violante de Gusmão.

Filho:

Sn-9 Coronel Bartolomeu Bueno da Silva, falecido em 1776, c.c. Maria Teresa Isabel Pais falecida em 1752, em Itu, filha de Domingos Jorge da Silva e de Margarida de Campos Bicudo:

Filhos:

Hn-12 Bartolomeu Bueno de Campos Leme e Gusmão (inventar do aerostado).

Hn-13 Alexandre de Gusmão, escritor notável, pertenceu a academia dos Renascidos.

Sn-10 Leonor Bueno da Silva, c.c. Domingos Rodrigues do Prado, filho de outro de igual nome e de Violante de Siqueira. Domingos Rodrigues do Prado, residiu em Pitangui pelos anos de 1720, foi muito poderoso e proprietário de várias minas de ouro. No começo desta obra, tivemos a oportunidade de nos referir a Domingos Rodrigues do Prado, quando falamos da sedição de Pitangui, em 1720.

Méssia Rodrigues

F-2 Méssia Rodrigues, c.c. Domingos Gonçalves Maia, filho de Domingos de Goes e de Catarina de Mendonça.

Filhos dentre outros:

N-2 Garcia Rodrigues Velho, c.c. Catarina Dias, filha de Domingos Dias e de Antônia Chaves.

Filho:

Bn-3 Garcia Rodrigues Velho, c.c. Maria Betim, filha de Geraldo Betting, natural do ducado de Gueldres, cidade de Drusbruk, e de Custódia Dias.

Filho:

Tn-4 Maria Garcia Betim, casada com Fernão Dias Pais Leme, filho de Pedro Dias Pais Leme e de Maria Leite.

Filhos descritos em outro local

NOTA — João Ramalho, o português encontrado por Martim Afonso de Sousa em 1532, em São Vicente, casou-se com Bartira, batizada com o nome de Isabel Dias, filha do cacique Tibiriçá, régulo de Piratininga, bati-

rado com o nome de Martim Afonso Tibiriçá, (História Antiga das Minas Gerais de Diogo de Vasconcelos — Genealogia Paulistana de Silva Leme, volume 1.º, pág. 30). Dêste casal nasceu Beatriz Dias, que se casou com Lopo Dias. De Beatriz Dias e Lopo Dias, provém Susana Dias, falecida em 1634, casada com Manuel Fernandes Ramos, natural de Moura, Portugal. Residiu em São Vicente pelos anos de 1570.

Dêste casal nasceu Custódia Dias, que se casou com Geraldo Betting, de quem acima nos ocupamos.

Tn-5 Cel. Garcia Rodrigues Velho, c.c. Mariana de Campos em Curitiba

Filho:

On-4 Garcia Rodrigues Velho, c.c. Isabel Bicudo. Residiram em Paranaguá.

Filhos:

A) Antônio Rodrigues Velho
B) Ana Maria de Jesus

A) *Antônio Rodrigues Velho*

Pn-7 Antônio Rodrigues Velho (o Velho de Taipa), Capitão das Minas de Pitangui, onde foi Juiz Ordinário e aí faleceu em 1766, casado com Margarida de Campos em Itu em 1705, filha do Cap. José de Campos Bicudo e de Inês Monteiro da Silva.

O VELHO DA TAIPA

O Cap. Antônio Rodrigues Velho, o Velho da Taipa, que dá nome à antiga Estação de Martinho Campos, foi ancestral do Cap. Inácio de Oliveira Campos, marido de Dona Joaquina do Pompéu.

Era casado com Margarida de Campos, filha legítima do Cap. José de Campos Bicudo, o fundador da Capela de Nossa Senhora da Penha, em Pitangui, no Bairro do Batatal, a qual protegia.

Mudando-se para São Paulo, transmitiu a administração da mesma ao Velho da Taipa.

O casal, Antônio Rodrigues Velho e Margarida de Campos, teve 9 filhos, dentre os quais destaca-se Ana de Campos Monteiro, progenitora do Capitão Inácio de Oliveira Campos, marido de Dona Joaquina do Pompéu.

Do velho ancestral do marido de Dona Joaquina do Pompéu, o Velho da Taipa, em tôrno do qual se tecem lendas sugestivas e as mais interessantes, definindo-lhe a personalidade invulgar, os artigos abaixo transcritos nos dão conhecimento:

"Viveu há muitos anos, nesta Cidade de Pitangui, o popular Velho da Taipa, homem de grande coragem, energia sem par, justiceiro em seus atos, amigo do direito e amigo dos amigos.

Dizem que o Velho da Taipa — Antônio Rodrigues Velho — morou na rua São José, mais ou menos no ponto em que fica a padaria de Constantino.

Na praça, onde ficam as casas das Filhas de D. Galdina e a do Sr. Jacinto Álvares da Silva (Pingo) existia uma capela onde êle fazia suas orações.

Era vigário naquele tempo o Rvdo. Padre Tavares, seu parente muito próximo, em companhia do qual morava uma de suas irmãs, cujo nome se ignora.

Dizem que ela foi raptada por um negro, que havia se estacionado num lugar próximo à capelinha do Monte.

Havia no lugar, além dêsse negro, muitos outros. que vieram fugidos, ambiciosos pela exploração do ouro.

Padre Tavares procurou iludí-los, dizendo que faria o casamento de sua irmã.

Para isso, voltaria à cidade, a fim de buscar os paramentos necessários à cerimônia. E voltou. Relatando o fato ao Velho da Taipa, pediu o auxílio de seus paroquianos para a prisão dos negros.

O Velho da Taipa convidou várias pessoas e seguiram tôdas.

Logo que o Padre iniciou a Santa Missa, os que iam ajudá-lo cercaram a morada dos negros e prenderam-nos. O velho da Taipa para fazer justiça mandou esquartejar o que havia raptado a jovem.

Os demais sofreram punições, pois, êle sabia, com critério, castigar os que merecem.

Era o consultor do povo. Fazia justiça em sua própria família.

Dizia sempre a seu filho, que era bastante desordeiro:

Meu filho, "chicote cheira a defunto".

Um dia, encontrando o filho uma turma de bahianos, que descansavam à rua da Lavagem, disse-lhes palavras ofensivas.

Um dêles, ignorando a que família pertencia o rapaz, o assassinou.

Os bahianos foram presos e levados à presença do Velho da Taipa, junto ao cadáver.

A família, em gritos de horror e em pranto, não serviu de impecilho a que o Velho da Taipa praticasse justiça, dirigindo-se ao cadáver: meu filho, sempre te disse que chicote cheira a defunto.

Os bahianos continuaram sua viagem sem perseguição. Com êste fato o Velho da Taipa deixou em nossa história a sua justiça, o seu caráter e a sua dignidade, definindo-lhe a personalidade".

"O VELHO DA TAIPA"

Paulo de Medina Coeli

"Um aventureiro português, aportado aqui no meio das levas de gente que andava à cata de ouro, enamorou-se de uma filha de Rodrigues Velho e, tempos depois, casava-se com ela.

Corria a vida do casal na mais doce harmonia; ela, empregando-se ao desempenho de seus deveres domésticos, e êle ajudando o sogro no árduo e compensador serviço da procura do ouro.

Certo dia, porém, surge no Batatal, numa onda de vindouros recém-chegados da Côrte, uma mulher. E é com enorme alvorôço, entre as mais desembaraçadas demonstrações de alegria, que ela se atira aos braços do portuguêsinho, do seu rico maridinho, por amor de quem ela havia arrostado todos os perigos da travessia e déra com os costados nas afamadas Minas de Pitangui...

A filha do Velho da Taipa, desnorteada, a princípio, com o inesperado do acontecimento, prorrompeu, logo depois, em convulsivo chôro, que chamou a atenção de seu pai.

Quando êle penetrou na sala, onde se desenrolava a cena, o moço tremia de terror. Conhecia o seu sogro e adivinhava, talvez, a rudeza da sentença que iria pronunciar contra êle!

As duas mulheres agarram-se ao criminoso (já agora vítima) e cada qual o disputa com mais ardor, como seu legítimo marido.

A voz tonitroante do Velho da Taipa põe fim ao conflito.

Dirigindo-se à portuguêsa, pede-lhe a apresentação de documento que a habilite a dizer-se legítima espôsa de seu genro. Ela tira do seio um papel cuidadosamente embrulhado, entregando-o, vitoriosa, ao Velho da Taipa.

— Está aqui. Lêde.

O Velho desenrola o papel, entretém minuciosa conversa com a estrangeira, a respeito de fatos da vida de seu genro e termina por convencer-se (porque o próprio culpado viu-se, afinal, forçado pela evidência a confessar), que aquela mulher era legítima espôsa de seu genro. Doida de satisfação, lançando à sua rival um olhar soberbo de triunfo, a portuguêsa agarra o braço de seu marido, para se retirar com êle.

Mas, o Velho da Taipa a detém. E, voltando-se para a filha, ordena que traga também o documento que a reconhece como espôsa do marido reclamado. A moça corre a seu quarto e, momentos depois, com um sorriso de vingança a bailar-lhe nos lábios, entrega-lhe certidão de seu casamento, que o Velho lê com voz alta, ouvido religiosamente pelos que em grande número já se haviam agrupado na sala, para assistir à inesperada cena.

Lido o papel, o Velho dirige-se à portuguêsa e à sua própria filha, nestes têrmos: — Vós ambas houvestes demonstrado, perante Deus e os homens, que sois legítimas mulheres dêste sujeito, réu agora, do monstruoso crime de perjúro aos votos de fidelidade, que êle trocou convosco, ao pé do altar, miserável autor de tão grande atentado contra as leis e as reais Ordenações de S. M. El Rei N. S., a quem Deus guarde. Poderia perdoá-lo, se não cumprisse, como juiz que sou, a dar a cada uma de vós a parte que nêle tendes.

Reclamais ambas com fundado direito. E, porque sois duas, com iguais direitos, e êle é um só, não há outro meio de fazer justiça, senão dando a cada uma de vós a metade dêle.

E juntando o gesto à palavra, surdo às imprecações do desgraçado, indiferente aos gritos das duas mulheres e às súplicas de tôda a gente, Rodrigues Velho, juiz e carrasco, empunhando a machadinha que trazia à cinta, em poucos e certeiros golpes, partiu o corpo do desgraçado português.

E, diante de todos, trânsidos de pavor pela brutalidade da cena, atirou aos pés de cada uma das mulheres uma posta de carne, gotejando sangue"!

Filhos:

8n-11 Gertrudes de Campos, casada a 1.ª vez com João Veloso de Carvalho. Viveu em Pitangui em 1720, Capitão-mór da mesma vila, natural da Vila Nova de Famelicão, filho de Tomé Veloso de Carvalho e de Maria Veloso Rabelo.

Filhos:

Hn-14 Maria Teresa Joaquina, c.c. João Cordeiro, Sargento-mor de Pitangui, natural de Cintra, filho de Manoel Cordeiro, natural de Lisboa, Capitão de infantaria, e de Maria Antunes Micaela, natural de Lisboa.

Filhos:

8n-18 Rita Maria de São José Cordeiro, casada em Pitangui com o Cap. José Fernandes de Valadares, natural de São Cristovão de Lafões, lugar de Valadares, Bispado de Viseu, filho de Domingos Fernandes Alves e de Teresa Francisca, ambos naturais de Lafões.

Filhos:

9na-5 Joaquim Cordeiro Valadares, Guarda-mor, c.c. Antônia de Oliveira Campos, filha de D. Joaquina Bernarda Silva de Abreu Castelo Branco e do Cap. Inácio de Oliveira Campos.
Descendência no 2.º volume desta obra

9n-6 João Cordeiro Valadares (da Cana Brava), c.c. Ana Joaquina de Oliveira Campos, mesma filiação.
Descendência no 2.º volume desta obra

9n-7 Ana Rita de São José Cordeiro, c.c. o Dr. João Evangelista de Faria Lobato

Filhos:

10n-3 André
10n-4 Afonso
10n-5 José
10n-6 Antônio
10n-7 Maria

8n-19 João Cordeiro
8n-20 Pedro Cordeiro Nolasco
8n-21 Maria
8n-22 Antônio Cordeiro de Campos
8n-23 José Joaquim Cordeiro
8n-24 Manuel Cordeiro de Campos

Hn-15 Josefa de Campos, c.c. Antônio Ferreira da Silva (1.º marido)

Filho:

8n-25 Dr. Manuel Ferreira da Silva, c.c. Eufrásia Leonor Guedes da Silva Sobral. Segunda vez com Ana de Abreu Castelo Branco.

Hn-16 Ana de Campos Monteiro, c.c. Inácio de Oliveira, natural da Cidade da Bahia.

Filho:

8n-26 Capitão Inácio de Oliveira Campos, c.c. Dona Joaquina Bernarda Silva de Abreu Castelo Branco.

Descendência dos Cordeiros

Manuel Cordeiro, capitão, de infantaria, natural de Lisboa, casou-se com D. Maria Eugênia Antunes Micaela, também natural de Lisboa. Depois de ter feito a campanha do Alentejo e da Praça de Cascais, estabeleceu residência em Cintra, próximo de Lisboa, onde se tornou senhor da quinta de Santanha. (Ver Genealogia Paulistana de Silva Leme-Vol. 4.º pág. 187).

Filhos:

F-1 João Cordeiro, Sargento-mor de Pitangui, natural de Cintra, casado com D. Maria Teresa Joaquina, filha de Gertrudes de Campos e de João Veloso de Carvalho, da Vila de Famelicão (Portugal); neta materna de Margarida de Campos e de Antônio Rodrigues Velho (o Velho da Taipa), e neta paterna de Tomé Gonçalves de Carvalho e de D. Maria Veloso Rebelo.

Filhos:

N-1 Rita Maria de São José Cordeiro, c.c. o Cap. José Fernandes Valadares, natural do Couto de São Cristóvão de Lafões, lugar de Valadares, Bispado de Visêu, filho de Domingos Fernandes Alves e de Teresa Francisca, ambos naturais de Lafões.

Filhos:

Bn-1 Joaquim Cordeiro Valadares, Guarda-mor, c.c. D. Antônia de Oliveira Campos, filha de D. Joaquina Bernarda Silva de Abreu Castelo Branco e do Cap. Inácio de Oliveira Campos.

Filhos já descritos em outro local

Bn-2 João Cordeiro Valadares (da Cana Brava), c.c. Ana Joaquina de Oliveira Campos, mesma filiação.

Filhos já descritos em outro local

Bn-3 Ana Rita de São José Cordeiro, c.c. o Dr. João Evangelista de Faria Lobato.

Filhos:

Tn-1 André
Tn-2 Afonso
Tn-3 José
Tn-4 Antônio
Tn-5 Maria

N-2 João Cordeiro
Filho.

N-3 Pedro Nolasco Cordeiro c.c.

Filhos:

Bn-4 Francisco de Assis Cordeiro, c.c. Ana Cordeiro

Filhos:

Tn-6 Gustavo, c.c. Sinhá Cordeiro
Tn-7 Virgínia, c.c. Jovino Prado
Tn-8 Maria, c.c. Pedro Rates Viana

Francisco de Assis Cordeiro, casado a 2.ª vez com D. Maria Cordeiro de Menezes.

Filhos:

Tn-9 Edmundo Cordeiro de Menezes, residente em Araxá

Filhos:

Qn-3 Dulce
Qn-4 Wilson
Qn-5 Gilca

Qn-7 Elza
Qn-8 Luzia
Qn-9 Ivone
Qn-10 Léia
Qn-11 Nice
Qn-12 Maria

Tn-11 Dr. Clarimundo Cordeiro, Advogado, residente no Rio, c.c. D. Olga Massari Cordeiro

Filhos:

Qn-13 Dálmo, falecido
Qn-14 Norma

Tn-12 Antenor
Tn-13 Cristóvão
Tn-14 Maria Cordeiro Máximo, c.c. Horácio Máximo Residente em Belo Horizonte.

Filhos:

Qn-15 Mauro
Qn-16 Ramon
Qn-17 Isa

Tn-15 José Cordeiro, c.c. Conceição Chaves Cordeiro

Filhos:

Qn-18 Maritza
Qn-19 José
Qn-20 Valquíria
Qn-21 Osvaldo
Qn-22 Hortência
Qn-23 Maria
Qn-24 Carlos
Qn-25 Neusa
Qn-26 Rogério
Qn-27 Maria das Graças

Residem em Sete Lagoas

Bn-2 Cândida Cordeiro, c.c. Luís Xavier Borges, de Bom Despacho.

Filhos:

Tn-16 Ambrosina, c.c. Virgílio de Oliveira, falecido.
Sem filhos
Tn-17 Luís, falecido solteiro
Tn-18 Cândida, falecida solteira

Tn-19 Maria Cândida, falecida solteira
Tn-20 Zeferina, solteira
Tn-21 José Xavier Borges, c.c. Albertina Campos.

Filhos:

Qn-28 Cândida, solteira, funcionária da Secretaria das Finanças
Qn-29 Similiana, solteira
Qn-30 Maria Similiana, c.c. Otoniel Beleza, Escritor e Poeta.

Filhos:

5n-1 Edméia
5n-2 Carmen
5n-3 Beatriz
5n-4 Lígia
5n-5 Iná
5n-6 Lúcia
5n-7 Murilo
5n-8 Maria Estela
5n-9 Ilda
5n-10 Moacir
5n-11 Nelson
5n-12 Edgar
5n-13 Nilo
5n-14 Aloízio
5n-15 Lília

Qn-31 Sílvia, c.c. Fábio Campos Mota
Sem filhos:
Qn-32 João

José Xavier Borges, casado a 2.ª vez com Maria de Castro

Filhos:

Qn-34 Albertina, solteira
Qn-35 Artur, c. c. Luci Gondim Horta.
Sem filhos:
Qn-36 Brasil, solteiro
Qn-37 Marcos, solteiro
Qn-38 Benedito, solteiro

Residem em Belo Horizonte. José Xavier Borges é falecido.

Tn-22 Jesuína, c.c. Francisco Riolo (Italiano)

Filhos:

Qn-39 Madalena, c.c. Francklin de Carvalho

Filhos:

5n-16 Benito
5n-17 Maria Magda
5n-18 Deodoro Getúlio
5n-19 Lúcia Consuelo

Tn-23 Rosa, c.c. Canuto Guimarães

Filhos:

Qn-40 Paulo, falecido

Qn-41 José, c.c. Maria da Conceição

Filhos:

5n-20 Lígia
5n-21 Rosa

Qn-42 Celeste, solteira
Qn-43 Guilherme, c.c. Laís Guimarães

Filhos:

5n-22 Paulo
5n-23 Guilherme
5n-24 Roberto

Qn-44 Pedro, c.c. Raimunda Guimarães
Qn-46 Renato, c.c. Moema Guimarães

Filhos:

5n-25 Zélia

Qn-47 Luís, c.c. Linete Guimarães

Tn-24 Luís, falecido em criança.

Bn-3 Pedro Nolasco Cordeiro, c.c. Arminda Cordeiro

Filhos:

Tn-25 Pedro Nolasco Cordeiro Filho, c.c. Rita Leocádia de Andrade. Residente em Abaeté

Filhos:

Qn-48 Olinto Cordeiro de Andrade, c.c. Eleonora Maciel Vieira Machado, filha de Olímpio Maciel Vieira Machado e de Marcigêta Capanema.

Filhos:

5n-26 Geraldo
5n-27 Maria Rita
5n-28 José
5n-29 Marcigêta
5n-30 Afonso
5n-31 Maria de Lourdes
5n-32 Terezinha
5n-33 Olinto
5n-34 Raimunda
5n-35 Maria da Glória
5n-36 Maria Lúcia

Residem em Abaeté

Qn-49 Pedro Cordeiro de Andrade, c.c. Luisa Pôrto

Filhos:

5n-37 Maria José
5n-38 José Pôrto
5n-39 Helena
5n-40 Anita
5n-41 Rita
5n-42 Pedro

Qn-50 Antônio Cordeiro de Andrade, c.c. Iara Campos, filha de Inácio Alvares da Silva e de D. Isabel Álvares da Silva Contagem.
Filhos descritos em outro local

Tn-26 Maria Nolasco Cordeiro, c.c. Amador Pereira.

N-4 Maria Cordeiro
N-5 Antônio Cordeiro
N-6 Sebastião José Cordeiro
N-7 José Joaquim Cordeiro
N-8 Manuel Cordeiro

NOTA — O apelido Cordeiro vem de corda.

Quando a Irlanda foi anexada à Inglaterra, alguns irlandeses pescadores, não se conformando com o jugo inglês, fugiram para Portugal, onde se estabeleceram no litoral, continuando com a rendosa profissão. Teciam cordas com que faziam redes, tarrafas etc. e por isto os portuguêses lhes deram o apelido de Cordeiros (que fazem corda).

Depois a palavra cordeiro passou a designar o animal que era amarrado com cordas e levado à matança.

B) *Ana Maria Bicudo*

Fn-8 Ana Maria Bicudo, c.c. Manuel Picão Camargos

Filhos:

Isabel Bicudo — § 1.º
Joana Maria Bicudo — § 2.º
§ 1.º
Isabel Bicudo

Sn-12 Isabel Bicudo, c.c. Manuel Dias Ferreira

Filha:

Hn-17 Ana Maria de Jesus, c.c. o Cap. Antônio Álvares da Silva

Filhos:

8n-27 Antônio Alves da Silva, casado a 1.ª vez com Jacinta Teresa da Silva, a 2.ª vez com Joaquina de Oliveira Campos e a 3.ª vez com Ana Felizberta de Oliveira.
8n-28 Ana
8n-29 Antônia, c.c. Jorge de Oliveira Castelo Branco
8n-30 Martinho, c.c. Isabel Jacinta de Oliveira Campos.
8n-31 Jorge
8n-32 Mateus
8n-33 Jacinto (Cel.), c.c. Maria Carolina Álvares da Silva (Maria da Bahia).
8n-34 Maria de Sant'Ana, c.c. Antônio José de Abreu e Silva
8n-35 Francisco
8n-36 Isabel.

NOTA — Deixaram descendentes em Pitangui, Pompéu, Pará de Minas, Abaeté e Morada.

Antônio Alves da Silva, filho de Ana Maria de Jesus e do Cap. Antônio Álvares da Silva, foi casado a 1.ª vez com Jacinta Teresa da Silva Abreu Castelo Branco, filha do Dr. Manuel Ferreira da Silva e de Eufrásia Leonor da Silva Sobral de Abreu Castelo Branco (filha do Dr. Jorge Castelo Branco. Descendência ignorada.

Antônio Alves da Silva foi a 2.ª vez casado com Joaquina de Oliveira Campos, filha de Dona Joaquina do

Cel. Antônio Alves da Silva
(genro de D. Joaquina do Pompéu)

Pompéu e do Cap. Inácio de Oliveira Campos. Descendência no 2.º volume desta obra

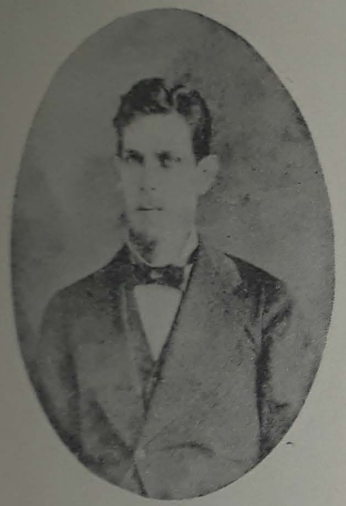
Antônio Alves da Silva, casado a 3.ª vez com D. Ana Jacinta Felizberta de Oliveira, filha de José Agustinho de Abreu Castelo Branco e de Felizberta de Oliveira Campos.

Filhos:

9n-7 Antônio Alves da Silva, c.c. D. Cândida Soares de Faria Branco

Filhos:

10n-8 Antônio Alves da Silva, c.c. D. Luisa Álvares da Silva, filha do Cel. José Luís Álvares da Silva e de D. Maria Carolina Álvares da Silva
Filhos descritos em outro local



Antônio Alves da Silva

Major Antero Álvares da Silva

D. Faustina Xavier Capanema
(Nhá)

10n-9 Major Antero Feijo, c.c. Faustina Capanema, filha de Francisco Severino da Silva Capanema e de Rosa Xavier.

Pais de:

11n-10 Dr. Antônio Álvares da Silva, c.c. Emília Maciel Vieira Machado

11n-11 Cândida (Naná), falecida solteira

11n-12 Otávio, falecido solteiro

11n-13 Alice (Zezinha), c.c. Antenor Pereira de Matos

11n-14 Isabel, falecida solteira

10n-10 Antônio Feijó c.c. Adelaide Álvares da Silva, filha do Barão do Indaiá

Filhos descritos adiante

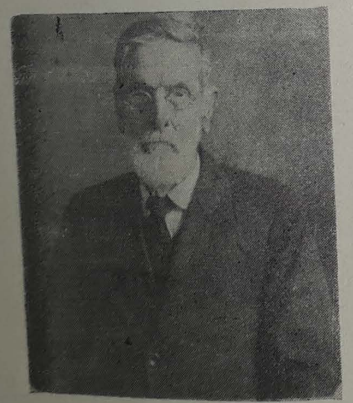
10n-11 Desembargador Amador Álvares da Silva, c.c. Isabel Álvares da Silva, filha do Barão do Indaiá

Filhos já descritos

10n-12 Major Cândido Álvares da Silva (Major Candinho da Barra)

Faleceu solteiro

Dr. Antônio Alvares da Silva



Antônio Feijó Álvares da Silva

Major Cândido Álvares da Silva
(Candinho da Barra)

8n-8 Antônio Aurélio, c.c. Isabel Álvares da Silva, filha do Cap. Joaquim Antônio Álvares da Silva e de D. Joana Evangelista de Oliveira Campos.

Filhos descritos em outro local

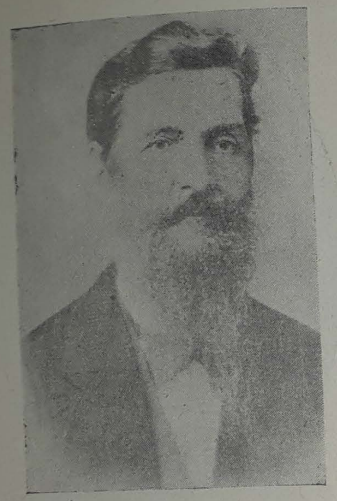
9n-9 Antônio Zacarias Álvares da Silva, Barão do Indaiá, falecido a 25 de agôsto de 1901. Foi o primeiro Presidente da Câmara de Dores do Indaiá. Casado com D. Isabel Ordones da Cunha Lara, filha do Major José de Deus e de Joana Helena Lopes.

Pais de:

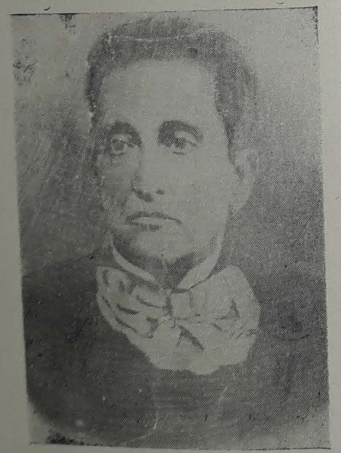
10n-13 José Zacarias, c.c. Clarice Maria

Pais de:

11n-15 Frederico Zacarias (Papa)
11n-16 José Zacarias
11n-17 Maria, falecida
11n-18 Isabel
11n-19 João, falecido
11n-20 Adélia
11n-21 Antônio
11n-22 Ernesto, falecido
11n-23 Amélia
11n-24 Dr. Amador, Médico. Prefeito de Abaeté
11n-25 Cândido



Barão do Indaiá



Isabel Ordones da Cunha Lara
(Baronesa do Indaiá)

10n-14 Policena, c.c.. Jacinto Álvares da Silva (Jacinto Cipó), filho de Cel. José Luís Álvares da Silva e de Maria Carolina Álvares da Silva
Filhos descritos em outro local

Policena Carolina Álvares da Silva

10n-15 Adelaide, c.c. Antônio Feijó Álvares da Silva

Pais de:
11n-26 Antero
11n-27 Antônio
11n-28 Alé, c.c. Francisco Fernandes Alvares, filho de Antônio Fernandes Álvares e de Maria Joana Vieira Maciel,

Pais de:

12n-14 Alberto

12n-15 Nazareno, c.c. Celina, filha de Maria de Campos Álvares e de Manuel Ferreira Álvares da Silva (Manoelzinho do Pará).

Pais de:
13n-59 Antônio Feijó

12n-16 Dr. José Feijó Álvares da Silva.

10n-16 Belchiorina Carolina, c.c. Teófilo Álvares da Silva (Teófilo Sant'Ana)
Filhos descritos em outro local

10n-17 Narciso, c.c. Joana Álvares da Silva, filha de Franklin Álvares da Silva e de Josefina Álvares da Silva
Filhos descritos em outro local

10n-18 João Zacarias, c.c. Isabel Álvares da Silva, filha de Teófilo Álvares da Silva e de Belchiorina Álvares da Silva
Filhos descritos em outro local

Desembargador Amador Álvares da Silva e sua espôsa D. Isabel Carolina Álvares da Silva

10n-19 Isabel Carolina, c.c. o Desembargador Amador Álvares da Silva, filho de Antônio Alves da Silva e de Cândida de Faria Branco

Pais de:

11n-29 Cândida Amador,, solteira

11n-30 Maria Helena, Farmacêutica, c.c. Dr. Alberto Álvares
Filhos descritos em outro local

11n-31 Dr. Antônio Amador, ex-Deputado Estadual, residente em Belo Horizonte, Médico da Saúde Pública. c.c. Ana Lopes. Filha:

12n-16-a Maria Isabel

Dr. Amador Álvares da Silva (médico)

11n-32 Adília, c.c. Dr. Álvaro Modesto de Azevedo
Sem filhos

11n-33 Isabel, solteira

11n-34 Maria José, solteira

11n-35 Helena, c.c. Dr. Osvaldo de Melo Campos, Professor da Universidade.
Sem filhos

10n-20 Frederico Zacarias, falecido solteiro; era Estudante de medicina

10n-21 Antônio Alípio, c.c. Joana Helena, filha de Teófilo Alvares da Silva e de Belchiorina Alvares da Silva
Filhos descritos em outro local

9n-10 Antonio Zacarias Álvares da Silva, Barão do Indaiá, teve ainda os seguintes filhos:

10n-22 Frederico Zacarias, n. em 19 de junho de 1888 e falecido em 6 de fevereiro de 1936. Era Acadêmico de Direito

10n-23 Jader, falecido solteiro

10n-24 Cornélia, residente em Abacté, c.c. João Corrêa de Sousa

Pais de:

11n-36 Luis

11n-37 Paulo

10n-25 Faustina, c.c. Ezequiel de Oliveira Campos, filho do Capitão Joaquim Antônio Álvares da Silva e de Ana Jacinta de O. Oliveira Campos.

Filhos descritos em outro local

10n-26 Josefina Carolina, c.c. Franklin Álvares da Silva, filho do Capitão Joaquim Antônio Álvares da Silva e de Joana Evangelista de Oliveira Campos.

Filhos descritos em outro local

10n-27 Dr. Antônio Zacarias Álvares da Silva (Dr. Nico ou Dr. Sambuca), Médico, nascido em 6 de setembro de 1847 e falecido em 30 de outubro de 1905, em Dores do Indaiá, c.c. D. Balbina de Sousa e Silva.

Sem filhos

NOTA — D. Balbina de Sousa e Silva foi casada a 1.ª vez com Francisco Alves Filgueiras, com quem teve uma filha de nome Azejúlia de Sousa e Silva, que se casou com o Dr. Jacinto Álvares da Silva, pais do Ministro Dr. Francisco Campos

Ver os filhos do Dr. Jacinto Alvares da Silva

10n-28 Augusto

10n-29 Augusta, c.c. Pedro Ferreira Maia

Pais de:

11n-38 Virgilio Ferreira Maia

9n-11 Antônio Maria (Nenzinho do Quati), nascido em 29 de agôsto de 1823 e falecido em 3 de outubro de 1893, c.c. Isabel Joaquina Álvares da Silva, sua sobrinha, filha do Cap. Joaquim Antônio Álvares da Silva e de Joana Evangelista de Oliveira Campos.

Filhos descritos em outro local

NOTA — Nenzinha do Quati teve ainda dois filhos: Francisco (Chiquinho do Quati), c.c. Joana Maciel. Filhos em outro local, e Gabriel Antônio, c.c. Maria da Conceição Alvares. Pais de:

10n-30 Aristides, residente em Corinto, Poeta, Secretário da Prefeitura de Corinto, c.c. Maria da Conceição Antunes, com os seguintes filhos:

11n-39 Orlando

11n-40 Dilermando

11n-41 Zenaide

10n-31 José Maria Álvares da Silva, residente em Pirapora, onde é Escrivão de paz. É casado com D. Cândida Mendes

10n-32 Julieta, solteira

10n-33 Filomena, c.c. João Lopes Matoso

10n-34 Júlio, c.c. Zulmira Borges

10n-35 Maria, José, c.c. Rui Álvares Sampaio

10n-36 Jeová, c.c. Narcisa

10n-37 Geraldo, solteiro

10n-38 Maria Madalena, solteira

10n-39 Adélia, c.c. Moacir de Almeida

9n-12 Lourença, c.c. Francisco Ribeiro Camargos.

Pais de:

10n-40 Manuel Ferreira Alvares da Silva (Manoelzinho do Pará), casado a 1.ª vez com Rosena Maria Álvares da Silva.

Pais de:

11n-42 Padre João Ferreira Álvares

11n-43 Saint Clair Ferreira Álvares da Silva, c.c. Francisca Camargos.

Pais de:

12n-17 Rosena, c.c. Amador de Campos Cordeire

Filhos descritos em outro local

12n-18 Isabel, c.c. Pedro Lopes de Azevedo, filho de Celestino Lopes e de Petrolina Lopes

Filhos:

13n-60 Petrolina

13n-61 Vicente

13n-62 Carlos

13n-63 Francisca

13n-64 Carmen

13n-65 Egeu, falecido

13n-66 Pedro

12n-19 Inácio, c.c. Diva de Oliveira, filha de Antônio José de Oliveira e de Elisa de Oliveira

Pais de:

13n-67 Oto, falecido

13n-68 Fernando

13n-69 Alaor

13n-70 Lêda

13n-71 Bolivar, falecido

13n-72 Oto

12n-20 Manuel, Farmacêutico, residente em Abaeté, c. c. Célia Soares, filha de Lourença Carolina Álvares da Silva e de Balduino Soares Branco, de Abadia, hoje Martinho Campos.

Pais de:

13n-73 Célia, irmã franciscana

13n-74 Clélia

13n-75 Celisa

13n-76 Maria de Lourdes

13n-77 Antônio

13n-78 Saint Clair

13n-79 Lourença

13n-80 Tadeu

13n-81 Célia Marisa

13n-82 Francisca

12n-21 João, c.c. Alcídia Costa, filha de Nicésio Bernardino da Costa e de Maria Bernardina da Costa, de Itapecerica.

Pais de:
13n-83 Elvira
13n-84 Eli
13n-85 Élia
13n-86 Erdi
13n-87 Francisca
13n-88 Elza
13n-89 Edwar

12n-22 Alzira, c.c. Bernardo Mendes

Pais de:
13n-90 João

12n-23 Jaci, c.c. Jaci Nascimento Zica, filho de José Zacarias Zica e de Maria Zica.

Pais de:
13n-91 Jorge
13n-92 Teresinha
13n-93 Iolanda
13n-94 Maria

12n-24 Francisco, c.c. Helena, filha de Francisco Ferreira Álvares da Silva (Chico Maritaca) e de Hilária Pinto

Pais de:
13n-95 Erdi
13n-96 Ércio
13n-97 Francisco
13n-98 Marilene
13n-99 Edwar

NOTA — Manoelzinho do Pará, casou-se a 2.ª vez com Maria de Campos Álvares, filha de Sebastião de Campos Cordeiro e de Josefina de Oliveira Campos.

Filhos descritos em outro local

Manoelzinho do Pará teve ainda os seguintes filhos:

11n-44 Francisco Ferreira Álvares da Silva (Chico Maritaca), fazendeiro em Abaeté, c.c. Hilária Pinto

Pais de:
12n-25 Manuel
12n-26 Ester
12n-27 Helena
12n-28 Augusto
12n-29 Durval
12n-30 Ildeu
12n-31 Miryam

11n-45 Lauro, c.c. Isabel Álvares da Silva

Pais de:
12n-32 Antônio

12n-33 Lauro
12n-34 José

11n-46 Frederico
11n-47 José

0n-41 Inácio Ribeiro Álvares da Silva (2.º filho de D. Lourença), c.c. Isabel Álvares da Silva (sua sobrinha).

Pais de:
11n-48 Francisco
11n-49 Pedro, falecido
11n-50 Rosa
11n-51 Maria, falecida
11n-52 Lourença, falecida
11n-53 Francisca, falecida

10n-42 Maria Carolina, c.c. o Sargento Luís Vieira Rabelo

Filhos:
11n-54 Lourença, falecida, c.c. Balduino Soares Branco
11n-55 Maria Irene
11n-56 Garibaldina

10n-43 Chimango, falecido solteiro
10n-44 José Augusto, falecido solteiro
10n-45 Antônio Camargos Álvares da Silva, c.c. Francisca Corgozinho

Filhos:
11n-57 Rosália, c.c. Primo Pereira Lopes
11n-58 Francisca, c.c. Renovato Ribeiro de Camargos
11n-59 Antônio Zacarias
11n-60 Antônio Camargos
11n-61 Lourença, c.c. Antônio Alves de Sousa

9n-13 Augustinha, c.c. Francisco Ribeiro.

10n-46 Martinho, c.c. Cândida Mendonça

Filhos:
11n-62 Sajó, residente em Abaeté
11n-63 Teodolina, falecida
11n-64 Cândida
11n-65 Pulú (?)
11n-66 Maria
11n-67 Manuel (Né)
11n-68 Mário

10n-47 Nenê (?)
10n-48 Maria
10n-49 Isabel, c.c. João Abrão, de Martinho Campos

Filhos:
11n-69 Abrão
11n-70 João Abrão
11n-71 Augusta

10n-50 Antônia, c.c. José Ribeiro da Silva (Tio de Bernardo Guimarães).

Filhos:
11n-72 José Ribeiro da Silva
11n-73 Antônio José

11n-74 Firmino José
11n-75 Agostinho
11n-76 Ciriaco
11n-77 Crispiniano
11n-78 Teresa
11n-79 Maria

9n-14 Ana
9n-15 Jacinto

Eurrasia Leonor Guedes da Silva Sobral Abreu Castelo Branco, irmã de Dona Joaquina, casada com Dr. Manuel Ferreira da Silva, formado em Cânones, nascido em Pitangui onde advogava. Era filho de Dona Josefa de Campos e de Antônio Ferreira da Silva.

Filho:

João Anastácio Ferreira, c.c. Maria Mendes de Miranda

Filha:

Inês Ferreira, c.c. Valeriano Álvares da Silva

Filho:

Antônio Ferreira Álvares da Silva, Barãozinho, c.c. Francisca Angelica de Aguiar, ambos falecidos em Morada.

Filhos:

A) Itagiba Álvares da Silva, nascido a 13 de janeiro de 1878, falecido em Morada, casado com Jovita Aurélia da Silva, nascida a 18 de agôsto de 1877, falecida em Morada, filha de José Ribeiro da Silva e de Clara Camargos da Silva, falecida em João Pinheiro.

Filhos:

1 — Jeová Álvares da Silva, nascido em Morada a 8 de outubro de 1898, residente em Belo Horizonte, c.c. D. Maria José Pereira, nascida em Abaeté, filha de Amador José Pereira, falecido em Abaeté e de D. Rita de Andrade.

Pais de:

a) Jovita Aurélia, Farmacêutica, c.c. José Augusto Filho, Advogado
b) Márcia Aurélia
c) Teresa Aurélia
d) Marco Aurélio e Antônio Orlando

2 — Guaraciaba Álvares da Silva, nascida a 12 de novembro de 1899, residente em Morada, c.c. Dercílio Gonçalves de Melo, nascido em Morada, a 24 de setembro de 1897, falecido em Patos., filho de Pedro Gonçalves de Melo, nascido em Morada e aí falecido, e de Leonídia Álvares da Silva, falecida em Abaeté.

Pais de:

e) Alice Gonçalves de Melo
f) Wilson
g) Silvio
h) Maria da Conceição

3 — Itagiba Álvares da Silva, nascido em Abaeté a 8 de fevereiro de 1901, c.c. Corália Soares, filha de João Soares Sobrinho, falecido em Morada e de Julièta Álvares da Silva, residente em Belo Horizonte.

Pais de:

i) Jovita Aurélia
j) João
k) Julieta
l) Júnia
m) Cândida Maria

4 — José Álvares da Silva, nascido em Morada a 11 de junho de 1902, residente em Montes Claros, c.c. Maria José de Sousa Álvares.

Pais de:

n) Paulo Enéas

5 — Maria Álvares da Silva, nascida em Morada, a 9 de janeiro de 1904, residente em Belo Horizonte, solteira.

6 — Alice Álvares da Silva, nascida a 20 de junho de 1905, residente em Granjas Reunidas, c.c. Raul Neuschwander.

Pais de:

o) Marta Maria
p) Raul Ernesto
q) George Orlando
r) Luis Carlos
s) Teresinha
t) Maria Ângela
u) Marlene José

7 — Clara Alvares da Silva, nascida a 7 de agôsto de 1906, em Morada, residente em Bocaiuva, c.c. Abelardo Rodrigues

Filhos:

v) Maria Helena
x) Guido
y) Marcelo
z) José Afonso

8 — Fausta Álvares da Silva, nascida em Morada, a 19 de dezembro de 1908, residente em Belo Horizonte, solteira.

9 — Antônio Ferreira Álvares da Silva, depois Frei Orlando Álvares da Silva, franciscano, nascido em Morada a 13 de fevereiro de 1913, professor do Ginásio Santo Antônio de São João del-Rei. Fêz parte da Fôrça Expedicionária Brasileira, como Capitão, morrendo gloriosamente no campo de batalha em pleno exercício de sua santa missão. Patrono do serviço religioso do Exército Brasileiro, por decreto do Govêrno Federal, conforme os têrmos do seguinte telegrama: Rio, 28 (A.N.) — O Presidente da República, considerando que o Capelão militar, Capitão Antônio Álvares da Silva, frei Orlando, tombado na linha de frente, Bombiana, na Itália, a 20 de fevereiro de 1945, prestou inestimáveis serviços à Fôrça Expedicionária Brasileira, nas fileiras do Regimento Tiradentes, onde sua memória é justamente venerada; considerando haver êle demonstrado possuir peregrinas virtudes morais de verdadeiro Sacerdote, Capelão militar, assinou decreto, instituindo-o patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército, criado em caráter permanente pelo Decreto-lei 8.920 de 28 de janeiro de 1946.

Frei Orlando Álvares da Silva

10 — Olga, falecida em criança
11 — Ligia, falecida em criança
12 — Alfredo, falecido em criança

B) Iraci Álvares da Silva, c.c. Julieta Soares Álvares.

Filhos:

a) Silvio Álvares da Silva, Engenheiro do Estado, falecido
b) Iraci Álvares da Silva, Comercianie
c) Maria do Carmo Álvares da Silva
d) Armando Álvares da Silva
e) Alfredo Álvares da Silva
f) Antônio Teixeira de Assis

C) Adelaide Guaraciaba Álvares do Prado, c.c. Lindolfo Alves do Prado.

Filhos:

a) Enéas Alves do Prado
b) Berangere Alves Ferreira, falecido
c) Maria Alves do Prado
d) Simirames Alves de Sousa
e) Agueda Alves Xavier
f) Maria Alves do Prado
g) Ormandina Alves Rosa
h) Inimá Alves do Prado

D) Julieta Álvares Soares, c.c. João Soares Sobrinho

Filhos:

a) Lestocq Soares, da Marinha de Guerra
b) Juvenal Soares
c) Firmino Soares Siqueira, funcionário federal
d) Corália Soares Álvares, funcionária da Secretaria das Finanças

E) Leonídia Álvares de Melo, c.c. Pedro Gonçalves de Melo

Filhos:

a) Dercílio, falecido
b) José
c) João
d) Oscar
e) Levi Gonçalves

O BARÃO DO INDAIÁ

Dom Pedro por Graça de Deus e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, Faço saber aos que esta Minha Carta virem que Querendo Distinguir e Honrar ao Coronel Antonio Zacharias Alvares da Silva: Hei por bem fazer lhe mercê do titulo de Barão do Indaiá. E Quero e Mando que o dito Coronel Antonio Zacharias Alvares da Silva d'aqui em diante se chame Barão do Indaiá, e que com o referido titulo goze de todas as honras, privilegios, isenções, liberdade e franquezas, que hão e têm, e de que usam e sempre usaram os Barões, e que de direito lhe pertencerem. E por firmeza de tudo o que dito é, lhe mandei dar esta Carta. por Mim assignada, a qual será sellada com o sello das Armas Imperiaes.

Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em dous de agôsto de mil oitocentos e setenta e nove, quinquagésimo oitavo de Independência e do Império.

IMPERADOR PEDRO II°

Francisco Manoel Sodré Ferreira

Carta pela qual Vossa Magestade Imperial ha por bem Fazer mercê ao Coronel Antonio Zacharias Alvares da Silva do titulo de Barão de Indaiá, como acima se declara.

Para Vossa Magestade Imperial ver.
Por decreto de 9 de julho de 1879.
Rgda. a fs. 42 do livro competente.
3.° Diretoria da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio, em 11 de agosto de 1879.
Sarmento J.

N.° 1.000 100$000

Pg. Cem mil réis emolumentos.
Rio 17 de setembro de 1879.
Cunha Guim.

N.° 11 300$000

Pg. Tresentos mil reis de sello. Recebido em 17 de setembro de 1879.
Lima Nogueira Lemos.
José Ribeiro Sarmento Junior a fez.

FREDERICO ZACARIAS ÁLVARES DA SILVA

Nasceu Frederico Zacarias em 19 de janeiro de 1888.
Era irmão do Dr. Antônio Zacarias Álvares da Silva, Médico de nomeada,

Deputado Federal e Político de grande prestígio em Minas, um dêsses exemplares humanos, cuja presença irradia respeito e admiração. Era o Dr. Zacarias um grande homem, do mesmo passo que um homem grande, em cujo semblante a gente via bem visível a auréola dos santos, feita a um tempo de circunspecção, de bondade e de ternura.

Frederico Zacarias assumia o aspécto de uma segunda edição do irmão, no alto porte, na inteligência, talvez mais iluminada ainda, enfim em tôdas

Frederico Zacarias Álvares da Silva

as virtudes que os irmanavam em um aspécto total. Para êsse, porém, se o engenho madrugara, também lhe madrugara a moléstia insidiosa, que o fizera interromper o curso jurídico ao terceiro ano e recolher-se ao isolamento do lar em seu torrão natal, que era Abaeté, para esperar heròicamente o desenlace fatal.

Cortara-se-lhe a carreira em pleno fastígio de um talento promissor, que conquistara para logo uma grande admiração no círculo em que se irradiava. Tanto é assim que fora convidado a fazer parte do gabinete do Professor Valadares Ribeiro, Secretário do Interior, onde se evidenciaram brilhantemente os seus pendores políticos. Firmara-se na consciência dos políticos da época a convicção de que Antônio Zacarias já teria o herdeiro presuntivo no irmão, digno por todos os títulos de lhe continuar e mesmo complementar o brilhante tirocínio político.

Frederico Zacarias estava fadado a conquistar os mais altos postos da hierarquia política, por isso que o seu espírito público era-lhe o traço predominante da individualidade, em que parece se somavam tôdas as boas virtudes de sua raça, isto é, da raça de Dona Joaquina do Pompéu.

Logo se manifestaram os primeiros sintomas da moléstia que o condenara à morte, entregou-se em Abaeté à advocacia, em que revelava para logo profunda cultura jurídica, conquistada na clausura a que se condenara, enquanto que atraia sempre às sessões do Júri uma numerosa assistência para ouvir-lhe a palavra brilhante e erúdita, entrecortada de arroubos oratórios ciceronianos.

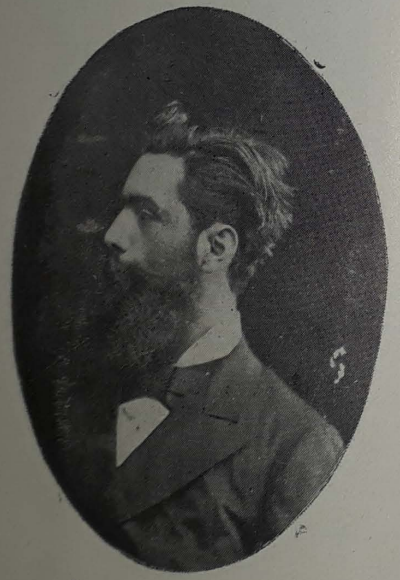
Chega, afinal, a hora fatídica em que se despede da vida em 6 de fevereiro de 1936, Frederico Zacarias, deixando uma sombra infinita de tristeza ao espírito de sua gente e de seu povo.

DR. ANTÔNIO ZACARIAS

Do "O INDAIÁ"

Nasceu o Dr. Antônio Zacarias Álvares da Silva no Pompéu, distrito do município de Pitangui, aos 6 de setembro de 1847, sendo seus pais — Antônio Zacarias Álvares da Silva, Barão de Indaiá, e D. Faustina Álvares Xavier.

Tendo iniciado os seus estudos preparatorianos na cidade de Pitangui, sob a direção do hábil Professor Zacarias Fernandes Xavier, daí seguiu



Dr. Antônio Álvares da Silva
(Dr. Nico)

para Mariana, onde os continuou no Seminário, então regido pelo atual bispo desta diocese, o Venerando D. Silvério Gomes Pimenta, indo porém concluí-los no Rio de Janeiro em 1867.

No começo de 1868, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo laureado aos 29 de dezembro de 1873, na idade de 26 anos. Logo depois de formado, foi clinicar na cidade de Formiga, onde se demorou pouco tempo, indo estabelecer-se em Pitangui. Foi aí que em 1876 contraía núpcias com a Exma. Sra. D. Balbina Álvares de Sousa e Silva, viúva de Francisco Alves de Filgueira Campos.

Ávido de saber, desejoso de aperfeiçoar seus estudos médicos e adquirir especialidade clínica, seguiu em dezembro de 1876 para a Europa com a sua digna espôsa, então doente.

Nesta viagem, que durou cêrca de dois anos, percorreu o Dr. Antônio Zacarias, além de outros, os seguintes países: Portugal, Espanha, França, Itália, Suiça e Inglaterra, demorando-se, porém, mais tempo em Paris, onde se dedicou com afinco à obstetrícia, sua notável especialidade clínica, como ajudante de grande celebridade parisiense, cujo nome ora nos escapa da memória.

De volta ao Brasil, em meados de 1878, foi residir na cidade de Abaeté, onde abraçou a carreira política, sendo eleito sucessivamente em duas ou três legislaturas, Deputado à Assembléia Provincial pelo partido liberal, nas fileiras do qual se havia alistado.

Fêz então votar-se a Lei 2.651 de 4 de novembro de 1880, sancionada pelo Cônego José Joaquim de San'Ana, Vice-presidente da Província, criando o município de Dores do Indaiá, compôsto da Paróquia de Nossa Senhora da Hora da Saúde do Indaiá, elevada desde logo a Categoria de vila, com todos os oficiais de justiça criados por lei, e das de Aterrado e Córrego d'Antas, que foram desmembradas do município de S. Antônio do Monte. Quando ainda morava na cidade de Abaeté, fundou uma fábrica de ferro na Mata do Chumbo (Arcado) e, para aí transferiu sua residência em 1883. Três anos depois 1886, eleito vereador em Patos, para lá seguiu, exercendo desde êsse tempo até fins de 1888 o cargo de Presidente da Câmara daquele município. Neste mesmo ano, ou talvez em princípios de 1889, passou para o Carmo, onde pouco se demorou, deixando, entretanto, bem assinalada ali a sua curta permanência, com a fundação de uma Casa de Caridade.

Do Carmo do Parnaíba, é que em 1889 veio para esta terra que tanto amava e tanto o amou — o vasto campo de suas lutas em tôdas as variadas manifestações da vida política ou particular. Chefe político eminentemente conciliador, administrador correto e cioso do desenvolvimento material e moral de Dores, nenhum esfôrço poupou para colocá-la a par das mais prósperas e cultas cidades de Minas.

De município — têrmo que era da Comarca de Abaeté — fêz uma comarca; a velha e tortuosa cidade, cheia de becos e vielas, transformou-a em uma cidade nova, e entre outros melhoramentos, dotou-a de uma Casa de Caridade; difundiu largamente a instrução pública e contribuiu grandemente para que fôssem levadas a efeito tôdas as obras últimamente aqui projetadas.

Enorme é a lista dos relevantes serviços por êle prestados a esta terra; enfadonho seria enumerá-los; estão na consciência de todos, é quanto basta.

Eleito Agente Executivo do município em 1890 e Presidente da Câmara, no exercício desta função se conservou até trinta de outubro passado,

dia em que faleceu, quando prestava seus desvelados cuidados às suas amadas e queridas plantas, com as quais estava arborizando a cidade.

Era, desde 1890 Inspetor Escolar e de Higiene dêste município e Deputado ao Congresso Nacional desde 1897, pelo 7.º Distrito do Estado, mandato que resolvera aceitar, após reiterados e insistentes pedidos de amigos seus, tais como Bias Fortes e Silviano Brandão.

Morreu aos 58 anos de idade, sem descendência, tendo consumido grande parte de sua fortuna na prática da mais sublime virtude — a caridade".

Rio — Câmara Municipal de Dores do Indaiá — Câmara dos Deputados recebeu com grande mágoa a notícia do passamento do Exmo. Sr. Dr. Antônio Zacarias, deputado por êsse estado e identificando com o sentimento que enluta a nossa cidade, envia a essa Câmara sentidos pêzames, pedindo-lhe torná-los extensivos à família do ilustre morto.

Alencar Guimarães

Rio, 3 de novembro de 1905

Prezados Amigos Dr. Cleto e Jeremias Júnior

Saudações

Recebi seu telegrama de ontem.

O inesperado falecimento do nosso saudosíssimo Colega e meu bom Amigo — Dr. Zacarias causou aqui dolorosíssima impressão em tôda Câmara e especialmente na bancada mineira, onde todos tinham na mais alta consideração os preciosos dotes de espírito e de coração do nosso Colega. Foi uma grande perda para o Estado.

— Estou providenciando para que sejam remetidos para Abadia todos os objetos e livros do Zacarias. Queiram dispor de quem é Am. Admor.

Wenceslau Braz

Discurso proferido na Câmara dos Srs. Deputados.

O Sr. Rodolfo da Paixão

Sr. Presidente, acabamos de ser dolorosamente surpreendidos com a notícia do falecimento do nosso distinto Colega de bancada e membro desta Câmara o Sr. Antônio Zacarias Álvares da Silva, que representava o 7.º distrito de Minas Gerais. V. Excia., Sr. Presidente, e todos aqueles que tiveram a ventura de conhecer o Sr. Antônio Zacarias, podem perfeitamente avaliar a perda extraordinária....

O Sr. Wenceslau Braz — Apoiado —

O Sr. Rodolfo Paixão — que esta Câmara, e meu Estado, todo o país sofreu.

Antônio Zacarias, cujo passamento inesperado — pois que nos causou verdadeira surprêsa — se acaba de dar, exerceu vários cargos de eleição popular no meu Estado, tendo sido representante do seu distrito no Congresso Estadual, antiga Assembléia Provincial, assim como chefe de executivo da sua cidade, que êle idolatrava, tanto que a transformou completamente (apoiado) consumindo nesta obra meritória tôda a sua fortuna, pois que morre em verdadeiro estado de pobreza, fortuna que poderia ter conservado, se não fôra êsse ato de verdadeiro patriotismo, praticado por êle (apoiados). Eleito em 1897 para representar o 7.º distrito de Minas Gerais, Antônio Zacarias, desde o dia em que penetrou neste recinto, soube conquistar a estima de

todos os seus colegas (Apoiados). Êle não freqüentava, Sr. Presidente, a tribuna, todos nós o sabemos; mas nem por isso deixava de estudar as questões.

O Sr. Wenceslau Braz — Muito bem.

O Sr. Rodolfo Paixão — e só dava o seu voto — posso oferecer disto testemunho, — quando estava inteiramente convencido de que marchava de acôrdo com a verdade (apoiados). Era impossível obter-se o voto de Antônio Zacarias, desde que êle estivesse convencido de que um projeto ou uma medida qualquer que se propusesse, não devesse merecer o apoio dos representantes da Nação.

Dotado dos mais eminentes qualidades morais (apoiados).

O Sr. Wenceslau Braz — Muito bem.

O Sr. Rodolfo Paixão ..... e eu falo a V. Excia., Sr. Presidente, com a máxima sinceridade, com a sinceridade que sempre ponho em prática, quando me exprimo desta tribuna. Dotado das mais altas qualidades morais que sempre admirei e a que sempre dediquei a maior veneração, pois que constituiam nêle caráter verdadeiramente adamantino

O Sr. Wenceslau Braz — Muito bem.

O Sr. Rodolfo Paixão ..... posso afirmar que nunca me constou, nunca ouvi uma frase, qualquer que fosse, em referência a êste morto ilustre, que não o elevasse, que não tendesse a tornar a sua personalidade a mais digna de tôda a consideração e de todo o respeito, de seus compatriotas.

Não me consta mesmo que Antônio Zacarias Álvares da Silva nas lutas locais e políticas do Estado, e, mesmo neste cenário mais vasto da política federal, sofresse, quer da imprensa, quer dos políticos mais ou menos contrários à sua orientação, o menor ataque, a menor censura, a menor expressão de pouca estima ou de falta de consideração à sua individualidade (Apoiados da bancaria mineira).

O Sr. Wenceslau Braz — Muito bem.

Foi sempre considerado, até pelos próprios adversários.

O Sr. Rodolfo Paixão — Membro de uma das mais importantes famílias de Minas, à memória de cujo chefe o país inteiro presta o mais elevado respeito — a família de Martinho Campos, que foi um dos luminares do Parlamento e um dos chefes mais ilustres do partido liberal, família numerosa, que ainda hoje ilustra o Estado de Minas Gerais, êle, o honrado morto, soube sempre colocar-se na altura de venerando membro dessa ilustre família. Não podemos, portanto, silenciar diante de tamanha perda; eu venho propor à Câmara dos Deputados que defira o requerimento que tenho a honra de apresentar, para que: 1.º se lance na ata da sessão de hoje um voto de profundo pezar pelo falecimento daquele honrado cidadão; 2.º se telegrafe a sua família, dando-lhe os nossos pêsames por tão infausto acontecimento; 3.º se levante a sessão em homenagem ao ilustre morto. (Apoiados).

Tenho concluído (muito bem, muito bem).

O Sr. Presidente — Dolorosamente surpreendido pela notícia telegráfica do falecimento do nosso distinto Colega Antônio Zacarias Álvares da Silva, ilustre representante do Estado de Minas, a mesa submete à Câmara dos Deputados o requerimento que acaba de apresentar o Sr. Deputado Rodolfo Paixão para que insira na ata da sessão de hoje um voto de profundo pezar pelo falecimento daquele Colega, se telegrafe a Exma. Família, apresentando condolências e se suspenda a sessão na forma do estilo.

Os Senhores que aprovam o requerimento queiram levantar-se. (Pausa).

Foi aprovado unânimemente.

Ao meu Amigo Dr. Zacarias

Vejo esparsas

Saudades e perpétuas, sinto o aroma
De incenso, das igrejas, ouço os cantos
Dos ministros de Deus que me repetem
Que não és mais da terra... e choro embalde.

Fagundes Varela

Eis cumprida de Deus uma vontade.
Um tum'lo mais na terra foi aberto,
As portas já do céu transpôs, decerto,
Uma alma para tôda a eternidade.

E de pranto sentido e de saudade,
E de mágoa profunda está coberto
O coração do povo, ora deserto,
Pela dura e cruel fatalidade.

Prá sempre desterradas as alegrias!...
Se mais não vives, ó querido amigo,
Se já não nos pertences, Zacarias,

Ao menos tens aqui o teu jazigo,
Nesta Dores que tu tanto querias,
E onde iremos também dormir contigo.

José Bernardes de Sousa

JOANA MARIA BICUDO

Sn-13 *Joana Maria Bicudo*, nascida na freguesia de N. S. da Conceição do Serro, bispado de Mariana, foi batizada na Capela de São Gonçalo das Congonhas da mencionada freguesia em 1719 por um Frade Franciscano Conventual da Bahia, que casualmente passava por aquêle lugar, pouco povoado; por isso não houve apontamento de seu batismo, mas consta dos autos do seu casamento na justificação que fêz, no Juizo Eclesiástico da Vila de Sabará. Casou-se com José Dias Maciel, filho de Domingos Dias Maciel e de Simôa Maciel Salgado. Nasceu a 20 de abril de 1668 na freguesia de N.S. de Monteserrate da Vila de Viana do Arcebispado de Braga — Portugal. Joana Maria Bicudo faleceu a 28 de junho de 1786.

Filhos:

Hn-18 Rita Maria de Jesus Maciel, batizada a 18 de junho de 1741, falecida solteira a 7 de junho de 1798

Hn-19 Antônia Maria do Espírito Santo, batizada a 3 de junho de 1743, c.c. o Cap. Manuel Francisco Soares, filho de Antônio Francisco dos Santos e de Ana Vieira Cabral, faleceu a 13 de abril de 1766

Sem filhos

Hn-20 José Dias Maciel, nascido em 1744. Falecido solteiro a 29 de dezembro de 1767

Hn-21 Jerônimo Dias Maciel, batizado a 9 de outubro de 1746, c.c. Eufêmia Gonçalves Viana, filha de pais ignorados, mas das principais famílias da Terra. Faleceu a 10 de abril de 1803, em Pitangui, onde foi Almotacel Vereador e Juiz Ordinário.

Hn-22 Teodora Pires Monteiro, batizada a 7 de abril de 1748, em Pitangui, casou-se a 24 de janeiro de 1785 (L.º 5.º de casamentos a fs. 157) com José dos Santos Silva, natural da freguesia de N. S. da Purificação do lugar de Bruélas, patriarcado de Lisboa, filho legítimo de Estevão dos Santos Batalha e de Maria de Sant'Ana. Teodora Pires Monteiro, faleceu a 27 de julho de 1803

Pais de:

8n-37 Joaquim José dos Santos Silva, batizado na Matriz de Pitangui a 17 de agôsto de 1.788. L.º 9.º de batizados a fs. 15. Viveu em sua fazenda do Bom Jesus do Matozinho, do Sardual, têrmo da Vila do Pati do Alferes, onde se casou com D. Joaquina Maria da Conceição, filha legítima de Luis Gomes Ribeiro e de D. Joaquina M. d'Assunção.

Pais de:

9n-16 Luisa Joaquina dos Santos Silva, que foi casada com o Conselheiro Dr. Martinho Álvares da Silva Campos

9n-17 Antônio Ribeiro de Avelar, que se casou com Beralda Lucinda de Oliveira e Silva, irmã de Martinho C.

9n-18 José Joaquim dos Santos Silva, que se casou com Antônia Benedita de Oliveira e Silva, idem.

9n-18-a Maria Joaquina dos Santos Silva, que se casou também com o Conselheiro Dr. Martinho Álvares da Silva Campos.

9n-19 Virgínia dos Santos Silva, que se casou com Antônio Álvares da Silva (Nico da Mata), irmão de Martinho Campos.

8n-38 Maria Virissima da Silva, batizada a 26 de dezembro de 1791, em Pitangui. L.º 9.º de batizados a fs. 37. Casou-se a 26 de fevereiro de 1811 com Manuel Duarte Rodrigues, filho do Cap. José Duarte Rodrigues e de Rosa Maria Gonçalves de Resende.

Pais de:

9n-20 Maria, nascida a 1 de dezembro de 1811 e batizada a 25 de outubro de 1812

9n-21 Ana, batizada a 4 de janeiro de 1813

9n-22 José Duarte, batizado a 8 de de setembro de 1815

9n-23 Rita, batizada a 28 de agôsto de 1816

9n-24 Antônio, batizado a 7 de abril de 1818

9n-25 Rosa Generosa Duarte Maciel, batizada a 13 de setembro de 1819. c.c. o Te. Alexandre Dias Maciel, nascido a 5 de julho de 1817, e batizado a 29 do mesmo ano, filho de Joana Maria Maciel e de Pedro Vieira Machado (Ver os filhos adiante).

9n-26 Joaquim

9n-27 Manuel, batizado a 15 de novembro de 1827

9n-28 Luisa, nascida a 25 de agôsto de 1828.

Hn-23 Maria Rosa de São José, batizada a 26 de outubro de 1749. (L.º 4.º dos batizados a fs. 53), faleceu solteira a 2 de maio de 1806

Hn-24 Alexandre Dias Maciel, nascido a 29 de janeiro de 1752, foi batizado a 5 de março do mesmo ano. L.º 4.º dos batizados a fs. 96 e 97 c.c. Maria Mendes da Silva, irmã de Eufêmia Gonçalves Viana e falecida a 14 de setembro de 1830. (L.º 8.º de óbitos, a fs. 77). Alexandre faleceu a 7 de novembro de 1817. (L.º 8.º de óbitos a fs. 13).

Pais de:

8n-39 Miguel Dias Maciel, nascido a 29 de setembro de 1777 e batizado a 11 de outubro do mesmo ano. (L.º 7.º dos batizados a fs. 104). Foi ordenado presbítero na cidade de Mariana por D. Cipriano de São José a 16 de junho de 1810, foi Vigário de Pitangui.

8n-40 Maria Rosa de São José Maciel, nascida a 29 de agôsto de 1779, batizada a 8 de setembro do mesmo ano (L.º 7.º dos batizados a fs. 158). Faleceu solteira a 8 de setembro de 1805

8n-41 Alexandre Dias Maciel, nascido a 22 de outubro de 1781, batizado a 18 de novembro do mesmo ano (L.º 8.º dos batizados

a fs. 24). Faleceu solteiro a 28 de fevereiro de 1821 (L.º 2.º de óbitos a fs. 213).

8n-42 Clara, nascida a 9 de agôsto de 1783 e batizada a 31 do mesmo mês (L.º 8.º dos batizados a fs. 98). Faleceu a 2 de agôsto de 1784.

8n-43 Clara Maciel do Monte Falco, nascida a 18 de agôsto de 1785 e batizada a 19 de setembro do mesmo ano (L.º 8.º dos batizados a fs. 144), c.c. o Cap. Timótio Gomes Valadares, natural da freguesia de N. S. da Anunciação da Vila de Alvito, Bispado de Beja, no Além Tejo, filho legítimo de Domingos Gomes e de Vitória Maria de São José

Pais de:

9n-29 Timótio, nascido a 6 de dezembro de 1819 e falecido a 17 de dezembro de 1831, solteiro

9n-30 Miguel Arcanjo Dias Maciel, nascido a 7 de maio de 1824 e batizado a 27 do mesmo mês (L.º 15 dos batizados a fs. 60). Faleceu a 4 de agôsto de 1869.

8n-44 Joana Maria Maciel, nascida em 1787, batizada a 1 de janeiro de 1783 (L.º 8.º dos batizados a fs. 203) casada a 22 de novembro de 1814 (L.º 8.º dos casamentos a fs. 61) com Pedro Vieira Machado, filho do Sargento-mor Antônio José Vieira Rabelo da Silva e de Lúcia Maria Machado, naturais da freguesia de São Paio do Conselho de Vieira, arcebispado de Braga.

Pais de:

9n-31 Alexandre Dias Maciel, c.c. Rosa Generosa Duarte Maciel, sua prima, filha Maria Virissima da Silva e de Manuel Duarte Rodrigues

Pais de:

10n-51 Alexandre Dias Maciel c.c. Antônia Álvares da Silva, filha de Antônio Álvares da Silva Chimango e de Jacinta Maria de Sousa Machado

Ver os filhos de Antônio Alv. da Silva

10n-52 Pedro Vieira Maciel c.c. Maria de Freitas.

Pais de:

11n-80 Alexandre de Freitas Maciel.

11n-81 Francisco, c.c. Maria José de Carvalho

11n-82 Ozório, c.c. Benedita Garcia

11n-83 Teodoro, c.c. Benedita de Oliveira

11n-84 Antônio, c.c. Maria Teixeira

11n-85 José, c.c. Ana de Freitas Rezende

11n-86 Maria, solteira

11n-87 Rosa, c.c. o Cap. Fernando Lanzer

Filhos: Dr. Pedro, Médico, residente em Sete Lagoas, Dr. Fernando, Médico, em Sete Lagoas, Enoi e outros.

11n-88 Antônia, c.c. Antônio de Freitas

11n-89 Izaura, (Zica), c.c. Franklin de Oliveira.

10n-53 Antônio Julião (Inhô Nico), c.c. Joana, filha de José Cordeiro Valadares

Ver os filhos de Joana Cordeiro Valadares

10n-54 Cornélio, c.c. Maria Virgínia Cordeiro Maciel
Pais de:
11n-90 Cornélio
11n-91 Joaquim
10n-55 Virgínia Duarte Maciel, c.c. Joaquim Antônio de Campos Cordeiro
Ver os filhos de Joaquim Antônio de Campos Cordeiro
10n-56 Jona, c.c. Antônio Joaquim de Campos Cordeiro (da Novilha Brava)
Filhos já descritos
10n-57 Amélia, c.c. Cícero de Campos Cordeiro
ver os filhos de Cicero de Campos Cordeiro
10n-58 Olímpio Vieira Maciel, solteiro
9n-32 Maria, nascida a 7 de janeiro de 1820 e batizada a 10 de fevereiro do mesmo ano. (L.º 15 dos batizados a fs. 38), c.c. Francisco Dias de Rezende
Pais de:
10n-58 Pedro Duarte de Rezende
10n-59 Olímpio
10n-60 Francisco
9n-33 Francelina, nascida a 28 de dezembro de 1821 e batizada a 10 de janeiro de 1822
9n-34 Lúcia c.c. Joaquim Duarte
Pais de:
10n-61 Benfica Duarte Maciel, c.c. Cândida
10n-62 Alves da Silva
10n-63 Martinho
10n-64 Joaquim
10n-65 Horácio
10n-66 Zacarias
10n-67 Virgínia
9n-34 Joana, c.c. Antônio Joaquim Vieira Machado
Pais de:
10n-68 Olímpio Maciel Vieira Machado
10n-69 Pedro
10n-70 Antônio
10n-71 Joana
10n-72 Aurora
10n-73 Emília
10n-74 Leonor
10n-75 Francelina
10n-76 Maria Joana Vieira Maciel

NOTA — Joana Maria Maciel, faleceu a 30 de agôsto de 1831.

8n-46 Antônio Dias Maciel, nascido a 14 de outubro de 1789 e batizado a 29 de novembro do mesmo ano (L.º 9.º dos batizados a fs. 44), c.c. Maria Rosa da Silva Capanema, a 11 de fevereiro de 1823, em Pitangui, ela filha do Sargento-mor Francisco José da Silva Capanema e de Rosa Maria Soares, residiu em

Bom Despacho, onde ocupou os cargos de Almotacel Capitão da 1.ª Companhia e Juiz de Paz.

Pais de:

9n-35 Maria da Conceição, nascida a 8 de dezembro de1823
9n-36 Antônio Dias Maciel, nascido a 1 de janeiro de 1826, batizado a 15 de janeiro de 1826 (L.º 17 dos batizados a fs. 310), c.c. Flaviana Corrêa. Residiu em Bom Despacho e em Patos. Barão de Araguari.

Pais de:

10n-77 Olegário Dias Maciel, nascido a 6 de outubro de 1855.

1 — Dr. Olegário Dias Maciel, nascido a 6 de outubro de 1855, em Bom Despacho, falecido solteiro, em outubro de 1933, como Presidente do Estado de Minas Gerais. Fêz os preparatórios no Colégio do Caraça formou-se em Engenharia pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Eleito Deputado à Constituinte Mineira. Organizador do município de Patos, de que se elegeu Agente Executivo várias vêzes. Filiado ao Partido Liberal, foi Deputado provincial em várias legislaturas, colaborando, ativamente nas leis que incentivavam o desenvolvimento de várias indústrias. Proclamada a República, foi eleito Deputado à Constituinte, impondo-se logo à estima e à admiração de todos pelo patriotismo e segurança com que sempre defendeu os grandes interêsses mineiros.

Mais tarde, eleito para o Congresso Federal, continúa a mesma tradição de operosidade e de devotamento à causa pública.

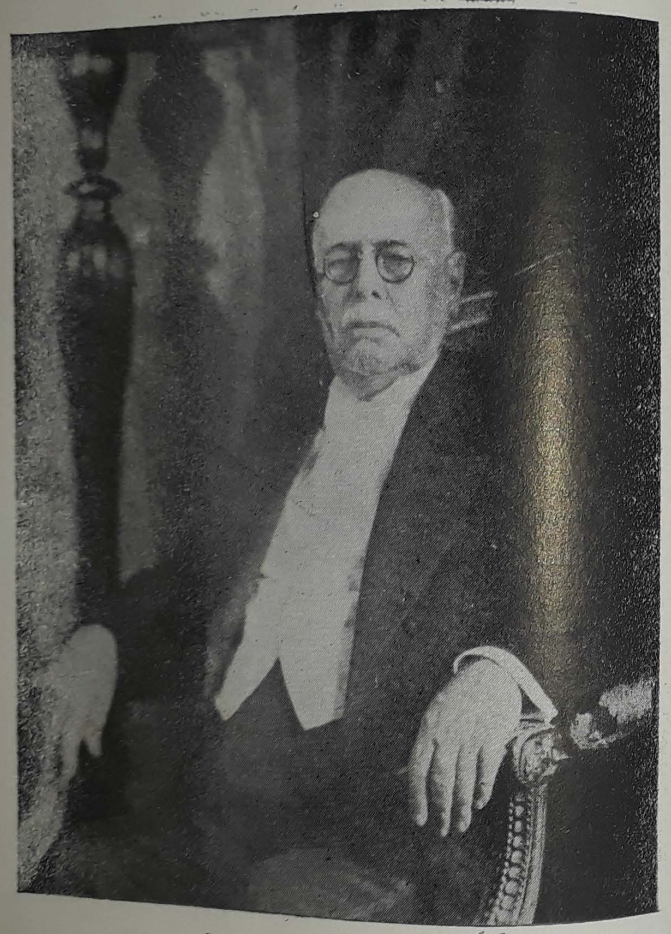
No Govêrno de Venceslau Braz, ocupou o cargo de Inspector dos serviços de vias férreas. Membro do Partido Republicano Mineiro, foi indicado para companheiro de chapa do Dr. Raul Soares de Moura, no quatriênio de 1922-1926, tendo, pelo falecimento do Dr. Raul Soares, exercido a Presidência do Estado de Minas Gerais. Neste alto pôsto, deu provas sobejas de clarividência, tolerância e energia, transcorrendo o seu govêrno sob aplausos do povo.

Senador ao Congresso Mineiro. Eleito Presidente do Estado para o quatriênio 1930-1934, vindo a falecer a 5 de outubro de 1933.

10n-78 Etelvina, nascida a 9 de novembro de 1859, c.c. o seu tío Jerônimo Dias Maciel.

Filhos:

11n-92 Amália, c.c. Antônio Dias Maciel Júnior (tio dela)
11n-93 Jaques, viúvo de Amanda Alves
11n-94 Georgeta, c.c. seu primo Amadeu Dias Maciel
11n-95 Agenor, falecido, farmacêutico
11n-96 Jaime, falecido
11n-97 Eumênia (Nini), falecida
11n-98 Dolores
11n-99 Olinto, solteiro
11n-100 Marieta, solteira
11n-101 Ataulfo, c.c. Carmosina Dias
11n-102 Ataualpa, c.c. Ester Bonfim
11n-103 Ataliba
11n-104 Flaviana, falecida



Presidente Olegário Maciel

10n-79 Zenóbia, nascida a 6 de julho de 1858 e falecida em 1890, c. c. Antônio Tormin.

Filhos:

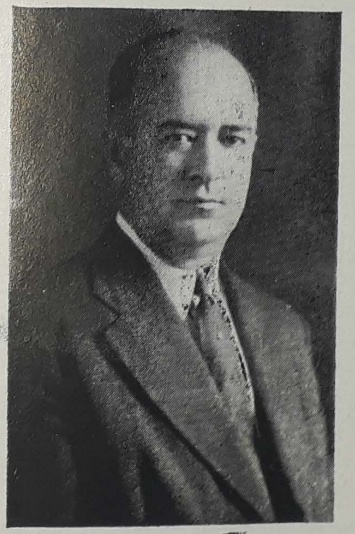
11n-105 Orvila, c.c. Joaquim Pedro Caixeta
11n-106 Antonieta, falecida em criança

10n-80 Edmundo, nascido a 22 de julho de 1860 e falecido em 1877, solteiro.

10n-81 Farnese, nascido a 27 de novembro de 1862; c.c. Adelaide Caixeta de Melo.

Filhos:

11n-107 Dr. Adélio, casado a 1.ª vez com Maria Madalena de Melo, e a 2.ª vez com Valda Magalhães. Ex-Deputado Federal.
11n-108 Marconi, falecido
11n-109 Marconi, falecido
11n-110 Otávio, c.c. Maria Resende de Lima
11n-111 Antônio, c.c. Ordália Pinto da Cunha
11n-112 Aguinaldo, c.c. Dalci Andrade, falecido



Deputado Leopoldo Maciel

11n-113 Dr. Leopoldo, Deputado Federal, c.c. Zenóbia Caixeta
11n-114 Zama, solteiro
11n-115 Iracema, c.c. Abner Afonso de Castro

11n-116 Zaira, solteira
11n-117 Maria Rosa, c.c. Cincinato Guimarães, falecido
11n-118 Risoleta, c.c. Dr. Paulo Brandão.

NOTA — O Capitão-mor Manuel Francisco da Silva Capanema, c.c. D. Maria Rosa da Silva Capanema. Antigos proprietários e donos de importantes emprêsas de mineração aurífera, no município de Pitangui, onde fizeram fortuna e se tornaram benfeitores daquela tradicional cidade e adquiriram largo prestígio político. Tiveram os seguintes filhos:

F-1 Capitão Francisco José da Silva Capanema, c.c. Rosa Maria Soares, natural de Pitangui.

Filhos:

N-1 Maria Rosa, c.c. Antônio Dias Maciel, filho de Alexandre Dias Maciel e de Maria Mendes da Silva.

Filhos:

Bn-1 Maria da Conceição
Bn-2 Antônio (pai do Dr. Olegário Dias Maciel)
Bn-3 Alexandre
Bn-4 Miguel
Bn-5 Jerônimo

Filhos descritos em outro local

F-2 Francisco Severino da Silva Capanema, c.c. Faustina Xavier Rebelo.

Filhos:

N-2 Francisco Xavier Capanema, c.c. Genoveva Laura Xavier Capanema

Filhos:

Bn-6 Dr. Gustavo Xavier Capanema, c.c. Cornélia Umbelina de Queiros.

Pais de:

Gustavo Xavier Capanema (Nhônhó Capanema), residente em Pará de Minas, c.c. Maria Augusta Capanema.

Pais de:

Maria
Ana (Anita), c.c. Francisco Valadares Ribeiro, Prefeito de Pará de Minas.

Ver os filhos de Francisco Valadares Ribeiro

Rosa, c.c. Dr. Geraldo Corrêa, Juiz de Direito de Bonfim.
Rita
Mário
Maria de Lourdes, normalista
Carmelita
Geraldo

Cornelia, c. a 1.ª vez com João Evangelista de Queiros

Pais de:

Maria

2.ª vez casada com Ismael Lopes

Pais de:

Rita
Rosa
Geralda
José
Anita

Rosa, c.c. Rogério Cândido de Andrade

Pais de:

Alice, c.c. João Batista Santiago, Diretor da Revista do Ensino Primário de Minas Gerais.
José

Gustavo Capanema, nascido a 9 de fevereiro de 1874, coletor estadual aposentado, residente em Belo Horizonte, c.c. D. Marcelina de Carvalho Lage, nascida a 7 de setembro de 1871.

Pais de:

1 — Dr. Gustavo Capanema, nascido a 10 de agôsto de 1900 em Onça de Pitangui, c.c. D. Maria Regina Massot, filha de Afonso Emílio Massot e de D. Maria Eduarda Alencastro, naturais do Rio Grande do Sul.

Fêz o curso jurídico com distinção, revelando grandes dotes oratórios, tanto que dêle certa vez dissera Francisco Campos: É um dos maiores oradores de Minas. Advogado em Pitangui, onde manifestara para logo pendores políticos, elegendo-se Vereador.

Oficial de Gabinete de Olegário Maciel, foi depois seu Secretário do Interior, assumindo a interventória interinamente pela súbita morte daquele Presidente.

Ministro da Educação de Getúlio Vargas. Deputado Federal.

São traços marcantes de sua personalidade: um brilhante talento, sólida cultura e belo caráter.

Pais de:

a) Gustavo Afonso, a 5 de 10 de 1932
b) Maria da Glória, nascida a 15 de 8 de 1935

2 — Maria, nascida a 31 de março de 1903, c.c. Otávio de Abreu e Silva, filho de Cristina de Castro Abreu e de Feliciano de Abreu e Silva.

Sem filhos

3 — Alice, nascida a 12 de julho de 1906, c.c. João Barbosa, falecido. Diretor da Escola Normal de Pitangui, filho do Cel. João A. S. Barbosa e de D. Ana Celestina Barbosa.

Pais de:

c) Ana, professôra, nascida a 19 de dezembro de 1926
d) João, nascido a 13 de julho de 1928
e) Gustavo, nascido a 19 de maio de 1930
f) Lúcia, nascida a 29 de abril de 1932
g) Marcelo, nascido a 5 de abril de 1934
h) Dirceu, nascido a 2 de novembro de 1935

4 — José, nascido a 23 de abril de 1908, c.c. Herculana Vieira de Brito, filha do Dr. Otávio Vieira de Brito e de D. Francisca da

Deputado Gustavo Capanema

Conceição Ferreira de Brito. Secretário da Caixa Econômica Estadual.

Pais de:

i) Maria José, nascida a 14 de setembro de 1935
j) José Otávio, nascido a 16 de fevereiro de 1937
k) Maria de Lourdes, nascida a 4 de fevereiro de 1941

5 — Dr. Álisson, nascido a 9 de julho de 1910, solteiro, advogado em Belo Horizonte.

6 — Corinto, nascido a 27 de fevereiro de 1912, c.c. Elisa Bahia, filha de Filipe Bahia de Vasconcelos e de Maria de Castro Vasconcelos.

Pais de:

l) Maria Regina, nascida a 4 de maio de 1942
m) José Gustavo, nascido a 16 de setembro de 1944

NOTA — 2.ª vez Cornélia Umbelina de Queiros, c.c. Flávio Xavier Lopes Cançado.

Pais de:
Roberto
Dr. Orestes, médico
João

Flávio (Favuca), ex-Prefeito de Bom Despacho. Farmacêutico.
Ana

Bn-7 Faustina, c.c. Major Antero Feijó Álvares da Silva
Filhos já descritos

Bn-8 Maria Amélia Xavier Capanema, c.c. Fernando Otávio da Cunha Xavier
Filhos já descritos

Bn-9 Francisco Xavier da Silva Capanema, falecido solteiro em Mariana, onde foi professor. Era poeta. Foi o fundador do primeiro jornal em Pitangui: O Iniciador.

Bn-10 Marcigeta Xavier Capanema, c.c. Olímpio Maciel Vieira Machado

Pais de:

a) Olímpio
b) Eleonora, c.c. Olímpio Cordeiro de Andrade, filho de Pedro Cordeiro Nolasco e de Rita Leocádia de Andrade

Pais de:
Geraldo
Maria Rita
José
Marcigeta
Afonso
Maria de Lourdes
Teresinha
Olímpio
Raimundo
Maria da Glória
Maria Lucia

c) Francisco, falecido solteiro
d) Antônio (Gôrdo), Farmacêutico em Corinto
e) Pedro, residente em Araçá

Bn-11 Alfredo da Silva Capanema, falecido solteiro

Bn-12 Aurora Xavier Capanema, c.c. Francisco de Freitas Mourão (f). Aurora, reside em Belo Horizonte.

f) Rosaura
g) José
h) Maria
i) *Amélia*
j) Francisca
k) Pedro, Funcionário Público

N-3 José Xavier da Silva Capanema
N-4 Paulino Xavier Capanema, c.c. Maria Madalena de Sá e Castro
Filhos já descritos
N-5 Miguel Xavier da Silva Capanema, c.c. Maria Madalena Ferreira Guimarães, de Pará de Minas
N-6 Rosa Xavier da Silva Capanema, c.c. Pedro de Azevedo, do Rio Grande do Sul

Pais de:

Bn-13 Rosa, c.c. Dr. Francisco Procópio Lobato

Filhos:

a) Procópio, c.c. Inês Vieira
Filhos descritos em outro local

b) Amélia, c.c. Vital Pereira Guimarães

Filhos:

1 — Édson, Médico, solteiro

2 — Édna, c.c. Francisco José Xavier Gontijo

Filhos:

Eda
Edu

3 — Dra. Ivone, Professôra do Instituto de Educação, c.c. Dr. Alício Batista Lopes, Engenheiro da Cia. Fôrça e Luz. Advogada. Brilhante intelectual.

Filhos:

Alicio
Magnus
Paulo de Tarso
Ruimar
Francis
Patrícia

4 — Anchieta, c.c. Gladys Guimarães

Filhos:

Márcio
Marília

5 — Alisson, c.c. Nise Moura

Filhos:

Aloísio
Ângelo
Armando

c) Rosa Jandira (Sinval)

d) Pedro Aimoré

e) Anchieta Lobato

f) Padre Matias Lobato, Sacerdote de grandes virtudes, (f).

Bn-14 Pedro, Falecido solteiro

Bn-15 Vasco de Azevedo, foi Deputado e Chefe Político em Pitangui, c.c. Aurora Lopes Cançado. Jornalista brilhante.

Filhos:

I) Vasco Azevedo Filho, formado em Engenharia

m) Dr. Silviano de Azevedo, Engenheiro, residente em Belo Horizonte c.c. Mônica Cançado de Azevedo, filha de Francina de Campos Lopes e de Dr. Romualdo Lopes Cançado.
Filhos descritos em outro local

n) Aurora, c.c. Fernando de Souza Barbosa (Nandinho). Filhos:

1 — João, c.c. Anália dos Santos

Pais de:

Maria do Rosário
Aurora

Vasco de Azevedo

Fernando José
João Lúcio
Sônia Mara

2 — Narciso, c.c. Rosa Basoni

Pais de:

Aurora da Conceição
Fernando, João, Guilherme

3 — Fernando, c.c. Mercês Barbosa

Pais de:

Vasco
Elisa da Glória
Lúcia
Rômulo
Susana

Bn-16 Vicente Azevedo. Capitão, falecido na guerra do Paraguai.

10n-82 Sezostres, nascido a 18 de maio de 1864, (Góte), c.c. Balbina Luisa da Silva (Bita)

Filhos:

11n-119 Pelina, c.c. o Desembargador Newton Ribeiro da Luz, filho de Silvino Ribeiro da Luz e de D. Maria Bernarda da Luz.

Pais de:

Filhos:
12n-25 Newton
12n-26 Nivaldo
12n-27 Nice, c.c. Dr. José da Costa Carvalho Filho, Juiz de Direito de Ibiá

Filhos:
13n-100 Vitória Eugênia
13n-101 Maria Pelina
13n-102 José
13n-103 Marcos

11n-120 Orieta, c.c. Miguel Dias Maciel, Advogado, alto funcionário do Instituto dos Comerciários.
11n-121 Cremilda, c.c. Dr. Orlando Chaves Faria. Advogado, residente no Rio de Janeiro

Filhos:
12n-28 Vera Lúcia
11n-122 Lizete (Nênê)
11n-123 Sezostres, falecido solteiro

10n-83 Olinta, nascida a 12 de novembro de 1865, c.c. Artur Tomás de Magalhães

Filhos:
11n-124 Zamita, c.c. Dr. Laudelino Gomes de Almeida, ex-Deputado, falecido
11n-126 Zama, falecido, solteiro
11n-127 Dalca, c.c. Dr. Anísio Cardoso da Assunção

10n-84 Antônio, nascido a 12 de novembro de 1867, c.c. Amália Dias Maciel (falecidos)

Filhos:
11n-128 Afonsina, c.c. Noé Ferreira da Silva
11n-129 Erasmo, c.c. Dalila Sério Mota
11n-130 Genaro, c.c. Cassiana Maciel
11n-131 Ilda, solteira

10n-85 Osório, nascido a 9 de novembro de 1869, c.c. Elzira Ferreira
Sem filhos

10n-86 Flaviano, c.c. Balbina Tomás de Magalhães

Filhos:
11n-132 Djalma, c.c. Toca Ribeiro

10n-87 Amadeu, nascido a 14 de agôsto de 1873, c.c. sua sobrinha Georgeta Dias Maciel
Sem filhos

10n-88 Albertina, nascida a 17 de dezembro de 1875, solteira
10n-89 Edmundo, nascido a 6 de julho de 1878 (Major Edmundo), c.c. Iracema Tomás de Magalhães

Filhos:
11n-133 Olavo, solteiro
11n-134 Normanda, c.c. Ernani de Morais Lemos
11n-135 Elza, solteira
11n-136 Cláudio, solteiro, pracinha, serviu na guerra

10n-90 Julieta, nascida a 17 de julho de 1880, c.c. Dr. Marcolino Barros

Pais de:
11n-137 Olga, c.c. Olegário Tibúrcio de Sousa
11n-138 Dr. Osvaldo (f.) c.c. Dirce Batista
11n-139 Agoncílio, c.c. Alda Trindade

10n-91 Ataliba, nascido a 1.º de agôsto de 1882, falecido
9n-37 Tet. Alexandre Dias Maciel, nascido a 19 de setembro de 1827 e batizado a 21 de outubro de 1827 (L.º 17 dos batizados a fs. 310), c.c. Rosa Guilhermina Capanema, nascida a 13 de março de 1831 em Pitangui, filha de Manuel Capanema e de Ana Capanema. Te. Alexandre Dias Maciel, era natural de Pitangui, e faleceu em Lagoa da Prata a 17 de abril de 1905. Guilhermina também faleceu em Lagoa da Prata, a 22 de agôsto de 1923.

Pais de:
10n-92 Sofia, c.c. Francisco Capanema
10n-93 Maria José, c.c. Francisco Coutinho
10n-94 Alexandrina, c.c. Francisco Franco
10n-95 Jovita, c.c. Olímpio Bernardes
10n-96 Máxima, c.c. Cirilo Dias Maciel, filho de Miguel Dias Maciel e de Ana Vital

Pais de:
11n-140 Otaviano
11n-141 Antônia
11n-142 Alexandre
11n-143 Natália (Sinhá)
11n-144 Maria
11n-145 Miguel

10n-97 Rosa Alexandrina Maciel, c.c. Alexandre Bernardes Primo, de Lagoa da Prata

Pais de:
11n-146 Alexandre Bernardes Júnior, solteiro
11n-147 Ernestina Bernardes, c.c. José Bernardes Lobato

Pais de:
12n-29 Nilda
12n-30 Carlos
12n-31 Bento
12n-32 Helena
12n-33 José
12n-34 Osvaldo
12n-35 Alexandrina
12n-36 Romeu
12n-37 Iriñeu
12n-38 Alfredo
12n-39 Alfredina

11n-148 Rosa Bernardes, c.c. Cecílio Bernardes Maciel

Pais de:
12n-40 Rosa
12n-41 Olímpio

12n-42 Aduardo
12n-43 Jovita
12n-44 Ernestina
12n-45 Avelino
12n-46 Cecílio
12n-47 Alexandre
12n-48 Carmen
12n-49 Carmelita

11n-149 Samuel Bernardes, c.c. Ana Bernardes de Faria

Pais de:
12n-50 José Alexandre

11n-150 Maria Bernardes, c.c. Alexandre Bernardes Lobato

Pais de:
12n-51 Maria José
12n-52 Paulo, ex-Prefeito de Lagoa da Prata

11n-151 Avelina Bernardes, c.c. Luiz Augusto Guadalupe

Pais de:
12n-53 Luis, cirurgião-dentista, em Lagoa da Prata
12n-54 Joaquim
12n-55 José Antônio, Acadêmico de Engenharia em Belo Horizonte
12n-56 Maria Belarmina, normalista, solteira

11n-152 José Bernardes, c.c. Maria da Glória Mendes

Pais de:
12n-57 Otaviano (f.)
12n-58 Otaviano
12n-59 Alexandre
12n-60 Eugênia
12n-61 José Mauricio
12n-62 Miguel

11n-153 Ana Bernardes, solteira

10n-98 Ana Maciel, solteira
10n-99 Avelina, solteira

9n-38 Miguel Dias Maciel, nascido a 25 de maio de 1829, batizado a 8 de junho do mesmo ano, c.c. Ana Vital.

Pais de:

10n-100 Lídio, c.c. Gabriela Teixeira Bueno

Pais de:
11n-154 Antônio
11n-155 Etelvina
11n-156 Rosa
11n-157 Maria
11n-158 Virgínia
11n-159 Miguel
11n-160 Sinfrônio

10n-101 Alexandre, falecido solteiro
10n-102 Miguel, solteiro
10n-103 Cirilo, c.c. Máxima, filha de Te. Alexandre Dias Maciel

Filhos já descritos

10n-104 Antônio, falecido solteiro
10n-105 Edeltrudes, c.c. Tobias Teixeira Bueno, de Bom Despacho

Pais de:
11n-161 Alfredo
11n-162 Miguel (Miguel do Bias), Comerciante em Bom Despacho
11n-163 Francisco
11n-164 Jerônimo
11n-165 Maria

9n-39 Jerônimo Dias Maciel, nascido em 1831, c.c. sua sobrinha Etelvina Dias Maciel.

Filhos já descritos

8n-46 Manuel Alexandre Dias Maciel, batizado a 18 de novembro de 1791, solteiro, falecido

8n-47 Eufêmia Maria Maciel, nascida no fim do ano de 1793 e batizada a 2 de março de 1794 (L.º 10 dos batizados a fs. 8). Casou-se a 2 de julho de 1823 (L.º 9.º dos casamentos a fs. 68), com Francisco de Assis Gomes de Valadares, natural de Pitangui, filho do Cap. Timóteo Gomes de Valadares e de Ana Jacinta de Oliveira Campos

Pais de:

9n-40 Maria, nascida a 1.º de novembro de 1826, c.c. Miguel Arcanjo Dias Maciel, filho de Clara Maciel do Monte Falco e do Cap. Timóteo Gomes Valadares

Filhos já descritos

9n-41 Clara, nascida a 4 de novembro de 1828, c.c. Tomás de Sousa Prados

Filhos já descritos

9n-42 Eufêmia, nascida a 16 de setembro de 1830, c.c. José Nunes de Carvalho

Filhos já descritos

8n-48 José Severino Dias Maciel, nascido a 8 de julho e batizado a 15 do mesmo mês de 1797 (L.º 12 dos batizadoas a fs. 1, ordenou-se diácomo em São Paulo a 25 de março de 1820. Faleceu a 24 de novembro de 1820. (L.º 8.º dos óbitos a fs. 30)

8n-49 João Ambrósio Dias Maciel, nascido a 7 de dezembro de 1799 e batizado a 29 de janeiro de 1800 (L.º 11 dos batizados a fs. 57), casado em Pompéu a 3 de outubro de 1823 (L.º 9.º dos casamentos a fs. 83), com Eufrásia, filha do Capitão-mor Félix de Oliveira Campos e de Eufrásia Maria da Silva

Filhos já descritos

8n-50 Ana Maria Maciel, nascida a 28 de setembro de 1802 e batizada a 28 de outubro do mesmo ano. Casou-se com o seu cunhado Pedro Vieira Machado, viúvo de Joana Maria Maciel.

Hn-25 Ana Maria de Jesus, batizada a 14 de maio de 1754 (L.º 4.º dos batizados a fs. 152), c.c. João Rodrigues dos Santos Galvão, Alferes da 7.ª Companhia do 10.º Regimento de Cavalaria do Exército (2.º linha). Foi Almotacel vereador, na Vila de Pitangui, filho de Antônio Rodrigues Galvão e de Margarida Vieira d'Assunção, João Rodrigues Galvão foi batizado em Pitangui a 10 de novembro de 1754 e faleceu a 18 de ja-

neiro de 1830. Ana Maria de Jesus faleceu a 25 de setembro de 1828 Ambos estão sepultados na capela de Santo Antônio de São Joanico, município de Pitangui.

Pais de:

8n-51 Pe. João Félix Rodrigues Galvão, nasceu a 12 de julho de 1783. Foi Vigário de São Joanico

8n-52 Sebastião Rodrigues Galvão, nascido a 20 de janeiro de 1787 c. c. Ana Jacinta Rodrigues Braga, filha do Capitão Jacinto Rodrigues Braga e de Antônia Maria de Jesus

8n-53 Antônio Fernando Rodrigues, nascido a 30 de maio de 1788, c. c. Rita Maria Delfina, filha de Eugênia Maria de Jesus

Pais de:

9n-43 José, nascido a 7 de novembro de 1824
9n-44 Antônio, nascido a 10 de fevereiro de 1827
9n-45 Antônia Dorotéia de Amandula
9n-46 Rita Serafina Maciel

8n-54 Ana Maria dos Santos, nascida a 17 de janeiro de 1790 c.c. Antônio José de Maria

Pais de:

9n-47 Maria Rosa, nascida a 11 de janeiro de 1812
9n-48 João, nascido a 10 de outubro de 1813
9n-49 Ana, nascida a 12 de outubro de 1815
9n-50 Margarida, nascida a 23 de setembro de 1818
9n-51 Miguel, nascido a 21 de janeiro de 1819

8n-55 Capitão José Aniceto Rodrigues, nascido a 12 de maio de 1793 (batizado a 12 de maio de 1793 — L.º 10 dos batizados a fs. 47). Casou-se na Capela de São Joanico da freguezia de Pitangui a 11 de junho de 1822 (L.º 9.º dos casamentos a fs. 51) com Maria Glr. Pera., filha de Antônio Glr. Pera. e de Felizarda Maria da Cruz Costa. O Cap. José Aniceto faleceu a 19 de 8 de 1868.

9n-52 José Quintiliano Rodrigues Pereira, nascido a 29 de março de 1823 e falecido a 11 de agôsto de 1884, c.c. D. Amélia de Sousa Lobato. Filhos:

10n-106 José Quintiliano Rodrigues Pereira
10n-107 Maria Geralda Maciel
10n-108 Aurora Maciel
10n-109 Filomena Josefina Maciel
10n-110 Vital Rodrigues Pereira, residente em Pitangui

9n-53 Antônio Januário Rodrigues Pereira, nascido a 10 de julho de 1824 e falecido a 26 de maio de 1901, c.c. Faustina Barbosa

Sem filhos

9n-54 Miguel Venceslau Rodrigues Pereira, nascido a 29 de setembro de 1825 e falecido a 10 de agôsto de 1884 c.c. Antônia Barbosa. Filhos:

10n-111 Juscelino Rodrigues Pereira
10n-112 Olímpio Rodrigues Pereira
10n-113 José Rodrigues Pereira

10n-114 Rita
10n-115 Cornélia
10n-116 Maria
10n-117 Miguel Rodrigues Pereira

9n-55 Francisco Isidoro Rodrigues Pereira, nascido a 4 de abril de 1828 e falecido solteiro a 20 de março de 1921

9n-56 Maria Barbosa, nascida a 2 de dezembro de 1829 e falecida a 10 de agôsto de 1906, c.c. José Joaquim de Castro Leão.

Sem filhos

9n-57 Antônio Rufino Rodrigues Pereira, nascido a 30 de julho de 1831 e falecido a 11 de fevereiro de 1882, c.c. Maria de Sousa Barbosa. Filhos:

10n-118 João Rufino Rodrigues Pereira
10n-119 Maria Isabel
10n-120 Isabel
10n-121 Antônio Rufino
10n-122 Eródio Barbosa
10n-123 Bento Barbosa
10n-124 Francisco Barbosa

9n-58 Maria Leopoldina Maciel, nascida a 15 de agôsto de 1832, falecida, foi casada com.....

Filhos:

10n-125 Joana Maciel
10n-126 José Aniceto Rodrigues Pereira
10n-127 Leopoldo Rodrigues Pereira
10n-128 Policena Maciel
10n-129 Alzira Maciel
10n-130 Aurora Maciel
10n-131 Maria Maciel
10n-132 Adelaide Maciel
10n-133 Belchiorina Maciel
10n-134 Luisa Maciel
10n-135 Benvida Maciel
10n-136 Antônia Maciel

9n-59 Policena Amélia Maciel, nascida a 27 de março de 1839 e falecida a 30 de abril de 1908, c.c. João Barbosa. Filhos:

10n-137 Maria
10n-138 João de Sousa Barbosa

8n-56 Maria Joana, nascida a 29 de outubro de 1794, falecida solteira.

N-3 *Inês Rodrigues*, c.c. Baltasar de Morais de Antas, filho de Baltasar de Morais de Antas e de Brites Rodrigues Anes.

Filhos:

Bn-4 Sargento-mor Manuel Rodrigues de Morais, falecido em 1695, c. c. Francisca de Siqueira, filha de João Baruel e de Mariana de Siqueira.

Filho:

Tn-6 Sargento-mor Antônio de Morais e Siqueira, pessoa de distinção e autoridade em Jundiaí, onde faleceu em 1737, casado com Ana Ribeiro de Faria, filha de Capitão Pascoal Ribeiro de Faria e de Antônia de Paiva. (1.º casamento).

Filho:

Qn-5 Francisca Siqueira de Morais, casado em 1730 com o Sargento-mor Antônio da Silva Prado, português, viúvo de Filipa do Prado.

Filho:

Pn-9 Capitão-mor Martinho da Silva Prado, falecido em 1770 em Jundiaí, c.c. Maria Leme Ferreira, falecida em 1805, em Jundiaí, filha do Capitão-mor José Dias Ferreira e de Maria Leme do Prado.

Filho:

Sn-14 Martinho da Silva Prado, falecido em 1849, casado em 1800 em S. Paulo com Ana Vicência Rodrigues de Almeida, viúva do Capitão Antônio da Silva Prado.

Filho:

Hn-26 Dr. Martinho da Silva Prado, formado em Direito, foi fazendeiro muito rico em S. Paulo, c.c. sua sobrinha Veridiana Valéria da Silva Prado.

Filho:

8n-57 Conselheiro Dr. Antônio da Silva Prado. Ocupou os mais altos cargos políticos. Foi Ministro de Estado, Deputado, Senador do Império e Prefeito de São Paulo, c.c. D. Maria Catarina da Costa Pinto, filha do Conselheiro Dr. Antônio da Costa Pinto e de D. Maria de Nazaré de Sousa Queirós.

Filhos:

9n-60 Paulo
9n-61 Maria Nazaré

9n-62 Marina
9n-63 Antônio
9n-64 Hermínia
9n-65 Antonieta, c.c. Afonso Arinos de Melo Franco
9n-66 Luís
9n-67 Sílvio

8n-58 Dr. Martinho, c.c. D. Albertina Pinto Prado, filha de Antônio José Pinto e de Francisca Emília de Morais.

Filhos:

9n-68 Lavínia
9n-69 Cornélia
9n-70 Maria Evangelina
9n-71 Corina
9n-72 Julieta
9n-73 Dr. Plínio
9n-74 Cáio
9n-75 Martinho
9n-76 Clélia
9n-77 Cássio
9n-78 Fábio
9n-79 Cícero

8n-59 Ana Vicência Prado Pereira Pinto, Condêssa pela Santa Sé, c.c. Antônio Pereira Pinto.

Filhos:

9n-80 Margarida
9n-81 Alice
9n-82 Ana
9n-83 Adelaide

8n-60 Anésia da Silva Prado, c.c. Dr. Elias Antônio Pacheco Chaves.

8n-61 Dr. Antônio Cáio da Silva Prado, Jornalista, foi Diretor do "Correio Paulistano", Advogado, Presidente da Província do Ceará, c.c. Maria Sofia Rudge.

Filhos:

9n-84 Maria Sofia
9n-85 Ana Abiah

8n-62 Dr. Eduardo Prado, nascido em São Paulo a 27 de novembro de 1860. Estudou no Seminário Episcopal de São Paulo e se formou em Direito em 1881. Fina inteligência e talento excepcional, espírito combativo, monarquista intransigente. Dirigiu vários jornais e colaborou no Correio Paulistano e Gazeta de Notícias. Publicou "Ditadura Militar no Brasil", "Ilusão Americana", "Bandeira Nacional" "Viagens" (dois volumes), "O Catolicismo" "Do Estudo do Passado Brasileiro", "Coletâneas" "A Companhia de Jesus e A Colonização" e muitos artigos sôbre arte, letras, política e crítica, esparsos pela imprensa.

Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia de Letras. Foi casado com D. Carolina Prado,

filha do Alferes Manuel da Silva Prado e de Umbelina da Costa Guimarães.

No mundo das letras está o seu nome entre os dos maiores jornalistas de seu tempo, tais como Júlio de Mesquita, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, etc.. Faleceu a 30 de agôsto de 1901.

Hn-27 Maria Marcolina Prado, c.c. o Desembargador Rodrigo Antônio Monteiro de Barros, natural de Minas Gerais, formado em Coimbra, filho do Dr. Lucas Antônio Monteiro de Barros e de Maria Teresa Joaquina de Sauvan, Visconde e Viscondêssa de Congonhas de Campos, Minas Gerais.

Filhos:

8n-63 Dr. Rodrigo Antônio Monteiro de Barros, c.c. Ana Francisca da Silva Monteiro de Barros.

8n-64 Antônio Augusto Monteiro de Barros, c.c. Maria Teresa, filha do Comendador Lucas Antônio Monteiro de Barros e de Cecília de Morais.

8n-65 Dr. Eloi Monteiro de Barros

8n-66 Te. Cel. Gabriel Monteiro de Barros

8n-67 Elisa Monteiro de Barros

8n-68 Teresa Monteiro de Barros

8n-69 Carlos Monteiro de Barros

Bn-5 Isabel Morais, c.c. Francisco de Lemos, natural de Castela, filho de Francisco de Lemos e de Maria Soares.

Filho:

In-7 Baltasar de Lemos e Morais, c.c. Maria Bueno de Camargo, filha de Bartolomeu Bueno e de Mariana de Camargos.

Filho:

Qn-6 Mariana de Camargo, c.c. o Capitão Francisco Pinto Guedes Alcoforado, português, falecido em 1701, viúvo de Ana de Morais.

Filho: ?

Pn-10 Mécia de Morais de Camargos, c.c. João de Figueiró da Silva, falecido em 1763, filho de João de Figueiró e de Maria Ribeiro.

Filho:

Sn-15 Fernando de Figueiró de Camargos, casado em 1763 na Cotia com Isabel de Morais, falecida em 1795 em Santo Amaro, filha de José de Morais Pires e de Isabel Gonçalves Pais.

Filho:

Hn-28 Fernando Antônio de Figueiró, c.c. Isabel de Barros, filha do Capitão Inácio Barbosa de Araújo e de Maria Leite de Barros.

Filho:

8n-70 José Marcelino Soares de Barros, c.c. Catarina Maria de Morais, filha de Manuel Vieira de Brito e de Isabel de Morais:

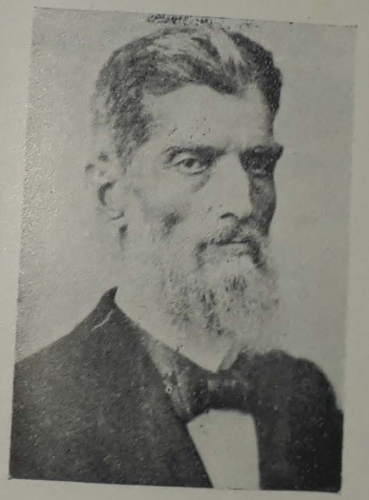
Filho:

9n-86 Dr. Prudente José de Morais Barros.

DR. PRUDENTE JOSÉ DE MORAIS BARROS

Doutor Prudente de Morais Barros, Deputado provincial e geral pelo partido republicano no tempo do Império, Senador federal em 1889, primeiro Presidente da República (1894-1898), por eleição, em substituição ao Marechal Floriano Peixoto, que tinha assumido a presidência pela deposição do ditador Marechal Deodoro da Fonseca.

Seu govêrno assinalou-se pelos acontecimentos seguinte: a Campanha de Canudos, contra os fanáticos monarquistas, chefiados por Antônio Conselheiro na Bahia, campanha em que se envolveu o exército nacional com



Dr. Prudente de Morais Barros

grandes sacrifícios; o levante da Escola Militar, para logo sufocado e o atentado contra o chefe da nação, resultando no assassinato do Ministro da Guerra, Marechal Bittencourt, por um cabo do Exército; a questão da ilha de Trindade com a Inglaterra, resolvida a favor do Brasil; a pacificação da revolução fe-

deralista do Rio Grande do Sul; a doença do Presidente da República, que foi substituído no poder por Manuel Vitorino, por quatro meses; e a questão das Missões com a Argentina, em a qual teve ganho de causa o Brasil. Foi característica marcante do Govêrno Prudente de Morais o espírito de pacificação do país.

Casado com D. Adelaide de Morais e Barros.
Com geração em São Paulo.

ISABEL RODRIGUES

F-3 Isabel Rodrigues, c.c. Antônio Bicudo Carneiro, Ouvidor da comarca e capitania de São Paulo em 1585, natural da Ilha de São Miguel, Portugal.

Filhos dentre outros:

N-4 Maria Bicudo, falecida em 1659 em Parnaíba, c.c. o Cap. Manuel Pires, homem de grandes virtudes morais, conquistou no sertão muitos gentios bárbaros, que sendo batizados, ficaram como administrados, trabalhando em seu importante estabelecimento agrícola. Era filho de Beatriz Dias e de.....

Filhos dentre outros:

En-6 Margarida Bicudo, c.c. Felipe de Campos Brandemburg, filho de Francisco Van Der Borg, flamengo e de Antônia de Campos natural de Lisboa

Nota :

Francisco Van Der Borg, por corrupção Francisco Brandemburg, Fidalgo Belga, natural de Antuérpia, foi por duas vêzes enviado por seus patrícios como Embaixador ao Rei de Espanha, a quem, naquele tempo, estavam sujeitos os Países Baixos.

Da primeira vez saiu-se bem; da segunda, porem, não, pelo que desgostoso resolveu transferir-se para Portugal, onde se casou com Antônia de Campos, natural de Lisboa.

Na "Vida do Padre Estanislau de Campos", escrita por um seu sobrinho, publicada em Roma em 1765 e citada por Silva Leme, o nome do fidalgo belga é Felipe Van Der Borg e o de sua espôsa Antônia del Campo, de Espanha. Cremos, porém, ser certo o que adotamos por constar do testamento e dos autos de habilitação "de gênere" de Felipe de Campos, filho do casal flamengo-lusitano.

Francisco Brandemburg e Antônia de Campos tiveram três filhos, dentre os quais Felipe de Campos, que iniciou a carreira eclesiástica, chegando a receber a tonsura. Interrompeu-a para se matricular na Universidade de Coimbra mas não terminou os estudos, porque deliberou vir para o Brasil.

Primeiramente, veio ter à Bahia, seguindo depois para São Paulo, onde se casou em 1643 com Margarida Bicudo, filha de Manuel Pires e de Maria Bicudo.

Por ser homem civilizado e culto, grangeou a estima de todos e ocupou altos e honrosos cargos do Govêrno.

Faleceu com testamento em Parnaíba, em 18 de dezembro de 1881, e sua espôsa em 24 de fevereiro de 1708.

Margarida Bicudo e Felipe de Campos Brandemburg tiveram 12 filhos dentre os quais destacamos os cinco seguintes:

Tn-8 José de Campos Bicudo
Tn-9 Bernardo de Campos Bicudo

Tn-10 Ana de Campos
Tn-11 Nuno de Campos Bicudo
Tn-12 Manuel de Campos Bicudo

Tn-8 José de Campos Bicudo

O Capitão José de Campos, Juiz Ordinário em Pitangui, em 1720, casado a 1.ª vez com Inês Monteiro da Silva, filha de Bento Pires Ribeiro e de Sebastiana Dias Leite:

Filho:

Qn-7 Margarida de Campos, c.c. o Cap. Antônio Rodrigues Velho (o Velho da Taipa) em Itu em 1705. Antônio Rodrigues Velho foi Juiz Ordinário em Pitangui. Era filho de Garcia Rodrigues Velho e de Isabel Bicudo.

Filhos descritos em outro local

José de Campos Bicudo, casado a segunda vez com Maria de Almeida, filha de Lourenço Correia Ribeiro e de Maria Pereira de Azevedo.

Filhos dentre outros:

Qn-8 Felipe de Campos Bicudo
Qn-9 Maria de Campos e Almeida

Qn-8 Felipe de Campos Bicudo, nascido em Itu, c.c. D. Isabel de Arruda, filha de Miguel de Arruda e Sá e de Maria de Almeida Pimentel. Falecidos em 1762.

Filho:

Pn-11 Felipe de Campos Bicudo, Sargento-mor de Itu, falecido em 15 de julho de 1837, c.c. Maria Joaquina da Rocha (2.º casamento), filha de José Manuel de Campos e de Paula da Rocha de Camargo.

Filho:

Sn-16 Francisco de Paula Campos, natural de Itu, casado em Pôrto Feliz c. Joaquina Marcelina de Oliveira Pinto, filha de Joaquim Antônio de Miranda e de Escolástica Joaquina de Oliveira.

Filho:

Hn-29 João Batista de Campos, nascido em Pôrto Feliz e falecido em Branganca em 1918, c.c. Rosa Amélia de Aguirre, falecida em São Carlos em 1890, filha de João Manuel de Aguirre e de Ana Emerenciana de Araújo.

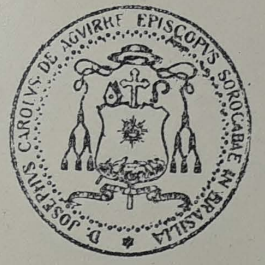
Filho:

8n-71 Maria Ercília de Campos Aguirre, nascida em Santa Bárbara a 27 de agôsto de 1857, e falecida a 17 de julho de 1938 em Sorocaba, casada a 26 de abril de 1879 em São Carlos, com Francisco Leopoldo de Aguirre, nascido em Monte-mor a 21 de março de 1852 e falecido em 1890, filho de José Manuel de Aguirre e de Leopoldina Ferreira Alves.

Filho:

9n-87 *Dom José Carlos de Aguirre*, nasceu em Itaqueri, Diocese de São Carlos do Pinhal, a 28 de abril de 1880. Fêz seus estudos no Liceu do Sagrado Coração de Jesus em São Paulo. Cursou humanidades no Seminário Episcopal de São Paulo, onde se ordenou a 8 de dezembro de

D. José Carlos de Aguirre
Bispo de Sorocaba



1904. Professor no Colégio Diocesano de São Paulo. Vigário em São José de Belém, São Paulo e Bragança. Sagrado Bispo de Sorocaba, em Bragança, a 8 de dezembro de 1924. Primeiro Bispo de Sorocaba.

Qn-9 Maria de Campos e Almeida, casada em 1762 em Itu, com seu primo Francisco de Campos Pires, filho de Matias de Campos e de Margarida da Silva.

Filho:

Pn-12 Isabel de Campos e Almeida, casada em 1794 com o alferes José Leite de Campos Penteado, inventariado em 1833, em Campinas, filho de Inácio de Camargo Pais e de Ana Vicência Pais de Barros.

Filha:

Sn-17 Maria Euquéria de Camargo, casada em 1813 com o Alferes José de Sales Leme, em São Carlos, filho de Alferes Antônio José de Matos, natural de Santo Amaro, e de D. Ana Custódia do Sacramento, nascida em Jundiaí.

Filho:

Hn-39 Te. Cel. Francisco de Paula Sales, nascido em Campinas em 1814 e falecido em 1877, casado com D. Ana Custódia Ferraz Sales, natural de Campinas, filha do Cap. Manuel Ferraz de Campos e de D. Francisca de Assis Negreiro.

Filho:

Sn-72 *Dr. Manuel Ferraz de Campos Sales*, ex-Presidente da República, nascido a 13 de fevereiro de 1841, em Campinas, Estado de S. Paulo, e falecido em 28 de junho de 1913. Foi casado com D. Ana Gabriela de Campos Sales, sua prima, filha de José de Campos Sales e de D. Maria Barbosa Camargo.

DR. MANUEL FERRAZ DE CAMPOS SALES

Campos Sales foi eleito Presidente da República e tomou posse a 15 de novembro de 1898.

Foi seu primeiro ato sanear as nossas finanças, dando execução ao acôrdo celebrado com nossos credores inglêses (o funding loan). Criou fundos de garantias e de resgate, salvando o Brasil da bancarrota, auxiliado pelo financista Dr. Joaquim Murtinho.

Um fato digno de menção é a defesa do Brasil na questão de limites de nossa pátria com a Guiana Francêsa, assegurada pelo Barão do Rio Branco, a quem Campos Sales nomeou Ministro plenipotênciário em missão especial junto ao Govêrno Suiço, escolhido como árbitro para a solução dos limites.

O Brasil obteve então 260.000 quilômetros quadrados, que estavam há duzentos anos em litígio.

Em 1901, houve um levante no Mato Grosso, tendo sido os rebeldes batidos pelas fôrças do comando de Pais de Barros.

Neste mesmo ano, travou-se uma conspiração com o fim de assassinar Campos Sales e seus ministros. Esta conspiração tinha por chefes Custódio José de Melo e Antônio Borlido, que felizmente nada conseguiram, porquê foram severamente castigados.

Ainda no mesmo ano assinou o tratado de arbitragem com a Inglaterra, submetendo à decisão arbitral dos Reis da Itália o litígio entre o Brasil e Guiana Inglêsa. Para acompanhar a questão foi nomeado como Advogado o Dr. Joaquim Nabuco.

Em 1899 e em 1900, liquidou as questões de limites entre os Estados de Mato Grosso, Amazonas e Pará e entre o Acre e a Bolívia. Foi também durante seu govêrno que o grande Santos Dumont assombrou o mundo com a invenção do aeroplano.

Reformou o ensino em planos elaborados por Epitácio Pessoa.

Em seu Govêrno, o Brasil recebeu a visita de Júlio Roca, Presidente da Argentina e a retribuiu.

Campos Sales

Em 15 de novembro de 1902 passou o govêrno a seu sucessor, Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.

Tn-9 Bernardo de Campos Bicudo, casado a primeira vez com Benta Dias de Proença, filha do Capitão Baltasar de Godoi Bicudo e de Inês Dias de Alvarenga. Êste casamento se realizou em Itu em 1689. A segunda vez casou-se em Pindamonhangaba com Francisca Romeiro da Silva, filha de João Corrêa de Magalhães e Vasconcelos e de Francisca Romeiro Velho Cabral, natural de Pindamonhangaba, e seu marido, de Lamego. Bernardo de Campos Bicudo foi Capitão da Vila de Pitangui, onde residia.

Do 1.º casamento teve dois filhos.

Do 2.º, oito filhos, dentre os quais destacamos:

Qn-10 *Margarida de Campos*, que foi casada com João Ribeiro de Vasconcelos.

Filhos, dentre outros: Maria, que passou a assinar Maria Ribeiro de Campos, cuja descendência mencionamos abaixo:

Pn-13 Maria Ribeiro de Campos, que se casou em Contagem ou Curral del-Rei com o português Antônio Rodrigues da Fonseca.

Dêste casal nasceu:

Sn-18 Josefa Rodrigues da Fonseca, que se casou em Curral del-Rei com o português José Teixeira de Carvalho. Dêste casal o primogênito e único que se casou foi:

Hn-31 Dr. José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, Visconde de Caeté, nascido em Santa Quitéria a 18 de outubro de 1767 e falecido na fazenda de São João a 10 de novembro de 1838 e sepultado na Igreja de Taquaraçu. Foi Desembargador, Deputado, Senador e Presidente de Minas Gerais. Casou-se em 22-1-1822, com Dona Teresa Maria de Jesus, filha do Cel. João da Mota Ribeiro, nascida a 23-8-1802 em Bom Jesus do Amparo (Minas) e falecida em 1855. De seu casamento com Dona Teresa deixou o Visconde os seguintes filhos:

Visconde de Caeté

8n-73 Major José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, que se casou com Dona Generosa de Ataíde Pinto Coelho, filha, de José Luis Pinto Coelho e de Dona Lourença Maria de Abreu.

Pais de:

9n-88 Ana, falecida em 15 do 7 de 1943, casada com Dr. Antônio Agostinho Horta Barbosa. Pais de:

10n-139 Maria Hortência, c.c. Dr. Armando Masson Jaques, filho do Marechal João Cândido Jaques e de Dona Alzira Masson.

10n-140 Maria Antônia, Freira

10n-141 Maria da Glória, c.c. Dr. Alberto Jaques, Engenheiro

10n-142 Maria Elisa

10n-143 Maria Regina

10n-144 Maria Amélia, c.c. o Dr. Lauro Tôrres Rezende, Médico.

9n-89 Lourença, c.c. Dr. Joaquim de Vasconcelos Teixeira da Mota.

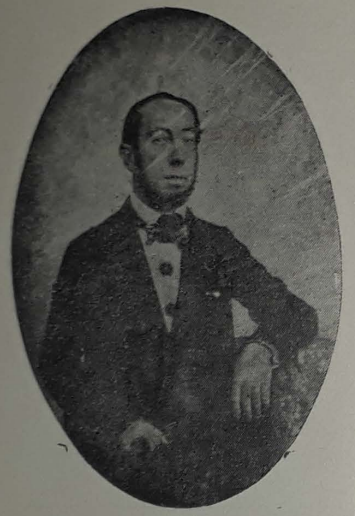
Fazenda de Santo Antônio, onde residiu o Visconde de Caeté

8n-74 Maria Josefa da Fonseca, nascida a 2-8-1826, em Santa Quitéria, casada em Bom Jesus do Amparo em 26-4-1841, com seu tio Cel. Joaquim Camilo Teixeira da Mota, nascido a 15 de julho de 1815, no município de Caeté, falecido a 29 de janeiro de 1873, e sepultado na matriz de Taquarassu. Prestou relevantes serviços a causa da Revolução de 42. Deputado de 1852 a 1857. Vice-presidente e Presidente da Província de Minas Gerais em 1862. Político de real prestígio, elogiado pelos próprios adversários. Durante a guerra do Paraguai, obteve muitos voluntários para a defesa da pátria. Condecorado com a Ordem da Rosa, recusou nova condecoração e um título nobiliárquico. Coronel da Guarda Nacional, aceitou a patente de Comandante Superior nos municípios de Santa Bárbara e Caeté. Exemplar chefe de família, deu aos filhos esmerada educação humanística moral, civil e religiosa.

O Cel. Joaquim Camilo é filho do Cel. João da Mota Ribeiro, nascido em Braga, Portugal, a 3 de maio de 1775 e de D. Maria Teresa de Jesus. Neto paterno de José Joaquim Ribeiro e de Maria Mota, neto materno de João Teixeira Álvares e de Teresa Barbosa.

Pais de:

9n-90 José Emídio, falecido em criança



Cel. Joaquim Camilo Teixeira da Mota

9n-91 Dr. Joaquim Vasconcelos Teixeira da Mota, nascido em 16-8-1845 e falecido em 21-4-1873. Deputado, c.c. Dona Lourença de Vasconcelos, sua prima irmã, falecida em 21-11-1861

9n-92 Maria da Natividade, falecida em 10-8-1926, c.c. com o Dr. João Pinto Moreira, Deputado

9n-93 Dr. Pedro de Vasconcelos Teixeira da Mota, c. a primeira vez com Ana Regina dos Santos em 8-2-1857 e a segunda vez com Dona Rita Elvira de Vasconcelos Mota, sua sobrinha. Dr. Pedro faleceu a 5-10-1884

9n-94 João, falecido em criança

9n-95 Rita Aurora, nascida em 30-4-1861 e falecida em 7-6-1930, c.c. José Afonso dos Santos Lima.

Pais de:

10n-145 Raimundo Afonso
10n-146 Maria José
10n-147 José Afonso
10n-148 Sebastião Afonso
10n-149 José Cupertino
10n-150 José do Rosário
10n-150a Constância
10n-151 Maria Josefa

9n-96 Ana Regina, nascida em 6-1-1863 e falecida em 21-11-1881, c.c. Modesto Pinto Coelho, filho de João Carlos Pinto Coelho da Cunha e de D. Antônia Firmina de Figueiredo.

9n-97 Cel. Júlio Teixeira da Mota, Deputado, Vereador, c.c. Dona Maria Rosa Martins da Costa, nascida em 4-9-1873, em Itabira do Mato Dentro. O Cel. Júlio nasceu em 5-8-1867, em Bom Jesus do Amparo.

Pais de:

10n-152 Maria Josefa, c.c. José Rosário dos Santos Mota
10n-153 José
10n-154 Custódio
10n-155 Júlio, c.c. Maria Inês dos Santos
10n-156 Teresa
10n-157 João
10n-158 Carlos
10n-159 Domingos

9n-98 Emerenciana, nascida em 21-4-1871 e falecida em 13-9-1938, c.c. Antônio Paulino de Barros

Pais de:

10n-160 Serafim, c.c. Lívia da Costa

Pais de:

11n-166 Jarbas
11n-167 Eunice
11n-168 Maria

10n-161 Geraldo
10n-162 Carlos

9n-99 Joaquina Estefânia, nascida em 2-9-1873 e falecida em 1878

9n-100 Francisca, falecida em criança

9n-101 Cel. João de Vasconcelos Teixeira da Mota, nascido em 20-9-1856 e falecido em 4-5-1928, casado a 5-3-1878 com Dona Josina dos Santos Pinto, filha do Cel. Carlos José dos Santos (proprietário da Fazenda das Lages, no Distrito de Taquaraçu (município de Caeté) e de sua espôsa D. Emerenciana Maria Pinto dos Santos. O Cel. João de Vasconcelos T. da Mota foi Deputado à última legislatura do Império. Pais de:

10n-163 Joaquim da Conceição de Vasconcelos Mota, nascido a 12-5-1887, casado com Dona Zita Cruz Mota, filho de Antônio Cândido da Cruz Homem e de Dona Rita de Sá Cruz. Joaquim C. de V. Mota casou-se a 16-6- de 1919. Pais de:

11n-169 Francisca Maria, c.c. Dr. Salvador Ferrari, Médico, residente em Ponte Nova, filho de Francisco Ferrari e de D. Francisquina Ferrari

11n-170 Maria Zita, c.c. Givaldo Rodrigues Costa, funcionário do Banco do Brasil

Pais de:

12n-63 Maria do Carmo
12n-64 Rubens
12n-65 Marlene
12n-66 Beatriz
12n-67 Carlos
12n-68 Vera Lúcia
12n-69 Maria Auxiliadora

Cel. João de Vasconcellos Teixeira da Mota
(Pai do Cardeal D. Carlos Carmelo)

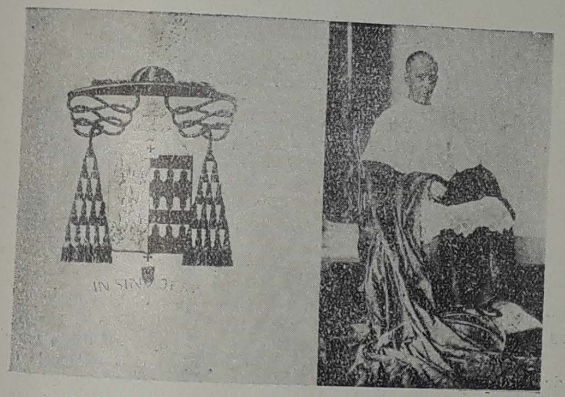
11n-171 Zélia Maria, c.c. José Ferreira, proprietário do "Cipó Veraneio Hotel", ao pé da Serra do Cipó, filho de Jaime Belizário Viana e de D. Ana Ferreira Belizário
11n-172 Teresinha Maria
11n-173 Maria José
11n-174 Rita Maria
11n-175 Lucília Maria
11n-176 Maria Nair
11n-177 Pedro Carlos
11n-178 Maria Marli
11n-179 Joaquim
11n-180 João, falecido

10n-164 José de Maria de Vasconcelos Mota, casado com Dona Ana Nogueira dos Santos, filha de José Augusto dos Santos Pinto e de Dona Agripina Nogueira dos Santos. Nascido a 22-10-1888 e casado a 30-9-1919.

Sem filhos

DOM CARLOS CARMELO DE VASCONCELOS MOTTA

Nasceu o Cardeal Arcebispo de São Paulo na fazenda da Quinta do Lago, então do município de Caeté e hoje município de Santa Bárbara, Minas Gerais, em 16 de julho de 1890. Estudou as primeiras letras com seu pai João de Vasconcelos Teixeira da Motta, filho de Maria Josefa Teixeira de Vasconcelos, por sua vez filha do Visconde de Caeté Dr. José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, e de Francisca Josina dos antos Pinto. Matriculou-se no Colégio dos Irmãos Maristas em Congonhas do Campo, onde fêz o 1.º e 2.º anos e, transferindo-se para o Seminário de Mariana, concluiu o curso do seminário menor. Voltou à fazenda, elegendo-se Vereador da Câmara Municipal



Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta

de Caeté, como representante do distrito de Taquarassu. Matriculou-se na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, cursando-a até o 2.º ano. Foi quando entraram em luta as suas tendências políticas e jurídicas, aliás bastante acentuadas, e as religiosas, que acabaram vencendo aquelas, e que o fizeram voltar ao Seminário de Mariana para concluir a carreira interrompida. Ordenou-se em 29 de junho de 1918, depois de brilhante tirocínio, em que revelou, ao lado do espírito piedoso, qualidades que o faziam fadado à conquista dos altos postos de hierarquia eclesiástica, dentre as quais as de ordem política, que mais lhe marcavam a personalidade.

Era o atavismo se revelando insofismável e irreprimível.

E, dando expansão ao seu espírito dinâmico e realizador, parte para Roma em 1926, onde foi agraciado por Pio XI com o título de Monsenhor.

De volta à Pátria exerceu o cargo de Diretor espiritual do Asilo de Piedade (Minas). Depois de exercer a vigararia em diversas paróquias, foi

nomeado pelo Arcebispo D. Antônio dos Santos Cabral Reitor do Seminário de Belo Horizonte. Dêste pôsto saiu para ser sagrado Bispo de Algisa a 30 de outubro de 1932. Como Auxiliar de Dom Joaquim Silvério de Sousa, Arcebispo de Diamantina, fêz várias visitas pastorais, em que se lhe revelavam altas qualidades de condutor espiritual de almas. Em 19 de dezembro de 1935,

Em visita a Cartuxa, Mariana
1.º) Cel. Moreira da Motta
2.º) Pe. Francisco Delille Ribeiro
3.º) Dom Carlos C. de Vasconcellos
4.º) Con.º Marcial Muzzi
5.º) Joaquim da C. Vasconcellos Motta
Motta

é nomeado Arcebispo de São Luis do Maranhão, cargo de que tomou posse em 29 de abril de 1936.

Elevado ao alto pôsto de Cardeal Arcebispo de São Paulo em dezembro de 1946, em o qual se tem revelado um dos luminares da Igreja Católica, no seio da qual se lhe destaca a figura eminentemente humana e piedosa. O Cardeal Mota foi o fundador da Universidade Católica de São Paulo e um dos colaboradores da fundação da de Belo Horizonte.

10n-165 Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, Cardeal Arcebispo de São Paulo

9n-102 Raimundo, falecido em criança
9n-103 Manuel
9n-104 Antônio
9n-105 Teresa de Jesus, falecida em criança
9n-106 José

8n-75 Ana Cândida Teixeira da Mota, casada a primeira vez com o Major Pedro Augusto Teixeira da Mota, nascido a 29-6-1830 em Bom Jesus (Santa Bárbara) e falecido em 9-8-1860 em Ouro Prêto. Foi Deputada. Ana Cândida T. da Mota nasceu em São Caetano do Chopotó em 1831, Pais de:

9n-107 João Pedro Augusto Teixeira da Mota, nascido a 5-4-1859 em Bom Jesus e falecido a 1-10-1917, casado a 10-2-1877 com

Teresa Moreira Pena, nascida a 25-3-1857 em São Gonçalo do Rio Abaixo, filha do Comendador José Moreira dos Santos Pena e de Dona Narcisa Moreira Pena. Pais de:

10n-166 José Moreira Teixeira da Mota, casado com Ermelinda Pessoa

10n-167 Cel. Pedro Teixeira da Mota, nascido a 15-8-1880 em São Gonçalo do Rio Abaixo, c.c. Dona Cecília de Melo Figueiredo, nascida a 18-3-1884 em Sete Lagoas, filha do Cel. José Tomas de Figueiredo Neves e de Dona Maria do Carmo Vaz de Melo. Pais de:

11n-181 Moacir, c.c. D. Maria Beatriz Pinto Coelho. Moacir nasceu a 9-9-1904

Pais de:
12n-69 Maria Cecília
12n-70 Hortência
12n-71 Carlos
12n-72 Maria Beatriz
12n-73 Júlio César

11n-182 Itagiba, nasceu a 26-9-1906, c.c. Lígia Moreira dos Santos

Pais de:
12n-74 Itagiba
12n-75 Délio
12n-76 Maria do Carmo
12n-77 Lígia

11n-183 Dr. Adair, nasceu a 4-10-1908. Advogado, c.c. Maria José Cardoso

Pais de:
12n-78 Adair Francisco
12n-79 Cecília Maria
12n-80 Maria José
12n-81 Maria Antonieta

11n-184 Dr. Jandir, c.c. Conceição Andrade Bicudo Alvarenga. Dr. Jandir. Nasceu a 28-4-1910. Advogado

Pais de:
12n-82 João Pedro
12n-83 Déa Raquel e Carlos Roberto

11n-185 Dr. Darci Carlos Roberto, c.c. D. Ursula Puntel Dr. Darci nasceu a 13-3-1912, Médico

Pais de:
12n-84 Cecília e Isabel

11n-186 Maria do Carmo, c.c. Dr. Luis Pinto Coelho, Médico em Belo Horizonte. Maria do Carmo nasceu a 20-2-1914

Pais de:
12n-85 Luis

12n-86 Maria da Conceição
12n-87 Teresa Cristina
12n-88 Angela Regina
12n-89 Pedro
12n-90 Maria do Carmo e Fátima

10n-168 Carlos Moreira da Mota, falecido solteiro
10n-169 João Moreira da Mota, c.c. Francisca de Melo Figueiredo
Pais de:
11n-187 Guiomar, c.c. Olavo Pessoa
11n-188 João, falecido solteiro
11n-189 Newton, Cirurgião Dentista, c.c. Maria do Carmo Figueiredo Mota
11n-190 Padre Luis Gonzaga, falecido
11n-191 Teresa, c.c. Dr. Iris Alvarenga Valadares
11n-192 Pedro Lincoln, Cirurgião Dentista, c.c. Teresa Lima
11n-193 Maria do Carmo, c.c. Antônio Amorim
11n-194 Eunice, c.c. Dr. Hélio Vieira de Melo
11n-195 Tales, Médico
11n-196 Hélio, Engenheiro
10n-170 Maria da Piedade, c.c. Tenente José Gonçalves Moreira Pena, falecido
10n-171 Manuel Moreira da Mota, c.c. Maria Nepomuceno
10n-172 Narcisa, c.c. o Cel. Antônio Gonçalves Moreira, falecido.
Ana Cândida foi casada a segunda vez em 13-4-1863, com o Guarda-mor Custódio Martins da Costa.
Pais de:
9n-108 Braz Martins da Costa (Ti Braz), nasceu a 19-7-1866 e faleceu a 12-1-1937
9n-109 Maria Rosa Martins da Costa, c.c. Cel. Júlio de Vasconcelos Teixeira da Mota. Maria Rosa nasceu a 4-9-1873
Filhos já descritos
8n-76 Francisca de Paulo Teixeira de Vasconcelos, c. a 1.ª vez com seu tio Julio Cesar Teixeira da Mota. Teve um único filho:
9n-110 Paulo Cesar Teixeira Mota
Francisca de Paula, casada a segunda vez com Maximiano Augusto Pinto.
Pais de:
9n-111 Cândida, Irmã salesiana
9n-112 Antônio Augusto, c.c. Rita Pereira
9n-113 Maria da Piedade, solteira
9n-114 Dr. Francisco Augusto Pinto de Moura, casado a 1.ª vez com Ernestina Martins
Pais de:
10n-173 Maria Dolores, c.c. João Mena Barreto
10n-174 Ester, c.c. Eugênio Lira
10n-175 Francisco
Dr. Francisco, c.c. segunda vez com Domingas Rodrigues da Costa
Pais de:
10n-196 José Rodrigues, c.c. Ana Impelizieri

10n-197 Jacinto
10n-198 João Valente
10n-201 Anita
10n-202 Maria Vicentina
10n-203 Rubens

9n-115 Rita Augusta, c.c. Serafim Pinheiro Chagas
Pais de.
Gabriela, c.c. Ulisses Horta
Antônio Pinheiro Chagas casado a 1.ª vez com Ana de Campos Rocha e a 2.ª vez com Andréia Martins.
Paulo Pinheiro Chagas c.c. Antonieta Ribeiro
Maria Pinheiro Chagas c.c. o Escritor Moacir Assis Andrade
Edite Pinheiro Chagas c.c. Elias Nepomuceno
Geraldo Pinheiro Chagas c.c. Maria Amália Dolabela
Carlos Pinheiro Chagas c.c. Iracema Schinniger
Maria de Lourdes Pinheiro Chagas c.c. Luis de Melo Viana Sobrinho.

9n-115-a Joana Augusto Pinto de Moura, c. c. José Weydt.
Sem filhos
9n-116 Ana Pinto, c.c. Paulino Lobato
Pai de:
10n-176 Maria do Rosário, c.c. Áltino Pinto Monteiro
10n-177 Maria Cândida, Irmã de Caridade
10n-178 Sílvia, Irmã Carmelita
10n-179 Rodolfo Lobato
9n-117 José Augusto
9n-118 Antônia Augusta
9n-119 Pedro Augusto

8n-77 Joana Augusta da Fonseca Vasconcelos, c.c. João Pereira da Silva
Pai de:
9n-120 João Pereira da Silva
9n-121 Maria do Carmo

8n-78 Josefa Maria da Fonseca Vasconcelos, casada a 1.ª vez com Manuel Maria de Andrade
Sem filhos
Josefa casou-se a segunda vez com o farmacêutico José Martins Guerra
Pai de:
9n-122 Quintiliano Guerra de Vasconcelos, residente em Esmeralda.

8n-79 Dr. Manuel Teixeira da Fonseca Vasconcelos, c.c. sua sobrinha Francisca.
Sem filhos

8n-80 João Teixeira da Fonseca Vasconcelos, casado com D. Antônia Viana Barbosa
Pais de:
9n-123 José Teixeira Barbosa de Vasconcelos, c.c. D. Isolda da Costa Vasconcelos.
Pai de:
10n-181 Ozires
10n-182 José

10n-183 João
10n-184 Maria
10n-185 Mário
10n-186 Horácio
10n-187 Raimunda

9n-124 Theodoro Teixeira Barbosa de Vasconcelos, c.c. D. Maria Baia de Vasconcelos.

Pai de:

10n-188 Dr. José Bahia de Vasconcelos, redator de debates da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Consagrado Poeta e eloqüente Tribuno, c.c. D. Olga Gonçalves Bahia de Vasconcelos.

Sem filhos

10n-189 Cícero, falecido
10n-190 Raimunda
10n-191 Eunice
10n-192 Raimundo
10n-193 Conceiçac
10n-194 Moacir
10n-195 Carlos
10n-196 Elza
10n-197 Cícero
10n-198 Dalva

9n-125 Cecília Teixeira Barbosa de Vasconcelos, c.c. Pedro Americano Dias Diniz.

Pai de:

10n-199 Ernestina
10n-200 José
10n1201 Maria
10n-202 Isolda
10n-203 Alice
10n-204 Dalila
10n-205 Osvaldo

9n-126 D. Emerenciana Teixeira Barbosa de Vasconcelos, casada com ..... (Totó).

Pais de:

10n-206 Pedro
10n-207 Maria Isabel

9n-127 D. Maria Teixeira Barbosa de Vasconcelos, falecida salteira.

9n-128 Manuel Teixeira Barbosa de Vasconcelos, casado com D. Antônia Alves de Vasconcelos

Pais de:

10n-208 Antônio
10n-209 Manuel, c.c. D. Maria da Conceição Menezes

Pais de:

11n-203 Helena
11n-204 Mauro
11n-205 Lúcio
11n-206 Lineu

11n-207 Luis
11n-208 Eloísa

10n-210 Mário, c.c. D. Solidade Lopes

Pais de:

11n-209 Luis Fernando
11n-210 Maurício
11n-211 Márcio
11n-212 Roberto

10n-211 Dr. Carlos Alves de Vasconcelos, Advogado e banqueiro, residente em Belo Horizonte. Casado com D. Idalina Gomes de Lemos

Pais de:

11n-213 Sérgio
11n-214 Maria Léa
11n-215 Maria Beatriz

10n-212 Cecília

10n-213 Dr. José, Advogado da Bôlsa de Títulos e Valores, c.c. Nely Vasconcelos Vieira

Pais de:

11n-216 Maria Teresa
11n-217 Armando

10n-214 Dr. Pedro, solteiro
10n-215 Lícia, (irmã Maria Otília).

9n-129 Francisca Teixeira Barbosa de Vasconcelos, solteira

9n-130 Inácio Teixeira Barbosa de Vasconcelos, c.c. D. Maria Nunes de Vasconcelos

Pais de:

10n-216 Maria
10n-217 José
10n-218 Joaquim
10n-219 Cefisa
10n-220 Diva
10n-221 Judith

9n-131 Conceição Teixeira Barbosa de Vasconcelos, solteira

9n-132 João Teixeira Barbosa de Vasconcelos, c.c. D. Conceição Vasconcelos.

Pais de:

10n-224 Lourdes
10n-225 José
10n-226 Angélica
10n-227 João
10n-228 Francisca.

NOTA — As informações sôbre descendência do Visconde de Caeté foram nos fornecidas mui gentilmente pelo Dr. Carlos Alves de Vasconcelos e pelo Sr. Joaquim da Conceição de Vasconcelos Mota.

Tn-10 Ana de Campos, c.c. Antônio Antunes Maciel, natural de S. Paulo falecido em Itu em 1725, filho de Gabriel Antunes Maciel e de Mécia Cardoso.

Pais de:

Qn-11 *Gabriel Antunes de Campos*, batizado em 1680 em Parnaíba, casado em 1707 com Isabel Ribeiro Ortiz de Camargos, filha de Estevão Ortiz de Camargos e de Maria Cardoso.

Pais de:

Pn-14 Ana de Campos, casada em 1724 em Parnaíba com Estanislau Furquim Pedroso, filho de Cláudio Furquim da Luz e de Isabel Pedroso.

Sn-19 Caitano Furquim de Campos, c.c. Isabel Sobrinha de Almeida

Pais de:

Hn-32 *Gertrudes Maria de Almeida*, falecida em 1797, casada em 1778 com Amaro Leite de Morais, filho de Amaro das Neves de Morais, de Ariuoca, Minas Gerais, e de Maria Leite de Araújo, natural de Pitangui.

Pais de:

8n-81 Ana Gertrudes de Campos, batizada em 1780 em Atibaia, e aí casada em 1797, c.c. Francisco da Silveira Franco, filho do Capitão-mor Francisco da Silveira Franco e de Maria Cardoso de Oliveira.

Pais de:

9n-133 Cândido da Silveira Franco, c. c. D. Delfina da Silveira Cintra, filha de Antônio José do Amaral e de D. Sabina da Silveira Cintra.

Filho:

10n-229 D. Ana Cândida da Silveira Cintra, c. c. o Professor Francisco Furquim Leme, filho de Paulino Cândido Furquim de Campos e de Maria Miquilina de Campos Leme. Paulino nasceu em Bragança e faleceu em S. Paulo em 1919.

Filho:

11n-218 Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra.

DOM SEBASTIÃO LEME

Nasceu em 20 de janeiro de 1882 Sua Eminência Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra em Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, em cujo Seminário Episcopal recebeu a primeira tonsura. Completou os seus estudos eclesiásticos em Roma, no Colégio Pio Americano. Matriculou-se na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde foi laureado nas teses de Filosofia e Teologia. Cantou a primeira missa em sua terra natal, na mesma igreja em que fôra batizado e fizera a primeira comunhão. Cônego, pró-vigário-geral, vigário-geral, sucessivamente de 1907 a 1910.

Bispo, sagrado em Roma em 1911. Arcebispo de Olinda e Recife em 1916. Removido para o Rio de Janeiro. Eleito Cardeal para substituir Dom Joaquim Arco-Verde, em 1930. A carreira eclesiástica de Dom Sebastião Leme atinge ao apogeu do renome, sendo acompanhado pelo mundo católico brasileiro em tôdas as etapas com carinho e entusiasmo, extravasando-se para o estrangeiro o seu elevado conceito de segundo cardeal sul-americano.

Cardeal
D. Sebastião Leme da Silveira Cintra

É uma figura de lembrança indelével no seio da catolicidade brasileira, em cuja direção deixou marcos de uma grande inteligência e piedade cristã, comprovadas por uma atuação modelar.

Nomeado pelo Santo Padre Legado para inaugurar solenemente o monumento a Cristo Redentor, no alto do Corcovado, dominando a cidade e a Guanabara, como eloqüente atestado da religiosidade do povo brasileiro. Este monumento é obra de Sua Eminência.

Muito contribuiu Dom Leme para a construção do Colégio Brasileiro em Roma, valendo-se de sua qualidade de representante da Sé Apostólica.

Nomeado pela segunda vez Legado extraordinário do Santo Padre, no grandioso "Congresso Eucarístico" realizado na Bahia em 1933.

Foi criador da Liga Eleitoral Católica, como organizador de seu programa e estatuto.

O espírito religioso e a generosidade do povo brasileiro sempre estiveram ao serviço do grande Ministro de Deus, que foi no Brasil Dom Sebastião Leme, durante a sua alta e nobre investidura de príncipe da Igreja, vivendo sempre cercado de prestígio, respeito e admiração do povo que pastoreava.

Hn-33 Capitão Pedro de Alcântara de Almeida, c.c. Mécia Joaquina Pinto de Magalhães, natural de São João del-Rei, filha de Bento Pinto de Magalhães, de São João del-Rei, e de Maria Pires de Araújo de São Luis de Piratininga.

Filhos dentre outros:

8n-82 Comendador Francisco de Paula de Almeida Magalhães, falecido em 1849, em São João del-Rei, c.c. Ana Custódia de Magalhães, em 1827, e a 2.ª vez com Mariana Custódia de Magalhães, em 1827, filhas de Francisco Pinto de Magalhães e de Maria Custódia de Assunção Leite Ribeiro. Do 1.º casamento:

9n-134 Comendador Custódio de Almeida Magalhães, c.c. Maria Carlota Batista Machado, e a 2.ª vez com a cunhada Ambrosina, filhas do Comendador Carlos Batista Machado. Filhos:

10n-230 Maria Custória c.c. Dr. Júlio Cesar Queirós Guimarães.

Do 2.º casamento:

10n-231 Ambrosina de Almeida Magalhães, c.c. Eduardo de Almeida Magalhães Sobrinho.
10n-232 Dr. Custódio de Almeida Magalhães, c.c. Susana Hirck.
10n-233 Alberto de Almeida Magalhães, c.c. Maria Leonor Sete
10n-234 Cecília de Almeida Magalhães, c.c. Dr. Afonso de Azevedo.

Filhos dentre outros:

11n-219 *Dr. Afonso Henrique que Azevedo Júnior*, c.c. D. Maria Fonseca, Juiz municipal em Belo Horizonte, com as filhas: Consuelo e Maria Cecília.
10n-235 Olívia de Almeida Magalhães, c.c. João de Almeida Lustosa.
10n-236 Franklin de Almeida Magalhães, Poeta consagrado.
10n-237 Raul
10n-238 Fábio
10n-239 João
10n-240 Lavínia
10n-241 Guiomar

Do 2.º casamento com Mariana Custódia de Magalhães, teve o Comendador Francisco de Paula de Almeida Magalhães:

9n-135 Aureliano
9n-136 Mariana Isabel
9n-137 Dr. João Paulo de Almeida Magalhães, c.c. Cândida Teixeira de Almeida.

Pai de:

10n-242 Pedro, c.c. Sara Carneiro de Mendonça
10n-243 Rafael, c.c. Margarida Magalhães.
10n-244 Carolina, c.c. Geminiano Brasil de Oliveira Gois.
10n-244 Lívia, c.c. Eduardo Gomes Figueiredo
10n-245 Carmen, c.c. Eduardo Eugeniano Barroca

9n-138 Capitão Caitano de Almeida Magalhães Leite, c.c. Delfina Leocádia.

Pais de:

10n-246 José

2.ª vez c. com Rosa Amélia de Barros.

Pais de:

10n-247 Francisca Leite de Almeida Magalhães, c.c. Sinfrônio Lara
10n-248 Maria Amélia de Magalhães
10n-249 Mário de Noronha
10n-250 Caitana

9n-139 Dr. Gabriel de Paula de Almeida Magalhães, c.c. Maria do Carmo Monteiro de Almeida Magalhães, filha do Barão de Leopoldina

9n-140 Eduardo de Almeida Magalhães, c.c. Virgínia Vidal Carneiro e a segunda vez com Cândida Sobral de Almeida Magalhães.

Filhos do 1.º casamento:

10n-251 Eduardo Leite de Magalhães
10n-252 Alexina de Magalhães Pinto c.c. Dr. Floriano Leite Pinto
10n-253 Maria da Glória de Almeida Gama, c.c. Dr. Francisco Vilas Boas da Gama

Filhos do segundo casamento:

10n-254 Luis
10n-255 Aureliano
10n-256 Ângelo
10n-257 Plínio
10n-258 Abel
10n-259 Ana
10n-260 Mariana
10n-261 Rute
10n-262 Nair
10n-263 Judite

9n-141 Francisco Leite de Almeida Magalhães, c.c. Maria Luisa Teixeira de Magalhães.

Pais de:

10n-264 Amador, c.c. Judite Taine

10n-265 Paulo
10n1266 Adolfo
10n-267 Edgar
10n-268 Frederico
10n-269 Gabriel
10n-270 Maria, casada a 1.ª vez com Custódio Leite de Abreu e a segunda vez com Dr. Caitano Fonseca

9n-142 Ana Cândida de Magalhães Pinto, c.c. Francisco Leite Pinto
9n-143 Maria da Glória de Almeida Rocha, c.c. José Moreira da Rocha
9n-144 Emília
9n-145 Francisca de Paula Almeida Pinto, c.c. o Comendador Antônio Leite Pinto.

Qn-12 *Maria Antunes*, casada em 1707 em Itu com Autônio Soares Pais filho de Luis Soares Ferreira e de Catarina Dias Pais.

Filho:

Pn-15 Margarida Soares de Campos, c.c. José Sousa de Siqueira, natural de Guarulhos, filho de Antônio de Sousa de Siqueira e de Francisca Leme do Prado. Residiu em Anhumas entre Campins e Mogi-Mirim.

Filho:

Sn-20 João de Sausa Campos, falecido em Jundiaí em 1797, c. c. Úrsula da Silva Guedes, filha do Capitão Francisco Barreto Leme do Prado e de Rosa Maria de Gusmão.

Filho:

Hn-34 Rafael Antunes de Campos, c.c. Lucrécia Pais de Camargos, de Sorocaba

Filho:

8n-83 Alferes José Marcelino de Campos, casado em 1811 em São Carlos com Ana Joaquina de Morais, inventariada em 1847 em Campinas, filha de José Francisco de Morais e de Maria Angélica de Siqueira

Filho:

9n-146 D. Ludovina Emília de Morais, nascida em Campinas, casada em 1835 em S. Carlos com Manuel Antônio de Morais, nascido em Jundiaí e falecido a 8 de setembro de 1861, filho de Manuel Antônio Machado e de Gertrudes de Morais Pedroso.

Filho:

10n-273 D. Gertrudes Leopoldina de Morais, nascida em Campinas a 20 de outubro de 1840, casado em 21 de fevereiro de 1860 com Joaquim de Campos Barreto, nascido em Campinas a 17 de maio de 1831 e falecido a 2 de maio de 1900, filho de Jesuíno da Silva Ferraz e de Maria Joaquina Leite.

Filho:

11n-220 *Dom Francisco de Campos Barreto*

Dom Francisco de Campos Barreto

Eis um nome que revela ilustre figura do clero brasileiro. Nasceu em Sousa, município de Campinas, da província de S. Paulo, em 27 de março de 1877. Cedo madrugaram as suas tendências religiosas, que o levaram a ordenar-se,

D. Francisco de Campos Barreto
(Bispo de Campinas)

recebendo ordens na Catedral de São Paulo, em 22 de dezembro de 1900. Vigário foi da Vila Americana, Souzanópolis e Paróquia de N.S. do Carmo

de Campinas. Nomeado Monsenhor Camareiro Secreto de Pio X, antes Cônego Arcipreste do Cabido de Campinas. Procurador da Mitra e seu Consultor Diocesano.

Primeiro Bispo de Pelotas, Rio Grande do Sul, diocese criada pela Bula "Praedecessorum Nostrorum", de Pio X, sagrado por D. João Neri, em 27 de agôsto de 1911, na Catedral de Campinas. Nesta diocese revela-se grande administrador, realizando obras de relevância social e religiosa. Benedito XV transferiu o ilustre prelado para Campinas, na vaga de D. João Neri. Ali é que mais se acentuaram seu amor e devotamento às causas da religião e da instrução, legando a Campinas o seu ginásio e iniciando a construção da Casa Central do Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, que fundou. Foi D. Francisco de Campos Barreto belíssimo ornamento da Igreja Católica pela sua cultura, inteligência e capacidade de trabalho. Acumulou ainda os seguintes títulos honoríficos: Assistente ao Sólio Pontifício, Prelado Doméstico de sua Santidade e Conde Romano. Faleceu a 22 de agôsto de 1941.

7n-11 **Nuno de Campos Bicudo, casou-se em Itu, de onde era natural, com** Maria Pires da Silva, natural de Atibaia, filha de Antônio Pedroso e de Maria Leite de Proença.

Filho, dentre outros:

Qn-13 Filipe de Campos Leite, casado em Itu em 1739, com Jacinta de Arruda, filha do Capitão-mor Manuel de Sampaio Pacheco e de Verônica Dias Leite.

Filho:

Pn-16 Manuel Leite de Sampaio (do Tanque), que se casou em 1773 em Itu com Ana de Arruda Leite, filha de Antônio Rodrigues Leite de Sampaio e de Maria de Arruda Leite.

Filho:

Sn-21 **Filipe de Campos Neri, casado** em Itu em 1797 com Francisca Ferraz de Almeida, filha de Inácio Pais de Almeida e de Ana Ferraz de Campos.

Filho:

Hn-35 José Ferraz de Almeida (o Jugica do Tanque), casado com Ana do Amaral Sousa, filha do Alferes Fortunato, natural de Portugal, e de ..... Amaral Sousa.

Filho:

8n-84 *Comendador José Ferraz de Almeida Júnior.*
(Nota — Genealogia Paulistana de Silva Leme — Vol. 4.º pág. 198).

ALMEIDA JÚNIOR

José Ferraz de Almeida Júnior, conhecido e talentoso pintor a óleo, paulista, cujas obras são grandemente estimadas. Dentre elas destacam-se: "O Caipira Negaceando", "A partida da Monção"; retratos dentre os quais os de Prudente de Morais e Manuel Lopes de Oliveira, pertencentes ao Museu Paulista; "Amolação Interrompida", pertencentes ao Museu

dros do pintor, exibidos na Pinacoteca de São Paulo; "São Paulo no caminho de Damasco", tela restaurada pelo professor Vitório Gobbis, colocada no teto da sala, onde está "A Partida da Monção", na Pinacoteca.

Há no Museu Paulista a Galeria Almeida Júnior, em a qual figuram excelentes retratos, tais como os do Visconde do Rio Claro, Marechal Floriano, Presidente Fernandes Prestes, Dr. Peixoto Gomide, Barão de Piracicaba, Dr. Eusébio Stevaux, J. M. Mesquita.

Há no mesmo museu as telas: "Batismo de Cristo", "Cristo Crucificado" "Cozinha Caipira" (um das melhores telas de Almeida Júnior), "Apertando o lombilho"; paisagens como: "Tabatinguera", Rio das Pedras", "Um Mosqueteiro" e um estudo para o grande quadro da "Fuga para o Egito". pertencente à Pinacoteca. Calcula-se que o mestre de Itu haja pintado mais de trezentas telas.

A Partida da Monção é uma grande tela em que figuram numerosas pessoas de sua família, amigos e patrícios.

Um grande quadro de Almeida Júnior é também "Nhá Chica", que era criada de seus pais.

Eis em rápidos traços algo da personalidade de Almeida Júnior, notável artista.

Tn-12 Manuel de Campos Bicudo, foi pessoa de muita estimação e respeito em S. Paulo. Faleceu em 1722 e foi sepultado em S. Paulo na Capela dos Terceiros de S. Francisco. Foi casado com Luisa Leme de Barros, filha de Antônio Pedroso de Barros e de Maria Pires de Medeiros.

Filha;

Qn-14 Margarida de Campos Bicudo, casada em Itu em 1708, com Domingos Jorge Velho, Sargento-mor de batalha, filho do Cap. Salvador Jorge Velho e de Margarida da Silva.

Filha:

Pn-17 Maria Teresa Isabel Pais, falecida em 1749, em Itu, foi casada com Bartolomeu Bueno da Silva, Coronel do Regimento de Cavalaria de Goiás, filho de Bartolomeu Bueno da Silva e de Joana de Gusmão.

Filhos:

Sn-22 Bartolomeu Bueno de Campos Leme e Gusmão (Bartolomeu de Gusmão), *inventor do aerostato. Do alto da tórre da Casa das Indias, em Lisboa, em* 1709, *diante de D. João V e de sua córte, subiu pela primeira vez no seu aerostato. Era doutor em Cánones, Linguista. Nasceu em Santos e faleceu em Espanha.* (1685-1724).

Sn-23 Alexandre de Gusmão, Diplomata e Estadista. Nascido em Santos. Secretário particular de D. João V, Ministro de Ultramar, Escritor. Pertenceu a Academia dos Renascidos. (1695-1733).

UMA FIGURA DE MULHER NO TEMPO DOS BANDEIRANTES

M.S.C.A.

Folheando velhos papéis, datados do tempo em que os paulistas embrenhavam-se pelos sertões em busca da glória e da fortuna, encontramos um documento precioso que nos veio povoar a mente de divagações a respeito do modo de viver daquela gente.

Procuramos entrever nos dizeres, já meio apagados pelo tempo, com que fôra dirigido aquele testamento, a vida que levara, há mais de dois séculos, a sua autora — D. Margarida de Campos Bicudo — nobre dama paulista, espôsa e mãe de bandeirantes e senhora de grandes bens e numerosos escravos.

Apesar da singeleza com que fôra ditada aquela declaração, da ingenuidade das expressões e do pitoresco da linguagem, pudemos deduzir, atentando na maneira enérgica como a doadora resolvera as suas vontades, as suas características de mulher extraordinária, exemplo típico do espírito feminino da sua época.

D. Margarida de Campos Bicudo, em face da morte, soubera dar como sempre, justa disposição dos seus bens, distribuindo-os reta e equivalentemente entre os seus doze filhos. Às filhas, tôdas casadas, dizia ela no seu interessante testamento, já havia dado em vida os dotes a que tinham direito; aos filhos varões que, segundo as suas próprias palavras, "não tem tirado cousa alguma do que lhes tinha de legítimo de seu", legava, por morte, o restante dos bens. Recomendava-lhes, no entanto, que a tudo regessem com inteira justiça e em boa ordem, assistindo" no temporal como no espiritual "os escravos índios" para os administrarem e olharem por êles por serem incapazes de se regerem por si": para um outro escravo, João, a quem se afeiçoara pelos bons serviços prestados, pedia a liberdade incondicional, a fim de que "possa estar aonde êle quiser"; para outro serviçal, um mulato de nome Pedro, doava pela extrema amizade que sempre lhe havia demonstrado, um pequeno pecúlio; de outros serviçais, fazia doação a seu filho Nuno de Campos, pois que aquêles o haviam procurado "por sua livre vontade pelo bom tratamento que lhes dá".

Estas minúcias pintam-nos de um modo bem vivo e real o seu modo de pensar e de agir; no entanto, a sua personalidade melhor se traduz pelo reflexo das qualidades excepcionais que imprimiu no caráter de cada um de seus filhos. Foi esta, na verdade, a melhor parte da herança que lhes coube em partilha.

Extremamente religiosa, ela deu à Igreja Católica dois sacerdotes magníficos na fé e na devoção; um dêles, o seu filho mais velho, Felipe de Campos, foi um dos fundadores da Igreja Brasileira. O outro, Estanislau de

Campos, padre jesuíta, foi também notável educador; dotado de grande energia moral e física morreu aos oitenta anos de idade no mesmo Colégio de São Paulo, onde ensinara Latim e Filosofia. Entre as diferentes atividades a que consagrou a sua vida inteira, contam-se numerosos trabalhos: o de catequese e o da abertura e desenvolvimento de diversas fazendas no interior de São Paulo; ocupou muitos cargos, como mestre de Filosofia em Olinda, Reitor do Colégio do Espírito Santo, Reitor do mesmo Colégio de Olinda e, Reitor e Provincial na Bahia. Rigoroso na organização dos seus trabalhos, o Padre Estanislau de Campos era, no entanto, amável no trato e justo para com os seus colaboradores e alunos, que o idolatravam.

Foram bandeirantes os outros cinco filhos de D. Margarida de Campos Bicudo. Entre êstes, Manuel de Campos foi o mais audaz; fêz ao todo vinte e quatro entradas, percorrendo o nosso país em tôdas as direções, tendo chegado até as fronteiras do Paraguai.

Os filhos de D. Margarida de Campos Bicudo formaram, portanto, um tronco de colonizadores, trabalhando tanto para a expansão territorial do país como pela educação de espíritos incultos. Levaram os pródomos da civilização e do progresso às mais distantes paragens, nos sertões brasileiros. Dêles se diz que "em outro meio, por seus feitos e por suas letras, seriam Generais e Bispos; no Brasil ficaram chefes de bandeiras e simples religiosos".

D. Margarida de Campos Bicudo, exemplo de matrona paulista da era das conquistas, criando e educando sete varões que honraram a sua terra, mostra-nos de um modo bem claro o papel da mãe de família daqueles tempos.

As mães paulistas de hoje sabem que em qualquer época ainda são os verdadeiros artífices do espírito e do caráter dos seus filhos e que para torná-los dignos da herança moral que lhes ilustra o nome, não têm mais que seguir o exemplo das suas avós dos tempos coloniais.

NOTA: Margarida de Campos Bicudo: Avó de Ignácio de Oliveira Campos, marido de D. Joaquina.

SALVADOR PIRES, O PATRIARCA DA COLONIZAÇÃO VICENTINA

Um capítulo de interessante trabalho de investigação histórica levado a cabo pelos Srs. Professôres Ernesto de Sousa Campos e Dr. Cândido de Sousa Campos.

O brasileiro ainda não se habituou ao culto da tradição. Não tendo herdado, como os velhos das antigas civilizações, amor às coisas do passado, dedica desprêzo quase absoluto a tudo quanto representa a civilização balbuciante dos primeiros anos da nossa terra. Por isso, pela falta dêsse sentimento, em virtude do qual não se conservam, com o carinho merecido, os documentos dos séculos anteriores, quantos problemas costumam surgir, sem solução, aos historiadores! Quanta coisa se perdeu nos arquivos públicos, que só há poucos anos começaram a merecer a atenção dos homens do Govêrno e, até mesmo dos homens de estudo! Quanta coisa não ficou irremediàvelmente perdida em arquivos particulares, de que os responsáveis pela sua conservação os desfazem para desocupar lugar, como se fossem velharias imprestáveis!

Raros são os que zelam pelas suas tradições, pesquisando, investigando, percorrendo os arquivos, para saber quem foram os antepassados, o que fizeram, o papel que desempenharam na criação da civilização brasi-

leira, — para, dessa forma, poderem transmitir aos seus descendentes um pouco dêsse sentimento de tradição, que cada um devia manter. Se cada cidadão quisesse olhar para o seu passado, colhendo os dados referentes aos seus maiores, muita novidade poderia surgir aos olhos dos historiadores e muito esquecimento injusto seria reparado.

Um trabalho dessa natureza foi realizado pelos Srs. Drs. Ernesto de Sousa Campos e Cândido de Sousa Campos. Os dois ilustres paulistas meteram ombros à emprêsa de organisar a genealogia de sua família. O livro, ainda inédito, em que consignaram o resultado da sua paciente pesquisa, contém informações preciosas para a própria história de São Paulo. Descendo através dos galhos da sua árvore genealógica, puderam reconstituir tôda a história da sua família, até o seu tronco principal, que foi Salvador Pires, vindo para o Brasil com Martim Afonso de Sousa.

Dêsse interessante trabalho de investigação histórica, que bem merecia publicação, a "Fôlha da Manhã" obteve dos seus ilustres autores publicar o capítulo abaixo, que faz parte do prefácio.

Em Salvador Pires assentam, sob êste céu dos trópicos, as origens mais distantes da família. Com êle germinou e se multiplicou, anos em fora, a semente colonizadora importada da velha Europa. Semente provinda do melhor cerne português. É o que se deduz dos títulos da família Pires, que eram os "melhores daqueles tempos". Aqui aportou Salvador Pires, o "ilustre povoador", para empregar a designação de Taunay, em companhia de seu pai João Pires. Ambos alcançaram o litoral, misterioso e cheio de imprevistos, da Terra de Santa Cruz, em 1531. Vieram com a frota de Martim Afonso de Sousa. Salvador Pires foi, portanto, um dos maiores patriarcas do povoamento e colonização vicentina. Nêle se entroncam quase tôdas as grandes e antigas famílias de São Paulo. Dá sua união matrimonial com Maria Rodrigues, filha de Garcia Rodrigues, nasceu o segundo Salvador Pires. Êste seu filho, de igual nome, pelos seus dois casamentos, ambos realizados em São Paulo, deu origem às primogênitas linhagens de Piratininga. No primeiro, tomou por espôsa uma descendente de portuguêses. Daí veio o nosso ramo. No segundo, vinculou-se ao povo da terra, fazendo sua mulher uma descendente de Piqueroby, maioral da tribo de Ururahy, da nação Guayaná. Do seu primeiro matrimônio veio, entre seus filhos, Beatriz Pires, a mãe do Capitão Manuel Pires. Manuel Pires, casando-se com uma filha de Antônio Bicudo Carneiro, foi o progênitor de Margarida Pires Bicudo, espôsa de Felipe de Campos Vander Borg (Bandergorg) que, por essa união, realizada em 9 de setembro de 1643, constituiu o núcleo principal da família Campos, hoje onze gerações sucessivas vividas, ininterrupta e integralmente, em território paulista.

O segundo enlace de Salvador Pires com Méssia Fernandes, neta do chefe índio Piqueroby e filha do português Antônio Rodrigues com a índia batizada pelo nome de Antônia, cimentou a base primacial de muitas das mais antigas e conhecidas famílias de São Paulo. Esta ligação, pela linha feminina, com o cacique Piqueroby, integra-se nas árvores genealógicas de quase tôdas as velhas estirpes paulistanas. É assim a família Campos intimamente relacionada com essas primitivas linhagens paulistanas, algumas tão antigas quanto ela, pela mesma origem ancestral comum em Salvador Pires e pelos

entrelaços ocorridos, através dos tempos, em virtude de um convívio, várias vêzes secular, dentro do mesmo ambiente das terras de Piratininga.

A influência de Salvador Pires na colonização de São Paulo e quiçá do Brasil inteiro, pela vultuosa descendência que dêle se originou e se derramou pela terra nova, não nos parece ter sido ainda suficientemente focalizada pelos eruditos no assunto.

É um ponto histórico que merece ser melhor esmiuçado e elucidado. Apresenta-se, ao primeiro exame, como sendo capaz de desdobrar-se em múltiplos e cativantes aspectos. Para êle deveria voltar-se a atenção dos ilustres patrícios que tão proficiente e carinhosamente se ocupam das coisas da nossa terra. Existe grande controvérsia entre os autores sôbre estes dois Pires, pai e filho, ambos portadores de igual nome. Pedro Taques e Silva Leme parece-nos serem os que melhores fontes oferecem, neste sentido. Foram os que nos serviram de guia ao abordarmos êste ponto.

A família Campos também encontra em Salvador Pires, filho, a sua mais recuada raiz vicentina. Dêle veio a linha portuguêsa do seu tronco mestre, originado pelo caldeamento das raças flamenga e lusitana com um traço de vivo sangue castelhano, trazido por Antônia del Campo, mãe de Felipe de Campos van der Borg (por corrupção chamado, em muitos documentos, Banderborg ou Wanderborg), embaixador flamengo destacado na Espanha. Antônia era, portanto, natural de Espanha e não de Portugal, como por engano se tem escrito. É, pelo menos, o que se deduz da biografia de um de seus netos, o Padre Estanisláu de Campos: "etenim juncta sibi in uxorem Antônia del Campo domicillium alio transmittens pro Luzitânia Hispaniam mutavit".

Para formação da linha genealógica que ora nos interessa, muitos outros notáveis colonizadores influiram. Eram homens no vigor da idade, ansiosos por aventuras e que aqui vieram exercer o engenho da sua prodigiosa atividade. Dêles — de todos êles — só podemos sentir imenso orgulho. Exerceram funções sociais de alto relêvo, nelas imprimindo sempre uma feição moral de rara magnitude. Suas figuras projetam-se, sem uma sombra, no cenário da rude e difícil peleja que abriu à civilização um novo mundo. Aqui, ou na península ibérica, ou nas terras banhadas pelo mar do Norte, ocuparam posições de prol, mantendo sempre a mesma trajetória que os elevou no conceito dos seus pares. Nos campos de Piratininga, lançaram as bases de sua família e nêles repousaram quando a morte os colheu em meio dos trabalhos que a si mesmo se impuseram. Morreram sem jamais voltarem ao país de origem. Nem a louçania da metrópole portuguêsa, nem os atrativos multiformes dos grandes centros europeus, desviaram a rota que haviam traçado. Fascinados pelo sertão virgem, áspero e selvagem, nêle viveram até o derradeiro alento. Não exportaram, por isso, o ouro que suas descobertas deram às mãos cheias. Onde o colheram, deixaram cair os frutos que dêle emanaram. Com êles teceram as bases civilizadoras de uma nação futura.

Quais foram êsses formadores de uma nova raça? Nos que de mais perto nos tocam, foram: — Salvador Pires, Garcia Rodrigues, Antônio de Arruda e Sá, Felipe de Campos Vander Borg (Banderborg), para só falar nos principais.

Salvador Pires

Sôbre Salvador Pires, pai, já fizemos um ligeiro esbôço. Vindo com Martim Afonso de Sousa, aqui, casou-se com Maria Rodrigues. No ano de

1553, vinte anos depois de ter aqui aportado, passou da Vila de São Vicente para a de Santo André, onde lhe foi dado "meia légua de terras no Tapera que tinha sido alojamento do indio Baibehú, partindo pelo campo de Piratininga, direito à serra, por ser dito Pires lavrador potentado que dava avultada soma de alqueires de trigo ao dízimo, além da colheita de outros frutos todos os anos". O segundo Salvador Pires teve "grandes lavouras mantidas por inúmeros trabalhadores, que eram índios catequisados sob sua administração". Foi pessoa principal no Govêrno da República e faleceu, com testamento, em São Paulo, em 1592, na sua fazenda de cultura situada acima da cachoeira Patuahy, no rio Tieté, com uma legua de terra em quadro".

Nos arquivos da Câmara Municipal de São Paulo existem numerosos documentos com a sua assinatura. Êsses documentos são, naturalmente, incompletos. Alguns perderam-se, outros foram roídos pelas traças. Pelo exame do que ficou, vemos que êsse Pires foi almotacel várias vêzes, em 1562, em 1579 e 1583; foi "procurador do conselho", em 1563, no mesmo ano em que João Ramalho era Capitão-mor da Vila de São Paulo; Juiz em 1573 e Vereador (naquele tempo êles eram em número de um ou dois), em 1578 e 1582.

Dêsses documentos transcrevemos, por julgá-la muito interessante, a ata ou "Auto de ajuntamento do povo", lavrado aos oito dias do mês de dezembro do ano de 1562, para efetivar a nomeação de Salvador Pires como representante oficial da Vila de São Paulo, capitania de São Vicente, a fim de se dirigir ao litoral para "requerer coisas necessárias para a vila":

"Auto de ajuntamento do povo. — Ano de nacimto de noso sôr jeshu xpõ de mill e quinhentos e sesenta e dous anos nesta vila de são paulo capitania de são vieste de que o capitão e gdor. marty a.ª de souza per ell rei noso sñr aos ouito dias do mes de dezebro. da dita éra digo de mill quinhentos e seseta e dous anos nesta dita vila nas pouxadas de jorge moriera vereador na dita vila logo no dito dia e na dita caza logo ai forão juntos cõve ha saber jorge moreira vereador e ho juiz aãt.º de maris cõ os moradores pª se fazer hua precuração a salivador pires pa. ir mar a requere cousas q. são necessarias pa. esta vila e pr. quã. to. ho dito salivador pires queria e lhe era necessairo dinheyro pa. gastar e alguas cousas q. o dito salivador pires requerer e prol e proveito desta vila e pelos ditos moradores foi dito jutam. te e cada hu por sim q. eles se obrigavão a dar e pagar o q. a cada hu lhe viese e conta asim o ouvirão por bem ho asinarão aqui eu j.º prz escrevão q. ha escrivi. — ant.º de mariz — jorge moreira — lopo diniz — batezear nunes — fr. co piz — p.º — frz — alvaro nunes — f.º aires — pero dias — cristovão albuz — g.º fiz-grasia roiz — domignos luiz grou — f.º — fernão — albuz — simão jorge".

Garcia Rodrigues chegou poucos anos depois do primeiro Salvador Pires. Natural do Pôrto, veio com sua mulher Isabel Velho e onze filhos, entre os quais o atilado Padre Garcia Rodrigues Velho. Êste, "por sua influência e prestígio, conseguiu, para suas irmãs, casamento com pessoas da primeira nobreza em São Paulo". Realmente, sua irmã mais velha, Maria Rodrigues, contraiu núpcias com o primeiro Salvador Pires e a segunda, Isabel

Rodrigues, foi espôsa de Antônio Bicudo Carneiro, dois homens de grande relêvo naquela época.

Pelas atas da Câmara de Santo André da Borda do Campo, existentes no arquivo municipal de São Paulo, vê-se que Garcia Rodrigues foi vereador desta vila em 1555; juiz, em 1556, com João Ramalho por capitão e alcaide-mor; e almotacel, em 1557, sendo João Ramalho vereador e alcaide-mor. Na Vila de São Paulo foi vereador, em 1563, no mesmo ano em que seu genro, Salvador Pires, era procurador do Concelho e João Ramalho Capitão-mor da vila; foi ainda almotacel em 1564 e 1587, e juiz em 1594.

ANTÔNIO BICUDO CARNEIRO

Antônio Bicudo Carneiro, "pessoa de qualificada nobreza pela família dos seus apelidos", veio para o Brasil em época talvez anterior a 1585. Fundou em São Paulo uma fazenda em Carapicuhyba. "Foi da governança da terra, ouvidor da comarca da capitania de São Vicente e São Paulo". Dos esponsais de uma filha de Antônio Bicudo Carneiro com um neto do segundo Salvador Pires e trineto de Garcia Rodrigues, nasceu, entre as nove descendentes, Margarida Pires Bicudo, espôsa de Felipe de Campos Van der Borg (Banderborg). Uma de suas irmãs foi mulher do bravo bandeirante Antônio Raposo Tavares; outra, de Diogo da Costa Tavares. Pelas provas documentais, existentes no arquivo municipal de São Paulo, verifica-se que Antônio Bicudo também ocupou altos cargos na nascente vila de São Paulo. Foi vereador, duas vêzes, em 1575 e 1581; almotacel em 1576; juiz em 1577, 1579, 1584.

Foi Antônio Bicudo Carneiro quem mandou levantar pelourinho na Vila de São Paulo, em 158ɔ. Suas núpcias com Isabel Rodrigues, filha de Garcia Rodrigues, deram seis filhas, uma das filhas, Maria Bicudo, foi progenitora de Margarida Pires Bicudo, espôsa de Felipe de Campos Van der Borg.

FRANCISCO DE ARRUDA E SÁ

Francisco de Arruda e Sá era da mais velha fidalguia lusitana. Veio para São Paulo em 1654. Ocupou "honrosos cargos da governança de Parnaíba, onde fêz assento e onde faleceu em 1684". Casando-se com Maria de Quadros, teve, entre seus nove filhos, Antônia de Arruda, avó e bisavó dos sargentos-mores Antônio Ferraz de Campos, pai e filho, que formaram um dos afluentes principais da linha direta da família oriunda de Felipe de Campos Van der Borg (Banderborg). Finalmente, êste último, vindo da Universidade de Coimbra, fixou residência em Parnaíba, onde se casou, em 1643, e onde faleceu em 1681, deixando testamento cujo original foi encontrado, nos papéis que pertenceram ao primeiro cartório de órfãos da Capital e reproduzido no livro de Inventários e Testamentos, publicação oficial do Arquivo do Estado de São Paulo, vo. XXI, 1921, págs. 225 a 252.

Era o mais moço dos filhos do nobre flamengo Felipe Van der Borg (Banderborg). "Vendo agitadas as cousas pelos sucessôres da guerra e concitado pelo amor da glória humana, alistou-se como soldado voluntário, veio para o Brasil e do Rio de Janeiro, que é a metrópole do Brasil, transladou-se para Paulópolis (cidade de São Paulo), que é outra cidade da mesma região".

"Igitur ex tribus filiis hic procreatis Philipus de Campos Banderborg natu minimus, cum eo maxime temporis arderent omnia belli tumultibus, inter milites voluntarios humanae gloriae cupidini adscriptus in Brasiliam venit, et a Januarii Flumine, quod Brasiliae urbs est, alteram ejusdem civitatem rigionis Paolopolim se contulit".

Contraindo matrimônio com Margarida Pires Bicudo natural de São Paulo, estabeleceu a "primeira estirpe da família, que denominou Campos, hoje extensamente propagada". Foi Felipe de Campos Van der Borg (Banderborg) "capitão muito estimado em São Paulo por sua civilidade, cortezia e boa instrução, e ocupou os honrosos cargos do govêrno". Nasceram dêsse casamento doze filhos sete homens e cinco mulheres. Uma das filhas mais moças, de nome Isabel, casando-se, depois da morte do pai, com Pedro Dias Leite, continuou o eixo mestre dos Ferraz de Campos e Sousa Campos.

Dêsse enlace proveio, como diz Paulo Setubal, "larga e intrépida ninhada de sertanistas". Os dois filhos mais velhos, Felipe e Estanisláu, dedicaram-se à vida eclesiástica. Outros dois, o terceiro e o quinto, Manuel e José, seguiram o bandeirismo.

(Fôlha da Manhã, de 29-5-1938).

OS MACIÉIS

Origem da família Maciel

Silva Leme — Vol. 8.º pág. 150 Título "Maciéis"

"A família Maciel teve origem em São Paulo em João Maciel, natural de Viana, de conhecida nobreza, o qual passou ao Brasil com filhos e filhas no fim do século. (Estava já em São Paulo em 1570). Foi casado com Paula Camacho. Nós, pelos documentos que encontramos nos arquivos de casamento da Sé de São Paulo e nos cartórios de órfãos da mesma cidade, conseguimos determinar com certeza os seguintes filhos:

Cap. 1.º Ana Maciel
Cap. 2.º Maria Maciel
Cap. 3.º Catarina Camacho
Cap. 4.º João Maciel
Cap. 5.º André Maciel
Cap. 6.º D. .....
Cap. 7.º Justa Maciel
Cap. 8.º Batista Maciel
Cap. 9.º Lucrécia Maciel
Cap. 10.º Domingos Maciel".

Sôbre a família Maciel, damos abaixo um pequeno trecho da cópia de original antiquíssimo e obedecendo à grafia, a qual nos foi fornecida mui gentilmente pelo Dr. Leopoldo Maciel, Deputado Federal.

"Joze Dias Maciel filho legitimo de Domingos Dias Maciel, e de Simoa Maciel Salgado nasceu a 20 de Abril de 1688 na freguezia de Nossa Senhora do Monteserrate da Villa de Viana do Arcebispado de Braga, e foi baptizado a 24 do d.º mes de Abril do dicto anno. Nos principios da Villa de Pitangui no anno de 1715 pouco mais ou menos, veio nella estabelecer-se em mineração com fabrica, e lavras no Rio Pará, contiguas a Barra de São João. Cazou-se com D. Damiana, que no Chrisma mudou o nome para Joanna Maria Bicudo, filha legitima de Manoel Picão Camargo e de Anna Maria Bicudo, a 25 de julho de 1739.

Na Matriz da da. Villa. L.º 2.º de Cazamentos a fs. 72. Sua dita mulher nasceu na freguezia da Senhora da Conceição do Serro deste Bispado de Mariana, foi baptizada na Capella de São Gonçalo das Congonhas da mencionada freguezia em 1719 por hum Frade Franciscano Conventual da Bahia que cazualmente passava por aquelle lugar, pouco povoado, e por isso não houve aponto. do seu batismo; mas consta dos autos do seu cazamento na justificação que fes, no Juizo Ecleziastico da Villa do Sabara. Os Pais desta são naturaes de São Paulo. Sua May he irmã inteira do Capitam An-

tonio Rodrigues Velho, 1.º Juiz Ordinario, e creador da Villa de Pitangui, vulgarmente chamado o Velho da Taipa, e chefe da Familia da Taipa, naquella Va. por serem filhos legitimos de Garcia Rodrigues Velho. e de Isabel Bicudo, he natural da Villa de Coritiba na Provincia de São Paulo. Joze Dias Maciel servio. os cargos de Justiça segte. na sobred. a. V. a. de Pitangui. Foi Almotacel em 7bro. e 8bro. de 1734. Em Mço. e Abril de 1737. Em Julho e Agosto de 1741. E Setb.º e 8bro. de 1743. Em Janr.º e Fevro. de 1745. Foi Vereador em 1736. Juiz Ordinario em 1744. Falleceu a 28 de 7br.º de 1735. L.º de Obitos a fs. jaz na Matriz desta Va. Sua mer. Joanna Maria Bicudo falleceu a 28 de Junho de 1786. Jaz na Matriz desta Va. L.º 5.º de obitos a fls. 342.

Do Matrimônio de Joze Dias Maciel e Joanna Maria Bicudo, nascerão os filhos seguintes:

Rita Maria de Jezus Maciel — Antonia Maria do Espirito Santo — Joze Dias Maciel — Jeronimo Dias Maciel — Theodora Pires Monteiro — Maria Roza de S. Joze — Alexandre Dias Maciel — Ana Maria de Jezus".

A descendência dêstes filhos se acha em outro local.

Interessa-nos os capitulos 1.º e 6.º acima referidos.

Cap. 1.º Ana Maciel

F-1 Ana Maciel, c.c. Dom Jorge de Barros Farjado, falecido em 1615 em S. Paulo natural de Ponte Vedra. reino de Galiza, filho de Belchior de Barros e de Catarina Vaz

Filho:

N-1 Catarina de Barros, falecida em 1667 em São Paulo, c.c. Sebastião Barradas, (seu primeiro marido), falecido em 1627

Filho:

Bn-1 Maria Carneiro, falecida em 1705 em São Paulo, casada em 1632 em São Paulo com Manuel Álvares de Sousa, da ilha de São Miguel, filho de Baltasar Vaz de Sousa e de Leonor Manuel.

Filho:

Tn-1 Isabel Manuel Álvares de Sousa, c.c. Francisco Vieira Antunes, natural de São Martinho de Ventosa, filho de André Vieira e de Águeda Dias

Filhos:

§ 1.º

Qn-1 Capitão Inácio Vieira Antunes

§ 2.º

Qn-2 Ana Maria Vieira

§ 1.º

Capitão Inácio Vieira Antunes

Qn-1 O Cap. Inácio Vieira Antunes foi casado com Maria da Cunha, viúva de Manuel Vicente Pereira, filha de Belchior da Cunha Barregão e de Antônia Furtado.

Filho:

Pn-1 Maria Vieira da Cunha, casada a 1.ª vez com Gaspar de Matos,

natural da Vila de Aguiar, filho de Sebastião de Matos e de Isabel de Araújo

Filho:

Sn-1 Maria Josefa de Matos, nascida em 1747 em São Paulo e ai falecida em 1763, c.c. o Cap. Francisco Sales Ribeiro, Juiz Ordinário, natural de Lisboa, onde nasceu em 1687, falecido em São Paulo em 1779, filho de Manuel Gonçalves e de Domingas Antunes

Filho:

Hn-1 Cap. Bento José de Sales, c.c. Ana de Pontes Heirós, natural de Santo Amaro, onde se casou em 1749, filha de João Moreira Garcia e de Maria Heirós.

Filho:

8n-1 Alferes Antônio José de Matos, nascido em Santo Amaro em 1771 e falecido em 1841 em Campinas, casado em 1794 com Ana Custódo Sacramento, filha do Te. Domingos da Costa e de Maria Barbosa do Rego, natural de Jundiaí

Filho:

9n-1 Alferes José de Sales Leme, nascido em Campinas em 1796 e falecido em 1858 na mesma cidade, c.c. Maria Euquéria de Camargo, filha do Alferes João Leite de Camargo e de Isabel de Campos e Almeida

Filho:

10n-1 Te. Cel. Francisco de Paula Sales, nascido em Campinas em 1814 e falecido em 1877 na mesma cidade, c.c. Ana Cândida Ferraz Sales, nascida em Campinas em 1816, casada em 1837, em Limeira, e falecida em 1896 em Rio Claro, filha do Cap. Manuel Ferraz de Campos e de D. Francisca de Assis Leite

Filho:

11n-1 *Dr. Manuel Ferraz de Campos Sales*, nascido em Campinas a 13 de fevereiro de 1841 e falecido a 28 de junho de 1913. Presidente da República de 1898 a 1902, c.c. D. Ana Gabriela de Campos a 8 de agôsto de 1865.

§ 2.º

Ana Maria Vieira

Qn-2 Ana Maria Vieira, casada com Manuel dos Santos Coelho, português

Filho:

Pn-2 Manuel Alves Vieira, natural e batizado em São Paulo, c.c. Clara Maria do Amaral, natural de Santos

Filho:

Sn-2 Margarida da Silva Amaral, casada em Parati a 22 de setembro de 1732 com José Alves de Oliveira, oriundo de Santo Tirso de Páramos, comarca da Vila de Feira, Bispado do Pôrto, filho de Antônio Leite, de São João da Madeira, e de Isabel Álvares da freguesia de Páramos.

Filho:

Hn-2 Maria Rosa da Anunciação, que se casou com o Alferes Antônio Pires Querido Portugal (segundo marido), português.

Filho:

8n-2 Joaquina dos Anjos Querido, c.c. .....

Filho:

9n-2 Maria Luisa dos Santos Querido, c.c. .....
Esta foi avó materna de:
Isabel Perpétua de Marins, c.c. Te. Domingos Rodrigues Alves

Filho:

10n-2 Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, c. c. D. Ana Guilhermina de Oliveira Borges, falecida a 29 de dezembro de 1891, filha de José Martiniano de Oliveira Borges, falecido em 1870, Deputado, e de D. Guilhermina Cândida, falecida em 1918.

Com geração em São Paulo

CONSELHEIRO FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES

Uma notável figura de político e administrador foi êsse paulista que se assentou na curul presidencial no 4.º quatriênio da República. Político, tanto basta para o definir e consagrar a sua reeleição para Presidente da República no 8.º quatriênio, vendo-se obrigado a passar o govêrno, por motivo de moléstia ao Vice-presidente Delfim Moreira da Costa Ribeiro.

Há quem considere o Conselheiro Rodrigues Alves o maior dos Presidentes que a República tem tido. E a explicação do êxito de sua administração está na habilidade com que soube organizar o seu govêrno, compôsto de homens expoentes, tais como Barão do Rio Branco, Osvaldo Cruz, Pereira Passos e Lauro Müller.

Vindo a falecer, elegeu-se na interinidade de Delfim Moreira, para a substituí-lo, o Conselheiro Afonso Augusto Moreira Pena.

Nos domínios do saneamento e do embelezamento do Rio de Janeiro Rodrigues Alves operou milagres em sua administração, por intermédio dos dois grandes vultos nacionais — Osvaldo Cruz e Pereira Passos, de memórias imperecíveis — um, dando combate à febre amarela, que se extinguiu, e o outro, remodelando arrojadamente a velha capital brasileira, marcando nova era de modernização e embelezamento em seu plano urbanístico.

Tornou-se, em seu govêrno, obrigatório a vacina anti-variólica, em virtude do que teve que vencer dificuldades de tôda ordem, até levantes militares, com o intuito da deposição do Presidente da República, dos quais resultou a morte do General Travassos.

Construiu o Cais do Pôrto, obra de grande relevância.

Há a assinalar neste memorável quatriênio um acontecimento que encheu de consternação a sociedade brasileira — a explosão do Couraçado

Aquidaban, causando a morte de 212 pessoas, dentre as quais três almirantes da Armada Nacional. Pesado luto cobriu a nação.

As estradas de ferro tiveram no Govêrno Rodrigues Alves notável desenvolvimento, no aparelhamento do material e na extensão dos trilhos. Data dêsse govêrno a instituição do cardinalato sul-americano, sagrando-se Cardeal

Presidente Rodrigues Alves

Dom Joaquim Arcoverde Albuquerque Cavalcanti. Assim fulgura o brilhantismo e se estende a benemerencia do Govêrno Rodrigues Alves, que a nação reconhecida premiou com a reeleição.

NOTA — Para êste parágrafo utilizámo-nos dos "Subsídios Genealógicos", de Carlos da Silveira.

Capítulo 6.º

NOTA — Silva Leme no vol. 8.º pág. 263:

"N (cujo nome não podemos descobrir), que veio de Portugal em companhia de seus pais, casada com Antônio Antunes)".

F-2 N..... Maciel, c.c. Antônio Antunes

Filho:

N-2 Gabriel Antunes Maciel, falecido em 1649 em São Paulo, casado

com Méssia Cardoso (1.º casamento), filha de Antônio Lourenço e de Isabel Cardoso.

Filho:

Bn-2 Antônio Antunes Maciel, nascido em São Paulo em 1649, casado a 1.ª vez com Ana de Campos, filha de Felipe de Campos e de Margarida Bicudo.

Dêste casal descendem:

D. Sebastião Leme, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro

A família Almeida Magalhães

D. Francisco de Campos Barreto, Bispo de Campinas.

NOTA — O leitor deverá procurar a descendência de Ana de Campos e Antônio Antunes Maciel em outro local.

A FAMÍLIA ÁLVARES CABRAL

ENTRALAÇADA COM

A DE ISABEL VELHO E GARCIA RODRIGUES

Álvaro Gil Cabral, Alcaide-mor de Belmonte, senhor da Cidade da Guarda, de Azurara, Valhelas, etc., c.c. D. Maria Eanes de Loureiro

A) Maria Álvares Cabral

B) Luis Álvares Cabral

A) Maria Álvares Cabral, c.c. Fernão Velho, Cavaleiro da Ordem de Cristo de S. Tiago, Alcaide-mor e Senhor do Castelo e Terra Veleda, Senhor do Souto da Mercê, etc.

Pais de:

F-1 Violante Álvares Cabral, c.c. Diogo Gonçalves Travassos, filho de Martim Gonçalves Travassos e de Catarina Dias

Pais de:

N-1 Nuno Velho Travassos, c.c. África Anes, filha de Gonçalo Anes e de Simôa de Sá

Pais de:

Bn-1 Isabel Nunes Velho, c.c. Fernão Vaz Pacheco, filho de Pedro Vaz Pacheco e de .....

Pais de:

Tn-1 Gonçalo Martins Leite, c.c. Maria da Silva

Pais de:

Qn-1 Pascoal Furtado, falecido em 1614, c.c. Isabel Prado, falecida em 1668 filha de João Prado e de Filipa Vicente

Pais de:

Pn-1 Maria Leite da Silva, c.c. Pedro Dias Leme, filho de Fernão Dias Pais, e de Lucrécia Leme

Pais de:

Sn-1 Fernão Dias Pais Leme, falecido em 1681, descobridor de esmeraldas, deixou nome na história de S. Paulo pelos feitos que o imortalizaram. Dotado de grandes sentimentos religiosos, fundou em 1660 o Mosteiro de S. Bento, em S. Paulo, onde está

sepultado. Casado c. Maria Garcia Betim (Bettimk ou Betting corrompido para Betim), filha Garcia Rodrigues Velho (paulista) e de Maria Betim, aquêle filho de Garcia Rodrigues Velho (português) e de Catarina Dias; Maria Betim, filha de Geraldo Betim (Bettimk), alemão, casado com Custódia Dias, neta do régulo brasílico Tibiriçá. Garcia Rodrigues Velho (o português) era neto de Garcia Rodrigues e de Isabel Velho, procedentes das mais nobres linhagens dos ricos homens da Península, engarfados à genealogia dos antigos reis proclamados na conquista da Espanha.

(Diogo de Vasconcelos — História Antiga das Minas Gerais pág. 188.

Filhos:

Hn-1 Maria Leite, c.c. o Tenente General do Mato, Manuel de Borba Gato, filho de João de Borba e de Sebastiana Rodrigues

Hn-2 Mariana Pais Leme, falecida em 1738 em Parnaíba, c.c. Francisco Pais de Oliveira Horta, falecido em 1701, em Parnaíba, filho de Salvador de Oliveira Horta e de Antônia Pais de Queirós.

Filho:

8n-1 Francisca Pais de Oliveira, c.c. o Cel. Caitano Alves Rodrigues, português.

Filho:

9n-1 Te.-cel. José Caitano Rodrigues Horta c.c. Inácia de Arruda Pires, filha do Guarda-mor Maximiano de Oliveira Leite e de Inácia Pires de Arruda.

Filhos descritos em outro local

Sn-2 Sebastiana Dias Leite, falecida em 1670, c.c. Bento Pires Ribeiro, prestimoso cidadão de S. Paulo, filho de Salvador Pires de Medeiros Capitão da gente de S. Paulo pelos anos de 1620, e de Inês Monteiro de Alvarenga. Bento Pires faleceu em 1669.

Filha:

Hn-3 Inês Monteiro da Silva, c.c. José de Campos Bicudo, filho de Filipe de Campos Brandemburg e de Margarida Bicudo

Filha:

8n-2 Margarida de Campos Bicudo, c.c. Antônio Rodrigues Velho (o Velho da Taipa), filho de Garcia Rodrigues Velho e de Isabel Bicudo

Filha:

9n-2 Ana de Campos Monteiro, c.c. Inácio de Oliveira

Filho:

10n-1 *Cap. Inácio de Oliveira Campos, c.c. D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco.*

Sn-3 Verônica Dias Leite, c.c. Manuel Ferraz de Araújo, português.

Filhos descritos em outro local

B) Luis Álvares Cabral, Alcaide-mor de Belmonte, c.c. Constança Anes Loureiro.

Pais de:

F-1 Fernão Álvares Cabral, Guarda-mor do infante Dom Henrique, c. c. Teresa Novais de Andrade

Pais de:

N-1 Fernão Cabral, Alcaide-mor de Belmonte, c.c. Isabel de Gouveia

Pais de:

Bn-1 Pedro Álvares Cabral, c.c. Susana Moreira, filha de Jorge Moreira e Isabel Velho. Pedro Álvares Cabral, Governador da Capitania de São Vicente

Pais de:

Tn-1 Maria Moreira, c.c. Inocente Prêto, natural de Portugal

Tn-2 Branca Cabral, casada a 1.ª vez com Simão da Costa, natural de Beja, falecido em 1611, filho de Luis de C. Cabral e Antônia Gomes Frois; 2.ª vez casada com Domingos Luis, o Carvoeiro

Tn-3 Cap. Pedro Álvares Moreira Cabral, falecido em 1639, Sebastiana Fernandes, filha do Capitão-mor André Fernandes e Ana Rodrigues Cabral

Tn-4 Inês Pedroso, c.c. João Leite Furtado, filho de Pascoal Leite Furtado e Isabel do Prado

Tn-5 Ana Cabral, c.c. Luis Dias Leme, filho de Antão Leme e de..

Tn-6 Cap. João Moreira, c.c. em 1632 em S. Paulo com Gregoria da Silva, filha de Cosme da Silva e de Isabel Gonçalves

Tn-7 Isabel de Pedrosa, c.c. Francisco Rodrigues de Sarzedas

Bn-2 Pedro Álvares de Gouveia, que depois da morte do irmão mais velho passou a assinar Pedro Álvares Cabral. Descobridor do Brasil. Governador da Beira, Portugal, onde revelou grande tino administrativo e muita energia. Capitão-mor. Almirante, Comandante da Esquadra que em 1500 se destinava às Indias. Casado com Isabel de Castro. Viveu Pedro Álvares Cabral de 1467 a 1518. Seus restos mortais foram encontrados na Sacristia do Convento da Graça, em Santarém, em uma sepultura rasa com uma lousa, trazendo a seguinte inscrição: "Aqui jaz Pedro-Alves Cabral e Dona Isabel de Castro, sua mulher, cuja he esta capella he todos seos herdeyros aquall depois da morte de seo marido foi camareira-mor da infanta Dona Marya fylha de El Rey dô João noso Snor hu terceyro deste nome".

Trasladados para o Rio de Janeiro em 1904, os restos mortais do descobridor do Brasil se acham numa das paredes da Catedral.

Relação de parentesco entre a família do Dr. Getúlio Vargas e a de Dona Joaquina do Pompéu.

O Dr. Getúlio Vargas é parente dos descendentes de Dona Joaquina do Pompéu.

Eis a prova:

Domingos Luis de Grou da família de Luis Anes ou Ianes, de Portugal casou-se com uma filha do cacique da Aldeia de Carapicuibas e teve dentre outros as duas filhas seguintes:

A) Hilária Luis de Grou

B) Maria Luis de Grou

A) *Hilária Luis de Grou*

Hilária Luis de Grou, c.c. Belchior Dias Carneiro, filho de Beatriz Dias (filha de Tibiriçá, régulo de Piratininga) e de Lopo Dias (Vide Genealogia Paulistana de Silva Leme — Vol. 9.º pág. 224).

Filha:

Suzana Dias, c.c. Manuel Fernandes Ramos (Silva Leme Vol 7.º pág. 224).

Filha:

Custódia Dias, c.c. Geraldo Betting, natural do Ducado de Gueldres, cidade de Drusbruch.

Filha:

Maria Betting, c.c. Garcia Rodrigues Velho, filho de Garcia Rodrigues Velho e de Catarina Dias.

Filho:

Cel. Garcia Rodrigues Velho, casado em Curitiba com Mariana de Campos, segundo uma petição em que Antônio Alves da Silva pede dispensa de impedimento matrimonial, petição que vai publicada no fim desta obra.

Filho:

Garcia Rodrigues Velho, c.c. Isabel Bicudo.

Filho:

Antônio Rodrigues Velho, c.c. Margarida de Campos, filha de José de Campos Bicudo e de Inês Monteiro.

Filha:

Ana de Campos Monteiro ou Ana Margarida de Campos, c.c. Inácio de Oliveira, natural da cidade da Bahia.

Filho:

Cap. Inácio de Oliveira Campos, c.c. Dona Joaquina Bernarda Silva de Abreu Castelo Branco.

São descendentes diretos dêste casal os seguintes políticos vivos: Francisco Campos, ex-Ministro da Justiça, Dr. Benedito Valadares Ribeiro, Deputado Federal e ex-Governador do Estado de Minas Gerais, Ovídio Xavier de Abreu, Deputado Federal, José de Vasconcelos Costa, Deputado Federal, Emílio de Vasconcelos Costa, Deputado Estadual, Paulo Campos Guimarães, Deputado Estadual, Simão da Cunha Pereira, Deputado Estadual.

B) *Maria Luis de Grou*

Maria Luis de Grou, falecida em 1643, c.c. Simão Álvares Martins, filho de Marcos Fernandes, falecido em 1594 e de Maria Afonso (Vide Silva Leme Vol. 1.º Introdução).

Filha:

Hilária Luis, c.c. João Gomes de Mendonça, filho de Rui Gomes e de Helena Bergara.

Filha:

Maria de Mendonça, casada em 1654 com Antônio Rodrigues de Matos.

Filha:

Helena Mendonça, casada em 1672 com Gaspar Mendes de Reimão, de São Paulo.

Filho:

Antônio Rodrigues de Matos, c.c. Margarida Soares de Almeida, filha de Serafim Correia e de Isabel de Anhaia (Vide Genealogia Paulistana de Silva Leme-Vol. 4.º pág. 388).

Filho:

Antônio Rodrigues de Matos, c.c. Lucrécia Pires, de Taubaté.

Filho:

João Rodrigues de Aguiar, de São João del-Rei, c. c. Isabel Mendes do Prado, de Minas Gerais, filha de Felix Mendes do Prado e de Josefa da Silva Ribeiro, de São Paulo.

Filha:

Ana Isabel Maria de Aguiar, c.c. Manuel José de Vargas, de São Pedro, Rio Grande do Sul, filho de Antônio José de Vargas e de Maria José Machado.

Filha:

Ana Joaquina de Vargas, c.c. Francisco de Paula Ribeiro, de Itu, filho de Pedro da Costa de Morais e de Rita Bueno, de São Paulo.

Filho:

Evaristo José de Vargas, c.c. Luisa Teresa de Vargas, do Rio Grande do Sul.

Filho:

General Manuel do Nascimento Vargas, c.c. D. Cândida Dorneles, de Taquari, Rio Grande do Sul,

filha de Serafim Dorneles e de Umbelina Dorneles, também de Taquari.

Filho:

Dr. Getúlio Dorneles Vargas, atual Presidente da República. Nascido a 19 de abril de 1882, em S. Borjas, Rio Grande do Sul, c.c. D. Darci Sarmanho, também de S. Borjas, filha de Antônio Sarmanho e de D. Alzira de Lima.

O Dr. Getúlio Vargas, além de Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, foi candidato da Aliança Liberal à Presidência da República para o quatriênio de 1930-1934.

A situação política que se torna difícil, agrava-se com o assassínio do Dr. João Pessoa, candidato liberal à Vice-presidência.

Em 3 de outubro de 1930, irrompe a revolução nacional, que triunfa com a deposição do Presidente Dr. Washington Luis Perreira de Sousa, a 24 do mesmo mês.

O Dr. Getúlio Vargas assume as rédeas do Govêrno Provisório. São fatos dignos de serem lembrados, na sua administração: o ter sufocado a revolução Paulista, em 1932 e reprimido os surtos comunistas e integralistas, em 1938.

É eleito Presidente da República em 1934. Vendo que os partidos que se organizam para o pleito eleitoral de 1938 constituem uma séria ameaça à integridade da Nação e à dissolução da família brasileira, com o apôio das fôrças armadas, implanta o Estado Novo.

Ante as ameaças da Alemanha, que torpedeava nossos navios, levando para o fundo dos mares preciosas existências de muitos patrícios indefesos, apesar de ser o Brasil uma nação pacífica e cultora do direito, da liberdade e da democracia, alia-se às Nações Unidas, e em 22 de agôsto de 1942 é declarada guerra à Alemanha.

Elegendo-se, Presidente da República, cujo mandato exerce, até que dissolve o Congresso Legislativo, passa a governar o país discricionàriamente. É deposto pelo Exército Nacional, em nome da democracia, depois de ter governado a nação durante quinze anos consecutivos. Nas eleições seguintes é eleito Senador e Deputado por vários Estados, tendo optado por aquêle cargo, durante cujo mandato mantem-se de licença quase ininterruptamente. Ferindo-se o pleito da sucessão presidencial, consegue eleger-se surpreendentemente pelas fôrças populares, em 1950, contra a política organizada dos partidos em tôrno dos dois outros candidatos — o Brigadeiro Eduardo Gomes e o Dr. Cristiano Machado. Assumindo o poder, conquista para logo a maioria parlamentar e governa o país sob as bases de sua reabilitação financeira e econômica e dá seu apoio integral às forças democráticas do ocidente, chefiadas pelos Estados Unidos.

Sôbre a personalidade de Getúlio Vargas expressa-se o Sr. Nicholson, Vice-presidente da Ligth, em discurso, quando o Chefe do Govêrno, em Pirai e Barra do Pirai, visitava as importantíssimas obras em construção daquela

Dr. Getulio Vargas

Companhia: "Não é o Presidente Vargas apenas o primeiro magistrado da Nação brasileira, senão também o estadista de fama internacional, que tem imprimido ao Brasil um impulso extraordinário de progresso".

NOTA — Ver "Getúlio Vargas à luz da Genealogia", conferência pronunciada por Aurélio Pôrto, no Instituto Genealógico Brasileiro — Anuário Genealógico Brasileiro — ano 4.º pág. 8; Árvore de Costado, publicada na Revista Genealógica — ano 11.º — 1.º semestre de 1943 pág. 9, 10, 11, 12, 13. História Antiga das Minas Gerais, de Diogo de Vasconcelos).

Isabel de Anhaia casada em 1634, em São Paulo, com Serafim Correia, natural de Guimarães, filho de Lourenço Correia e de Margarida Bernardes.

Filhos:

A) Isabel de Anhaia, falecida em 1692 em Itu, casada em 1662 em Parnaíba com Fernão Ribeiro, natural de Coimbra.

Filho:

Margarida Soares de Almeida, falecida em 1712, em Itu, casada em 1705 com Antônio Rodrigues de Matos, filho de Gaspar Mendes Reimão e de Helena Mendonça (Vide Silva Leme-Vol. 4.º pág. 388).

Filho:

Antônio Rodrigues de Matos, c.c. Lucrécia Pires, de Taubaté.

Filho:

João Rodrigues de Aguiar, c.c. Isabel Mendes do Prado.

Filho:

Ana Isabel Maria de Aguiar, c.c. Manuel José de Vargas.

Filho:

Ana Joaquina de Vargas, c.c. Francisco de Paula Ribeiro, bisavós do Dr. Getúlio Vargas.

B) Cap. Lourenço Correia Ribeiro, casado a primeira vez com Maria Pereira de Azevedo, natural de Parnaíba, filha de Antônio Pereira de Azevedo, natural da Bahia e de Virginia Missel. Segunda vez, o Cap. Lourenço Correia Ribeiro casou-se com Maria Bicudo de Campos, filha de Felipe de Campos Branderburg e de Margarida Bicudo.

Do primeiro matrimônio citemos a filha:

Maria de Almeida, casada a primeira vez com Antônio de Oliveira Vargas; a segunda vez com o Cap. José de Campos Bicudo, filho de Felipe de Campos Branderburg e de Margarida Bicudo. O Cap. José de Campos Bicudo é Bisavô do Cap. Inácio de Oliveira Campos, marido de Dona Joaquina do Pompéu. A fazenda onde residiu Maria de Almeida, em Pompéu tomou-lhe o nome, que ainda conserva.

Antônio Rodrigues, encontrado juntamente com João Ramalho, por Martim Afonso de Sousa, em São Vicente, em 1532, casou-se com uma índia, filha do Cacique Piquerobi, de Ururaí, a qual foi batizada pelo Padre Anchieta com o nome de Antônia Rodrigues.

Antônio Rodrigues e Antônia Rodrigues tiveram vários filhos, dentre os quais Antônia Rodrigues, que se casou com o português Antônio Fernandes. Dêste casal nasceram vários filhos, interessando mencionar:

F-1 Méssia Fernandes
F-2 Marcos Fernandes

F-1 Méssia Fernandes

F-1 Méssia Fernandes (Messiaçu) foi a segunda mulher de Salvador Pires, filho de Salvador Pires e de Maria (esta, filha de Garcia Rodrigues e de Isabel Velho). Dêste casal nasceram vários filhos, interessando mencionar:

N-1 Salvador Pires de Medeiros, capitão da gente de São Paulo, casado em 1620 com Inês Monteiro de Alvarenga:

Pais de:

Bn-1 Bento Pires Ribeiro, falecido em 1669, que foi casado com Sebastiana Leite da Silva, falecida em 1670. (Ver Genealogia Paulistana de Silva Leme-Vol. 2.º pág. 123).

Pais de:

Tn-1 Inês Monteiro da Silva, c.c. o Cap. José de Campos Bicudo, filho de Filipe de Campos Brandemburg e de Margarida Bicudo.

Pais de:

Qn-1 Margarida de Campos, c.c. Antônio Rodrigues Velho (o Velho da Taipa).

Pais de:

Pn-1 Ana de Campos Monteiro, c.c. Inácio de Oliveira

Pais de:

Sn-1 *Cap. Inácio de Oliveira Campos, c.c. Dona Joaquina Bernarda Silva de Abreu Castelo Branco.*

F-2 Marcos Fernandes

F-2 Marcos Fernandes, falecido em 1954, c.c. Maria Afonso, filha de *Pedro Afonso*, de São Paulo, e de uma tapuia.

Pais de:

N-2 Simão Álvares Martins, c.c. Maria Luis de Grou, falecida em 1643, filha de Domingos Luis de Grou e de F. Guaçu, filha do Cacique de Carapicuíbas — São Paulo.

Pais de:

Bn-2 Hilária Luis, c.c. João Gomes de Mendonça, filho de Rui Gomes e Helena Bergara

Pais de:

Tn-2 Maria Mendonça, casada em 1654 com Antônio Rodrigues de Matos

Pais de:

Qn-2 Helena Mendonça, casada em 1672 com Gaspar Mendes de Reimão, de S. Paulo

Pais de:

Pn-2 Antônio Rodrigues de Matos, c.c. Margarida Soares de Almeida.

Pais de:

Sn-2 Antônio Rodrigues de Matos, c.c. Lucrécia Pires, de Taubaté

Pais de:

Hn-1 João Rodrigues de Aguiar, de S. João del-Rei, Minas, c.c. Isabel Mendes do Prado.

Pais de:

8n-1 Ana Isabel Maria de Aguiar, c.c. Manuel José de Vargas.

Pais de:

9n-1 Ana Joaquina de Vargas, c.c. Francisco de Paula Ribeiro.

Pais de:

10n-1 Evaristo José de Vargas, c.c. Luisa Teresa de Vargas, do Rio Grande do Sul

Pais de:

11n-1 General Manuel do Nascimento Vargas, c.c. D. Cândida Dorneles

Pais de:

12n-1 Dr. *Getúlio Dorneles Vargas,*

"O ESTUDO DAS GENEALOGIAS REPRESENTA UM RIQUISSIMO MATERIAL DE EXPERIÊNCIAS E OBSERVAÇÕES NÃO SÓ SOB O PONTO DE VISTA ANTROPO-BIOLÓGICO E ÉTNICO, SENÃO TAMBÉM E SOBRETUDO PARA O CONHECIMENTO DOS ELEMENTOS PSICOLÓGICOS E CARACTERIOLÓGICOS DOS GRUPOS HUMANOS".

(Dr. René Marital — Vie et Constance des Races).

DONA JOAQUINA DO POMPÉU

Dona Joaquina é o divisor de gerações que se correspondem e perpetuam em linhagem elevada, marcando-se pela proeminência singular da famosa mulher. Antes dela, gente nobre provinda de Portugal; depois dela, uma descendência numerosa, no seio da qual repontam inúmeras personalidades ilustres.

Admira ainda não haja aparecido uma obra histórica e genealógica sôbre Dona Joaquina do Pompéu, tanto mais quanto, tratando-se de autêntico expoente da mulher brasileira, a maledicência não lhe tem poupado a memória tão digna de reabilitação definitiva.

Em Dona Joaquina confluíram os dons mais preciosos que à criatura humana é dado possuir. Inteligência vivacidade, dinamismo, energia, bravura cívica, bondade e também as virtudes familiares de espôsa e mãe, tudo possuia em alto grau, revestindo-lhe a individualidade de tal estima e prestígio, que tanto lhe queriam os humildes como a requestavam os poderosos.

Tôdas aquelas virtudes investiam-na de um poderio feudal incontrastável, fazendo dela a mais alta autoridade de tôda a zona onde se lhe estendia o imenso domínio patrimonial, que governava discricionàriamente, encontrando limitações naturais apenas em seus grandes predicados.

Dona Joaquina não representa, na integridade de sua compleição moral e espiritual, um fenômeno humano surgido esporàdicamente na família mineira, senão uma descendente de nobre e distinta estirpe, que lhe herdou de progênie e somadas as mais belas qualidades de espírito, caráter e coração. Não foi em vão que lhe deixou o pai, culto Advogado, legado precioso de ensinamentos, sob a denominação de "Morgado", escrínio de conceitos filosóficos, de ordem moral e religiosa, cuja substância preciosa representa por assim dizer a bússola da felicidade humana. Também de finíssimo quilate lhe é a ascendência do marido, gente de qualidade provinda de Portugal.

Não é de estranhar seja Dona Joaquina o tronco dessa imensa família, em cuja árvore genealógica se contam inúmeras personalidades, que lhe honram e dignificam a raça.

A sua vida está referta de acontecimentos, que sobremodo a embelezam, recomendando-a à admiração dos pósteros seus atos de energia, temperada com o espírito de religião e caridade.

O seu solar se abria de par em par tanto aos humildes como aos poderosos, assim aos ignorantes e aos sábios.

Exaltava-lhe a individualidade, sobretudo, o espírito político, estreme de interêsses secundários, o qual ela exercitava impàvidamente, sem medir sacrifícios. Nasce daí o prestígio que desfrutava entre os ricos e potentados, sem prejuízo de seus sentimentos de fraternidade para com os pobres e fracos. Não há sequer uma página da vida de Dona Joaquina, que lhe deslustre o

nome, mesmo nas oportunidades em que ela fazia valer a sua autoridade, já perante a sua numerosa escravatura, já quando se investia do poder de policiamento, que ela se arrogava em virtude mesmo de uma ascendência moral consciente, impelindo-a a fazer respeitada e obedecida.

São inúmeros os seus atos de benemerência, ditados pelo espírito público. Relatá-los seria desfiar um rosário interminho de belíssimas ações, cada qual mais eloqüente para a consagração dessa mulher singular.

Citemos algumas, de relance, que se envolvem, pela beleza dos gestos que as concretizaram, de um autêntico aspecto lendário, emprestado pelo utilitarismo dos tempos atuais, que as tornam quase inverossímeis.

Dona Joaquina, de uma feita, dera de presente a D. João VI duzentos bois, para socorro ao Estado, cujas necessidades lhe chegaram ao conhecimento pelas ótimas relações que desfrutava com os políticos da época. Ainda para as precisões do Estado e em conseqüência de ordem régia de 6 de abril de 1804, coube-lhe a quota de 150$000. Mandou 100 bois à custa própria, às tropas fiéis à Independência na Bahia, onde surgiu um movimento revolucionário com derramento de sangue em 1823, havendo oferecido antes os seus bens e serviços em prol do movimento libertário que empolgava a nação.

Deu igual número, isto é, cem bois para a Capela de Nossa Senhora de Santana da Caratinga.

Há outros tantos episódios interessantes e altamente significativos na vida de Dona Joaquina, mas temos por suficientes os fatos apontados, para que se lhe configure bem nítido o perfil de dama excepcional, cujo nome deve ser recolhido e conservado com carinho no panteon histórico e glorificador da mulher brasileira, reabilitando-lhe de vez a memória, que a maledicência há procurado denegrir.

Dona Joaquina teve em Maria Tangará, sua rival e coeva, uma terrível adversária, que, movida pelo despeito e pela inveja, disputava-lhe em vão o renome e o prestígio. Era Maria Tangará criatura má, de que a tradição, ao contrário do que acontece com Dona Joaquina, só nos conta atos de crueldade e de mesquinharia. Certa vez Dona Joaquina vendera a ela um carro de milho. Tangará, ao recebê-lo, exigiu que se medisse o cereal. O escravo que conduzira procedeu à medida. Eis que a esperta compradora verifica que havia milho em excesso e dispensa o trabalho começado. O negro, continuou a operação até o fim, recolhendo para retôrno a sobra. Tangará se manifesta indignada, dizendo-lhe com tôda aspereza: "Você me paga, que ainda há de ser meu!", mas o prêto lhe respondeu: "Confio que minha Sinhá não me há-de vender".

De fato Dona Joaquina recusara várias ofertas que lhe fizera a maldosa mulher pelo fiel escravo, que jurara comprar por capricho e vingança.

Nas lutas cívicas que ela freqüentemente esposava, tinha no filho, Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos, o colaborador eficiente e ardoroso, inteiramente solidário com as suas iniciativas, tanto que fôra êle convidado por D. Pedro I a fazer parte de sua guarda de honra.

Um dos atos de maior valia e ressonância de Dona Joaquina e seu filho, sempre seu aliado em freqüentes manifestações de patriotismo, foi a proclamação feita por êste aos seus soldados, quando a Bahia em 1823 se convulsionara e ensangüentara pela guerra civil, ameaçando a estabilidade da independência brasileira, proclamada em 1822.

Ei-la na íntegra:

"Honrados Companheiros d'Armas e briosos soldados: a Justiça da Causa afiança, previne, e de algum modo decide o seu vencimento: um só momento de liberdade é muito mais apreciável do que três séculos de abjeta escravidão; Pedro, o Grande, os desfez. Êle sustentará com dignidade só própria dêle, a independência do Brasil. Êle pelas suas virtudes Imperiais, Cívicas e Militares, será em todo o tempo e em qualquer situação o Modêlo e Norma invariável da nossa conduta e da conduta da família Brasileira; eia, briosos soldados, obedecê-lo é imitá-lo.

Porém resta ainda, Honrados Companheiros d'Armas e briosos soldados, resta ainda dar-vos uma idéia dos meus sentimentos, resta ainda comunicar-vos em parte o zêlo e o patriotismo de que me acho animado; resta ainda assegurar-vos um penhor de que serei constante companheiro nos vossos trabalhos, nos vossos perigos, e na vossa glória, portanto contai já de agora, com meus bens, ficando sempre salvo o vosso sôldo; contai igualmente com os bens de Dona Joaquina Bernarda da Silva Abreu Castelo Branco, minha Mãe, por quem estou autorizado a fazer-vos êste puro oferecimento; aceitai-o pois não como rasgo de generosidade, porém sim, como um dever e demonstração de fidelidade, honra e adesão pela Salvação da Pátria e pela defesa do nosso Augusto Imperador; pois por tão claros e sagrados objetos dar voluntàriamente os bens, arriscar gostosamente a vida é no meu conceito pequeno sacrifício.

Enfim, Honrados Companheiros d'Armas e briosos soldados, sois brasileiros, a causa é justa; isto nos basta.

Vila de Pitangui, 27 de janeiro de 1823".

É um dos mais eloqüentes documentos sôbre a grandeza de espírito dessa mulher extraordinária, que logrou aos pósteros o exemplo de uma vida enobrecida pelas mais excelsas virtudes, praticadas com inteligência, abnegação, energia, quer no recesso do lar, onde carinhosamente criara 10 filhos, quer na administração de seu rico patrimônio, representado em sua maior parte por 95 mil alqueires de terras e 40 mil cabeças de gado, quer na participação que tomava na vida pública, ao lado do marido e filhos.

Dona Joaquina tinha que ser essa mulher renomada, que enche a história mineira de páginas edificantes, por isso mesmo que ela descendia de pais nobres, vindos de Portugal. O Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco, seu pai, era parente do Governador e Capitão das Minas Gerais, Dom José Luís de Menezes Abranches Castelo Branco Noronha, ambos vindos de Viseu; Dona Jacinta Teresa da Silva, sua mãe, dama da primeira sociedade portuguêsa, da ilha de Faial, veio para o Brasil com a nata social a que pertencia o Conde de Valadares. Falecendo esta, o Dr. Jorge para logo concluiu os estudos canônicos, começados em Portugal e mudou-se para Pitangui, onde foi vigário por algum tempo, vindo a falecer em idêntico pôsto em Santa Rita Durão.

Fechamos êste rápido escorço sôbre a vida modelar de uma senhora, para quem os nossos historiadores hão de reivindicar lugar condigno na história mineira, desde que lhe marcam a vida a eficiência, a bravura de heroína e a benemerência de matriarca, que herdou à Pátria o espêlho de uma vida exemplar e gloriosa e um pugilo de homens ilustres e verdadeiramente representativos de nossa riqueza humana, em sua melhor estirpe.

DESCENDÊNCIA DE
DONA JOAQUINA BERNARDA SILVA DE ABREU CASTELO BRANCO
E DO
CAPITÃO INÁCIO DE OLIVEIRA CAMPOS

ABREVIATURAS

F .. .. Filho
N .. .. Neto
Bn .. .. Bisneto
Tn .. .. Trineto
Qn .. .. Quarto-neto
Pn .. .. Quinto-neto
Sn .. .. Sexta-neto
Hn .. .. Sétimo-neto

DONA JOAQUINA BERNARDA SILVA ABREU CASTELO BRANCO, nasceu em Mariana, Estado de Minas Gerais, a 20 de agôsto de 1752 e faleceu em Pompéu, no mesmo estado, a 7 de dezembro de 1824;

Filha do DR. JORGE DE ABREU CASTELO BRANCO, natural de Viseu, em Portugal, e de DONA JACINTA TERESA DA SILVA, da Ilha de Faial;

Neta paterna de JOSÉ RABELO CASTELO BRANCO E DE ISABEL MARIA GUEDES PINTO, naturais de Viseu;

Neta materna de GASPAR JOSÉ DA SILVA SOBRAL, natural de São João Batista Sernancelhe, em Portugal, e de BERNARDA MARIA DA CONCEIÇÃO, natural da Freguesia de Nossa Senhora da Anunciação de Mertola-Portugal.

Casada com o

CAPITÃO INÁCIO DE OLIVEIRA CAMPOS, natural de Manga, Bispado de Pernambuco;

Filho de INÁCIO DE OLIVEIRA, natural da Cidade da Bahia, e de ANA DE CAMPOS MONTEIRO:

Neto materno de ANTÔNIO RODRIGUES VELHO (O VELHO DA TAIPA) e de MARGARIDA DE CAMPOS. (Silva Leme — Genealogia Paulistana, vol. IV, Campos, pág. 185).

O CAPITÃO INÁCIO DE OLIVEIRA CAMPOS, de 1771 a 1773, residiu em seus sítios "Brumado dos Pavões" e "Esmeril".

Foi o fundador da cidade de Patrocínio.

Ficou paralítico em 1778.

Levado para Pompéu, veio a falecer em 1804.

FILHOS

F-1 Ana Jacinta de Oliveira Campos, c.c. Timóteo Gomes Valadares.
F-2 Capitão-mor Félix de Oliveira Campos, c.c. Eufrásia Maria da Silva.
F-3 Maria Joaquina de Oliveira Campos, c.c. Cap. Luís Joaquim de Sousa Machado.
F-4 Jorge de Oliveira Castelo Branco, c.c. Antônia Maria de Jesus.
F-5 Joaquina de Oliveira Campos, c.c., o Sargento-mor Antônio Alves da Silva.

F-6 Isabel Jacinta de Oliveira Campos, c.c. o Te Cel. Martinho Álvares da Silva.
F-7 Te. Inácio de Oliveira Campos, c.c. Bárbara Umbelina de Sá e Castro.
F-8 Ana Joaquina de Oliveira Campos, c.c. o Sargento-mor João Cordeiro Valadares.
F-9 Antônia de Oliveira Campos, c.c. o Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares.
F-10 Cap. Joaquim Antônio de Oliveira Campos, casado a 1.ª vez com Claudina Cândida Lataliza França; e a 2.ª vez casado com Ana de Campos Cordeiro.

Patrocínio

1772

Por ordem do Cap. General de Minas Gerais, o Conde de Valadares, o Cap. Inácio de Oliveira Campos construiu uma habitação e monjolo no local

Vista parcial da cidade de Patrocínio

chamado Catiguá, à margem esquerda do córrego do Brumado, atual Pe. Vicente, e à direita plantou roças para abastecer as bandeiras.

1773

Tendo o Conde de Valadares voltado para Portugal, o sítio situado no Catiguá passou a denominar-se Fazenda do Brumado dos Pavões, sob o domínio do Cap. Inácio de Oliveira Campos.

O Capitão Inácio de Oliveira Campos estêve aí desde 1771 até fins de 1773.

Destruiu o quilombo da Serra Negra.

Em 1777 ficou paralítico.

Em 1798, tendo se agravado a moléstia, voltou para sua Fazenda do Pompéu, onde faleceu em 1804.

1780

O povoado nascente na Fazenda do Brumado dos Pavões, veio a se chamar Salitre.

1798

A Sesmaria do Esmeril, concedida a Antônio de Queirós Teles abrangeu o Povoado de Salibre.

1804

Registrou-se a provisão de licença aos moradores do Ribeiro Salitre para fazerem uma casa de oração sob a proteção de N.S. do Patrocínio.

1807

Salitre já é oficialmente arraial de N.S. do Patrocínio.

1822

Distrito da Ordenança.

1829

Curato de N. S. do Patrocínio.

1839

Paróquia.

1842

Vila.

12 de janeiro de 1874

Cidade.

DESCENDÊNCIA DE ANA JACINTA DE OLIVEIRA CAMPOS E TIMÓTEO GOMES VALADARES

CAPITULO I

FILHOS

N-1 Joaquim Mano de Oliveira Campos, c.c. Francisca Vieira Rabelo
N-2 Jacinta de Oliveira Campos, c.c. o Alferes João Vieira Rabelo
N-3 Francisco de Assis Gomes Valadares, c.c. Eufêmia Dias Maciel
N-4 José Timóteo Gomes Valadares, c.c. .....
N-5 Joaquina de Oliveira Campos, c.c. Pedro Fialho do Rêgo
N-6 Inácio Gomes Valadares, c.c. Jacinta Ferreira Soares
N-7 Maria Jacinta de Oliveira Campos, c.c. o Cadete Félix de Oliveira Campos
N-8 Joana Evangelista de Oliveira Campos, c.c. o Cap. Joaquim Antônio Álvares da Silva
N-9 Ana Jacinta de Oliveira Campos, c.c. Felicíssimo Fialho do Rêgo
N-10 Antônia de Oliveira Campos, c.c. Agostinho Vieira Guimarães
N-11 Francisca de Oliveira Campos, c.c. Joaquim Gomes Duarte
N-12 Pedro de Oliveira Campos, falecido solteiro
N-13 Josefina de Oliveira Campos, c.c. Sebastião de Campos Cordeiro
F-1 Ana Joaquina de Oliveira Campos, c.c. o Cap. Timótio Gomes Valadares, natural da freguesia de N. S. da Anunciação da Vila de Avilto, bispado de Braga, no Alentejo, filho de Domingos Gomes e de Vitória Maria de São José

Pais de:
N-1 Joaquim Mano, c.c. Francisca Vieira Rabelo

Pais de:
Bn-1 João Manuel, c.c. Francisca Siqueira Guimarães

Pais de:
Tn-1 Joana, casada em Pompéu a 8 de abril de 1883 com José Pereira de Souza, filho de Pedro de Alcantara Maciel e de Matilde Pereira de Sousa
Bn-2 Joaquim Manuel
N-2 Jacinta, c.c. o Alferes João Vieira Rabelo

Pais de:
Bn-3 João Vieira Rabelo
Bn-4 Maria José, c.c. Francisco Fiuza
Bn-5 Bárbara, c.c. Manuel Monteiro de Noronha
Bn-6 Ana
Bn-7 Jerônimo Antônio Vieira Rabelo, c.c. Inês Umbelina de Oliveira e Silva

Bn-8 Teburtina Maria, c.c. Francisco Lino

Bn-9 Antônio Vieira Gomes

N-3 Francisco de Assis Gomes Valadares, casado a 2 de 7 de 1823 com Eufrásia Maria Dias Maciel, nascida em dezembro de 1793 e batizada a 2-3-1794, filha do Cap. Alexandre Dias Maciel, nascido a 29 de janeiro de 1752, em Pitangui e de Maria Mendes da Silva

Pais de:

Bn-10 Maria, nascida a 1-11-1826 e batizada a 12-11-1826, c.c. Miguel Arcanjo Dias Maciel, nascido a 7-5-1824, filho do Cap. Timótio Gomes Valadares e de Clara Maciel Monte Falco

Pais de:

Tn-2 Padre Miguel Kerdole Dias Maciel, Deputado Provincial, falecido em 1912 em Santa Rita dos Patos

Tn-3 Belchior Dias Maciel, funcionário da Oeste de Minas, falecido em 1906 em Abadia de Pitangui, hoje Martinho Campos, c. c. Maria B. Maciel, falecida em Belo Horizonte em 1945

Pais de:

Qn-1 Artur Dias Maciel, falecido, c.c. Amélia Ferreira Maciel

Qn-2 Teopisto Dias Maciel, casado a 1.ª vez com Maria Bárbara dos Santos e a 2.ª vez com Julieta Maciel

Qn-3 Mário Dias Maciel, c.c. Carmélia Sanches Leão

Qn-4 Alberto Dias Maciel, funcionário da R. M. V., c.c. Aida Guimarães Maciel

Qn-5 Noeme, c.c. Antônio Luiz da Silva

Qn-6 José Raimundo, c.c. Maria Barbosa Maciel

Qn-7 Renaro, comerciante em Patos, c.c. Iria Maciel.

Tn-4 Daniel Dias Maciel, c.c. Antônia Maciel. Falecido em Rio Parnaíba

Tn-5 Antônio Dias Maciel

Tn-6 Maria (Zinha) c.c. Jorge Álvares Fernandes, do Diamante, filho de Antônia de Oliveira e Silva e de Francisco Alves Fernandes

Filhos descritos em outro local

Tn-7 Josefina, c.c. Joaquim Botinha. Residente em Luz

Bn-11 Clara, nascida a 4-11-1828 e batizada a 16-11-1828, c.c. Tomás de Sousa Prado, português

Pais de:

Tn-8 José, c.c. Luisa de Freitas Capanema

Sem filhos

Tn-9 Francisco, falecido

Tn-10 Benjamim, falecido solteiro

Tn-11 Laurindo, c.c. Maria (Pequetita)

Pais de:

Qn-8 Tomás

Qn-9 José

Qn-10 Cândida

Qn-11 Laurindo

Tn-12 Maria Januária, nascida a 6 de janeiro de 1850 e falecida a 2 de outubro de 1942, c.c. Januário Nicolau Valério, italiano, nascido a 28 de julho de 1836 e falecido a 10 de março de 1917

Pais de:

Qn-12 Januário, c.c. Joana de Freitas Capanema

Pn-1 Hilda

Pn-2 Maria (irmã de caridade)

Pn-3 Anita

Pn-4 José

Pn-5 Anísia (irmã de caridade)

Pn-6 Joaquim

Qn-13 Tomás, falecido, c.c. Joana Mourão, falecida

Pais de:

Pn-7 Raimundo, falecido

Pn-8 Maria, falecida

Pn-9 Geralda

Qn-14 Nicolau Valério, nascido a 12 de outubro de 1882, c. c. Ester de Carvalho

Pais de:

Pn-10 Genaro, c.c. Antônia Leite Valério.

Pais de:

Sn-1 Antônio

Pn-11 Nicolau

Pn-12 Ester, c.c. Mozart Teixeira

Pais de:

Sn-2 Mozart José

Sn-3 Maria José

Sn-4 Iracema

Pn-13 José Nicolau

Pn-14 João

Pn-15 Antônio José

Pn-16 Maria da Conceição

Qn-15 Cândido Januário Valério, nascido a 21 de outubro de 1880 e falecido a 10-7-1941, c.c. Aurora Ferreira

Pais de:

Pn-17 Vicente

Pn-18 Manuel

Pn-19 José

Pn-20 Antônio

Pn-21 Januário

Pn-22 Maria

Pn-23 Luís

Qn-16 José Valério, nascido a 7-5-1888, c.c. Judite Nunes de Carvalho, nascida a 9-7-1894. Residente em Belo Horizonte

Pais de:

Pn-24 Judite, c.c. Mário Otoni de Magalhães

Pn-25 José Valério, advogado, funcionário da Pagadoria da Capital, c.c. Louse Belém Jardim

Pn-26 Januário, c.c. Raimunda V. Vasconcelos

Pn-27 Abigail, c.c. Rubens Lima
Pn-28 Maria, c.c. Atílio Riccio
Pn-29 Joaquim
Pn-30 Lêda
Pn-31 Hélio
Pn-32 Lúcio

Qn-17 Alberto Valério, nascido a 8-6-1890, c.c. Maria da Costa

Pais de:
Pn-33 Maria, c.c. Ari de Sousa
Pn-34 Rute
Pn-35 José falecido na Itália como Expedicionário
Pn-36 Alberto
Pn-37 Judite

Qn-18 Rosa, nascida a 4-9-1896, viúva de Jônatas Miranda

Pais de:
Pn-38 Luís
Pn-39 José
Pn-40 Vicente
Pn-41 Maria
Pn-42 Teresinha
Pn-43 Jônatas

Bn-12 Eufêmia, nascida a 16-9-1830 e falecida a 5-8-1915, c.c. José Nunes de Carvalho, falecido a 28-11-1902

Pais de:

Tn-13 Ambrosina (Busica), falecida, c.c. Olímpio José da Silva, falecido

Pais de:
Qn-19 Altina
Qn-20 José
Qn-21 Olímpio
Qn-22 Cecília
Qn-23 Maria Cândida

Tn-14 Rodolfo (Dôco), falecido, c.c. Amélia Eulália

Pais de:
Qn-24 Rodolfo
Qn-25 José (f.)
Qn-26 Alziro (f.)
Qn-27 Amélia
Qn-28 Eugênia
Qn-29 Maria José
Qn-30 Maria Eulália
Qn-31 Dorvina

Tn-15 Jonas, c.c. Rita Rates

Pais de:
Qn-32 Elisa (f.)
Qn-33 Virgílio (f.)
Qn-34 Antenor (f.)
Qn-35 Maria
Qn-36 Narcisa (f.)

Qn-37 Olinto (f.)
Qn-38 Leonídia
Qn-39 Angelina

Tn-16 Frederico Nunes de Carvalho, falecido, c.c. Maria Augusta de Castro

Pais de:
Qn-40 Frederico (f.)
Qn-41 Maria (f.)
Qn-42 Clotilde, c.c. José Maria Álvares da Silva
Qn-43 Ceci, c.c. Naúm de Campos Cordeiro
Qn-44 Elzenor
Qn-45 Celso
Qn-46 José
Qn-47 Gustavo (f.)
Qn-48 Plínio

Nota — Frederico Nunes de Carvalho foi casado a 2.ª vez com Orminda Simões, filha de Maurício Simões e de .....

Pais de:
Qn-49 Frederico

Tn-17 José Nunes de Carvalho, c.c. Ana Nunes de Carvalho

Pais de:
Qn-50 Maria (f.)
Qn-51 Ana
Qn-52 Elísio
Qn-53 Frederico
Qn-54 Adolfo
Qn-55 Azulina
Qn-56 Cecília (f.)
Qn-57 Elisa
Qn-58 Amaro

Tn-18 Maria Nunes Maciel, nascida a 6-9-1862, c.c. Joaquim Nunes de Carvalho (Quito), nascido a 2-6-1852

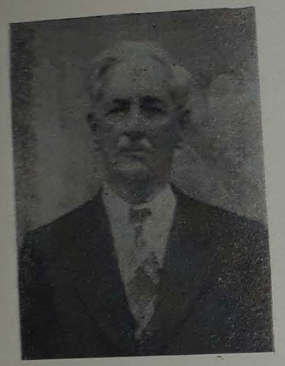
Pais de:
Qn-59 Azulina (f)
Qn-60 Narciso (f.)
Qn-61 Ranulfo (f.)
Qn-62 Taciana (f.)
Qn-63 Raul (f.)
Qn-64 Nestor (f.), c.c. Alda Ferráz

Pais de:
Pn-44 Geraldo

Qn-65 Elisa (f.)
Qn-66 Maria, nascida a 4-6-1880, c.c. Inácio Teixeira Barbosa de Vasconcelos

Pais de:
Pn-45 Maria (f.)
Pn-46 Raul (f.)
Pn-47 Vanda (f.)
Pn-48 Edília (f.)

Pn-49 José (f.)
Pn-50 Cefisa
Pn-51 Diva
Pn-52 João
Pn-53 José



Joaquim Nunes de Carvalho Quito

Pn-54 Joaquim
Pn-55 Judite
Pn-56 Edília

Qn-67 Joaquim, nascido a 8-7-1888, viúvo de Maria Dolabela Portela

Pais de:
Pn-58 Malvina
Pn-59 Mirtes
Pn-60 Mauro
Pn-61 José
Pn-62 Marilda

Qn-68 José, nascido a 28-7-1892, c.c. Maria Amélia de Lacerda, nascida a 15-3-1905

Pais de:
Pn-63 José (f.)
Pn-64 Joaquim
Pn-65 Maria
Pn-66 Solange
Pn-67 José Maurício
Pn-68 Marcelo

Qn-69 Judite, c.c. José Valério
Filhos já descritos

Qn-70 Taciana, nascida a 12-1-1900, professôra em Pitangui, c.c. Carlos de Carvalho
Sem filhos

Qn-71 Ranulfo, nascido a 13-2-1905, c.c. Maria Ester de Carvalho

Pais de:
Pn-69 Maria Amália
Pn-70 Raul
Pn-71 Rogério
Pn-72 Roberto

N-4 José Timóteo Gomes Valadares, c.c. .....

Pais de:
Bn-13 Brígida, c.c. João Cardoso
N-5 Joaquina de Oliveira Campos, c.c. Pedro Fialho do Rêgo
N-6 Inácio Gomes Valadares, c.c. Jacinta Ferreira Soares

Pais de:
Bn-14 Jacinto Gomes Valadares, c.c. Brígida Moreira da Silva, filha de Estevão Rodrigues Maia e de Joaquina Moreira da Silva (de Santa Quitéria, hoje Esmeralda)

Pais de:
Tn-19 Telécio, c.c. Sebastiana Inês dos Santos, filha de Pedro Ribeiro de Camargo e de Maria Ferreira dos Santos

Pais de:
Qn-72 José do Egito
Qn-73 Antônio Maria
Qn-74 Conceição Maria
Qn-75 Virginia Maria
Qn-76 Inês Maria
Qn-77 Hilda Maria
Qn-78 Francisca Maria
Qn-79 Concessia Maria
Qn-80 Najadir Maria

Tn-20 José Gomes Valadares, batizado a 17-12-1883

Bn-15 Jacinta Gomes Valadares, c.c. Antônio Francisco França

Pais de:
Tn-21 Joaquim França Gomes, c.c. Arminda Honória da Assunção, filha de Geraldo Antônio da Assunção e de Francelina Maria de Jesus

Pais de:
Qn-81 José
Qn-82 Joaquim
Qn-83 Zico (?), residente no Rio de Janeiro
Qn-85 Maria
Qn-84 Rita
Qn-86 Cecília
Qn-87 Antônio

Bn-16 Belchior Gomes Valadares, c.c. Filomena Maria de Jesus

Pais de:

Tn-22 Belchiorina, batizada a 24-10-1880
Tn-23 Filomena, batizada a 12-6-1881
Tn-24 Francisco
Tn-25 Maria, batizada a 6-8-1883
Tn-26 Pedro, batizado a 16-8-1884

N-7 Maria Jacinta de Oliveira Campos, c.c. o Cadete Félix de Oliveira Campos, batizado na fazenda do Pompéu a 18-8-1805, casado em 1823, filho de Eufrásia Maria da Silva Campos e do Guarda-mor Félix de Oliveira Campos

Pais de:
Bn-17 Félix de Oliveira Campos Júnior (Félix Cornicha), c.c. Maria Antônia de Paula Campos, filha de Antônio Joaquim de Barros e de .....

Pais de:
Tn-27 Félix Campos Barros, falecido solteiro
Tn-28 Antônio Joaquim de Campos Barros, batizado a 15-7-1877, casado a 1.ª vez com Joaquina de Oliveira

Sem filhas

Casado a 2.ª vez com Maria Luisa de Campos

Pais de:
Qn-88 Maria Joaquina, c.c. Antônio Pinto
Qn-89 Antônio Joaquim, c.c. Emília de Sousa Castro
Qn-90 José Alfredo, c.c. Violeta do Nascimento
Qn-91 Adelaide, c.c. Agenor Soares dos Santos, filho de Joaquim Antônio de Campos (Quim Cornicha)
Qn-92 Alberto, c.c. Otília Teixeira
Qn-93 Maria Luisa, c.c. Moacir Modesto de Sousa Antônio Joaquim de ~~Campos~~ Barros, casado a 3.ª vez com Antonieta Pereira Pinto

Pais de:
Qn-94 Nair
Qn-95 Neusa

Antônio Joaquim de Campos Barros, casado a 4.ª vez com Amélia

Pais de:
Qn-96 Antônio

Tn-29 Maria Celestina de Paula Campos, c.c. Sinfrônio Olímpio de Oliveira Campos

Sem filhos

Tn-30 José Romualdo de Campos Barros, c.c. Rosa Ramos de Campos

Pais de:
Qn-97 Antônio Maria de Campos Barros, c.c. Aimée de Arcantara Castro, filha de Antônia de Castro e Silva e de Otávio Álvares da Silva

Pais de:
Pn-73 Antônio Otávio

Qn-98 Benedito de Campos Barros, c.c. Maria Luisa dos Santos, filha de Antônia Joaquim dos Santos e de Joaquina Mendes Ferreira (esta, filha de Rita Cordeiro, da Canabrava)

Pais de:
Pn-74 Maria
Pn-75 Maria Helena
Pn-76 José Romualdo
Pn-77 Geralda Maura
Pn-78 Eleusa
Pn-79 Maria Dulce
Pn-80 Maria Aparecida
Pn-81 Sebastião

Qn-99 Rosa Romualda, c.c. Antônio Lacerda

Pais de:
Pn-82 Maria da Atividade

Qn-100 Maria Romualda, solteira
Qn-101 Ana, solteira
Qn-102 Joasina, c.c. Joaquim Manuel de Campos (Quinzão)

Pais de:
Pn-83 Joaquim
Pn-84 Maria
Pn-85 José
Pn-86 Agenor
Pn-87 Adão
Pn-88 Ana
Pn-89 Benito Mussolini

Qn-103 Joaquina, c.c. Félix Joaquim dos Santos

Pais de:
Pn-90 Maria José
Pn-91 Rosa
Pn-92 Edelweiss
Pn-93 Déa
Pn-94 Idália
Pn-95 Maria do Carmo

Qn-104 Maria José, falecida solteira

Tn-31 Bernardino de Oliveira Campos, c.c. Joaquina Ribeiro, filha de José Ribeiro da Silva e de .....

Pais de:
Qn-105 Félix, casado a 1.ª vez com Rita Machado, filha de Pedro Machado e de .....

Pais de:
Pn-96 Ondina
Pn-97 Bernardino
Pn-98 Benevides
Pn-99 Águeda (f.)
Pn-100 Joaquina
Pn-101 Gastão

Félix, casado a 2.ª vez com Rosa Machado

Pais de:
Pn-102 Evaristo
Pn-103 Águeda
Pn-104 Clemente
Qn-106 Maria José, c.c. Eusébio Álvares de Campos

Pais de:
Pn-105 José Geraldo
Pn-106 Osório
Tn-32 Félix, falecido solteiro
Tn-33 Joaquim Antônio de Campos (Quim Cornicha), c.c. Joaquina Leopoldina dos Santos

Pais de:
Qn-107 Joaquim Manuel, c.c. Joasina de Campos, filha de José Romualdo de Campos Barros e de Rosa Ramos de Campos
Já referido
Qn-108 Félix Joaquim, c.c. Joaquina Romualda de Campos, filha de José Romualdo de Campos e de Rosa Ramos de Campos
Filhos já descritos
Qn-109 Dr. Agenor Soares dos Santos, c.c. Adelaide de Campos, filha de Antônio Joaquim de Campos e de Maria Luisa de Campos
Já referido
Qn-110 Nila, c.c. Henrique Berton, suíço
Qn-111 Antônia, c.c. José Nicolau Ribeiro
Tn-34 Antônio Maria de Campos (Antoninho do Mato Grosso), residente em Pompéu, casado com Mariana Dutra

Pais de:
Qn-112 Mariana de Campos Dutra, casada a 1.ª vez com Antônio França Sobrinho e a 2.ª vez com Aristides Martins Ramos
Qn-113 Maria, falecida, foi casada com Francisco Corrêa
Qn-114 José de Campos Dutra, c.c. Maria José Melgaço

Pais de:
Pn-107 Edite
Pn-108 Edie
Qn-115 Antônio Maria de Campos Dutra, c.c. Zilda Cordeiro Valadares, filha de Joaquim Cordeiro Valadares (Cordeiro das Lages) e de Maria Francelina de Campos Cordeiro

Pais de:
Pn-109 Joaquim Antônio
Pn-110 Joaquim
Pn-111 Ivone
Pn-112 Antônia Maria
Pn-113 Neusa Maria
Pn-114 Zilda Maria
Pn-115 Gelva Maria
Qn-116 Francisco, c.c. Adelina, filha de Benedito Fernandes e de Maria dos Santos
Qn-117 Benevides, c.c. Madalena Pôrto
Qn-118 Valdemira, c.c. Juvenal de Campos

Qn-119 Paula, c.c. José Peri Ferreira da Silva
Qn-120 Venina, solteira
Qn-121 Lourival, c.c. Joana Maria Melgaço
Qn-122 Osvaldo
Qn-123 Pedro, c.c. Inês de Sousa Machado
Tn-35 Pedro Maria, falecido solteiro
Bn-18 Dermeval, falecido solteiro, batizado a 10-7-1843
Bn-19 Leopoldina (Satuta)
Bn-20 Maria (Sinhá)
Bn-21 Sinfrônio, c.c. Maria Celestina de Paula Campos
Sem filhos
Bn-22 Martinho de Oliveira Campos (Martinho Fincão), c.c. Joaquina Álvares Fernandes (Quininha), filha de Antônia Júlia de Oliveira e Silva e de Francisco Alves Fernandes

Pais de:
Tn-36 Virgínia
Tn-37 Antônio Maria
Tn-38 Luisa

N-8 Joana Evangelista de Oliveira Campos, nascida em Pompéu a 27-8-1807 e falecida a 6-10-1895, c.c. o Cap. Joaquim Antônio Álvares da Silva, nascido a 2-11-1804, em Pompéu, onde faleceu a 20-10-1881, filho do Cap. Antônio Alves da Silva e de Joaquina de Oliveira Campos (Joaquim Antônio do Quati).

Pais de:
Bn-23 Teófilo Álvares de Abreu e Silva, batizado a 21-2-1833, c.c. Belchiorina Carolina Álvares da Silva, filha de Antônio Zacarias Álvares da Silva (Barão do Indaiá) e de Isabel Ordones da Cunha Lara

Pais de:
Tn-39 João Álvares de Abreu e Silva, c.c. Ana Felisberta Álvares, filha de Maria de Campos Álvares e de Manuel Álvares Ferreira da Silva (Manoelzinho do Pará)

Pais de:
Qn-124 Maria
Qn-125 Teófilo
Qn-126 Humberto
Qn-127 Rócio
Qn-128 Ernani
Qn-129 Aderbal
Tn-40 Isabel, c.c. João Zacarias Álvares da Silva, (seu tio), filho de Antônio Zacarias Álvares da Silva (Barão do Indaiá) e de Isabel Ordones da Cunha Lara

Pais de:
Qn-130 Violeta
Qn-131 Maria José
Qn-132 Belchiorina
Qn-133 Isabel
Qn-134 Antônio Zacarias
Qn-135 Adelaide

Dona Joana Evangelista
de Oliveira Campos

Qn-136 Nair
Qn-137 Conceição

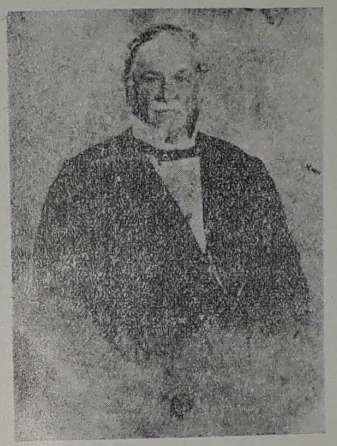
Tn-41 Joana Helena, c.c. Antonio Alípio, (seu tio), filho de Antônio Zacarias Alvares da Silva e de Isabel Ordones da Cunha Lara (Barões do Indaiá)

Sem filhos

Tn-42 Nini, c.c. Anibal Pires, residente no Rio de Janeiro

Pais de:

Qn-138 Dr. Ari, médico oculista
Qn-139 Jair
Qn-140 Ataliba
Qn-141 Maria Luisa
Qn-142 Irene
Qn-143 Carmen
Qn-144 Teófilo, falecido
Qn-145 Aníbal
Qn-146 Teresinha
Qn-147 Olga



Cap. Joaquim Antônio Alvares da Silva
(Joaquim Antônio do Quati)

Tn-43 Suetônio, c.c. Maria de Campos Álvares, filha de Sebastião de Campos Cordeiro e de Josefina de Oliveira Campos

Pais de:

Qn-148 Neli
Qn-149 Suetônio
Qn-150 Décio
Qn-151 Paulo
Qn-152 Luciano
Qn-153 Sólon
Qn-154 Maria
Qn-155 Afonso
Qn-156 Rute
Qn-157 Helena

Tn-44 Antônio, c.c. Maria José de Oliveira Campos, filha de Teófilo Ezequiel de Oliveira Campos e de Faustina Carolina Álvares da Silva

Pais de:

Qn-158 José, falecido
Qn-159 Nilda
Qn-160 Edgar, c.c. Helena Alvares da Silva
Qn-161 Hélio

Tn-45 Afonso, falecido solteiro

Bn-24 Franklin Álvares da Silva, batizado a 25-9-1830, c.c. Josefina Álvares da Silva, filha dos Barões do Indaiá

Pais de:

Tn-46 Graciliano
Tn-47 Joaquim
Tn-48 Joana, c.c. Narciso Álvares da Silva, filho dos Barões do Indaiá

Pais de:

Qn-162 Isabel, c.c. Inácio Joaquim de Oliveira, filho de Joaquim José da Silva e de Isabel Rosa de Oliveira

Pais de:

Pn-116 Joaquim Álvares da Silva, ex-Redator da "Fôlha de Minas", Redator da Revista "O Cruzeiro"
Pn-117 Paulo
Pn-118 Eliezer
Pn-119 Isabel
Pn-120 Galdina
Pn-121 Clemente
Pn-122 Antônio

Nota — Inácio Joaquim de Oliveira foi casado a 1.ª vez com Maria do Carmo Lucas Pereira.

Filhos:

1) Carinosina, c.c. Evaristo de Sousa
2) Galdina, falecida
3) Racini
4) Ortiz
5) Antônio
6) Geraldo
7) Sálvio, c.c. Ordália Nogueira Pena
Filhos:
a) Alcir
b) Avani
c) Acir
8) Maria José, c.c. Rodolfo de Freitas Mourão

Qn-163 Maria José, solteira

Tn-49 Jovita Carolina, c.c. Alípio de Campos Cordeiro, filho de Sebastião de Campos Cordeiro e de Josefina de Oliveira Campos

Pais de:

Qn-164 Cecília
Qn-165 Cícero
Qn-166 Maria, Diretora do Grupo Escolar de Abaeté
Qn-167 Ana, Professôra em Dores do Indaiá, c.c. Godofredo de Sousa, filho de Pedro José de Sousa e de Mariana Cunha

Pais de:

Pn-123 Maria Helena
Pn-124 Jorge
Pn-125 Carlos
Pn-126 Laércio

Pn-127 Zulma
Pn-128 Maria da Conceição
Pn-129 Iolanda

Qn-168 Francisco de Assis
Qn-169 Isabel, falecida
Qn-170 Geni, falecida
Qn-171 Josefina, falecida
Qn-172 Nelson, falecido
Qn-173 Maria Josefina
Qn-174 Geralda, falecida
Qn-175 Maria da Conceição, Professôra em Abaeté
Qn-176 Anita
Qn-177 Alípio, falecido

Tn-50 Faustina, (f.)
Tn-51 Isabel, (f.)
Tn-52 Licurgo, (f.)
Tn-53 André
Tn-54 Frederico, (f.)

Bn-25 Antônio, residiu em Dores do Indaiá, nascido a 30-5-1839 e falecido a 1-9-1907, em Dores do Indaiá, c.c. Luisa Alves de Morais, filha de Simão de Morais e de Teresa Alves Costa

Pais de:

Tn-55 Joaquim Antônio, c.c. Francisca Alexandrina Bernardes

Pais de:

Qn-178 José
Qn-179 Alaor
Qn-180 Armando
Qn-181 Fausto
Qn-182 Joaquim
Qn-183 Geraldo, (f.)
Qn-184 Arnaldo
Qn-185 Luís
Qn-186 Ilca
Qn-187 Célia
Qn-188 Maria Luisa
Qn-189 Maria Jose
Qn-190 Ana Dalva
Qn-191 Maria Ines

Tn-56 Teresa, solteira
Tn-57 Joana, solteira, batizada a 15-7-1877
Tn-58 Belchiorina, batizada a 12-6-1879, falecida, c.c. Estanislau de Campos Castelo Branco, batizado a 6-5-1877, filho de Antônio Cândido de Campos Cordeiro e de Carolina de Oliveira Campos

Pais de:

Qn-192 Maria (Zizinha), c.c. Abel Morato, filho de Pedro Ivo e de Maria Regina Morato
Qn-193 Orminda, falecida, c.c. Joaquim Nicéas Cordeiro Valadares, filho de Joaquim Cordeiro Valadares (Cordeiro das

Lages) e de Maria Francelina de Campos Cordeiro
Filhos descritos mais adiante

Qn-194 Luisa
Qn-195 José, c.c. Virginia Ferreira, filha de Antônio Joaquim dos Santos e de Joaquina Ferreira
Qn-196 Alaor, c.c. Cândida Bahia de Castro, residente em Maravilha

Tn-59 Maria José (Verônica), c.c. o mesmo Estanislau de Campos Castelo Branco, após a morte de sua irmã

Pais de:
Qn-197 Alair, c.c. Maria Rute Grassi
Qn-198 Iris, diretora do grupo escolar "Flávio dos Santos" em Belo Horizonte, c.c. Eugênio Morato, escritor e poeta
Filhos descritos em outro local
Qn-199 Ari, c.c. Gladys Campolina
Qn-200 Antônio Cândido, c.c. Helena Guimarães Campos
Qn-201 Bôsco

Tn-60 José Maria, cirurgião dentista, c.c. Maria Greco

Pais de:
Qn-202 Humberto
Qn-203 Iolanda
Qn-204 Hamilton
Qn-205 José
Qn-206 Antonio
Qn-207 Rônald

Tn-61 Isabel, batizada a 29-10-1887, c.c. Antônio Álvares da Silva

Pais de:
Qn-208 Rute

Tn-62 Adelaide, c.c. Antônio José de Freitas

Pais de:
Qn-209 Lino

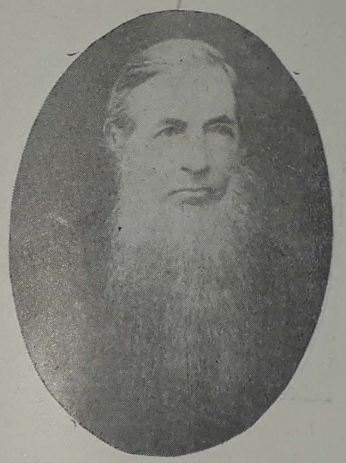
Tn-63 Antônio, batizado a 7-9-1889

Bn-26 Francisco, c.c. Joana Nepomuceno Cordeiro, filha de Antônio Joaquim de Campos Cordeiro e de Joana Duarte Maciel

Pais de:
Tn-64 Joana, c.c. Alexandre Cordeiro Maciel (Alexandre do Brejinho)
Tn-65 Rosa, batizada a 5-12-1877
Tn-66 Aurora, batizada a 5-10-1879
Tn-67 Isabel, batizada a 15-12-1880
Tn-68 Maria, batizada a 31-8-1884
Tn-69 Esmeralda, batizada a 8-8-1886
Tn-70 Enéas, batizado a 8-8-1886
Tn-71 Francisco
Tn-72 Jugurta
Tn-73 Euzébio

Bn-27 Isabel, c.c. Antônio Aurélio Álvares da Silva. (Seu tio).
Sem filhos

Bn-28 Joana Evangelista, falecida solteira
Bn-29 Tertuliana, nascida em Pompéu a 4-2-1840 e falecida a 11-5-1902
Bn-30 Isabel Joaquina, c.c. seu tio Antônio Maria Álvares da Silva (Nenzinho do Quati)



Antônio Maria Alvares da Silva
(Nenzinho do Quati)

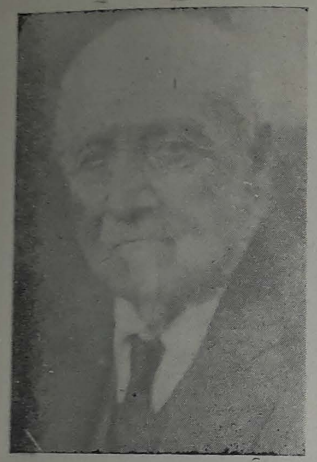
Pais de:

Tn-74 Isabel Joaquina, nascida a 14-5-1862 em Pompéu e falecida a 18-5-1928 em Pitangui, c.c. Dr. Jacinto Álvares Ferreira da Silva, médico, nascido em Pitangui a 7-7-1857 e falecido na mesma cidade a 6-10-1935, filho de José de Deus Álvares da Silva e de Virgínia Lopes Cançado

Pais de:
Qn-210 José Maria, nascido a 1-2-1891 e falecido a 13-12-1918, solteiro
Qn-211 Antônio Maria, nascido a 22-9-1893, solteiro
Qn-212 Rosa, nascida a 16-9-1894 e falecida a 22-2-1931, c.c. Dr. Hugo Torres

Pais de:
Pn-130 Alda
Pn-131 Vera

Qn-213 Jacinto, ex-Coletor Estadual em Caratinga, brilhante jornalista, nascido a 22-7-1896, c.c. Delvige Otaviani Residente em Belo Horizonte



Dr. Jacinto Álvares F. da Silva

Pais de:

Pn-132 Isabel, normalista
Pn-133 Maria da Conceição, normalista
Pn-134 Helênio
Pn-135 Jacinto
Pn-136 Ângela
Pn-137 Luciola
Pn-138 Filomena
Pn-139 Nair
Pn-140 Ana
Pn-141 Delvíge
Pn-142 Humberto

Qn-214 Virgínia, solteira, nascida a 18-4-1897
Qn-215 Adelaide, solteira, nascida a 23-2-1899
Qn-216 Ozires, nascido a 15-1-1902 e falecido a 19-9-1935
Qn-217 Dr. Edison, nascido a 27-7-1904, em Pitangui, ex-Deputado à Assembléia Estadual, ex-Secretário das Finanças de Minas Gerais, atualmente Presidente do Banco Hipotecário de Minas Gerais; casado com D. Maria da Conceição Azevedo

Pais de:

Pn-143 Maria Auxiliadora
Pn-144 Marcelo Augusto

Dr. Edison Álvares da Silva

NOTA: O Cel. Jacinto Álvares Ferreira da Silva, filho do Cap. Antônio Álvares da Silva e de Ana Maria de Jesus, c.c. D. Maria Carolina (D. Maria da Bahia), filha do Major Jose de Deus Lopes, Comandante dos Dragões aquartelados em Quartel Geral, e de Maria Helena.

Pais de:

f) Dr. Frederico Augusto Álvares da Silva, desembargador, duas vêzes Vice-governador e uma vez Governador de Minas Gerais, falecido, casado com D. Júlia Emília Viana Barbosa.

Pais de:

n) Dr. Frederico Augusto Álvares da Silva (Dr. Alico), falecido, residiu em Sete Lagoas. Casado a 1.ª vez com D. Laura Marques, filha de Teófilo Marques Ferreira e de Rita Dinis.

Pais de:

bn) Júlia, c.c. José Júlio Mascarenhas

Pais de:

tn) Aristides Augusto, c.c. D. Hortência Alvares da Silva
tn) Frederico Luciano
tn) Paulo José
tn) Júlio
tn) José Marcelo
tn) Laura Lúcia

bn) Laura, c.c. Dr. Waldemar Oliveira Costa, Diretor do Banco Mineiro da Produção.

D. Maria Carolina Álvares da Silva
(D. Maria da Bahia)

Pais de:
tn) Laura Virginia
Carlos Eduardo
Ângela Maria
bn) Dr. Frederico, c.c. Maria José Woods Lacerda, residente em Sete Lagoas

Pais de:
tn) Lauro
Maria Elisa
Maria Estela
Maria Maria
José Geraldo
Mário Afonso
Maria Clara
bn) Rita, solteira
Maria da Conceição, irmã de caridade
Olga, falecida solteira

- A folha 321 até 9 folhas à frente.

Jovita de Oliveira Campos

Professor Oswaldo de Melo Campos

meada e professor da Universidade de Minas Gerais; casado com Helena Amador Álvares da Silva, filha do Desembargador Dr. Amador Álvares da Silva, e de Isabel Carolina Álvares da Silva

Sem filhos

Qn-257 Dr Ezequiel de Melo Campos, c.c. D. Iná de Moura Melo Campos. Advogado

Pais de:

Pn-306 Isabel
Pn-307 Ilse
Pn-308 Ezequiel

Qn-258 Hélio de Melo Campos, c.c. Maria da Conceição Costa Melo

Pais de:

Pn-309 Isabel
Pn-310 João Alfredo
Pn-311 Márcia Maria
Pn-312 Hélio

Qn-259 Olavo, c.c. Beatriz Rocha de Melo Campos

Sem filhos

Qn-260 Dr. Jose de Melo Campos, c.c. Alda da Cunha de Melo Campos. Advogado

Pais de:

Pn-313 Alfredo José
Pn-314 José Osvaldo
Pn-315 Edgar José

Qn-261 Maria Zuleica Melo Aguiar, c.c. Pedro Alves de Aguiar,

Pais de:

Pn-316 Dr. José de Melo Aguiar
Pn-317 Laêta
Pn-318 Maria Isabel

Qn-262 Nefálio de Melo Felicíssimo, c.c. Dr. Álvaro Felicíssimo, falecido

Pais de:

Pn-319 Maria Isabel

Nefália, casada a segunda vez com Alfêu Torres

Sem filhos

Qn-263 Antônio, falecido c.c. Maria Carrara de Melo

Pais de:

Pn-320 Alfredo
Pn-321 José Osvaldo
Pn-322 Isabel
Pn-323 Afonso
Pn-324 Edson

Tn-84 Faustina, c.c. Dr. José Cândido de Souza Viana, falecido em Abaeté, onde residia, filho do Cel. Cândido Viana e de Maria Cândida Viana

Pais de:

Qn-264 Dr. Oscar de Campos Viana, c.c. Raquel Mascarenhas Viana, filha de Álvaro Diniz Mascarenhas e de Noemi Goulart Mascarenhas.

Pais de:

Pn-325 Paulo
Pn-326 Teresa
Pn-327 Maria de Lourdes
Pn-328 Maria Inês
Pn-329 Álvaro

Qn-265 José Viana, fazendeiro

Qn-266 Alda Viana da Cunha Pereira, viúva do Dr. Edgar da Cunha Pereira, Deputado Federal

Pais de:

Pn-330 Dr. Edgar da Cunha Pereira Filho, solteiro, médico, ex-Prefeito de Abaeté
Pn-331 Ildeu, Capitão Aviador da F.A.B. c.c. Lúcia Maria Franco da Cunha Pereira
Pn-332 Dr. Simão, Advogado, Deputado Estadual, c.c. Maria Beatriz Correia da Cunha Pereira

Simão Viana da Cunha Pereira
Deputado

Pais de
Sn-57 Juliana
Sn-58 Bernardo
Sn-59 Simão
Pn-333 José Cândido, engenheiro
Pn-334 Alda
Pn-335 Carlos Olavo, estudante
Pn-336 Olavo Carlos, estudante
Pn-337 Teresinha, normalista
Pn-338 Maria da Glória, normalista
Pn-339 Alnisio, estudante

Tn-85 Dr. Frederico de Oliveira Campos, ex-Deputado Federal, Advogado, residente em Belo Horizonte, casado com Marília Adjuto, de Paracatu

Dr. Frederico de Oliveira Campos

Pais de:
Qn-267 Frederico, advogado
Qn-268 Teófilo
Qn-269 José Ulpiano, médico
Qn-270 Maria José, advogada, c.c. o Dr. Antônio Artur Ferraz

Qn-271 Eunice
Qn-272 Elza, c.c. o Dr. Eduardo Pereira Filho, Deputado Estadual
Qn-273 Clélia, c.c. o Dr. Geraldo Paiva Abreu

Tn-86 Maria José, c.c. Antônio Álvares da Silva, filho de Teófilo Álvares da Silva e de Belchiorina Álvares da Silva
Filhos já descritos

Bn-36 Antônio Maria de Oliveira Campos, falecido solteiro

Antônio Maria de Oliveira Campos

N-10 Antônia de Oliveira Campos, c.c. Agostinho José Vieira Guimarães
Descendência ignorada
N-11 Francisca de Oliveira Campos, c.c. Joaquim Gomes Duarte
N-12 Pedro, falecido solteiro
N-13 Josefina de Oliveira Campos, batizada em Pompéu a 6-1-1841, c.c. Sebastião de Campos Cordeiro, filho de Inácio de Oliveira Campos (Inácio Cabeça) e de Rita Gertrudes de Campos Cordeiro Valadares

Pais de:
Bn-37 Inácio de Campos Cordeiro, c.c. Maria Ricardina de Campos Cordeiro, filha de José Joaquim de Campos Cordeiro (Zé do Paulista) e de Maria de Campos Cordeiro

Pais de:
Tn-87 José Cordeiro de Campos, cirurgião dentista, residente em Belo Horizonte, c.c. Maria Franco, filha de Frederico Franco e de Maria de Rezende Franco

Pais de:
Qn-274 Togarma, Oficial do Exército, c.c. Fidalma Ferrari

Pais de:
Pn-340 José
Qn-275 Talma
Qn-276 Humberto
Qn-277 Telma Lúcia

Tn-88 Ana, nascida a 23-11-1892, c.c. **Davi Dias Maciel**
Sem filhos

Tn-89 Alice, c.c. José Batista de Faria, **filho de Inácio de Faria** e de Maria Clementina de Faria

Pais de:
Qn-278 Geraldo Cordeiro de Faria
Qn-279 Inácio
Qn-280 Celina
Qn-281 José Batista
Qn-282 Mercedes
Qn-283 Teresita
Qn-284 Clélia

Tn-90 Ada, c.c. Antônio Augusto da **Fonseca, filho de Joaquim** Coelho da Fonseca e de Júlia Augusta da **Fonseca**

Pais de:
Qn-285 Júlia
Qn-286 Antônio
Qn-287 Aquin
Qn-288 José
Qn-289 Adair
Qn-290 Maria
Qn-291 Eudes
Qn-292 Ada
Qn-293 Maria Aparecida
Qn-294 Ataulfo

Tn-91 Naúm, c.c. Ceci Nunes de Castro, **filha de Frederico Nunes** de Carvalho e de Maria Augusta de **Castro**

Tn-92 Sebastião, falecido solteiro

Tn-93 Neli, c.c. Luis de Freitas, **filho de Luis de Freitas** (Luis Comêta)

Pais de:
Qn-295 Tarso
Qn-296 Paulo

Bn-38 Leopoldo de Campos Cordeiro, **falecido solteiro**

Bn-39 Alípio, falecido, foi casado com **Jovita Carolina Álvares da** Silva, filha de Josefina Carolina Álvares da **Silva e de Franklim Álvares da Silva**
Filhos já descritos

Bn-40 Rita, c.c. Henrique Fornéro, **natural de Turim** (Itália)

Pais de:

Tn-94 Cecília Fornéro Pirani, **costureira em Belo Horizonte**, c.c. Arduino Pirani, italiano

Pais de:
Qn-297 Henriqueta, normalista

Qn-298 Eduardo
Qn-299 Nice, normalista

Tn-95 Ida, c.c. Álvaro Coutinho, residente em Belo Horizonte

Pais de
Qn-300 Azaléia, c.c. o Te. José Gabriel de Azerêdo Coutinho, residente em Barbacena
Qn-301 Cibéle
302 Emília, normalista

Tn-96 Mariana Fornéro de Campos, c.c. José Maria Álvares da Silva Campos, farmacêutico, jornalista e poeta, residente em Divinópolis; filho de Inácio Álvares da Silva Campos e de Luisa Álvares da Silva Contagem

Pais de
Qn-303 Humberto, falecido
Qn-304 Marta
Qn-305 Evane
Qn-306 Muriel
Qn-307 Avano
Qn-308 Heliane
Qn-309 José Humberto

Tn-97 Júlia Fornéro Dinis, c.c. José Silvino, ambos falecidos

Pais de:
Qn-310 Carlos
Qn-311 Roberto
Residem em Patrocínio-Minas

Tn-98 Raimundo, residente em Montes Claros, c.c. Nair Magalhães

Pais de
Qn-312 Célia
Qn-313 Aparecida
Qn-314 Garibaldi
Qn-315 Ataide
Qn-316 Helena

Tn-99 Henrique, solteiro residente em S. José da Lagoa (Nova Era)

Tn-100 Wilson, solteiro, residente em Dôres de Campos

Tn-101 Walter, solteiro, residente em Dôres de Campos

Tn-102 Jaí

Bn-41 Dorcas Tabita, c.c. Otaviano de Mendonça

Pais de:
Tn-103 Inácio Cordeiro de Mendonça
Tn-104 Pedro, falecido
Tn-105 Maria Madalena
Tn-106 Maria de Lourdes
Tn-107 Maria

Bn-42 Deodora, viúva de Manuel Gonçalves de Melo, residente em São Paulo

Pais de:
Tn-108 Aureslina

Tn-109 Isaura
Tn-110 Aurico
Tn-111 Josefina
Tn-112 Waldemar

Bn-43 Vitorina, c.c. Orsini José de Oliveira

Pais de:
Tn-113 Paulo
Tn-114 Antônia
Tn-115 Rodolfo

Bn-44 Amador, c.c. Rosena Álvares da Silva, filha de Saint Clair Ferreira Álvares da Silva e de Francisca Camargos

Pais de:
Tn-116 Margarida
Tn-117 Maria
Tn-118 Lozaoleslinda (Didi)
Tn-119 José
Tn-120 Saint Clair
Tn-121 Leopoldo
Tn-122 Josefina
Tn-123 Francisca
Tn-124 Sebastião
Tn-125 Manuel
Tn-126 Luzédia
Tn-127 Edeluz
Tn-128 Tortes
Tn-129 Zica
Tn-130 Rosaura

Bn-45 Maria, c.c. Manuel Ferreira Álvares da Silva (Manuelzinho do Pará), filho de Francisco Ribeiro de Camargo e de Lourença Álvares da Silva

Pais de:
Tn-131 Josefina, viúva de Antônio Greco, italiano

Pais de
On-317 Helena, c.c. Dr. José Greco, médico
On-318 Armando, c.c. Maria de Lourdes do Monte
On-319 Orlando, c.c. Estela Betâmio Paraiso
On-320 Iolanda, c.c. Dr. Eduardo Soares de Faria, advogado
On-321 Onélia, c.c. Dr. José Benjamim Soares, médico
On-322 Mussolini, solteiro
On-323 Maria Teresinha

Tn-132 Joaquina, c.c. José Pereira, filho de Amador Pereira e de Maria Nolasco Cordeiro

Pais de
Qn-324 José
Qn-325 Juraci
Qn-326 Jacira
Qn-327 Antônio
Qn-328 Maria das Dores
Qn-329 Pedro

Qn-330 Manuel
Qn-331 Amador
Qn-332 Jacir
Qn-333 Jurandir
Qn-334 Afonso
Qn-335 Luciano

Tn-133 Maria, viúva de Suetônio Alvares da Silva, filho de Teófilo Sant'Ana Álvares da Silva e de Belchiorina Carolina Álvares da Silva

Filhos já descritos

Tn-134 Sebastião, residente em Ipameri — Estado de Goiás, c.c. Maria Emídia

Pais de
Qn-336 Lázaro
Qn-337 Luciano
Qn-338 Maria
Qn-339 Emídio
Qn-340 Mafalda
Qn-341 Leticia
Qn-342 Orazal
Qn-343 Luis
Qn-344 Cinira
Qn-345 Juarez

Tn-135 Ana Felisberta, c.c. João de Abreu e Silva, filho de Teófilo Sant'Ana Álvares da Silva e de Belchiorina Carolina alvares da Silva. Residente em Abaeté

Filhos já descritos

Tn-136 Celina, c.c. Nazareno Feijó Álvares da Silva, falecido, filho de Francisco Álvares Fernandes e de Alé Álvares da Silva. Residente em Abaeté

Pais de
Qn-346 Antônio Feijo
Tn-137 Manoelita, falecida solteira
Tn-138 Rosa, falecida solteira
Tn-139 Lourença, solteira
Tn-140 Manuel, residente em Ipameri — Goiás
Tn-141 Letícia, c.c. José Inácio de Oliveira Campos, filho de Inácio de Oliveira Campos e de Virgínia Lucas Pereira. Residente em Abaeté

Pais de:
Qn-347 Silvio
Qn-348 Evandro
Qn-349 Hirton

Bn-46 Clara, c.c. Antônio Biscardi, italiano

Pais de:
Tn-142 Maria
Tn-143 Marta
Tn-144 Madalena
Tn-145 Mafalda

Bn-47 Isabel, c.c. Alfredo Monteiro de Resende

Pais de:

Tn-146 Maria, residente em Morada Nova, c.c. Antônio Biscardi, viúvo de Clara

Pais de:

Qn-350 Clara
Qn-351 Afonso
Qn-352 Ascânio
Qn-353 Creuza
Qn-354 Celina

Bn-48 Ana Jacinta, viúva de Francisco Ribeiro Álvares da Silva, filho de Inácio Ribeiro de Camargo e Isabel Maria de Jesus

Pais de:

Tn-147 Inácio, viúvo de Luisa Alvares da Silva
Tn-148 Luciola, c.c. Antêro de Mendonça, filho de Gustavo Teodoro de Mendonça e de Maria Carolina Álvares da Silva
Tn-149 Iracema, c.c. José Antônio Cordeiro de Menezes, filho de José Marcelino de Menezes e de Izaura Cordeiro Maciel
Tn-150 Francisco, c.c. Rita Lourenço Gomes
Tn-151 Marinho, falecido
Tn-152 Elisa, solteira
Tn-153 Neli, c.c. Rui Barbosa de Mendonça, filho de Alívio de Mendonça e de Luisa Soares Cordeiro
Tn-154 Sebastião, solteiro
Tn-155 Isabel
Tn-156 José
Tn-157 Edite
Tn-158 Pedro

NOTA : — Timóteo Gomes Valadares, foi casado a 2.ª vez com Clara Maciel de Monte Falco, filha de Alexandre Dias Maciel e de Maria Mendes da Silva. Clara, nasceu a 18-8-1785, foi batizada a 19-9-1785. O casamento foi realizado na Capela da Penha, em Pitangui, a 22-11-1814.

FILHOS:

Timóteo, nascido a 6-12-1819, falecido a 17-12-1831.
Miguel Arcanjo, nascido a 7-5-1824, falecido a 4-8-1869.

RESUMO

F	1
N	13
Bn	48
Tn	158
Qn	354
Pn	340
Sn	59
Hn	
Soma:	973

Descendentes: 943

DESCENDÊNCIA DE FÉLIX DE OLIVEIRA CAMPOS E EUFRÁSIA MARIA DA SILVA

CAPITULO II

FILHOS

N-14 Inácia, c.c. Antônio Gonçalves dos Reis

N-15 Eufrásia, c.c. o Alferes João Ambrósio Dias Maciel

N-16 Cadete Félix de Oliveira Campos Júnior, c.c. Maria Jacinta de Oliveira Campos

N-17 Antônio de Oliveira Campos, falecido solteiro

N-18 Diogo de Oliveira Campos, casado a 1.ª vez na família Lataliza França; e a segunda vez casado com Claudina Gomes Leite; casado ainda a terceira vez com Maria Elisa Pereira da Costa.

F-2 Capitão-mor Félix de Oliveira Campos, c.c. Eufrásia Maria da Silva Campos, filha de Antônio Dias Teixeira das Neves e de Maria Eufrásia de Abreu Castelo Branco (esta, filha do Dr. Manuel Ferreira da Silva e de Eufrásia Leonor Guedes da Silva Sobral Castelo Branco)

N-14 Inácia, c.c. Antônio Gonçalves dos Reis
Descendência ignorada

N-15 Eufrásia, c.c. o Alferes João Ambrósio Dias Maciel, nascido a 17-12-1799, casado em Pompéu a 3-10-1823, filho de Alexandre Dias Maciel e de Maria Mendes da Silva

Pais de:

Bn-49 João Ambrósio Dias Maciel, nascido a 25-8-1825, em Pompéu c.c. Maria dos Santos Ribeiro

Tn-159 Francisco de Paula Dias Maciel (Chico Pisca), c.c. Dioguina de Oliveira Campos, filha de Maria Clara da Silveira e de Antônio de Oliveira Campos

Pais de:

Qn-355 Francisco de Paula
Qn-356 João Ambrósio
Qn-357 Maria José, c.c. Antônio Januário de Campos

Pais de:

Pn-341 Elpídio, c.c. Irilda Porto, filha de José Porto e de Bernardina Lataliza França

João Ambrosio Dias Maciel e Esposa

Pn-342 Onésio, c.c. Nair Lacerda
Pn-343 Nilo
Pn-344 Alvarina, c.c. Antônio de Oliveira Campos, filho de José Diogo de Oliveira Campos e de Maria Bernardina de Campos

Pais de

Sn-60 Sebastião
Sn-61 Maria José
Sn-62 Maria Bernardina
Sn-63 Antônio
Sn-64 Luisa

Pn-345 Leonardo, c.c. Luiza Lacerda
Pn-346 Celino

Qn-358 Inês Cesária, c.c. José Maria de Campos, filho de Antônio Januário de Campos e de Antônia Firmina Ribeiro

Pais de:

Pn-347 Lêda
Pn-348 Neli

Tn-160 João Ambrósio Dias Maciel Filho, c.c. Maria Clara, filha de Antônio de Oliveira Campos e de Maria Clara da Silveira

Pais de:

Qn-359 Antônio
Qn-360 João Ambrósio
Qn-361 Noé
Qn-362 Antônia
Qn-363 Amarilis, c.c. Cândido, filho de José Diogo de Oliveira Campos e de Maria Ambrosina Dias Maciel

Tn-161 Claudina, c.c. Antônio Severo de Oliveira Campos, filho de Antônio de Oliveira Campos e de Maria Clara da Silveira

Sem filhos

Tn-162 Maria Ambrosina (Inhazinha), c.c. José Diogo de Oliveira Campos. (Inhazinha, segunda mulher de José Diogo)

Pais de:

Qn-364 Emídio
Qn-365 Antônio
Qn-366 Cândido, c.c. Amarilis Dias Maciel, filha de João Ambrósio Dias Maciel e de Maria Clara da Silveira

Pais de:

Pn-349 Geraldo
Pn-350 Zózima
Pn-351 Maria
Pn-352 João
Pn-353 José
Pn-354 Eduarda

Bn-50 Ana, nascida a 11-10-1829, c.c. João Pedro Duarte

Pais de:

Tn-163 Flávio Dias Maciel, c.c. Joaquina Jacinta de Campos Cordeiro Valadares, filha de José de Campos Cordeiro Valadares e de Jacinta de Oliveira Campos

Sem filhos

Bn-51 Maria
Bn-52 Félix Dias Maciel, c.c. Angélica Teresa de Sousa Machado, filha de Francisco Joaquim de Sousa Machado e de Angélica Ferreira Álvares da Silva

Pais de:

Tn-164 Félix Dias Maciel, c.c. Francisca Ferreira Maciel Gonçalves, filha de Antônio Gonçalves e de Amélia Rodrigues Ferreira

Pais de:

Qn-367 Maria, c.c. Geraldo Bahia

Pais de:

Pn-355 Jaques
Pn-356 Sílvio

Félix Dias Maciel e D. Angélica

Qn-368 José, c.c. Maria de Lourdes Maciel, filha de Fidêncio Dias Maciel e de Joana Álvares Maciel

Pais de:

Pn-357 Tarciso

Pn-358 Narciso

Qn-369 Nadir, c.c. Sebastião de Campos Cordeiro, filho de Emílio de Campos Cordeiro e de Alcira de Campos Machado

Sem filhos

Qn-370 Amélia, c.c. Vicente Tavares

Qn-371 Valdir

Qn-372 Antônio

Qn-373 Angélica, c.c. Joaquim Lacerda

Qn-374 Dalva, solteira

Qn-375 Geralda, c.c. Moisés Álvares Maciel, filho do Cap. Olímpio Cordeiro Maciel e de Joana Evangelista Álvares da Silva

Filhos já descritos

Qn-376 Conceição, solteira

Tn-165 Eufrásia Dias Maciel (Frasinha), nascida a 2-2-1882, falecida, c.c. Francisco Luis de Freitas, falecido. Residiram na Fazenda "Água Limpa", município de Maravilha

Pais de:

Qn-377 Conceição de Freitas (D. Cessa), c.c. Félix Mendes (Filhinho), próspero fazendeiro em Pompéu

Pais de:

Pn-359 Francisco, c.c. Luzia de Campos Guimarães, filha de Inácio de Oliveira Campos e de Helena Ferreira Guimarães.

Pais de

Sn-65 Maria Helena

Pn-360 Leodelibis, c.c. Sebastião Álvares da Silva, filho de Sebastião Augusto de Campos Cordeiro e de Maria Álvares da Silva

Filhos já descritos

Pn-361 Mozar, solteiro

Pn-362 Otoniel, (Branco)

Pn-363 Cirilo, (Dôco), estudante

Pn-354 Réia Sílvia, estudante

Pn-365 Raimundo, (Iôiô), estudante

Pn-366 Conceição

Qn-378 Maria das Dores, c.c. Mário Xavier Gontijo, falecido

Pais de:

Pn-367 Mário

Pn-368 Honório

Pn-369 Maria, c.c. Geraldo Guimarães dentista em Cajuru

Pais de

Sn-66 José Nilson

Pn-370 Eufrásia

Maria das Dores, casada a segunda vez com Galdino Ferreira Mesquita, de Saúde

Pais de:

Pn-371 Mário

Pn-372 Marilda

Qn-379 Antônio Delfino, c.c. Rosa Gonçalves dos Reis, da Fazenda da Cachoeira

Pais de:

Pn-373 Dulce, c.c. José Campolina de Abreu

Pais de:

Sn-67 Maria Cecília

Sn-68 Gilberto

Pn-374 Rosa, (Rosita), c.c. César Valadares Bahia

Pais de:

Sn-69 Helena César

Pn-375 Amintas

Pn-376 Antônio

Pn-377 Olívio

Pn-378 Hermínio

Pn-379 Marisa

Pn-380 Geraldo

Pn-381 Décio

Pn-382 Beatriz

Pn-383 Marcondes

Qn-380 Luisa, c.c. Domingos Xavier Gontijo

Pais de:

Pn-384 Maria, c.c. .....

Pais de:

Sn-70 João
Sn-71 Maria Celuta
Sn-72 Vicente
Sn-73 Domingos

Pn-385 José, c.c. Anália .....

Pais de:

Sn-74 Maria
Sn-75 José
Sn-76 Domingos
Sn-77 Eufrásia
Sn-78 Lavínia
Sn-79 Francisco Luis

Pn-386 Júlia
Pn-387 Carmen
Pn-388 Jonas
Pn-389 Anália
Pn-390 Eufrásia
Pn-391 Fausto
Pn-392 Maria da Conceição
Pn-393 Margarida
Pn-394 Maria da Assunção

Qn-381 Angélica, c.c. José Vicente dos Reis

Pais de:

Pn-395 Agostinho
Pn-396 Laércio
Pn-397 Maria Sônia
Pn-398 Eufrásia
Pn-399 João Luis
Pn-400 Maria Angélica
Pn-401 Vera Lúcia
Pn-402 Margarida
Pn-403 Alvimar
Pn-404 Van Nilce
Pn-405 Neide

Qn-382 João Luis, c.c. Antônia Fonseca, falecida

Pais de:

Pn-406 Ari
Pn-407 Francisco Neto

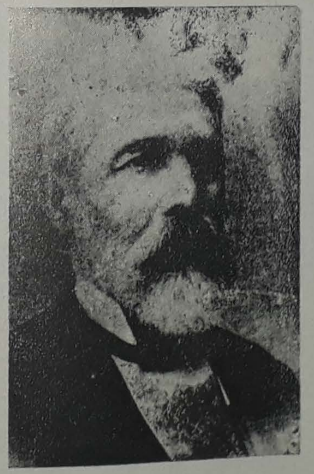
João Luis, casou-se a segunda vez com Margarida Maria Maciel

Pais de:

Pn-408 Fidêncio
Pn-409 Olimpio

Qn-383 José Emídio, c.c. Eni de Campos Maciel

Cel. Jacinto Álvares Ferreira da Silva



Desembargador Frederico Augusto Alvares da Silva

Dr. Teófilo, c.c. Maria Venâncio Fortes, residente em Sete Lagoas

Pais de:
tn) Laura
Márcia
Beatriz
Maria José
Maria Natália
Rita de Cássia

Dr. Frederico (Dr. Alico), casado a 2.ª vez com Escolástica Marques, irmã de Laura Marques.

Pais de:
bn) José Luís, c.c. Maria Amorim

Pais de:
tn) Escolástica
Maria Margarida
Maria da Graça
Frederico Augusto
bn) Mário, falecido solteiro
Hortência, c.c. Aires Dalle Mascarenhas, filho de Ana Dalle e de Aristides Mascarenhas

Pais de:
tn) Ana Escolástica
Ana Regina
Rafael
Aires Augusto
Maria Lúcia
bn) Caio, solteiro

Dr. Frederico (Dr. Alico), casado a 3.ª vez com Judite de Andrade Horta, de Juiz de Fora.

Pais de:
bn) Aluísio, solteiro
n) Emerenciana, c.c. Teodorico Ribeiro de Assis, falecido, residiu na fazenda de Florestal, de sua propriedade, em Juiz de Fora. Viúva, D. Emerenciana, é hoje irmã de caridade.

Pais de:
bn) Frederico Augusto, c.c. Leonor Teixeira de Carvalho de Assis

Pais de:
tn) Suzana
Tomás de Aquino
Rachel
Inácio
Rute
Francisco José
bn) Francisco Álvares de Assis, c.c. Marília Pinheiro de Assis

Pais de:
tn) Vera
Sérgio

Maurício
Francisco
Marília
Marta
Marcos
Eduardo
Geraldo

bn) Teodorico Álvares de Assis, c.c. Margarida Maria Monteiro de Assis

Pais de:
tn) Teodorico
Paulo
Margarida
Helena
Ana Lúcia
bn) Maria da Conceição de Assis Ribeiro de Oliveira, c.c. Joaquim Ribeiro de Oliveira

Pais de:
tn) Lúcia
Berenice
Mário
Pedro
Emerenciana
Inês
Celina
Isabel
Joaquim Augusto
bn) Júlio Álvares de Assis, c.c. Nadir Alcântara de Assis

Pais de:
tn) Regina
Júlio César
Fernando
Luís Carlos
Pedro Augusto, falecido
Antônio José

n) Júlia, falecida em criança
Maria Madalena, falecida em criança
Antônio, falecido em criança

) José de Deus Álvares da Silva, c.c. Virgínia Fortunato Lopes Cançado

Pais de:
n) Antero Eduardo Álvares da Silva, c.c. Francisca Lopes Cançado (D. Chiquinha do Hotel), residente em Pitangui.

Pais de:
bn) José, c.c. Miguelina Nogueira, filha de Teresa Nogueira e de Querobino Nogueira

Pais de:
tn) Antero Eduardo Álvares da Silva
Raimundo

José
Maria da Conceição
Laura
Paulo
Silvério
Edite
Antônio
Frederico
Jacinto
João
Teresinha
Juraci

bn) Luci Álvares Rocha, c.c. Lacerdino Rocha, filho de Alexandr Lacerda e de Maria Francelina Lacerda (D. Celina)

Pais de:

tn) Antero
Garibaldi
Maria de Lourdes
Ordália
Ligia
Iolanda
Amália

a) Aurora Augusta Álvares da Silva, c.c. José Lopes Cançado
Sem filhos

n) Josefina, residente no Rio de Janeiro, c.c. Dr. Virgílio de Andrade Pessoa, falecido, foi Deputado à Constituição de 1891.

Pais de:

bn) Cecília Álvares Pessoa, professôra no Rio
José Álvares Pessoa
Virginia Álvares Pessoa, falecida

O Dr. Virgílio de Andrade Pessoa foi casado a 1.ª vez com Maria Fortunata Lopes Cançado e teve os seguintes filhos:

1 — Livia Pessoa Cavalcanti, c.c. o General Aniano Bezerra Cavalcanti

Pais de:

Virgílio
Geraldo
Humberto
Murilo

2 — Eulina Pessoa Rosa, c.c. Dr. Cícero Rosa, médico.

Pais de:

Fausto
Reinaldo
Armando
Silvio
Geraldo

Caubi
Laurita
Abigail
Lucília
Odete

n) Dr. Jacinto Álvares Ferreira da Silva, c.c. Isabel Joaquina Álvares da Silva, filha de "Nenzinho do Quati".
Filhos já descritos

f) Aurora Carolina Álvares da Silva, casada a 1.ª vez com Dr. Francisco Álvares da Silva Campos (Dr. Cucuta).
Ver filhos do Dr. Cucuta
Aurora, casada a 2.ª vez com Dr. Higino Álvares de Abreu e Silva
Ver filhos do Dr. Higino

f) Maria Carolina Álvares da Silva, casada a 1.ª vez com o Cel. José Luís Álvares da Silva (José Luís dos Guardas)
Ver filhos de José Luís
Maria, casada a 2.ª vez com Dr. Higino Álvares de Abreu e Silva
Ver filhos de Dr. Higino

f) Domitila Carolina Álvares da Silva, c.c. Joaquim Gomes Drumond, de Sete Lagoas
Sem filhos

f) Antônia Carolina, casada a 1.ª vez com Belchior José de Campos, filho do Te. Inácio de Oliveira Campos e de Bárbara Umbelina de Sá e Castro.

Pais de:

n) Maria, c.c. Felipe Joaquim de Castro Vasconcelos (Felipe da Bahia).

Pais de.

bn) Belchior de Castro Vasconcelos
Felipe Augusto de Castro Vasconcelos
Bernardo Augusto
Frederico Augusto
Luís Augusto
Antônio
Antônia, c.c. Dr. Cornélio Evangelista de Queirós
Sem filhos
Francisco Augusto, c.c. Antônia Elisa, filha de Luís Álvares da Silva e de Elisa Gabriela de Castro Vasconcelos

Pais de:

tn) Silas de Campos Vasconcelos
Emília
Maria José, c.c. Esperidião Cecim, comerciante em Pitangui
Wilson

bn) Emílio
Cornélio
Maria, viúva de José Fernandes, espanhol

Pais de:

tn) Paulo
Afonso
Otávio

Felipe
Maria
Teresa

Antônia Carolina, casada 2.ª vez com o Dr. Sebastião Cordeiro dos Campos Valadares, filho de Antônia de Oliveira Campos e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares.

Sem filhos

f) Luisa Carolina, c.c. Dr. Inácio Álvares da Silva (residiu em Paraíba do Sul).

Ver filhos do Dr. Inácio Álvares da Silva

Tn-75 Antônio Augusto Álvares da Silva, (Sinhô do Quatl), nascido a 1-2-1861, c.c. Cecícilia de Campos Cordeiro, nascida a 1-2-1865, filha de Álvaro de Campos Cordeiro e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro.

Pais de:

Qn-218 Antônio Álvares Cordeiro, (Toniquinho), residente em Belo Horizonte, casado a 1.ª vez com Conceição Branco de Mendonça, filha e Margarida Alves de Araújo e de Jacinto Branco de Mendança

Pais de:

Pn-145 Antônio, falecido em criança.

2.ª vez casado com Maria Branco de Mendonça, irmã da 1.ª mulher.

Filhos:

Pn-146 Antônio, falecido
Pn-147 Maria da Conceição, falecida
Pn-148 Maria da Conceição, c.c. Wilson Campos
Filhos descritos em outro local
Pn-149 Antônio
Pn-150 Cecília
Pn-151 Milton
Pn-152 Margarida Eleusa
Pn-153 Maria de Lourdes

Qn-219 Miguel Álvares Cordeiro, batizado a 21-2-1887, falecido. c.c. Maria Vieira, a 1.ª vez, filha de Miguel Antônio Vieira e de Cristina Vieira.

Pais de:

Pn-154 Lídia Álvares Vieira
Pn-155 Joana

Miguel Álvares Cordeiro, casado a 2.ª vez com Antônia Júlia de Campos, filha de Aprígio de Campos Cordeiro e de Júlia de Campos Cordeiro Valadares

Sem filhos

Qn-220 Dr. Osvaldo Álvares da Silva, c.c. Alegrantina Senra, filha de Manuel Senra e de Placedina Senra. Médico em Pompéu

Pais de:

Pn-156 Antônio Augusto
Pn-157 Valdi
Pn-158 Manuel

Qn-221 Acrísio Álvares Cordeiro, c.c. Arlêta Cordeiro Valadares, falecida, filha de Isidro Cordeiro Maciel e de Maria de Campos Cordeiro Valadares (D. Cóta)

Pais de:

Pn-159 Arlêta, c.c. Dr. Francisco Teodoro da Silva, Juiz de Direito em Carlos Chagas, filho de Paulo de Lima e Silva e de Georgina Ferreira de Lima e Silva.

Pais de:

Sn-5 Maria Marta
Sn-6 Maria Lúcia

Qn-222 Adelaide Álvares Cordeiro, batizada a 23-5-1890, falecida, c. c. Benvindo José de Oliveira, filho de Camilo José de Oliveira e de Maria de Oliveira

Pais de:

Pn-160 Maria
Pn-161 Joaquim
Pn-162 José Maria
Pn-163 Ana, c.c. Joaquim Antônio de Campos Cordeiro, comerciante em Pompéu, filho de Maria de Campos Cordeiro Valadares e de Isidoro Cordeiro Maciel, falecido

Pais de:

Sn-7 Marcelo
Sn-8 Eula
Sn-9 Léa
Sn-10 Armando

Pn-164 Benvindo
Pn-165 Camilo
Pn-166 Geraldo
Pn-167 Jesús
Pn-168 Antônio
Pn-169 Augusto
Pn-170 Conceição

Qn-223 Maria Álvares da Silva, c.c. Sebastião Augusto de Campos Cordeiro, falecido, filho de José Belizário de Campos Cordeiro e de Antônia Margarida de Campos Cordeiro Valadares

Pais de:

Pn-171 Maria (Lilita)
Pn-172 Sebastião, c.c. Leodelibis Mendes Maciel, filha de Conceição de Freitas, (D. Cessa), e de Félix Mendes Maciel (Filhinho)

Pais de:

Sn-11 Márcio
Sn-12 Maria José, falecida
Sn-13 Márcia
Sn-14 Maria da Conceição

Pn-173 Alberto, c.c. Alvarina de Campos Valadares, filha de Aquilêu de Campos Valadares e de Stela Álvares Martins

Pais de:

Sn-15 Sebastião Evaldo
Sn-16 Ester Vander
Sn-17 Estael
Sn-18 Alberto

Pn-174 Silvia
Pn-175 Ivone
Pn-176 Antônio
Pn-177 Belizário
Pn-178 Nise
Pn-179 Cesário
Pn-180 Cid
Pn-181 Américo
Pn-182 Cecília
Pn-183 Francisco

Qn-224 Salvador Álvares da Silva, solteiro, comerciante em Pompéu

Qn-225 Antônia, batizada a 18-9-1892, falecida solteira

Qn-226 Álvaro de Campos Álvares, falecido solteiro

Tn-76 Adelaide Joaquina, batizada a 3-7-1867, em Pompéu, c.c. Joaquim Maria Álvares da Silva, falecido, filho de José Joaquim de Campos Cordeiro Valadares (Zé do Paulista) e de Maria de Campos Cordeiro Valadares

Sem filhos

Tn-77 Joana Álvares da Silva, batizada a 10-12-1868, em Pompéu, c.c. o Cap. Olímpio Cordeiro Maciel, falecido, filho de Joaquim Antônio de Campos Cordeiro e de Virgínia Generosa Duarte Maciel

Pais de:

Qn-227 Arsênio, c.c. Amélia, filha de Rodolfo Cecílio dos Santos e de Maria dos Santos

Pais de:

Pn-184 Geraldo, c.c. Laura Bahia Saldanha.

Pais de:

Sn-19 Maria Amélia
Sn-20 Eloisa
Sn-21 Sandra

Pn-185 Antônio
Pn-186 Benedito
Pn-187 Alda
Pn-188 Elza
Pn-189 Joana

Qn-228 Orozimbo, falecido solteiro

Qn-229 José, c.c. Maria José Álvares Maciel, filha de Antônio Ferreira (Antônio do Amorim) e de Maria Ferreira

Pais de:

Pn-190 José
Pn-191 Geralda
Pn-192 Loida
Pn-193 Maria

Pn-194 Antônio
Pn-195 Olímpio
Pn-196 Aires
Pn-197 Irinêu

Qn-230 Moisés, c.c. Geralda Ferreira, irmã de Maria Ferreira

Pais de:

Pn-198 Félix
Pn-199 Joana

Qn-231 Joaquim Antônio (Quintônio), c.c. Jandira Maciel, filha de Francisco Severino Dias Maciel e de Cecília Morato

Qn-232 Maria, c.c. Celso Máximo Pereira, filho de Cornélio Máximo Pereira e de Maria das Dores de Oliveira

Pais de:

Pn-200 Glória
Pn-201 Celso
Pn-202 Maria Imaculada
Pn-203 Joaquim
Pn-204 Maria Aparecida
Pn-205 Maria Auxiliadora
Pn-206 Adelaide
Pn-207 Cornélio

Qn-233 Joana, c.c. Fidêncio Dias Maciel, filho de Félix Dias Maciel e de Angélica Dias Maciel

Pais de:

Pn-208 Maria Helena
Pn-209 Silvia
Pn-210 Fidêncio
Pn-211 Margarida Maria
Pn-212 Teresinha
Pn-213 Helvécio
Pn-214 Rui
Pn-215 Maria de Lourdes

Qn-234 Adelaide, c.c. Antônio, filho de Benjamim Garcia Cordeiro Valadares e de Idalina Antoniêta da Rocha

Pais de:

Pn-216 Olga
Pn-217 Benjamim

Qn-235 Isabel, c.c. Gilberto Cordeiro Valadares, filho de Joaquim Cordeiro Valadares (Cordeiro das Lages) e de Maria Francelina de Campos Cordeiro

Pais de:

Pn-218 Fábio, c.c. Leni Souza
Pn-219 Maria de Lourdes, c.c. Geraldo Porto
Pn-220 Gilberto
Pn-221 Joaquim Maria
Pn-222 Gilberto Geraldo
Pn-223 Maria Edméa, c.c. Heli Carvalho
Pn-224 Antônio Gilberto

Pn-225 Maria Deodora
Pn-226 Maria Berenice

Tn-78 Militão Augusto Álvares da Silva, nascido a 10 de março de 1865 e falecido a 13-7-1939, c.c. Rosa América Gontijo, nascida a 22-1-1867, filha de José Teodoro Gontijo e de Ana Rosa Gontijo.

Pais de:
Qn-236 José Teodoro Álvares Gontijo (Juca do Militão), nascido a 29-3-1886, c.c. Antonieta Pires, filha de Joaquim Carlos Ferreira e de Josefa Custódia Pires

Pais de:
Pn-227 Rosa, c.c. Aderbal Amorim

Pais de:
Sn-22 Vitória
Sn-23 Gláucio
Sn-24 Jose
Sn-25 Antônio
Sn-26 Aderbal
Sn-27 Rosa

Pn-228 Dr. Romeu Pires Gontijo, c.c. Juraci Pires Guimarães

Pais de:
Sn-28 Laís
Sn-29 Zilá
Sn-30 Nise

Pn-229 Gontijo, c.c. Ordália Gontijo
Sem filhos

Pn-230 Homero Pires Gontijo, c.c. Vanda Moreira, falecida

Pais de:
Sn-31 Teresinha
Sn-32 Isabel

Pn-231 Teresinha

Qn-237 Maria da Conceição, nascida a 22-4-1888, no município de Formiga, c.c. José Vieira de Faria

Pais de:
Pn-232 Maria de Lourdes
Pn-233 Rosa
Pn-234 Edgar, c.c. Juraci Guimarães (que não é parenta da mulher do Dr. Romeu)

Pais de:
Sn-33 Fernando

Pn-235 Otávio
Pn-236 Ivan
Pn-237 Modesto
Pn-238 Abel, c.c. Maria Eulália Costa Faria

Pais de:
Sn-34 Sandra Maria

Qn-238 Isabel, nascida a 4-11-1890, c.c. José Nogueira, falecido.
Sem filhos

Qn-239 Ana, nascida a 9-2-1892, c.c. Cristóvão de Faria

Pais de:
Pn-239 Cícero, c.c. Ana Aguilar

Pais de:
Sn-35 Sócrates
Sn-36 Rômulo

Pn-240 Lauro, c.c. Olga Cunha de Faria

Pais de:
Sn-37 Catarina
Sn-38 Lauro
Sn-39 Hortência

Pn-241 Aristeu, c.c. Etelvina Xavier de Faria

Pais de:
Sn-40 Maria Leonor

Pn-242 Dulce, c.c. Silvio de Alencar, ambos já falecidos

Pais de:
Sn-41 Dulcídio

Pn-243 Cristóvão
Pn-244 Rosa
Pn-245 Ovídio

Qn-240 Joana, nascida a 20-10-1894, solteira, residente em Divinópolis

Qn-241 Antônio Maria (Totonho de Militão), nascido a 26-1-1896, residente em Belo Horizonte, comerciante, c.c. Maria Álvares Ferreira

Pais de:
Pn-246 Militão
Pn-247 Joaquim
Pn-248 Antônio, falecido
Pn-249 Edmar, falecido
Pn-250 Maristela

Qn-242 Rosa, nascida a 18-5-1898

Bn-31 Licurgo, c.c. Virgínia Angélica da Cunha

Pais de:
Tn-79 Joana Álvares da Silva, c.c. Emídio Francisco Soares

Pais de:
Qn-243 Maria Angélica, falecida, c.c. Dr. José Soares de Carvalho

Pais de:
Pn-251 Geraldo, falecido
Pn-252 Orlando
Pn-253 José

Pn-254 Maria
Pn-255 Jesus
Pn-256 Teresinha
Pn-257 Clara

Qn-244 Maria das Dores, falecida, c.c. Felipe A. Guimarães

Pais de:

Pn-258 Dirce
Pn-259 Helena
Pn-260 Luci

Qn-245 Osório, falecido solteiro

Qn-246 Felisberto, c.c. Albertina Gontijo

Pais de

Pn-261 Maria Helena
Pn-262 Vilma

Qn-247 Romeu, c.c. Sílvia Moura

Qn-248 Newton, c.c. Maria Carneiro Farago

Pais de:

Pn-263 Paulo Cesar
Pn-264 Luis Carlos

Qn-249 Clóvis, c.c. Luisa Bretas

Qn-250 Rosa, c.c. José Pinto Ribeiro

Pais de:

Pn-265 Adélia
Pn-266 Maria Auxiliadora
Pn-267 José
Pn-268 Joanita
Pn-269 Iolanda
Pn-270 Murilo
Pn-271 João
Pn-272 Bosco
Pn-273 Zilá
Pn-274 Maria do Carmo
Pn-275 Celeste, falecida

Qn-251 Joana, c.c. Raimundo Soares

Pais de:

Pn-276 Sílvio
Pn-277 Geni
Pn-278 Tupi
Pn-279 Sílvia
Pn-280 Maria do Carmo
Pn-281 Silvério
Pn-282 Milton
Pn-283 Iolanda, falecida
Pn-284 Sônia, falecida
Pn-285 Amélia, falecida
Pn-286 Elza, falecida
Pn-287 Mauro

Bn-32 Comendador Jacinto Álvares da Silva, nascido a 20-1-1832,

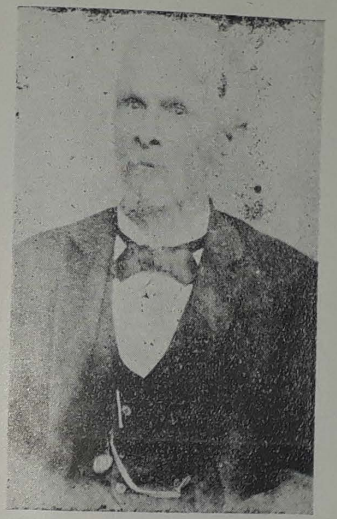
em Pompéu, e falecido a 25-12-1907, em Dores do Indaiá, c.c. D. Claudina de Souza Coelho

Sem filhos

N-9 Ana Jacinta de Oliveira Campos, c.c. Felicíssimo Fialho do Rêgo

Pais de:

Bn-33 Felicíssimo
Bn-34 Margarida



Comendador Jacinto Alvares da Silva

Ana Jacinta, casada a segunda vez com .....

Pais de:

Bn-35 Teófilo Ezequiel de Oliveira Campos, c.c. Faustina Alvares da Silva, filha de Antônio Zacarias da Silva "Barão do Indaiá", e de Faustina Carolina Ribeiro

Pais de:

Tn-80 Antero Ezequiel de Oliveira Campos, c.c. Leonor Vieira Maciel.

Pais de:

Qn-252 Zélia, nascida a 19-11-1899, c.c. Antônio Alves Machado, nascido 20-3-1887

Pais de:

D. Claudina de Souza Coelho

Pn-288 Maria Helena, c.c. Dr. José Rodrigues Zica, médico da Saúde Pública
Pais de
Sn-42 Maria Teresinha
Sn-43 Berenice
Sn-44 Suzana
Sn-45 Marlene
Sn-46 Sára
Sn-47 Santuza
Sn-48 José Carlos
Sn-49 José Rodrigo
Sn-50 Petrônio
Sn-51 Pedro Juliano
Sn-52 Maria Auxiliadora
Sn-53 Maria Zélia

Cel. Teófilo Ezequiel de Oliveira Campos

Pn-289 Dr. Romualdo de Campos Machado, c.c. Mariana Lopes. Lente catedrático da Escola de Minas de Ouro Prêto, Diretor da Companhia Saramenha
Pais de
Sn-54 Roberto
Sn-55 Iêda
Pn-290 Maria da Glória, c.c. Dr. Antônio Augusto de Melo Cançado. Advogado em Belo Horizonte. Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Minas Gerais. Jornalista brilhante
Pais de
Sn-56 José Tarciso . José Augusto, José Maurício, José Eduardo
Pn-291 Maria Sílvia

Pn-292 Maria da Conceição
Pn-293 José
Pn-294 Maria das Dores
Pn-295 José Antero
Pn-296 Maria Teresinha
Pn-297 Maria Lúcia
Pn-298 José Antônio
Pn-299 José Anchieta

Dr. Raimundo de Campos Machado

Tn-81 Teófilo Ezequiel de Oliveira Campos Filho, c.c. Mariana Augusta Ferreira de Melo

Pais de:

Qn-253 Dr. Teófilo Ezequiel, c.c. Selva de Souza

Pais de:

Pn-300 Regina
Pn-301 Teófilo Ezequiel

Qn-254 Hamilton

Qn-255 Selma, c.c. Dr. Ari Pires, filho de Anibal Pires e de Nini Alvares da Silva. Médico oculista

Pais de:

Pn-302 Arilma, estudante
Pn-303 Ari Osvaldo
Pn-304 Arilze
Pn-305 Arilson

Tn-82 Jovita Ezequiel, c.c. Francisco Alves de Souza e Silva

Tn-83 Isabel Teofilina, c.c. Alfredo Ferreira de Melo

Pais de:

Qn-256 Dr. Osvaldo de Melo Campos, médico de grande no-

Cont. fl 337 (ofs)

Continuação da fl 352

Pais de:

Pn-410 Antônia
Pn-411 Alice Bernardina
Pn-412 Mário
Pn-413 Adelma
Pn-414 Napoleão

Tn-166 Angélica Dias Maciel, c.c. Francisco Mendes de Carvalho

Pais de:

Qn-384 Sebastião, c.c. Maria das Dores de Faria

Pais de:

Pn-415 Geralda
Pn-416 Zita
Pn-417 Maria
Pn-418 Marina, normalista, c.c. Alberto Bahia. Residente em Maravilha

Pais de:

Sn-80 Antônia Maria
Sn-81 Fernando

Pn-419 Francisca de Mercedes
Pn-420 Adília
Pn-421 Luzia
Pn-422 João
Pn-423 Alcides, c.c. Aida .....
Pn-424 Carmelita

Qn-385 Angélica, c.c. José Higino de Campos Cordeiro, filho de Higino de Campos Cordeiro Valadares e de Maria Joaquina de Campos Cordeiro Valadares

Pais de:

Pn-425 José Laci, c.c. Carmelita, sua prima,

Pais de:

Sn-82 José
Sn-83 André
Sn-84 Jafé
Sn-85 Nazaré
Sn-86 Josué

Pn-426 Moacir José
Pn-427 Jandira
Pn-428 Djanira (Mocinha)
Pn-429 Guaraciaba

Angélica, casada a segunda vez com Vicente Chaves

Pais de:

Pn-430 Geraldo
Pn-431 Francisco

Qn-386 Joaquim, falecido solteiro
Qn-387 Antônio, solteiro
Qn-388 Maria, c.c. José Luis de Faria

Pais de:

Pn-432 Angélica

Pn-433 Joaquim
Pn-434 José
Pn-435 Geraldo
Pn-436 Diogo
Pn-437 Maria Jose

Qn-389 Margarida, c.c. Francisco de Castro Tavares de Santa Cruz

Pais de:

Pn-438 Ivone
Pn-439 Rômulo
Pn-440 Lúcio
Pn-441 Nilcéa
Pn-442 Pedro
Pn-443 Magda
Pn-444 Adriano

Qn-390 Félix Mendes Maciel (Filhinho), c.c. Conceição de Freitas (D. Cessa)

Filhos já descritos

Qn-391 Francisco Mendes Maciel, c.c. Maria José Fonseca

Pais de:

Pn-445 Arlindo
Pn-446 José
Pn-447 Enéas
Pn-448 Emiliano César
Pn-449 Eustáquio
Pn-450 Maria das Graças

Tn-167 Antônia Dias Maciel, c.c. Miguel Arcanjo Serra Machado, filho de João Joaquim de Souza Machado e de Antônia F. Machado

Pais de:

Qn-392 Serja
Qn-393 José Silvério
Qn-394 Luis
Qn-395 Luisa
Qn-396 Maria Onedes, c.c. Antônio Maria de Freitas Maciel (Nicote), filho de Teresa de Souza Maciel e de Alexandre de Freitas Maciel

Pais de:

Pn-451 Geralda Maria
Pn-452 José Bonifácio

Tn-168 Francisco Severino Dias Maciel, c.c. Cecília Morato, falecida

Pais de:

Qn-397 Maria Dias Maciel, c.c. Bolivar de Campos Cordeiro (Bola), filho de Emílio de Campos Cordeiro e de Alcira de Campos Machado. Falecida

Pais de:

Pn-453 Célia, c.c. José Maciel

Pais de:

Sn-87 Marco Túlio
Pn-454 Alcira
Pn-455 Hilda
Pn-456 Dilza
Pn-457 Valter, falecido
Pn-458 Antônio Bolivar, falecido
Pn-459 Aroldo

Qn-398 Geralda, c.c. Antônio Maria de Campos Machado, (Tibié)

Pais de:

Pn-460 Iraci
Pn-461 Teresinha
Pn-462 Valda

Qn-399 Jandira, c.c. Joaquim Antônio Cordeiro Maciel, (Quintonho), filho do Cap. Olímpio Cordeiro Maciel e de Joana Evangelista Álvares da Silva

Filhos já descritos

Qn-400 Alice, c.c. Joaquim Antônio Cordeiro Maciel, (Quintonho), viúvo de Jandira
Qn-401 Darci, c.c. Vera Correia Coelho
Qn-402 Maria José, c.c. Geraldo Cordeiro de Oliveira

Tn-169 Davi Dias Maciel, c.c. Ana Cordeiro, filha de Inácio de Campos Cordeiro e de Ricardina Maria de Campos Cordeiro

Filhos

Tn-170 Fidêncio Dias Maciel, c.c. Joana Álvares Maciel, filha do Cap. Olímpio Cordeiro Maciel e de Joana Evangelista Álvares da Silva

Filhos já descritos

N-16 Cadete Félix de Oliveira Campos, c.c. Maria Jacinta de Oliveira Campos

Filhos já descritos

N-17 Antônio de Oliveira Campos, falecido solteiro
N-18 Diogo de Oliveira Campos, casado a primeira vez na família Lataliza

Sem filhos

Diogo de Oliveira Campos, casado a segunda vez com Claudina Gomes Leite, de Curvelo

CÓPIA DA RELAÇÃO DE HERDEIROS DE DIOGO DE OLIVEIRA CAMPOS

Simpliciano Pinto da Silva, Escrivão de Orphaos e Ausentes desta comarca de Curvello, Estado de Minas Geraes, por provimento vitalicio, na forma da lei etc.

Certifico e dou fé que revendo em meu poder e cartório os autos de inventário do finado Diogo de Oliveira Campos, casado que foi com Dona Maria Elisa de Oliveira Campos e morador no distrito de Bagres, neste municipio, dêlles consta o titulo de herdeiro do teor seguinte: Titulo de herdeiros. Declarou ella inventariante que seu marido Tenente Diogo de Oliveira Campos, foi casado em primeiras núpcias com Dona Claudina Gomes Leite, da qual

teve os seguintes filhos que existem: 1.º Rodrigo Gomes de Oliveira, 2.º Diogo de Oliveira Campos, 3.º Antonio de Oliveira Campos, 4.º Ignacio de Campos Leite, 5.º Wasington de Oliveira Campos, 6.º Bernardo Vinte de Agosto, 7.º Dona Amazilles de Oliveira Campos casada com João Antonio Dias Maciel, 8.º Dona Claudina de Oliveira Campos casada com Antonio Joaquim de Campos Cordeiro, 9.º Dona Emília de Oliveira Campos casada com Belchior Cordeiro de Oliveira Campos. Declarou ela inventariante que teve com êle os seguintes filhos que existem: 10.º Elysio de Oliveira Campos, com dezoito annos de idade. 11.º Hypolito de Oliveira Campos, 17 annos de idade. 12.º Paulino com dez annos de idade 13.º José com nove annos de idade. 14.º Pedro com 4 annos de idade. 15.º Candido com três annos. 16.º Ignacio com um anno de idade. 17.º Dona Júlia de Oliveira Campos casada com Joaquim de Souza Trepa. 18.º D. Dioguina de Oliveira Campos, com quatorze annos de idade. 19.º D. Genoveva de Oliveira Campos com doze anos de idade. 20.º Dona Elisa de Oliveira Campos com oito annos de idade. 21.º Maria de Oliveira Campos com cinco annos.

Encerramento. E por esta forma concluiu ela inventariante suas declarações, pelo que mandou o Juiz lavrar êste têrmo que com a inventariante assigna.

Eu Francisco de Paula Santos, Escrivão de Orphãos a escrevi. Maria Elisa de Oliveira Campos.

Certifico mais que dos mesmos autos consta a descripção e avaliação dos bens, em que se vê, entre outras, a seguinte quota: Huma Fazenda sem benfeitorias constando de mattas, capoeiras e campos, denominada "do Espirito Santo" no distrito de Andrequicé, por quatro contos de réis (4:000$000).

Certifico mais que dos mesmos autos consta a partilha na qual à fôlha cento e cinquenta e quatro e cento e cinqüenta e cinco consta o pagamento do herdeiro Antonio de Oliveira Campos da quantia de trezentos e trinta e sete mil quatrocentos e sessenta e sete réis. Neste pagamento, entre as quotas de bens que o compõem se encontra o seguinte... Haverá no valor de uma fazenda denominada "Espírito Santo", com parte que foi da Morada, sem benfeitoria alguma, que foi do Coronel Jeronymo Martins do Rêgo, avaliada por quatro contos de réis, 100$000, cem mil réis. Certifico mais, finalmente, que esta partilha foi julgada por sentença do Juiz de Direito Candido Luís Maria de Oliveira, datada de vinte quatro de outubro de mil oitocentos e sessenta e sete, a qual sentença transitou em julgado, sem oposição alguma por parte dos interessados, como tudo consta dos autos.

É o que consta dos ditos autos de inventario e partilha do finado Diogo de Oliveira Campos, dos quaes, por me ser pedido, fielmente extrahi a presente certidão que está conforme ao original ao qual me reporto e dou fé, na parte relativa a materia desta certidão. Curvello, aos dois de Maio de mil novecentos e vinte e um. Eu, Simpliciano Pinto da Silva, escrivão, a escrevi e assigno. Simpliciano Pinto da Silva (Sôbre 1$400 de estampilhas estaduais).

B	24000
C	6744
S	1000
	31744

Pais de: Simpliciano

Bn-53 Rodrigo, falecido solteiro

Bn-54 Inácio, (Nanácio), c.c. Genoveva Maria de Almeida. Residente em Corinto

Pais de:

Tn-171 Alfredo
Tn-172 Adelaide, irmã de caridade com o nome de Helena Campos
Tn-173 Ernesto
Tn-174 Waldemar
Tn-175 Ferdinando
Tn-176 Agenor
Tn-177 Diogo
Tn-178 Valeriano

Bn-55 Antônio, c.c. Maria Clara da Silveira

Pais de:

Tn-179 Antônio Severo, casado a primeira vez com Claudina Maciel, filha de João Ambrósio Dias Maciel e de Maria dos Santos Ribeiro.

Sem filhos

Antônio Severo, casado a segunda vez com Isabel Claudina, filha de Washington de Oliveira Campos e de Joaquina Bernarda da Silva (Quininha)

Pais de:

Qn-403 Ponciano
Qn-404 Romualdo
Qn-405 Tarciso
Qn-406 Dordina
Qn-407 Maria Clara
Qn-408 Isabel Augusta
Qn-409 Maria José

Tn-180 Dioguina, c.c. Francisco de Paula Dias Maciel, (Chico Pisca)

Filhos já descritos

Tn-181 Maria Clara, c.c. João Ambrósio Dias Maciel, filho de João Ambrósio Dias Maciel e de Maria dos Santos Ribeiro

Filhos já descritos

Tn-182 Antônio Januário, c.c. Antônia Firmina Ribeiro, filha de Antônio Florêncio Ribeiro e de Ana Angélica Ribeiro

Pais de:

Qn-410 Antônio Januário, c.c. Maria José de Campos

Filhos já descritos

Qn-411 José Maria, c.c. Inês Cesária, filha de Francisco de Paula Dias Maciel e de Dioguina de Oliveira Campos

Filhos já descritos

Qn-412 Ana Angélica, c.c. João Alves Maria, (João do Neca)

Pais de:

Pn-462 Manuel Alves Maria
Pn-463 Bernardina
Pn-464 Anunciata
Pn-465 Francisca

Qn-413 Pedro Anacleto, c.c. Bernardina Alves

Pais de:
Pn-466 Corina
Pn-467 Dovirgem
Qn-414 Maria Clara, casada a primeira vez com Antônio de Paula Campos

Pais de:
Pn-468 Antônia
Pn-469 Paulo
Maria Clara, casada a segunda vez com Antônio de Campos Maciel, filho de Francisco de Paula Dias Maciel e de Dioguina de Oliveira Campos
Filhos já descritos
Qn-415 Agenor, c.c. Siria Maria Maciel

Pais de:
Pn-470 Maria
Pn-471 José
Qn-416 Joaquim, c.c. Teresa de Oliveira Campos, filha de José Diogo de Oliveira Campos e de Maria Bernardina de Campos
Filhos já descritos
Qn-417 Cecília, solteira
Qn-418 Anália, c.c. Manuel Alves Maria, filho de João Alves Maria e de Ana Angélica de Campos

Pais de:
Pn-472 Geraldo
Pn-473 Lídia
Qn-419 Antenor, solteiro
Tn-183 Maria Bernardina, c.c. José Diogo de Oliveira Campos
Filhos descritos em outro local
Tn-184 Cândido Libânio, c.c. Antônia Maria Ribeiro

Pais de:
Qn-420 Messias
Qn-421 Cândido
Qn-422 Maria José
Qn-423 Geraldina
Qn-424 Isolina
Tn-185 Claudina, c.c. Francisco Ribeiro

Pais de:
Qn-425 Antônio
Qn-426 Joana
Qn-427 Antônia
Qn-428 Hipólita
Qn-429 João
Tn-186 Antônio Eduardo, c.c. Elídia Martins

Pais de:
Qn-430 Antônio de Paula
Qn-431 José Praxedes
Qn-432 João Praxedes
Qn-433 Eduardo

Bn-56 Amazillis, c.c. João Antônio Dias Maciel
Bn-57 Emília de Campos Leite, c.c. Belchior, (Belchior Coisa Boa), filho de Rita Cordeiro e de Antônio Ferreira

Pais de:
Tn-187 Antônia Cordeiro Valadares, c.c. Joaquim Antônio de Campos Cordeiro, filho de Antônio Joaquim de Campos Cordeiro, da Novilha Brava, e de Claudina de Campos

Pais de:
Qn-434 Conceição
Qn-435 Antônio
Tn-188 Antônio Vitor, c.c. Conceição, sua sobrinha

Pais de:
Qn-436 Emídia, c.c. Francisco Martins Ramos

Pais de:
Pn-474 Eva
Pn-475 Maria
Pn-476 José
Pn-477 Horácio
Pn-478 Luzia
Pn-479 Helena
Qn-437 Maria, solteira
Qn-438 Geralda
Qn-439 Ana
Qn-440 Raimunda
Qn-441 Antônia
Qn-442 José
Bn-58 Washington, c.c. Joaquina Bernarda da Silva (Quininha)

Pais de:
Tn-189 Germano, c.c. Maria do Couto

Pais de:
Qn-443 Francisco
Qn-444 Bárbara
Qn-445 Francisca
Qn-446 Raimunda
Tn-190 Francisco, c.c. Bárbara do Couto

Pais de:
Qn-447 Pedro
Qn-448 Francisco
Qn-449 Geraldo
Qn-450 Antônio
Qn-451 Helena
Qn-452 Jacinto
Qn-453 José
Tn-191 Antônio, c.c. Maria de Oliveira Campos

Pais de:
Qn-454 Silvestre
Qn-455 Maria José
Qn-456 Joaquina

Tn-192 Isabel Claudina, c.c. Antônio Joaquim de Oliveira Campos

Pais de:

Qn-457 José Alfredo
Qn-458 Antônio
Qn-459 Alberto
Qn-460 Maria Joaquina
Qn-461 Adelaide

Tn-193 Virgínia, c.c. Antônio Maria de Oliveira Campos, filho de Martinho Fernandes Álvares

Sem filhos

Bn-59 Bernardo Vinte de Agôsto, c. c. Maria de Souza Trepa, filha de Joaquim de Sousa Trepa e de Eliza de Oliveira Campos

Pais de:

Tn-194 José Cipriano (Mestrinho), c.c. Maria Ferreira Gontijo

Pais de:

Qn-462 Maria, c.c. Arlindo Ribeiro Campos

Tn-195 Diogo Nepomuceno, c.c. Amélia de Campos Valadares, filha de Daniel Cordeiro Valadares e de Luisa (Lulu) Amélia de Campos

Pais de:

Qn-463 Senor
Qn-464 Diogo
Qn-465 Ângelo
Qn-466 Claudina
Qn-467 Amandina
Qn-468 Bertonila (Nila)
Qn-469 Abílio
Qn-470 Bernardo
Qn-471 Maria Madalena
Qn-472 Clarentina

Bn-60 Diogo (Dioguinho), residiu em Vargem Grande, perto de Papagaio, Município de Pitangui, casado com Policena Lataliza (Sá Poli), filha de Pedro Lataliza França e de Mariana Lataliza

Pais de:

Tn-196 Américo
Tn-197 José
Tn-198 Maria
Tn-199 Pedro

Bn-61 Claudina (Dina), c.c. Antônio Joaquim Cordeiro Valadares (da Novilha Brava), filho de Joaquim de Campos Cordeiro Valadares e de Claudina de Oliveira Campos

Pais de:

Tn-200 Joaquim Cordeiro Valadares
Tn-201 José Joaquim Cordeiro Valadares (José da Chácara), c.c. Claudina Cândida de Campos Cordeiro, filha de Inácio de Oliveira Campos e de Rita de Campos Cordeiro Valadares (da Fazenda Boa Vista)

Pais de:

Qn-473 Ambrosina
Qn-474 Maria
Qn-475 Rodrigo

José Joaquim (José da Chácara), casado a segunda vez com Maria, irmã de Claudina

Pais de:

Qn-476 Maria
Qn-477 Celina
Qn-478 Lourival
Qn-479 Maria Aldemi
Qn-480 Nair
Qn-481 Enedina, (Dina)

Tn-202 Álvaro Joaquim (Álvaro Novato), c.c. Francelina Gertrudes de Campos Cordeiro, filha de Álvaro de Campos Cordeiro Valadares (Álvaro do Chôro) e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro

Pais de:

Qn-482 Roberta, c.c. Inácio de Oliveira Campos filho de Inácio de Oliveira Campos e de Rita Gertrudes de Campos

Pais de:

Pn-480 Roberta
Pn-481 Vinício
Pn-482 Alcides
Pn-483 Alvarina
Pn-484 Álvaro
Pn-485 Sílvia
Pn-486 Adélia
Pn-487 Arestina
Pn-488 Maria
Pn-489 Lacerdino
Pn-490 Cornélia
Pn-491 Rita
Pn-492 Violeta
Pn-493 José Maria

Qn-483 Augusto, falecido foi casado com Ambrosina, filha de José Joaquim Cordeiro Valadares (José da Chácara) e de Claudina de Campos Cordeiro

Pais de:

Pn-494 Oscar
Pn-495 Trajano

Tn-203 Joaquina Marta, c.c. Matias Cordeiro Valadares, filho de Jorge Cordeiro Valadares e de Maria Madalena da Costa Sampaio, de Curvelo

Pais de:

Qn-484 Júlia Maria, c.c. Virgílio Cordeiro Maciel

Tn-204 Antônia Joaquina (Dona), c.c. Jorge Cordeiro Valadares, filho de Jorge Cordeiro Valadares e de Maria Madalena da Costa Sampaio

Pais de:

Qn-485 Francelina
Qn-486 Francina
Qn-487 Vitalina
Qn-488 Maria

Antônia Joaquina, casada a segunda vez com Olímpio Cordeiro Valadares, filho de Jorge Cordeiro Valadares e de Maria Madalena da Costa Sampaio

Pais de:

Qn-489 Álvaro Joaquim
Qn-490 Rita
Qn-491 Conceição
Qn-492 Amarilis
Qn-493 Etelvina
Qn-494 Sinfrônio
Qn-495 Adelaide (Sinhá)

Tn-205 Emília, c.c. Vitor Cordeiro Valadares, de mesma filiação que o precedente

Pais de:

Qn-496 Hipólito
Qn-497 Inácio
Qn-498 Francina
Qn-499 Alentério
Qn-500 Raimunda
Qn-501 Maria
Qn-502 Petrina

Tn-206 Claudina, c.c. Francisco Possidônio, filho de Inácio de Oliveira Campos (Inacinho da Boa Vista) e de Rita de Campos Cordeiro

Pais de:

Qn-503 Leão
Qn-504 Dionísio
Qn-505 Alfredo
Qn-506 Alberto
Qn-507 Said, residente em São Paulo
Qn-508 Guilhermina
Qn-509 Júlia, c.c. Antônio, filho de "Juca da Invejosa".

Diogo de Oliveira Campos, casado a terceira vez com Maria Eliza Pereira da Costa, de Curvelo

Pais de:

Bn-62 Padre Hipólito de Oliveira Campos, ordenado a 28-2-1874
Bn-63 José Diogo, casado a primeira vez em Curvelo

Sem filhos

José Diogo, casado a segunda vez com Maria Ambrosina, filha de João Abrósio Dias Maciel e de Maria dos Santos Ribeiro

Filhos já descritos

José Diogo, casado a terceira vez com Maria Bernardina de Campos, filha de Antônio Januário de Oliveira Campos e de Antônia Firmina Ribeiro

Pais de:

Tn-207 Sebastião, falecido solteiro
Tn-208 Antônio, c.c. Alvarina Dias Maciel, filha de Antônio Januário de Campos e de Maria José de Campos

Filhos já descritos

Tn-209 Henrique Diogo, c.c. Joaquina Cordeiro de Campos, filha de Maria Francelina Cordeiro Valadares e de Joaquim Cordeiro Valadares

Pais de:

Qn-510 Jesus
Qn-511 Maria Jane
Qn-512 Joaquim
Qn-513 Henrique
Qn-514 Maria (Cota)

Tn-210 Inácio Diogo, c.c. Helena Guimarães Campos, filha do Tenente Emílio Guimarães e de Maria Amélia Ferreira

Pais de:

Qn-515 Maria Helena
Qn-516 Judite
Qn-517 Lêda
Qn-518 Inácio
Qn-519 Luzia
Qn-520 José
Qn-521 Maria de Lourdes
Qn-522 Bosco
Qn-523 Eli
Qn-524 Júlia

Tn-211 José Diogo, falecido, c.c. Maria Dutra

Pais de:

Qn-525 José, falecido
Qn-526 Maria José

Tn-212 Cecília Honorata de Campos c.c. Ozéas Cordeiro Valadares, filho de Maria Francelina de Campos Cordeiro e de Joaquim Valadares Neto (Cordeiro das Lages)

Pais de:

Qn-527 Joaquim, falecido
Qn-528 José Diogo
Qn-529 Altair
Qn-530 Teresinha
Qn-531 Joaquim
Qn-532 Ozéas
Qn-533 Maria
Qn-534 Gilza
Qn-535 Geuza
Qn-536 Luzia
Qn-537 Edílio

Tn-213 Teresa, c.c. Joaquim Maria de Campos, filho de Antônio Januário de Campos e de Maria a Firmina Ribeiro

Pais de:
Qn-538 Evandro
Qn-539 Neusa
Qn-540 Neide
Qn-541 Neide
Qn-542 Maria Neide, falecida
Qn-543 Ernani

Tn-214 Alice, c.c. José Batista de Freitas Maciel, filho de Angélica Batista de Souza Machado e de Francisco de Freitas Maciel

Pais de:
Qn-544 Onésimo
Qn-545 Enéas
Qn-546 Eni
Qn-547 Eunice
Qn-548 Nilva
Qn-549 Pedro
Qn-550 Teresinha
Qn-551 Elisa
Qn-552 Iris
Qn-553 Ivo
Qn-554 José

Nota — Francisco de Freitas Maciel era filho de Pedro Dias Maciel e de Maria de Freitas
Francisco de Freitas foi casado a 2.ª vez com Maria José de Carvalho e teve os seguintes filhos: Enoi, Nair, Maria e Jazi, residentes em Papagaio

Tn-215 Elisa, c.c. Francisco Napoleão Serra Machado, filho de Angélica Batista de Souza Machado e de Francisco de Freitas Maciel

Sem filhos

Tn-216 Isolina, c.c. Luis Francisco da Silva
Tn-217 Maria, c.c. José Dutra

Pais de:
Qn-555 Odete
Qn-556 Maria
Qn-557 Otília
Qn-558 Margarida
Qn-559 Iris
Qn-560 Alice

Bn-64 Maria de Oliveira Campos, c.c. Manuel Fidelis Teixeira

Pais de:

Tn-218 Vital Teixeira Campos, c.c. Alzira Teixeira de Carvalho

Pais de:
Qn-561 Valfrido
Qn-562 Vulcino
Qn-563 Valter
Qn-564 Maria
Qn-565 Eni
Qn-566 Alzira

Outro filho do casal Bn. 64 : Padre Inácio Fidélis de Campos

Tn-219 Faustino, c.c. Ana Rodrigues de Carvalho

Pais de:
Sucesso
Qn-568 Dimas

Tn-220 Manuel Fidelis Filho, c.c. Maria Gomes de Machado

Pais de:
Qn-569 Geraldo
Qn-570 Manuel
Qn-571 Maria
Qn-572 Rita
Qn-573 Augusto

Nota — Manuel Fidelis Filho, casado a segunda vez com Maria..

Pais de:
Qn-574 Faustino
Qn-575 Vicente
Qn-576 Pedro

Manuel Fidelis Filho, casado a terceira vez com Cecília Maria de Oliveira

Pais de:
Qn-577 Manuel
Qn-578 Teresinha

Tn-221 Hipólito, c.c. Maria Madalena de Campos

Sem filhos

Tn-222 Elisa, c.c. Cândido Cardoso de Mesquita

Pais de:
Qn-579 Celso
Qn-580 Maria
Qn-581 Cassiano
Qn-582 Albertino
Qn-583 Serdico
Qn-584 Constantino

Tn-223 Ana, solteira
Tn-224 Pedro, c.c. Maria Luisa de Campos

Pais de:
Qn-585 Elísio
Qn-586 José
Qn-587 Maria

Tn-225 Sebastião, c.c. Lavínia Lívia de Campos

Pais de:
Qn-588 Maria
Qn-589 Rita
Qn-590 Dina
Qn-591 Carmelita
Qn-592 João
Qn-593 José
Qn-594 Geraldo

Tn-226 José, c.c. Conceição Maria dos Santos

Pais de:

Qn-595 Hipólito
Qn-596 Laura
Qn-597 Rosa
Qn-598 Getúlio
Qn-599 Tarciso
Qn-600 José
Qn-601 Olívia

Tn-227 Maria de Oliveira Campos
Tn-228 Perboire, c.c. Dioguina Maria de Campos

Pais de:

Qn-602 Nicomêdes
Qn-603 José
Qn-604 Conceição
Qn-605 Nair
Qn-606 Aristo
Qn-607 Duílio
Qn-608 Noeme
Qn-609 Lina
Qn-610 Helena
Qn-611 Italo
Qn-612 Ildeu
Qn-613 Maria do Carmo
Qn-614 Miriam

Tn-229 Martinho, dentista em Bom Despacho, c.c. Eduarda Amanda de Campos

Pais de:

Qn-615 Wadswordh
Qn-616 Teylor
Qn-617 Eduardo

Martinho, casado a segunda vez com Maria Pinto da Costa

Pais de:

Qn-618 Ailton
Qn-619 Wagner

Tn-230 Nicolau, c.c. Maria Rodrigues de Carvalho

Qn-620 Amilar
Qn-621 Maria
Qn-622 Manuel
Qn-623 Osmar

Tn-231 Vicente, falecido solteiro
Tn-232 Elisa, solteira
Tn-233 Odete

Bn-65 Júlia, c.c. Joaquim de Souza Trepa

Pais de:

Tn-234 Maria (Cota)
Tn-235 Augusto, residente em Morada Nova

Bn-66 Paulino, residente em Sangradouro, município de Corinto, c. c. Valeriana Maria de Almeida

Pais de:

Tn-236 Teodoro
Tn-237 João
Tn-238 Manuel
Tn-239 Cleopatra, c.c. José .....

Pais de:

Qn-624 Neiva
Qn-625 Diogo

Tn-240 Emídia, c.c. Domingos Rodrigues

Pais de:

Qn-626 José
Qn-627 Ademar
Qn-628 Angélica
Qn-629 Clarindo
Qn-630 João
Qn-631 Hipólito
Qn-632 Maria Emídia

Tn-241 Friné, c.c. Antônio Barbosa da Mata, residente em Corinto

Pais de:

Qn-633 Sebastiana
Qn-634 Síria
Qn-635 Elisa
Qn-636 Margarida
Qn-637 Joana
Qn-638 Maria Emídia
Qn-639 José Gustavo
Qn-640 Paulino
Qn-641 Antônio
Qn-642 Teresino
Qn-643 João
Qn-644 Fabiano
Qn-645 Francisco

Tn-242 Leopoldina
Tn-243 Elisa
Tn-244 Dioguina, falecida
Tn-245 Alceu

Bn-67 Padre Inácio de Oliveira Campos, ordenado a 9-4-1893
Bn-68 Elisa, c.c. Honorato Ferreira de Andrade

Pais de:

Tn-246 Dioguina de Oliveira Campos, nascida a 8-1-1881, c.c. Moizés Ribeiro da Silva, falecido. Residente em Belo Horizonte

Pais de:

Qn-646 Elisa da Silva Campos, falecida solteira
Qn-647 José Ribeiro de Campos, falecido
Qn-648 Alberto, c.c. Iris Campos, residente em Contagem

Pais de:

Pn-496 Moisés
Pn-497 Geraldina

Pn-498 Newton
Pn-499 Hipólito
Pn-500 Albertino
Pn-501 Upsilander
Pn-502 Adalberto
Pn-503 Maria da Conceição
Pn-504 Getúlio
Pn-505 José Vicente
Pn-506 Diogo

Qn-649 Judite, falecida solteira
Qn-650 Albertina, falecida solteira
Qn-651 Antônio, falecido solteiro
Qn-652 Albertino, c.c. Maria Alves Campos

Pais de:

Pn-507 Nivalda
Pn-508 Wilson
Pn-509 Albertino
Pn-510 Geraldo
Pn-511 Maria de Lourdes
Pn-512 Ana Lúcia
Pn-513 Wilton

Qn-653 Maria, solteira
Qn-654 Lourival, c.c. Marieta Campos

Pais de:

Pn-514 Wiler
Pn-515 Marlene

Qn-655 Arlindo, c.c. Maria Gontijo Campos
Qn-656 Gualter, c.c. Anêta Fonseca Campos

Pais de:

Pn-516 Helena Maria

Qn-657 Eunice, solteira

Tn-247 Maria Elisa, c.c. Gustavo Pinto de Araújo

Pais de:

Qn-658 José
Qn-569 Ilab
Qn-660 Raimunda
Qn-661 Alda

Tn-248 Antônio, c.c. Maria Augusta de Campos

Pais de:

Qn-662 Levi
Qn-663 Deleverdi
Qn-664 Iraci
Qn-665 Zelita
Qn-666 Dorvil
Qn-667 Judite
Qn-668 Sebastião

Tn-249 Maria Elisa (Santa), c.c. José Alves da Costa (Duca)

Sem filhos

Bn-69 Dioguina de Oliveira Campos, c.c. Francisco Alves Fernandes

(Ciquinho da Esperança), filho de Francisco Alves Fernandes e de Antônia Júlia de Oliveira e Silva

Pais de:

Tn-250 Pedro Fernandes, c.c. Constança, filha de Antônio José Dutra e de Rita Maria de Assis

Pais de:

Qn-669 Sertório
Qn-670 Luzia
Qn-671 Juvenal
Qn-672 Pedro (Dico)
Qn-673 Antônio
Qn-674 Olavo

Tn-251 José Maria, c.c. Genoveva de Oliveira Campos,

Pais de:

Qn-675 Elisa
Qn-676 Inácio
Qn-677 Francisca
Qn-678 Zulmira
Qn-679 Raimunda
Qn-680 Maria

Tn-252 Benedito Fernandes, c.c. Maria dos Santos, filha de Joaquim Manuel dos Santos e de Antônia .....

Pais de:

Qn-681 João
Qn-682 Francisco
Qn-683 Maria (Cota)
Qn-684 Joaquim
Qn-685 Adelina

Tn-253 Osória, residente em Belo Horizonte, c.c. Domiciano Dutra

Pais de:

Qn-686 Isolina
Qn-687 Alice
Qn-688 José
Qn-689 Maria

Tn-254 Rosa, residente em Corinto, c.c. Francisco José de Almeida

Pais de:

Qn-690 João
Qn-691 Pedro
Qn-692 Joaquim
Qn-693 Domingos
Qn-694 Maria
Qn-695 Antônia
Qn-696 Helena
Qn-697 Sebastiana

Rosa, foi casada a primeira vez com Natanael José de Almeida

Sem filhos

Tn-255 Antônia Júlia, c.c. Hipólito de Oliveira Campos, filho de Dioguinho de Oliveira Campos e de Policena Lataliza (Sá Poli)

Pais de:
Qn-698 Tomás
Qn-699 Francisco
Qn-700 João
Qn-701 Antônio
Qn-702 Zacarias
Qn-703 Joaquim
Qn-704 Hipólito
Qn-705 José
Qn-706 Pedro
Qn-707 Dioguina
Qn-708 Maria
Qn-709 Iris

Bn-70 Genoveva, c.c. Manuel Tomás de Almeida

Pais de:
Tn-256 Agostinho
Tn-257 Maria Elisa
Tn-258 Roberto
Tn-259 Genoveva

Bn-71 Pedro de Oliveira Campos, c.c. Laurinda Augusta de Campos, filha de Valeriano José Gomes e de Maria Lina Gomes

Pais de:
Tn-260 Eduardo, nascido a 13-11-1880, c.c. Leaudjour Nogueira
Sem filhos
Tn-261 José, nascido a 10-4-1882, residente em Belo Horizonte, c.c. Clarice Fóscolo Campos, filha de Avelino Fóscolo e de Maria Gonçalves Ribeiro

Pais de:
Qn-710 Vera, c.c. Roberto Santoro
Qn-711 Elza, c.c. Dr. Fernando Santoro, médico
Qn-712 Rute, solteira
Qn-713 Aída, falecida solteira
Qn714 Maria de Lourdes, solteira
Qn-715 Diva, c.c. Dr. Nereu de Almeida Filho, médico
Qn-716 Vanda, c.c. Dr. Israel Magalhães Drumond, engenheiro
Qn-717 Léda, c.c. Dr. Rui do Couto Silva, diplomata

Tn-262 Hipólito, nascido em 1884, c.c. Ana Fiusa

Pais de:
Qn-718 Pedro, c.c. Domitila Valadares

Pais de:
Pn-517 Francisco
Pn-518 Ana Maria
Pn-519 Maria Helena

Qn-719 Orlando, c.c. Delba Figueiras Campos

Pais de:
Pn-520 Sérgio
Pn-521 Ricardo

Qn-720 Mauro, c.c. Aidê Moura

Pais de:
Pn-522 Ivan
Pn-523 Neiva

Qn-721 Léa, c.c. João de Deus M. Santos

Pais de:
Pn-524 Ivana
Pn-525 Elisabete
Pn-526 Eduardo

Qn-722 Ivan, falecido
Qn-723 Hipólito, solteiro
Qn-724 José, cirurgião dentista, c.c. Elisa Mendes, filha de Dr. Onofre Mendes Junior, Procurador-Geral do Estado, e de Maria Gontijo Mendes

Pais de:
Pn-527 Lucas Augusto
Pn-528 Juarez
Pn-529 Juliana
Pn-530 Onofre

Qn-725 Ana, c.c. Dr. Hélio Campos, advogado em Pitangui
Qn-726 Dr. Rubens, c.c. Delenda Faria. Juiz de Direito em Dores do Indaiá

Tn-263 Inácio, nascido a 4-3-1887, c.c. Etelvina Mourão, filha de Antônio Mourão e de Sabina Bahia

Pais de:
Qn-727 Célia, c.c. José de Paula Porto

Pais de:
Pn-531 Arménio
Pn-532 Maria Célia
Pn-533 Inácio

Qn-728 Darci, c.c. Maria José Paixão

Pais de:
Pn-534 Evandro
Pn-535 Raquel

Qn-729 Dr. Hélio, c.c. Ana, filha de Hipólito Campos e de Ana Fiusa

Pais de:
Pn-536 Heliana
Pn-537 Fábio

Qn-730 Laura, c.c. Marco Túlio Guimarães

Pais de:
Pn-538 Alberto Lúcio
Pn-539 Rogério

Qn-731 Geraldo
Qn-732 Olga

Qn-733 Maria Amália
Qn-734 Norma, c.c. Dr. Valdemar de Campos

Pais de:
Pn-540 Márcio José

Tn-264 Pedro, nascido a 13-8-1888, c.c. Maria José Campos

Pais de:
Qn-736 Dr. José, médico

Tn-265 Maria da Conceição (Dona), nascida a 1-8-1890, c.c. Paulo Ferreira da Silva

Pais de:
Qn-737 Mário, c.c. Nelita Campos Ferreira
Sem filhos
Qn-738 Adalgisa, c.c. Elpídio Ferreira da Silva

Pais de:
Pn-541 Paulo Fidelis
Qn-739 Déa, c.c. Vargas Alves
Sem filhos
Qn-740 José, c.c. Vera Lopes Cançado
Sem filhos
Qn-741 Paulo
Qn-742 Raimundo

Tn-266 Procópio, nascido em 1892, c.c. Helena Otaviani, filha de Ernesto Otaviani e de Filomena Otaviani

Pais de:
Qn-743 Isaura, c.c. Noé Ribeiro

Pais de:
Pn-542 Cibele
Qn-744 Múcio
Qn-745 Túlio
Qn-746 Maria Helena
Qn-747 Júlio
Qn-748 Zara, c.c. Hélio Queiroga

Nota — Procópio, foi casado a primeira vez com Maria José Gualberto, filha de João Gualberto e de Máxima de Campos Cordeiro

Pais de:
Qn-749 Ups

Tn-267 Eduarda, c.c. Joaquim Cortês, filho de Luis Pereira Cortês, e de Balbina das Chagas Cortês, residente em Belo Horizonte

Pais de:
Qn-750 Maria, c.c. João V, Porto
Qn-751 Lêda, c.c. Darci Lima de Oliveira
Qn-752 Suzana, c.c. Dr. Júlio de Paula
Qn-753 Brutus

Tn-268 Crisógono, nascido em 1896, c.c. Rita Fiusa, filha de Cândido Pinto Fiuza, e de Francisca Delfina dos Santos

Pais de:
Qn-754 Moacir, fiscal de rendas
Qn-755 Laurinda, c.c. Wagner Lima

Pais de:
Pn-543 Marcos
Qn-756 Marcelo

Crisógono, casado a segunda vez com Laura Valadares, filha de Francisco Diogo Valadares de Vasconcelos e de Maria Valadares Ribeiro

Pais de:
Qn-757 Gilda, c.c. Dr. Clovis Gonçalves

Pais de:
Pn-544 Tânia
Pn-545 Clovis
Qn-758 Lívio
Qn-759 Maria Lina

Tn-269 Dr. Carlos, advogado no Rio de Janeiro

Bn-72 Cândido, c.c. Ana Amaral, de São Gonçalo do Pará

Pais de:
Tn-270 Maria, c.c. Jafé de Almeida, dentista, residente em Pará de Minas

Bn-73 Elísio, falecido solteiro

RESUMO

F	2
N	18
Bn	73
Tn	280
Qn	759
Pn	545
Sn	87
Hn	
Soma:	1.764

Descendentes: 1.764

EM TÔRNO DA VIDA E DOS FEITOS DE DONA JOAQUINA DO POMPÉU

Por Lindolfo Xavier

CAPITULO I

A descendência de Dona Joaquina e seu marido

Vasta é a descendência do casal do Pompéu e difícil será abareá-la tôda num cômputo atual, tarefa que constitui o principal objetivo do Dr. Coriolano Pinto Ribeiro, nesta opulenta obra do seu esfôrço e boa-vontade.

A êle a gratidão dos milhares de descendentes daquele tronco e também a gratidão de Minas e do Brasil, porque é um trabalho hercúleo e benemérito. Aqui, nesta página de simples colaboração, na grande enciclopédia genealógica, apenas algumas notas esparsas ao sabor de reminiscências pessoais e pesquisas em fontes autorizadas

Qual a importância Cencitária atual dêste contigente humano?

Basta recordar que no inventário da respeitável matrona pitanguiense, em dezembro de 1824, constam da relação de herdeiros dez filhos, todos casados com um total de 74 netos e 5 bisnetos.

Se calcularmos a proliferação dêstes descendentes, durante as gerações seguintes, até o presente momento, num lapso de tempo de 130 anos, certo será uma genitura excedente do milhar de brasileiros, desta única origem.

É, pois, tarefa para pulsos bem fortes, da marca de Coriolano Ribeiro, ou do Cônego Raimundo Trindade, ou Salomão de Vasconcelos, ou João Dornas Filho, ou Onofre Mendes Júnior, ou ainda e sobretudo, de um Afonso de Escragnole Taunay, o maior desbravador contemporâneo do panorama genealógico desta árvore imensa que estamos descrevendo, desde os seus primórdios piratininganos e sanvicentinos até os dias presentes.

Esta tarefa é ainda uma colaboração do 4.º Centenário de S. Paulo, porque do lado do Capitão Inácio de Oliveira Campos advém o maior contingente genealógico dêste clã, gerado no opulento seminário paulista, na era colonial, que deu a Minas, nas pessoas dos desbravadores pitanguienses, a matéria desta infinda árvore que estamos reconstituindo.

Fica, pois, para o Dr. Coriolano a nobre incumbência de revirar alfarrábios arquivos e documentos públicos e paroquiais, anais políticos crônicas e tradições de famílias, a fim de colocar nos seus devidos lugares os epígonos que honram a beranca dos ancestrais famosos, mostrando, agora, sua posição na sociedade, suas descendências e ligações.

Aqui vamos apenas esboçar alguns nomes, como símbolos de uma comunidade genética, cujos traços consonam com as linhas gerais mais nobres do vastíssimo clã.

CAPITULO II

O Padre Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco

Agora é bem oportuno falarmos da história íntima, da pessoa doméstica e da criatura civil, que foi Dona Joaquina do Pompéu, ao mesmo tempo de seus progenitores e de sua educação.

As performances gauchescas que ela apresentava eram a parte externa de sua entidade complexa.

Estudá-la pela aparência dos negócios e das atitudes caudilhescas é função apenas de romance cavalheiresco.

Encará-la, porém, no lar, no prestígio da juventude e da beleza, desde o ambiente da casa paterna, é outra tarefa do escritor.

Aqui ela vem aureolada por um pai culto, investido de funções universitárias, civis e canônicas, em tôrno do qual se pode fazer um belíssimo estudo de psicologia do caráter.

O Padre Jorge de Abreu Castelo Branco, pai de Dona Joaquina, era um conceituado advogado em Mariana, onde gozava de geral conceito e estima, pelos seus modos austeros e educaçao refinada e verdadeiro escrúpulo profissional.

Natural de Viseu, estava ligado pelo sangue e pelas afinidades à nobreza portuguêsa daquela época, representada pela fidalga linhagem dos Abreus Castelo Brancos, Noronhas, Menezes e Valadares, dos quais vieram para o Brasil inúmeros representantes, radicados principalmente em Minas. É desta estirpe o Governador-geral da Capitania de Minas: Dom José Luis de Menezes Abranches Castelo Branco e Noronha, Conde de Valadares, que aqui estêve de 1768 a 1773, que deixou as mais gratas recordações do seu govêrno. Veja-se a êste respeito as referências que a êle fêz Diogo de Vasconcelos, na *História Antiga e Média de Minas Gerais*.

O Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco, que além de formado em ciências jurídicas e sociais, tinha também o curso canônico até as primeiras ordens, em Coimbra, casou-se, em Mariana, com Dona Jacinta Teresa da Silva, em 1748, havendo vários filhos, dentre êles Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco.

Enviuvando-se em 28-3-62, após formar numerosa prole, quando exercia as funções de advogado, em Mariana, o Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco deliberou concluir o curso canônico, que havia interrompido em Coimbra, e, ordenando-se padre, foi vigário em Pitangui e morreu em Santa Rita Durão, cheio de vida proba e relevantes exemplos de fé cristã e ardor pela família.

Em seu testamento moral, escrito para os filhos, fêz êle um escrínio do dever do cidadão, soldado de Deus, da Pátria e da Família, pedindo que todos os seus descendentes lessem êsse breviário doméstico e cívico e guardassem seus ensinamentos.

Êsse manuscrito conservado em custódia por alguns zeladores da memória do austero sacerdote, jurista e pai de família, é digno de ser divulgado, para conhecimento da comunidade católica brasileira. Revela elevada

cultura, espírito evangélico, ânimo de missionário reformador, franqueza rude ao vergastar heresias e libertinagens, conhecimento profundo da alma humana, piedade pelas suas fraquezas e coragem de vergastá-las para redimí-las.

Dona Joaquina nasceu em Mariana, num domingo, pela noite, aos 20 de agôsto de 1752. Foi batizada na Sé da mesma cidade, em 3 de setembro do dito ano, sendo padrinhos o Dr. Caetano da Costa Matos e sua espôsa. Foi celebrante o Cônego Francisco Xavier da Silva.

A 28-3-1762, faleceu sua mãe D. Jacinta Teresa da Silva, ficando viúvo o Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco. Tinha portanto, D. Joaquina menos de dez anos de idade quando perdeu sua progenitora.

Seu pai, que era advogado, recebeu ordens canônicas gerais em 18-9-62, sendo bispo de Mariana Dom Frei Manuel da Cruz.

Pouco tempo depois, sobrevindo graves incidentes na vida do Padre Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco, que o incompatibilizaram para continuar a residir em Mariana, transferiu êle a sua residência para Pitangui, onde foi vigário e advogado.

A respeito da mudança dêste padre para Pitangui, teceu-se, na época, uma série de lendas, que chegaram à denúncia da Côrte portuguêsa, no afã de inutilizá-lo para a vida pública e privada. O que ocorreu foi simplesmente o que se conhece na história da Igreja. Veja-se a vida de Santo Tomaz de Aquino, por exemplo, ou de Santo Agostinho, ou de Santo Antão. Qual dêles se livrou das tentações do "Diabo do meio dia", como lhe chamam os doutores da Igreja, a êsse ente invisível e sempre presente, que se diverte com os caprichos de seduzir os santos?

O Padre Doutor Jorge fugiu para Pitangui, para conservar a sua integridade moral e afastar de si, a sombra pecaminosa, representada por uma dama de alta sociedade, talvez levada pela admiração a um espírito de cultura invulgar, e nesse pressuposto excedendo-se nas demonstrações de afeto e estima a um guia espiritual.

Tudo passou e a vida da família retomou o seu rítmo normal, na *Velha Serrana*, como mais tarde e ainda hoje passou a chamar-se a romântica cidadezinha do oeste mineiro.

O Padre Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco era vigário encomendado em Pitangui, em 1777, época em que se casou sua filha Ana de Abreu Castelo Branco com o Dr. Manuel Ferreira da Silva, viúvo de Eufrásia Leonor Guedes da Silva Sobral de Abreu Castelo Branco, irmã de sua segunda mulher.

"Instrução que deixo a meus filhos, com recomendação de que se governem por ela, tomando cada um em particular para si as advertências que lhe faço".

Assim começa o Padre Doutor Jorge de Abreu Castelo Branco e seu manuscrito, que de princípio ao fim é vasado em língua clássica do melhor quilate daquela época.

"Já que não te posso deixar maiores bens, quero instituir-te um Morgado, que poderás usufruir e gozar, sem vocação de primogenitura, que não está sujeito a leis mentais e sálicas, tanto mais estimado quanto menos depende da fortuna, de tal rendimento, que quanto mais o usares, encontrará nêle o aumento da felicidade".

Depois dêsse introito, entra o autor no texto do seu Morgado, que tal é o presente de festas legado a sua descendência.

São dezesseis homílias, em tom afetuoso e paternal, abrindo os olhos dos filhos para a prática da virtude, como único caminho da felicidade. (*)

Com êste pai, bebendo ensinamentos numa escola de pureza como era o lar do Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco e de sua espôsa Dona Jacinta Teresa da Silva de Abreu Castelo Branco, não podia Dona Joaquina do Pompéu ser uma mulher vulgar.

Sua progenitora era dama da primeira sociedade portuguêsa, da ilha de Faial, vinda para o Brasil com a nata social. Foi mãe exemplar, soube preparar a alma da sua descendência. Dona Joaquina herdou de ambos as qualidades de coração e da inteligência. Em sua infância e adolescência respirou sempre êsse ar puro de elevação moral de ordem e sobriedade.

Os estudos que teve foram domésticos e escolares. No lar, a ternura e a disciplina, no convívio da escola os complementos às lições paternas e maternas. No trato social, D. Joaquina demonstrou, durante a vida rude e laboriosa de agricultora e fazendeira, ao lado das atitudes masculinas que a caracterizaram, aquêles traços da herança do lar, que lhe davam nobreza e distinção: o dom da virtude sem desplante, da franqueza sem ofensa, da alegria sã, nascida do coração puro, que sabe ser jovial e ruidosa, que tem ironias e mordacidade, mas no fundo é tudo exteriorização de alma forte, sem receios de comentários, superior à mediocridade vulgar.

Note-se êste exemplo paterno: o Dr. Jorge, em 1862, com cinqüenta anos de idade, enviuvando-se da espôsa que tanto estimava e com quem libara quatorze anos de vida feliz não procurou num segundo matrimônio o aconchêgo que lhe faltava, pela perda de tão nobre companheira.

Procurou, sim, na Igreja Católica, no sacerdócio, o arrimo espiritual, que a ausência do anjo doméstico lhe arrebatara. No mesmo ano em que a perdera, 1862, completou os seus estudos canônicos, em Mariana, e aí recebeu as ordens sacras.

Foi vigário de Cristo, pregou e animou as almas para a virtude, e legou aos descendentes um exemplo edificante. Êste o meio social. Êste o ambiente moral, em que foi criada e educada D. Joaquina do Pompéu.

NOTA — Com grande prazer soube pelo Dr. Coriolano Pinto Ribeiro que êste manuscrito vai figurar nesta e os leitores terão o ensejo de apreciar uma joia literária de súbido valor. É motivo de dar parabens ao Dr. Coriolano, por ter descoberto êste manuscrito nos arquivos da família, segundo por divulgá-lo em tão boa hora L.X.

CAPITULO III

O Capitão Inácio e Oliveira Campos

O Governador de Minas, Conde de Valadares, fêz sair, em 1770 e 1771, várias bandeiras a descobrir jazidas de minérios preciosos e combater os bandos de quilombolas e índios caiapós, que assolavam as terras ribeirinhas às nascentes do São Francisco.

Entre as diversas expedições despachadas para êste fim, conta-se a do Capitão Inácio de Oliveira Campos, comandante da Ordenança da vila de Pitangui, o qual, indo à sua custa, regressou em 1773, trazendo notícias animadoras das excursões que realizou. No seu relatório conta ter visto amos-

tras de ouro nas vertentes dos rios das Velhas, Paranaíba e Dourados, que perlustrou durante dois anos, com fins policiais e geográficos. Durante êsse período, destruiu um grande quilombo de escravos fugidos nas matas da Serra Negra.

Aprisionou mais de 50 dêsses quilombolas, muitos dos quais fêz restituir aos seus senhores, em Paracatu e Pitangui.

O Capitão Inácio de Oliveira Campos plantou roças de milho nesses sertões, construiu monjolos para preparar farinhas e deu início a pequenos núcleos de população no ribeirão do *Esmeril* e no riacho dos Pavões.

Finalmente, trouxe ótimas notícias da fertilidade das terras, salubridade do clima e das águas, ressaltando os extensos campos de pastagens e muitos indícios de veeiros e aluviões auríferos.

Em virtude dessas informações, a Câmara Municipal de Pitangui tomou posse daquelas terras para os fins de administração da justiça, pondo marcos em vários pontos para delimitação do município.

Nesta época, coincide a vinda do Padre Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco, com sua família, que se transferiu de Mariana para Pitangui, onde fixaram residência.

Não tardou que entre esta família e o Capitão Inácio se estabelecessem as melhoras relações de amizade, não só pela situação de prestígio que o seu cargo militar lhe dava, como também pelas recomendações do Governador Geral, Conde de Valadares, que muito contribuiu para pôr em destaque os méritos do Capitão Inácio.

O que se informa é que o namôro entre êste oficial das Milícias começou com Eufrásia de Abreu Castelo Branco, filha do Padre Dr. Jorge de Abreu Castelo Branco. Era com esta que o Capitão Inácio pretendia se casar.

Mas, num jantar em família, em casa do já então vigário encomendado e advogado em Pitangui, o Capitão Inácio formulou o pedido de casamento. Com surprêsa, não foi aceito por Eufrásia. Esta, alegando compromissos com outro pretendente, o Dr. Manuel Ferreira da Silva, pediu excusas ao seu distinto candidato, lamentando não poder possuir um espôso tão bem dotado pelas qualidades pessoais e públicas e ainda mais, pela linhagem que trazia na sua família, como neto de Antônio Rodrigues Velho e Margarida de Campos, bisneto de José de Campos Bicudo e Inês Monteiro não sòmente fundadores de Pitangui, mas troncos oriundos de nobres linhagens paulistas e portuguêsas.

É fato conhecido o episódio que vamos citar: — Diante da recusa de sua irmã, ergue-se Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, igualmente filha do sacerdote e advogado, e tomando nas mãos duas taças, uma das quais entregou ao Capitão Inácio de Oliveira Campos, trocou com êle um brinde e declarou-lhe: — Já que a minha irmã é tão inábil, que não sabe aproveitar o ensejo de uma sorte grande que se lhe apresenta, eu, Joaquina, em seu lugar, me proponho a substituí-la, fazendo-me noiva de tão nobre e guapo oficial, se é que êle aceita esta minha proposta. A resposta não se fêz esperar.

O Capitão, diante de tão nobres palavras e de tão distinta atitude da formosa Joaquina, aceitou prazeiroso a inesperada proposta de casamento e, tecendo-lhe os elogios, consultou ao Dr. Jorge, ali presente, se dava o seu apôio a êste futuro enlace. A resposta foi pronta e a aprovação paterna foi proada com uma salva de palmas, seguindo-se o brinde geral, em regozijo

pelo agradável desfêcho daquela cena. Baile festivo alegrou essa noite a casa do Dr. Jorge, em honra ao noivado.

E o casamento se realizou dentro em breve, com sincero júbilo da família.

Estava, pois, iniciada a vida conjugal dêste par, que havia de encher uma página da história mineira.

Vejamos a progenitora do Capitão Inácio de Oliveira Campos.

Seu pai Inácio de Oliveira era natural de Manga, arraial ribeirinho do São Francisco e do Paracatu, que pertencia à Bahia, mais tarde pertenceu eclesiàsticamente a Pernambuco e hoje pertence a Minas.

Sua biografia não é bem conhecida.

Apenas sabemos do seu casamento com Ana Margarida de Campos, filha do Capitão-mor Antônio Rodrigues Velho e de sua espôsa Margarida de Campos, no 1.º matrimônio desta, do qual resultou a descendência do Capitão Inácio e mais dois irmãos, sendo um Antônio de Oliveira Campos e outra Margarida de Campos, religiosa em Évora.

Sabemos da concessão de uma sesmaria a Inácio de Oliveira, em 3-3-1728, nas margens do Paracatu (R.A.P.M.: IV. 430):

Não conhecemos a sua parentela ascendente e colateral. Temos apenas conhecimento da descendência provinda do Capitão Inácio de Oliveira Campos, pelo seu matrimônio com D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, que estamos estudando.

Sabemos, igualmente, que êste casal procriou 10 filhos, 74 netos e 3 bisnetos, relacionados na lista de herdeiros, no inventário de D. Joaquina, em dezembro de 1824.

CAPITULO IV

O Velho da Taipa e sua ascendência paulista

Antônio Rodrigues Velho, cognominado "Velho da Taipa", fundador de Pitangui, foi um potentado prestigioso e deixou naquela cidade vasta filiação e memória benemérita, tanto assim que já está a estação da estrada de ferro com o seu nome de *"Velho da Taipa"*. Casado com Margarida de Campos, filha de José de Campos Bicudo e de Ignês Monteiro, ligava-se êste casal aos mais antigos e prestigiosos troncos genealógicos de São Vicente e Piratininga e por êste a celebrados clãs europeus, tanto portuguêses como belgas, flamengos, alemães e espanhóis, assim como a dois Morubixabas tupis.

O Velho da Taipa tem sua história completa na tradição pintanguiense, pois além da parentela vastíssima que espalhou com o seu sangue, prestou à nascente vila e hoje anciânica cidade os maiores serviços, como Capitão-mor, Juiz ordinário, chefe político prestigioso, doador da igreja de N. S. da Penha, do Batatal, à população daquela Vila e foi finalmente pessoa de confiança do Conde de Assumar, Governador-Geral da Capitania, que o escolhia sempre para mediador junto aos revoltosos daquela vila, na cobrança dos quintos do ouro.

Por sua filha Ana Margarida de Campos, casada com Inácio de Oliveira, era o Velho da Taipa avô do Capitão Inácio de Oliveira Campos, marido de D. Joaquina do Pompéu.

Nota — Ana Margarida de Campos foi inscrita por Pedro Taques e Silva Leme com o nome de Ana de Campos Monteiro

Era pentaneto de Garcia Rodrigues e Isabel Velho, casal português que veio para São Vicente em fins do século 16 e trouxe já numerosa prole, que se espalhou pela Capitania, ocupando posição da mais alta nobreza da terra. Por êste ramo êle se liga à estirpe dos antigos navegadores descobridores lusos.

Isabel Velho era pentaneta de Fernão Dias Pais Velho e de Maria Álvares Cabral, última filha do Senhor de Belmonte e irmã do Almirante Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil. Êste é o ramo mais nobre de Antônio Rodrigues Velho, o "Velho da Taipa" (X).

Sua espôsa Margarida de Campos era descendente de Pedro Dias Pais Leme e Maria Leite, progenitores do sertanista Fernão Dias Pais Leme, Conquistador das Esmeraldas; êste era pai de Garcia Rodrigues Pais, construtor do "Caminho Novo" do Rio a Barbacena, em 1705 a 1710; êste era pai do Marquês de Quixeramobim, companheiro de D. Pedro I na proclamação da Independência (xx).

Descendia ainda Margarida de Campos do Cacique Piquerobi e da célebre Matrona Inês Monteiro de Alvarenga, casada com Salvador Pires de Medeiros, chefes dos Pires, na guerra dos Pires e Camargos.

Por esta, ligava-se em linha reta ao ilustre casal Estêvão Ribeiro Baião Parente e Madalena Fernandes Feijó de Madureira, altas figuras da primeira época sanvicentina. Por seu pai José de Campos Bicudo ligava-se ela aos primeiros troncos desta nobre família, que teve origem em Francisco de Wanderburg, embaixador belga junto à Côrte da Espanha, que se casou em Sevilha com Antônia del Campo, tiveram três filhos, um dos quais, Filipe de Campos Wanderburg, vindo para o Brasil, se casou em São Vicente com Margarida Bicudo, tronco da nobre descendência paulistana e mineira dos "Campos" e dos "Bicudos".

O Velho da Taipa contava na sua linha ascendente o Cacique Martim Afonso Tibiriçá, cuja neta Suzana Dias, filha de Beatriz Dias e Lopo Dias, se casara com o português Manuel Fernandes Ramos, chefe da família dos "Fernandes Povoadores", sertanistas notáveis, fundadores de Sorocaba, Itu e Parnaíba, em São Paulo. A filha dêste casal, Custódia Dias, casou-se com o Engenheiro metalúrgico alemão Geraldo Betting, cujo apelido se degenerou em "Betim", grande técnico e especialista em metalurgia, trazido pelo Governador-Geral Dom Francisco de Sousa, para montar engenhos de fabricar ferro no Brasil. Dêste casal descende o Velho da Taipa, pela linha varonil.

Por êsses laços de parentesco, vê-se que o fundador de Pitangui trouxe para sua geração nobres linhagens, da mais antiga nobreza européia e paulistana daqueles tempos.

Êsses laços foram reforçados aqui pelo casamento do Capitão Inácio de Oliveira Campos com Dona Joaquina do Pompéu, descendente dos antigos nobres lusitanos Abreus Castelo Brancos, de Viseu.

A tradição pitanguiense está cheia do drama da execução sumária de um aventureiro português, que ali se ensinuara à confiança da família e se casara com uma filha do Velho da Taipa. Tempos depois, aparece em

---

(x) Veja-se Nestor Massena em "Barbacenenses de Prol" no *Jornal do Comércio* de 1-1945.

(xx) Veja-se Salomão de Vasconcelos, em seu livro "O Fico."

Pitangui a legítima espôsa dêsse aventureiro, vindo de Portugal, à procura do marido. Exibiu os documentos legais, provando os seus direitos de espôsa. O Velho da Taipa examinou-os e achou-os dignos de fé. Chamou a filha e mandou que esta também exibisse os seus documentos. À vista de tal acareação, ficaram todos confusos e o Velho Taipa declarou que iria aplicar a sentença de Salomão. Pegando da machadinha, que já trazia à cintura, partiu ao meio o aventureiro e entregou a cada uma das espôsas a metade dos despojos sangrentos.

CAPÍTULO V

A Mulher Símbolo

Quem não conhecerá por tradição Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, a famosa "Dona Joaquina de Pompéu", em tôrno da qual se formam tantas lendas, umas falsas, outras verdadeiras?.

Haverá quem ignore êsse nome, essa fama, o seu feudo, a sua influência política, os seus rasgos patrióticos, o seu mandonismo ditatorial?

Por outro lado, haverá quem não conheça algum descendente desta genetriz ubertosa, que semeou a sua raça e o seu sangue por centenas de lares, hoje integrantes do Brasil? É sôbre ela que vamos falar, num rápido esbôço histórico e biográfico.

Um fato recente veio avivar essa recordação nos fastos da gente montanhesa.

O Govêrno de Minas adquiriu a propriedade do "Pompéu Velho", como "monumento histórico", e ali talvez seja erguido um centro de ensino agropecuário, como meio de difusão da moderna técnica industrial-pastoril, motivo legítimo de um ato governamental bem inspirado.

É um páramo de vergéis e lagoas, rios, florestas e campos, de clima ameno e sêco, de perpétua salubridade. Varrido pelos ventos alísios que sopram do Atlântico para as terras anteriores, êsse sertão de Minas é rico em pastagens e compensador de esforços convergentes à exploração de rebanhos.

Lugar adequado à instalação de um moderno educandário pastoril, que irradiará ensino biológico e industrial, sementeira de futura abastança aos nossos centros populosos do litoral, essa velha mansão histórica, adquirida pelo Govêrno de Minas, merece uma lei especial da Assembléia Legislativa do Estado, criando ali um Instituto de Ensino Agropecuário no centro-oeste mineiro.

Do antigo feudo do "Pompéu", célebre pela sua grandeza e opulência com os seus noventa e cinco mil alqueires geométricos de terras resta o sítio em decadência, verdadeiro solar em ruínas, que recorda uma página de nossa história mineira.

Quem por ali passa queda-se a apreciar esta paisagem vetusta, e são muitos os viajantes e visitantes espontâneos que procuram estas paragens, com o fim turístico de contemplar um aspecto dos nossos tempos feudais, de pura nobreza rural, ali representado nas paredes destroçadas pelas intempéries, janelas, telhados e portas carcomidos pela vetustez, mostrando apenas uma ala do primitivo domínio acastelado.

Uns vão pelo grotesco da fama criada em tôrno da figura principal da antiga proprietária, que a voz popular transforma ora em "megera" ora em "caudilho de saias", ora em anjo tutelar.

O "Correio da Manhã" de 29 de junho de 1937, sob o título *O Solar de Dona Joaquina do Pompéu*, depois de historiar os benefícios prestados por esta Senhora a Minas e ao Brasil, dá a notícia de um movimento surgido entre os descendentes daquela matriarca mineira, no sentido de uma subscrição para aquisição do histórico solar, que seria doado ao Estado de Minas, para que ali se constitua uma escola agrícola regional, que perpetue o nome e a memória da sua grande proprietária.

Êsse movimento popular teve os mais benéficos resultados. Sentindo o silêncio que pairava sôbre uma tradição tão nobre e cheia de facetas morais dignas de relêvo histórico, essa reação do sentimento cívico mineiro culminou com um ato governamental que muito honra o seu signatário, embora seja êste um dos atuais descendentes daquele tronco genealógico, que deitou tantas raízes benéficas no país.

De fato, êsse auspicioso prognóstico se realizou com satisfação de tôda a sociedade mineira.

O *Minas Gerais*, de 10 de novembro de 1943, estampou o Decreto-lei n.º 959, de 9 daquele mês, assinado pelo então Interventor Federal Dr. Benedito Valadares Ribeiro, autorizando a aquisição de cinqüenta e três alqueires geométricos de terras, pertencentes a Antônio de Assis Machado e Benevides de Campos Cordeiro, bem assim o edifício situado dentro dessa área de terrenos, onde outrora existiu o suntuoso solar de Dona Joaquina do Pompéu. Êste ato representa uma justa reparação ao esquecimento a que aquêle verdadeiro "monumento nacional" estava relegado, desde a morte da sua proprietária, em 1824, e por efeito de inevitável esfacelamento de um imenso feudo, não sòmente em mãos de uma centena de herdeiros, como pelas consecutivas transferências e sucessões, através de 130 anos.

No exemplo de Dona Joaquina do Pompéu devemos ver uma escola de energia, uma professôra de trabalho, sobretudo se considerarmos o contraste de sua educação, em ambiente social civilizado, Mariana e Pitangui, duas quase metrópoles sertanejas daquela época, uma na zona alterosa e rica de tradições culturais e religiosas, outra no chapadão longínquo do São Francisco, centros ambos de riquezas e fausto, oriundos da mineração do ouro.

Largando comodidades e bem-estar urbanos e afundando pela roça do Pompéu, ainda quase cru, levando apenas a esperança e a coragem, Dona Joaquina constitui um modêlo de mulher timoneira, assumindo, em tenra idade, um comando cheio de responsabilidades, de asperezas e aliás de perigos.

Na própria rusticidade da sua vocação profissional devemos frisar o cunho de espírito prático e utilitário, escolhendo um *habitat* quase selvagem para sua residência e atividade, mas antevendo um exemplo que iria dar aos pósteros, madrugando na escola da emancipação femina e conseqüentemente escrevendo uma bíblia para o seu sexo, que de frágil e tímido, passou, há sua lição de pioneira, a ser forte e industrioso.

Não quis ela seguir os modelos da cidade, o perfil das damas de salão, na moleza de uma vida de toucadores e últimos figurinos das Côrtes de então.

Preferiu a roça, a criação do gado e a indústria das invernadas, o rodeio dos rebanhos em campos a perder de vista, ela montada no seu veloz "puro-sangue", de botas e esporas, armada de escopeta e terçado, chapeirão de palha, um chicote à mão, acompanhada de filhos, netos e escravos fiéis, galopando pelos desertos.

Foi feliz e conseguiu mostrar, com o exemplo, o quanto pode uma Senhora, só com o seu trabalho, maestria e inteligência, dentro das rigorosas normas das mais pura moral.

Devemos, sim, ver nessa prosperidade um índice da riqueza de Minas Gerais, das possibilidades sem limites das terras centrais, nesse tabuleiro extenso que converge das serras da Canastra, da Mata da Corda, da Chapada Diamantina e da Mantiqueira, e deriva para o vale ubertoso do São Francisco. Eis por que, ao começar êste artigo, dizemos que o Govêrno de Minas, à Assembléia Legislativa, os homens de Estado, devem volver a atenção para êsse ponto, aproveitar, o ensejo da posse de um patrimônio histórico, em boa hora adquirido, e fundar ali, na fazenda Velha do Pompéu, um instituto agronômico de finalidade pastoril, com a técnica, moderna para semear conhecimentos, promover a defesa biológica e industrial das terras e dos rebanhos do vasto planalto central brasileiro.

Olhada a fazenda sob êste aspecto, vejamos a segunda parte dos argumentos históricos, isto é, a origem da prosperidade do Pompéu de Dona Joaquina, verdadeira escola de sabedoria empírica. Por que motivo atingiu aquêle estabelecimento tamanha prosperidade?

— Sim, dirão os observadores superficiais, foi o braço escravo que manobrou a riqueza, desbravou sertões, plantou e criou, dando aos seus Senhores o mel saboroso da fortuna.

— Talvez! Responderemos de pronto; êsse fator foi importante, não há negar. Mas, antes de tudo e acima de tudo, houve o gênio de uma legítima bandeirante, verdadeira desbravadora do sertão virgem, capaz de transformar aquêles páramos em searas e rebanhos e utilizar, com processos empíricos embora, a dádiva da Natureza em fonte de alimento e abastança para uma população, que não era sòmente a do sertão, mas das cidades circunvizinhas, da sede da Capitania e às vêzes até da própria Côrte.

CAPITULO VI

O casal do Pompéu

A vida do casal do Pompéu transcorreu calmamente durante vinte anos de felicidade conjugal. A estima recíproca os aproximava e dava estímulos para prosseguir num progresso de iniciativas benéficas.

A família começou a crescer e dentro daquele período feliz a prole já atingia a dez filhos e começavam a surgir os netos. D. Joaquina, com o seu gênio franco, altaneiro e folgazão, era o tipo da mulher predestinada a grande projeção na vida. Ao mesmo tempo que criava e educava a prole, mantinha as mais estreitas relações sociais e políticas, intervinha nas eleições, na nomeação das autoridades locais, e se dedicava com afinco aos negócios, preocupada com a formação da fortuna, que a bafejou prodigamente.

De como transcorria a rotina do casal dão-nos notícias os filhos e netos que encontraram sempre respeito e disciplina no ambiente paterno-materno, ordem doméstica, distinção e nobreza nos costumes.

A professôra era ela D. Joaquina, que transmitia a palavra e o exemplo às filhas e aos rapazes, cada qual mais cioso da sua origem, dos seus deveres filhas e sociais.

Uns vão pelo grotesco da fama criada em tôrno da figura principal da antiga proprietária, que a voz popular transforma ora em "megera" ora em "caudilho de saias", ora em anjo tutelar.

O "Correio da Manhã" de 29 de junho de 1937, sob o título *O Solar de Dona Joaquina do Pompéu*, depois de historiar os benefícios prestados por esta Senhora a Minas e ao Brasil, dá a notícia de um movimento surgido entre os descendentes daquela matriarca mineira, no sentido de uma subscrição para aquisição do histórico solar, que seria doado ao Estado de Minas, para que ali se constitua uma escola agrícola regional, que perpetue o nome e a memória da sua grande proprietária.

Êsse movimento popular teve os mais benéficos resultados. Sentindo o silêncio que pairava sôbre uma tradição tão nobre e cheia de facetas morais dignas de relêvo histórico, essa reação do sentimento cívico mineiro culminou com um ato governamental que muito honra o seu signatário, embora seja êste um dos atuais descendentes daquele tronco genealógico, que deitou tantas raízes benéficas no país.

De fato, êsse auspicioso prognóstico se realizou com satisfação de tôda a sociedade mineira.

O *Minas Gerais*, de 10 de novembro de 1943, estampou o Decreto-lei n.º 959, de 9 daquele mês, assinado pelo então Interventor Federal Dr. Benedito Valadares Ribeiro, autorizando a aquisição de cinqüenta e três alqueires geométricos de terras, pertencentes a Antônio de Assis Machado e Benevides de Campos Cordeiro, bem assim o edifício situado dentro dessa área de terrenos, onde outrora existiu o suntuoso solar de Dona Joaquina do Pompéu. Êste ato representa uma justa reparação ao esquecimento a que aquêle verdadeiro "monumento nacional" estava relegado, desde a morte da sua proprietária, em 1824, e por efeito de inevitável esfacelamento de um imenso feudo, não sòmente em mãos de uma centena de herdeiros, como pelas consecutivas transferências e sucessões, através de 130 anos.

No exemplo de Dona Joaquina do Pompéu devemos ver uma escola de energia, uma professôra de trabalho, sobretudo se considerarmos o contraste de sua educação, em ambiente social civilizado, Mariana e Pitangui, duas quase metrópoles sertanejas daquela época, uma na zona alterosa e referta de tradições culturais e religiosas, outra no chapadão longínquo do São Francisco, centros ambos de riquezas e fausto, oriundos da mineração do ouro.

Largando comodidades e bem-estar urbanos e afundando pela roça do Pompéu, ainda quase cru, levando apenas a esperança e a coragem, Dona Joaquina constitui um modêlo de mulher timoneira, assumindo, em tenra idade, um comando cheio de responsabilidades, de asperezas e aliás de perigos.

Na própria rusticidade da sua vocação profissional devemos frisar o cunho de espírito prático e utilitário, escolhendo um *habitat* quase selvagem para sua residência e atividade, mas antevendo um exemplo que iria dar aos pósteros, madrugando na escola da emancipação femina e conseqüentemente escrevendo uma bíblia para o seu sexo, que de frágil e tímido, passou, há sua lição de pioneira, a ser forte e industrioso.

Não quis ela seguir os modelos da cidade, o perfil das damas de salão, na moleza de uma vida de toucadores e últimos figurinos das Côrtes de então.

Preferiu a roça, a criação do gado e a indústria das invernadas, o rodeio dos rebanhos em campos a perder de vista, ela montada no seu veloz "puro-sangue", de botas e esporas, armada de escopeta e terçado, chapeirão de palha, um chicote à mão, acompanhada de filhos, netos e escravos fiéis, galopando pelos desertos.

Foi feliz e conseguiu mostrar, com o exemplo, o quanto pode uma Senhora, só com o seu trabalho, maestria e inteligência, dentro das rigorosas normas das mais pura moral.

Devemos, sim, ver nessa prosperidade um índice da riqueza de Minas Gerais, das possibilidades sem limites das terras centrais, nesse tabuleiro extenso que converge das serras da Canastra, da Mata da Corda, da Chapada Diamantina e da Mantiqueira, e deriva para o vale ubertoso do São Francisco. Eis por que, ao começar êste artigo, dizemos que o Govêrno de Minas, à Assembléia Legislativa, os homens de Estado, devem volver a atenção para êsse ponto, aproveitar, o ensejo da posse de um patrimônio histórico, em boa hora adquirido, e fundar ali, na fazenda Velha do Pompéu, um instituto agronômico de finalidade pastoril, com a técnica, moderna para semear conhecimentos, promover a defesa biológica e industrial das terras e dos rebanhos do vasto planalto central brasileiro.

Olhada a fazenda sob êste aspecto, vejamos a segunda parte dos argumentos históricos, isto é, a origem da prosperidade do Pompéu de Dona Joaquina, verdadeira escola de sabedoria empírica. Por que motivo atingiu aquêle estabelecimento tamanha prosperidade?

— Sim, dirão os observadores superficiais, foi o braço escravo que manobrou a riqueza, desbravou sertões, plantou e criou, dando aos seus Senhores o mel saboroso da fortuna.

— Talvez! Responderemos de pronto; êsse fator foi importante, não há negar. Mas, antes de tudo e acima de tudo, houve o gênio de uma legítima bandeirante, verdadeira desbravadora do sertão virgem, capaz de transformar aquêles páramos em searas e rebanhos e utilizar, com processos empíricos embora, a dádiva da Natureza em fonte de alimento e abastança para uma população, que não era sòmente a do sertão, mas das cidades circunvizinhas, da sede da Capitania e às vêzes até da própria Côrte.

CAPITULO VI

O casal do Pompéu

A vida do casal do Pompéu transcorreu calmamente durante vinte anos de felicidade conjugal. A estima recíproca os aproximava e dava estímulos para prosseguir num progresso de iniciativas benéficas.

A família começou a crescer e dentro daquele período feliz a prole já atingia a dez filhos e começavam a surgir os netos. D. Joaquina, com o seu gênio franco, altaneiro e folgazão, era o tipo da mulher predestinada a grande projeção na vida. Ao mesmo tempo que criava e educava a prole, mantinha as mais estreitas relações sociais e políticas, intervinha nas eleições, na nomeação das autoridades locais, e se dedicava com afinco aos negócios, preocupada com a formação da fortuna, que a bafejou prodigamente.

De como transcorria a rotina do casal dão-nos notícias os filhos e netos que encontraram sempre respeito e disciplina no ambiente paterno-materno, ordem doméstica, distinção e nobreza nos costumes.

A professôra era ela D. Joaquina, que transmitia a palavra e o exemplo às filhas e aos rapazes, cada qual mais cioso da sua origem, dos seus deveres filhas e sociais.

Reinou sempre a maior concórdia e tranqüilidade neste lar.

No afã de garantir o futuro da família, o casal começou a adquirir terras e campos de agricultura e de criação, nos municípios de Paracatu e Pitangui.

Eram propriedades enormes, cheias de gado e de numerosa escravatura.

Entre outras, podemos citar a fazenda da *Ribeira do Paracatu*, com os seus quatro grandes retiros de gado: Serra ou Cotovêlo, Novilha Brava, do Rio Prêto, e Gado Bravo.

Por último, compraram a fazenda do Pompéu, ribeirinha ao rio Paraopeba e que, com as propriedades já citadas, abrangia os atuais municípios de Pompéu, Martinho Campos, Maravilhas e Papagaio, num total de 95.000 alqueires geométricos, ou seja uma área maior do que o Distrito Federal.

A fazenda do Pompéu foi adquirida por dois mil e oitocentos cruzados, a Manuel Gomes da Cruz, de Catas Altas.

Confinava com as outras, formava um vasto feudo agropastoril.

Era um mundo de terras, e campos a perder de vista, várzeas frescas e vicejantes, com ótimos bebedouros, chãos salitrados com barreiras para lambedouros; rios e lagoas serpeantes pelas quebradas dos chapadões.

Buritizais farfalhantes, com as copas imponentes, exibindo os cachos vermelhos, pendentes dos espiques. Do cerne verte copioso vinho. Além desta palmeira vistosa e dominadora das várzeas frescas, há ainda o indaiá, rasteiro, habitante dos cerrados, grande produtor de cocos em abundantes cachos, de saborosa e nutritiva amêndoa; há também o caraterístico licori, esguio e pequeno, portador de deliciosos frutos.

A flora dêstes chapadões é dominada pelos lençóis de gramíneas, abundantes em tôdas as regiões, mescladas com as leguminosas, que dão pasto perene e substancial às criações.

Zona de rendosa exploração pastoril, é também esta região um agradável cenário de turismo, pela suave ondulação das colinas e várzeas de perspectivas bucólicas, lugares de veraneio para os habitantes das cidades.

Resta acrescentar, como atrativos rústicos, a infinidade de frutos nativos, pelo meio dos chapadões, tais como araticuns, gabirobas, araçás, mangabas, marmeladas, bacuparis, gravatás, grãos de galos, cajus, beringelas e jatobás; emas e seriemas pernaltas, correndo e cantando pelos descampados; veados, tatus, pacas e capivaras; peixes, como surubis, matrinchãs, dourados, nos rios e no remanso das lagoas.

Nestas há ainda a pesca a timbó.

Neste falantério, onde residiam mais de mil escravos, ao lado de seus Senhores, e onde a família se dividia em sítios e fazendas anexas, tôdas regidas pelo mesmo sistema da vasta propriedade agropastoril, o currículo dos negócios se desenvolvia de forma normal e próspera: venda de gado em pé, para vir abastecer as cidades vizinhas e os mercados mais longínquos, de Vila Rica, São João del-Rei, Sabará, e, às vêzes, da própria Côrte.

Os escravos fiéis conduziam gêneros em tropas de cargueiros e gado gordo para o corte destes mercados, onde procuradores idôneos superintendiam as vendas e cobranças.

Nesta hora culminante, caí doente o Capitão Inácio de Oliveira Campos, em 1795, atingido pela paralisia, que o deixou hemiplégico para o resto da vida.

O bandeirante valoroso cedia aos imperativos da natureza, que o golpeava no cerne da sua existência.

Êste desfêcho era esperado, pois que o Capitão Inácio ao ver o entusiasmo da espôsa, no prurido de comprar fazendas, escravos e gado, com dívidas a pagar, pela aquisição de latifúndios, sempre obtemperava à espôsa: — Olha, querida Joaquina, estás alargando demais as posses, e eu não te posso ajudar em tanta lida e responsabilidade!

Com seu jeito brincalhão, D. Joaquina respondia-lhe: — Pois vamos trocar os papéis; eu vestirei as tuas calças e tu usarás os meus vestidos!

Êste gracêjo teve na realidade a sua concretização. Quando o marido caiu fulminado pela hemiplegia, a corajosa espôsa assumiu sòzinha a responsabilidade de tudo, comprou-lhe a meação por vinte contos de réis, deu-lhe a tranqüilidade para viver em paz e partilhou com êle a educação dos filhos, dando-lhe sempre ascendência moral, assistência e carinho.

Nove anos viveu o Capitão Inácio neste estado de hemiplégico, desde 1795 até 1804, com plena lucidez e faculdades mentais, condenado apenas à imobilidade.

Neste último ano, cerrou os olhos, rodeado pelos desvelos e devotamento da espôsa e da numerosa prole, já agora composta de filhos varões, filhas emancipadas, todos casados e pais de numerosa proles.

É preciso notar, a bem da justiça, que D. Joaquina enviuvada em pleno vigor da existência, com apenas cinqüenta e dois anos, e com tamanha riqueza e prendas pessoais, nunca mais pensou em se casar de novo. Continuando o seu regime de vida de proprietária de latifúndios, manteve-se fiel à memória de seu marido, honrou-lhe o nome e as tradições e terminou sua existência em 1824, em plena chefia dos negócios e administração da fazenda, ajudada agora, principalmente pelo filho dileto Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos.

Em 19 de março de 1799, D. Joaquina requereu licença para andar armada, o que foi concedido pelo Govêrno de Vila Rica.

Em 1805, Dona Joaquina dirigiu um requerimento ao Príncipe Regente, pedindo a nomeação de um Juiz de Fora para Pitangui, "para se evitarem grandes barulhos, dissenções, subornos e injustiças, que nascem de não haver juiz letrado".

O pedido foi atendido e desde logo se vê na lista das nomeações de juízes de fora o de Pitangui.

Em 15 de março de 1808, o Conselheiro Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos escreveu de Vila Rica a Dona Joaquina, lhe agradecendo, em nome de D. João VI, a remessa de 200 bois, que ela ofertara ao Govêrno, para minorar a crise alimental daquela época, na Côrte.

Quando das festas pela proclamação de D. João VI, em 1817 em Pitangui, no noticiário das "Cavalhadas" e "Touradas" que naquela vila se realizaram, com pompa, estão relacionados os touros de raça "e os "cavalos de corridas", ofertados por Dona Joaquina do Pompéu, o que lhe merece favores e agradecimentos das autoridades de então.

CAPITULO VII

Referências do Barão Von Eschwege à Fazenda do Pompéu

No volume II, tomos 1.º e 2.º da obra monumental *Pluto Brasiliensis*, do Barão de Eschwege, encontra-se referências à fazenda do Pompéu, onde o

autor estêve hospedado por algumas semanas durante a sua jornada em Minas. Minuciosas são as suas descrições das terras, das rochas, dos sítios que visitou pelo vale do São Francisco, em continuação à trajetória de estudos e pesquisas geológicas, bem assim dos costumes, aspectos geográficos, flora e fauna, através dos sertões de Minas Gerais.

Na excelente tradução feita pelo Professor Dr. Rodolfo Jacob, por ordem do Presidente de Minas, Dr. Artur da Silva Bernardes, e continuada pelos sucessores dêste, Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e Olegário Dias Maciel, em comemoração do centenário de nossa Independência política, encontram-se referências muito vivas a êste distrito geográfico, desde a vila de Pitangui, até as comarcas do norte, leste e oeste mineiros.

No 1.º tomo do volume 2.º dessa preciosa tradução, encontra-se, à página 137, a seguinte referência do Barão Von Eschwege: "De Pitangui, onde se acham lavras auríferas, em grande número já abandonadas, viemos por amenos campos, ondulados, banhados aqui e acoiá por pequenas lagoas, onde, ao lado do gigantesco *boa constritor*, milhares de aves, grandes e pequenas, ostentavam a sua linda plumagem. Chegamos assim à grande fazenda do *Pompéu*, de uma área não inferior a 150 léguas quadradas, e habitada ùnicamente pela família da proprietária dêsse principado, a não contar como súditos dêste as 40.000 cabeças de gado vacum, que animam êsse Sítio deserto e anunciam aos viajantes a presença do homem, por êles muitas vêzes desapercebida, durante dias e dias".

E continua o Barão Von Eschwege a sua narrativa:

"A qui a generosa matrona, que é a viúva Dona Joaquina da Silva Oliveira Castelo Branco (') que conta não menos de 60 netos em sua descendência, nos detêve alguns dias, com muita insistência, na fazenda de sua propriedade".

"Quando partimos, viemos munidos de tôda espécie de víveres, por diversas semanas, pois daí em diante íamos entrar por sertões desertos, onde nada mais iríamos encontrar".

Depois de continuar a narrar as peripécias de viagem pelos lugares abandonados de qualquer recurso, em direção ao Indaiá, o cientista alemão, citando ainda o auxílio que D. Joaquina lhe fornecera para a viagem, até um guia para acompanhá-lo por desconhecidos lugares, escreve o seguinte: "Devo agradecer aqui pùblicamente a essa digna matrona e a seus filhos a maneira realmente gentil com que, durante semanas, por vêzes, me acolheram nas viagens repetidas que fiz naquela região, assim como a outros naturalistas, que lhe foram por mim recomendados".

E acrescenta o Barão de Eschwege:

"É também aqui o lugar de esclarecer um boato relativo à minha pessoa, que alguns viajantes espalharam e outros mesmos publicaram. Teria sido contrário à delicadeza dessa digna Senhora o oferecer a um Barão alemão um presente de 1.000 bois e de algumas centenas de cavalos, e a êste não teria ficado bem tão pouco o aceitar tal presente".

(') o nome verdadeiro era Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, conforme se verifica dos documentos do seu inventário, em Pitangui, em dezembro de 1824. Seu marido, Capitão Inácio de Oliveira Campos, faleceu em 1804. Mas, por escritura pública, êle havia cedido a sua meação na fazenda, a qual pertencia sòmente à Espôsa. *N. da R.*

No tomo II do mesmo volume II da obra do célebre viajante, encontramos, à página 13, as seguinte referências: — "Da fazenda do Pompéu, situada a 1.695 pés, altitude que deve ser considerada a média para a região plana dos arredores, numa extensão de muitas léguas, pode-se ir ao arraial de Bicas por dois caminhos diversos, passando um pela vila de Pitangui e correndo o outro pela vertente norte, etc. Depois de haver partido primeiramente do solar do Pompéu, atravessando por algumas milhas ainda os lindos campos dessa grande fazenda, de uma área de não menos de 150 léguas quadradas, com suas suaves colinas e pequenas lagoas, povoadas de milhares de passáros aquáticos, e que servem também de esconderijo à enorme "Boa", chegamos ao ponto onde o caminho se bifurca, na extremidade norte de uma serra isolada, que se levanta entre os rios Pará e Paraopeba, e aí de novo aparecem as rochas primitivas. Tomando o caminho que passa por São Joanico, fica a serra à direita, e a roçamos sempre na sua base, que é formada de granito. Em cima, no alto, consta existir o minério de ferro, e se projetou estabelecer uma pequena fábrica de ferro, perto de São Joanico, para cuja construção foi solicitado o meu parecer. A extensão da crista da serra é de cêrca de 10 léguas e sua base para S.E. termina entre os arraiais de Bicas e Mateus Leme. Da planície do Pompéu a serra ergue-se pouco a pouco do córrego de Manuel Luís, e aparece o itacolumito, com uma direção das suas camadas na hora 9.ª e uma inclinação para N.E".

Eis aqui como o cientista alemão vem descrevendo a região circunvizinha ao Pompéu e Pitangui, denunciando desde logo um importante jazigo ferrífero no distrito de São Joanico e pesquisando as riquezas do subsolo daquelas confrontações desconhecidas do vale Sanfranciscano. Continuemos a ouvi-lo:

"Chegando aproximadamente a meia altura da montanha, a estrada desce para a vila de Pitangui, e observa-se então um xisto argiloso ferruginoso, vermelho, como o de Congonhas do Campo e da lavra da Passagem, perto de Mariana, com muitos pontos negros de manganês, que se encontram freqüentemente no caminho, em pedaços como amêndoas".

"A parte baixa da vila (de Pitangui) está a 2.187 pés sôbre o mar e o ponto culminante da montanha deve elevar-se a mais de 1.000 pés acima. O oligisto micáceo, a hematita vermelha e o ferro magnético, que freqüentemente se encontram esparsos na base da serra, fazem presumir a existência destas rochas nos pontos mais elevados, como também a grande quantidade de lavras de ouro permitem inferir a existência aí das formações auríferas geralmente ocorrentes nas vizinhanças de Vila Rica. Se no alto foram exploradas essas jazidas, não me é isto conhecido, e sòmente na base da serra foram lavradas algumas gupiaras".

E mais adiante informa o célebre viajante:

"Rico principalmente era o rio de São João, que não longe da vila (de Pitangui) desemboca no rio Pará, e aí é que no comêço das descobertas se levantaram tais contendas que degeneraram em uma pequena guerra civil".

"A atual decadência das lavras de ouro tem feito com que os habitantes de Pitangui se entreguem mais ao comércio, sobretudo ao dos tecidos

de algodão, que lhes tem dado maior interêsse que as suas ricas lavras de ouro".

"Há, porém, pessoas entendidas que asseveram ser possível ainda, com o emprêgo da aparelhagem e recursos mais eficazes, extrair tesouros extraordinários no rio São João".

Como se vê, o cientista germânico teve intuição real dos problemas da zona pitanguiense em que pisou e dá-nos a esperança ainda de possíveis veeiros auríferos no leito do rio São João, onde, nos começos do século 18, ferveu uma febre de ambições incontroláveis, sob a égide de denodados desbravadores paulistas. Entre êstes podemos contar:

José de Campos Bicudo e Antônio Rodrigues Velho, o célebre bandeirante que tomou o nome de Velho da Taipa, conforme a tradição popular, pelo fato de haver construído no bairro do Batatal uma vasta vivenda de taipa, onde morava e recebia hóspedes paulistas, parentes e amigos, atraídos pela sede da mineração.

A descrição dêste capítulo vincula-se ao Pompéu Velho, à figura de Dona Joaquina e de seu marido Inácio de Oliveira Campos e aos descendentes dêstes, a fim de completar uma exposição de fatos históricos e genealógicos, muito vivos na memória dos habitantes dos sertões sanfranciscanos, aliás de todo o interior mineiro.

A trilha seguida por Eschwege está nos mostrando o veeiro do ouro, depois de ter nos descrito com côres vivas, ao natural, o panorama dos campos e lagoas da fazenda do Pompéu, que êle declara ser um principado de 150 leguas quadradas, sob o domínio de uma única senhora: Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco.

Nessa época em que o viajante teuto percorria os despovoados sertões do oeste mineiro, na era de 1818, já o consorte de Dona Joaquina tinha falecido, pois foi justamente no ano de 1804 que o Capitão Inácio de Oliveira Campos deixou de existir, no momento em que construía o templo do Pompeu, que ficou inacabado. Já vimos que por acôrdo entre ambos, o marido cedeu à espôsa a sua meação, por vinte contos, 10 anos antes da sua morte. Cedeu-a por motivo da doença que o imobilizou e por conveniência de administração.

Seria interessante acompanharmos o viajante teutônico através as suas peregrinações pelo arraial da Onça, de terreno aurífero, à margem do respectivo ribeirão; veremos em seguida a fazenda dos Guardas, à margem do rio dêste nome, oriundo da resistência oferecida pelos revoltosos de Pitangui, em 1720, contra as tropas policiais mandadas pelo Conde de Assumar, a fim de sufocar a revolta dos contribuintes do quinto do ouro.

Nessa fazenda nasceu o Conselheiro Martinho Campos, justamente nesse ano de 1818, em que Eschwege por ali passava, quando era proprietário o Coronel Martinho Álvares da Silva, casado com D. Isabel Jacinta de Oliveira Campos, filha de Dona Joaquina do Pompéu e de seu marido. Era também zona aurífera e teve dias de prosperidade e opulência, mostrando ainda hoje as "catas", com os cascalhos amontoados à margem do rio".

Daqui por diante vemos o viajor e cientista teutônico percorrer de relance o Patafufo, já então um grande arraial, hoje cidade de Pará de Minas, cheia de progresso; seguiu para Mateus Leme, Bicas, Funil, Serra da Moeda, Sabará, Congonhas, Vila Rica, Mariana, Sêrro Frio, etc.

Rastreando essa viagem de Eschwege pelos sertões mineiros, quisemos apenas mostrar a presença de um sábio da mais fina nobreza alemã, nas terras da nossa Minas, onde êle recebeu condigna hospedagem e generosa acolhida por parte das autoridades, dos fazendeiros e da população em geral.

CAPITULO VIII

O Esplendor de uma vida Luminosa

Depois de têrmos localizado os ângulos mais salientes desta vida quase paradoxal, que ao mesmo tempo lembra um "cheik" árabe, uma Amazonas aventurosa e um "Landslord" inglês, convém rematar o relato histórico com alguma nota da psiquê íntima, que mostre a mulher no lar, no reinado do amor do seu clã como a abelha mestra terminando o labor dos favos de ouro, na precaução e na previsão; finalmente a patriota, vibrando de zelo pelo Brasil livre e emancipado e por êle dando vida, bens, fortuna, tudo!

É conhecido e comprovado o gôsto de vaidade exibicionista, quando a "manda-chuva" pompeana ofertava a D. Pedro 1.º o celebrado cacho de bananas de ouro.

Mas é preciso saber o porque dessa performance:

Uma rival sua, sertaneja com tal, madona exibicionista como aquelas "haciendadas" mexicanas, que os cinemas reproduzem com exatidão, seja a "Beja" do Araxá, seja a "Maria Tangará" de Pitangui ou Paracatu, mandou fabricar, por um exímio ourives de Vila Rica, um abacaxi de ouro puro, que ofertou ao Imperador D. Pedro 1.º, em 1823., a fama ressoou pelo sertão, de forma contundente. O prestígio da camponesa do Pompéu ficou abalado. Pois uma rival pretenciosa e sem o seu séquito e fortuna, sem aquelas léguas de chãos, gadaria e escravos, exibir-se dessa maneira, querendo fazer-lhe sombra?

Pois toma lá! Mandou fazer um cacho de bananas, mas muito vistoso e grande, com caprocho de cinzeladuras e fascínio de arte ornamental, e mandou o seu filho e camareiro-mor, o Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos, ricamente fardado e armado em grande estilo, levar, em mãos, ao Imperador D. Pedro 1.º o presente real.

E assim respirou ufana! Seu prestígio estava de pé! Das margens do Paraopeba ao São Francisco e ao Indaiá, dos rincões do Paracatu, Pitangui, Sabará Caeté, São João del-Rei e Vila Rica seu nome continuou a brilhar, refulgente e vitorioso, enaltecido pelos elogios e agradecimentos do Jovem Monarca.

Mas o seu gesto culminou nas páginas do grito de "Independência ou Morte".

Havia sido proclamada a Independência do Brasil.

O "Grito do Ipiranga" ressoara por tôda a parte, vigoroso e alviçareiro, anunciando a aurora de um dia novo na Pátria emancipada.

A fazenda do Pompéu se encheu de galas. A família se reuniu tôda; foi celebrada uma festa ruidosa, com missa campal foguetório, charanga e baile. Laços verde-amarelos nas lapelas e nos braços dos convivas. Homens, mulheres e crianças se banquetearam, ergueram as taças e vivas estrepitosos ao Imperador e ao Brasil.

Fardões dos oficiais da Guarda Nacional ostentavam-se com garbo cívico. Eram os fazendeiros vizinhos, os compadres e parentes.

A alegria não era só dos brancos: também os escravos se banquetearam, dançaram e folgaram. Gordas rêses foram abatidas para fartar de carne os convivas do rumoroso festim. Nos terreiros retumbavam os adufos, violas, reco-recos e urucungos, festejando a liberdade. Pelas noites a dentro, ressurgiam as notas dos candomblês, do sairê, dos recortados, dos sapateados e do bumba meu boi!.

Era a África, era o Brasil das selvas, que recordavam os tempos pregressos.

A "Sinhá Dona" deu licença.

Os ágeis campeiros, os guias, os candieiros ensaiavam, para regalo dos Senhores brancos, brinquedos de cavalhadas e touradas, pelas campinas e terreiros adjacentes.

E a rapaziada branca, a fina flor do Pompéu, partilhava dos brinquedos, das danças e dos esportes, em honra do Brasil.

Este entusiasmo, porém, foi arrefecido, semanas depois quando se soube da resistência do General Madeira, na Bahia, com 4.000 soldados à frente.

Correu a notícia como um ráio; era um desafio ao pundonor nacional.

Surge o Almirante Cokrane, com a sua esquadra libertadora. Surge Labatut, com o exército vingador. Nos sertões da Bahia dão-se combates sangrentos. No Sul e no Norte outros focos de resistência aparecem.

Martim Francisco lança, em nome do Imperador, o grito de "S.O.S." aos Brasileiros! Cada qual ajude como puder a defesa da liberdade do Brasil!

O Pompéu não podia ficar indiferente. D. Joaquina, logo teve conhecimento dêsse movimento recolonizador, ofereceu ao Imperador a sua adesão.

Nesta conjuntura é curioso ver como essa adesão se caraterizou. Seu filho o Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos seguiu para Vila Rica e para a Côrte, levando uma carta de D. Joaquina dirigida a D. Pedro 1.º, colocando-se, pessoalmente, à sua disposição, para a luta da vitória da Independência ameaçada pela reação das tropas portuguêsas, ao norte, e ao sul.

Colocou à disposição do Govêrno Imperial a sua fortuna particular, a fazenda, com tôda a gadaria e terras, os seus escravos e filhos, como soldados voluntários, tudo pelo Brasil!

Ela própria marcharia, em pessoa, à frente de seu batalhão!

Era o "frisson" nacional, que abalava os verdadeiros patriotas para a imediata repulsa aos retrógrados recolonizadores da nossa Pátria. O gesto de Maria Quitéria, na Bahia, teve em Minas, nos sertões de Pitanguí, uma precursora, na figura da fazendeira do Pompéu.

Neste momento, não teve ela o egoismo que liga o senhor aos seus bens.

Tôda a fortuna acumulada durante anos de labor inteligente, estava à disposição da Pátria ameaçada!

Não havia aquí a tirana, que o vozerio popular guardou de memória, para denegri-la!

Não havia agora o carrasco de escravos, torturando os párias indefesos.

O que havia era uma mulher septuagenária, pondo-se à disposição do Govêrno de seu país, com todos os seus recursos de homens, víveres, rebanhos opulentos, terras, dinheiro em espécie, tudo que foi ofertado ao Imperador, para a vitória da causa da Independência.

O gesto da matrona foi acolhido com admiração e reconhecimento na Côrte.

Em uma carta amistosa, o Imperador mandou agradecer tamanha munificência, aceitando sòmente o gado para abastecimento das tropas legais na Bahia, o que foi cumprido pontualmente pela ofertante, que fêz seguir levas e levas de bois pelo sertão, à disposição do General Labatut.

O mais não foi preciso, porque, dentro em pouco, a causa da nossa Independência estava vitoriosa, com a derrota dos reacionários ao norte e ao sul.

Mas o gesto de D. Joaquina ficou, como um padrão de grandeza moral, de patriotismo e de fé nos destinos do Brasil.

Pouco tempo depois, Dona Joaquina cerrava os olhos, dando por terminada a sua missão neste mundo.

A 7 de dezembro de 1824, despedia-se ela da vida laboriosa e digna, que fecundou com os seus exemplos de moral doméstica e pública, de patriotismo e de verdadeira precursora da emancipação feminina.

É um nome que enche o Brasil, porque a sua lição de bravura, de energia equilibrada, de visão cívica e de amor à família ficou perenemente para exemplo das gerações futuras.

CAPITULO IX

Martinho Campos

Êste nome representa o perfeito retrato moral da família do Pompéu, que por sua vez reproduz as duas diretivas psicosomáticas dos ancestrais Abreus Castelos Brancos, por um lado e Garcias Velhos, Campos, Pires, Lemes, Bicudos e Fernandes Ramos, pelo outro lado. O casal do Pompéu herdou, assim, parceladamente, qualidades as mais diversas, de origem flamenga, lusa, alemã, espanhola, sanvicentina e tupi, que caldeou no seu *melting-pot* e transmitiu aos descendentes, mais ou menos atenuadas, mais ou menos vivas.

Dêste clã é representante autêntico o biografado dêste capítulo, herdeiro das qualidades mais marcantes dos seus ancestres: rudeza, franqueza, desassombro nas atitudes, amor à verdade e à retidão, zêlo pelo interêsse público, tom agressivo, às vêzes violento, mas temperado pelo bom senso humorístico e irônico.

Tudo isso adicionado a um certo tom de superioridade, de filosofia pragmática, que resiste a tôdas as intempéries e afronta de ânimo sereno quaisquer lutas, adversidades ou crises, sem nunca se abaterem. Religiosos em princípio, católicos por índole e tradição são ótimos chefes de famílias, leais e ordeiros, sempre prontos para o sacrifício, da pátria, industriosos e ativos. Nunca, porém, perdem a altivez, que é marca de família, adoçada, entretanto, pela afabilidade, prestimosidade, amor à cultura e espírito jovial. Dêste tipo moral era também o Professor Benedito Cordeiro dos Campos Valadares, que será estudado no capítulo seguinte.

Por julgá-los perfeitos paradigmas, das qualidades inatas dêste clã, vamos esboçar aqui um ligeiro estudo dos dois homens públicos, assás conhe-

cidos, com fôlhas de serviços bem definidas ao nosso País e por sua vez chefes de longas proles, que retratam as suas personalidades.

Ao escrever êstes capítulos, convém acentuar que respigamos os estudos que neste sentido publicamos no *"Jornal do Comércio"* de 28-11-1943, 5-6-948 e 8-6-48, fazendo, a propósito, algumas retificações, que pedimos sejam anotadas pelos leitores estudiosos.

O Conselheiro, Martinho Álvares da Silva Campos, filho do Tenente-Coronel Martinho Álvares da Silva e de D. Isabel Jacinta de Oliveira Campos, era, por esta, neto do Capitão Inácio de Oliveira Campos e de Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco. Pelo lado paterno, descendia dos Álvares da Silva, de origem espanhola, caldeados com os Garcias Velhos, Lemes, Pires, Fernandes, Povoadores, Betins, Bicudos e os dois Morubixabas, tupis, Piquerobi e Tibiriçá.

Nasceu o Conselheiro Martinho Campos a 18-8-1818, na fazenda dos Guardas, de propriedade de seus pais, próximo a Pará de Minas, pertencente naquela época a Pitangui. Eram vários irmãos, todos inteligentes, ativos e estudiosos, alguns dos quais seguiram a carreira da magistratura, do professorado, da política, da medicina, da agricultura e da indústria.

Estudou medicina na Côrte, casou-se com a filha de um fazendeiro da Província do Rio de Janeiro e igualmente, com o seu irmão Inácio, que seguiu a mesma carreira e casou-se na mesma família.

O Conselheiro, após a sua longa e brilhante carreira política, faleceu em Caxambu, em 29-3-1887, onde foi buscar saúde para seus males do fígado e repouso dos labores de presidente do Conselho de Ministros. Acha-se enterrado em Baependi, em cujo cemitério se encontra uma lousa com a inscrição alusiva à sua vida e ao seu nome.

Não precisamos repetir muito longamente as histórias de Martinho Campos, porque elas estão patentes nos *Anais* do Parlamento Brasileiro, como deputado, senador, presidente do Conselho do Império, Ministro da Fazenda, presidente da Província do Rio de Janeiro, enfim, como homem de inatacável vida privada e pública, zelador dos dinheiros da Nação e da honestidade administrativa, pondo a sua ironia e os golpes da sua franqueza rude ao serviço da Pátria, derrubando ministério, desmontando camarilhas e arranjos, contundente e mordaz, numa demonstração de constante sinceridade.

Quem quiser ràpidamente ter uma idéia dêste gigante da palavra, basta folhear as crônicas de Machado de Assis, sôbre o Parlamento do Império, e o livro do Conde de Afonso Celso *Oito Anos de Parlamento*.

É digno de leitura o conceito que sôbre êste vulto formulou o Conselheiro Pereira da Silva, no seu livro *Memórias do meu tempo*. Refere episódios, frases e atitudes de nobreza sem jactância, de oposicionista intransigente aos governos monárquicos, cujas falhas apontava e criticava com ironia mordaz e franqueza.

A melhor biografia até hoje aparecida sôbre o Conselheiro Martinho Campos é a de João Dornas Filho, no seu livro *Figuras da Província*.

Nesse trabalho, o autor apresenta os aspectos bons e maus do Conselheiro, isto é, aponta as altas virtudes do homem puritano, inquebrantável, só preocupado com os interêsses legítimos do País, sem abrir brecha a uma única concessão ou fraqueza na sua atitude fiscalizadora dos governos e da política. E mostra também os lados cômicos, no vestir e no conversar, etc.,

explicando admiràvelmente as aparentes contradições do democrata e liberal com o escravocrata. Duas anedotas são típicas para explicar o escravocrata:

— Um dia, o Conselheiro, percorrendo os seus cafezais, na fazenda das Cebolas, encontrou um negro esgueirando-se pelas moitas, conduzindo um saco de café furtado. E disse-lhe: — Foge e esconde-te quanto antes, pois vem aí o feitor e te mete o bacalhau, e depois, não obterás a liberdade! Outro dia, o Conselheiro, presidente do Conselho de Ministros, sendo conduzido para uma reunião dêste, durante uma tempestade, apiedou-se do negrinho que guiava a carruagem, na boléia, inteiramente molhado, e mandou-o sentar-se ao seu lado, abrigando-o assim do temporal.

Anedotas políticas são freqüentes:

Ao Imperador, a quem não poupava as fraquezas ou condescendências com seus áulicos, disse uma vez: — "Lembre-se Vossa Majestade que a barra por onde o Senhor Seu Pai saiu em 1831, ainda está aberta e bem aberta!

A maneira mordaz e sarcástica com que Martinho reduzia à expressão mais simples os seus adversários é bem caraterizada no episódio com o deputado pernambucano Gusmão Lobo. Novato e muito pretencioso, com fama de ótimo orador, veio êste para a Câmara, com a incumbência que lhe deu o Visconde de Rio Branco de combater a "patrulha liberal", chefiada por Martinho. Pois êste não lhe deu tréguas. Mal o rapaz começava a falar, Martinho o interrompia com uma piada de fazer rir a todos.

Cada trecho dos discursos do jovem Cícero pernambucano era motivo de novas piadas que desconsertavam o orador.

E o olhar irônico, a fisionomia mordaz, que êle apresentava ao antagonista, eram armas contundentes, que completavam as frases causticantes.

Outro deputado que o atacava da tribuna, após uma hora de constantes apartes desconsertantes, pediu-lhe, com voz suplicante: — Mas assim V. Excia. me põe na rua da amargura!

— Eu nunca vi V. Excia. noutra rua!... Foi esta a resposta de Martinho.

Eram quatro os parlamentares famosos pela ironia e o sarcasmo, usando do mesmo processo para demolir os seus contendores: Ferreira Viana, Zacarias de Góis e Vasconcelos, Martinho Campos e Andrade Figueira.

São famosos os conselhos que Martinho deu ao jovem deputado Afonso Celso Júnior, quando ingressou na Câmara, eleito por Minas:

1.º — Andar sempre bem com o presidente da casa; pode atacá-lo, mas com jeito; nunca briguem;

2.º — Agredir o adversário de modo que não se torne incompatível com êle; o mundo e a política dão muitas voltas; convém sempre deixar margem para possíveis reconciliações;

3.º — Ocupar constantemente seu lugar no recinto; não se demorar em palestras pelos corredores; evitam-se assim intrigas, deve-se habituar a falar no recinto, em público, formando assim uma segunda natureza na compostura, na correção das atitudes;

4.º — É preciso praticar algum ato de energia; mostrar que não engole desaforos, mas, ao contrário, saber dizê-los; ao cabo de certo prazo, é bom refrescar a memória dos ouvintes; é preciso sempre mostrar que a gente também é capaz de uma pequena macriação...".

O Americano, jornal que se publicava na Paraíba do Sul, órgão do Partido Liberal, de que era chefe Martinho Campos, publicou, na sua edição de 13-1-1882, uma carta do Dr. Felício dos Santos, dirigida à Comissão organizadora do banquete político oferecido pela Câmara dos Deputados ao Dr. Martinho Campos, em 12-8-1880:

"Martinho Campos.

"Clarissimo brasileiro, político de caráter severíssimo, mineiro sempre identificado com os interêsses de nossa Província e com os de cada um dos nossos comprovincianos; lidador incansável da causa liberal, ao mesmo tempo chefe e sentinela avançada de seu partido, dirigindo, aconselhando, mas expondo-se também e mais que qualquer outro aos perigos e até aos botes da ira e da calúnia de inimigos desleais e traiçoeiros, em defesa da liberdade da bôlsa do povo.

"Liberal sem supertições nem utopias que obliteram o bom senso de tantos outros; democrata esclarecido, de intuição límpida, pondo o mundo dos fatos acima dos interêsses das idéias.

"Só lhe acho um defeito: a excessiva abnegação, às vêzes prejudicial ao País.

"Parecem dirigidas a Martinho Campos estas palavras com que Tito Livio arremata o magistral retrato que traçou de Porcius Catão:

"Asperi proconsul dúbio animi, et linguae acerbae et modice libera fuit sed invicti a cupiditalibus animi, et rigida inoscentia: contemptor gratiae, divitiarum".

Ao mesmo tempo que o jornal do Partido Liberal estampava esta carta, o *Conservador*, órgão do Partido Conservador da Côrte, estampava violentos artigos contra Martinho Campos, ao qual chamava *Martinho das Cebolas*.

Igualmente era visado nesses ataques o novo deputado Afonso Celso Júnior, recém-eleito por Minas.

As palavras de Felício dos Santos não de um líder católico, caráter inquebrantável, republicano, médico e jornalista de reconhecida probidade moral e política.

CAPITULO X

Professor Benedito Cordeiro dos Campos Valadares

Após exibir algumas amostras do valor da personalidade inconfundível do Conselheiro Martinho Campos, vamos agora referir alguns fatos e episódios da vida do seu sobrinho Professor Benedito Cordeiro dos Campos Valadares. Como dissemos no capítulo anterior, pretendemos sintetizar nestes dois vultos os traços predominantes da família do "Pompéu Velho".

Certamente não é possível abranger num estudo como êste, por sua natureza sucinto e abreviado, todos os nomes, todos os vultos, passados e presentes, que derivam desta fonte comum dos troncos de Pitangui e Pompéu, uns ligados exclusivamente ao "Velho da Taipa", outros oriundos do feliz consórcio do Capitão Inácio com Dona Joaquina. Os ancestres de origem paulista são: Álvares da silva, de procedência espanhola, Garcias Velhos, de procedência lusa; Campos, de dupla procedência luso-espanhola, Betins, de linhagem alemã; Pires, Bicudos e Fernandes Ramos, puros luso — paulistas;

Lemes, flamengos e portuguêses; com o complemento Tupi dos Tuchánas da Piratininga e do Ururaí. Todos se reuniram num auspicioso *in-breaaing*, de que resultou êste clã pitanguiense — pompeano, assim como outros pelo Brasil afora, recordando uma só origem comum. Mas isto é obra para linhagistas da ordem de uma Afonso de Escragnole Taunay, de um Cônego Trindade, de um Coriolano Pinto Ribeiro e poucos mais.

O Professor Benedito Valadares era filho do Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares, médico, agricultor e político, que foi deputado provincial em Minas e foi casado com D. Domitila, irmã do Conselheiro Martinho Campos.

Por êste lado, o Professor Benedito era sobrinho do Conselheiro e bisneto do casal tronco do Pompéu, pois seu pai era neto de D. Joaquina e do Capitão Inácio.

Do modo como o sobrinho herdou as qualidades do tio, não precisamos pesquizar muito longe. Basta citar alguns fatos, confrontá-los num paralelo, como o fêz Plutarco, nas *Vidas dos Varões Ilustres*, dando aos nossos dois heróis as tintas do nosso tempo e do nosso ambiente, e as proporções que o critério histórico manda observar sempre nos juízos críticos.

Tracemos o caráter dos dois. Que é o que mais sobressaia em um e outro?

A franqueza, a lisura, a retidão de atitudes, o amor à ordem, o zêlo pela coisa pública, a proibidade sem jaça.

Ambos sertanejos, dos chapadões mineiros do São Francisco, zona pastoril e patriarcal, onde um fio de cabelo vale uma palavra escrita, e os pais transmitem aos filhos e netos as regras do bem viver.

Traziam nos hábitos a simplicidade mineira, que desdenha roupas e elegância mundana, tipos que se comprazem em aparentar a rudeza do meio onde foram criados, não tendo pejo de dizer as verdades, contra quem quer que seja, e visando tão só a retidão dos negócios públicos, a economia e a ordem.

Traziam, sim, cultura aprimorada, altivez de caráter, decisão de bem servir à causa pública e o hábito de dizer em voz alta o seu pensamento e a sua opinião. Como tal, foram respeitados como tribunos.

Focalizamos aqui a figura do Professor Benedito.

Liberal, segundo a corrente partidária do tio ilustre, entrou o Dr. Benedito para a política como Deputado à Assembléia Provincial de Minas, ao lado de Afonso Pena, Carlos Afonso, Cândido de Oliveira, Álvaro Drumond e Francisco Peixoto. Fiel ao seu partido, enfrentou uma esmagadora maioria do Partido Conservador, que, nessa época, dominava a situação. Nesse período de 1874 a 1880, exercia igualmente a função de promotor público em Paraíba do Sul, onde fixara residência, ao lado do tio, que já então aí residia e pontificava na política da Província do Rio. Em 1879, entra Benedito para a Câmara dos Deputados à Assembléia e é reeleito em 1885, continuando, nesse terreno nacional a diretriz que mantivera na esfera provincial. isto é, defender o direito e a justiça, zelar pelas normas administrativas e pelo escrupuloso emprêgo dos dinheiros públicos. Entre os assuntos que o empolgavam culminava a sua campanha no debate sôbre o elemento servil, cujo ponto de vista jurídico o coloca em antagonismo com Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Silva Jardim e outros que propugnavam a libertação pura e simples dos escravos, ao passo que êle, Benedito, como o seu tio Conselheiro

Marinho, julgavam um barulho à propriedade legalmente constituída, embora odiosa e anti-humana. Êsses debates, juntos aos outros de caráter administrativo e de justiça social, puseram Benedito em flagrante destaque porque a sua atitude erecta e um tanto atrevida atraia os assistentes e curiosos às sessões da Câmara para ouví-lo. Os jornais comentavam esta figura, *sui-gêneris* de um sertanejo ousado que não curvava a cabeça aos poderosos do dia, e que perdeu uma nomeação para lente da Faculdade de Direito, estando êle numa lista tríplice, porque se comportara com demasiada altivez numa entrevista com o Imperador, de quem dependia a escolha para a nomeação.

Seus estudos, em São Paulo, na Academia, foram com distinção, desde o primeiro até o último ano, em tôdas as matérias.

O curso primário e o ginasial que fizera em Pitangui, ao lado do meu pai, Fernando Otávio da Cunha Xavier, seu primo e amigo, igualmente descendente do mesmo tronco pompeano, foram brilhantes e reveladores de talento excepcional.

Em São Paulo, com Afonso Pena, foram os dois únicos mineiros que, na Academia de Direito, conquistaram a láurea de Doutores em borla e capêlo.

Proclamada a República, recolheu-se êle a uma discreta e nobre atitude, pensando apenas na vida de advogado e professor. Não pensaram assim os fundadores da República. Entenderam quase todos que não era justo ver afastar-se do cenário político um combatente tão austero, tão leal e de tamanha cultura jurídica. Cedeu patriòticamente ao apêlo de seus amigos. Foi eleito Deputado à primeira Constituinte fluminense, ao tempo do presidente Portela. Colaborou na elaboração da Constituição do Estado do Rio, e afirmam os contemporâneos, entre êles Horácio Magalhães, que foi de alto relêvo o seu papel nessa tarefa de legislador do povo fluminense.

Campos Sales, ministro da Justiça, confiou-lhe a missão de elaborar o regulamento para as eleições à Constituinte nacional, trabalho êsse que após sucessivas emendas, se concretizou no denominado "Regulamento Cesário Alvim". Aceitou por fim uma cadeira na representação federal por Minas, na vaga de Francisco de Paula Amaral, em 1892, assumindo desde início, vigorosa oposição ao Marechal Floriano Peixoto, Presidente da República. Muitas vêzes o seu desassombro na tribuna chegava a suscitar receios de uma imediata punição, por parte do Ditador. Alguns áulicos chegaram mesmo a sugerir essa medida, ao que o inolvidável estadista respondia com um *não!* Isto é, Floriano sabia apreciar os homens nobres, que não se vergam, que não disfarçam suas atitudes e responsabilidades.

— Prendam-se os conspiradores mas poupe-se o Deputado por Minas, o Valadares, que é homem franco, decidido, incapaz de conspirar. Foi esta a ordem de Floriano aos seus Ministros da guerra e da justiça. Benedito combatia o estado de sítio, verberava os excessos do poder pessoal, mas não andava nas trevas, como os demais, que foram presos e deportados.

Essa qualidade de homem desassombrado agradava a Floriano, que tinha horror aos cochichos, aos combalachos clandestinos, próprios dos homens desfibrados.

A admiração de Floriano pelo altivo representante montanhês crescia à proporção que êle mais se distanciava do chefe do govêrno.

Certa vez, diante de um discurso de Fausto Cardoso, numa colação de grau à turma dos bacharelandos, a que Floriano comparecera pessoalmente, o arrogante Deputado por Minas Gerais surpreendeu a todos, com sua atitude corajosa.

O ardoroso tribuno nortista fizera a apologia dos govêrnos fortes, enaltecendo a função do Ditador, que enfeixava nas suas mãos o poder total da Nação Brasileira.

Pedindo a palavra, o Professor Benedito Valadares contestou as afirmativas do orador e declarou que fazia a seguinte restrição ao seu discurso:

— É preciso que acima do poder esteja a lei e a Justiça, e o respeito à Constituição!

O movimento de surprêsa foi geral no auditório, e muitos esperavam que Floriano mandasse prender e deportar o audacioso tribuno mineiro.

Mas, foi justamente o contrário, Floriano, impenetrável e sereno como sempre cofiando lentamente o bigode, não mostrou nenhuma emoção. Assistiu ao resto da solenidade, retirou-se e, antes de transpor a porta de saída do salão, repleto de altas personalidades, dirigiu-se ao Professor Benedito Valadares, aperta-lhe a mão, e diz-lhe as seguintes palavras:

— Muito bem! Estou de pleno acôrdo com a sua opinião! Estupor geral na assistência! Todos siram dali convencidos de que o Marechal de Ferro era realmente de aço purissimo! Era alma acima do comum dos homens. Sabia separar o trigo do jôio.

O prestígio de Benedito Cordeiro dos Campos Valadares crescia de vulto e se êle quisesse tirar proveito, seria das maiores figuras da República como o teria sido da Monarquia, se outro fôra o seu feitio.

Quando Prefeito do Distrito Federal o Dr. Cesário Alvim, convidou-o para Diretor da Instrução Pública, cargo êsse que êle desempenhou com critério, devotamento à causa do povo e sinceridade na aplicação da lei:

Quem quiser conhecer o que realizou êste brasileiro em prol do ensino no Distrito Federal leia os seus relatórios, e se convencerá de que poucos homens o excederam no desempenho de tão difícil missão. Legou praxes, idéias, sugestões, leis, programas e regulamentos sábios ao Distrito Federal.

Consagrou-se nos últimos anos ao magistério, regendo a cadeira de Direito Civil na Faculdade de Direito por êle fundada nesta Capital.

E de como era justo e severo, de como era bondoso e sábio, afirmam os seus alunos e colegas, que são às centenas.

Por ocasião do falecimento do professor Valadares, Augusto de Lima pronunciou na Câmara dos Deputados o necrológio do antigo parlamentar mineiro, recordando os traços da sua vida e propondo um voto de pesar, que foi aprovado unânimemente. O Conde de Afonso Celso, na sua seção do "*Jornal do Brasil*, escreveu uma crônica de saudade e de admiração, enaltecendo a obra e a existência do preclaro varão desaparecido. Os jornais do Rio e de Minas celebraram com justos elogios o término de uma carreira tão nobre e útil.

O Professor Benedito era casado com D. Maria Luiza Valadares, já falecida, senhora de raras prendas morais. Dêsse matrimônio se formou uma distinta prole, que honra a origem tão nobre. Eis os filhos do casal: Dr. Francisco Valadares, jornalista, advogado, Deputado Federal e Chefe de Polícia, no quadriênio Hermes da Fonseca (já falecido): Dr. Caio Valadares, advogado, político, deputado e Presidente da Assembléia Legislativa do Ama-

zonas, já falecido; senhorita Benedita Valadares; Dr. Inácio Valadares, advogado, já falecido. Existem os seguintes netos:

Filhos do Dr. Caio Valadares: Dr. Caio Valadares Filho, Juiz de Direito no Acre; Judith, casada com o Dr. Antônio Pires Salgado; Ofélia, casada com o Dr. Oscar Fontenele; Regina, casada com o Sr. Júlio Medeiros; e senhorita Maria Luisa Valadares. Filhas do Dr. Inácio Valadares: Silvia, casada com o Dr. Caio Dutra de Almeida; Nair, casada com o Dr. Ademar da Cunha Fonseca.

Há vários bisnetos.

Aí ficam os traços ligeiros dessa vida tão cheia de nobreza e fulgor, que pode e deve ser escrita e relembrada como padrão do verdadeiro caráter brasileiro, digno de ser imitado pelas gerações vindouras.

Por ocasião do seu centenário, em 8-6-1948, além da missa votiva na Candelária, assistida pela alta sociedade carioca, houve, na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, uma sessão solene comemorativa da passagem daquela data, durante a qual dois oradores focalizaram em expressão de alta estima e veneração, a figura do fundador daquele sodalício: o Reitor Pedro Calmon e o professor Luis Antônio da Costa Carvalho, seu antigo aluno na Faculdade.

Na Câmara dos Deputados falou o líder Gustavo Capanema, pitanguiense como o homenageado, cultor apaixonado das tradições dessa "Velha Serrana" tão romântica e heróica, à qual êle dá o apelido de "Cidade Romana". Em Belo Horizonte, houve outras manifestações de apreço ao Professor Benedito.

CAPITULO XI

Fernando Otávio da Cunha Xavier

Ainda com relação ao Professor Benedito Cordeiro dos Campos Valadares, vem a propósito citar uma nota de afeto dêste emérito pitaguiense por outro seu conterrâneo, parente e colega de estudos, que reciprocamente se estimaram durante tôda a vida. Amizade essa que se prolonga através da descendência de ambos os lados.

Aqui vamos transcrever uma carta do Professor Benedito, dirigida ao autor destas linhas, que relembra uma velha amizade, dos tempos escolares, em Pitangui, e reforçada pelo afetuoso parentesco.

Nesta carta, êle manda o seu adeus ao primo e companheiro de tertúlias em latim, ao tempo dos estudos nos colégios "Zacarias Fernandes" e "Padre Luis", dois tradicionais educandários da "Velha Serrana" como então se chamava àquela histórica cidade do Oeste mineiro.

Eis a carta:

"Rio de Janeiro, 14-5-1924, Rua dos Bandeirantes, 46 — Meu caro Lindolfo Xavier — Cordiais saudações — Queiras aceitar, com todos os teus, meus pêsames pelo falecimento de teu digno Pai, certo de que compartilho das dores que suporta a ilustre família, tendo perdido um amigo dos belos tempos colegiais. Tendo em consideração a numerosa descendência que êle deixou, à qual proporcionou educação não comum, eu o coloco no número dos heróis incógnitos de Peletan. Deixou uma grande descendência, que honrará sua memória, bem servindo à Pátria, que êle soube honrar e servir.

Para as dores que suportam os descendentes de Fernando eu não sei palavras de condolência e de consôlo. Subscrevo-me como devo. — Patrício e amigo muito grato — *Benedito Valadares*".

Nota da Redação:

Êste herói de Peletan é Fernando Otávio da Cunha Xavier, prefeito e Presidente da Câmara de Pará de Minas, advogado, promotor de Justiça, professor, diretor do Grupo Escolar e antigo coletor estadual.

Nascido na fazenda de Junco, no município de Pitangui, a 3-8-1850, falecido em Pará de Minas, a 14-5-1924, era êle filho de Joaquim da Cunha de Sousa Campos e D. Francisca de Assis Fernandes Xavier, neto paterno de Filipe José da Cunha e D. Antônia de Sousa Machado, donos da fazenda do Junco; por esta era êle bisneto de Luis Joaquim de Sousa Machado e D. Maria Joaquina de Oliveira Campos, e por esta trineto de Inácio de Oliveira Campos e Dona Joaquina do Pompéu. Casado com sua prima D. Maria Amélia Xavier Capanema, teve o casal treze filhos, 60 netos, 10 bisnetos e cinco trinetos, que hoje se acham localizados em várias cidades do Estado de Minas, do Rio Grande do Sul e no Distrito Federal, ocupando cargos legislativos, pedagógicos, bancários, jurídicos, na medicina, no funcionalismo, no comércio e na indústria, ou ainda nos colégios e nas universidades. Durante 47 anos o casal residiu naquela cidade do Pará de Minas, colaborando no progresso local e deixando um vasto círculo de afeições sinceras.

D. Maria Amélia Xavier Capanema era natural de Pitangui, filha de Francisco Xavier da Silva Capanema e de D. Genoveva Laura Xavier Capanema; neta paterna de Francisco Severino da Silva Capanema e de D. Faustina Xavier Rebelo, neta materna de Joaquim José Fernandes e de D. Maria Laura Xavier Rebelo. Era bisneta do Capitão-mor Francisco José da Silva Capanema e de D. Maria Rosa Soares, chefes desta vasta descendência e antigos benfeitores de Pitangui.

Por êste lado ligava-se ela aos antigos deputados da Monarquia Dr. José Xavier da Silva Capanema, Paulino Xavier da Silva Capanema, Dr. Gustavo Xavier da Silva Capanema, avô paterno do atual líder da maioria da Câmara dos Deputados, Dr. Gustavo Capanema, ex-Ministro da Educação e Saúde e ex-Interventor Federal em Minas.

Ainda a êste grupo pertenceu o Dr. Olegário Dias Maciel, ex-Governador de Minas e seus irmãos e sobrinhos, entre os quais os Deputados Adélio Maciel e Leopoldo Maciel; o Deputado Vasco Azevedo e seu irmão Tenente Vicente de Azevedo e Sousa, morto em combate no cêrco de Bagé, em 1893, ao lado das fôrças do General Silva Teles; bem assim era desta mesma família D. Elvira Xavier Rebelo, filha do Comendador Bernardo Xavier Rebelo, casada com o Dr. Ferreira de Araújo, fundador da *Gazeta de Noticias*, e proclamado legitimamente "Príncipe dos jornalistas brasileiros".

No centenário do nascimento de Fernando Otávio da Cunha Xavier e D. Maria Amélia Xavier Capanema, houve expressivas homenagens em Minas e na Capital Federal.

Dêste casal é neto materno o Deputado Ovídio Xavier de Abreu, ex-Presidente e diretor do Banco do Brasil, ex-Secretário das Finanças e do Interior de Minas, ex-Interventor interino de Minas e ex-Ministro interino da Fazenda, bem assim ex-Presidente do Departamento Nacional do Café.

VELHAS ESPIRPES MINEIRAIS E PAULISTAS

TESE APRESENTADA AO II COLLOQUIUM INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS. — VI^{a} SECÇÃO: O PAPEL DOS PAULISTAS NA FORMAÇÃO DO BRASIL

1) QUINHENTISMO. — 2) SEISCENTISMO. — 3) SETECENTISMO

AUTOR: — LINDOLFO XAVIER. — DO CONSELHO DIRETOR DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOGRAFIA E DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE FILOSOFIA — ANTIGO PROFESSOR E VICE-DIRETOR DO INSTITUTO LA-FAYETTE — EX-PROFESSOR DA ESCOLA TÉCNICA NACIONAL — MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA — NATURAL DE MINAS GERAIS — NASCIDO NA CIDADE PITANGUI

A comemoração do IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO DEU ENSEJO A MUITAS PESQUISAS HISTÓRICAS, SOCIAIS E GEOGRÁFICAS, de que é prova, entre outras, a reunião dêste II COLLOQUIUM, por todos os títulos de digno louvor, de aprêço e subida estima, pelo tema que comporta, pelas recordações que desperta, e, sobretudo, pelo quadro grandioso que revive, da obra ciclópica dos Portuguêses, neste quadrante opulentíssimo do mundo.

Recordar os Portuguêses é recordar a nós mesmos, pois somos filhos gratos dessa raça forte e honrada, que encheu a História de páginas memoráveis, onde não se sabe o que mais admirar, se a dignidade do caráter, a audácia e firmeza nos empreendimentos, se, finalmente, a perseverança na rota da civilização.

A génese, o embrião, a matriz da população de São Paulo é de origem portuguesa; o mais que aqui chegou é elemento suplementar. Espanhóis, Alemães, Flamengos, Italianos, muitas outras raças que aqui aportaram e se localizaram em terras Sanvicentinas e Piratiningas, pelos tempos além, são realmente elementos consideráveis e merecem um lugar distinto na história destas Capitanias, de que resultou esta máquina imensa, que é hoje São Paulo. Lugar distinto também cabe à raça aborígene, que acolheu com generosidade a maré-montante dos Arianos, que aqui chegaram em busca de trabalho, de fortuna e de aventuras. Dêste tipo temos que colocar em primeiro plano o Cacique Tibiriçá, cuja grandeza de alma e de caráter os Padres da Companhia de Jesus imortalizaram em documentos imperecíveis, que afrontam os tempos e o esquecimento. Ao lado dêle, outros Caciques — Caiubi, Piquerobi os de Ibirapueras e Carapicuíbas, uns mais, outros menos, contribuiram para a acolhida, implantação e prosperidade dessa Colônia nascente, que se tornou hoje a esplendorosa civilização paulistana.

Fazendo jus a êsses elementos e dando-lhes o lugar devido na obra ciclópica de São Paulo, queremos realçar, como ficou dito atrás, o contingente máximo da raça Portuguêsa, que marcou com traços profundos e sólidos a sua colaboração nos alicerces e no desdobramento da majestosa construção que é hoje São Paulo.

Êste II Colloquium, aqui reunido em boa hora, é um corolário dêsse desiderato, que está na alma de todos nós, Brasileiros e Portuguêses, enlaçados num só pensamento, de recordar, glorificar e atualizar essa memória essa gratidão e êsse divino amplexo, que o tempo não destruirá nem amortecerá. É um desdobrar de cenas as mais surpreendentes.

Chega Martin Afonso: — Já encontra dois pioneiros portuguêses no meio da mata americana, identificados com a gente aborígene, casados com princesas da terra paulistana, prestigiosos, poderosos, donos de um reino infinito.

Quando vieram? Ninguém sabe! Quem eram êles? Segrêdo!

Uns afirmam que Ramalho era fidalgo, escudeiro do Rei, favorito da Rainha, casado, com prole, tudo deixando lá, para vir para aqui, mergulhar no mato, ser comido pelas feras, devorado pelos gentios, em festins canibais... Pode ser... Tudo pode acontecer... Mas, na certa, o que Martim Afonso viu, com olhos espantados, foi um João Ramalho poderoso, vestido à americana, mandão de florestas, lugar-tenente de um Cacique todo-poderoso — Tibiriçá! Foi um Antônio Rodrigues, garboso, esquecido da metrópole, transfeito em senhor feudal, casado com outra princesa, filha de um maioral opulento e bravo: Piquerobi. Eram, portanto, dois transfugas, banidos, exilados, extraviados, expatriados, largados aqui por algum navio misterioso, jogados na praia deserta, para castigo de alguma falta, punição de algum crime? Ou náufragos, em misteriosa viagem, própria de um Júlio Verne, de um Victor Hugo ou Chateaubriand, arrojados à terra por alguma tormenta, em rota de exploração geográfica, em viagem de pirataria, mancomunados com aventureiros de outras origens, em busca de fortuna ou romance? Certo é que êles tinham valor. Afrontaram o deserto, arriscaram a vida, mas triunfaram da arremetida novelesca.

A êstes dois portuguêses pedimos sejam-lhes concedidas as honras de pioneiros, a corôa de louros dos heróis obscuros, daqueles que, sem o saber, são beneméritos da humanidade. Pedimos um lugar para êles, igual ao que na Norte-América foi dado aos "Pilgrim Fathers", da célebre nau "Mayflower", de 1620.

Se lá, na terra prática do Tio Sam, se presta uma homenagem nacional e permanente aos peregrinos vanguardeiros, que pisaram primeiro a terra grandiosa de hoje, por que, aqui, na Pátria opulenta do Brasil do futuro, no regaço esplendoroso de São Paulo dos nossos dias, não se erige um altar a êstes dois aventureiros, a êstes soldados desconhecidos, que trouxeram primeiro a língua, a raça lusa, a alma peninsular, o rescaldo da cultura, que lá deixaram, mas que teve ainda o milagre de renascer-lhes no subconsciente, ao imergir nesta mata densa, que era o São Vicente primitivo?

Quem ignora que, ao chegar a essa praia deserta, 1532, não lograria desembarcar, sem atropelos ou carnificina, Martim Afonso de Sousa, repelido que foi, na primeira investida, pelos Tupiniquins do litoral, sedentos de ódio contra qualquer intromissão de brancos indesejáveis, que queriam apossar-se da terra inculta? E que, só e só devido à intervenção de João Ramalho e An-

tônio Rodrigues, em conversas amistosas com os Caciques e a indiada irosa, conseguiram amainar o ódio e a prevenção no espírito daquela gente desconfiada, alarmada com a presença de um hóspede indesejável?

Sabe-se ainda, e é fato digno de ser repisado e enaltecido, que, no momento da maior revolta dos Tupiniquins do litoral, em atitudes belicosas, empenhados em repelir pelas armas o desembarque do futuro donatário, João Ramalho correu ao Planalto, foi expor ao sôgro Tibiriçá a situação que se desenhava, a luta que ia explodir iminente, diante das duas coragens, do Luso e do Tupi, ambos aguerridos e indômitos; e que a gente Lusa era boa, e culta, e trabalhadora, e trazia indústria, e comércio, e navios, e armas, e ia plantar as terras, e trazer gado, máquinas, e abrir caminhos, e tratar muito bem aquela gente da baixada e da serra? Foi assim, diante dêstes argumentos, que João Ramalho conseguiu do Cacique poderoso o milagre de armar um exército de quinhentos guerreiros goianás, armados e velozes, que desceram a serra em uma noite e foram amanhecer no litoral, prontos a proteger o desembarque de Martim Afonso.

Mas, em boa hora, Tibiriçá chega e conversa com Piquerobi e outros Caciques e demove-os da empreitada de repulsa aos estrangeiros que estavam em vias de lançar-se ao fogo, num desembarque violento. As conversas de Tibiriçá eram apoiadas pelos dois intérpretes lusos, que tanto parlamentavam com uns como com outros, no afã de resolver suasòriamente a contenda iminente. Tudo se solucionou amistosamente, e a frota salvou em ares de festa, os marujos desembarcaram em plena fraternidade, e dêsse momento em diante, surgiu a Capitania, que deveria ser o futuro esplendor de São Paulo.

A êsses dois pioneiros as palmas da vitória. A êles e talvez a Caramuru os monumentos consagrados aos Precursores. A Eles as glórias dos "Pilgrim Fathers", tal como se faz nos Estados Unidos, onde anualmente se comemora a data de 21 de dezembro de 1620, recordando a chegada da *Mayflower* a Plymoulth Rock, onde um dos primeiros aventureiros desembarcou, para fundar a Pátria da liberdade e da justiça, que é hoje a grandiosa Confederação da Bandeira Estrelada.

Naquele país se vota um culto extremado a êsses destemidos navegadores do sonho e da aventura, que, com seus instrumentos de lavoura e caça, com os seus toldos e choupanas, a sua fé e a sua coragem, plantaram na terra inculta e bravia a semente da democracia ianque.

É muito interessante saber-se que nos Estados Unidos se edita uma revista trimensal, com o título *The New England Historical and Genealogical Register*", editada pela new England Historical and Genealogical Society, de Boston, que pública retratos e biografias dos pioneiros e sua descendência.

Se nós quisermos no Brasil consagrar iguais homenagens aos nossos "Pilgrim Fatthers", teremos que estender o quadro das biografias a outros e outros vanguardeiros da primeira e da segunda hora, isto é, a Mem de Sá, a Martim Afonso, a Braz Cubas, a Nóbrega, Anchieta e seus companheiros, não esquecendo aquêles Caciques, que ajudaram à implantação do novo regimen colonial, do qual surgiu a Nação futura.

Esta reverência aos Precursores é muito digna de extensão a quantos palmilharam primeiro a gleba bruta, e plantaram, e construíram as primeiras casas, os primeiros canaviais, os primeiros engenhos; e lançaram os primeiros rebanhos nos campos; e fundaram as primeiras escolas e igrejas; e formaram as primeiras famílias.

Será possível enumerá-los? Agrupar nomes de beneméritos, patriarcas lusos e de outras origens? Famílias mamelucas e arianas puras? Bandeirantes rompedores de matos, com botas encruadas, chapeirões amplos, um arsenal de armas à cintura e o sonho de ouro e pedrarias na cabeça? Talvez. Com simpatia e gratidão se fará tudo. São Paulo é capaz de todos os empreendimentos. Em se falando nos seus maiorais e vanguardeiros, São Paulo é capaz de mobilizar poetas e cronistas, geógrafos e historiados, linhagistas e etnólogos, folcloristas e sociólogos, além da sua plêiade de artistas plásticos e musicistas, para uma obra de reconstituição e homenagem aos desbravadores e pioneiros da terra comum.

A quem poderíamos dar esta palma da estátua, do monumento, da alegoria, do poema épico e da rapsódia lírica, do painel e dos afrescos, dos selos postais e dos retratos a óleo, das "gestas" e ditirambos, das sinfonias e dramas líricos, das novelas e romance, tais como os já existentes, em grande número e em constantes amostras de primores?

A enumeração é longa, mas já encontramos um material abundante, esparso em monografias, relatórios, arquivos, revistas, livros, mapas, roteiros, corografia, anais, crônicas, obras de ficção, coletâneas da imprensa, obras-primas da pintura e da escultura, monumentos públicos, coleções particulares, museus e bibliotecas, tudo em profusão, espelhando o amor dos Paulistas à sua terra e à sua gente.

Basta pegar a coleção dos nove volumes do grande Silva Leme, os opulentos tomos do outro gigante Pedro Taques, as maravilhosas investigações de Afonso de Taunay, os ricos veeiros descobertos por Aureliano Leite, a coletânea tôda da admirável "Brasiliana", as coleções das revistas dos Institutos Históricos Brasileiro, Paulista e Mineiro, os "Anais" da Biblioteca Nacional, do Museu Paulista, dos Arquivos Públicos Nacional, Mineiro, Paulista e outros.

A atual comemoração do IV Centenário de São Paulo atingiu a uma grandeza tal, despertou uma vibração cívica de tal monta, chamou a atenção do mundo para a Paulicéia de tal maneira, que o antigo amor dos filhos da terra revive em novas florações de orgulho pátrio, bem compreendido e justificado.

Neste ponto, o autor desta memória vai abordar um outro veeiro, rico em fatos e substância humana, o veeiro de Minas Gerais. Que é que Minas terá com esta festa deslumbrante do IV Centenário de São Paulo?

Com êste II Colloquium Internacional de Estados Luso-Brasileiro?

Sim, tem muita ligação. Minas Gerais é, em princípio, uma filha dileta de São Paulo. Foi daqui, destas margens magestosas do Tietê, daquelas praias sussurrantes de Santos e São Vicente, destas planícies e planaltos da viçosa Piratininga, dos maciços alcantilados da Mantiqueira, do Itatiaia, rompendo pelos sertões bravios, que chegou a Minas Gerais a primeira leva de auscultadores do diamante e do ouro, ali fizeram casa, rancho e roça, plantaram e semearam leiras, conduziram rebanhos para encher os campos; descobriram minas riquíssimas, tiraram ouro em quantidade; e perfilharam proles imensas; formaram extensas genealogias; e hoje são irmãos os dois povos. Irmãos bem legítimos, porque conduzem juntos o carro da Nação. Não conduzem sós; vão incorporados à imensa família brasileira, unida e coesa, para realização de seu grande futuro universal.

Sim, São Paulo deu a primeira leva de aventureiros, de devassadores de sertões, de construtores da riqueza nacional, como diremos? da infra-estrutura da Nação mediterrânea. Isto não quer dizer que se exclui a contribuição baiana, capixaba, fluminense e de outras origens, mas apenas se pretende localizar na vanguarda do pioneirismo a onda buliçosa e quente da energia bandeirante, porque esta foi, de fato, grande e poderosa. Não podemos discretear muito além, nesta tese despretenciosa, sôbre os múltiplos áspetos desta invasão pacífica e frutuosa, que os Paulistas realizaram em Minas. Basta citá-la apenas, e o subconsciente dos brasileiros se acordará na reconstituição de um passado próximo, que tem ainda côr viva, que palpita ainda a qualquer evocação cívica. Aprendemos com São Paulo o bandeirismo; aprendemos com êle o arrôjo nos empreendimentos; o amor ao torrão natal, primeiro estadual, depois nacional. Estamos aprendendo também com São Paulo o municipalismo; as indústrias, as artes, o ensino, a orientação política, em largos voos, tudo "pró-pátria", pela cultura e felicidade do Brasil — tudo fazemos em colaboração, unidos num só ideal, de grandeza e prosperidade nacional. Quando Aureliano Leite nos pediu esta crônica, não pudemos negar-lhe a cooperação para tão nobre fim: — rever a história pátria, tirar dos arquivos alguma coisa nobre, algum filete de história, que recorde São Paulo e os Lusos; os Lusos navegadores e audazes, os Lusos cheios de imensa fôlha de serviços à civilização e à humanidade; os Lusos de Camões e Dom Henrique; de Vasco da Gama e de Pedro Álvares Cabral. Tarefa simpática e alviçareira rever essa gente, recordar os seus feitos, as suas figuras, másculas e firmes. No Oriente, na África e na América.

Na América, quer dizer: — no Brasil. Que é que o Brasil tem a agradecer a esta Nação portuguêsa? Tudo! A vida! A infância! Os primeiros passos! Foram êles, os homens dessa terra, que para aqui nos trouxeram; nos mostraram um paraíso novo; abriram-nos de par em par esta "Terra Prometida", e depois voltaram a seus penates, e nos entregaram o "Tesouro das Mil e Uma Noites".

Agora São Paulo vai comemorar a obra dos Portuguêses; dos Portuguêses no Brasil, especialmente. Que é que São Paulo vai dizer-lhes? Naturalmente a frase da gratidão: — "Muito obrigado"! Mas, não é a frase comum de desobriga; não é o «Até logo, passe bem!" da chapa comum. É mais: é o amplexo da amizade e do afeto. A êles, o nosso apêrto de mão, muito cordial! Com êles, as nossas lutas irmanadas pelo progresso, pelo bem-estar recíproco e pela felicidade do mundo!

É tempo de terminar, ou tocar nalguns outros pontos. Mas, já nos lembramos que temos também alguma dívida a saldar com a Nação Portuguêsa e seus descendentes: temos que falar também em nome de Minas Gerais, para agradecer-lhes, a êles, aos Lusitanos, a contribuição que mandaram para a terra das Alterosas, em gente, em trabalho, em fundação de cidades, minas e fábricas; em modelagem de caracteres e costumes; na língua, na religião e nos códigos; nas virtudes e nos defeitos; que herdamos e agradecemos. Êles, os Portuguêses daquela época quinhentista, seiscentista e setecentista, que nos deu tanto proveito, tanto ensinamento, e por cima de tudo, o nosso povoamento, a formação de nossas famílias, famílias mineiras, ainda rescendentes dos perfumes da alma lusa, generosa e acolhedora, franca, rude e leal, brava quando na luta pelo bem, suave e terna, quando no aconchêgo da amizade e da compreensão.

Se formos citar os troncos que nos deram e suas descendências, aquêles primeiros troncos sanvicentinos, tão pioneiros e rudes, como altivos e nobres; se quisermos enumerar famílias, solares e estirpes, brasões de armas, progênies e linhagens, desde os que vieram diretamente de Portugal, como os que por ali passaram, de trânsito ou escalão, como os Belgas, Flamengos, Espanhóis, Italianos, Alemães, por domicílio ocasional ou transmigração subseqüente, teremos um rol de tal maneira grande, que dará para encher tomos e tomos da Genealogia luso-brasileira.

Então, a galeria da nobreza se estenderá pelas letras do alfabeto, surgirão os "Ex-Libris", as panóplias, os diplomas e pergaminhos, as bulas, os decretos reais, as patentes e privilégios, escudos, timbres e brasões, capazes de dar assunto e tema para tôda série dos "Anuários" e "Revistas" do Coronel Salvador de Moya, do Girão paranaense, do Cônego Raimundo Trindade, do Afonso de Escragnole Taunay, do Coriolano Ribeiro, do Salomão Vasconcelos, do Gustavo Barroso, do Gilberto, Freyre, do Aureliano Leite, do Alfredo Ellis Júnior, do Tito Lívio Ferreira, do Washington Luís, do João Dornas Filho, do Carlos Silveira, do Carvalho Franco, do Tavares de Lira, do Afonso Arinos Sobrinho, do Belmonte, do Padre Almeida Castanho, do Jaime Cortesão, do Basílio de Magalhães, do Monsenhor Cintra, &&&...

Vamos, pois, resumir o nosso recado, e dizer aos Portuguêses: — Aqui estamos, para agradecer em nosso nome, e no dos nossos antepassados, o favor de nos colocar nesta gleba florida, de Minas Gerais, São Paulo e outras paragens brasílicas, trazendo a marca do vosso sangue, da vossa linhagem, da vossa bela língua, do vosso credo católico, das vossas tradições familiares, puritanas e lareiras. Muito gratos pelo espírito do Lácio, que através de vossa cultura herdamos; pela alma de amor e de saudade, que a vossa gente cultivou e nos transmitiu. Por tudo isso, e pelo caráter limpo e corajoso, agradecemos pelas gerações presentes e futuras.

Minas Gerais revive nos seus arraiais e vilas, nas catas dos caminhos, nas lavras, nas igrejas velhas, nas fazendas arcaicas, nos arquivos, nos cartórios e nos altares vetustos, as caminhadas a pé, os sacrifícios dos pioneiros, nesta época em que aquêles burgos primitivos estão transformados em cidades e fábricas, o automóvel corta as estradas, a tranvia atravessa as pontes e grotões, o avião ronca no espaço, as quedas d'água são transformadas em correntes geradores de energia para a luz e para as indústrias, e uma alma nova desabrocha nas gerações ávidas de cultura e dinamismo. Não falamos ainda nos nomes que havíamos prometido no começo dêste arrazoado, os quais formavam a grei inicial do luso-brasileirismo da era sanvicentina. Vamos agora passar aquêles retratos, aquelas figuras pálidas, pelo correr dos tempos, que estão na galeria histórica, esperando a nossa visita. Aqui estão os Pires, os Carvoeiros, os Lemes, os Almeidas Castanhos, os Arrudas Botelhos, os Camargos, os Pedrosos de Barros, os Taques Pompéus, os Penteados, os Prados, os Morais de Antas, os Laras, os Cunhas Gagos, os Toledos Pizas, os Bayões Parentes, os Alvarengas, os Furquins, os Godóis, os Bicudos e os Campos de Wandenburg. Ei-los enfileirados, em atitudes de quem espera alguma coisa. Que é que êles esperam? Uma palavra de carinho, um louvor, um gesto de saudade e gratidão. Pois bem, aqui vão essas palavras, êsses mimos, para êles todos, com suas famílias, sua descendência, seus retratos e brasões. Quem mais espera na galeria? Ei-los: — Aqui se mostra um pioneiro legítimo: — Braz Cubas. Fundou Santos e plantou muitas árvores boas, inclusive a sua

pessoa e os seus. Aqui estão os Oliveiras, que deitaram gerações de escritores e juristas. Os Hortas, os Quadros, os Rendon, os Antunes, Maciéis, os Gáias, os Dias Chaves, os Furtados, os Zunigas estarão na fila, em nossa frente, olhando-nos desconfiados, por não querermos alongar as reminiscências já quiçá exaustivas.

Mas, diremos a tais personagens, não só êles os que esperam; há outros na frente, reclamando publicidade. O brasonário paulista é enorme e cada nome avulta cheio de ressonância, tais como os Garcias Velhos, com raizes na casa de Belmonte e ligados aos navegadores e descobridores de terras e ilhas; os Betins, ligados ao companheiro de Dom Francisco de Souza, nas suas peregrinações pelo Brasil, em busca do ouro e do ferro, para montagem da indústria metalúrgica; os Leites, que remontam a nobrezas antigas de Prados, Câmaras e Furtados; os Costas Cabrais, os Jorges Velhos e os Velhos Cabrais, todos rescendentes de nobrezas viajoras e façanhas militares; os Siqueiras de Mendonça, lembrando vários vultos religiosos como Frei Gaspar da Madre de Deus e sua veneranda mãe, D. Ana, luzeiro de perfeição feminina, modêlo das mulheres paulistas; os Buenos, nascidos da árvore lusa dos Pires, da árvore tupi de Piquerobi e da gênese hispânica, que lhe deu o apelido dez vêzes glorioso; finalmente, os Fernandes Povoadores, que recordam a fundação de Itu, Sorocaba e Parnaíba, devassadores de sertões, preadores de índios e potentados em arcos e terras, fusão de um português com uma gloriosa mameluca — Suzana Dias — traço do sangue de Tibiriçá. De quase todos êsses troncos, derivaram para Minas rebentos vigorosos, que repontam aqui e ali sob outros apelidos, mas na verdade paulistas de quatrocentos anos. Que coisas fizeram êles para Minas? De que forma contribuíram para o progresso mineiro?

Eis o momento adequado de citar fatos e documentos, para que êste estudo não seja apenas um discurso vazio.

O próprio título que demos a esta tese mostra que o nosso objetivo é focalizar Minas dentro de São Paulo e através dêste chegar a Portugal, e agradecer-lhes o que fizeram pela nossa terra.

Vamos começar por um vulto notável: — Fernão Dias Pais Leme. Êste paulista ilustre foi a página mais emocionante dos primeiros tempos de Minas Gerais. Quem poderá acompanhar-lhe os passos, sem sentir o arrepio humano das suas aventuras, sonhos, viagens, quedas e fracassos, decepções e amarguras, quando não encontrou as esmeraldas, ao fim de tantos anos de luta e pugnacidade?

Foi êle, assim, o órgão de divulgação, epopéia e romance, que encheram as primeiras horas da história de Minas Gerais. Houve outros que entraram, descobriram ouro e lançaram fundamentos de cidades. Mas nenhum teve a repercução, a grandiosidade de Fernão Dias. E em tôrno dêle, quantas figuras se moveram, dramáticas e sublimes, como a sua espôsa fiel e mártir — Maria Garcia Betim, que lhe acompanhou os passos, na bonança e no martírio, até despojar-se de todos os bens, para salvá-lo no abismo da desgraça em que se meteu. Heroína da melhor marca, sublime exemplo de dedicação até os extremos, ela ficará nos anais como o tipo mais perfeito da mulher, sócia, espôsa e mãe, com os requisitos todos da grandeza moral.

Fechada a página de Fernão Dias na sua aventura, que é que resta do seu sangue? É digno de registro êste capítulo: restou-lhe o filho e sucessor — Garcia Rodrigues Pais, o Governador das Minas, o construtor do "Ca-

minho Novo", que ligou o Rio de Janeiro ao sertão mineiro, obra traçada e executada sem auxílio do Govêrno da Metrópole, com tantos sacrifícios de cabedais e esforços, que só um temperamento excepcional como o seu poderia realizar. Em seguida, vem o filho dêste — Pedro Dias Pais Leme, homônimo do bisavô, que na história da Independência ficará como um dos melhores auxiliares e conselheiros de Dom Pedro I, pois foi um dos propagandistas mais eminentes da idéia da libertação do Brasil do jugo português. Ao lado do Príncipe Regente fêz tôdas as viagens, diligências e confabulações, no preparo de golpe definitivo, que libertou o Brasil. E para que não fique no ar a afirmação, basta citar o fato de ter logo em seguida o Imperador agraciado êsse seu amigo e colaborador com o título de Marquês de Quixeramobim.

Em Minas há ainda muitas recordações desta época e desta família. Veja-se, por exemplo, a série dos toponímicos ali conservados, como: — Mateus Leme, Capela Nova do Betim e outros, oriundos da passagem de mineradores de ouro e fundadores de arraiais e vilas, que tinham o sangue do "Caçador de Esmeraldas". Um genro dêste, o famoso Borba Gato, foi, com o cunhado Garcia Rodrigues Pais um dos precursores da fundação de Sabará. Também Barbacena deve em parte a sua origem a êstes paulistas ilustres, como já o demonstrou o Senador Nestor Massena. E através do Caminho Novo, muitas povoações se fundaram, originadas do tráfego intenso que a abertura daquela via criou. Destas, muitas são hoje cidades importantes.

O patriarca paulista Pedro Dias Pais Leme foi, com sua espôsa Maria Leite, um tronco respeitável, cheio de gloriosa descendência, entre a qual, além do Caçador de Esmeraldas, contam-se os dois genealogistas eminentes: — Pedro Taques de Almeida Pais Leme e Luís Gonzaga de Almeida Pais Leme, ambos consagrados pelas duas obras mais notáveis no terreno dessa nobre especialidade. Quem ler os livros de Paulo Setubal se encantará com as narrativas aventurosas dos irmãos Lemes, sobretudo das façanhas de "El-Tuerto", o nobre paulista patriota e rude, que afrontou os Espanhóis com uma resposta que vale um brasão de armas. Assim, acompanhará também as aventuras de Fernão Dias e sua prole. Há um manancial muito abundante neste assunto, para se conhecer a extensão da árvore genealógica dos Lemes, sobretudo os dois preciosos tomos do Monsenhor Cintra.

Uma filha daquele tronco patriarcal — Sebastiana Leite da Silva, casou-se com Bento Pires Ribeiro, filho de Salvador Pires de Medeiros e Inês Monteiro Alvarenga, a célebre "Matrona", cujo nome repercute na história paulista cheio de trágico fulgor. Foi ela a chefe e principal orientadora da luta entre os Pires e Camargos, essa página sangrenta que marcou o século XVI com um traço dos Capuletos e Montéquios, da Itália feudal.

Salvador Pires de Medeiros era filho da mameluca Mecia-Uçu, bisneta de Piquerobi, neta de Antônio Rodrigues, o companheiro de João Ramalho; era casada com Salvador Pires, o moço, êste era filho de outro de igual nome, casado com Maria Rodrigues, filha dos patriarcas portuguêses Garcia Rodrigues e Isabel Velho, esta descendente da Casa de Belmonte. O fundador desta família dos Pires era o português João Pires, o Gago, que aqui chegou sob as boas graças do Padre Anchieta e foi o construtor do "Caminho do Padre José", essa trilha que ligou Santos à pequena aldeia de Piratininga. Ele e seus filhos foram grandes plantadores de trigo e colheram abundantes safras, que abasteceram durante anos seguidos as populações paulistas. A matriarca

Mecia-Uçu e seu marido foram o tronco de gerações ilustres, pois basta citar o casamento de sua filha Maria Pires com o espanhol Bartolomeu Bueno de Ribeira, que geraram os Anhangueras, os Buenos do Prado, o "Aclamado" Amador Bueno, e uma vasta descendência goiana, mineira, paulista e carioca, de alto coturno. A outra filha daquele casal patriarcal, Ana Pires, uniu-se a um Morais de Antas, de nobres origens dos reis de Castela e Leão, que foram tronco de outros patriarcas políticos e industriais, militares e publicistas, ainda hoje figuras de proa no Brasil e especialmente em São Paulo. Os feitos da vida desta matriarca mameluca dão para enchê-la de justo orgulho e aos seus descendentes. E se quisermos emparelhar algumas mulheres ilustres paulistas, daquele tempo, podemos enfileirar: — "Matrona" Inês Monteiro de Alvarenga, Maria Garcia Betim e Mecia-Uçu, esta batizada pelo Padre Anchieta com o nome cristão de Mecia Fernandes. Dêstes troncos ancestrais descendia Sebastiana Leite da Silva, a irmã do "Caçador de Esmeraldas", casada com o Coronel Bento Pires Ribeiro, um dos heróis da luta dos Pires contra os Camargos. Da longa prole dêste casal vamos citar Inês Monteiro da Silva, que se casou com José de Campos Bicudo, filho de Felipe de Campos Wandenburg e de Margarida Bicudo. Veio Filipe de Portugal, trazido pelas boas graças do Padre Antônio Vieira, fixando-se em São Paulo.

Era filho do embaixador belga Filipe de Wanderburg, acreditado junto à côrte de Espanha, onde se enamorou de uma linda selvilhana Antônia del Campo, com quem se casou, largando a carreira diplomática para ir se estabelecer em Portugal, onde tiveram três filhos militares, um dos quais veio para o Brasil e é êste de quem falamos atrás. Esta nova família Campos Bicudo é tronco em São Paulo de figuras eminentes na política, nas letras, no jornalismo, nas finanças, na agricultura, verdadeiros líderes sociais. Vamos destacar desta descendência o primeiro presidente constitucional de Minas, o Conselheiro José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, Visconde de Caeté, patriarca mineiro da Independência, presidente da Junta Provisória de 1821 e 1822, enérgico magistrado e líder político, que orientou em Minas o movimento libertador do Brasil, tanto na ação direta com o Príncipe Regente, quanto em colaboração com os outros líderes paulistas e fluminenses, assumindo atitudes altivas diante das imposições da Metrópole e convencendo ao Regente da imediata necessidade de um golpe fulminante, no sentido do desligamento total do nosso país em face da tutela lusitana.

Nascido em Santa Quitéria, hoje Esmeralda, em 1767, de pais lavradores — José Teixeira de Carvalho e D. Josefa Rodrigues da Fonseca, descendia em linha reta de Bernardo de Campos Bicudo e Francisca Romeiro da Silva, esta filha de João Correia Magalhães de Vasconcelos, de Lamego, Portugal, e de Francisca Romeiro Velho Cabral, da nobre casa de Sedânis. Bernardo era filho de Filipe de Campos Wandenburg e de Margarida Bicudo. Do seu consórcio com Francisca Romeiro da Silva nasceu Margarida Bicudo de Campos, que se casou com João Ribeiro de Vasconcelos; e dêste casal nasceu Maria Ribeiro de Campos, espôsa do Alferes Antônio Rodrigues da Fonseca, pais de Josefa Rodrigues da Fonseca, espôsa do já citado fazendeiro José Rodrigues de Carvalho, tronco de que proveio o egrégio Patriarca mineiro da Independência e primeiro presidente constitucional das Alterosas. Resta notar a continuidade desta linhagem nobilíssima, pois um filho dos Viscondes de Caeté — Joaquim Camilo Teixeira da Mota — foi também presidente de Minas; e do seu consórcio com Maria Josefa Teixeira de Vasconcelos nasceu João de Vasconcelos Teixeira da Mota, casado com Francisca Jesuina dos Santos Pinto,

que tiveram a glória de gerar um Príncipe da Igreja Católica, o atual Cardeal-Arcebispo de São Paulo — Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota.

José de Campos Bicudo, que chegou a Pitangui em 1705, com seu genro Antônio Rodrigues Velho, e foram os primeiros fundadores daquela histórica vila e hoje cidade mineira, era desta progênie paulistana, filho de Filipe de Campos Wandenburg e de Margarida Bicudo. Casado com Inês Monteiro da Silva, estava ligado ao tronco dos Lemes e também ao dos Pires e à célebre "Matrona". Uma filha de José de Campos Bicudo — Margarida de Campos — estava já casada com Antônio Rodrigues Velho, desde Itu, onde êstes paulistas residiam, em companhia de vários Garcias Velhos, em atividades de mineração do ouro, então muito próspera. As duas famílias estavam muito entrelaçadas, pois o pai de Antônio Rodrigues Velho, que era Garcia Rodrigues Velho, o quarto dêste nome, veio de Curitiba, casado com Isabel Bicudo, e fixaram-se em Pitangui, em afanosa atividade de mineração do ouro. Era tanta a riqueza que ali se encontrava, que em certo ponto as pepitas brotavam do solo, como batatas. Foi daí que se ficou chamando a êsse bairro o «Batatal". Ali construiu Antônio Rodrigues Velho um templo, que ficou sendo a matriz da nascente povoação, sob a invocação de Nossa Senhora da Penha, ainda lá existente. O mesmo patriarca construiu a sua casa de residência no bairro do Batatal, uma sólida mansão de taipa, acolhedora dos forasteiros paulistas que ali chegavam, atraídos pelo ouro, em geral parentes desejosos de fortuna, que atravessavam os desertos da Mantiqueira e das cabeceiras do rio São Francisco, rio Grande, rio das Mortes, rio Verde, rio das Velhas, Paraopeba, até chegar ao Pitangui, onde fervia a lavra cobiçosa. Por morar naquela vivenda de taipa, passou a chamar-se, na denominação popular, o "Velho da Taipa", apelido êste que ficou gravado perenemente para Antônio Rodrigues Velho, que a Rêde Mineira de Viação inscreveu na fachada da estação local, como recordação de um pioneiro muito estimado, lembrança esta partida do próprio povo pitanguiense.

Desejaríamos falar sôbre os Andradas, essa família privilegiada pelo talento, pela cultura e pelo caráter, que, oriunda de Santos, veio para Minas e se fixou em Barbacena, irradiando dali o seu prestígio tão vasto e tão notório, através de várias gerações. Mas êsse cativante assunto pertence a outra época, posterior ao setecentismo, a que está adstrita esta tese. Será talvez um dos assuntos de próximos ensaios, a prender a atenção do autor destas linhas.

Naquela mesma cidade de Barbacena, de envolta com o nome de Garcia Rodrigues Pais, na aventura benemérita de abrir caminho das Minas para a Côrte, está ainda inscrito o nome de Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, outro rebento dos Lemes de gloriosa memória, que foi o continuador da arrojada emprêsa e se cobriu de bênçãos por êsse fato. Convém indicar aqui os ensaios de Nestor Massena e do Embaixador José Bonifácio de Andrada e Silva, ainda os de Diogo de Vasconcelos e Salomão de Vasconcelos, sôbre a irradiação dessa plêiade de gloriosos paulistas, fundadores de Barbacena, Sabará, Mateus Leme, Itatiaiuçu, Pitangui, Capela Nova do Betim, Matias Barbosa, Registro, Caité, Vila Rica.

Se formos investigar mais profundamente, veremos que a própria Capital de Minas, a atual florescente e sedutora Belo Horizonte, teve suas origens num rebento da tradicional família dos Lemes. A primeira fazenda de criação de gado e exploração de ouro, existente onde surgiu o antigo Curral del-Rei, pertencia ao paulista João Leite da Silva Ortiz, que era legítimo

Leme. Nestor Massena indica ainda uma plêiade de Rodrigues, oriundos de Portugal e de São Vicente, uns casados com filhas de Diogo Álvares, o Caramuru, trazendo para São Paulo e Minas o apelido Álvares, que se espalhou para o Brasil, outros enlaçados aos Raposos Tavares, de façanhuda memória; outros ligados aos Garcias Velhos, que se entroncam nos antigos brasões lusitanos das descobertas gloriosas.

Na impossibilidade de prolongar estas excavações históricas, pelo impacto do prazo esgotado de apresentação desta tese, pois que o II Colloquium está a se abrir, vamos terminar êste ligeiro ensaio com a enumeração dos descendentes do Velho da Taipa, o fundador de Pitangui. Sua filha Ana Margarida de Campos casou-se com Inácio de Oliveira, da Bahia, dono de uma vasta sesmaria em Manga, nas margens do Paracatu e São Francisco. Entre outros, tiveram um filho: — Inácio de Oliveira Campos, Capitão de Milicias em Pitangui, descobridor e explorador das desertas regiões dos rios Dourados, São Francisco, Paraopeba, Marmelada, Indaiá, Abaeté, Borrachudo, Itapecerica, São João, Pará e rio das Velhas, onde lançou os fundamentos de engenhos, campos de criação, mineração de ouro, roças e povoações, de que resultaram cidades como Patrocinio e outras.

Casara-se êsse militar com Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, de descendência portuguêsa, da primeira nobreza de Viseu. O casal adquiriu terras em Paracatu e Pitangui, criou vastas levas de gado, possuiu milhares de escravos, formou extensa prole e se tornou uma das maiores fortunas do Brasil. A fazenda do Pompéu tinha noventa e cinco mil alqueires geográficos de extensão, situada à margem esquerda do rio Paraopeba, hoje reduzida a cêrca de cinqüenta alqueires, recentemente adquiridos pelo Govêrno de Minas, ao tempo da interventoria do Dr. Benedito Valadares Ribeiro, tetraneto daquele prestigioso tronco pompeano, para futura escola agropecuária, campos de demonstração pastoril, verdadeiro monumento histórico mineiro. Se dissermos que aquêle glorioso casal gerou uma prole de dez filhos, que se multiplicaram em milhares de netos, bisnetos, trinetos, quartos e quintos netos, até à hora presente, representando milhares de brasileiros, ocupados em atividades desde a magistratura, a lavoura, o comércio e a indústria, o professorado, a medicina, o direito e a engenharia, o jornalismo, as letras e as artes, nas carreiras militares e diplomáticas, até os altos cargos de govêrno e legislatura, teremos uma idéia da progênie pompeana, oriunda daquele tronco honrado. Cabe notar que a parentela pompeana e pitanguiense vem se entrelaçando de geração em geração com os Álvares da Silva, os Dias Maciéis, os Cordeiros e Valadares, todos vindos de Portugal. Martinho Álvares da Silva Campos foi o primeiro figurão dêste clã mineiro, subindo até o Parlamento do Império e o Conselho de Ministros; seu sobrinho Benedito Cordeiro dos Campos Valadares foi deputado geral na Monarquia, diretor-geral da Instrução Pública no Distrito Federal, já na República, professor e fundador da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil; dois filhos dêste, Caio Valadares e Francisco Valadares, foram deputados e exerceram lideranças politicas, aquêle, no Amazonas, presidente da Assembléia Legislativa do Estado e grande advogado; êste, além de jornalista, dono de vários jornais, jurista e deputado, foi Chefe de Polícia do govêrno Hermes da Fonseca; ministro da Educação foi Francisco Campos, além de deputado, consultor jurídico da República, autor da Constituição de 1937, advogado de alto coturno; deputados foram Francisco Álvares da Silva Campos, Higino Álvares de Abreu e Silva, o Barão de Indaiá Antônio Zacarias Álvares da Silva, o Barão de São

Geraldo Dr. Joaquim José Álvares dos Santos Silva (morreu senador); Antônio Benedito Valadares Ribeiro, irmão do já citado Governador e atual senador e líder mineiro Benedito Valadares Ribeiro; Édson Álvares da Silva, Martinho Álvares da Silva Contagem; Alberto Álvares; Amador Álvares Filho; representantes dos Dias Maciéis tivemos o padre Miguel Kerdole Dias Maciel, o presidente de Minas Dr. Olegário Dias Maciel, os deputados Adélio e Leopoldo Dias Maciel (da parentela pompeana-pitanguiense de origem lusa); Desembargador Frederico Augusto Álvares da Silva, que exerceu por duas vêzes a presidência de Minas; Ovidio Xavier de Abreu, secretários das Finanças e do Interior de Minas, no govêrno Benedito Valadares, presidente do Departamento Nacional do Café, no govêrno Dutra, Ministro interino da Fazenda e Presidente do Banco do Brasil, ainda no govêrno Dutra, agora deputado federal por Minas. Desejaríamos citar aqui os nomes dos Melos Francos, de Paracatu, que o deputado Afonso Arinos promete demonstrar que são também da mesma descendência do tronco primitivo do Pompéu; aguardamos êsse trabalho do brilhante líder da U.D.N., para incorporar neste grupo genealógico êsses nomes tão preclaros da magistratura, das letras, da diplomacia e da politica nacional.

Nesta genealogia paulista ligada a Minas e especialmente neste ramo pitanguiense de que estamos tratando, alguns nomes ilustres de sacerdotes e príncipes da Igreja Católica devem ser citados, além do Cardeal-Arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, já mencionado linhas atrás; é oportuno citar o Cardeal Dom Sebastião Leme, Frei Gaspar da Madre de Deus, o padre Estanislau de Campos, o Padre Garcia Rodrigues Velho, Frei Antônio de Santana Galvão, (êste já em fase de canonização); o Bispo Dom Geraldo de Proença Sigaud; Frei Orlando O.F.M., (no século Antônio Álvares da Silva, nascido em Abaeté, Capelão da F.E.B., morto em combate na Itália e atualmente proclamado "Patrono dos Capelães do Exército Brasileiro). O Padre Hipólito de Oliveira Campos foi um grande pregador católico, fervoroso sacerdote e figura relevante no clero mineiro, pelo seu talento e brilhante cultura. Passou-se mais tarde para a Igreja Protestante, casou-se e criou conceituada prole, hoje representada por figuras de muito destaque social.

Seria longo demais enumerar os vultos da medicina, do direito, da alta magistratura, do professorado, das letras, das artes, das finanças, da indústria e do comércio, do jornalismo e da diplomacia, pertencentes a êste clã paulista-mineiro, de origem lusa, ou luso-tupi, ou ainda luso-flamengo-hispano-teuto-tupi.

Esta árvore é por demais grande, de irradiação multiforme, abraçando as mais elevadas cúpulas da governança, das fileiras políticas, em inumeráveis setores da atividade nacional, em geral com diferentes apelidos, que mal encobrem o sangue e as origens comuns dêste variado clã, a que queremos acrescentar o Padre Manuel Chaves, da Companhia de Jesus.

Muito de propósito focalizamos a cidade de Pitangui, como núcleo de um pioneirismo muito expressivo dêste "in-breading", pela convergência de consangüinidades históricas, que a colocam em posição-chave para o estudo desta transmigração de tão largos horizontes étnicos, na fase primitiva da formação de Minas Gerais. Não pareça egoismo citar tão insistentemente êste berço histórico, esta "Velha Serrana", de tradições tão mineiras, que guarda em si ainda o perfume quase colonial, mas referto de doce poesia. É aquela terra evocativa de suaves reminiscência, a que o líder Gustavo Capa-

nema chamou com justiça e precisão "Cidade Romana", pela sua ancianidade repousante.

Francisco José da Silva Capanema, casado com Maria Rosa Soares, representa um dos pioneiros setecentistas desta nossa "Velha Serrana"; com a grande fortuna adquirida nas minas de ouro do Capanema, próximo a Ouro Prêto, que, por tradição popular, lhe deu o apelido de família, fêz grandes benefícios àquela terra, construindo muitos prédios luxuosos, fazendo doações públicas e exercendo liderança prestigiosa na política local. Foi no último quartel de setecentos que êles para ali se transferiu, levando seus cabedais para se dedicar ainda à sua indústria predileta: a mineração. Deixou prole numerosa, composta de quatro filhos, muitos netos, bisnetos e trinetos, sendo aquêle deputado e ex-ministro da Educação um dos seus descendentes, tal como o autor destas linhas. Os filhos do casal são: — 1) Padre Antônio Estêves da Silva Capanema, que foi vigário em Patos, notável pela sua inteligência e dons oratórios, servidos por esmerada cultura clássica. — 2) Maria Rosa da Silva Capanema, casada com Antônio Dias Maciel, filho de Alexandre Dias Maciel e de Maria Mendes de Carvalho, neto paterno do português José Dias Maciel, natural de Viana, que em Pitangui se casou com Joana Maria Bicudo, neta materna de Garcia Rodrigues Velho (o quarto dêste nome) e de Isabel Bicudo; aqui começa a ligação dos Dias Maciéis de origem lusitana com os Garcias Velhos, da mesma origem. — 3) Francisco Severino da Silva Capanema, casado com Faustina Xavier Rebelo, filha do Comendador Bernardo Xavier Rebelo, que tiveram longa geração composta de 5 filhos, centenas de netos, bisnetos, trinetos e tetranetos, hoje representados por inúmeros troncos em Minas e noutros Estados.

O casal português Garcia Rodrigues e Isabel Velho, chegados a São Vicente nos primeiros tempos da Capitania, trouxeram já de Portugal extensa prole, entre a qual o Padre Garcia Rodrigues Velho, que foi vigário de São Paulo.

Uma irmã dêste, Maria Rodrigues, casou-se com Salvador Pires, filho de João Pires, o Gago, construtor do "Caminho do Padre José", ligando Piratininga a Santos, sob a orientação do Padre Anchieta. É o primeiro vagido da atual suntuosa "Via-Anchieta". Por êste lado vem a descendência dos Pires, até entroncar-se na «Matrona" e desta até Margarida de Campos, espôsa do Velho da Taipa, fundador de Pitangui. Outra irmã do casal pioneiro português, Mecia Rodrigues, casou-se com Domingos Gançalves da Maia, também português, e tiveram, entre outros filhos, Garcia Rodrigues Velho, que casou com Catarina Dias, filha de Domingos Dias e Mariana de Chaves, irmã do Padre Manuel de Chaves, da Companhia de Jesus, considerado pelo Padre José de Anchieta como uma das figuras mais santas daquela Comunidade religiosa, pelo seu fervor, dedicação apostólica serviços relevantíssimos à Igreja Católica na redenção das almas e educação dos colonos e índios.

Daquele casal nasceu o segundo Garcia Rodrigues Velho, que se casou com Maria Betim, filha do engenheiro metalúrgico alemão Geraldo von Betting, (que se abrasileirou em Betim) companheiro inseparável do Governador-Geral Dom Francisco de Sousa, que o trouxe para o Brasil como autoridade em mineralogia e metalurgia, a fim de descobrir e montar fábricas de ferro e beneficiamento de ouro e outros metais; casado com Custódia Dias, filha de Suzana Dias, neta do Cacique Tibiriçá, espôsa do português Manuel Fernandes Ramos, chefes da tradicional família dos "Fernandes Povoadores", notáveis sertanistas, fundadores de Sorocaba, Itu e Parnaíba, cuja prole de

quinze filhos, dezenas de netos, centenas de bisnetos, trinetos e terranetos povoam o país, em vários Estados, sob nomes diferentes, apelidos diversos, oriundos de sucessivos casamentos e miscigenação. O terceiro Garcia Rodrigues Velho, o Coronel das Milícias mineiras, casou-se com Maria Leite da Silva, viúva do segundo Antônio Pedroso de Barros, filha de Pedro Dias Leite e de Ana de Proença, que geraram o quarto Garcia Rodrigues Velho, êste casado com Isabel Bicudo, filha de Gonçalo Pires e de Juliana Côrtes. (Silva Leme faz confusão no nome de Isabel Bicudo, que êle dá como Mariana de Campos; mas o Cônego Raimundo Trindade desfaz êsse equívoco, restabelecendo o verdadeiro nome que é Isabel Bicudo). A descendência dêste casal é apenas de dois nomes: — Antônio Rodrigues Velho, o "Velho da Taipa", fundador de Pitangui e marido de Margarida de Campos, tronco da vasta linhagem já conhecida através de Pedro Taques, Silva Leme, Cônego Trindade, João Dornas Filho, Afonso de Escragnole Taunay, Gustavo Pena, Diogo de Vasconcelos, Coriolano Pinto Ribeiro, Onofre Mendes Júnior, Salomão de Vasconcelos e outros; o outro nome é Ana Maria Bicudo, que foi casada e teve longa descendência, não tendo nós aqui presente o nome de seu marido, que na opinião de Frei Orlando, seu descendente, era espanhol e talvez Álvares da Silva. Esta Senhora teve com seu marido os seguintes filhos: — 1) Isabel Bicudo, casada com Manuel Dias Ferreira, com extensa geração; — 2) Joana Maria Bicudo, casada com José Dias Maciel, natural de Viana, em Portugal, pais de Alexandre Dias Maciel, espôso de Maria Mendes de Carvalho, êstes genitores de Antônio Dias Maciel, marido de Maria Rosa da Silva Capanema, que, por sua vez, são pais de outro Antônio Dias Maciel, casado com Flaviana Correia Maciel, de cujo consórcio nasceram o engenheiro Olegário Dias Maciel, ex-Presidente de Minas, e seus irmãos Osório, Amadeu, Sesóstris, Farnese e mais três Senhoras.

Por aqui vemos que os Dias Maciéis, de origem portuguêsa, ligaram-se aqui aos Garcias Velhos e Bicudos, aos Capanemas, cruzando-se sucessivamente com os descendentes do casal-tronco do Pompéu. Por outro lado, os Capanemas, de origem portuguêsa, cruzaram-se com outro ramo português: — os Xavier Rebelos, oriundos de Bernardo Xavier Rebelo, que gerou o Comendador Bernardo Xavier Rebelo, negociante no Rio de Janeiro, pai de Elvira Xavier Rebelo, espôsa do Dr. Ferreira de Araújo, fundador da "Gazeta de Notícias" e proclamado o "Príncipe dos Jornalistas Brasileiros"; Faustina Xavier Rebelo, outra filha do Comendador, casou-se em Pitangui com Francisco Severino da Silva Capanema, filho do Capitão-mor Capanema, e geraram vasta descendência; outra filha de Comendador Bernardo era Maria Laura Xavier Rebelo, que se casou com o português Joaquim José Fernandes, genitores de outra numerosa prole, entre a qual Genoveva Laura Xavier Capanema e Francisca de Assis Fernandes Xavier ligaram-se: aquela ao primo Francisco Xavier da Silva Capanema, e esta ao Capitão Joaquim da Cunha de Sousa Campos, filho do português Coronel Filipe José da Cunha, casado em terceiras núpcias com Antônia de Souza Machado, neta do casal-tronco do Pompéu, através de sua mãe Maria Joaquina de Oliveira Campos, espôsa do português Coronel Luís Joaquim de Souza Machado, todos ascendentes do autor destas linhas.

Um ramo lusitano muito importante veio se entrosar nesta linhagem dos Cunhas e dos Oliveiras Campos do Pompéu: — é o ramo Vasconcelos, oriundo do Conselheiro Diogo Ribeiro Pereira de Vasconcelos, pai do Conselheiro Bernardo de Vasconcelos e de Maria do Carmo e Ana Rosa, estas duas

casadas com dois Cunhas e Castros, do Junco, do primeiro matrimônio do Coronel Filipe com D. Joana Helena da Cunha Sá e Castro.

Dessa ilustre descendência podemos citar o historiador Diogo de Vasconcelos, os deputados Vasconcelos Costa, o poeta e romancista Agripa de Vasconcelos, além de inúmeros outros nomes de real destaque na sociedade mineira.

Dois nomes ficaram perenemente gravados na recordação dos pitanguienses, pela sua correção, austeridade e bondade. Trata-se do industrial Francisco José de Andrade Botelho e sua espôsa D. Francisca Álvares da Silva Botelho. Êle, oriundo de conhecida e tradicional família do sul de Minas, município de Lavras; ela, pertencente a outra não menos tradicional e conceituada estirpe, que é a dos Álvares da Silva, radicada em Pitangui, desde os primórdios do século passado. Êste casal deixou exemplo edificante de vida conjugal harmoniosa e aureolada pelo mais puro afeto. Um dia, Botelho apareceu em Pitangui, gostou da cidade, enamorou-se de D. Francisca e casaram-se, ao fim de um suave idílio. Êle era negociante na Côrte, com casa comercial, à rua Primeiro de Março, n.º 125, ainda ao tempo do Império: — "BOTELHO, IRMÃO & ANDRADE", era esta a firma. Muito acreditada, composta de membros de uma só família do sul de Minas. Pela prosperidade da firma, ninguém diria que o seu chefe se fôsse em breve desligar da sociedade. Acontece, porém, que o clima, a sociedade de Pitangui, os olhos de uma jovem encantadora, entrevista num baile, prendesse àquela terra o homem de negócios, tão prático, entretanto tão afetivo. Francisco Botelho, uma vez casado com D. Francisca, fixou ali residência e tratou de fundar a fábrica de tecidos de *Brumado*, elemento que foi de grande prosperidade para a *Velha Serrana*. Durante vinte anos viveu o casal em lua de mel. Não quis, entretanto, o destino prolongar essa bem-aventurança; e em 1886 falecia D. Francisca Botelho, aos 36 anos de idade. Viúvo, inconformado, tratou de fazer o seu inventário, ligando o nome da espôsa a uma obra de alto benefício social, qual seja a fundação de uma escola pública primária, para educação de crianças pobres do município, legando para isso parte da sua fortuna.

Essa "ESCOLA FRANCISCA BOTELHO", traço de recordação e saudade, está quase no seu centenário de existência, tem prestado relevantes serviços ao município, e é mantida com a renda do capital legado pelo doador, que igualmente destinou o seu próprio solar para sede dêsse educandário. Para obras de reparos no prédio e também para ereção de um monumento funerário que perpetue êsses dois nomes, foi realizada há pouco um festival, na própria Escola, com a abertura de uma subscrição popular, logo coberta com espontâneos donativos, para a execução de tão elevados intuitos. Por essa ocasião, usaram da palavra dois oradores: — a professôra Maria da Conceição Menezes de Vasconcelos e o Dr. Gumercindo Guimarães. Êsses discursos foram impressos e vendidos para cobrir as despesas da construção do monumento. Dois folhetos que contêm em si um tesouro de carinho e veneração. Dois oradores que derramaram nas suas páginas de evocação todo o eflúvio de uma gratidão coletiva. Nessas páginas perpassa o Pitangui de outros tempos, de uma era patriarcal cheia de doçura e enlêvo. Surge a velha fazenda dos Guardas, tão tradicional e histórica, cujo nome lembra a luta de 1720, em plena mineração do ouro, na terra do *Velho da Taipa*, de *Dona Joaquina do Pompéu* e de tantos outros vultos que a tradição popular guardou indelèvelmente. Dona Francisca Álvares da Silva Botelho é bem um nome

representativo dessa progênie mineira. Filha do Dr. Francisco Álvares da Silva Campos, sobrinha do Conselheiro Martinho Álvares da Silva Campos, D. Francisca descendia pelo lado materno de um outro tronco, de onde saiu o Desembargador Frederico Augusto Álvares da Silva, que foi magistrado exemplar e ocupou por duas vêzes a presidência de Minas. D. Francisca era irmã do Dr. Jacinto Álvares da Silva Campos, pai do Ministro Francisco Campos.

Muitas outras cidades mineiras estão aguardando os seus narradores e cronistas, que lhes evoquem as cenas e reminiscências históricas, tais como Ouro Prêto, Mariana, Caité, Paracatu, Serro, Diamantina, Sabará, etc. De Diamantina teríamos que remontar a Filisberto Caldeira Brant, aos Matas Machados, aos Felícios dos Santos, aos Oliveiras, aos Kubitscheks, êstes com o ancestral ilustre, que foi poeta escritor, político e cientista: o Dr. João Nepomuceno Kubitschek, tio materno do atual Governador de Minas Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira. O nome do Dr. João Nepomoceno Kubitschek vem da propaganda republicana. Foi um dos deputados mineiros à Constituinte de 1891, foi eleito mais tarde Vice-presidente de Minas e gozando acentuado prestígio e real estima, pela sua fidalguia moral, sua cultura aprimorada e idealismo republicano sincero e construtivo. O Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira é um legítimo herdeiro destas, qualidades políticas e pessoais, que tanto o escoram.

De São João del-Rei teríamos muita coisa que falar, se fôssemos estudar tantas origens lusas e paulistas que por ali andaram construindo, proliferando e formando aquela cidade tradicional do Oeste mineiro, tão graciosa e amena, que encanta os visitantes e dá vontade de desenvolver o turismo carioca na sua direção. Que dizer sôbre essa cidade tão mineira, tão socegada, onde não entrou o bulício das metrópoles, onde a vida parece ainda correr tranqüila, como nos dias de antanho, quando Minas era um seio de Abrão, tudo compadres e amigos, na rotina das palestras de calçada, de janela a janela, ou nos átrios das igrejas, após as missas dominicais.

Suas igrejas riquíssimas de ouro e alfaias, de púlpitos e altares sumptuosos, de portadas e frisos talhados por artistas da altura de um Aleijadinho, onde a fé católica ainda reacende esperanças e crença em dias de futuras bonanças; tudo ali é calmo e aconchegante, com o seu rio dormente correndo entre as ruas de casas barrôcas, convidando ao repouso espiritual

Teríamos que reconstituir a genealogia dos Almeidas Magalhães, dos Andrades, dos Viegas, da Bárbara Heliodora e seu romance, dos Portes del-Rei e sua descendência, entre a qual está o Cardeal-Arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota e igualmente os nossos historiadores e linhagistas Brasílio de Magalhães Aureliano Leite. Quanto a êste, é cabível, neste capítulo, referir uma série de ligações lusas-paulistas-mineiras, que remontam a Amador Bueno, o Aclamado, a Amador Bueno da Veiga, o "Cabo-Maior" dos Paulistas na guerra com os Emboabas, à própria Bárbara Heliodora, sua parenta. Aureliano Leite nasceu em São Paulo, em Guaratinguetá, da linhagem dos Meireles Leites, descendente dos Vilhenas e dos Almeidas, radicados em São João del-Rei, desde os tempos mais remotos, e êstes últimos, por sua vez, descendem de Caetano Furquim de Campos, paulista de origem portuguêsa, cujo filho Pedro de Alcântara de Almeida se casou com Mecia de Magalhães, oriunda dos Aciolis nortistas, de origem italiana. Dêsse tronco provêm os Almeidas Magalhães, os Pintos de Almeida, outros Almeidas como Batista

Caetano, Osório de Almeida, etc. Caetano Furquim de Campos era casado com uma Almeida, sobrinha trineta ou tetraneta de Amador Bueno, o "Aclamado".

Também era de São João del-Rei o Dr. José da Silveira e Souza, casado com Mariana Bueno, neta de Amador Bueno da Veiga, por sua vez neto do «Aclamado". Silveira e Souza e sua espôsa Mariana Bueno eram também tetravós do deputado Aureliano Leite. Com uma de suas filhas casou-se Matias de Vilhena, trisavô do citado deputado paulista e notável genealogista e historiógrafo. É oportuno notar que entre as filhas daquele casal patriarcal Silveira e Souza e Mariana Bueno contáva-se a figura da Inconfidência Mineira — Bárbara Heliodora.

GRANDEZA E DECADÊNCIA DE UMA ARISTOCRACIA RURAL

As impressões que guardamos desde a infância destas regiões mineiras e destas figuras já apagadas pelo tempo revivem nestas páginas como um tributo de gratidão. As imagens se tornam mais vivas e de cada rincão desponta um vulto amigo, falando uma linguagem daquele tempo, que os contemporâneos não percebem, mas nós ouvimos e entendemos. Entre êsses quadros esfumados na memória vão pouco a pouco desfilando na retentiva expressões de amor e ternura, através de fisionomias amigas. Dentro em pouco, estamos recompondo uma sociedade que viveu e passou, com os traços característicos de sua época.

Neste esbôço de quadro histórico queremos apenas ligar algumas famílias que pertencem ao conjunto das cenas já descritas. Essas famílias representam o complemento da vida rural daquele tempo. Eram antigos lavradores mineiros, habitantes do mesmo sertão onde existiu o feudo de Dona Joaquina. O Pompéu Velho situava-se à margem esquerda do rio Paraopeba. Por sinal que êste rio era bem mais volumoso. Tinha florestas, que desapareceram. Havia nele grandes caçadas de capivaras, pescarias abundantes, que enchiam de abundança as fazendas.

Hoje o Paraopeba está mais vazio. Quando o atravessamos em rota para o Oeste mineiro, em rodovias ou em trens de ferro, em patacos cavalos ou tropas, vemos um fio dágua minguado. Corre serpenteando de sul a norte, trazendo ainda o resfolegar da cachoeira do Funil, onde passa apertado. Depois, despeja-se pela chapada e vai buscar as margens do São Francisco. Nestas ribeiras havia uma vida intensa de lavouras e criações. Alongavam-se as fazendas desde as sofraldas da Serra do Curral até o ubertoso vale sanfranciscano.

Nestas paragens surgiam os feudos do Pompéu, do Junco, da Taquara, da Ponte, Barreiro, Rio Pardo, Três Barras, Diamante, etc.

É aqui que queremos localizar êste capítulo. Pois justamente interessa-nos completar a história do Pompéu, que é o objetivo dêste livro. Não poderíamos nem pretendemos esgotar o assunto. Êle é vasto e dará capítulos e capítulos para outros investigadores.

Bastará que os escritor comece por folhear as genealogias mineiras e paulistas, depois passe para as portuguêsas e afins, para enlaçar um ramalhete de parentescos.

A fazenda do Junco é bastante tradicional pela ligação como Pompéu, de onde duas damas vieram unir-se a dois Cunhas de origem lusitana, formando uma vasta progênie, hoje representa em vultos de notoriedade social. O fundador da fazenda do Junco foi Coronel Filipe José da Cunha, natural de Sintra e pertence às antigas estirpes dos Cunhas portuguêses, que buscam suas raízes num herói do cêrco de Lisboa, em 1147, Gutierre de Palaez, bisneto de Dom Fruela II, rei de Leão. Servindo-se de nove cunhas de ferro escalou êle os muros de um castelo ocupado pelos inimigos e o retomou. O rei Dom Afonso concedeu-lhe um brasão de armas, com essas nove cunhas em azul e em campo de ouro, origem do apelido da família, generalizado em Portugal e Brasil.

O Coronel Filipe José da Cunha foi casado três vêzes: — primeiro com Dona Joana Helena de Sá e Castro, com quem teve vários filhos, entre os quais Luis, Filipe e Francisco. Através dêstes três varões vieram as seguintes ligações: — Luis da Cunha e Castro casou-se com Dona Bernarda Maria de Souza Machado, filha do português Luis Joaquim de Souza Machado e de Dona Maria Joaquina de Oliveira Campos, filha de Inácio de Oliveira Campos e de Dona Joaquina do Pompéu. O casal foi residir na fazenda da Ponte, pertencente ao Junco, e ali formou extensa prole, da qual destacamos Dona Joana Helena da Cunha e Castro, que foi tronco de nobre e vastíssima prole. O segundo filho do Coronel Filipe José da Cunha, que era Filipe da Cunha e Castro, casou-se com Dona Maria do Carmo Barradas de Vasconcelos, filha do Conselheiro Bernardo Ribeiro Pereira, pro-homem da Monarquia, figura tradicional na história de Minas e do Brasil e pai do notável estadista Conselheiro Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Do casamento de Filipe da Cunha e Castro com Maria do Carmo surgiu, entre outros, Francisco Gabriel de Castro Vasconcelos, que se casou com sua prima Joana Helena da Cunha e Castro, já citada que passou a assinar-se Joana Helena de Castro Vasconcelos, nome êste que ainda hoje é recordado na ponte sôbre o rio Paraopeba, em sua homenagem. Dêste tronco descendem ilustres figuras, de entre as quais os dois deputados Vasconcelos Costa; o escritor e poeta Agripa de Vasconcelos, o antigo juiz de direito de Sete Lagoas Filipe Gabriel de Castro Vasconcelos, o estimado médico Dr. Ulisses Gabriel de Castro Vasconcelos, o distinto fazendeiro e industrial Diogo de Castro Vasconcelos, os quais por sua vez são troncos de numerosa e seleta descendência mineira.

O terceiro filho do Coronel Filipe José da Cunha, Francisco da Cunha e Castro, que, com seu irmão Filipe já citado, era moço fidalgo do Império, e ambos oficiais de cavalaria de Polícia mineira, casou-se com Dona Maria Rosa Barradas de Vasconcelos, irmã da precedente, tronco de onde surgiu Diogo Antônio de Vasconcelos, pai de Vasconcelos e de que descende o atual médico e historiador Salomão de Vasconselos.

A fazenda da Taquara, prolongamento da do Junco, foi núcleo central desta ilustre família, a qual se irradiou pelo Estado de Minas e outros Estados do Brasil, representada em vultos da política, do professorado, das letras, da magistratura, da medicina da engenharia e do comércio.

Chegamos assim ao conhecimento de três ramos da descendência do Coronel Filipe José da Cunha, todos oriundos do seu primeiro casamento.

De um segundo matrimônio com sua cunhada não restou descendência, pois a única filha Gabriela morreu solteira. Do terceiro matrimônio é que vamos tratar em seguida, pois êste é do nosso ramo paterno.

Desta vez o Coronel Filipe buscou uma descendente do Pompéu: Dona Antônia de Souza Machado. Esta nossa bisavó era filha do Capitão Luis Joaquim de Souza Machado, português de Coimbra, e de Dona Maria Joaquina de Oliveira Campos, já citada, filha de Dona Joaquina do Pompéu e de seu espôso Capitão Inácio de Oliveira Campos. Dona Antônia teve vida curta e pouco sobreviveu ao casamento. Ao dar à luz o primeiro e único filho Joaquim, em março de 1820, pagou o tributo das mães carecentes de assistência médica, nos lugares longínquos, como era o Junco, fora dos recursos hospitalares e clínicos, que só se encontram nos centros civilizados. As parteiras dedicadas e beneméritas suprem com espírito cristão a falta do médico e da enfermeira. Mas o problema às vêzes transcende ao âmbito dos seus conhecimentos. Também os curandeiros, os médicos improvizados abundam pelos sertões. Mas há o limite das suas curas e intervenções. Dona Antônia fechou os olhos, vendo o seu pequeno Joaquim a surgir para a vida, já órfão. Êste rebento Joaquim da Cunha de Souza Campos foi o futuro dono da fazenda do Junco, casou-se com Dona Francisca de Assis Fernandes Xavier, filha do português Joaquim José Fernandes e de Dona Maria Laura Xavier Rebelo. Esta era irmã do Comendador Bernardo Xavier Rebelo, pai de Elvira, espôsa do grande jornalista Ferreira de Araújo, fundador da "Gazeta de Notícias".

O Capitão Joaquim da Cunha de Souza Campos, herdeiro único da fazenda do Junco, administrou essa propriedade enquanto teve fôrças.

Havia vasta escravatura e extensa criação de gado. O engenho da fazenda fabricava bastante açucar, rapadura, aguardente e melaço. A criação de porcos era abundante e fornecia carne, toucinho e salsicharia. As roças produziam magnífico algodão, disputado pelos teares domésticos e mais tarde pelas fábricas de tecidos, que se estabeleceram em Curvelo, Tabuleiro Grande, São Sebastião, Cedro e Pitangui. Das safras da lavoura e criação exportavam-se abundantes remessas para êsses mercados vizinhos. Canaviais, arrozais, algodoais e milharais eram fontes de renda inexgotáveis, sob o domínio do braço escravo. A vida da fazenda transcorria numa suave esperança da lavoura e dos rebanhos, do traquejo doméstico da indústria dos laticínios, da atividade do engenho de açucar e das inúmeras distrações do arrodeio dos gados, extração de lã dos carneiros, pesca e caçada nos rios e florestas e o bem estar da fartura. Esta nota de tranqüilidade se modificou, desde que soaram nos horizontes as primeiras notícias da libertação dos escravos. O alicerce da economia fazendária estava abalada. O senhor de engenho não tinha o necessário preparo técnico para enfrentar o advento do salário livre. A dispersão do eito africano trouxe um vazio no orçamento da nobreza rural.

Por ocasião da lei de 13 de maio de 1888, a evasão da escravatura forçou alguns fazendeiros a mudar de rumo na vida. Aqueles que dispunham de um aparelhamento suficiente resistiram e se adaptaram ao novo regímen; outros, porém, desertaram da lavoura e foram habituar as cidades. Os donos do Junco já estavam velhos e alquebrados. Pediram o auxílio do filho varão, Fernando Otávio, que era coletor em Pará de Minas. Êste, com desprendimento, deixou seu rendoso cargo e correu a atender o chamado paterno. Cinco anos

de lutas para reeguer o patrimônio histórico. Havia hipoteca. Ao fim, venderam a fazenda aos primos da Taquara e despediram-se da vida rural.

Cenas muito enternecedoras foram as que se registraram na separação de senhores e ex-escravos. Êstes não queriam afastar-se dos antigos amos. Acompanharam-nos no seu novo destino e continuaram no aconchego das veneráveis figuras senhoriais. Uns em Maravilhas, outros na Restinga, outros em Pará de Minas. Em cada um dêstes pontos formou-se uma colônia de prêtos de procedência do Junco, alguns ainda descendentes da antiga era feudal, trazendo as reminiscências e saudades do Pompéu.

Cumpre assinalar o testemunho de alguns velhos ex-escravos, já quase centenários, como o Elias, o Estevão, o Cesário, a preta Eusébia, a Apolônia, todos contemporâneos do poderio pompeano, que conviveram com Dona Joaquina e contavam casos e coisas da sua vida e do cativeiro.

Estas criaturas humildes eram testemunhas autênticas da vida pregressa do Pompéu e seu depoimento tem o mérito da sinceridade rude dos primitivos.

Todos os complexos da escravidão, suas revoltas e aspirações, acumuladas através de séculos, explodem nas conversas e nos desabafos da sub-humanidade comprimida e recalcada no eu longo martirológio.

A aurora de 13 de maio de 1888 foi a abertura do dique que representou a justa expansão da raça no anseio de liberdade.

Viu-se por tôda a parte a explosão dessa alegria comprimida e o advento de uma nova era de trabalho livre e de igualdade social.

Como se comportaram êstes ex-escravos do Junco e do Pompéu?

Os rumores da liberdade já lhes vinham soando aos ouvidos, através das pregações do arautos da emancipação, que êles não liam nos jornais, mas sabiam por ouvir contar, que o dia não estava longe.

Seus peitos batiam de ansiedade. Seus corações experimentavam um pusar novo: — Iam ser gente, homens iguais aos outros; iguais aos seus senhores! O Correio entregou no Junco os jornais do Rio: — a *Gazeta de Notícias, O Pais, o Jornal do Comércio,* com ostítulos em letras garrafais: — *Está extinta a escravidão no Brasil!*

Pois bem; êsses ex- escravos, rodeados em tôrno dos chefes da fazenda, não tiveram um gesto de vindicta, de ingratidão!

Portaram-se como amigos, confessaram o júbilo e a esperança de nova vida feliz, sob o patrão da lei redentora. Mas dentro das expansões de alacridade, confessavam também o desejo de não se afastarem da companhia dos antigos amos. Queriam trabalhar e fazer suas casas, prestando as mesmas homenagens e vasalagens àqueles que, antes de serem seus suzeranos, eram guias e protetores, como se êles fizessem parte da família.

Recentemente, em Pará de Minas, as professôras do Grupo Escolar montaram um quadro alegórico desta cena e o representaram com a cooperação dos alunos, em festa pública, quando as autoridades locais e o povo entenderam de prestar uma homenagem ao centenário do nascimento de Fernando Otávio da Cunha Xavier.

Nesta cidade, como em Pitangui, Maravilhas e mesmo em Belo Horizonte, restam ainda muitos descendentes dos antigos escravos daquelas fazendas, às quais podemos juntar as dos Guardas, da Aparição, da Olaria, núcleos de antiga nobreza rural, que caracterizou esta era de latifúndios seleiros de fartura, base das futuras gerações enlaçadas no torvelinho das cidades industriais, do

comércio e da política. Essas colônias de prêtos representavam a tradição de um mundo que se extinguiu, de uma aristocracia que passou e se miscigenou no sangue de novos cruzamentos, num contínuo *melting-pot* da estrutura étnica nacional. Êsses mesmos remanescentes dos extintos troncos da grandeza rural servem de veículos de informação dos costumes feudais, que se transmitiram de pais a netos.

A narrativa dos ex-cativos confirma o juízo unânime dos contemporâneos brancos sôbre a pessoa de Dona Joaquina. A grandeza latifundiária dêste clã de rudes lavradores pobres e laboriosos do Pompéu, Junco, Taquara, Ponte, Barreiro, Rio Pardo, Diamante, Três Barras, Quatis, Guardas, Mocambo e outros, é um resumo da grandeza social e política de Pitangui, a cidade-metrópole daquele tempo, o foco de civilização que irradiava através dos ínvios sertões de oeste.

Nessa época que estamos descrevendo, até meados do oitocentismo, Pitangui era a extensa comarca de vinte mil quilômetros quadrados, abrangendo as atuais cidades e vilas de Pará de Minas ,Itaúna, Divinópolis, Cajuru, Mateus Leme, Pequi, Jaguraruna, São Gonçalo do Pará, Abaeté, Dores do Indaiá, Martinho Campos, Pompéu (Buriti da Estrada), Bom Despacho, Confusão, Tiros, Morada Nova, Maravilhas, Papagaios, Cercado, Cardoso, Leandro Ferreira, Igaratinga, Conceição do Pará Serra Azul, Varginha, etc.

Pitangui era quase vinte vêzes maior do que o Distrito Federal.

Exercia, por isso, grande prestígio político e tinha foros de nobreza, sempre com representantes seus no Parlamento e nos Conselhos da Monarquia. Entre as figuras predominantes da comarca, contava-se Dona Joaquina do Pompéu, que, pelo seu gênio político, riqueza e extensão territorial de seus domínios, tornara-se o centro de convergência de uma vasta influência monetária, eleitoral e social. Seus domínios abarcavam os atuais distritos de Pompéu, Martinho Campos, Maravilhas, Papagaios, que pertenciam à comarca de Pitangui, indo além, entrando pelos municípios de Paracatu, Abaeté, etc.

Êsse poderio, em vez de nocivo, era, pelo contrário, benefício e realizador. Sua influência sôbre a nomeação das autoridades, sôbre a conduta dos homens, sôbre a educação das gerações novas, era sempre no sentido de manter a dignidade dos costumes, a moralidade pública, o desenvolvimento agrícola e pastoril, a expansão do comércio pela exportação e troca de produtos. Suas tropas, boiadas, veículos de transporte, estavam sempre trafegando as estradas sertanejas, levando gêneros para abastecimento dos centros populosos, o principal dos quais foi sempre Vila-Rica, na febre da mineração, seu entrepôsto predileto de matança do gado bovino, por intermédio de fiéis procuradores, mais tarde dos filhos varões e mesmo de capatazes escravos.

Iamos dizendo, linhas atrás, que algumas figuras afro-brasileiras centenárias existiam no Junco em fins do oitocentismo. Êsses párias traziam ao vivo a lembrança da "Sinhá-Braba", que todos temiam, pela rispidez do seu caráter e enegia indomável perante quaisquer acontecimentos que abalavam a fazenda. Eram unânimes êsses servos encanecidos em louvar o moral de Dona Joaquina, que reconheciam brava e destemida, mas honesta e exemplar. Enviuvada aos cinqüenta e dois anos, em plena fôrça da saúde e do poderio, não discrepou do retilíneo caminho da virtude pessoal. Era mãe zelosa, cheia de deveres domésticos que se acumulavam com os dos negócios. Mas nunca descurou de uns e de outros. O Capitão Inácio morreu em 1804, ela sobreviveu-

lhe vinte anos, extinguindo-se em dezembro de 1824. Durante todo êste período, nunca se lhe atirou uma suspeita na honestidade pessoal. Era geniosa, impulsiva, voluntariosa e autoritária. Mas no tocante à moralidade era rigorosa e severa. Não tergiversava com malandrices, falsos-testemunhos, roubos, defloramentos, adultérios, mexericos e deslealdades no desempenho das funções que a cada qual era cometida no desdobrar das atividades da fazenda. Aos infratores dêste código de moral ela aplicava as mais severas penas, que iam da chibata às gargalheiras e outras torturas físicas. Abrigava sob sua proteção os perseguidos por motivo de crimes passionais ou de legítima defesa e o seu asilo era inviolável. Chegou a ser processada por um dêsses asilos a entes infelizes, que procuraram a sua sombra. No fundo o que havia era a matrona bem intencionada, generosa e revoltada às vêzes contra arbitrariedades ou perseguições de mandões políticos.

A vida tôda Dona Joaquina do Pompéu passaria ao olvido, se não fôsse o seu desfêcho grandioso e dramático. Simpatizante ardorosa com a emancipação da nossa pátria e sua separação definitiva da tutela de Portugal, foi colaboradora assídua e desinteressada do movimento libertador. Suas relações com os vultos da Regência, os serviços que prestava à política do Príncipe, especialmente na esfera de Minas Gerais, a identificavam com os destinos do Brasil, que êles encarnavam. Os pródromos da Independência tiveram nesta matrona o apôio, que se traduziu em auxílios diretos, gados, dinheiro, soldados e mais o que fôsse preciso, conforme a sua audaciosa comunicação ao Príncipe-Regente, isto é, iria ao extremo da doação da fazenda, dos bens e da incorporação dos próprios filhos varões e netos, ela própria iria combater, se fôsse necessário, levando sua família, seus escravos, etc.

Êste rasgo foi o traço final de sua vida de septuagenária, pois dois anos após, em dezembro de 1824, fechava ela os olhos, legando êste exemplo edificante, pelo qual os seus descendentes a veneram e o povo mineiro em geral a consagra com sua estima e veneração.

Rio de Janeiro, maio de 1954.

LINDOLFO XAVIER

DESCENDÊNCIA DE MARIA JOAQUINA DE OLIVEIRA CAMPOS E CAP. LUÍZ JOAQUIM DE SOUZA MACHADO

CAPITULO III

Lindolfo Otávio Xavier

"Nascido a 19 de fevereiro de 1876 na cidade de Pitangui, Estado de Minas Gerais; filho do Sr. Fernando Otávio da Cunha Xavier e de D. Maria Amélia Capanema Xavier. Comerciante, lavrador e jornalista, tendo dirigido o jornal «Centro de Minas" e colaborado em vários jornais mineiros e cariocas. Oficial de Gabinete do Ministro da Viação e Obras Públicas, 1907/1910 e 1914/918; funcionario do Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais, 1910/24 e professor da Escola Técnica Nacional, 1925/30; aposentado em 1931. Fundador com o Professor Lafaiete Côrtes, em 1916, do "Instituto Lafaiete Educacional S.A."; Vice-diretor e professor do mesmo, 1916/34; diretor do "Banco do Crédito Pessoal" e da "Estados Unidos Companhia de Seguros", tendo sido fundador daquele, com João Francisco Coelho Lima, em 1932. e desta com o mesmo e o Dr. Melo Viana e Sr. Francisco Valério, em 1943; diretor da Companhia distribuidora da produção de Minas Gerais de 1936 a 1944.

Membro do Conselho Diretor da Sociedade Brasileira de Geografia e sócio-benemérito e de honra da mesma sociedade; sócio efetivo da Associação Brasileira de Imprensa, sócio do Instituto Genealógico Brasileiro.

BIBLIOGRAFIA: "Geografia Comercial", "História do Comércio, da Agricultura e Indústria", "Tese de Educação", apresentadas às Conferências de Educação de 1927, 1928 e 1929; "Ensaios sôbre Economia e Educação", "Oásis", "Esperança", "Machado de Assis no Tempo e no Espaço", "Geografia do Brasil Comemorativa do Centenário da Independência" (em colaboração); "História e Genealogia Mineira". Esta bibliografia refere-se a Qn-769 Dr. Lindolfo Xavier.

F-3 Maria Joaquina de Oliveira Campos, c.c. o Cap. Luís Joaquim de Souza Machado.

Pais de:

N-19 Antônia de Oliveira Machado, c.c. o Cel. Felipe José da Cunha.

Pais de:

Bn-74 Joaquim da Cunha Souza Campos (Joaquim do Junco. Era proprietário da Fazenda do Junco), c.c. D. Francisca de Assis Fernandes Xavier, nascida em Pitangui a 4 de outubro de 1825, filha do Cap. Joaquim José Fernandes e de D. Maria Laura Xavier Rebelo, nascida em Pitangui em 1824. Nota — Maria Laura Xavier Rebelo,

era filha do Comendador Bernardo Xavier Rebelo, negociante no Rio de Janeiro, sócio da Firma Xavier & Contijo, mãe dos médicos Drs. Alexandre e Bernardo Xavier Rebelo Filho e de D. Elvira Xavier Rebelo, c.c. o Dr. Ferreira de Araújo, fundador e Diretor da Gazeta de Notícias e aclamado príncipe dos jornalistas brasileiros, falecido em agôsto de 1900 na sua residência à rua das Laranjeiras n.º 75.

Pais de:

Tn-271 Cel. Fernando Otávio da Cunha Xavier, nascido a 3 de setembro de 1850 e falecido a 14 de maio de 1924, em Pará de Minas, c.c. D. Maria Amélia Xavier Capanema, nascida em 21 de dezembro de 1928, filha do Cap. Francisco Xavier da Silva Capanema, nascido em Pitangui em 1809, e de D. Genoveva Laura Xavier Rebelo.

Fernando Otávio da Cunha Xavier e D. Maria Amélia Xavier Capanema

Pais de:

Qn-760 Francisca, nascida a 6-7-1871, viúva de Francisco Justino Ribeiro, filho de Joaquim Justino Ribeiro e de Isabel Alves Ribeiro.

Pais de:

Pn-546 Judite, solteira.

Pn-547 América, c.c. Antônio Marinho de Mendonça.

Pais de:

Sn-83 Osmar, Agente Fiscal, c.c Iolanda Paiva. Pais de:

Hn-1 Fernando Otávio.

Sn-89 Branca
Sn-90 Neusa
Sn-91 Lêda
Sn-92 Antônio
Sn-93 Maura
Pn-548 Maria, solteira.
Pn-549 Alaíde, c.c. Geraldo de Souza.
Pn-550 Avani, professôra em Pará de Minas

Qn-761 Maria Amélia, nascida a 4-12-1872, falecida, foi casada com o farmacêutico João José de Oliveira Júnior.

Sem Filhos

Qn-762 Dr. Lindolfo Otávio Xavier, nascido a 19-2-1874, c. c. Clotilde Pereira de Matos, filha de Manuel Pereira Cabral, português, e de Generosa de Matos (esta, filha do Barão de Santa Teresa).

Pais de:

Pn-551 Dr. Lindolfo, advogado, c.c. Desiré Varela, filha de Augusto Celso Varela e de Amélia Moreira de Almeida.

Da direita para esquerda: De pé: Dr. Alberto Xavier e Fernando Otávio Xavier — Sentados: Professor Lindolfo Xavier e Farmacêutico Otávio Xavier — Todos filhos de Fernando Otávio da Cunha Xavier e de D. Maria Amélia Xavier Capanema

Sem Filhos

Pn-552 Áurea de Matos Xavier, professôra no Rio de Janeiro.
Pn-553 Maria, falecida.
Pn-554 Alzira Xavier Lacerda de Araújo Fêio, c.c. Dr. Paulo de Lacerda de Araújo Fêio, farmacêutico químico da Marinha, residentes no Rio de Janeiro. Filhos: Paulo e Francisco.

Dr. Lindolfo Xavier Júnior

Pn-555 Ramilde Xavier, c.c. Balmaceda Tinôco Mineiro.

Sem Filhos

Pn-556 Clotilde de Matos Xavier, solteira, funcionária pública, no Rio de Janeiro.

Qn-763 Rosina Amélia Xavier de Abreu, nascida a 31-12-1877 e falecida a 25-4-1941, c.c. Alexandre Magno de Abreu e Silva, nascido a 20-11-1872 e falecido em 1945, filho de Francisco de Abreu e Silva e de Margarida Jacinta de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:

Pn-557 Ovídio Xavier de Abreu, nascido a 28 de setembro de 1898, em Pará de Minas. Ex-Secretário do Inte-

rior de Minas Gerais, ex-Secretário das Finanças de Minas Gerais, ex-Ministro da Fazenda, ex-Diretor do Departamento Nacional do Café. ex-Presidente do Banco do Brasil e atualmente Deputado Federal. Casado com D.

Alexandre de Abreu e Silva e sua espôsa D. Rosina Amélia Xavier de Abreu

Júlia dos Santos Abreu, filha do Sr. Armando dos Santos e de D. Venina Santos.

Pais de:

Sn-94 Ovídio n. a 31-12-1952
Sn-95 Alexandre Magno n. a 31-12-1953
Sn-95-a Júlia, nascida a 11-12-1954

Pn-558 Alzira de Abreu Duarte, nascida a 25 de fevereiro de 1900, c.c. Raimundo Moreira Duarte, Coletor Estadual em Belo Horizonte, filho de Joaquim Pereira Duarte e de Maria Gonçalves Moreira.

Pais de:

Sn-96 Vanda
Sn-97 Onofre
Sn-98 José
Sn-99 Rosina
Sn-100 Maria
Sn-101 Alexandre

Pn-559 Clotilde de Abreu Gonzaga, nascida a 2 de novembro de 1902, c.c. Cristovão Gonzaga, de Paracatu, Coletor Estadual em Belo Horizonte.

Sem Filhos

Pn-560 Dr. Randolfo Xavier de Abreu, advogado, nas-

Dr. Randolfo Xavier de Abreu

cido a 26 de julho de 1906, c.c. Dalila Orsini Lima, filha de Durval de Lima e de Ceci Lacerda Orsini.

Pais de:

Sn-102 Rosa Maria
Sn-103 Ovídio
Sn-104 Ceci

Pn-561 Maria Xavier de Abreu, nascida a 11 de janeiro de 1912, solteira.

OVIDIO DE ABREU

É êste um mineiro que goza de real prestígio e estima entre os seus compatrícios.

Se em João Lopes Cançado se encarnava o espírito jurídico de Dona Joaquina do Pompéu, em Ovídio de Abreu, em quem nem sequer falta sólida

Deputado Ovídio Xavier de Abreu

cultura humanística e técnica, aperfeiçoada nos Estados Unidos e Inglaterra, está o espírito da ordem, do equilíbrio e da humanidade, revelado em todos os postos que tem ocupado.

A sua passagem pela Secretaria das Finanças de Minas Gerais, da qual foi titular, se assinala por nova e radical estruturação daquela casa, não só referente à ciência das finanças, como no que concerne à sua organização funcional, que passou a obedecer ao espírito de perfeição, simplicidade e celeridade das normas burocráticas.

Neste caráter, levou a efeito a renovação do quadro dos funcionários, imprimindo completa remodelação nos serviços, que assinala até hoje a passagem por aquêle departamento de Estado de um grande técnico e raro administrador.

Ocupou depois com o mesmo espírito renovador a pasta do Interior, imprimindo em seus negócios o ritmo do trabalho produtivo. Foi Diretor do Departamento Nacional do Café e exerceu o cargo de Ministro da Fazenda.

Volvendo à carreira inicial e básica de sua cultura, Ovídio de Abreu ascendeu aos postos mais elevados no Banco do Brasil, de que foi nomeado presidente.

O seu discurso de posse representa o penhor seguro da administração modelar que vai imprimir ao nosso mais alto estabelecimento de crédito, a que se liga diretamente todo o nosso desenvolvimento econômico e financeiro, a nossa riqueza em suma.

Enumerando as funções específicas do estabelecimento a que passa a presidir, em discurso de posse assim se exprime, com alta sabedoria:

"Dentro dessas funções destaca-se sem dúvida a assistência ao homem do campo, criador de nossa riqueza agrícola e pastoril, base de uma indústria e de um comércio sólido, indispensáveis ao progresso do Brasil". Alude ainda aos vínculos existentes entre o Banco do Brasil e os bancos particulares no esfôrço comum para o fortalecimento de nossa economia. Ao referir-se a ausência de preconceitos doutrinários em sua gestão administrativa, diz trazer para o novo pôsto o propósito de buscar em cada caso a solução que as circunstâncias aconselharem, sem preconceitos doutrinários e sem idéias apriorísticas.

Atualmente representa Minas na Câmara Federal, tendo sido eleito Deputado com uma votação expressiva.

Ovídio de Abreu, enfim, tem sido um brasileiro válido ao serviço da pátria, e, além de tudo, uma das grandes reservas morais e cívicas de Minas Gerais, com a qual sempre poderá contar o Brasil, onde se mostram tão escassos os homens dessa catadura.

Qn-764 Emília, nascida a 26 de abril de 1879, falecida a 8 de outubro de 1943, c.c. João Luís de Melo, falecido, filho de José Júlio de Melo e de Romena da Silva Marques.

Pais de:

Pn-562 Maria
Pn-563 João, falecido
Pn-564 Fernando
Pn-565 Alice
Pn-566 José
Pn-567 Geraldo
Pn-568 Elvira

Qn-765 Aurora, nascida a 26 de abril de 1881, c.c. Joaquim de Abreu e Silva, falecido, filho de Francisco de Abreu e Silva e de Margarida de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:

Pn-569 Geraldo Xavier de Abreu

Pn-570 Iêda Xavier de Abreu

Qn-766 Otávio Xavier, nascido a 6 de setembro de 1882,c. c. Idalina Gonçalves Moreira, filha de José Gonçalves Moreira e de Ana Gonçalves, professôra aposentada.

Pais de:

Pn-571 Alisson Xavier, c.c. Georgelina Shult Ribner, fi-

Alisson Xavier

lha de Leopoldo Shult Ribner e de Zulmira Bernardes, residentes em Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul.

Pais de:

Sn-105 Regina Flavia

Sn-106 Valéria Maura

Pn-572 Helena Xavier Freire de Aguiar, c.c. Otoniel Freire de Aguiar, filho de João Pio Freire e de Maria Olga Freire de Aguiar.

Sem Filhos

Pn-573 Mauro Xavier, Advogado do Banco do Brasil. Solteiro.

Pn-574 Otávio, solteiro, médico em Belo Horizonte.

Pn-575 Fernando Otávio, falecido.

Qn-767 Alfredo Otávio Xavier, falecido, c.c. Aureslina Gon-

Dr. Mauro Xavier

çalves Moreira, professôra em Pará de Minas, filha de José Gonçalves Moreira e de Ana Gonçalves Moreira. Alfredo nasceu a 27-5-1884 e faleceu a 9-10-1915.

Pais de:

Pn-576 Alberto Moreira Xavier

Pn-577 José Moreira Xavier, c.c. Olga de Oliveira Leite.

Pn-578 Dr. Edwar Moreira Xavier, médico, c.c. Maria de Abreu Ferreira.

Qn-768 Aristides Xavier, nascido a 2-10-1885 e falecido a 18-6-1933, c.c. Maria Georgina de Oliveira, filha de João José de Oliveira Júnior, farmacêutico, e de Angélica de Almeida Paiva.

Pais de:

Pn-579 Pedro de Oliveira Xavier, c.c. Maria do Amaral, filha de José do Amaral e de Maria do Amaral.

Pn-580 Geraldina de Oliveira Xavier, c.c. Antônio Teixeira, filho de José Teixeira e de Ana Teixeira.

Pais de:

Sn-107 Torquarto Fernando
Sn-108 Maria Angélica

Alfredo Xavier

Pn-581 Serjo de Oliveira Xavier
Pn-582 Osvaldo
Pn-583 Carlinda
Pn-584 Maria
Pn-585 Áurea
Pn-586 José
Pn-587 Adélia
Pn-588 Aluísio

Qn-769 Fernando Otávio, nascido a 22-11-1888, c.c. Estela Barretos Viveiros, filha de Dr. José Viveiros e de.....

Pais de:

Pn-589 Luís Fernando
Pn-590 Carlos Otavio

Qn-770 Alberto, nascido a 17-12-1889, c.c. Corália Bica Melquíades, residente em Alegrete, Rio Grande do Sul.

Pais de:

Pn-591 Alberto Fernando
Pn-592 Cláudio Otávio

Qn-771 Carlinda, nascida a 21-3-1892 e falecida a 20-10-1914, c.c. Roberto Queirós Cançado, filho de Flávio Xavier Lopes Cançado e de Cornélia de Queiroz Cançado.

Pais de:

Pn-593 Carlinda, falecida
Pn-594 Geraldo de Queiroz Cançado, c.c. Ena Gontijo.

Pais de:

Sn-109 Neiva
Sn-110 Carlinda
Sn-111 Paulino

Qn-772 Aluísio, nascido a 22-1-1895 e falecido a 26-7-1926,

Pais de:

Pn-595 Hélio de Queiroz Xavier, c.c. Zizi Lopes Cançado, filha de Flávio Xavier Lopes Cançado Filho (Favuca) e de Rita de Araújo
Pn-596 Elza, professôra em Pará de Minas.
Pn-597 Antônio
Pn-598 Flávio
Pn-599 Fernando
Pn-600 Geraldo
Pn-601 Maria
Pn-602 Eloisa
Pn-603 Lúcia, falecida.

Tn-272 Maria Querobina (Azul), c.c. Rodolfo Capanema (Dôco), filho de Antônio Gabriel da Silva Capanema e de Genoveva Lopes.

Sem Filhos

Tn-273 Leopoldo (Podinho), falecido solteiro.

N-20 Bernarda Maria (Bernarda da Ponte), c.c. Luís Joaquim da Cunha Sá e Castro (Luís do Junco), falecido a 26 de janeiro de 1841, filho do Cel. Felipe José da Cunha e de Joana Helena de Sá e Castro.

Pais de:

Bn-75 Joana Helena (Tia Mana) (Joana da Taquara), nascida a 15 de julho de 1822 e falecida a 8 de setembro de 1895, c.c. o Cel. Francisco Gabriel da Cunha Sá e Castro, natural de Ouro Prêto, filho do Te. Cel.

Pais de:

Tn-274 Dr. Felipe Gabriel de Castro Vasconcelos, formado em Direito, c.c. Maria José Macedo Guimarães.

Sem Filhos

Dr. Felipe Gabriel de Castro Vasconcelos, casado a segunda vez com Loida Azambuja Maia, natural de Juiz de Fora, filha do Dr. João Carlos de O. Maia e de Ermelinda Macedo Azambuja.

D. Joana Helena de Sá e Castro

Pais de:

Qn-773 Dr. Herbert Maia de Castro Vasconcelos, médico, Te. Cel do Exército, Secretário de Saúde e Assistência do Govêrno Ademar de Barros, de São Paulo.

Qn-774 Dr. Ivan, médico em São Paulo.

Qn-775 Ernestina, c.c. Armando Abreu, residente no Rio de Janeiro.

Tn-275 Diogo Gabriel de Castro Vasconcelos, c.c. Isabel Jacinta de Campos Valadares, nascida a 11 de junho de 1849 e falecida a 14 de maio de 1935, filha do Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares e de Domitila de Oliveira e Silva.

Pais de:

Qn-776 Francisco Diogo Valadares de Vasconcelos, nascido a 20-9-1871 e falecido a 26-9-1941, em Pitangui. Foi casado com Maria Justina Valadares Ribeiro nascida na fazenda da Cachoeira, município de Pará de Minas, e falecida em 1932, filha de D. Antônia Valadares Ribeiro e do Cel. Domingos Justino Ribeiro, residiu em sua fazenda Engenho, foi um dos Diretores da Companhia Industrial Pitanguiense, Escrivão do 2.º Ofício da Comarca

F. Gabriel da Cunha e Castro

de Pitangui e depois Diretor da Usina de Álcool Motor de Dirinópolis.

Pais de:

Pn-604 Mário, nascido a 19-1-1895, c.c. Maria do Rosário Valadares Ribeiro, filha do Cel. Antônio Ataíde Valadares Ribeiro, e de Maria de Oliveira Ribeiro. Ex-administrador do Hotel da Fazenda Florestal

Pais de:

Sn-112 Francisca
Sn-113 Antônio
Sn-114 Susana, falecida
Sn-115 Susana, falecida

Pn-605 Ciro, nascido a 11 de agôsto de 1897, c.c. Helena Chiaradia, filha de Paulo Chiaradia e de Umbelina Dias Pereira. Ex-Coletor Estadual de Conselheiro Lafaiete e de Sabará.

Pais de:

Sn-116 Maura
Sn-117 Marina
Sn-118 Mariza
Sn-119 Dayse Maria

Sn-120 Maria Auxiliadora
Sn-121 Helena
Sn-122 Paulo
Sn-123 Lucia
Sn-124 Ciro

Pn-605 Maria do Carmo, nascida a 29 de novembro de

Dr. Felipe Gabriel de Castro Vasconcelos e sua Espôsa D. Loida Azambuja Maia

1899, c.c. Otoni Gonçalves dos Reis, filho de Benvindo Gonçalves dos Reis e de Maria Gonçalves da Silva. Otoni é fazendeiro em Pitangui.

Pais de:

Sn-125 Tasso
Sn-126 Márcio
Sn-127 Alaíde

Dr. ~~Herbal~~ Herbert de Castro Vasconcelos

Sn-128 Lúcio
Sn-129 Maria Leila
Sn-130 Maria Eliza
Sn-131 José Túlio
Sn-132 Francisco
Sn-133 Sáulo

Pn-607 Darwin, nascido a 7 de janeiro de 1901, c.c. Rute Valadares Ribeiro, filha de Cel. Antônio Ataíde Valadares Ribeiro e de Maria José de Oliveira Ribeiro.

Pais de:

Sn-134 Afonso
Sn-135 Afrânio
Sn-136 Fernando
Sn-137 Orlando, falecido.
Sn-138 Regina Coeli
Sn139 Orlando
Sn-140 Alfredo

Pn-608 Isabel, nascida a 1 de agôsto de 1911, c.c. Fábio Valadares Ribeiro, filho do Cel. Antônio Ataíde Valadares Ribeiro e de Maria José de Oliveira Ribeiro. Fábio é fazendeiro em Bambuí.

Pais de:
Sn-141 Maria
Sn-142 José
Sn-143 Rafael
Sn-144 Dulce Maria

Pn-609 Raimunda (Aída), falecida, nascida a 14 de outubro de 1915, foi casado com Saul Valadares Ribeiro, fazendeiro em Pitangui, filho de Cel. Antônio Ataíde Valadares Ribeiro e de Maria José de Oliveira Ribeiro.

Pais de:
Sn-145 Vilma
Sn-146 Francisco
Sn-147 Antônio, falecido
Sn-148 João Batista
Sn-149 Maria José, falecida
Sn-150 Maria José

Pn-610 Maria, nascida a 16 de março de 1913, c.c. Albani Guimarães, Escrivão da Coletoria Estadual em Poços de Caldas.

Pais de:
Sn-151 Marco Antônio
Sn-152 Maria Antonieta

Pn-611 Clélia, nascida a 15 de março de 1919, c.c. Garibaldi Lacerda Rocha, Escrivão da Coletoria Estadual de Pitangui, filho de Lacerdino Lacerda Rocha e de Luci Álvares da Silva.

Pais de:
Sn-153 Humberto
Sn-154 Maurício

Pn-612 Diva, nascida a 14 de julho de 1917 solteira.
Pn-613 Jubal, nascido a 26 de setembro de 1909, solteiro.
Pn-614 Laura, nascida a 22 de fevereiro de 1905, c.c. Crisógomo de Oliveira Campos, Coletor Estadual em Belo Horizonte.

Filhos já descritos

Pn-615 José, nascido a 2 de fevereiro de 1903, c.c. Edite Valadares Ribeiro, filha do Cel. Antônio Ataíde Valadares Ribeiro e de Maria José de Oliveira Ribeiro.

Pais de:
Sn-155 Décio
Sn-156 Déa
Sn-157 José Augusto
Sn-158 Laércio
Sn-159 Domingos
Sn-160 Vera Maria, falecida
Sn-161 Vera Maria
Sn-162 Maria Edite
Sn-163 Francisco

Pn-616 Antônia

Qn-777 Bernardo Diogo, nascido a 10 de junho de 1875, c.c. Zoraida Viana Guimarães, nascida a 8 de julho de 1889, filha de Júlio Cesar Guimarães e de Lizaura Viana.

Pais de:

Pn-617 Maria Isabel, nascida a 24 de março de 1902, c.c. José Bahia de Vasconcelos, filho de Francisco Bahia de Vasconcelos e de Francisca Gabriela de Castro Vasconcelos.

Pais de:
Sn-164 Cléa, c.c. Caio Antônio Bahia Reis.
Sn-165 Clébio
Sn-166 Cesar
Sn-167 Maria da Glória

Pn-618 Arinda, nascida a 2 de maio de 1904 c.c. José Valadares Bahia, filho de Manuel Gonçalves dos Reis e de Joana Helena Valadares de Vasconcelos.

Pais de:
Sn-168 Mary
Sn-169 José
Sn-170 Geraldo, farmacêutico
Sn-171 Réa Sílvia
Sn-172 Bernardo
Sn-173 Carlos Alberto

Pn-619 Rubens, nascido a 11 de maio de 1908, c.c. Maria Alves Viana filha de Acácio Alves Viana e de Lizaura Guimarães, de Paraopeba. Residente na Fazenda dos Amaros.

Pais de:
Sn-174 Lizaura
Sn-175 Hélio
Sn-176 Geraldo
Sn-177 Dalva
Sn-178 Susana
Sn-179 Pandiá

Pn-620 Júlio César, nascido a 3 de abril de 1910, advogado, Juiz de Direito, c.c. Eugênia de Freitas, filha de João de Freitas e de Tarcila de Freitas.

Sem filhos

Pn-621 Dalva, nascida a 18 de junho de 1913, solteira.
Pn-622 Talma Jofre, nascido a 26 de junho de 1914, advogado.
Pn-623 Vinícius
Pn-624 Pierina, nascida a 29 de setembro de 1918, c.c. Célio Coutinho da Fonseca.

Sem filhos

Pn-625 Temis, nascido a 29 de setembro de 1921.
Pn-626 Décio, nascido a 24 de setembro de 1920.
Pn-627 Diogo, nascido a 4 de setembro de 1916
Pn-628 Átila, nascido a 29 de fevereiro de 1924.
Pn-629 Noto, nascido a 5 de setembro de 1925.
Pn-630 Ondina, nascida a 14 de março de 1906, c.c. Luís de

Oliveira, filho de Luís de Oliveira e de Maria de Oliveira. Residente em Sete Lagoas.

Pais de:

Sn-180 Maria Isabel
Sn-181 Vinícius
Sn-182 Moema
Sn-183 Marcelo
Sn-184 Luís

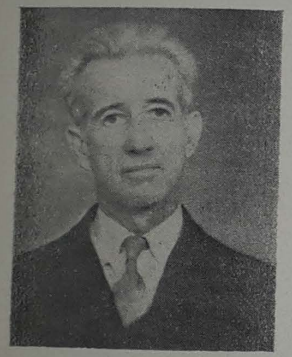
Qn-778 Joana Helena, nascida a 29 de outubro de 1873 e falecida a 25 de junho de 1922, c.c. Manuel Gonçalves Bahia, filho de Cândido Gonçalves dos Reis e de Ana Bahia Alvarenga. Manuel Gonçalves nasceu a 20 de agôsto de 1870 e faleceu a 14 de novembro de 1833.

Pais de:

Pn-631 José, nascido a 6 de abril de 1897, c.c. Arinda Valadares de Vasconcelos.

Filhos já descritos

Pn-632 Dr. Antônio Valadares Bahia, nascido a 8 de junho de 1898, médico da Saúde Pública, ex-Diretor do Instituto Raul



Dr. Antônio Valadares Bahia

Soares de Belo Horizonte, c.c. Rosita Alves Bahia, filha do Cel. Carlos Alves dos Santos e de Maria Diniz Alves.

Pais de:

Sn-185 Alba Stella, normalista.
Sn-186 Ápio Solon, Acadêmico de Medicina.
Sn-187 Aloisio Silvio.
Sn-188 Aulus Sevínius, falecido
Sn-189 Aulus Sevínius.

Pn-633 Maria do Carmo, (Nêne), nascida a 25 de janeiro de 1900, c.c. Cândido Gonçalves dos Reis, farmacêutico, ex-Prefeito de Pitangui, filho de Benvindo Gonçalves dos Reis e de Maria Margarida da Conceição.

Pais de:

Sn-190 Maria, c.c. Gerci de Oliveira Campos, filho de Gabriel de Oliveira Campos e de Rita Lucas de Oliveira.

Pais de:

Hn-2 Suzete
Hn-3 Mariza
Hn-4 Mauro
Hn-5 Orfélia
Hn-6 Humberto
Hn-7 João Batista
Hn-8 Maria Cristina.

Sn-191 Raimundo, c.c. Elsa Valadares Fonseca.

Pais de:

Hn- 9 Marco Antônio
Hn-10 José Raimundo
Hn-11 Rosângela

Sn-192 Múcio, c.c. Teresinha Augusta Ribeiro, filha de Estácio da Silva Ribeiro e de Honorita de Oliveira Campos.

Pais de:

Hn-12 Miriam
Hn-13 Múcio
Hn-14 Maurício

Sn-193 Hebe, c.c. Hélio Valadares Filgueiras.

Pais de:

Hn-15 Vânia

Sn-194 Mary, c.c. Domingos Valadares de Vasconcelos.

Pais de:

Hn-16 Eliana

Sn-195 Jairo, falecido
Sn-196 Vanda, solteira
Sn-197 Cândido
Sn-198 Selma
Sn-199 Suzana
Sn-200 Lêda
Sn-201 Juliano

Pn-634 Maria da Conceição (Peita), Diretora do Grupo Escolar de Papagaio, nascida a 22 de 1900, c.c. José Luciano dos Santos, filho de José Honório dos Santos e de Maria Benvida dos Santos, filho de José Honório dos Santos e de Maria Benvinda dos Reis.

Pais de:

Sn-202 Ângela, normalista
Sn-203 Eloisa, normalista

Sn-204 Rosa Maria, estudante
Sn-205 Luciano
Sn-206 Laís

Pn-635 Homero, nascido a 8 de abril de 1904, c.c. Olga Teixeira Malta, filha de José Teixeira Malta e de Maria Nazaré de Vasconcelos.

Pais de:

Sn-207 Joana
Sn-208 Helena Lúcia
Sn-209 Ronald
Sn-210 Orlando
Sn-211 Tânia Maria
Sn-212 Solange

Pn-636 Milton, nascido a 10 de janeiro de 1906, c.c. Áurea de Freitas Faria.

Pais de:

Sn-213 Maria Auxiliadora

Pn-637 Maria de Lourdes, nascida a 9 de fevereiro de 1908, c.c. Diogo Bahia de Vasconcelos, filho de Júlio Diogo Valadares de Vasconcelos e de Helena Vasconcelos Bahia.

Pais de:

Sn-214 Geraldo
Sn-215 Joana Helena
Sn-216 Vera Maria
Sn-217 Maria Lúcia
Sn-218 Maria Leila
Sn-219 Manuel
Sn-220 José Júlio
Sn-221 Maria de Lourdes
Sn-222 José Enéas, falecido.

Pn-638 Diogo Gabriel, nascido a 4 de janeiro de 1910, solteiro.

Pn-639 Euclides, nascido a 25 de setembro de 1912, c.c. Isabel Valadares de Vasconcelos, filha de Antônio Diogo Valadares de Vasconcelos e de Domitila Valadares Ribeiro.

Pais de:

Sn-223 Domítila
Sn-224 Domício
Sn-225 Breno
Sn-226 Mercedes
Sn-227 Lúcia
Sn-228 Aida
Sn-229 Idálio
Sn-230 Elisabeth

Qn-779 Júlio Diogo Valadares de Vasconcelos, nascido a 11 de maio de 1877, c.c. Helena Bahia de Vasconcelos, filha de Francisca Bahia e de Francisco Gabriel de Castro Vasconcelos. Residente na Fazenda do Junco.

Pais de:

Pn-640 Diogo Valadares de Vasconcelos, nascido a 26 de agôsto de 1902, c.c. Maria de Lourdes Valadares Bahia, filha de Manuel Gonçalves dos Reis e de Joana Helena Valadares de Vasconcelos.

Filhos já descritos

Pn-641 Isabel, falecida em criança.

Pn-642 Enéas, nascido a 20 de março de 1908 c.c. Maria da Conceição Mourão, filha de Antônio Mourão e de Sabina Bahia.

Pais de:

Sn-231 Maria Helena

Qn-780 Antônio Diogo Valadares de Vasconcelos, casado a primeira vez com Maria José Barbosa, nascida a 4 de abril de 1884 e falecida a 10 de dezembro de 1913, filha de Teodoro Barbosa e de Gabriela de Castro Vasconcelos.

Pais de:

Pn-643 Noeme, solteira
Pn-644 Anibal, solteiro
Pn-645 José, c.c. Alice Fonseca

Pais de:

Sn-232 Tânia
Sn-233 Zulma

Pn-646 Antônio Domício, ex-Prefeito de Abaeté. Advogado.
Pn-647 Vinicius, ex-Prefeito de Santa Luzia c.c. Bettie, norte-americana.
Pn-648 Maria José solteira.

Antônio Diogo Valadares de Vasconcelos, casado a segunda vez com Domitila Valadares Ribeiro, filha de Antônia Valadares Ribeiro e do Cel. Domingos Justino Ribeiro.

Pais de:

Pn-649 Domingos, c.c. Mary, filha de Cândido Gonçalves dos Reis e de Maria do Carmo Valadares dos Reis.

Filhos já descritos

Pn-650 Diego, c.c. Inês Nogueira

Pais de:

Sn-234 Márcio
Sn-235 Maria Inês

Pn-651 Idálio, solteiro

Tn-276 Aprígio Gabriel de Castro Vasconcelos, nascido a 11 de abril de 1859 e falecido a 11 de novembro de 1911, c.c. Emília Valadares, nascida a 2 de junho de 1856 e falecida a 17 de janeiro de 1894, filha de Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares e de Domitila Cândida de Oliveira e Silva. (Emília era viúva de José Contagem, filho do Cel. João F. Alves Contagem e de Maria Isabel de Abreu e Silva).

Pais de:

Qn-781 Antônia, nascida a 9 de julho de 1893, falecida, c.c. Al-

fredo Vitório da Silva, filho do Cap. Severino Vitório da Silva e de Maria Vitória da Silva.

Pais de:

Pn-652 Maria José Valadares da Silva, c.c. Dr. Antônio Alves Costa.

Pais de:

Sn-236 Dora
Sn-237 Darwin
Sn-238 Antônio Brasil

Pn-653 Alisson Valadares da Silva, solteiro
Pn-654 Arinos, falecido solteiro
Pn-655 Arinos
Pn-656 Aprígio, falecido

Qn-782 Francisca Valadares de Vasconcelos, c.c. Francisco Pinto Valadares, filho de Francisca Valadares e de José Pinto da Fonseca.

Pais de:

Pn-657 José Valadares de Vasconcelos, viúvo de Aurora Rabelo, filha de João Rabelo e de Isabel Rabelo.

Sem filhos

José Valadares de Vasconcelos, casado a segunda vez com Maria de Lourdes Arruda.

Pn-658 Aprígio Valadares de Vasconcelos, c.c. Maria Valadares de Faria, filha de José de Faria e de Maria Megalli.

Pais de:

Sn-239 Maria Emília
Sn-240 Francisco José
Sn-241 Vera Maria
Sn-242 Zeni Maria
Sn-243 Rita Maria
Sn-244 Maria Amália
Sn-245 José Antônio
Sn-246 Nadir Maria

Pn-659 Geraldo, solteiro
Pn-660 Maria de Lourdes
Pn-661 Domitila, c.c. Pedro Campos, filho de Hipólito de Oliveira Campos e de Ana Fiuza.

Pais de:

Sn-247 Francisco
Sn-248 Ana Maria

Pn-662 José Antônio, solteiro.
Pn-663 Manuel, solteiro.
Pn-664 Maria Emília, solteira.

Qn-783 Francisco Aprígio Valadares de Vasconcelos, c.c. Maria da Conceição Valadares Ribeiro, filha de Cel. Domingos Justino Ribeiro e de Antônia Valadares Ribeiro. Francisco Aprígio nasceu a 2 de dezembro de 1886.

Pais de:

Pn-665 Maria, falecida em criança.

Qn-784 Joana Valadares, nascida a 29 de outubro de 1873, c.c. Antônio Gabriel de Vasconcelos Barbosa, filho de Teodoro Barbosa e de Gabriela de Castro Vasconcelos.

Pais de:

Pn-666 Maria Emília, c.c. João Cecílio de Carvalho, filho de João Cecílio dos Santos e de Clara Carvalho dos Santos.

Pais de:

Sn-249 Têmes
Sn-250 José
Sn-251 Antônio Edson
Sn-252 Paulo
Sn-253 Maria do Carmo
Sn-254 Maria de Lourdes
Sn-255 Maria Auxiliadora
Sn-256 João Batista

Pn-667 Dulce, viúva do Dr. José Maria Alves de Abreu e Silva (Ioiô), filho de Antônio de Abreu e Silva e de Turena Castelo Branco.

Pais de:

Sn-257 Antônio Clever
Sn-258 Sára
Sn-259 Marco Antônio, falecido.

Pn-668 Aprígio Gabriel
Pn-669 Sebastião, falecido
Pn-670 José, falecido
Pn-671 Raimundo, falecido
Pn-672 Maria, falecida.

Qn-785 Luisa Valadares de Vasconcelos, nascida a 25 de agôsto de 1888 e falecida a 24 de julho de 1925, c.c. Crisipo Higino Cordeiro Valadares, filho de Maria Joaquina Cordeiro Valadares e de Higino Cordeiro Valadares.

Pais de:

Pn-673 Maria Joaquina, (Mazica), c.c. José de Faria Barcelos, (Zé Custódio), filho de Custódio Antônio de Faria e de Maria Salomé de Barcelos.

Pais de:

Sn-260 Luisa, c.c. Vicente Lopes de Faria, filho de Euclides de Faria Lopes e de Antônia Lemos.

Pais de:

Hn-17 Maria Ângela

Sn-261 José
Sn-262 Francisco
Sn-263 Custódio
Sn-264 Geraldo.

Pn-674 Aprígio, c.c. Salvina Garcia Chaves, (Doca), filha de José Maria Chaves (Juca Taco) e de Alzira Garcia de Campos Cordeiro.

Pais de:

Sn-265 Luisa

Sn-266 Maria
Sn-267 Alzira
Sn-268 Clèdes
Sn-269 Cléia
Sn-270 Luzia
Sn-271 Sebastião
Sn-272 Edelsa
Sn-273 José Aprígio
Sn-274 Norma

Pn-675 Higino, c.c. Hidalina Garcia Valadares, filha de Rogaciano Garcia Valadares e de Leonor Guimarães Ferreira. Falecido.

Pais de:

Sn-275 Crisipo Higino
Sn-276 Rogaciano
Sn-277 Leonor Luisa.

Pn-676 Geraldo, c.c. Geralda Garcia Cordeiro, filha de Garcia de Campos Cordeiro e de Maria Pereira da Fonseca.

Pais de:

Sn-278 Crisipo
Sn-279 Luisa
Sn-280 Marlene
Sn-281 Susana
Sn-282 Elizabete
Sn-283 Nazareno
Sn-284 Rosmary
Sn-285 João Rogério

Pn-677 Sebastião

Pn-678 Rita, c.c. Cesar de Campos Cordeiro, filho de Gaspar de Campos Cordeiro e de Francisca de Campos Cordeiro.

Pais de:

Sn-286 Crisipo
Sn-287 Luisa
Sn-288 Regina

Pn-679 José, c.c. Nermi Cordeiro Valadares, filha de Leonor Guimarães Ferreira e de Rogaciano Garcia Valadares.

Pais de:

Sn-289 Crisipo
Sn-290 Leonor Luisa
Sn-291 Benedito
Sn-292 Alba Regina

Pn-680 Raimundo
Pn-681 Luís

Qn-786 Maria do Carmo, nascida a 23 de janeiro de 1890, c.c. Alonso Cordeiro Valadares, filho de Joaquim Cordeiro Valadares Neto (Cordeiro das Lages), e de Maria Francelina de Campos Cordeiro. Alonso, nascido a 18 de janeiro de 1883.

Pais de:

Pn-682 Geraldo Valadares de Vasconcelos, c.c. Iolanda de Faria, filha de Leônidas de Faria e de Francisca Caetana. Geraldo e Coletor Estadual em Pompéu.

Pais de:

Sn-293 Carlos Alberto
Sn-294 Maria Raimunda
Sn-295 Alba
Sn-296 Maria José
Sn-297 Eloisa Helena.

Pn-683 Maria do Carmo Valadares de Vasconcelos, c.c. Clemente Gonçalves de Oliveira, filho de Francisco Antônio de Assis e de Rosa de Oliveira.

Sem filhos

Pn-684 Emília, solteira
Pn-685 José
Pn-686 Alonso
Pn-687 Hilda
Pn-688 Dais
Pn-689 Luisa
Pn-690 José Antônio
Pn-691 Alita

Qn-787 Maria das Dores, nascida a 2-6-1893, viúva de José Pinto Valadares, filho de José Pinto da Fonseca e de Francisca Valadares.

Pais de:

Pn-692 Geraldo, c.c. Sônia Mourão de Abreu.

Pais de:

Sn-298 Maria José
Sn-299 Maria Lúcia
Sn-300 Maria Aparecida
Sn-301 Maria Sônia

Pn-693 José
Pn-694 Raimunda
Pn-695 Sebastião
Pn-696 Aprígio
Pn-697 Maria de Lourdes
Pn-698 Rita Maria
Pn-699 Rubens
Pn-700 Antônia
Pn-701 Mauro

Qn-788 José Aprígio, nascido a 2 de outubro de 1894, c.c. Maria Alvarenga, filha de Dorotóvio Alvarenga e de Maria Lina.

Pais de:

Pn-702 Jose
Pn-703 Maria de Lourdes
Pn-704 Talma
Pn-705 Aprígio
Pn-706 Dorotóvio

Pn-707 Geraldo
Pn-708 Maria Luisa
Pn-709 Maria Catarina
Pn-710 Maria Odete
Pn-711 William

Qn-789 Emília, falecida solteira

790 Isabel, falecida solteira.

Tn-277 Dr. Ulisses Gabriel de Castro Vasconcelos. Médico, c.c. Orminda Guimarães, filha do Dr. Júlio Cesar Teixeira Guimarães e de Lizaura Guimarães.

Pais de:

Qn-791 Gabriela, c.c. Dr. Bernardo Alves Costa, médico, residente em Sete Lagoas.

Pais de:

Pn-712 Márcio, c.c. Elza Alves
Pn-713 Múcio
Pn-714 Marta, c.c. Dr. Genèsio Cairo, engenheiro.

Pais de:

Sn-302 Júnia Maria

Qn-792 Dr. Agripa, Membro da Academia Mineira de Letras e do

Dr. Agripa de Vasconcelos

Instituto Histórico de Ouro Prêto. Médico, c.c. D. Henriqueta Tolentino. Residente em Belo Horizonte. O Dr. Agripa é consagrado poeta e jornalista.

Pais de:

Pn-715 Marco Antônio
Pn-716 Mara
Pn-717 Ofir Maria
Pn-718 Belkiss
Pn-719 Leonato Agripa

Qn-793 Eugênia, falecida, c.c. Dr. Eurípedes Jaci Monteiro, falecido.

Pais de:

Pn-720 Eurídice, falecida
Pn-721 Edgar Jaci

Qn-794 Júlia, c.c. Dr. Arísio Silva, médico.

Pais de:

Pn-722 June, c.c. Dr. João Carvalho, médico, falecido.

Pais de:

Sn-303 Arísio
Sn-304 Tais
Sn-305 Fernanda

Pn-723 Jane, solteira
Pn-724 Mary, c.c. Dr. Leo Cabral Menezes.

Pais de:

Sn-306 Cláudia Regina
Sn-307 Francisco José

Pn-725 Maria Eugênia, c.c. Dr. José Afonso Zugliani, médico.
Pn-726 Giovana, solteiro
Pn-727 Marcus

Qn-795 Nívea, falecida solteira.

Qn-796 Joana Helena, c.c. Dr. Mário Monteiro, advodago, no Rio de Janeiro.

Qn-797 Ulisses Gabriel, solteiro, residente em Belo Horizonte.

Qn-798 Dr. Aulus, médico, c.c. Maria Claudina Alves, residente em Belo Horizonte.

Qn-799 Júlio Cesar, c.c. Ilma Machado, residente no Rio de Janeiro.

Qn-800 Eunice, solteira.

Qn-801 Gabriel Ulisses, c.c. Maria Marinho Costa, residente em Belo Horizonte.

Pais de:

Pn-728 Francisco Gabriel
Pn-729 Antônio Ulisses
Pn-730 Maria Orminda
Pn-731 Maria Helena
Pn-732 Júlio Cesar

Tn-278 Francisco Gabriel de Castro Vasconcelos (Chicuruta), nascido a 26 de maio de 1856 e falecido a 25 de maio de 1907, c.c. Francisca Bahia da Rocha.

Pais de:

Qn-802 Felipe Bahia de Vasconcelos, residente na Fazenda da

Taquara, casado a primeira vez com sua prima Maria de Castro Abreu, filha de Cristina da Cunha Sá e Castro e de Feliciano de Abreu e Silva.

Pais de:

Pn-733 Francisco

Pn-734 Maria

Felipe Bahia de Vasconcelos, casado a segunda vez com Maria de Castro Bahia, filha de Francisco Tibúrcio Bahia e de Maria Madalena de Castro.

Pais de:

Pn-735 Helena

Pn-736 Elza, c.c. Corinto Capanema

Pn-737 Daura

Pn-738 Maria das Dores.

Felipe Bahia de Vasconcelos, casado a terceira vez com Julièta de Castro Duarte, filha de Felipe de Castro Duarte e de Maria Bahia Duarte.

Pais de:

Pn-739 Delba

Pn-740 Eugênia Maria

Pn-741 José Ulisses

Pn-742 Paulo Antônio

Pn-743 Neusa

Pn-744 José Américo

Pn-745 Henrique Otávio

Pn-746 José Júlio

Pn-747 Maria Sílvia

Qn-803 José Bahia de Vasconcelos, c.c. Maria Isabel Vasconcelos Valadares, filha de Bernardo Diogo Valadares de Vasconcelos e de Zoraida Viana Guimarães.

Filhos já descritos

Qn-804 Ulisses Bahia de Vasconcelos, c.c. Odete Simões, filha de Randolfo Gonçalves Simões e de Lizaura França.

Qn-805 Helena, c.c. Júlio Diogo Valadares de Vasconcelos.

Pais de:

Pn-748 Santuza

Pn-749 Norma, c.c. Dr. Jorge Ferreira

Filhos já descritos

Qn-806 Sílvia, c.c. Antônio Gonzaga de Carvalho, filho de Lourival Teixeira de Carvalho e de Maria de Carvalho.

Pais de:

Pn-750 Marco Antônio

Pn-751 Sílvio Tulio

Pn-752 Carlos Maurício

Qn-807 Antônia, c.c. Renato Filgueiras, filho de Antônio Alves Filgueiras e de Maria Carolina Bahia.

Pais de:

Pn-753 Eula

Pn-754 Hélio

Pn-755 Ione

Pn-756 Mara

Pn-757 Geraldo

Pn-758 Antônio

Qn-808 Rita, c.c. Levy Mourão, filho de Antônio Mourão e de Sabina Bahia.

Pais de:

Pn-759 Herbert

Pn-760 Hebe

Qn-809 Maria do Carmo, c.c. Leonardo Lopes Cançado, (Nadinho), falecido.

Pais de:

Pn-761 Ataliba

Pn-762 Francisco Gabriel

Pn-763 José Afonso

Pn-764 Maria Eugênia

Pn-765 Maria Lúcia

Tn-279 Cornélio Gabriel de Castro Vasconcelos, falecido solteiro.

Tn-280 Bernardo Gabriel de Castro Vasconcelos, solteiro.

Tn-281 Elisa Gabriela, nascida a 5 de maio de 1852 e falecida a 13 de fevereiro de 1931, c.c. Luís Álvares da Silva Campos, filho do Dr. Francisco Álvares da Silva Campos (Dr. Cucuta) e de Aurora Carolina Álvares da Silva.

Pais de:

Qn-810 Francisco Gabriel de Castro Campos, Coletor Estadual em Pitangui, c.c. Judite de Abreu (Saju), filha de Antônio de Abreu e Silva e de Turena Castelo Branco.

Pais de:

Pn-766 Gabriel Luís, falecido

Pn-767 Edite Elisa

Qn-811 Antônio Álvares de Castro Campos, c.c. Aurora Álvares da Silva.

Pais de:

Pn-768 Antônio

Pn-769 José

Pn-770 Eloi

Pn-771 Maria

Pn-772 Luís Gonzaga

Pn-773 Almir

Qn-812 Antônia Elisa, falecida, foi casada com Francisco Augusto de Castro Vasconcelos.

Pais de:

Pn-774 Maria José (Nelita), c.c. Esperidião Cecim, residente em Pitangui.

Pn-775 Emília, professôra em Maravilha.

Pn-776 Silas, fazendeiro, c.c. Maria Ricardina de Vasconcelos, filha de Cornélio de Vasconcelos e de .....

Pn-777 Wilson, residente em Pitangui, solteiro.

Qn-813 Joana Helena de Castro Campos, solteira, professôra em Pitangui.

Qn-814 Ana Elisa, solteira, residente em Pitangui onde é professôra da Escola Normal.

Qn-815 Maria Luisa, solteira, residente em Pitangui.

Tn-282 Paulina Gabriela, falecida, foi casada com Vicente de S. Barbosa, filho de Bento Barbosa e de Isabel de Castro. Residente em Jaguaruna.

Pais de:

Qn-816 Aquiles Barbosa, c.c. Djanira Barbosa.

Pais de:

Pn-778 Vicente
Pn-779 Zacarias
Pn-780 Maria Isabel
Pn-781 Elvira
Pn-782 Henrique
Pn-783 Léo
Pn-784 Alina

Qn-817 Francisco de Castro Barbosa, falecido.

Qn-818 Anibal

Qn-819 Mário, falecido.

Tn-283 Gabriela Francisca, c.c. Teodoro Barbosa, irmão do Monsenhor Fernando Barbosa, de Jaguaruna.

Pais de:

Qn-820 Francisco Gabriel de Castro Barbosa (Tibiê), residente em Jaguaruna, c.c. Júlia Barbosa, filha de João Laércio Barbosa e de .. .. ..

Vasconcelos Costa

Sn-315 Regina Helena
Sn-316 Maria Helena

Qn-825 Maria do Carmo, residente em Sete Lagoas, c.c. Adralino Padrão, filho de Manuel Antônio da Silva Padrão e de Laura Moreira de Carvalho.

Pais de:

Pn-801 Dr. José de Vasconcelos Padrão, advogado, c.c. Maria Carmen Dutra, filha de Leonídio Dutra e de Adelina Pereira.

Pais de:

Sn-317 Roberto
Sn-318 Leonardo

Pn-802 Afrânio, c.c. .. ..

Pais de:

Sn-319 José Sérgio

Pn-803 Marina, c.c. Hélio de Abreu Paiva, cirurgião dentista, filho de José Duarte Paiva e de Amélia de Abreu.
Pn-804 Fábio
Pn-805 Bolivar
Pn-806 Murilo

Pn-807 Miryam
Pn-808 Fausto

Elvira Gabriela, casada a segunda vez com Emílio Augusto de Castro Vasconcelos.

Pais de:

Qn-826 Jarbas
Qn-827 Lígia
Qn-828 Lourdes, c.c. Dr. Alberto Teixeira Pais, Professor da Escola de Farmácia na Universidade de Minas Gerais.

Pais de:

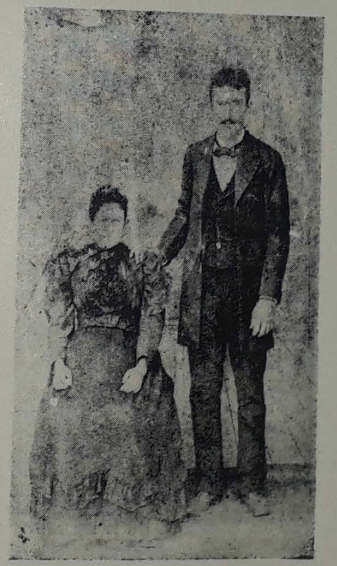
Pn-809 Emílio
Pn-810 Cibele
Pn-811 Circea
Pn-812 Alberto

Tn-285 Luisa (Quita), falecida solteira.

Bn-76 Felipe Joaquim da Cunha Sá e Castro, c.c. Amélia Cristina Capanema, filha de Miguel Xavier Capanema e de Maria Madalena Ferreira Guimarães, de Pará de Minas.

Pais de:

Tn-286 Miguel de Castro Capanema, c.c. Sabina de Castro, filha de



Sabina e Miguel Capanema

Custódia Francisca de Jesus e de Joaquim da Cunha Sá e Castro.

Pais de:

Qn-829 Sebastião de Castro Capanema, c.c. Geni Alves Capanema, filha de Antônio Estevam Alves e de Jonila Rosa Duarte.

Pais de:

Pn-813 Maria, c.c. Amantino Alves França, de Sete Lagoas.
Pn-814 Julièta
Pn-815 Noraldina
Pn-816 Luisa
Pn-817 Aurea
Pn-818 Antônio
Pn-819 Zilda
Pn-820 Getúlio
Pn-821 José Tarciso

Qn-830 Antônio José, c.c. Rosalina Castro e Silva, filha de Luis Duarte e Silva e de Maria de Castro.

Pais de:

Pn-822 Antônio José

Qn-831 José Antônio, c.c. Amélia de Castro Bahia, filha de Francisco Tibúrcio Bahia da Rocha e de Maria Madalena de Castro Bahia.

Pais de:

Pn-823 Romualdo Miguel
Pn-824 Maria Madalena

Qn-832 Felipe, solteiro

Qn-883 Joaquim de Castro Capanema, c.c. Maria Raimunda de Castro, filha de Joaquim da Cunha Sá e Castro e de Rita Bahia Duarte.

Pais de:

Pn-825 Adelaide

Qn-834 Geraldo, solteiro.

Qn-835 Maria José, c.c. José Cristino Duarte, falecido, filho de Osório Duarte e de Joana Luisa de Souza, residente em Maravilha.

Pais de:

Pn-826 Ciro
Pn-827 José
Pn-828 Horácio
Pn-829 João
Pn-830 Maria de Lourdes
Pn-831 Joana
Pn-832 Sabina
Pn-833 Natalicio

Qn-836 Maria do Carmo, c.c. José Antônio da Silva, filho de Onésimo José da Silva e de Maria Duarte da Silva, de Maravilha.

Pais de:

Pn-834 Miguel
Pn-835 Onésimo

Pn-836 José
Pn-837 Euclides
Pn-838 Aimoré
Pn-839 João
Pn-840 Maria
Pn-841 Margarida

Qn-837 Amélia, falecida, c.c. José de Castro Matoso, filho de Francisco Matoso e de Eulina Chaves.

Pais de:

Pn-842 Eusébio
Pn-843 Maria da Conceição.

Tn-287 Felipe de Castro Capanema, falecido, foi casado com Sebastiana Leopoldina de Freitas, filha de Vitalino Martins da Silva e de Maria Leopoldina Freitas.

Sem filhos

Felipe de Castro Capanema, casado a segunda vez com Maria Verônica Maciel, filha de Belmiro Augusto Maciel e de Policena Igídia.

Pais de:

Qn-838 Maria da Conceição

Tn-288 Antônia, c.c. Joaquim Cândido Lacerda Bahia, filho de Francisco Tibúrcio Bahia e de Custódia Cândida Lacerda.

Pais de:

Qn-839 José
Qn-840 Geraldo
Qn-841 Francisco
Qn-842 Felipe
Qn-843 Vicente
Qn-844 Antônio, falecido
Qn-845 José, falecido
Qn-846 Josafá, falecido
Qn-847 Maria
Qn-848 Raimunda
Qn-849 Amélia

Tn-289 José, c.c. Leopoldina Ernesta da Silva, filha de Onésimo José da Silva e de Maria Duarte e Silva, de Maravilha.

Pais de:

Qn-850 Iolanda, c.c. Francisco de Oliveira Campos.

Pais de:

Pn-844 Maria
Pn-845 Cristina
Pn-846 Amélia
Pn-847 Maria Natividade
Pn-848 Leopoldina
Pn-849 Luzia
Pn-850 Lívia
Pn-851 Davi
Pn-852 Antônio
Pn-853 Francisco
Pn-854 José Arsênio, falecido
Pn-855 Lavínia.

Tn-290 Maria Madalena, c.c. Francisco Tibúrcio Bahia da Rocha, falecido.

Pais de:

Qn-851 Luis de Castro Bahia, c.c. Maria Amélia Tavares, filha de Miguel Tavares Moreira e de Joana de Castro Capanema.

Pais de:

Pn-856 Glâdston
Pn-857 Walter
Pn-858 Luis Gonzaga
Pn-859 Francisco Tibúrcio
Pn-860 Miguel
Pn-861 José, falecido
Pn-862 Francisco, falecido
Pn-863 Maria Eugênia
Pn-864 Maria da Glória
Pn-865 Dirce Antônia
Pn-866 Joana Helena
Pn-867 Zélia

Qn-852 Francisco, c.c. Maria das Dores Gonçalves, falecida, filha de José Aniceto Gonçalves Pereira e de Belchiorina Maciel.

Pais de:

Pn-868 Maria das Dores

Qn-853 Felipe de Castro Bahia, c.c. Olívia Bahia Duarte, filha de Jacinto Bahia Duarte e de Agripina Duarte e Silva.

Pais de:

Pn-869 Maria das Dores
Pn-870 Olinda
Pn-871 Edite
Pn-872 Isis
Pn-873 José
Pn-874 Francisco

Qn-854 José, solteiro
Qn-855 Alberto, solteiro
Qn-856 Francisco de Paula, c.c. Raimunda de Castro, filha de Antônio de Castro Capanema e de Joaquina Cândida Lacerda.
Qn-857 Antônio Fernando, c.c. Dagmar Teixeira França.

Sem filhos

Qn-858 José, falecido
Qn-859 Rosina, solteira
Qn-860 Maria, c.c. Felipe Bahia de Vasconcelos
Qn-861 Amélia, c.c. José Antônio Capanema, filho de Miguel de Castro Capanema e de Sabina de Castro.

Filhos já descritos

Qn-862 Cândida, c.c. Alaôr Castelo Branco, filho de Estanislau Castelo Branco e de Belchiorina Alves de Morais.

Sem filhos

Qn-863 Áurea, solteira.

Tn-291 Joana Amélia de Castro Tavares, c.c. Miguel Tavares de Moreira, filho de Antônio Tavares da Silva Moreira e de Francisca de Souza Mateus.

Pais de:

Qn-864 Maria Amelia Tavares de Castro, c.c. Luis de Castro Bahia, filho de Maria Madalena de Castro Bahia e de Francisco Tibúrcio Bahia da Rocha.

Filhos já descritos

Qn-865 Amélia, c.c. Antônio Leite, filho de Silvino Pereira Leite e de Amélia Pereira.

Pais de:

Pn-875 Alda
Pn-876 Emerita
Pn-877 Maria
Pn-878 Eulina
Pn-879 Margarida
Pn-880 Espedito
Pn-881 Ione Helena

Qn-866 Judite, c.c. João Alves Pontes, filho de João Alves Pontes e de Maria Augusta Alves Costa.

Sem filhos

Qn-867 José Maria de Castro Tavares, c.c. Maria Helena de Castro, residente em Santos, São Paulo.

Pais de:

Pn-882 Sílvio

Qn-868 Francisco, c.c. Margarida Mendes Maciel filha de Francisco Mendes e de Angélica Dias Maciel, residente em Pequi.

Pais de:

Pn-883 Rômulo
Pn-884 Nazarena
Pn-885 Lúcio
Pn-886 Ivone
Pn-887 Isabel, falecida.

Qn-869 Geraldo Tavares de Castro, c.c. Iêda Bahia, filha de José Reis e de Elisa Gonçalves.

Pais de:

Pn-888 Valdez
Pn-889 Vander
Pn-890 Joana
Pn-891 Elisa
Pn-892 Marconi
Pn-893 Marcos

Qn-870 Vicente, c.c. Amelia Dias Maciel, filha de Félix Dias Maciel e de Francisca Ferreira da Silva.

Pais de:

Pn-894 Maria da Piedade

Qn-871 Espedito, solteiro.
Qn-872 Felipe, solteiro

Qn-873 Dario, c.c. Amélia, filha de José Duarte Maciel e de Adelaide Ferreira da Fonseca.

Sem filhos

Tn-892 Francisca de Assis Capanema, solteira.
Tn-293 Amélia de Castro Capanema, c.c. Manuel Inácio de Faria, filho de Manoel Inácio de Faria e de Diana de Faria.
Tn-294 Maria José, c.c. Francisco Bahia Duarte, filho de Jacinto Bahia Duarte e de Gabriela Lacerda Bahia.

Pais de:

Qn-874 Geraldo, c.c. Maria Dias Maciel, filha de Félix Dias Maciel e de Francisca Ferreira da Silva.

Pais de:

Pn-895 José Jakson
Pn-896 Silvio

Qn-875 Maria da Conceição, irmã de caridade, residente em Uberaba.
Qn-876 Amélia, c.c. Francisco de Castro Matoso, filho de Francisco Matoso e de Francisca Eulina Chaves.

Pais de:

Pn-897 Olavo
Pn-898 Anísio
Pn-899 Arlindo

Qn-877 Francisco (Chico Burica), c.c. Conceição Teixeira, filha de José Maria Teixeira e de Luisa Moreira da Silva.

Pais de:

Pn-900 José Maria
Pn-901 Francisco Márcio
Pn-902 Edir

Qn-878 Gabriela, solteira
Qn-879 Vicentina, c.c. José de Castro Matoso, filho de Francisco Matoso e de Francisca Eulina Chaves.

Sem filhos

Qn-880 José, solteiro
Qn-881 Luisa, solteira
Qn-882 Felipe, solteiro
Qn-883 Teresinha, solteira
Qn-884 Cristina, c.c. Leopoldo Gonçalves Bahia, filho de Cândido Gonçalves dos Reis e de Ana Bahia.

Pais de:

Pn-903 Claudionor, c.c. Nazária Alves Bahia.

Pais de:

Sn-320 Davi
Sn-321 Claudionor
Sn-322 Cristina
Sn-323 Mauro
Sn-324 Leopoldo
Sn-325 Nazária

Pn-904 Luís

Pn-905 Nanci Geralda
Pn-906 Altiva

Bn-77 Joaquim da Cunha Sá e Castro, c.c. Custódia Francisca de Jesus.

Pais de:

Tn-295 Francisca de Castro, c.c. Felipe Duarte e Silva, filho de José Duarte e Silva e de Balbina Bahia.

Pais de:

Qn-885 Joaquim, c.c. Ana Cerqueira Lima, filha de Antônio Cerqueira Lima e de Maria Júlia Cerqueira (portugueses).

Pais de:

Pn-907 José Lima Duarte
Pn-908 Maria, falecida.

Qn-886 Felipe, c.c. Maria José Bahia, filha de Jacinto Duarte e Silva e de Gabriela Lacerda Bahia.

Pais de:

Pn-909 José de Castro Bahia Duarte, c.c. Joana Duarte Silva, filha de Onésimo José da Silva e de Maria Duarte e Silva.

Pais de:

Sn-326 Enéas
Sn-327 Hugo
Sn-328 Ulisses
Sn-329 Maria
Sn-330 Nivalda
Sn-331 Sílvio
Sn-332 Marieta
Sn-333 Eunice
Sn-334 Márcia

Pn-910 Julieta Bahia Duarte, c.c. Felipe Bahia de Vasconcelos, filho de Francisco Gabriel de Vasconcelos (Chicuruta) e de Francisca Bahia da Rocha.

Filhos já descritos

Pn-911 Geraldo, c.c. Maria Duarte Lima, filha de Pedro Duarte e de Maria Cerqueira Lima.

Pais de:

Sn-335 Fábio
Sn-336 Úrsula
Sn-337 Berta, falecida
Sn-338 Berta
Sn-339 Márcia

Pn-912 Maria
Pn-913 Vicente, falecido
Pn-914 Dr. Felipe, médico
Pn-915 Francisco
Pn-916 Eduardo
Pn-917 Nelson
Pn-918 Gerson
Pn-919 Celso
Pn-920 Raimundo
Pn-921 Alice

Pn-922 Marta
Pn-923 Cândido
Pn-924 Jacinto
Pn-925 Luis

Qn-887 Bernardino Duarte de Castro, c.c. Ernestina Duarte de Castro, filha de Luis Duarte e Silva e de Maria de Castro.

Pais de:
Pn-926 Maria
Pn-927 Felipe
Pn-928 Azejúlia, falecida.
Pn-929 Luisa Ernestina, c.c. Antônio da Fonseca Chaves, filho de Laurindo Pinto da Fonseca e de Maria Chaves.

Pais de:
Sn-340 Ernestina
Sn-341 Elza
Sn-342 Enéas
Sn-343 Zilá
Sn-344 Délbio
Pn-930 Alzimira
Pn-931 Genésio
Pn-932 Azejúlia
Pn-933 Otávio
Pn-934 Lauro, falecido
Pn-935 Mara, falecida
Pn-936 Jafé, falecido.

Qn-888 Edgard Duarte de Castro
Qn-889 José
Qn-890 Altivo, c.c. Altina de Castro Machado, filha de Amélia da Cunha e Castro e de João Luís Machado.
Ver adiante os filhos de Altina
Qn-891 Francisco de Castro Duarte, c.c. Maria Matoso de Castro, filha de Francisco Matoso de Castro e de Francisca Eulina Chaves.

Pais de:
Pn-937 Nestor
Pn-938 Hilário
Pn-939 Zita, c.c. José Maria de Sá e Castro, filho de Joaquim da Cunha Sá e Castro e de Rita Maria Duarte.

Pais de:
Sn-345 Maria
Sn-346 Marta
Sn-347 Emília
Sn-348 Eunio
Sn-349 Mário
Sn-350 Ana
Sn-351 Helena
Sn-352 Isabel
Sn-353 Matilde
Sn-354 Cecília

Qn-892 Clotilde, falecida
Qn-893 Bernardo, falecido
Qn-894 Antônio, falecido
Qn-895 Luisa, falecida.

Tn-296 Francisca Maria de Castro, c.c. Luís Duarte e Silva, filho de José Duarte e Silva e de Balbina Bahia.

Pais de:
Qn-896 Ernestina, c.c. Bernardino, filho de Francisca de Castro e de Felipe Duarte e Silva.
Filhos já descritos
Qn-897 Maria José, c.c. Antônio Gonçalves dos Reis, filho de Cândido Gonçalves dos Reis e de Ana Rosa Rodrigues.

Pais de:
Pn-940 Lidia
Pn-941 Cirilo
Qn-898 Luisa
Qn-899 Inês
Qn-900 Leonor
Qn-901 José Luís, c.c. Maria Helena de Castro.

Pais de:
Pn-942 Maria Marta
Pn-943 Francisco
Qn-902 Francisca, c.c. José de Sá e Castro, filho de Rita Bahia e de Joaquim da Cunha e Castro.

Pais de:
Pn-944 Joaquim
Pn-945 Maria
Pn-946 José
Pn-947 Luzia
Pn-948 Lucas
Pn-949 Rita
Qn-903 Rosalina, c.c. Antônio José de Castro Capanema, filho de Miguel de Castro Capanema e de Sabina de Castro.
Filhos já descritos
Qn-904 Francisco Luís de Castro, c.c. Ana de Carvalho Lage, filha de Antônio de Carvalho Lage e de Maria Capanema.

Pais de:
Pn-950 José, falecido
Pn-951 Francisco, falecido
Pn-952 Mário

Tn-297 Joaquim da Cunha Sá e Castro, c.c. Rita Bahia Duarte, filha de Jacinto Bahia Duarte e de Gabriela Lacerda Bahia.

Pais de:
Qn-905 José Raimundo, falecido.
Qn-906 Maria da Conceição, c.c. Cristóvão Duarte e Silva, filho de Pedro Duarte e Silva e de Joana Duarte de Rezende.

Pais de:
Pn-953 Helvécio, falecido

Pn-954 José, falecido
Pn-955 Pedro
Pn-956 Adelaide
Pn-957 Maria Teresinha
Pn-958 Aida
Pn-959 Lusia
Pn-960 Olandino
Pn-961 Joaquim
Pn-962 Antônio Lúcio
Pn-963 Júnia, falecida
Pn-964 José

Qn-907 José de Sá e Castro, c.c. Francisca de Sá e Castro, filha de Luís Duarte e Silva e de Maria de Castro.

Filhos já descritos

Qn-908 Maria José de Castro Bahia, viúva de José Duarte e Silva, filho de Pedro Duarte e Silva e de Joana Duarte de Rezende.

Pais de:

Pn-965 Maria
Pn-966 Alice
Pn-967 Ceci
Pn-968 Judite
Pn-969 José Silvério
Pn-970 Geraldo
Pn-971 Raimundo
Pn-972 Edson
Pn-973 Joaquim
Pn-974 Gabriel

Qn-909 Maria Augusta de Castro Bahia, falecida solteira.

Qn-910 José Maria, c.c. Zita de Castro Duarte, filha de Francisco de Castro Duarte e de Maria Matoso de Castro.

Filhos já descritos

Qn-911 Maria Cândida
Qn-912 Maria de Lourdes
Qn-913 Maria Stella
Qn-914 Maria Amélia

Qn-915 Maria Almira, c.c. José Duarte Lima Primo, filho de Pedro Duarte e Silva e de Cristina Cerqueira Lima.

Pais de:

Pn-975 Raimundo Nonato
Pn-976 Berenice
Pn-977 José Antônio
Pn-978 Juarez.

Qn-916 José Geraldo, falecido

Qn-917 Maria Raimunda, c.c. Joaquim de Castro Capanema, filho de Miguel de Castro Capanema e de Sabina de Castro.

Sem filhos

Qn-918 José Geraldo
Qn-919 José Antônio, falecido.

Tn-298 Juvelina de Castro, agente dos correios em Maravilha, c.c. Joaquim Vicente de Almeida, filho de João Antônio de Almeida e de Maria Carolina Ribeiro.

Sem filhos

Tn-299 Cristina de Castro Abreu, residente em Pará de Minas, c.c. Feliciano de Abreu e Silva, nascido a 26 de julho de 1862 e falecido

Cristina, Maria e Juvelina de Castro Duarte

em 12 de setembro de 1936, filho de Antônio de Abreu e Silva e de Jesuina Cândida de Oliveira Abreu.

Pais de:

Qn-920 Dr. Álvaro, Fiscal do Ginásio de Pará de Minas, c.c. Ninice Marinho.

Pais de:

Pn-979 Álvaro
Pn-980 Luís

Qn-921 Maria José, falecida, c.c. José Ferreira de Oliveira (Zico), filho de José Antônio Ferreira Júnior e de Aurora de Oliveira.

Pais de:

Pn-981 Maria
Pn-982 José

Qn-922 Maria Augusta (Zica), c.c. Dr. Orestes de Queirós.
Qn-923 Marta, c.c. Dr. Geraldo Portes, natural de Juiz de Fora, Médico em Belo Horizonte.

Pais de:
Pn-983 Júlia Cristina
Pn-984 Geraldo
Pn-985 Marta Maria

Qn-924 Alice, c.c. Dr. Murilo Sales, filho do Desembargador Dr. Pedro Nestor de Sales Silva e de ....
Sem filhos

Qn-925 Silvia, falecida solteira
Qn-926 Maria Cândida, c.c. Raimundo Leite Praca, filho de João Leite Praça, e de Amélia de Freitas Mourão.

Pais de:
Pn-986 Maria do Carmo
Pn-987 Dulce
Pn-988 Luis
Pn-989 Feliciano
Pn-990 Murilo
Pn-991 Geraldo
Pn-992 Amélia
Pn-993 João
Pn-994 Cristina

Qn-927 Maria do Carmo, falecida, foi casada com Felipe Bahia de Vasconcelos, filho de Francisco Gabriel de Castro Vasconcelos e de Francisca Bahia da Rocha.
Filhos já descritos

Qn-928 José, c.c. Hilda Vilaça.

Pais de:
Pn-995 Maria Hilda
Pn-996 Maria da Conceição
Pn-997 Olavo
Pn-998 José Feliciano
Pn-999 Marcos
Pn-1.000 Maria Auxiliadora
Pn-1.001 Maria Virginia

Qn-929 Francisco, c.c. Senhorinha Martins Lage.

Pais de:
Pn-1.002 Maria Elisa
Pn-1.003 Cristina, falecida
Pn-1.004 Cristina
Pn-1.005 Lúcia
Pn-1.006 João Bosco
Pn-1.007 Otávio
Pn-1.008 Osvaldo

Qn-930 Juvenal, c.c. Maria de Oliveira Leite, filha de Alfredo Leite Praça e de Maria Ferreira de Oliveira.

Pais de:
Pn-1.009 Maria Ângela

Pn-1.010 Paulo
Pn-1.011 Tarciso
Pn-1.012 Otávio
Pn-1.013 Maria
Pn-1.014 Marta, falecida
Pn-1.015 Pedro

Qn-931 Antônio, c.c. Vera, filha de Silvino Antônio da Silva e de Maria Luisa Leite.

Pais de:
Pn-1.016 Maria Antonieta
Pn-1.017 Sílvia
Pn-1.018 Antônio
Pn-1.019 Amélia, falecida
Pn-1.020 Feliciano
Pn-1.021 Maria Luisa
Pn-1.022 Silvino Carlos.

Qn-932 Enéas, c.c. Maria Campos de Almeida, filha de Jafé de Almeida e de Maria de Oliveira Campos.

Pais de:
Pn-1.023 José, falecido
Pn-1.024 Maria

Qn-933 Otávio, c.c. Maria Capanema, filha de Gustavo Capanema e de Marcelina Lage.

Qn-932 Enéas, c.c. Maria Campos de Almeida, filha de José de Almeida e de Maria de Oliveira Campos.
Sem filhos

Tn-300 Sabina, c.c. Miguel de Castro Capanema, filho de Felipe Joaquim da Cunha e Castro e de Amélia Cristina Capanema.
Filhos já descritos

Bn-78 Gustavo da Cunha e Castro, c.c. Edwiges da Costa Matoso, irmã de Custódia Matoso.

Pais de:
Tn-301 Januária, c.c. Herculano Duarte, filho de José Duarte e de Balbina Bahia.

Pais de:
Qn-934 Augusto
Qn-935 José
Qn-936 Maria
Qn-937 Honorina, c.c. Rômulo Nascimento Pereira.

Pais de:
Pn-1.025 Geralda, professôra em Oliveira-Minas.

Qn-938 Laurinda (Sinhá), c.c. Francisco Duarte de Castro (Chico Branco).

Qn-939 Maria, c.c. Pedro Ivo Morato.

Pais de:
Pn-1.026 José, professor
Pn-1.027 Eugênio, c.c. Iris Castelo Branco, Diretora do Gru-

po Escolar Flávio dos Santos, filha de Estanislau Castelo Branco (Telau) e de Maria José Alves de Morais.

Pais de:

Sn-355 Euris
Sn-356 Genires
Sn-357 Eugênio

Pn-1.028 Maria de Lourdes
Pn-1.029 Vicente

Tn-302 Bernarda, c.c. Luís Duarte e Silva, filho de José Duarte e de Balbina Bahia.

Pais de:

Qn-940 Antônio Duarte de Castro, c.c. Cristina Duarte e Silva, filha de Pedro Duarte e de Joana Duarte de Rezende.

Pais de:

Pn-1.030 José Irineu
Pn-1.031 Maria
Pn-1.032 Judite
Pn-1.033 Pedro
Pn-1.034 Eugênio
Pn-1.035 Antônio
Pn-1.036 Geraldo
Pn-1.037 Vicente
Pn-1.038 Maria da Conceição
Pn-1.039 Luisa, falecida.

Qn-941 Damaso, c.c. Maria Lopes Maciel, filha de Olímpio Maciel e de Maria Lopes Cançado.

Pais de:

Pn-1.040 Cristiano
Pn-1.041 José
Pn-1.042 Luís
Pn-1.043 Vicente
Pn-1.044 Rubens
Pn-1.045 Silvério
Pn-1.046 Maria Madalena
Pn-1.047 Blandina

Qn-942 Francisco, falecido, c.c. Laurinda de Castro Duarte, filha de Januária de Castro Duarte e de Herculano Duarte.

Pais de:

Pn-1.048 Maria, falecida
Pn-1.049 Geraldo, falecido
Pn-1.050 Lurinda, falecida
Pn-1.051 Antônia, falecida
Pn-1.052 Luisa
Pn1.053 José, falecido
Pn-1.054 Deusdedit
Pn-1.055 Maria de Lourdes

Qn-943 Maria, c.c. José Bahia Duarte, filho de Jacinto Bahia Duarte e de Gabriela Lacerda Bahia.

Sem filhos

Tn-303 Francisco de Castro Matoso, c.c. Francisca Eulina Chaves.

Pais de:

Qn-944 Maria Matoso de Castro, c.c. Francisco de Castro Duarte, filho de Felipe Duarte e Silva e de Francisca de Castro.

Filhos já descritos

Qn-945 Francisca de Castro Chaves, c.c. Agenor Duarte e Silva, filho de Pedro Duarte e Silva e de Joana Duarte Rezende.

Pais de:

Pn-1.05b Celino
Pn-1.057 Adralino
Pn-1.058 José
Pn-1.059 Pedro, falecido
Pn-1.060 Márclo
Pn-1.061 Maria, falecida
Pn-1.062 Dulce
Pn-1.063 Lenita
Pn-1.064 Joana
Pn-1.065 Eunice

Qn-946 Zulmira, c.c. João Duarte Lima, filho de Pedro Duarte e de Cristina Cerqueira Lima.

Pais de:

Pn-1.066 José
Pn-1.067 Maria
Pn-1.068 Zélia, falecida.

Qn-947 José de Castro Matoso, c.c. Amélia Cândida de Castro Capanema, falecida.

Filhos já descritos

José Castro Matoso, casado a segunda vez com Vicentina de Castro Bahia.

Sem filhos

Qn-948 Francisco de Castro Matoso, c.c. Amélia de Lourdes Bahia.

Pais de:

Pn-1.069 Olavo
Pn-1.070 Anísio
Pn-1.071 Arlindo

Tn-304 Maria Augusta de Castro, c.c. Frederico Nunes de Carvalho, filho de José Nunes e de Eufêmia Dias Maciel.

Filhos já descritos

Bn-79 Luís Joaquim de Sá e Castro, c.c. Custódia Matoso, de Curvelo.

Pais de:

Tn-305 Felipe
Tn-306 Luís, residente em Cordisburgo, Minas.
Tn-307 Filomena, c.c. Matias Sampaio

Pais de:

Qn-949 Luís
Qn-950 Maria

Qn-951 Regina
Qn-952 Cristina
Residem no município de Curvelo.

Tn-308 Luisa, c.c. Antônio de Costa Sampaio

Pais de:
Qn-953 Cristino
Residem em Covanca, perto de Bagre, município de Curvelo.
Tn-309 Cristina, residente em Brejinho, município de Curvelo.
Tn-310 Gustavo.

Bn-80 Bernarda Helena da Cunha Sá e Castro, c.c. Matias Lopes, de Curvelo.

Pais de:
Tn-311 Luisa Lopes, c.c. Antônio Alves de Morais
Sem filhos

Luisa Lopes, casada a segunda vez com Jacinto Alves de Morais, Irmão de Antônio Alves de Morais, filho de Simão Morais e de Teresa Alves Costa.

Pais de:
Qn-954 Teresa
Qn-955 Gabriela
Qn-956 Simão, c.c. Raimunda Pereira de Morais, filha de José Gabriel e de Francisca Raimunda da Silva.

Pais de:
Pn-1.072 Elpídio
Pn-1.073 Euclides
Pn-1.074 Luisa, c.c. Geriz Chamone.
Sem filhos
Pn-1.075 Olavo
Pn-1.076 Hilda, c.c. Dr. José do Carmo
Pn-1.077 Carlos
Pn-1.078 Afonso
Pn-1.079 Lídia, c.c. Dr. Newton Gabriel Diniz, advogado em Curvelo.

Pais de:
Sn-358 Marilza

Simão, casado a segunda vez com Elvira Lopes da Silva, de Curvelo

Pais de:
Pn-1.080 Gilberto
Pn-1.081 Luís Jacinto
Pn-1.082 Paulo Ernesto

Tn-312 Matias Lopes, c.c. Alda Canabrava de Morais, filha de Osório Canabrava e de Alzira de Morais.

Pais de:
Qn-957 Ilma, c.c. Dr. José de Paula Pinto, advogado em Curvelo.

Pais de:
Pn-1.083 José Carlos
Pn-1.084 Eloisa Helena

Pn-1.085 Vera Lúcia
Pn-1.086 José Eduardo

Qn-958 Maria Consuelo
Qn-959 Santusa
Qn-960 Matias
Qn-961 Carlos Alberto, falecido
Qn-962 Luís Carlos, falecido
Qn-963 Roberto, falecido
Qn-964 Aíla, falecida
Qn-965 Nícia, c.c. Gualter Loureiro de Morais.

Tn-313 Antônio Lopes de Morais

Tn-314 Maria de Morais Loureiro, c.c. Altino Loureiro, filho de Josino Loureiro Gomes e de Custódia de Morais Loureiro.

Pais de:
Qn-966 Gualter, c.c. Nícia
Qn-967 Ilka
Qn-968 Milton
Qn-969 José
Qn-970 Jacinto
Qn-971 Altino

Tn-315 Adélia de Morais Silva, c.c. Dr. Péricles Pinto da Silva, médico em Curvelo, filho de Simpliciano Pinto da Silva e de Rita Diniz Pinto.

Pais de:
Qn-972 Maria Salomé, c.c. Dr. Paulo Gonzaga, engenheiro, filho do Dr. Juvenal Gonzaga Pereira da Fonseca e de Antonina Mascarenhas.
Qn-973 Vanda, c.c. Dr. Paulo Salvo.

Pais de:
Pn-1.087 Sônia

Qn-976 Suzana, solteira.

Tn-316 Oscar
Tn-317 Zilda

Bn-81 André da Cunha Sá e Castro, de Curvelo, c.c. Luisa Lopes.

Pais de:
Tn-318 Maurício, c.c. Maria Justina Dinis.

Pais de:
Qn-977 Catarina
Qn-978 José
Qn-979 Raimunda
Qn-980 Maria, c.c. Antônio da Costa Sampaio, residente em Meleiro, município de Curvelo.
Sem filhos

Bn-82 João da Cunha e Castro (Janjão), c.c. Maria Joaquina de Oliveira Machado (Inhazinha da Passagem Boa), filha de João Joaquim de Oliveira Machado e de Joaquina de Oliveira Campos.

Pais de:
Tn-319 Joaquim da Cunha e Castro (Quinzinho) c.c. Joaquina Cor-

deiro, filha de José de Campos Cordeiro e de Maria Clara do Espírito Santo.

Pais de:

Qn-981 José de Castro Machado
Qn-982 Maria
Qn-983 Alcides
Qn-984 Saint Clair
Qn-985 Vicente
Qn-986 Francisca
Qn-987 Alice
Qn-988 Amélia

Tn-320 João Joaquim da Cunha e Castro, c.c. Ana Cordeiro do Espírito Santo, filha de José Cordeiro e de Maria Clara do Espírito Santo.

Pais de:

Qn-989 José, falecido
Qn-990 Maria, c.c. José Branco, de Pitangui.
Qn-991 Joaquim, c.c. Ana de Castro Machado, filha de Luís Joaquim de Castro Machado e de Jacinta de Campos Cordeiro.

Pais de:

Pn-1.088 Luís
Pn-1.089 João

Residem em Abaeté.

Qn-992 Ana, falecida, foi casada com José Hilarino.
Qn-993 Luisa, c.c. Francisco de Barcelos.
Qn-994 Apolônio, c.c. Lígia Cordeiro Valadares, filha de Antônio Cordeiro Valadares e de Afra Cornélia de Oliveira.
Qn-995 Laci
Qn-996 Irene
Qn-997 Alzira, segunda mulher de José Hilarino.

Tn-321 Luís Joaquim de Castro Machado, c.c. Jacinta de Campos Cordeiro, filha de Francisco de Campos Cordeiro (Chico Gordo), e de Domitila de Campos Cordeiro.

Pais de:

Qn-998 José Luiz de Castro Machado (Zizinho do Luíz), c.c. Geralda Mendes de Faria, filha de Sebastião Mendes de Carvalho e de Maria das Dores Faria.

Pais de:

Pn-1.090 Luís
Pn-1.091 José
Pn-1.092 Elba

Qn-999 Ana (Doninha), c.c. Joaquim de Castro Machado, filho de João Joaquim de Castro Machado e de Ana Cordeiro do Espírito Santo.

Filhos já descritos

Qn-1.000 Maria José de Campos Machado, c.c. Pedro José de Menezes, filho de José Marcelino de Menezes e de Izaura Cordeiro Maciel.

Pais de:

Pn-1.093 Acrísio
Pn-1.094 Ataís

Residem em Macaúbas, município de Abaeté.

Qn-1.001 Domitila, c.c. José de Campos Cordeiro, filho de Amador de Campos Cordeiro e de Rozena Álvares da Silva.

Qn-1.002 João, c.c. Maria José Cordeiro Maciel.

Sem filhos

Qn-1.003 Joaquim Luís de Castro, c.c. Maria Ribeiro Campos, filha de Ormindo Higino de Campos Cordeiro e de Maria José Ribeiro de Abreu.

Residem na Fazenda da Forquilha, município de Pompéu.

Tn-322 Maria (Sinhá), c.c. Martinho, filho de Josefina de Oliveira Machado e de Luís Joaquim de Souza Machado.

Pais de:

Qn-1.004 Luís
Qn-1.005 João
Qn-1.006 Josefina
Qn-1.007 Maria
Qn-1.008 Vera
Qn-1.009 Luzia, c.c. Teófilo de O. Machado, (Fico) residente em Papagaio.
Qn-1.010 Antônia.

Tn-323 Amélia, c.c. João Luís Machado, filho de Josefina de Oliveira Machado e de Luís Joaquim de Souza Machado.

Pais de:

Qn-1.011 Francisca, falecida.
Qn-1.012 Joana, c.c. Vesquival, falecido, filho de Antônio de Assis Machado (Tonico da Cahoeira) e de Antônia de Campos Cordeiro.
Qn-1.013 José, c.c. Elvira Cordeiro Valadares filha de Sebastião Garcia Cordeiro Valadares e de Cremilda de Castro Machado.
Qn-1.014 Altina, c.c. Altivo de Castro Machado, filho de Felipe Duarte e Silva e de Francisca de Castro.

Pais de:

Pn-1.095 Irene
Pn-1.096 Irineu
Pn-1.097 Abel
Pn-1.098 Lúcio
Pn-1.099 Lucas
Pn-1.100 Amélia
Pn-1.101 Bento
Pn-1.102 Maria Marta.

Qn-1.015 Joaquim Antônio de Souza Machado, c.c. Maria de Campos Machado (Cotinha), filha de Antônio de Assis Machado e de Antônia de Campos Cordeiro.

Qn-1.016 Isabel, solteira.

Tn-324 América, c.c. Gustavo da Cunha e Castro.

Pais de:
Qn-1.017 Agenor, c.c. Virgínia de Souza Machado.

Pais de:
Pn-1.103 Sebastião
Pn-1.104 Agenor
Pn-1.105 Astolfo
Pn-1.106 Isaias
Pn-1.107 Dalva
Pn-1.108 Enéas, falecido
Pn-1.109 Maria, falecida.
Qn-1.018 América
Qn-1.019 Amélia
Qn-1.020 Luís, c.c. Maria das Dores, filha de Olímpio de Oliveira Campos e de Isabel de Oliveira Campos.

Pais de:
Pn-1.110 Glória Maria
Pn-1.111 Imaculada.
Qn-1.021 Benedito, c.c. Antônia de Castro Sampaio, filha de Francisco Sampaio e de Luísa de Castro.

Pais de:
Pn-1.112 Nascimento
Pn-1.113 Luísa
Qn-1.022 Miguel, c.c. Maria, filha de Januario Duarte Maciel e de .. .. ..

Pais de:

Qn-1.051 José, c.c. Amélia Barbosa, residente em Pequi.
Qn-1.052 Romeu
Qn-1.053 Antônio, c.c. Custódia Barbosa
Qn-1.054 Luís.

Tn-332 Cristina (Tita), c.c. Agenor .. ..

Pais de:

Qn-1.055 Luisa (Nina), c.c. Jose Antônio dos Santos, residente em Pequi.
Qn-1.056 Maria (Intio), c.c. Clausino Nogueira.
Qn-1.057 Maria da Conceição (Branca).
Qn-1.058 Áurea, c.c. José Carvalho, residente em Pará de Minas.
Qn-1.059 Maria de Lourdes (Lidu), c.c. Ermenegildo de Barros (Zidinho).
Qn-1.060 Antônio
Qn-1.061 Sinval, c.c. Maria do Carmo, residente em Fábrica, município de Pequi.

Bn-85 Maria Augusta de Sá e Castro (Sá Quita), c.c. Teófilo de Souza Machado, filho de Joaquina de Oliveira Machado e de João Joaquim de Sousa Machado.

Pais de:

Tn-333 José Maria, falecido.
Tn-334 Maria Joaquina (Filinha), c.c. Faustino Duarte Maciel (Inhô Tino), falecido.

Pais de:

Qn-1.062 Faustina

Maria Joaquina (Filinha), casada a segunda vez com Pedro Rezende Maciel.

Pais de:

Qn-1.063 Maria
Qn-1.064 Maria José
Qn-1.065 Raimundo

Tn-335 Cacilda, c.c. Sebastião Garcia Cordeiro Valadares, filho de Antônio Garcia Cordeiro Valadares e de Maria Joaquina de Oliveira Machado.

Pais de:

Qn-1.066 Jovina, c.c. Francisco de Oliveira Machado
Qn-1.067 Elvira, c.c. José Luís de Oliveira Machado.
Qn-1.068 Conceição, c.c. Luís Gonzaga Machado.
Qn-1.069 Maria (Lili), c.c. Miguel Duarte Maciel.
Qn-1.070 Inês, c.c. Balisário Duarte Maciel.
Qn-1.071 Cremilda
Qn-1.072 Hirtes
Qn-1.073 Roberto
Qn-1.074 Sebastião.

Tn-336 Maria da Conceição, c.c. José de Oliveira Machado, filho de Luís Joaquim de Sousa Machado e de Josefina de Oliveira Machado.

Pais de:

Qn-1.075 Geraldo
Qn-1.076 Conceição
Qn-1.077 Luís
Qn-1.078 Teófilo (Fico), residente em Papagaio, c.c. Lusia, filha de Maria (Sinhá) e de Martinho de Souza Machado.
Qn-1.079 Antônio
Qn-1.080 Nívea
Qn-1.081 Antônia (Tita)
Qn-1.082 Concécio
Qn-1.083 Joaquim.

Tn-337 Teófila, falecida solteira.
Tn-338 Sebastiana
Tn-339 José Maria, c.c. Antônia (Sinha do Atoleiro), filha de Belchior Joaquim de Souza Machado e de Joana de Oliveira Campos.

Sem filhos

José Maria, casado a segunda vez com Benvinda, filha de João Lataliza e de .. ..

Pais de:

Qn-1.084 Maria José (Fióta)
Qn-1.085 Nívea

Bn-86 Maria Madalena, c.c. Paulino Xavier Capanema, filho de Francisco Severino da Silva Capanema e de Rosa Xavier.

Sem filhos

N-21 Alferes Luís Joaquim de Souza Machado, falecido, residiu em Paracatu. Foi casado com Ana Alves Ferreira.

Pais de:

Bn-87 João de Souza Machado
Bn-88 Luís de Souza Machado
Bn-89 Miguel de Souza Machado, falecido solteiro. Foi Cônsul do Brasil no Paraguai, na ocasião do início da guerra com êsse país. Nasceu a 5 de junho de 1833 em Paracatu e faleceu a 22 de maio de 1880.
Bn-90 Joaquina
Bn-91 Josefa
Bn-92 Ana
Bn-93 Maria Jacinta, c.c. Joaquim Pimentel Barbosa, filho de Domingos Pimentel Barbosa e de Ana Pimentel.

Pais de:

Tn-340 Eponina, solteira, residente em Belo Horizonte.
Tn-341 Clorindo
Tn-342 Laurinda.

N-22 Jacinta Maria, c.c. Antônio Alves da Silva Chimango, filho de Antônio Alves da Silva e de Joaquina de Oliveira Campos.

Pais de:

Bn-94 Antônia Álvares da Silva, (D. Iaiá), c.c. João Joaquim de Souza Machado, filho de Luís Joaquim de Souza Machado e de Maria Joaquina de Oliveira Machado.

Pais de:

Tn-343 Antônia (Sinhá de Toninho), c.c. Antônio Joaquim de Oli-

Miguel de Souza Machado

veira Machado, filho de Joana de Oliveira Campos e de Belchior de Oliveira Machado (Belchior da Bucaina).

Pais de:

Qn-1.086 Belizário
Qn-1.087 José
Qn-1.088 Maria Benedita
Qn-1.089 Bernardo
Qn-1.090 Pedro
Qn-1.091 Francina
Qn-1.092 Cecília
Qn-1.093 Joana

Tn-344 Antônio Joaquim Alvares Machado (Zinho Machado), c.c. Belchiorina de Oliveira Machado (Bita), filha de Joana de Oliveira Machado e de Belchior de Oliveira Machado (Belchior da Bucaina).

Pais de:

Qn-1.094 Osório
Qn-1.095 João
Qn-1.096 José
Qn-1.097 Alexandre
Qn-1.098 Joaquina
Qn-1.099 Maria

Antonia Álvares da Silva, (D. Iaiá), casada a segunda vez com Alexandre Dias Maciel.

Pais de:

Tn-345 Alexandre Dias Maciel.

Bn-95 João, falecido solteiro
Bn-96 Antônio Álvares da Silva Cartacho, falecido solteiro.
Bn-97 Antônio Álvares da Silva Catucá, falecido solteiro.

N-23 Antônio de Souza Machado, c.c.

Pais de:

Bn-98 Maria Joaquina, c.c. Francisco Pôrto, português.

Pais de:

Tn-346 Pedro, c.c. Maria Dutra.

Pais de:

Qn-1.100 Rita
Qn-1.101 Benedito
Qn-1.102 Antônio
Qn-1.103 Francisco
Qn-1.104 Cirilo
Qn-1.105 Assendina
Qn-1.106 Maria
Qn-1.107 Ester
Qn-1.108 Simão

Tn-347 Padre João Batista Pôrto, vigário de Pompéu, falecido.

PADRE JOÃO PÔRTO — vigário de Pompéu.

do "O Pompeano".

O venerando Padre João, como o chamamos, nem um só dia, nem um só instante, na sua longa jornada de sacerdote, deixou de cumprir rigorosamente os preceitos e deveres de sua árdua profissão.

Desde os anos escolares revelou-se, pelo seu procedimento e pela sua dedicação aos estudos teológicos, o verdadeiro ministro de Deus na terra.

Moço ainda, veio para esta freguezia, onde, pelos seus dotes morais e de coração, grangeou a estima, a consideração e impôs-se à veneração de todos os pompeanos. Pronto sempre a levar o confôrto em todo os lares sofredores, o padre João é o pai da pobreza e tem sempre suspensa em seus lábios uma palavra de consôlo, de alívio para todos aquêles que sofrem.

É êle um verdadeiro apóstolo da fé, da verdade e da caridade cristã.

Além de médico da alma, êle é também médico do corpo, e, nesta profissão, abraçada para lenitivar os pobres, êle se tem revelado de uma proficiência admirável, fazendo curas verdadeiramente miraculosas.

Êle encerra em si tôdas as belas qualidades de um bom cidadão e de um sacerdote exemplar.

Convidado para empunhar a mitra episcopal de Mato Grosso, recusou-a, não só por humildade, como também por amor a esta terra hospitaleira e a seus habitantes. Êste amor do Padre João para com os seus paroquianos é correspondido por todos e, na grave enfermidade que quase o levou para junto de Deus, os pompeanos deram provas que conheciam de sobra o tesouro que Deus lhes deu e lia-se no semblante de todos o receio de o perder.

Alguém já disse: Tenho inveja dos pompeanos por terem um vigário como o Padre João.

É esta uma verdade: — é de causar inveja, e ter-se por guia espiritual um sacerdote da envergadura dêste verdadeiro apóstolo da Igreja Católica.

O povo dêste arraial deve prestar no dia 24 as suas melhores homenagens ao vigário João Batista Porto e considerar êste dia como um dia de festa e de descanço em comemoração à grande data.

Lembramos daqui uma homenagem às peregrinas virtudes do homenageado: — Promover um abaixo-assinado ao Exmo. Sr. Arcebispo de Mariana, pedindo-lhe a graça de elevação do Padre João à dignidade de Monsenhor

Pe. João Batista Pôrto

e também uma subscrição para se pagar um coadjutor, que venha auxiliar o nosso vigário na árdua tarefa que lhe está confiada.

Como homenagem modesta, mas sincera, o Pompeano estampa hoje o retrato do venerando pároco.

Damos abaixo a sua biografia: —

O Padre João Batista Porto, nasceu na Fazenda da Bucaina, neste distrito, aos 24 de junho de 1849 e é filho de Francisco José Pereira Porto e de sua Exma. espôsa Maria Joaquina de Souza Machado.

Iniciou seus estudos no afamado Colégio Zacarias Fernandes, de Pitangui e fêz o seu curso de preparatórios e Teológico no Colégio de Congonhas de Campos.

Sempre, nos bancos escolares, se distinguiu de seus colegas pelo procedimento, aplicação e lúcida inteligência.

Concluiu o curso teológico antes da idade exigida para receber ordens sacras, pelo que teve que esperar um ano, no fim do qual ordenou-se em 1871. Iniciou a sua carreira sacerdotal como coadjutor em Pitangui, onde manteve um colégio bem freqüentado.

Em 1880, foi provido na vigararia desta paróquia, onde permanece emprestando as suas inegáveis virtudes a seu torrão natal.

Tn-348 Frederico, c.c. Maria Madalena de Jesus, de Santo Antônio De Pádua, Minas.

Pais de:

Qn-1.109 Conceição
Qn-1.110 João
Qn-1.111 José
Qn-1.112 Francisco
Qn-1.113 Antônio
Qn-1.114 Frederico
Qn-1.115 Maria
Qn-1.116 Raimundo

Tn-349 Francisco, c.c. Francisca .. ..

Pais de:

Qn-1.117 José
Qn-1.118 Maria
Qn-1.119 Sinhá

Tn-350 Ana, falecida solteira.

Tn-351 Maria Amélia, c.c. Pedro Cecílio dos Santos.

Pais de:

Qn-1.120 Cecília
Qn-1.121 José
Qn-1.122 Maria
Qn-1.123 Conceição
Qn-1.124 Joana
Qn-1.125 Natividade
Qn-1.126 Olívia
Qn-1.127 João
Qn-1.128 Francisco
Qn-1.129 Maria José

Tn-352 Antônio, c.c. Cândida Furtunata Machado.

Pais de:

Qn-1.130 Maria, c.c. Antônio Costa

Pais de:

Pn-1.122 João
Pn-1.123 Geralda
Pn-1.124 Leonardo.

Qn-1.131 José, c.c. Bernardina Lataliza França.

Pais de:
Pn-1.125 José
Pn-1.126 Irilda
Pn-1.127 Aguinaldo
Pn-1.128 Antônio Orlando
Pn-1.129 Célia

Qn-1.132 Francisca, c.c. José Pereira de Souza.

Pais de:
Pn-1.130 Maria
Pn-1.131 Luísa
Pn-1.132 Rute
Pn-1.133 José
Pn-1.134 Aguinaldo
Pn-1.135 Sandoval.

Qn-1.133 Ana, c.c. João Gonçalves de Araújo.

Pais de:
Pn-1.136 Antônio
Pn-1.137 Edson
Pn-1.138 Benjamim
Pn-1.139 Geraldo
Pn-1.140 Ana

Qn-1.134 João, hoteleiro em Pompéu, c.c. Mariêta Correia.

Pais de:
Pn-1.141 Maria Luci
Pn-1.142 Maria Madalena
Pn-1.143 Maria Ernestina
Pn-1.144 Maria Celsa
Pn-1.145 Francisco
Pn-1.146 Maria Cândida
Pn1.147 Maria da Glória
Pn-1.148 Maria de Lourdes
Pn-1.149 João

Tn-353 Sinhá (?), c.c. Francisco Novato Porto, português.

Pais de:
Qn-1.135 Dâmaso
Qn-1.136 Vasco
Qn-1.137 Ana
Qn-1.138 Maria

Bn-99 Lúcia, c.c. José Pereira

Pais de:
Tn-354 Faustina

N-24 João Joaquim de Souza Machado, c.c. Joaquina Maria, filha do Cap. Joaquim Antônio de Oliveira Campos e de Claudina Cândida Lataliza França

Pais de:
Bn-100 Luís Joaquim de Souza Machado, c.c. Josefina, filha de Belchior de Souza Machado e de Joana de Oliveira Campos.

Pais de:
Tn-355 João Luís, nascido a 9 de fevereiro de 1880 e falecido a 3 de julho de 1927, c.c. Amélia de Castro Machado.

Pais de:
Qn-1.139 Joaquim
Qn-1.140 José

João Joaquim de Sousa Machado

Qn-1.141 Joana
Qn-1.142 Altina
Qn-1.143 Francina
Qn-1.144 Francisco, falecido.

Tn-356 Américo, c.c. Maria de Oliveira Machado, filha de Antônio Joaquim de Oliveira Machado (Toninho de Lagoa de Trás) e de Antônia Álvares Machado.

Pais de:
Qn-1.145 Ulisses
Qn-1.146 Francisco
Qn-1.147 Antônia
Qn-1.148 Luísa
Qn-1.149 Antônio
Qn-1.150 Maria José
Qn-1.151 Luís
Qn-1.152 Sebastião.

Tn-357 Martinho (Martinho Cachoeira), c.c. Maria de Souza Machado, filha de João de Castro Machado e de Maria de Souza Machado.

Pais de:

Qn-1.153 Luis
Qn-1.154 Maria
Qn-1.155 Josefina
Qn-1.156 Luisa
Qn-1.157 Zelina.

Tn-358 Antônio de Assis (Tonico da Cachoeira), falecido, c.c. Antônia de Campos Cordeiro, filha de Maria Joaquina de Campos Cordeiro Valadares e de Higino de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:

Qn-1.158 Zeli de Campos Machado, c.c. Antônio Gabriel de Souza Machado (Toniquinho da Bucaina), filho de Antônio Gabriel de Souza Machado (Cabôclo) e de Antônia de Campos Cordeiro.

Pais de:

Pn-1.150 Índio
Pn-1.151 Hindenburgo
Pn-1.152 Astrogildo
Pn-1.153 Olívia
Pn-1.154 Neusa
Pn-1.155 Conceição
Pn-1.156 Ana
Pn-1.157 Nazaré
Pn-1.158 Sinval (Samba)
Pn-1.159 Diva
Pn-1.160 Maria Aparecida.

Qn-1.159 Higino de Campos Machado, c.c. Joaquina Gabriela de Campos Machado, filha de Antônio Gabriel de Campos Machado e de Elídia de Campos Cordeiro.

Qn-1.160 Luís
Qn-1.161 Deusdedit
Qn-1.162 Joaquim Antônio
Qn-1.163 Antônio de Assis
Qn-1.164 Maria José
Qn-1.165 Maria Rosa, c.c. Lafaiete Cordeiro.
Qn-1.166 Maria Joaquina, c.c. Joaquim Antônio de Souza Machado.
Qn-1.167 Conceição (Sica), c.c. José Serra Machado.
Qn-1.168 Vesquival, falecido, foi casado com Joana de Castro Machado, filha de João Luís Machado e de Amélia de Castro.

Filhos já descritos

Tn-359 Aurora, c.c. João Serra Machado
Tn-360 Luísa, c.c. Belizário Machado.

Pais de:

Qn-1.169 Antônio
Qn-1.170 Francino
Qn-1.171 Orozimbo
Qn-1.172 Francisco

Qn-1.173 Antônia
Qn-1.174 Mariêta
Qn-1.175 Belizário.

Tn-361 Olímpio Machado, falecido, foi casado com Tertuliana Maria de Almeida.

Pais de:

Qn-1.176 Lucília
Qn-1.177 Zaira, c.c. José Cordeiro Maciel, filho de Sebastião de Campos Cordeiro e de Conceição Cordeiro Maciel.

Filhos descritos noutro local

Qn-1.178 Luís
Qn-1.179 Maria

Tn-362 Elisa, c.c. Raimundo Antônio de Figueiredo, filho de Antônio da Silva Figueiredo e de Carlita Leopoldina de Figueiredo.

Pais de:

Qn-1.180 João Batista, c.c. Maria Elídia de Campos Cordeiro, filha de José Higino de Campos Cordeiro e de Maria de Campos Cordeiro.

Qn-1.181 Sadi, c.c. Maria José Machado, filha de Américo de Souza Machado e de Maria de Souza Machado.

Pais de:

Pn-1.161 José
Pn-1.162 Américo
Pn-1.163 João
Pn-1.164 Maria

Qn-1.182 Olavo, c.c. Carmem Mendes, filha de Juvelino Mendes Soares e de Joaquina Mendes Soares.

Pais de:

Pn-1.165 Raimundo Antônio
Pn-1.166 Maria Nazaré
Pn-1.167 Joaquina
Pn-1.168 Maria Elisa
Pn-1.169 Maria Judite

Qn-1.183 José, c.c. Rita Rocha, filha de Antônio Mendes e de Maria Rocha Mendes.

Pais de:

Pn-1.170 Marlene
Pn-1.171 Marlene

Qn-1.184 Carmelita, residente em Belo Horizonte, c.c. Francisco Ambrósio Soares, filho de João Ambrósio Soares e de Inês Mendes Soares.

Pais de:

Pn-1.172 Maria Inês
Pn-1.173 Maria Elisa
Pn-1.174 João

Qn-1.185 Anita, c.c. Francisco Gonçalves, filho de Pedro Gonçalves Ferreira e de Luísa Rodrigues Viana.

Pais de:

Pn-1.175 Raimundo

Pn-1.176 Maria Luísa

Tn-363 José, c.c. Maria da Conceição, filha de Teófilo de Souza Machado e de Maria Augusta de Souza Machado.

Filhos já descritos

Bn-101 João Joaquim (João Nenê), c.c. Antônia Ferreira Machado, filha de Francisco Joaquim de Souza Machado e de Angélica Ferreira Álvares da Silva.

Francisco Joaquim de Souza Machado

Pais de:

Tn-364 João Serra Machado, c.c. Aurora de Souza Machado.

Pais de:

Qn-1.186 José Serra Machado, c.c. Maria da Conceição (Sica), filha de Antônio de Assis Machado e de Antônia de Campos Cordeiro Valadares.

Qn-1.187 Maria, c. c. Osório Gonçalves de Vasconcelos.

Pais de:

Pn-1.177 Hitler

Pn-1.178 Djalma

Pn-1.179 Geraldo

Pn-1.180 Zilpe

Qn-1.188 Joaquim (Cota)

Qn-1.189 Antônio (Sô)

Qn-1.190 Cecília (Mulata).

João Serra Machado, casado a segunda vez com Joaquina Jacinta de Campos Cordeiro, filha de Francisco Luís de Campos Cordeiro (Chico Mano) e de Jacinta de Oliveira Campos.

Pais de:

Qn-1.191 Cordis

Qn-1.192 João

Qn-1.193 Maria

Qn-1.194 Geralda

Qn-1.195 Laura

Tn-365 Miguel Arcanjo Serra Machado, c.c. Antônia Dias Maciel.

Filhos já descritos

Tn-366 Francisco Napoleão, c.c. Elisa de Campos, filha de José Diogo de Oliveira Campos e de Maria Bernardina de Campos.

Sem filhos

Tn-367 Maria Angélica, c.c. Francisco de Freitas Maciel.

Filhos já descritos

Tn-368 Teresa de Souza Maciel, c.c. Alexandre de Freitas Maciel.

Pais de:

Qn-1.196 José de Freitas Maciel, c.c. Maria da Conceição Soares, falecida, filha de José Soares e de Joana dos Santos.

Pais de:

Pn-1.181 Paulo

Pn-1.182 Togalma

Pn-1.183 Vanildo

Qn-1.197 Pedro

Qn-1.198 João, c.c. Francisca Maria de Jesus.

Sem filhos

Qn-1.199 Antônio Maria (Nicote), c.c. Maria Onedes Maciel, filha de Miguel Arcanjo Serra Machado e de Antônia Dias Maciel.

Filhos já descritos

Qn-1.200 Alcides

Qn-1.201 Francisca

Qn-1.202 Miguel

Qn-1.203 Maria

Bn-102 Joaquim Antônio, c.c. Luísa de Sá e Castro (Lulu), filha de Bernarda Maria de Souza Machado e de Luís Joaquim da Cunha Sá e Castro, (Luís do Junco).

Filhos já descritos

Bn-103 Teófilo de Souza Machado, c.c. Maria Augusta de Sá e Castro (Sá Quita).

Filhos já descritos

Bn-104 Fernando Alberto de Souza Machado, c.c. Maria Lataliza.

Pais de:

Tn-369 Elvira
Tn-370 Maria (Inhazinha)
Tn-371 Alice (Pequena).

Bn-105 Maria Joaquina, c.c. João da Cunha e Castro (Janjão).

Filhos já descritos

Bn-106 Antônio Gabriel (Cabôclo), c.c. Antônia de Campos Cordeiro, filha de José de Campos Cordeiro e de ....

Pais de:

Tn-372 Antônio Gabriel Filho (Toniquinho da Bucaina), nascido a 8 de janeiro de 1884 e falecido a 4 de março de 1909, c.c. Elídia de Campos Cordeiro.

Pais de:

Qn-1.204 José Gabriel (Casula), c.c. Adelaide de Campos Cordeiro, filha de Joaquim Higino de Campos Cordeiro Valadares e de Beatriz de Campos Cordeiro.

Pais de:

Pn-1.184 Juraci
Pn-1.185 Beatriz
Pn-1.186 Benta
Pn-1.187 Neri
Pn-1.188 Eni
Pn-1.189 Maria
Pn-1.190 Teresinha.

Qn-1.205 João Gabriel, c.c. Beatriz, filha de Altino Gabriel Machado e de Maria Augusta de Campos Cordeiro.

Filhos descritos noutro local

Qn-1.206 Antonino (Sonino), c.c. Maria José de Campos Machado, filha de Altino Gabriel de Souza Machado e de Maria Augusta de Campos Cordeiro.

Pais de:

Pn-1.191 Adão
Pn-1.192 Edsonino
Pn-1.193 Maria Augusta
Pn-1.194 Eva

Qn-1.207 Maria Joaquina, c.c. Higino de Campos Machado, filho de Antônia de Campos Cordeiro e de Antônio de Assis Machado (Tônico da Cachoeira).

Qn-1.208 Maria José

Qn-1.209 Antônia, c.c. José de Abreu e Silva (Juca de Abreu), filho de Ana Jacinta de Campos Cordeiro e de Antônio Pedro de Abreu e Silva.

Pais de:

Pn-1.195 Maria de Lourdes
Pn-1.196 Maria Geralda
Pn-1.197 Maria Elídia
Pn-1.198 Maria

Antônio Gabriel Filho (Toniquinho da Bucaina), casado a segunda vez com Zeli de Campos Machado, filha de Antônio de Assis Machado e de Antônia de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-373 José Gabriel, c.c. Belizária de Campos Cordeiro, filha de Álvaro de Campos Cordeiro (Álvaro do Chôro) e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro.

Pais de:

Qn-1.210 Ronan Gabriel, c.c. Beatriz de Campos Cordeiro Valadares, filha de José Joaquim Cordeiro Valadares, (Zezé da Porteira) e de Izabel Beatriz de Campos Cordeiro.

Pais de:

Pn-1.199 Joséneto
Pn-1.200 Catarina
Pn-1.201 Belizário
Pn-1.202 Antônio Gabriel.

Nota: Beatriz era viúva de seu tio Belizário de Campos Cordeiro, com quem não teve filhos. Reside na Fazenda Caiçara, município de Pompéu.

Qn-1.211 Violêta, c.c. Deodoro de Campos Cordeiro Valadares, filho de Joaquim Cordeiro Valadares Neto, (Cordeiro das Lages), e de Maria Francelina de Campos Cordeiro.

Sem filhos

Qn-1.212 Geni, c.c. José Alcides de Campos Cordeiro Vadalares, filho de Virgílio de Campos Cordeiro e de Antônia Margarida de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:

Pn-1.203 Álvaro
Pn-1.204 Juraci, c.c. João Soares
Pn-1.205 Deuscrêde
Pn-1.206 José Welington

Qn-1.213 Araci, c.c. Ulisses de Campos Cordeiro Valadares, irmão de José Alcides.

Pais de:

Pn-1.207 Altair, normalista
Pn-1.208 José Gabriel
Pn-1.209 Lêda, normalista
Pn-1.210 Deusdedit, c. Maria Luísa Pinto Valadares.

Pais de:

Sn-358 Solange Maria

Pn-1.211 Virgílio
Pn-1.212 Gerson
Pn-1.213 Cleber Paulo, estudante
Pn-1.214 Antônio José
Pn-1.215 Belisária Beatriz
Pn-1.216 Lúcia Maria

Tn-374 Altino Gabriel, c.c. Maria Augusta de Campos Cordeiro, filha de Álvaro de Campos Cordeiro Valadares e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro.

Pais de:

Qn-1.214 Sadi, c.c. Maria, filha de José Januário da Silva e de Maria Madalena da Silva.

Qn-1.215 Davi, c.c. Rita, filha de João Vermelho e de Rita Vermelho.

Pais de:

Pn-1.217 José
Pn-1.218 Guaraci
Pn-1.219 Maria Augusta
Pn-1.220 Iolanda
Pn-1.221 Antônio
Pn-1.222 João
Pn-1.223 Vanuci

Qn-1.216 Geraldo, c.c. Antônia de Castro, filha de Januário Benfica e de Cecília de Castro Machado.

Pais de:

Pn-1.224 Eula
Pn-1.225 Eura
Pn-1.226 Eusa

Qn-1.217 Antônio Maria Gabriel (Tibié), c.c. Geralda, filha de Francisco Severino Dias Maciel e de Cecília Morato.

Filhos já descritos

Qn-1.218 Judite, c.c. Francisco Severino Dias Maciel, viúvo de Cecília Morato.

Pais de:

Pn-1.227 Darci
Pn-1.228 Maria José

Qn-1.219 Adrião (Sonéca), c.c. Arestina de Oliveira Campos, filha de Inácio de Oliveira Campos (Inácio da Capivara) e de Roberta de Campos Cordeiro.

Pais de:

Pn-1.229 Edson Inácio

Qn-1.220 José Maria (Zé do Chôro), c.c. Geralda, filha de João Vermelho e de Rita Vermelho.

Pais de:

Pn-1.230 Maria Geralda

Qn-1.221 Antônia, c.c. Vinício, filho de Roberta de Campos Cordeiro e de Inácio de Oliveira Campos (Inácio da Capivara).

Pais de:

Pn-1.231 Vinício
Pn-1.232 Geralda

Qn-1.222 Nazaré, c.c. Benjamim Lopes Cançado.

Pais de:

Pn-1.233 Aurora
Pn-1.234 Nazaré

Qn-1.223 Ceci, c.c. Pedro de Oliveira Machado, residente no Estado do Paraná.

Pais de:

Pn-1.235 Aidê
Pn-1.236 Ceci
Pn-1.237 Rute
Pn-1.238 Maria
Pn-1.239 Jorge
Pn-1.240 Margarida.

Qn-1.224 Edite, c.c. Alcindor Alves Xavier.

Pais de:

Pn-1.241 Nadir

Qn-1.225 Beatriz Maria, c.c. João Gabriel de Souza Machado.

Pais de:

Pn-1.242 Geralda Maria
Pn-1.243 João
Pn-1.245 Maria Augusta
Pn-1.246 Margarida
Pn-1.247 Deusdedit

Qn-1.226 Maria José, c.c. Antonino Gabriel de Campos Machado, (Sonino), filho de Antônio Gabriel Filho (Toniquinho da Bucaina) e de Elídia de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-375 João, falecido solteiro.

Tn-376 Maria, c.c. José Higino de Campos Cordeiro Valadares, filho de Higino de Campos Cordeiro Valadares e de Maria Joaquina de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:

Qn-1.227 Elídia
Qn-1.228 Maria
Qn-1.229 Antônio
Qn-1.230 José

Tn-377 Alcira, falecida, c.c. Emílio de Campos Cordeiro, filho de José Belizário de Campos Cordeiro e de Antônia Margarida de Campos Cordeiro Valadares.

Filhos descritos noutro local

N-25 Rita Maria de Souza Machado (Rita do Rio Pardo), c.c. Antônio Joaquim de Sá e Castro.

Pais de:

Bn-107 Antônio Ferreira da Cunha (Totonho Cego), c.c. Joaquina Rosa Melgaço, filha de Antônio Caetano Melgaço e de Maria Jacinta Braga.

Pais de:

Tn-378 Jacinto, c.c. Maria Melgaço Machado.

Qn-1.231 Maria
Qn-1.232 Etelvina
Qn-1.233 Margarida
Qn-1.234 Lourdes
Qn-1.235 Nair, falecida
Qn-1.236 Antônio
Qn-1.237 Alberto.

Tn-379 Maria, falecida solteira.

Tn-380 Rita, falecida solteira.
Bn-108 Luísa, (Lulu), solteira.
Bn-109 Alexandre, residente na Fazenda do Boi Pintado, c.c. Rosa Maria.

Pais de:
Tn-381 Felipe
Tn-382 Rita
Tn-383 Bernarda Maria (Nandinha), c.c. Mário Maria Machado, residente em Maravilha.

Filhos já descritos

Bn-110 Bárbara, (Babu), c.c. João Cordeiro, da Cachoeirinha.
Bn-111 Antônia, solteira.
Bn-112 Gabriela, c.c. Alexandre Dias Maciel.

Pais de:
Tn-384 Maria
Tn-385 Rosa
Tn-386 Felipe.

Nota: Alexandre Dias Maciel foi casado a segunda vez com Antônia Álvares da Silva (D. Iaiá).

N-26 Francisco Joaquim de Souza Machado, c.c. Angélica Ferreira Álvares da Silva, filha de Domingos Álvares Ferreira e de Angélica Ferreira da Silva.

Pais de:
Bn-113 Martinho
Bn-114 Domingos
Bn-115 Antônio Frederico (Nenzinho), c.c. Maria do Pilar Maciel.

Sem filhos

Nota: Maria do Pilar Maciel (Tatá), foi casada a segunda vez com José Maximo Pereira.
Bn-116 Antônia Ferreira Machado, c.c. João Joaquim de Souza Machado (João Nenê).

Filhos já descritos

Bn-117 Angélica Teresa de Souza Machado, c.c. Félix Dias Maciel.

Filhos já descritos

Bn-118 Antônia Dias Maciel, c.c. Miguel Arcanjo Serra Machado.

Filhos já descritos

Francisco Joaquim de Souza Machado, casado a segunda vez com Maria Luísa Teixeira Barbosa.
Pais de:
Bn-119 Domingos, c.c. Francisca Rosa de Jesus.

Pais de:
Tn-387 Francisco
Tn-388 Francino
Tn-389 Maria
Tn-390 Virgínia
Tn-391 José
Tn-392 Geraldo
Tn-393 Sebastião
Tn-394 Rita
Tn-395 Luís

Tn-396 João
Tn-397 Domingos.

Domingos, casado a segunda vez com Diolinda .. ..

Pais de:
Tn-398 Josefina
Tn-399 Etelvina
Tn-400 Manoelina
Tn-401 Antônio
Tn-402 Miguel
Tn-403 Jandira

N-27 Belchior Joaquim de Souza Machado, (Belchior da Bucaina), c.c. Joana de Oliveira Campos, filha de Joaquim Antônio de Oliveira Campos e de Claudina Cândida Lataliza França.

Pais de:
Bn-120 Pedro de Oliveira Machado (Dico de Aterrado), c.c. Ricarda Cordeiro Valadares, filha de Jorge Cordeiro Valadares e de Maria Madalena da Costa Sampaio.

Pais de:
Tn-404 Antônio
Tn-405 Pedro
Tn-406 Joaquim
Tn-407 Luís
Tn-408 Antônia
Tn-409 Rosa
Tn-410 Bernarda
Tn-411 Luísa (Sá Quita), c.c. Inácio de Oliveira Campos.
Tn-412 Maria (Cota).

Bn-121 Joaquim Antônio (Nenê do Aterrado), c.c. Luísa (Sá Quita), filha de Jorge Cordeiro Valadares e de Maria Madalena da Costa Sampaio.

Pais de:
Tn-413 Pedro
Tn-414 Otávio
Tn-415 Joaquim
Tn-416 Josino
Tn-417 Antero
Tn-418 Joana
Tn-419 Josina
Tn-420 Maria
Tn-421 Marcos
Tn-422 Augusto
Tn-423 Antônio, falecido.

Bn-122 José Joaquim, c.c. Ana, filha de João Cordeiro Valadares e de Maria Moreira de Carvalho.

Pais de:
Tn-424 Maria Luísa, falecida.
Tn-425 João

Bn-123 Antônio Joaquim, (Toninho da Lagoa de Trás), c.c. Antônia, filha de João Joaquim de Souza Machado e de Antônia Álvares Ferreira.

Filhos já descritos

Antônio Joaquim (Toninho da Lagoa de Trás), casado a segunda vez com Sebastiana de Castro Machado.

Pais de:

Tn-426 Luísa, c.c. Joaquim Duarte Maciel (Morango).

Pais de:

Qn-1.238 Miguel
Qn-1.239 Garcino
Qn-1.240 Januário (Ginú)
Qn-1.241 Antônio
Qn-1.242 Geraldo
Qn-1.243 Cenilda
Qn-1.244 Vino
Qn-1.245 Ocelina
Qn-1.246 Jandira.

Tn-427 Hortêncio, c.c. Celestina, filha de Beraldo de Oliveira Machado e de Maria Pires de Melgaço.

Pais de:

Qn-1.247 Antônio Joaquim.

Antônio Joaquim (Toninho da Lagoa de Trás), casado a terceira vez com Maria (Marocas), filha de Sebastião Ribeiro (do Jatobá) e de .. ..

Sem filhos

Bn-124 Francisco, c.c. Rita de Menezes, filha de Custódio de Menezes e de .. .. ..

Tn-457 Ana, c.c. Fernando de Oliveira Machado, irmão de Martinho de Oliveira Machado.

Filhos já descritos

Tn-458 Garcia, c.c. Maria Ferreira Melgaço.

Pais de:

Qn-1.257 Joaquim
Qn-1.258 Cristiano
Qn-1.259 Antônio
Qn-1.260 Davi
Qn-1.261 Heitor
Qn-1.262 Alcides
Qn-1.263 Francisco
Qn-1.264 Alzira
Qn-1.265 Marieta
Qn-1.266 Geralda
Qn-1.267 Maria José (Tuta).

Tn-459 Sebastião Garcia, c.c. Cacilda de Castro Machado.

Filhos já descritos

Tn-460 Angélica, c.c. José Pereira da Fonseca.

Pais de:

Qn-1.268 Ernestina
Qn-1.269 Geraldino
Qn-1.270 Iraci

Tn-461 Maria, c.c. Ademar de Oliveira Campos, filho de Vicente de Oliveira Campos, (Vicente Caôlho) e de Izabel de Oliveira Campos.

Pais de:

Qn-1.271 Agostinho
Qn-1.272 Dordina, falecida
Qn-1.273 Aldina
Qn-1.274 Nadir
Qn-1.275 Geraldo

Tn-462 Rita, c.c. José Joaquim de Campos.

Pais de:

Qn-1.276 Salvador
Qn-1.277 Adelaide
Qn-1.278 Abeni

Tn-463 Antônio Garcia Cordeiro Valadares Filho, c.c. Francisco Afonso

Pais de:

Qn-1.279 Gasparino
Qn-1.280 Maria, c.c. Francisco Rufino
Qn-1.281 Júlio
Qn-1.282 Lucila
Qn-1.283 Ercília
Qn-1.284 Cecília
Qn-1.285 Elvira
Qn-1.286 Alzira.

Tn-464 Garcina, solteira
Tn-465 José, solteiro.

RESUMO

F	3
N	27
Bn	133
Tn	465
Qn	1.286
Pn	1.247
Sn	358
Hn	17
Soma:	3.536

Descendentes: 3.136.

DESCENDÊNCIA DE JORGE DE OLIVEIRA CASTELO BRANCO E ANTÔNIA MARIA DE JESUS

NÃO DEIXARAM FILHOS

CAPITULO IV

RESUMO

F	4
N	27
Bn	133
Tn	465
Qn	1.286
Pn	1.247
Sn	358
Hn	17
Soma:	3.537

Descendentes: 3.537

CAPITULO V

DESCENDÊNCIA DE

JOAQUINA DE OLIVEIRA CAMPOS

E

CAP. ANTÔNIO ALVES DA SILVA.

FILHOS

N-28 Ana Joaquina, c.c. o Alferes Pacífico José da Cunha.
N-29 Joaquina, c.c. Alferes Pacífico José da Cunha, viúvo de Ana Joaquina.
N-30 Capitão Joaquim Antônio Álvares da Silva, c.c. Joana Evangelista de Oliveira Campos.

N-31 Antônio Chimango Álvares da Silva, c.c. Jacinta Maria de Souza Machado.
N-32 Angélica, c.c. Domingos Alves Teixeira.
F-5 Joaquina de Oliveira Campos, c.c. o Capitão Antônio Alves da Silva, em 1801, filho do Capitão Antônio Álvares da Silva e de Ana Maria de Jesus.

Pais de:
N-28 Ana Joaquina, c.c. o Alferes Pacífico José da Cunha.

Pais de:
Bn-134 Felipe, c.c. Ana Gabriela de Campos.

Pais de:
Tn-466 Felipe, c.c. Eufrásia de Sá e Castro.
Sem filhos
Tn-467 Frederico, c.c. Ana, filha de Ana Lino do Amaral e de Francisco Valadares.
Tn-468 Pacífico, c.c. Francisca Severino Valadares.

Pais de:
Qn-1.287 Felipe de Castro Valadares, c.c. Maria Rodrigues da Silva.

Pais de:
Pn-1.248 Geraldo
Pn-1.249 Ana
Qn-1.288 Maria José de Castro Valadares, c.c. Clarindo Tavares da Silva.

Pais de:
Pn-1.250 Aprígio
Pn-1.251 Alípio
Pn-1.252 Pedro
Pn-1.253 Jerônimo
Pn-1.254 Clodomiro
Pn-1.255 Antônia Juventina
Pn-1.256 Aída
Qn-1.289 Antônia de Castro Valadares, c.c. Modesto José Fagundes.

Pais de:
Pn-1.257 Martinho José
Pn-1.258 João José
Pn-1.259 Maria Mara
Pn-1.260 Geralda
Pn-1.261 Dalila
Pn-1.262 Altina
Qn-1.290 Luísa de Castro Valadares, c.c. Antônio Rodrigues da Silva.

Pais de:
Pn-1.263 Rosa
Pn-1.264 Almira
Pn-1.265 Arminda

Pn-1.266 Teresinha
Pn-1.267 Pedro

Nota: Não descobrimos ligação de parentesco para José Maria de Castro Valadares, c.c. Ana Gonçalves, de Pará de Minas.
São Filhos dêste casal:

A) José Maria de Castro Valadares, c.c. Luísa de Alvarenga. José Maria residiu em Curvelo.

Pais de:

1) Dr. Iris, médico, c.c. Teresa Figueiredo Mota.

Pais de:

Eduardo Milton
Maria Eugênia
Lúcio Flávio
Luís Otávio
José Maria

2) Meiga, c.c. Múcio Rodrigues Coelho.

Pais de:

Vânia
Mara
Kleber

3) Norma, c.c. Álvaro Fonseca.

Pais de:

Fernando

4) Violeta Carmen, solteira.

B) José de Castro Valadares.

Tn-469 Antônia, falecida solteira.
Tn-470 Joaquina, c.c. Amâncio Generoso da Fonseca.

Pais de:

Qn-1.291 Paulo
Qn-1.292 Zulma
Qn-1.293 Joaquina, c.c. Jovino Noronha.

Tn-471 Maria Madalena.
Bn-135 Antônio (Tonico do Mocambo), c.c. Antônia Álvares da Silva.

Pais de:

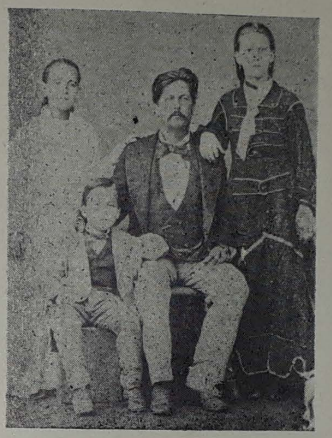
Tn-472 Antônio Gabriel da Cunha e Castro (Nhôzinho do Mocambo), c.c. Firmina Guilhermina de Valois.

Pais de:

Qn-1.294 Antônia da Fonseca e Castro, c.c. Cornélio Pinto da Fonseca, filho de José Pinto da Fonseca e de Filomena da Fonseca.

Pais de:

Pn-1.268 Enoi
Pn-1.269 Cornélia, falecida
Pn-1.270 Ivêta, falecida
Pn-1.271 José



Antônio Gabriel da Cunha Campos (Nhozinho do Mocambo) e Família

Pn-1.272 Benedito
Pn-1.273 Lígia
Pn-1.274 Cornélio
Pn-1.275 Noêmia
Pn-1.276 Alda
Pn-1.277 Maria José
Pn-1.278 Hilda
Pn-1.279 Maria

Qn-1.295 Antônia de Castro e Silva c.c. Otávio Álvares da Silva, filho de José Luís Álvares da Silva e de Maria Carolina Álvares da Silva.

Pais de:

Pn-1.280 José Maria Álvares da Silva (Nílico das Cabeceiras), fazendeiro em Pompéu, casado a primeira vez com Elídia Álvares de Souza, filha de Pedro Lino de Souza e de Emília Jacinta Álvares da Silva. Ex-prefeito de Pompéu.

Pais de:

Sn-359 Helena
Sn-360 Inês, farmacêutica
Sn-361 Otávio
Sn-362 Maria
Sn-363 Nemir.

José Maria, (Nílico das Cabeceiras), casado a segunda vez com

D. Sinhá do Mocambo

Maria Barbosa, filha de José de Souza Barbosa e de Conceição Gonçalves Barbosa.

Pais de:

Sn-364 Cleber

Sn-365 Cléia Maria.

Pn-1.281 Aimée, c.c. Antônio Maria de Campos Barros, filho de José Romualdo de Campos e de Rosa Barros.

Filhos já descritos

Qn-1.296 Antônio de Alcântara Castro, c.c. Ester Álvares da Silva, filha de Maria Joana Vieira Maciel e de Antônio Fernandes Álvares.

Pais de:

Pn-1.282 Alice, falecida

Pn-1.283 Alisson, falecido

Pn-1.284 Almir, falecido

Pn-1.285 José Maria' falecido.

Pn-1.286 Iolanda, c.c. Dr. Everardo Lima, ex-cônsul em Liverpool, Secretário da Embaixada do Brasil em Roma.

Pais de:

Sn-366 Antônio Augusto.

N-29 Joaquina, c.c. Alferes Pacífico José da Cunha, viúvo de Ana Joaquina.

Pais de:

Bn-136 Pacífico, c.c. Maria Madalena da Cunha e Castro.

Tn-473 Felipe, c.c. Aurora Álvares da Silva, filha de José Luís Álvares da Silva e de Maria Carolina Álvares da Silva. Residente em Uberaba.

D. ~~Sahazinha~~ Inhazinho
mulher de
Pacifiquinho

Sem filhos

Tn-474 Pacífico

Tn-475 Antônio, falecido

Tn-476 Maria, c.c. Graciliano Álvares da Silva, filho de Franklin Álvares da Silva e de Josefina Álvares da Silva.

Tn-477 Joaquina (D. Sinhá dos Correios), residente em Abaeté.

N-30 Capitão Joaquim Antônio, c.c. Joana Evangelista de Oliveira Campos, filha de Timóteo Gomes Valadares e de Ana Jacinta de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

N-31 Antônio Chimango, c.c. Jacinta Maria de Souza Machado, filha do Capitão Luis Joaquim de Souza Machado e de Bernarda Maria de Oliveira Campos.
Filhos já descritos

N-32 Angélica, c.c. Domingos Alves Teixeira.

Pais de:

Bn-137 Antônio Aurélio
Bn-138 Angélica
Bn-139 Rita.

RESUMO

F..	5
N..	32
Bn	139
Tn	477
Qn	1.296
Pn	1.286
Sn	366
Hn	17
Soma:	3.618

Descendentes: 3.618.

DESCENDÊNCIAS DE IZABEL JACINTA DE OLIVEIRA CAMPOS E Tte. CEL. MARTINHO ÁLVARES DA SILVA

CAPITULO VI

FILHOS

N-33 Ana Leonissa, c.c. José Nábrega de Airosa.

N-34 Dr. Inácio Álvares da Silva, c.c. Luisa Carolina Álvares da Silva.

N-35 Cel. José Luís Álvares da Silva, casado a primeira vez com Beatriz de Oliveira Campos. Casado a segunda vez com Maria Carolina Álvares da Silva.

N-36 Maria Isabel de Oliveira e Silva, c.c. o Cel. João Francisco Alves Contagem.

N-37 Beatriz Umbelina de Oliveira e Silva, c.c. Antônio José de Abreu e Silva.

N-38 Domitila Cândida de Oliveira e Silva, c.c. o Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares.

N-39 Antônia Benedita de Oliveira e Silva, casada a primeira vez com José dos Santos Silva. Casada a segunda vez com o Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares, viúvo de Domitila Cândida.

N-40 Antônio Álvares da Silva, c.c. Virgínia Joaquina dos Santos Silva.

N-41 Dr. Martinho Álvares da Silva Campos, casado a primeira vez com Maria Joaquina dos Santos Silva. Casado a segunda vez com Luísa Joaquina dos Santos Silva. Casado a terceira vez com Felisberta Ribeiro de Avelar.

N-42 Dr. Francisco Álvares da Silva Campos (Dr. Cucuta), c.c. Aurora Carolina Álvares da Silva.

N-43 Isabel Jacinta de Oliveira e Silva, c.c. Francisco Manuel de Abreu e Silva.

N-44 Beralda Lucinda de Oliveira e Silva, c.c. Antônio Gomes Ribeiro de Avelar.

N-45 Balbina de Oliveira e Silva, falecida em criança.

N-46 Antônia Júlia de Oliveira e Silva, c.c. Francisco Alves Fernandes.

F-6 Isabel Jacinta de Oliveira Campos, nascida a 21 de fevereiro de 1784 e falecida a 26 de julho de 1840, c.c. o Tenente-Coronel Martinho Álvares da Silva, nascido a 11 de novembro de 1769 e falecido a 9 de abril de 1846, filho do Capitão Antônio Álvares da Silva e de Ana Maria de Jesus. Residiram nos Guardas, município de Pará de Minas.

Pais de:

N-33 Ana Leonissa de Oliveira e Silva, nascida a 14 de junho de 1803 e falecida em 1885, em sua propriedade "Sítio do Sossêgo" em São Luís, hoje município de Volta Grande, Estado de Minas Gerais. Casou-se em 13 de janeiro de 1827 com José Nóbrega d'Airosa, falecido a 23 de maio de 1848, descen-

D. Ana Leonissa de Oliveira e Silva

dente do Duque d'Airosa (Espanha) e pelo lado materno descendia do Governador de São Tomé, hoje Estado do Rio de Janeiro. Residiram na Fazenda Sant'Ana no Município de Paraíba do Sul.

Pais de:

Bn-140 Belisário da Nóbrega d'Airosa, nascido a 29 de outubro de 1828 e falecido a 28 de novembro de 1885. Casou-se em 5 de agôsto de 1861, com Francisca da Cunha e Souza (D. Francisca de Santa Clara), viúva de seu tio Antônio da Cunha e Souza.

Pais de:

Tn-478 Isabel, c.c. José da Silva Paranhos, sobrinho do Barão do Rio Branco.

Sem filhos

Tn-479 Luís, falecido solteiro.
Tn-480 Francisca, falecida solteira.
Tn-481 Cristiano, c.c. Marília de Dirceu Andrade Machado.

Bn-141 Dr. Leopoldo Nóbrega d'Airosa, médico professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nascido a 8 de outubro de 1829 e falecido em 1868. Casou-se em 22 de novembro de 1855 com Francisca Augusta da Rocha Werneck, filha de Luís Quirino da Rocha e de Francisca das Chagas Werneck, Barões de Palmeiras.

Pais de:

Tn-482 Ana, falecida solteira.
Tn-483 Teófilo, falecido
Tn-484 Isabel, c.c. Dr. Joaquim Moreira, médico em Petrópolis, ex-Senador pelo Estado do Rio de Janeiro.

Pais de:

Qn-1.297 Isabel
Qn-1.298 Alice, c.c. Dr. Luís Tavares Alves Pereira, engenheiro.

Pais de:

Pn-1.287 Clotilde, c.c. Diogo Lara, falecido.

Pais de:

Sn-367 Diogo Lara
Sn-368 Clotilde

Clotilde, casada a segunda vez com Dr. Martinho da Silva Prado.

Pais de:

Sn-369 Fábio

Pn-1.288 Cecília, c.c. Dr. Edgar Tostes, médico cirurgião.

Pais de:

Sn-370 Edgar Luís
Sn-371 Eduardo

Pn-1.289 Gervásio Pereira, c.c. Cecília Vasconcelos.

Pais de:

Sn-372 Luís
Sn-373 Alice

Qn-1.299 Leopoldo Moreira, c.c. Branca de Azevedo, filha do Comendador Domingos Teodoro de Azevedo, e de .. ..

Pais de:

Pn-1.290 Branca Maria Moreira, c.c. Márcio de Melo Franco Alves, ex-Prefeito de Petrópolis.

Pais de:

Sn-374 Márcio
Sn-375 Branca Maria

Leopoldo Moreira, casado a segunda vez com Maria de Oliveira Castro.

Pais de:
Pn-1.291 Leopoldo Moreira Filho
Qn-1.300 Isabel, falecida
Qn-1.301 Eugênia, c.c. Dr. Paulo Figueira de Melo, neto do Visconde de Ubá.

Pais de:
Pn-1.292 Dr. Paulo Eugênio Figueira de Melo, engenheiro, c.c. Joana Cavalcanti de Albuquerque.

Pais de:
Sn-376 Ana Maria
Sn-377 Paulo
Sn-378 Luís Carlos
Sn-378 João Henrique

Pn-1.293 Dr. Rodolfo Figueira de Melo, c.c. Sílvia de Carvalho.

Pais de:
Sn-379 Rodolfo
Sn-380 Maria Eugênia
Sn-381 Maria Helena

Tn-485 Martinho Nóbrega, c.c. Raquel de Almeida Magalhães.

Pais de:
Qn-1 302 Clarice, c.c. Dr. Jorge Soares de Gouvêa. Médico.

Pais de:
Pn-1.294 Dr. Jorge Soares de Gouvêa Filho, engenheiro, c. c. Maria das Mercês Siqueira.
Pn-1.295 Dr. Maurício, médico
Pn-1.296 Dr. Gustavo, médico.
Pn-1.297 Fernando
Pn-1.298 Maria
Pn-1.299 Cristiano
Pn-1.300 Lúcia
Pn-1.301 Guilherme
Pn-1.302 Paulo

Qn-1.303 Clotilde, falecida
Qn-1.304 Martinho, falecido.

Tn-486 Maria Leopoldina Nóbrega, c.c. Dr. Teófilo Teixeira de Almeida, engenheiro.

Pais de:
Qn-1.305 Maria da Glória, c.c. Dr. Roberto Marinho de Azevedo, Catedrático da Escola Politécnica.

Pais de:
Pn-1.303 Beatriz Marinho, c.c. Hélio Sampaio.

Pais de:
Sn-382 Gilda
Sn-383 Mário Roberto
Sn-384 Maria Teresa
Sn-385 Fernando Augusto

Pn-1.304 Helena Marinho, c.c. José Milliet Filho.

Pais de:
Sn-386 Eduardo
Sn-387 Lúcia Maria
Sn-388 Rodolfo Jose

Pn-1.305 Roberto Marinho de Azevedo Filho, c.c. Eloisa Osvaldo Cruz.

Pais de:
Sn-389 Roberto Marinho de Azevedo Neto

Pn-1.306 Laura Marinho
Pn-1.307 Eloisa.

Qn-1.306 Francisca, professôra do Colégio Pedro II, c.c. Gastão Pestana Aguiar.

Qn-1.307 Carmen, c.c. Haroldo Borges Leitão, falecido, Aviador Militar.

Bn-142 Dr. Teófilo Nóbrega d'Airosa, advogado, nascido a 19 de maio de 1833 e falecido a 9 de novembro de 1865, solteiro.

Bn-143 Teobaldo, c.c. Maria Idalina da Nóbrega, residiram em São Paulo onde deixaram descendência, a qual não pudemos descobrir.

Bn-144 Ana, nascida a 31 de maio de 1836, c.c. José Joaquim Monteiro Castro.

Sem filhos

Bn-145 Isabel, c.c. Luís Carvalho de Andrade (Caririco).

Sem filhos

Bn-146 Generosa, nascida a 3 de maio de 1843 e falecida em Friburgo no ano de 1889. Casou-se em 18 maio de 1863 com Eugênio Pedro Sigaud, nascido no Rio de Janeiro em 18 de fevereiro de 1833 e falecido em Belo Horizonte, em 15 de agôsto de 1905, filho de Dr. José Francisco Xavier Sigaud, médico da família Imperial, e de Eugênie Genovêve Fargês.

Pais de:
Tn-487 Isabel
Tn-488 Dr. Pedro Nóbrega Sigaud, nascido a 2 de fevereiro de 1869 e falecido em 15 de fevereiro de 1916. Engenheiro civil, foi um dos construtores da Capital de Minas e fundador da Escola de Engenharia de Belo Horizonte. Casado com Alice Teixeira Côrtes, nascida a 17 de dezembro de 1877 em Além Paraiba. O casamento foi realizado a 25 de setembro de 1894.

Pais de:
Qn-1.308 Dr. Eugênio Côrtes Sigaud, médico, falecido em 1928, c.c. Materna Germano.

Pais de:
Pn-1.308 Pedro Emílio, c.c. Venuzza Galvão de França Sigaud.

Pais de:
Sn-390 Maria Ofélia
Sn-391 Eduardo

Dr. Pedro Sigaud

Pn-1.309 Hugo, c.c. Teresinha Cápua Sigaud.
Pais de:
Sn-392 José Francisco
Pn-1.310 Materna Eugênia, c.c. Dr. Luís Talikerta.
Pais de:
Sn-393 Eugênio Luís
Pn-1.311 Wilson.
Qn-1.309 Dr. José Côrtes Sigaud, engenheiro civil, c.c. Maria Luísa Chaffarod, francesa. Dr. José Côrtes Sigaud, casado a segunda vez com D. Ilda Teixeira Côrtes Sigaud. O Dr. José Côrtes Sigaud é falecido.
Sem filhos
Qn-1.310 João Evangelista, falecido solteiro.
Qn-1.311 Leopoldo, c.c. Nair Barbosa da Silva.
Pais de:
Pn-1.312 Marherval.
Qn-1.312 Clarice, c.c. José Narciso Machado Coelho. Residente em Belo Horizonte.
Pais de:
Pn-1.313 George
Pn-1.314 Sérgio, c.c. Maria Emília Alves Furtado.
Pn-1.315 Gilda.

Qn-1.313 Déa, c.c. Dr. Ernesto Machado Coelho. Residente em Belo Horizonte.
Pais de:
Pn-1.316 Gilberto
Pn-1.317 Reinaldo
Pn-1.318 Roberto
Pn-1.319 Rui
Pn-1.320 Déa
Pn-1.321 Rubens
Qn-1.314 Cléia, c.c. Luís Cambiaghi. Residente em São Paulo.
Sem filhos
Qn-1.315 Nícia, c.c. Luís Aires Furquim de Campos. Residente em São Paulo.
Pais de:
Pn-1.322 Heloisa Helena
Pn-1.323 Luís Fernando
Pn-1.324 Luís Roberto
Pn-1.325 Luís Eduardo
Pn-1.326 Luís Henrique.
Qn-1.316 Alice, c.c. Dr. Lauro Ferreira, filho do Dr. Cícero Ferreira e de D. Laura das Chagas Ferreira.
Pais de:
Pn-1.327 Marília
Pn-1.328 Maurício
Pn-1.329 Marcelo
Pn-1.330 Márcio
Pn-1.331 Laura Alice
Pn-1.332 Maria Regina
Pn-1.333 Maria Luísa
Pn-1.334 Maria Helena.
Qn-1.317 Pedro, falecido solteiro.
Qn-1.318 Dr. César, médico em Guaratinguetá — Estado de São Paulo, c.c. Amarilis Germano, irmã de Materna Germana, e filha de Coronel Emídio Germano e de Floriana Freitas Vale (tia do Dr. Osvaldo Aranha, Ministro da Fazenda).
Pais de:
Pn-1.335 Joaquim Júlio
Pn-1.336 César Augusto
Pn-1.337 Maria Teresa
Pn-1.338 Regina Helena.
Tn-489 Dr. Paulo, falecido em 1917, foi casado com Maria Gouvêa Proença, filha de Joaquim Júlio de Fonseca e de Antônia Soares de Gouvêa, de Caeté.
Pais de:
Qn-1.319 Joaquim Júlio Proença Sigaud, c.c. Malvina .. .. ..
Pais de:
Pn-1.339 Zilá
Pn-1.340 Paulo
Pn-1.341 Rui

Qn-1.320 Dr. Lucas, c.c. Zilda Vasconcelos, do Rio Grande do Norte.

Pais de:

Pn-1.342 Maria da Glória
Pn-1.343 Paulo
Pn-1.344 Eugênio
Pn-1.345 Raimundo

Qn-1.321 Dr. Eugênio Proença Sigaud, c.c. Sílvia Tassano.

Pais de:

Pn-1.346 Paulo Eduardo
Pn-1.347 Maria

Qn-1.322 José Xavier Sigaud, c.c. Noêmia Scolari.

Pais de:

Pn-1.348 Marta Luísa
Pn-1.349 Maria Ester

Qn-1.323 Dr. Cássio Proença Sigaud, c.c. Elza de Souza, argentina.

Sem filhos

Qn-1.324 Dr. João Batista, c.c. Maria .. ..

Pais de.

Pn-1.350 Alice Maria
Pn-1.351 Liberato Paulo

Qn-1.325 Maris Stella, solteira.

Qn-1.326 Dom Geraldo Proença Sigaud, SVD, Bispo de Jacarezinho, São Paulo. Nasceu a 26 de setembro de 1909 em Belo Horizonte. Ordenou-se em Roma a 12 de março de 1932 e foi sagrado Bispo em São Paulo a 1.º de maio de 1947.

Tn-490 Vitorina, falecida em 1903, c.c. Dr. Eduardo da Silva Pôrto.

Pais de:

Qn-1.327 Eugênia, c.c. Dr. Gabriel Pôrto, de Campinas.

Pais de:

Pn-1.352 Maria Eugênia
Pn-1.353 Zilma
Pn-1.354 Alfredo
Pn-1.355 Eduardo
Pn-1.356 Gabriel
Pn-1.357 Luís Fernandes
Pn-1.358 Ana Maria

Qn-1.328 Sílvio Sigaud Pôrto, falecido, foi casado com Branca Cerqueira.

Pais de.

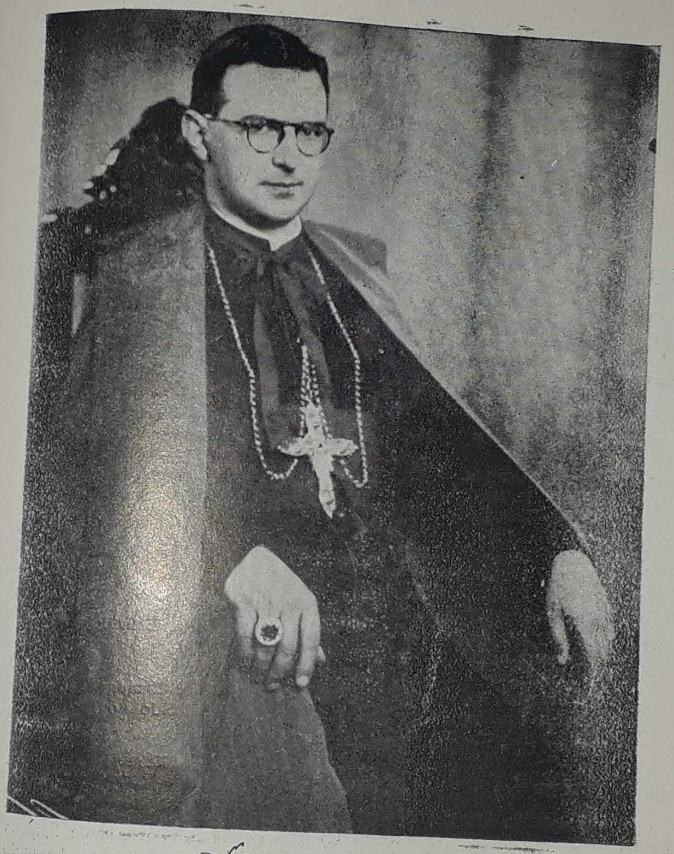
Pn-1.359 Sérgio
Pn-1.360 Maria Helena

Qn-1.329 Luísa, falecida em criança

Qn-1.330 Eduardo, c.c. Alice Cunha, prima do Dr. Gastão da Cunha.

Pais de:

Pn-1.361 Murilo



Dr. Geraldo Proença Sigaud

Pn-1.362 Lúcia
Pn-1.363 Vanda
Tn-491 Leopoldo, falecido solteiro
Tn-492 Eugênio, falecido solteiro
Tn-493 Zenóbia, falecida, solteira
Tn-494 Ana, falecida, solteira
Tn-495 Alice, falecida solteira
Tn-496 Antônio, falecido solteiro
Tn-497 João, falecido solteiro
Tn-498 Rosa, falecida solteira.

Bn-147 Joaquina, nascida a 30 de novembro de 1844, c.c. Francisco Luís de Andrade Jorge.

Sem filhos

Bn-148 José Nóbrega d'Airosa, nascido a 17 de março de 1846 e falecido em 1866, na Guerra do Paraguai.

N-34 Dr. Inácio Álvares da Silva, médico, nascido a 7 de outubro de 1840, nos Guardas, falecido, foi casado com Luísa Carolina Álvares da Silva, falecida a 22 de janeiro de 1929, filha do Coronel Jacinto Álvares Ferreira da Silva e de Maria Carolina Álvares da Silva. O Dr. Inácio residiu em Paraíba do Sul.

Pais de:

Bn-149 Martinho, c.c. Cecília Teixeira Leite, filha de Francisco Carlos Teixeira Leite e de .. .. ..

Barreiro, município de Pitangui, na antiga Província de Minas Gerais, quando a governava Brás Baltazar da Silveira. Seu pai gozava de grande reputação profissional em todo o Oeste de Minas e sua mãe D. Domitila, senhora de grandes méritos e virtudes, magnífico exemplar de mulher mineira, era irmã do Conselheiro Martinho Álvares da Silva Campos, celebrado estadista do segundo Império, político de grande envergadura, homem de partido, antes de ser médico também como o Dr. Valadares.

Iniciou o Professor Valadares os seus estudos preparatórios em Pitangui. Transferindo-se para São Paulo, ali os concluiu e matriculou-se na Faculdade de Direito, em que se bacharelou em 1873.

Defendeu tese logo após, versando a mesma sôbre "Prova semiplena", logrando honrosa aprovação. Submeteu-se a concurso de lente substituto, sendo classificado e incluido em lista, mas não obteve nomeação, segundo alguns por motivo de sua altivez em audiência que lhe dera o Imperador, outros porque era moço demais para o exercício da função do cargo que pleiteava. Efetivamente conta-se que em presença de D. Pedro II, a quem levara a sua tese, o monarca, elogiando-a grandemente e agradecendo a gentileza, dissera ao jovem: Senhor Valadares, eu não gosto que os candidatos se empenhem. Retruca-lhe para logo o Dr. Benedito: Venho à presença de V. M. obedecendo tão simplesmente a uma praxe, tanto que não procurei nenhum ministro de V.M. Casou-se em 1873, com sua prima D. Maria Luisa Álvares da Silva Campos, filha de seu tio Dr. Inácio Álvares da Silva Campos, irmão de D. Domitila e do Conselheiro Martinho Campos.

Celebrou as bodas de Ouro e o jubileu da formatura, acontecimentos marcantes de uma vida particular e pública que se correspondiam na inteireza do coração e no brilhantismo do espírito, a presidirem todos os seus atos. De seu consórcio nasceram quatro filhos: Francisco, Cáio, Ignácio e Benedita. Os filhos foram todos diplomados em direito, sendo que dêles falaremos oportunamente. D. Benedita conservou-se solteira.

Não logrando nomeação para o magistério superior, volve o Dr. Benedito a Pitangui, filiando-se ao partido liberal, sob a chefia de Martinho Campos e elege-se Deputado Provincial em 1874. Impôs-se nesta qualidade como grande tribuno parlamentar, grangeando para logo a admiração e o respeito de todos. Neste caráter foi igualmente um destemido lutador.

Então em seguida exerceu cumulativamente o cargo de Promotor em Paraíba do Sul e o de Deputado Provincial a Assembléia de Minas (1876-1880). Eleito, pelos altos serviços prestados, Deputado à Assembléia Geral em 1879, sendo reeleito em 1885 pelo 5.º distrito provincial.

Foi uma revelação da mais subida eloqüência, argumentador seguro, defensor dos interêsses do povo e espírito essencialmente liberal.

Na campanha abolicionista manteve os fogos acesos da discução e, obedecendo à sua formação jurídica e independência de caráter, combateu a lei da emancipação e se opôs ao Gabinete Dantas, alheio aos interêsses de ordem particular. Não foi escravocrata pròpriamente, pois não possuiu um só escravo.

Eis uma fase destacada de sua vida parlamentar, quando travava debates memoráveis com Nabuco, Rui Barbosa, Afonso Celso e outros, atestando profunda cultura jurídica e inexcedível eloqüência tribunícia, ao afrontar a impopularidade e a antipatia das hostes contrárias ao seu ponto de vista.

Estudou o assunto em suas raízes mais profundas e em seu espírito firmou-se uma convicção, que defendia a todo transe com admirável bravura cívica.

Evaristo de Morais assim se exprimiu sôbre os discursos do Professor Benedito Valadares, no tratar da questão servil: "distinguem-se pela elevação de pensamento, solidez da argumentação jurídica, constituindo as mais belas páginas que se produziram, então, na vida parlamentar".

O Professor Benedito Valadares ombreou com os mais notáveis vultos de sua época, quando a eloqüência parlamentar era disputada por sumidades, como Cotegipe, Silveira Martins, Gomes de Castro, Andrade Figueira, Ferreira Viana, João Alfredo, Joaquim Nabuco, Lafaiete, Ouro Prêto, Rui Barbosa, Fernando da Cunha.

É esta a opinião de Afonso Celso, também seu companheiro de Assembléia e adversário político, que acrescenta: Valadares era bem o digno continuador dêsse gigante da idéia e da palavra — Martinho Campos, seu tio.

Afastou-se da política, quando foi do advento da República, dedicando-se à advocacia em Paraíba do Sul.

Minas, por seus amigos e partrícios, convocou-o para integrar a sua representação no Congresso Constituinte. Escusou-se delicadamente da honrosa solicitação feita por velhos amigos e correligionários da Monarquia.

Mais tarde, por instância do Dr. Francisco Portela, então Governador do Estado do Rio, acedeu ao convite de participar da Assembléia Constituinte daquele estado, elegendo-se Deputado e figurando com relêvo na elaboração da Carta Constitucional do Estado.

Cesário Alvim, em nome de Minas inconformado pela ausência do ilustre filho, reclamou a sua participação em seu Govêrno. Serviu-o como Deputado Federal em 1892, na vaga de Francisco Amaral.

Sempre solícito e fiel aos seus ideais e compromissos, a sua atuação então foi uma reprise das anteriores, como parlamentar independente, obediente, antes de tudo, aos imperativos de sua consciência, condicionada à disciplina partidária e lealdade política.

Combateu intrèpidamente o Govêrno Floriano, que considerava ilegal e usurpador, por deixar-se ficar no poder sem proceder a novas eleições. Arrostou tôdas as conseqüências de sua atitude destemerosa, forrada de energia, renúncia, coragem cívica, e defendeu desassombradamente a ordem ilegal, impondo-se à admiração de quantos o viam exercitar com tamanho denôdo as suas funções de representante do povo. Atacando o orçamento da guerra e a indisciplina reinante na Escola Militar, os alunos chegaram ao extremo de irem incorporados à porta da Câmara para desacatá-lo. Estava ausente o destemido parlamentar, sendo os alunos recebidos pelo Presidente da Câmara, Dr. João Lopes, que lhes verberou o procedimento, enfrentado-os corajosamente.

Insistindo em sua companha de oposição ao Marechal de Ferro, certa vez um palaciano perguntara a êste porque, tendo prendido a vários congressistas, não fazia o mesmo com o representante mineiro. Floriano, espírito clarividente que a todos conhecia, respondeu: O Dr. Valadares é um filósofo sincero. Critica e combate, porque está convencido de suas opiniões, mas não será capaz de conspirar.....

Há na vida do Professor Valadares um fato digno de ser rememorado, por isso mesmo que a raríssimas criaturas será dada tamanha oportunidade de demonstrar a sua bravura cívica e coragem pessoal.

Nos dias agitados de revolução reuniu-se a Congregação da Faculdade de Direito, da qual era membro, como professor de Direito Civil, em sessão solene e sob a presidência do Marechal Floriano. Fausto Cardoso, grande tribuno e professor, florianista apaixonado, foi designado orador oficial. Cingiu-se em eloqüente oração em elogiar o ditador e a ditadura, defendendo-lhe tôdas as medidas de exceção, amparadas pela fôrça e pela espada. Escusado dizer que os aplausos foram calorosos. Pede a palavra súbita e inesperadamente o Professor Valadares. Espanto geral. Dirigindo-se a Floriano, concitou-o a não ouvir os conceitos e conselhos apaixonados do orador, ditados pelo partidarismo político. Naquele ambiente de serenidade, onde o direito e a lei tinham a sua catedral e se mostravam em sua plenitude, êle afirmava ao Presidente da República que sòmente sob a égide do Direito, da Lei e da Justiça, os governos poderiam cumprir a sua missão e as sociedades se poderiam organizar.

Terminada a cerimônia, levanta-se Floriano e, dirigindo-se ao Professor Valadares, diz: Eu penso como o Senhor.

Com Silva Jardim, redige o primeiro código eleitoral da República, que serviu para a eleição do Congresso Constituinte da República.

O Professor Dr. Luís Antônio da Costa Carvalho, evocando a figura do Professor Dr. Benedito dos Campos Cordeiro Valadares no centenário de seu nascimento, cita-lhe êstes conceitos de seu acentuado amor ao Direito, ciência que cultivou tôda a vida: "É o Direito a plenitude de garantias organizadas com relação à conservação da vida". "É o Direito a organização e efetividade da vida física, intelectual, moral e religiosa dos homens e dos povos, ou seja, a organização e efetividade da liberdade". Todo elemento de ordem respeitado é um passo no aperfeiçoamento da espécie humana; e êsse elemento de ordem é o Direito nas suas múltiplas manifestações. "É o Direito Civil, é o Direito Comercial, é o Direito Econômico-Financeiro, o Direito Internacional Público e Privado, é o Direito Penal e, na cúpula, coroando a vida social e individual, em relação a cada povo, o Direito Político, o Direito Constitucional na sua irradiação, o Direito Administrativo, tornando realidade a vida livre no seio do organismo social".

Eis em ligeiros traços o perfil biográfico de uma das grandes eminências do cenário humano da árvore genealógica de Dona Joaquina do Pompéu — o Professor Benedito Valadares, da qual era bisneto e de cuja estirpe inexcedível expoente representativo.

Filhos do Dr. Benedito dos Campos Cordeiro Valadares e de Maria Luísa Alvares da Silva:

Tn-508 Dr. Caio Campos Valadares, formado em Direito, falecido, foi Deputado.

Casado com Judite de Oliveira Pena, filha do Dr. Randolfo de Oliveira Pena e de Guilhermina Teodolina Augusta.

Residiu em Paraíba do Sul.

Pais de:

Qn-1.331 Dr. Cáio, Juiz de Direito no Território do Acre, casado a primeira vez com Gonçalina de Souza.

Pais de:

Pn-1.364 Cáio

Caio Campos Valadares, filho do Dr. Benedito, tirada aos 8 anos de idade.

Dr. Cáio, casado a segunda vez com Maria da Conceição Sampaio.

Sem filhos

Qn-1.332 Judite (D. Juju), c.c. Dr. Antônio Pires Salgado, residente no Rio de Janeiro.

Pais de:

Pn-1.365 Luís

Pn-1.366 Ulisses

Qn-1.333 Ofélia, c.c. Oscar Fontenelli.

Pais de:

Pn-1.367 Ofélia Maria, c.c. o Dr. Renato Maurício e Silva.

Pais de:

Sn-394 Ofélia Maria

Sn-395 Renato

Pn-1.368 Dulce Maria, c.c. o Dr. Amadeu Borelli.

Sem filhos

Pn-1.369 Oscar, c.c. Vanda

Pn-1.370 Benjamim, solteiro.

Qn-1.334 Regina, c.c. Júlio de Medeiros.

Pais de:

Pn-1.371 Rosa Maria

Qn-1.334-a Maria Luisa.

Dr. Cáio de Campos Valadares

Formato em Direito. Faleceu em 9 de outubro de 1939.

"No exercício da profissão por excelência ingrata e tão mal compreendida, como tal mal julgada, que é a advocacia, revelou sempre as suas qualidades, os seus predicados de profissional inteligente, esforçado, culto e destemeroso, tendo conseguido mesmo fazer fortuna na profissão, em Manaus, onde foi também lente catedrático da Faculdade de Direito do Estado do Amazonas.

Nos últimos anos, para acompanhar seu amigo Dr. Durval Pôrto, então Governador do Estado, meteu-se na política.

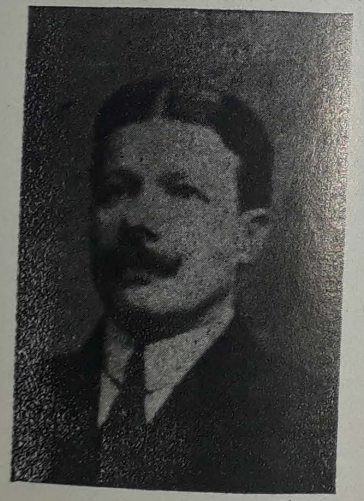
Na revolução de 1930, era Presidente da Assembléia do Estado, quando foi prêso e recambiado ao Rio de Janeiro. A loucura dominante fêz com que o povo assaltante queimasse a sua casa, destruindo-lhe todos os bens. Teve que recomeçar vida nova".

Tn-509 Dr. Inácio de Campos Valadares, formado em Direito, falecido, foi Deputado Federal. Casado com Maria Beatriz Maldonado. Pais de:

Qn-1.335 Sílvia, c.c. Dr. Cáio de Almeida
Qn-1.336 Nair, c.c. Ademar Fonseca.

Dr. Inácio de Campos Valadares

Formado em Direito, foi um profissional de talento e cultura. Marcaram-lhe a personalidade grandes dotes morais e imensa bondade de coração.



Ignácio de Campos Valadares

Faleceu em 26 de abril de 1923, ainda moço e em vida do pai.

Tn-510 Dr. Francisco de Campos Valadares, formado em Direito, foi Deputado Federal. Casado com Constância (D. Ceci), de Juiz de Fora, filha do Cel. Manuel Vidal Barbosa Lage e de D. Constância Vidal.

Sem filhos

Dr. Francisco de Campos Valadares

O Dr. Francisco de Campos Valadares, nasceu em Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, com distinção, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Promotor Público nas comarcas de Pomba e Juiz de Fora. Advogado inteligente e culto, foi também jornalista intrépido e dinâmico. Polemista e escritor elegante, redigiu o "Pharol" e o "Jornal do Comércio", ambos de Juiz da Fora. Lente de Economia Política da Academia de Comércio dessa cidade.

Dr. Francisco dos Campos Valadares

Deputado Estadual e Federal, exerceu com o maior brilhantismo e proficuidade os seus mandatos. O Dr. Francisco de Campos Valadares foi o candidato mais votado no Brasil, quando de sua eleição à Câmara Federal. Entre as suas iniciativas figura e projeto revogando o Decreto do Govêrno Provisório, que expulsou do Brasil Sua Majestade o Imperador Dom Pedro II e tôda família imperial, abrindo as fronteiras do Brasil para que aqui viessem residir.

Chefe de Polícia do Distrito Federal do Govêrno Hermes da Fonseca, marcou-se-lhe pela calma, clarividência e moderação, que imprimia a todos os seus atos.

Consorciou-se com Dona Constância Valadares, da distinta família Vidal Barbosa.

Era o filho que mais se aproximava dos pais, quanto aos «dotes da inteligência, combatividade, destemor, elegância pessoal, facilidade de expressão, eloqüência parlamentar e fidelidade aos compromissos".

Tn-511 Maria Benedita, solteira, professôra no Rio de Janeiro.
Bn-152 Isabel Passos, c.c. José Antônio Passos, filho de Mariano Passos e de .. ..

Sem filhos

Bn-153 Luisa, solteira, professôra no Rio de Janeiro.
Bn-154 Aurora, solteira.
Bn-155 Inácio, c.c. Maria da Conceição, filha dos Viscondes de Ibituruna.

Pais de:

Tn-512 Maria Clara, c.c. José Delamares, residentes em São Paulo.
Tn-513 João Evangelista, militar
Tn-514 João Batista, falecido
Tn-515 Maria, c.c. Virgílio Werneck.

Sem filhos

Bn-156 Dr. José Luís, solteiro.
Bn-157 Dr. Francisco Álvares da Silva, formado em Direito, casado com Maria da Glória Gavião Peixoto, filha do Dr. Bernardo Avelino Gavião Peixoto, Desembargador Honorário, Conselheiro, foi Deputado Geral, Presidente do Estado de São Paulo, vulto proeminente no partido Liberal do tempo do Império, e de Josefa Ribeiro, de São Paulo.

Sem filhos

Nota: Ver Genealogia Paulistana de Silva Leme — vol. IV pág. 263.

Bn-158 Antônio, solteiro.
N-35 Cel. José Luís Álvares da Silva, casado a primeira vez com Beatriz, filha do Tenente Inácio de Oliveira Campos e de Bárbara Umbelina de Sá e Castro, de Paracatu.

Sem filhos

Cel. José Luís Álvares da Silva, casado a segunda vez com Maria Carolina Álvares da Silva, filha do Cel. Jacinto Álvares Ferreira da Silva e de Maria Carolina Álvares Ferreira da Silva (Dona Maria Bahia).

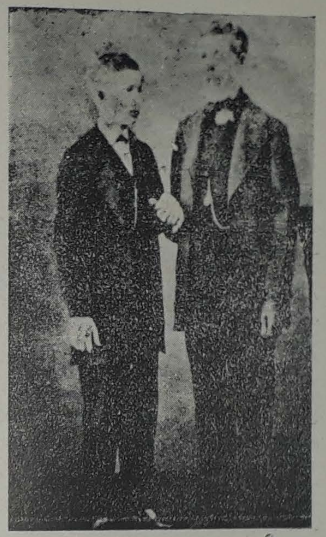
Pais de:

Bn-159 Isabel Jacinta, c.c. Fabrício Álvares de Abreu e Silva, filho de Antônio José de Abreu e Silva e de Beatriz Umbelina de Oliveira e Silva.

Pais de:

Tn-516 Beatriz Umbelina, falecida
Tn-517 Maria Carolina, falecida
Tn-518 Isabel Jacinta, falecida
Tn-519 Inês Augusta, residente em Pará de Minas
Tn-520 Etelvina Augusta, falecida
Tn-521 José, falecido
Tn-522 Antônio José, residente em Pará de Minas.

Bn-160 Dr. Martinho, médico assistente da família Imperial, falecido solteiro.



Cel. José Luís Álvares da Silva e seu Filho Martinho

Maria Carolina Álvares da Silva

Bn-161 Luisa, c.c. Tenente-Coronel Antônio Álvares da Silva, filho de Capitão Antônio Alves da Silva e de Cândida Soares de Faria Branco.

Pais de:

Tn-523 Antônio
Tn-524 Artur
Tn-525 Oscar
Tn-526 Vasco
Tn-527 Cândida
Tn-528 Maria
Tn-529 Amador

Bn-162 Maria, c.c. José Cândido Moreira, de Santa Quitéria, hoje município de Esmeralda.

Pais de:

Tn-530 José, c.c. Maria Filgueiras.

Pais de:

Qn-1.335 Maria
Qn-1.336 Ildegarda
Qn-1.337 Lídia
Qn-1.338 Nilza
Qn-1.339 Clevis, c.c. Henriqueta Álvares. Bancário.

Pais de:

Pn-1.372 Sonia Cristina
Pn-1.373 José Frederico.

Qn-1.340 José, c.c. Maria Helena Gontijo Álvares. Advogado.

Pais de:

Pn-1.374 Jaques
Pn-1.375 Maria Cristina
Pn-1.376 Miguel Ângelo.

Qn-1.341 Ênio, médico
Qn-1.342 Celso, advogado.

Tn-531 Jacinto, c.c. Aurora Correia de Lacerda.

Pais de:

Qn-1.343 José, c.c. Zina de Souza Moreira
Qn-1.344 Antônia
Qn-1.345 Jacinto, c.c. Raimunda Correia de Lacerda. Médico.
Qn-1.346 Raimundo.

Tn-532 Francisco, c.c. Loia.

Pais de:

Qn-1.347 Maria
Qn-1.348 Cândida
Qn-1.349 Conceição

Tn-533 Antônia, c.c. José Gastão Machado, filho de Antero Alves Machado e de Leonor Carolina de Abreu Miranda.
Residentes em Belo Horizonte.

Pais de:

Qn-1.350 Antero Gastão Machado, c.c. Hermínia N. Machado.

Pais de:

Pn-1.377 Dayse

Qn-1.351 Maria Gastão de Oliveira, c.c. Raimundo de Oliveira.

Pais de:

Pn-1.378 Mário Marcos
Pn-1.379 Maria Ângela
Pn-1.380 Humberto

Pn-1.381 Nilda
Pn-1.382 Marisa.

Qn-1.352 Aurora Gastão Machado, c.c. José de Araújo Mendes.

Pais de:

Pn-1.383 Maria Célia
Pn-1.384 Lúcio
Pn-1.385 Antônio
Pn-1.386 Carlos

Qn-1.353 José Gastão Machado Filho, falecido solteiro.
Qn-1.354 Leonor Gastão Machado, c.c. José de Morais Filho.

Pais de:

Pn-1.387 Laura Maria
Pn-1.388 Leila Maria
Pn-1.389 Daniel José
Pn-1.390 Susana.

Qn-1.355 Gastão Machado, c.c. Maria dos Reis Machado.

Pais de:

Pn-1.391 Laura

Qn-1.356 Gago Gastão Machado, c.c. Maria José Ribeiro Machado.

Pais de:

Pn-1.392 Maria Lúcia

Qn-1.357 Paulo, solteiro.

Bn-163 Aurora, c.c. Felipe da Cunha e Castro, filho de Pacífico Joaquim da Cunha e Castro, falecido e de .. .. Felipe é falecido e Dona Aurora reside em Uberaba.

Sem filhos

Bn-164 Francisca, c.c. Firmino de Souza Cândido, filho de José de Souza Cândido e de Virgínia de Souza.

Pais de:

Tn-534 José, c.c. Francisca Lino de Souza, filha de Ricardo Lino e de Amélia Álvares de Souza.

Pais de:

Qn-1.358 José
Qn-1.359 Ricardo
Qn-1.360 Nazareno
Qn-1.361 Delça.

Tn-535 Maria, c.c. João Pedro Filho
Tn-536 Amélia, c.c. Ortiz Álvares da Silva
Tn-537 Virgínia, c.c. Augusto Gonçalves Ferreira
Tn-538 Elói, solteiro
Tn-549 Luísa, c.c. José Emílio de Souza Cândido.

Pais de:
Qn-1.362 José
Qn-1.363 Rodolfo
Qn-1.364 Armando
Qn-1.365 Maria.

Tn-550 Judite, c.c. Sérgio Gonçalves Ferreira.

Pais de:
Qn-1.366 José
Qn-1.367 Norberto
Qn-1.368 Sérgio
Qn-1.369 Omar, falecido
Qn-1.370 Maria.

Bn-165 Maria, falecida solteira.

Bn-166 Dr. José Luís, formado em Direito, falecido. Residiu em Uberaba.

Bn-167 Jacinto, (Jacinto Cipó), casado a primeira vez com Inês filha de Jerônimo Vieira Rabelo e de Inês Álvares Fernandes.

Sem filhos

Jacinto, casado a segunda vez com Policena Álvares da Silva, filha de Antônio Zacarias Álvares da Silva e de Isabel Ordones da Cunha Lara (Barões do Indaiá).

Pais de:
Tn-551 José Maria
Tn-552 Artur Alvim
Tn-553 Jacinto, médico em Pitangui
Tn-554 José Carlos (Nonô), residente em Morada Nova
Tn-555 Antônio, falecido
Tn-556 Maria Helena, Diretora do Grupo Escolar de Morada Nova.
Tn-557 Maria Carolina, falecida, foi casada com Antônio Martins, falecido.

Bn-168 Antônio, c.c. Maria Álvares da Silva Campos, filha do Dr. Francisco Álvares da Silva Campos (Dr. Cucuta) e de Aurora Álvares da Silva.

Pais de:
Tn-558 Alzira
Tn-559 Aurora, falecida
Tn-560 Maria Carolina, falecida
Tn-561 Rui
Tn-562 Antônio, falecido.

Bn-169 Inácio Álvares da Silva, nascido a 14 de maio de 1863 e falecido em 18 de maio de 1911, c.c. Luísa Álvares da Silva Contagem, nascida a 14 de julho de 1866, filha do Dr. Martinho Contagem e de Isabel Álvares da Silva.

Pais de:

Tn-563 José Maria, farmacêutico em Divinópolis, Jornalista e poeta, nascido em Pitangui em 7 de dezembro de 1888, c.c. Mariana Fornero de Campos, filha de Rita Cordeiro e de Henriqueta Fornero, de Turin — Itália.

Filhos já descritos

Luisa Álvares da Silva Contagem

Tn-564 Jupira, nascida a 31 de julho de 1905, c.c. Dr. José Bicalho, Chefe do Serviço da Malária em Minas, filho de Edmundo Dias Bicalho e de Conceição Chagas, da cidade de Oliveira.

Pais de:
Qn-1.371 Inácio, médico
Qn-1.372 Edmundo
Qn-1.373 Roberto

Tn-565 Maria Carolina, nascida em 29 de setembro de 1892 em Itapecerica, solteira.

Tn-566 José, nascido em Itapecerica, em 12 de fevereiro de 1894.

Tn-567 Raul, Tabelião do Primeiro Ofício da Comarca de Pitangui, falecido, nascido em Itapecerica a 16 de abril de 1895, c.c. Maria, filha de João Lopes Cançado e de Beatriz Álvares da Silva.

Pais de:
Qn-1.374 José Luís

Tn-568 Martinho. Tabelião em Abaeté, nascido a 6 de outubro de 1897, c.c. Odila Pacheco da Silva, filha de Belchior Pacheco da Silva e de Maria José da Silva Contagem.

Pais de:
Qn-1.375 Inácio
Qn-1.376 Márcio
Qn-1.377 Maria Luísa
Qn-1.378 Vera Lúcia

Qn-1.379 Geni Maria
Qn-1.380 Jani

Tn-569 Maria José, professôra em Pompéu, nascida a 19 de agôsto de 1890, c.c. Manuel Álvares de Abreu e Silva (Dilé), filho de Dr. Higino de Abreu e Silva e de Maria Carolina Álvares e Silva.

Pais de:
Qn-1.381 Inácio, falecido
Qn-1.382 Maria da Conceição, Tesoureira da Prefeitura de Pompéu.
Qn-1.383 Eldira, professôra em Buritizal.
Qn-1.384 Maria das Dores
Qn-1.385 Mário Alves da Silva Contagem, funcionário da Malária na Zona do Norte
Qn-1.386 Mozar, solteiro
Qn-1.387 José Maria, residente no Rio de Janeiro
Qn-1.388 Múcio
Qn-1.389 Nilson, falecido
Qn-1.390 Raimundo

Tn-570 Iara, nascida a 29 de dezembro de 1902, casada com Antônio Cordeiro de Andrade, filho de Pedro Cordeiro Nolasco Filho e de Rita de Andrade.

Pais de:
Qn-1.391 Inácio, funcionário do Banco do Distrito Federal, residente em Belo Horizonte.
Qn-1.392 Maria
Qn-1.393 Dirce
Qn-1.394 Pedro
Qn-1.395 Amador
Qn-1.396 Teresinha

Tn-571 Nise, nascida em 6 de setembro de 1907, solteira, residente em Itaúna, onde é professôra, Poetiza.

Tn-572 Jandira, solteira, nascida em 23 de agôsto de 1910.

Bn-170 Francisco, falecido, c.c. Maria Judite de Campos Braga, residente em Belo Horizonte.

Pais de:
Tn-573 Maria Carolina, solteira, Diretora de Grupo Escolar em Belo Horizonte.
Tn-574 Frederico
Tn-575 Dr. Geraldo, veterinário
Tn-576 Rubens
Tn-577 José, falecido
Tn-578 Eugênio
Tn-579 Maria Helena, normalista.

Bn-171 Otávio, c.c. Antônia de Castro e Silva, filha de Antônio Gabriel da Cunha e Castro e de Firmina Guilhermina de Valois.

Filhos já descritos

Bn-172 Frederico, c.c. Clara Álvares de Castro, filha de Frederico Augusto de Castro Vasconcelos e de Bárbara Cândida de Vasconcelos. Falecido.

Pais de:

Tn-580 José Maria Álvares de Castro.
Tn-581 Otávio, c.c. Geralda Maria de Castro

Pais de:
Qn-1.397 Otávio
Qn-1.398 Teresita
Qn-1.399 Enói
Qn-1.400 Frederico
Qn-1.401 Osmar.

Tn-582 Inácio
Tn-583 Edson
Tn-584 Mário
Tn-585 Ivam
Tn-586 Pedro
Tn-587 Almir, falecido
Tn-588 Antônio, falecido
Tn-589 Danilo, falecido
Tn-590 Péricles, falecido
Tn-591 Geraldo, falecido
Tn-592 João, falecido
Tn-593 Maria Madalena, c.c. José Duarte Guimarães.

Pais de:
Qn-1.402 Francisca
Qn-1.403 Maria da Conceição
Qn-1.404 Maria Aparecida
Qn-1.405 Almir José

Tn-594 Aurora Maria
Tn-595 Edite
Tn-596 Clara
Tn-597 Maria do Carmo.

Cel. José Luís Álvares da Silva, casado a terceira vez com Jesuina Máxima de Faria.

Pais de:
Bn-173 Cândida Álvares da Silva, c.c. José Alves Machado.

Pais de:
Tn-598 Frederico, falecido solteiro.
Tn-599 Dr. José, falecido em Formiga.
Tn-600 Antero, c.c. Leonor Miranda

Pais de:
Qn-1.406 José Gastão, c.c. Antônia Moreira.
Filhos descritos noutro local
Qn-1.407 José do Lot
Qn-1.408 Maria Cândida.

Tn-601 Bernardo Alves Machado, c.c. Carlota de Sena Guimarães.

Pais de:
Qn-1.409 José Alves Machado Sobrinho, c.c. Maria Luísa de Campos.
Filhos descritos noutro local

Qn-1.410 Raul, falecido, casado no Estado do Rio de Janeiro, onde deixou filhos.
Qn-1.411 Aurora, falecida solteira.

Tn-602 Faustina Alves Machado, c.c. Francisco Sales e Silva.
Sem filhos

Tn-603 Maria Alves Machado, c.c. Francisco de Assis Pereira da Fonseca, falecido como voluntário da Guerra do Paraguai.

Tn-604 Beralda, c.c. Francisco Tibúrcio Ferreira da Silva.

Pais de:
Qn-1.412 José, c.c. no Rio de Janeiro
Qn-1.413 Francisco Ferreira da Silva, solteiro, residente em Belo Horizonte.
Qn-1.414 Antônio Ferreira da Silva, casado em Três Ilhas, residente em Juiz de Fora.
Qn-1.415 Vicente Ferreira da Silva, c.c. Antonièta Menezes, Inspetora de Ensino Secundário. Residente em Belo Horizonte.

Pais de:
Pn-1.393 Carmem Dora, c.c. Dr. Paulo Rubens Damázio.

Pais de:
Sn-396 Tânia
Pn-1.394 Carlos Alberto, solteiro.

Tn-605 Luísa Alves Machado, c.c. Dâmaso de Campos Cordeiro.

Pais de:
Qn-1.416 Maria Luísa, c.c. José Alves Machado Sobrinho.

Pais de:
Pn-1.395 José
Pn-1.396 Bernardo, c.c. Maria Mercês de Lacerda.

Pais de:
Sn-397 Jean Mercier
Sn-398 Pedro Paulo
Sn-399 Jeanne D'Arc, c.c. Antônio Megali, mecânico
Sn-400 Cândida
Sn-401 Maria Bernadina
Sn-402 Maria Cecília
Sn-403 Sebastião José
Sn-404 Bernardo Armando
Sn-405 Maria Luísa.
Pn-1.397 Antônio Machado Silva, c.c. Maria Augusta Leão.

Pais de:
Sn-406 Maria Luísa, c.c. José Maria de Abreu Mourão
Sn-407 José
Sn-408 Margarida
Sn-409 Helena
Sn-410 Lídia
Sn-411 Raul
Sn-412 Gilda
Sn-413 Ângela
Sn-414 Marcos

Sn-415 Eurica
Sn-416 Marta
Sn-417 Antônio Eustáquio.
Pn-1.398 Vicente de Paula Machado, c.c. Maria Antonieta de Castro.

Pais de:
Sn-418 Dalva, estudante
Sn-419 Eunice.
Qn-1.417 Luísa Maria, falecida em criança.

Tn-606 Cândida Alves Machado, c.c. Cel. Antônio Alves Machado.

Pais de:
Qn-1.418 Antônio Alves Machado, c.c. D. Zélia de Campos, falecida.

Filhos descritos noutro local
Qn-1.419 José Alves Machado, c.c. D. Alice Lacerda Machado.

Pais de:
Pn-1.399 Dr. José, advogado, c.c. Maria Cecília Guimarães.

Pais de:
Sn-420 Berenice
Sn-421 Rômulo.
Pn-1.400 Tasso
Pn-1.401 Maria Raimunda, c.c. José Carreira Soares
Pn-1.402 Mário Lúcio
Pn-1.403 Maria Alice
Pn-1.404 José Maria
Pn-1.405 Marco Antônio
Pn-1.406 Luís Alberto.
Qn-1.420 Teófilo Alves Machado, c.c. D. ~~Francisca~~ Fanuing Lopes Cançado.

Filhos descritos noutro local
Qn-1.421 Áurea, c.c. Celino Lacerda Rocha.

Pais de:
Pn-1.407 Celina, funcionária pública.
Pn-1.408 Galeno, residente em Belo Horizonte.
Pn-1.409 José
Pn-1.410 Antônio
Pn-1.411 Raimundo
Pn-1.412 Geraldo Marcos
Pn-1.413 Mauro
Pn-1.414 Lêda, c.c. Nirlando Moacir Beirão, comerciante em Belo Horizonte.
Pn-1.415 Dalila
Pn-1.416 Cândida, c.c. Décio Furtado de Mendonça
Pn-1.417 Fany.
Qn-1.422 Julieta, c.c. Concéssio Lopes Cançado.

Pais de:
Pn-1.418 Julieta, c.c. José Frias, ambos falecidos
Pn-1.419 Concéssio, c.c. Maria José Arantes. Comerciante em Belo Horizonte

Pn-1.420 Professor Joaquim Romeu Cançado, da Faculdade de Medicina de Minas Gerais, solteiro.
Pn-1.421 Antônio, comerciante em Belo Horizonte, c.c. Carmen Maria Cançado.
Pais de:
Sn-422 Maria de Fátima
Sn-423 Marco Antônio.
Pn-1.422 Maria José, c.c. Gino Turra, residente no Rio de Janeiro.
Pais de:
Sn-424 Yara.
Qn-1.423 Adélia, c.c. Dr. Ilídio Arelano Bandeira de Melo.
Pais de:
Pn-1.423 Dr. Ilídio Machado Bandeira de Melo, Professor na Faculdade de Direito de Belo Horizonte.
Pn-1.424 Oton Machado Bandeira de Melo, residente em Muriaé.
Pn-1.425 Antônio Machado Bandeira de Melo
Pn-1.426 Ciro
Pn-1.427 João Evangelista, advogado em Muriae.
Pn-1.428 Adélia
Pn-1.429 Teresa
Pn-1.430 Dra. Maria Bandeira de Melo, advogada em Muriaé
Pn-1.431 Isabel
Pn-1.432 Ana, c.c. Ildebrando Braga, residente em Belo Horizonte.
Pn-1.433 José, falecido em criança.
Qn-1.424 Cândida Alves Machado, c.c. Major Eduardo Lopes Cançado.
Pais de:
Pn-1.434 Cândida, c.c. Augusto Bruno Trindade.
Pais de:
Sn-425 Vera
Sn-426 Jarbas
Sn-427 Eduardo
Sn-428 Augusto
Sn-429 Aidê, c.c. Dr. Zeno Santa Rosa
Sn-430 Teresinha
Sn-431 Conceição
Sn-432 Pompilho
Sn-433 Maria José
Sn-434 Moacir
Sn-435 Dalva
Sn-436 Ione.
Pn-1.435 Eduardo, falecido solteiro.
Pn-1.436 Maria de Lourdes, c.c. Dr. José Cândido de Lima, falecido em 1921.

Pais de:
Sn-437 Dr. Edu José de Lima, advogado.
Pn-1.437 Antônio, c.c. Antonieta Raton Cançado, do alto comércio de Belo Horizonte.
Pais de:
Sn-438 Maria Antonieta, c.c. Dr. Geraldo Trindade
Sn-439 Maria Eunice
Sn-440 Dr. Eduardo Luís
Sn-441 Antônio Luis.

N-36 Maria Isabel de Oliveira e Silva, casada na Fazenda dos Guardas, do Curato da Onça e Freguesia de Pitangui, com João Francisco Alves Contagem, nascido em 1809, na Fazenda da Serra da Boa Esperança, Curato da Contagem, Freguesia do Curral del-Rei, filho de Manuel Francisco Alves e de Maria Teresa de Lima. O seu primitivo nome era: João Francisco Alves, mas sendo mais conhecido por João Contagem, acrescentou ao seu nome êste apelido. Residiu na Fazenda da Boa Vista, município de Bonfim, em cujo cemitério foi sepultado em 1875. Foi cidadão de Influência, Ten. Cel. da Guarda Nacional, vereador e Juiz de Paz.

Pais de:
Bn-174 Isabel de Abreu e Silva, casada a primeira vez com o Major Teodósio; e a segunda vez casada com o Ten. Cel. Francisco Romualdo de Morais. Residiu no distrito de Santa Luzia do Rio Manso.
Sem filhos
Bn-175 Dr. Martinho Álvares da Silva Contagem, nascido em 1839, formado em Direito pela Faculdade de São Paulo, em 1865. Foi Deputado Provincial de 1868 a 1869, de 1878 a 1879, de 1880 a 1881, e Deputado Geral de 1882 a 1884. Residiu muitos anos em Pitangui, onde deixou belo nome. Orador de grandes recursos, bom argumentador, satírico, as suas defesas são ainda hoje lembradas no Forum de Pitangui. Em 1889, mudou-se para Itapecerica onde faleceu em 1896. Foi casado com sua prima D. Isabel Álvares da Silva, filha do Dr. Francisco Álvares da Silva (Dr. Cucuta) e de D. Aurora Carolina Álvares da Silva.
Pais de:
Tn-607 Luísa, c.c. Inácio Álvares da Silva Campos, filho do Cel. José Luís Álvares da Silva e de Maria Carolina Álvares Ferreira da Silva. D. Luísa nasceu a 14 de agôsto de 1867.
Filhos descritos noutro local
Tn-608 Maria, falecida em criança. Nascida a 8 de setembro de 1868.
Tn-609 Aurora, nascida a 25 de novembro de 1869. Falecida solteira.
Tn-610 Mário, nascido a 21 de maio de 1878.
Tn-611 Leonídia, nascida a 7 de abril de 1882.
Tn-612 Zulmira, nascida a 24 de outubro de 1880, c.c. José Bonifácio de Morais, filho de Fortunato Justiniano de Morais e de Rita Eufrasina de Abreu e Silva.
Sem filhos

Tn-603 Elim, nascido a 12 de setembro de 1883, solteiro, residente em Itauna.

Tn-614 Temistocles, nascido a 21 de julho de 1885, solteiro.

Bn-176 João Francisco Alves Contagem Filho, c.c. Maria Valadares.

Sem filhos

Bn-177 José Alves Contagem, c.c. Emília Valadares, filha de Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares e de D. Domitila Cândida de Oliveira e Silva. Residiu em Pitangui, onde faleceu.

Sem filhos

DISCURSO PRONUNCIADO EM SESSÃO DE 18 DE JULHO DE 1884

MARTINHO ÁLVARES DA SILVA CONTAGEM

Deputado pelo 5.º Distrito
de Minas Gerais

SESSÃO DE 18 DE JULHO DE 1884

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Começo, Sr. presidente, desistindo dos foros de orador. Naturalmente se acreditará que o faço pela mesma razão por que o astuto animal desistiu das uvas, por achá-las verdes.

Não me acanho nesta confirmação, Sr. presidente, por saber quanto é difícil obterem-se tais foros em um parlamento ilustrado como o do meu país; e não me acanho, porque quando o eleitorado honrou-me, enviando-me lá das montanhas de Minas Gerais para aqui, sabia que eu não podia hombrear ou competir com oradores que vinha encontrar. Mas também sei, e contento-me com isto, que o eleitorado tinha certeza de que eu nesta câmara cumpriria o meu dever.

Não me importa, por conseguinte, Sr. presidente, que se diga que o humilde deputado mineiro não fala bem; orgulhar-me-ei, porém, que todos, não só augustos deputados, digam que procedeu sempre bem.

Com efeito, Sr. presidente, nos calamitosos tempos que vamos atravessando, não sei qual seja a maior glória, se de passar por um orador poeta, por uma boa cabeça, ou se, por um braço forte. Parece-me que o país atualmente precisa mais de obras do que de palavras, mais de coragem do que de eloqüência.

Neste terreno, comprometo-me a acompanhar aquêles que sabem cumprir seu dever, votando, como votarei, desassombradamente nas questões mais momentosas e aceitando as posições mais perigosas.

Enfim, Sr. presidente, orgulhar-me-ei que digam que sempre me achei na brecha apontada para o cumprimento do dever.

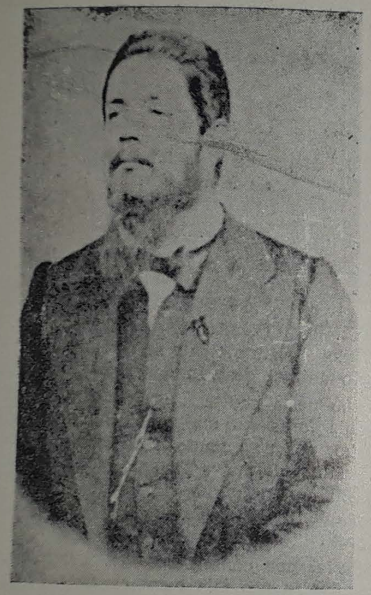
(MUITO BEM).

Antes de entrar, Sr. presidente, na matéria de que devo ocupar-me, antes de entrar, não no discurso porque não venho discursar, mas simples-

mente entreter uma conversa com o meu particular amigo o Sr. ministro da guerra.....

O SR. CANDIDO DE OLIVEIRA (MINISTRO DA GUERRA) :— Estou aqui pronto para ouvir a V. Excia.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — antes de entrar nesta conversa, permitirá a Câmara que eu me dirija a um dos maiores adversários do meu partido, o nobre deputado pelo 11.° distrito do Rio de Janeiro, cujo nome



Dr. Martinho Alvares da Silva Contagem

peço licença para declinar — o Sr. Andrade Figueira, que tão cavalheirosamente desistiu outro dia de um direito que ninguém mais do que êle sabe prezar e elevar — o direito de falar, em benefício de um humilde deputado recruta. (NÃO APOIADOS).

Tomei a renúncia do nobre deputado como um ato de cavalheirismo.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — Por todos os títulos a merecia.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — tanto mais de agradecer-se, Sr. presidente, quando S. Excia. sabia que os recrutas no parlamento gozam de certa condescendência, não só por parte da mesa que dirige os trabalhos, como por parte de todos os provectos nas lutas parlamentares.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — V. Excia. não precisa de condescendência.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Tenho de agradecer ao nobre deputado sua delicadeza.....

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — Não tem que agradecer: foi um rigoroso dever de minha parte.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — ..... e não sei testemunhar quanto sou reconhecido por encontrar sempre urbanidade, não só de correligionários, como de adversários políticos, como o nobre deputado, a quem sou tanto mais grato, quanto confesso perante S. Excia. que tinha a seu respeito certo receio, certo pavor, como mineiro. (Riso).

Vozes: — Oh!

O SR. ZAMA: — Vejam o que é ganhar fama!

(OUTROS APARTES).

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Isto não é de admirar.

S. Excia., que dirigiu, por algum tempo, os destinos da minha honrosa e honrada província, foi um tanto infeliz, porque, podendo fazer-lhe os inúmeros benefícios que seu talento, sua ilustração e energia permitiam, foi, ilegível entretanto, incumbido daquela missão em uma quadra excepcional, em que S. Excia. não podia deixar de corresponder de alguma sorte às circunstâncias do tempo.

O SR. ZAMA: — não lembre cousas tristes.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Assim, S. Excia., deixando administração da minha província, deixou lá o seu nome, respeitado sem dúvida, mas um tanto temido.

De sorte, Sr. Presidente, que eu, como mineiro, tinha certa prevenção com o nobre deputado.

O SR. ANDRADE CONTAGEM: — Mas confessa agora que era sem razão.

O SR. JOSÉ MARIANO, dá um aparte.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Sim convenço-me, como diz aqui o nobre deputado, — que S. Excia. não é tão feio como se pinta. (Hilaridade).

O meu embaraço começa agora, Sr. presidente, que tenho de dirigir-me a um amigo de todos os tempos e desde a infância.

O SR. CANDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — É verdade.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Companheiro desde os bancos escolares, tive sempre ocasião de ser de S. Excia. o Sr. ministro da guerra um dos admiradores mais de perto.

O SR. ZAMA: — Entretanto, quer hoje dar com êle no barro.

O SR. CANDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — Um amigo que muito prezo e sempre prezei.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Acostumado a admirar os seus talentos, acompanhado-o, embora de longe, acostumado a sufragar o seu nome na província, onde ninguém é mais considerado...

O SR. CANDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — É bondade do nobre deputado.

O SR. MARTINHO CONTAGEM ..... porque aquela heróica província sabe distinguir e sobretudo amar o talento de seus filhos. (Apoiados). Compreende V. Excia., Sr. Presidente, qual será a dificuldade, ou meu embaraço levantando-me para enfrentar com o nobre ministro, não só em vista dessa amizade, como pela desigualdade das fôrças. S. Excia tem sabido o

tem podido cultivar seus talentos. Ninguém na província tem uma tenda tão bem armada como a sua.

O SR. RATISBONA: — Já se vê que o jornal inglês não se enganou.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — S. Excia. nos negócios da guerra tem-se aperfeiçoado, como já deu provas: conhece o progresso da arte militar.

O SR. ZAMA: — E há de ser um grande general.

VOZES: — Já é. (*Riso*).

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — E eu não tenho para medir com a sua afiada espada, senão uma catana de mineiro. (Riso).

Mas com essa arma atrasada mesmo atiro-me em frente de V. Excia., confiado ùnicamente no cumprimento do dever.

O SR. MOREIRA DE BARROS: — E vai-lhe dando bordoada.

O SR. ZAMA: — Vá-lhe dando pancada de cego.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — O meu embaraço, Sr. Presidente, não fica infelizmente aqui.

S. Excia. faz parte de um gabinete que, para mim e para todos os liberais, devia merecer tôda a confiança.

O SR. ZAMA: — Está nas mãos dos senhores; ninguém os obriga.

O SR. MOREIRA DE BARROS: — Está nas mãos do govêrno.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Com efeito, Sr. Presidente, nenhum chefe sabe tão bem, como o nobre presidente do conselho, tratar os seus soldados. Se não conhecesse o presidente do conselho, ao encontrá-lo aqui na côrte, vindo eu lá das montanhas, seria muito fácil enganar-me para tomá-lo por algum dêsses chefes mineiros, pelos quais, eu humilde baeta, tenho cançado o meu cavalo (*riso*); porque S. Excia. acolheu-me sempre com aquela cortesia e urbanidade, que muito distinguem a pessoa do nobre presidente do conselho, e que, na minha opinião, muito secundária e pequena, mas que parece ser judiciosa, devem ser uma qualidade indispensável nos chefes políticos.

Depois dêle e tanto como êle, me merecem os patrícios que fazem parte do gabinete.

Não conheço cavalheiro que me inspire tanta simpatia e que me arraste tanto como o nobre ministro de estrangeiros. É um ministro que me enche as medidas. (Risadas).

O ministério todo, Sr. Presidente, me inspira muita simpatia; daí a dificuldade e o pesar que tenho em romper com êle.

Mas, Sr. Presidente, sou um tanto afeiçoado à escola creio que de Brutus (riso), que pela pátria esquecida até o amor de pai; eu, pelos altos interêsses de meu país fecho os olhos para o gabinete e faço-lhe franca oposição, depois da apresentação dêsse temeroso projeto sôbre o elemento servil, no qual enxergo a desgraça do presente.

Os que sôbre êle tem falado o consideram a rósea nuvem do porvir; mas eu, como já me sinto velho e cuido mais do presente do que do futuro não posso assim considerar êsse projeto, que pode mais tarde produzir bons resultados, como as enchentes do Nilo, mas que incontestàvelmente há de produzir e já está produzindo calamidades.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA E OUTROS SRS. DEPUTADOS: — Apoiado.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Não há quem possa deixar de ver, de sentir os abalos e perigos que ameaçam a sociedade brasileira.

Para os que estão aqui na côrte tranqüilos e vivem descançados, o projeto não trará perigos; mas para aquêles que se acham no centro, esparsos pela vasta superfície dêste país, fora da proteção da polícia e da fôrça pública, a trabalharem para esta capital e para bem de todos, para êsses, o projeto não pode ser tranqüilizador.

O SR. CANDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — Pelo contrário, vem tranqüilizar.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Por isso, Sr. Presidente, eu, que acompanhava com prazer e satisfação o gabinete atual, não hesito em romper com êle, por amor de mais altos interêsses. E rompo desde que vejo, com a apresentação do projeto, a insistência em fazê-lo passar, fazendo-se de pontos inaceitáveis questão de gabinete.

E assim procedendo, não o faço por amor de interêsses só da minha província, pois é esta uma questão que interessa a todos os brasileiros: não deve ser resolvida sob a influência do espírito de provincialismo.

Mas, Sr. Presidente, se por acaso o espírito de provincialismo aparecer; se por acaso, na decisão da questão, quiser entrar o espírito de maior ou menor interêsse desta ou daquela província, então o perigo dêste projeto ainda será maior. (*Apoiados da oposição*). Não será sòmente uma classe importantissima e digna de proteção como é a lavoura, mas será o país inteiro a lastimar funestos resultados da desunião, do desacôrdo das províncias.

O SR. ZAMA: — Isto é um estribilho eterno.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Não é estribilho, não é receio infundado; sabemos que bem perto de nós êste estribilho deu em resultado a morte de 4.000.000 de homens, deixando na miséria milhares e milhares de viúvas; tal foi a guerra civil dos Estados Unidos. Já se vê que êste estribilho não é simplesmente um devaneio de poeta.

UM SR. DEPUTADO: — O exemplo é contraproducente.

OUTRO SR. DEPUTADO: — V. Excia. é terrorista.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Sim, porque sou prudente.

Esta questão é capaz de abalos, que se têm dado em outros países, porque involve interêsses muito sérios, especialmente das famílias que, dispensando-se de todos os prazeres das cidades, levam vida só de trabalho e de economia.

E esta classe, que para bem dizer é a que sofre, quando as outras gozam, desespera quando vê seus direitos postergados.

O SR. ARISTIDES SPÍNOLA: — A classe dos escravos também merece atenção.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — E tem merecido. Os escravos, como bem nos referiu aqui o nobre deputado por Sergipe, os escravos que eram cousa, que não tinham direito nem a vida, entre os povos antigos, hoje são quase cidadãos em nosso país.

O SR. ARISTIDES SPÍNOLA: — Quase!

O SR. ADRIANO PIMENTEL: — É preciso acabar-se com êsse *quase*.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Êles têm garantias e direitos civis muito importantes: seu pecúlio sofre inventário e partilha como o de seus senhores.

Temos progredido, influindo bastante o cristianismo para que os escravos não tenham a sorte de outrora.

E não há negar-se que no Brasil a escravidão tem-se adoçado consideràvelmente.

O SR. ZAMA: — É porque V. Excia. nunca provou (*risadas*): por isso diz que se tem adoçado.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Creia o nobre deputado que para mim a sensibilidade está mais na alma do que no corpo, por isso tenho sentido também, não sou indiferente aos sofrimentos do escravo, como não o são os senhores.

Se não, os convido a considerar e a responder-me: Quem tem dado melhores provas de doçura? Aquêles a quem se imputam barbaridades, ou os propagandistas que, depois de haverem vendido seus escravos, talvez a maus senhores, se levantem depois em favor da abolição? São os senhores de escravos, que têm feito mais do que a lei, libertando gratuitamente a milhares. Tem ou não tem, portanto, se adoçado a escravidão no Brasil?

O SR. ARISTIDES SPÍNOLA: — A escravidão é uma cousa tão amarga que nunca pode ser adoçada.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Oh! senhores, tendes por ventura a pretenção de acabar com tôdas as amarguras da vida humana? Tendes porventura a esperança de espalhar a felicidde entre os homens? A vossa tarefa é então por demais difícil: excede os tempos modernos, excede o poder de muitas gerações ainda! Sois impotentes para tanto.

O SR. ZAMA: — Mas temos o direito de restabelecer as leis naturais.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — A vossa tarefa, se a encarais assim, é impossível de realizar-se. Depois dos escravos, virão os miseráveis. Primeiro que conquisteis a igualdade absoluta tendes muito que lutar, e háveis de lutar debalde.

O SR. PRESIDENTE: — Observo ao nobre deputado que a 3.ª discussão da lei de fôrças não permite que se trate de política geral.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Agradeço o aviso de V. Excia., Sr. Presidente; mas o que vinha dizendo, quanto aos perigos que nos ameaçam, tem relação com a lei de fôrça, pois até pretendia aconselhar ao nobre ministro da guerra para aumentar o exército, para poder garantir a integridade do império, a ordem e auxiliar a polícia.

Creio mesmo, Sr. Presidente, que, se o nobre ministro aceitasse meu parecer, embora dado de um modo muito chão, S. Excia. teria numeroso exército em bom pé e assim até meios teria o govêrno para contentar ao nobre deputado por Pernambuco, que está sempre a pôr os ministérios em embaraços para salvar a sua província.

Se o govêrno quiser aceitar o plano que hei de apresentar, para não seguir o caminho daqueles que tudo criticam, mas nada aconselham, teremos meio de salvar a província de Pernambuco e outras, equilibrando os seus orçamentos, prejudicados pela suspensão de leis provinciais sôbre impostos.

O Estado poderá chamar a si ou incumbir-se de fazer, com destacamentos do exército, o serviço dos corpos policiais das províncias, serviço que lhes consome grande parte de seus orçamentos.

E teríamos assim de ver, pela primeira vez, satisfeito o nobre deputado a que aludo.

As considerações, Sr. Presidente, que eu vinha fazendo, além desta relação que tem com a fixação de fôrças, eram também para mostrar a importância que ligo à matéria do projeto que veio me pôr em dissidência com o ministério.

Mas, obedecendo a V. Excia., Sr. Presidente, como recruta que sou, passo a ocupar-me da matéria em discussão, e sôbre que tomei a palavra sem ser influenciado por espírito de oposição.

Devo declarar à câmara que, quando vim para esta casa, trazia já muito má-vontade contra a lei da conscrição militar, de 26 de setembro de 1874.

O SR. MORAIS JARDIM: — Não é lei de conscrição.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — O que acha V. Excia. pior, a lei de conscrição ou esta?

O SR. MORAIS JARDIM: — Incontestàvelmente a de conscrição.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Pois então V. Excia. é que está enganado: esta então é a de conscrição, porque pior do que ela não conheço outra.

Esta lei traz o país, em sobressalto, e se ainda não produziu muito maus resultados, é porque tem ela em si muitas condições de inviabilidade.

Nós não somos um país militar, nem devemos militarizá-lo, nada temos a temer, e nem devemos querer bulha com os vizinhos. Somos um país eminentemente agrícola...

O SR. ZAMA: — Essencialmente agrícola. (*Hilaridade*).

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — ..... essencialmente agrícola rem nosso país.

Queremos até da China, donde vêm sòmente machos. (*Hilaridade*).

Nada justifica a lei de 1874 e a sua permanência, Sr. Presidente.

Os nossos vizinhos não se armam e nem tem organização militar que constitua ameaça para nós.

Os Estados-Unidos, o vizinho mais poderoso, não têm conscrição: seu exército se forma com o voluntariado. Todos os vizinhos e até o velho mundo tem interêsse em não brigar conosco.

Nossa posição no globo e a vastidão da nossa superfície permitem que nos espreguicemos sem acotovelar os vizinhos.

Já no velho mundo não é assim: lá precisam estar e podem estar em pé de guerra as grandes potências, não só por terem contas sempre a ajustar, como por causa de uma cousa chamada equilíbrio político, em que julgo não devemos entrar.

O SR. ADRIANO PIMENTEL: — O ditador do Paraguai também falava num equilíbrio americano.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Mas o ditador pagou bem caro a sua temeridade.

O SR. ADRIANO PIMENTEL: — Fomos nós que a pagou caro.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Neste caso, Sr. Presidente, se o fato de uma guerra passada provocada por um didator nos obriga a estar sempre armados e a militarizar o país do modo que esta lei quer, então, Sr. Presidente, estamos perdidos: não podemos cuidar da vida interna, da constituição das famílias, da agricultura, nem tratar das indústrias; é preciso que todos estejam em armas: é preciso que cada cidadão, até mesmo o padre tenha a espingarda sempre ao hombro. (*Riso*).

Não há necessidade disto; os poucos conflitos que temos tido com a vizinhança e dos quais temos saído vitoriosos, provam que não temos necessidade de ser um país militarizado.

Além disto, Sr. Presidente, se as relações do exterior não exigem a existência e permanência dessa lei no seio de nossa legislação, muito menos o existe a índole do nosso povo.

A lei da conscrição, que é esta mesma na minha opinião, pois que é a mais terrível que conheço, só é viável, só pode ser respeitada e cumprida no meio de povo numeroso, em país de população grande e compacta.

O Brasil todo é ainda, para bem dizer, uma só família que se entrelaça: na comarca, no têrmo, na paróquia não existe senão a família.

E é uma barbaria querer-se ou pretender-se que os parentes e os amigos sejam os delatores dos seus parentes e amigos, sejam aquêles que os hão de impelir para uma profissão para a qual não tenha vocação alguma.

De sorte que pode o nobre ministro da guerra renunciar ou perder a esperança de levar avante a ameaça que nos fêz, no seu discurso de 18 de junho, prometendo fazer executar semelhante lei.

O SR. CÂNDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*) — Era o meu dever rigoroso.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — O nobre ministro é mineiro e conhece nossos centros; sabe como se compõe a paróquia. O inspetor de quarteirão, o subdelegado, o juiz de paz, o vigário, todos preferirão ir para a cadeia a perseguirem com a junta os seus conhecidos, amigos, parentes, compadres e afilhados. Preferem sujeitar-se a multas e processos, preferem o emprêgo de esquivanças, a darem execução à presente lei, vexatória e contrária a vocação do povo (*não apoiados*), ofensiva, sobremodo, ao progresso agrícola e industrial dêste país.

O nobre ministro não conseguirá fazer executar a lei, pois que nenhum dos seus antecessores pôde fazer executá-la. Recordemo-nos de que nem o partido conservador que há dez anos fêz a lei, nem o partido liberal que a combateu, têm podido pô-la em prática. Estamos ainda lembrados do quadro que o nobre ministro apresentou aqui, do qual se via a omissão ou falta de alistamento em a quase totalidade das paróquias do Império; acrescentando então o nobre ministro que só o município neutro, aqui a côrte, pôde completar seu alistamento.

O SR. DUQUE-ESTRADA TEIXEIRA: — E aqui também há compadres.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — É justamente da comparação da vida da côrte com a vida do campo, com a vida da população dispersa pelo centro, que eu tiro o argumento principal para mostrar que a lei só é exeqüível em país de grande população e não no Brasil.

Diz-me o nobre deputado pelo Rio de Janeiro que aqui na côrte também há compadres. A câmara compreende quanto me seria difícil a mim levantar neste momento um juízo sôbre a côrte; não sou homem viajado, nem costumo tomar apontamentos de viagem; mas o que posso dizer, provocado pelo nobre deputado, é que tenho percorrido lugares despovoados, tenho atravessado desertos mesmos, mas, permita o nobre deputado que eu diga, não há lugar em que o homem se veja mais no deserto do que na côrte (*Riso*).

O SR. FELÍCIO DOS SANTOS: — Apoiado.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Aqui vê-se o homem isolado no meio da multidão.

Na província, quando a gente avista diante de si um cristão, logo chapéu na mão; aqui seria leviandade.

Aqui na côrte, o subdelegado e o padre não se conhecem, nem tem para com os paroquianos estreitos laços de amizade: o padre, perdendo um afilhado, lhe vêm logo três ou quatro; enquanto que na província todos se conhecem na paróquia e se estreitam por laços de amizade e fraternidade, que não rompem para cumprir esta lei.

As autoridades da côrte podem cumprir o seu dever, como na Prussia e outros países populosos; não lhes impede o sentimento de fraternidade, que só existe na aldeia.

Na aldeia, a autoridade tem escrúpulos em concorrer para que o pai de família veja-se obrigado a largar a casa; tem escrúpulo em concorrer para que o pai abandone a filha, o irmão a irmã, à contingência da miséria e aos perigos da prostituição.

O SR. FELÍCIO DOS SANTOS: — Apoiado.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Esta é a razão por que a lei só tem podido ser executada aqui na côrte; e, ainda assim, com grandes lacunas, arbitrariedades e fraude. (*Apoiados*).

Sei que para homens proeminentes, como o nobre deputado que me honrou com o seu aparte, não há só relações, como popularidade. Sei que V. Excia. é apreciado e idolatrado na côrte...

O SR. DUQUE-ESTRADA TEIXEIRA: — Muito obrigado.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — ..... mas a massa da população não se conhece; de sorte que o inspetor não sente constrangimento em dar a lista dos vizinhos para o alistamento militar.

No centro, porém, na minha província principalmente, é impossível conseguir que uma autoridade indigite cidadãos pacíficos e laboriosos para o serviço militar, para que não têm vocação; é impossível, Sr. Presidente, fazer-se que a autoridade rompa os laços de amizade e parentesco, designando para o serviço militar homens bons, úteis e trabalhadores, deixando sob a proteção da sorte os desocupados, os vagabundos, os turbulentos.

O SR. ADRIANO PIMENTEL: — Então o exercito deve se compor de vagabundos?

O SR. FELÍCIO DOS SANTOS: — Não se deve obrigar o cidadão a ser soldado, enquanto houver quem queira ser voluntário.

(*Há outros apartes e o Sr. Presidente reclama atenção*).

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — O nobre deputado pergunta-me se desejo que o exército se componha de vagabundos. Devo dizer V. Excia. que ninguém respeita e venera mais do que eu aos vagabundos. (*Hilaridade*).

Constituem êles uma classe dos desprotegidos da fortuna; são infelizes, dos quais muitos não são culpados da sua posição.

Homens há, e eu conheço, que na mocidade, por falta de direção, por falta de alguém que lhes estendêsse a mão, se achavam no caso de assinar têrmo de bem viver e que mais tarde reergueram-se e figuram na sociedade.

Repito perante a câmara: não maldigo da classe dos vagabundos; compungem-me suas circunstâncias, porque representam a fraqueza e a miséria.

Julgo que podem êles ser destinado ao serviço do exército, sem deslustre para a farda e com grande proveito para êles: acharão consolação no meio de seus camaradas e na estima de seus superiores, além de uma profissão compatível com os brios da virilidade e sentimentos do homem. (*Apoiados*).

Não é raro que o vagabundo dê um bom soldado, principalmente se o vagabundo é turbulento e valentão; pois tem no serviço militar um bom teatro para sua galhardia.

O SR. ADRIANO PIMENTEL: — Protesto em nome do exército.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Mesmo que não tenham a educação da família, não se podendo negar a êles os sentimentos de valor e coragem, os turbulentos, logo que ficam sujeitos a escola e disciplina do exército, tornam-se bons cidadãos e bons soldados, e nos combates são os que mais se distinguem.

O SR. ADRIANO PIMENTEL: — Não apoiado.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — São mais próprios do que o pobre homem do campo, manso e poltrão, acostumado ao trabalho da enxada.

O SR. ADRIANO PIMENTEL: — Eu não digo que o vagabundo seja mais brioso; V. Excia. está sofismando; digo que não se pode negar brio ao vagabundo.

O nobre deputado pelo Rio de Janeiro mostrou-nos aqui o que eram êsses muitos voluntários saídos da Casa de Correção da Côrte.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — O Sr. ex-Ministro da Justiça declarou que eram os gatunos do Rio de Janeiro.

O SR. PRISCO PARAÍSO: — V. Excia. é que lhes deu essa qualificação.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Eram uns desgraçados, que, apertados neste deserto, viram-se na contingência de darem com os costados na Correção, e afinal designados a jurar bandeiras. Ora, eu pergunto ao nobre deputado, que me honrou com o seu aparte: já ouviu dizer que êles tivessem causado desordens e perturbações no exército?

Não se fala mal dêsses *voluntários;* logo, tornaram-se bons soldados.

O SR. MORAIS JARDIM: — Podiam se tornar bons colonos.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Eu não posso calcular onde iria parar, Sr. Presidente, se fôsse a responder a todos que me honram com apartes, sem hábito da tribuna.

O SR. SOARES: — Está falando muito bem.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Dizia eu, Sr. Presidente, que esta lei não é para nosso país, pelas circunstâncias a que já aludi; e não o é ainda mais, repito, depois dessa tempestade que se arma em tôda a extensão do Império, onde já avulta a anarquia provocada pela execução desta lei.

Esta lei, hoje mais do que nunca, devia ser revogada. E é o que eu supunha vinha o nobre ministro propor, logo que tomou conta da pasta; pois sabe que há 10 anos que ela é repelida, há 10 anos, anarquiza o interior do país, levantando-se contra ela a insubordinação de homens, mulheres e até das crianças.

O nobre ministro da guerra deu-nos a notícia de estarem os cartórios abarrotados de processos de sedição, pela resistência que o povo tem oferecido à execução dessa lei. Pois eu informo ainda mais ao nobre ministro que muitos sedições e resistências se têm dado que não estão processadas.

O SR. CÂNDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — É exato.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Informo ainda mais ao nobre ministro que em nossa província há lugares em que a população está vivendo — se aliás bem — sem a garantia das autoridades; lembro-lhe, por exemplo, o distrito de São José do Córrego d'Anta.

Ali, estando-se a fazer o alistamento, uma multidão precipitou-se sôbre a mesa, rasgou livros e papéis, ficando o juiz de paz intimado para não mais se dizer como tal (*Riso*).

De sorte que, Sr. Presidente, nessa paróquia até hoje não vai um oficial de justiça intimar jurados, e nem a algum mau devedor; não há conciliação, nem se faz um auto de corpo de delito; é um lugar inteiramente sem autoridade.

O SR. RATISBONA: — E acrescente que não se dão crimes.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — E é certo que vão por lá vivendo bem.

O SR. ZAMA: — Talvez eu me mude para lá. (*Riso*).

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Tomando em consideração o aparte no nobre deputado pela Bahia, devo avisar de que êsse bom viver, que lá se tem, nasce de um certo respeito mútuo; porque quando alguém aparece a perturbar a ordem, os outros caem-lhe de pau em cima... (*Hilaridade*).

O SR. ZAMA: — Então tem-me na conta de perturbador?

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — ..... de modo que aconselho ao meu nobre amigo que, principalmente depois que se declarou tão abolicionista, não vá a êsse lugar. (*Hilaridade*).

O SR. ZAMA: — Ora aí está por que já ouvi dizer que o abolicionista que passar de serra acima está condenado à morte.

Mas fique sabendo o nobre deputado que, por êsse lado, não tenho mêdo dos valentões de sua província nem de qualquer outra parte.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Ora, Sr. Presidente, eu acabo de dizer que sou de uma província, cujos filhos não são guerreiros, são pacatos e medrosos...

O SR. ZAMA: — Tanto que metem o pau no subdelegado e botam-no fora.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Não foi preciso isso, porque o subdelegado fugiu antes. (*Riso*).

Sou filho dessa província essencialmente prudente, portanto, não posso acompanhar o nobre deputado na posição que quis tomar em relação ao humilde orador, que não fêz mais do que cumprir um dever de cortesia, tomando em consideração o aparte de S. Excia. (*Muito bem*).

Lembro mais ao nobre ministro da guerra que mesmo na cabeça do têrmo de Dores do Indaiá, ainda recentemente, a população rasgou todos os papéis relativos ao alistamento.

Na paróquia de Maravilhas (estou dando notícia das cousas lá de casa; por longe, creio que se tem dado o mesmo), já não foram os homens, foram as mulheres, que, armadas de sacos de polvilho, atacaram a mesa, polvilhando os funcionários públicos (*riso*), e assim, por êsse modo de sufocação, obrigaram a junta a deixar a mesa, rasgando-se os papéis.

O SR. JOSÉ MARIANO: — Que não seja pôsto em prática nesta câmara êste sistema de abafamento.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Não param aqui os inconvenientes desta lei, da qual ninguém mais faz caso: ela é, além de tudo, uma fonte de perjúrio, para o que chamo a atenção da augusta câmara.

Informo à câmara que, nos processos que se têm instaurado pelas resistências à execução desta lei, nunca apareceu uma testemunha que jurasse, afirmando a criminalidade de quem quer que seja; nenhuma sabe de nada.

Ora, a sociedade que animasse o perjúrio, correria grave perigo, porque, senhores, a fé do testemunho humano, sobretudo o respeito religioso pelo juramento, são garantias da vida, da honra e da propriedade do cidadão; acoroçoado o juramento falso, ninguém estará seguro de não morrer no cadafalso injustamente.

Peça o nobre ministro informações à repartição da justiça sôbre o número de processos instaurados; procure saber quantos têm sido julgados, e verá que nenhum, por falta de prova. Os processos se avolumam com depoimentos falsos desde o primeiro até ao último.

E tudo isso é perdoável, porque esta lei não é para êste país, é um enxerto pedido à Prussia e que não medra em nosso clima; foi uma inveja das vitórias prussianas sôbre os franceses.

Suponhamos, porém, que o nobre ministro consiga completar o alistamento e faça girar a roda do sorteio; quem senhores poderá crer que as autoridades sujeitam seus amigos e parentes à sanção, às penas ásperas que esta lei impõe a quem der asilo aos sorteados? Quem, neste país de fraternidade, poderá proibir que se dê agasalho e se mate a fome ao vitimado pelo sorteio?

Entretanto a lei impõe prisão e multa até 600$ aos que derem asilo ao sorteado refratário, e converte a multa em prisão para os pobres, que são os que não podem pagar.

De sorte que, senhores, é impossível a execução desta lei; não só o povo não a quer como as autoridades não se prestam, e sobretudo há um poder que há-de obstar ao nobre ministro de tirar proveito desta lei; e sabe V. Excia. qual é êsse poder? É a grandeza do mato.

Logo depois desta lei, a consolação de todos quando receiavam a execução dela, era repetirem: — Deus é grande, porém o mato ainda é maior. (*Riso*).

Não espere o nobre ministro que os sorteados venham espontaneamente jurar bandeira: hão de ser caçados; será um recrutamento pior do que o antigo, porque, se às vêzes era viciado pelo capricho da autoridade, raras vêzes recaía sôbre a gente do trabalho; ao passo que o sorteio pode recair sôbre aquêles que são úteis à lavoura e à indústria, deixando a sorte salvos os que não fazem falta.

A caçada vai ser, pois, mais odiosa. E supõe-se o nobre ministro com fôrça bastante para essa caçada geral?

Com a vastidão do nosso territorio, com a dissiminação de nossa população, é impossivel que se cacem e se amarrem os sorteados.

E depois, Sr. Presidente, uma das razões que me trazem à tribuna, para arengar com o nobre ministro da guerra, e que contrista ao verdadeiro liberal, é que S. Excia., como todos de sua escola, clamaram contra essa lei; entretanto chega a vez do partido liberal, e o nobre ministro, em vez de propor a revogação da lei, nos ameaça com a execução dela.

O chefe prestimoso do partido liberal, o Sr. conselheiro Saraiva, êsse quase oráculo do partido, falando contra a lei na sessão do senado de 13 de agôsto de 1874, disse que, como organização militar, era ridícula, e como meio de prover o exército de soldados, era uma ameaça permanente às liberdades públicas e à ordem social.

Com efeito, Sr. Presidente, foi uma acertada previsão essa. Realmente o que se tem dado? A lei é ridícula, porque tem sido abafada até com

polvilho como já disse (*riso*), e tem sido ineficaz, porque 10 anos são passados e nem um soldado entrou para o exército pela conscrição; nem entrará.

Entretanto a ameaça permanece, aí está pesando sôbre a cabeça de todos; e agora agravada pela promessa que o nobre ministro faz de pôr em execução a lei.

O SR. CÂNDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — Hei de sem dúvida executá-la.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Dizia-se, Sr. Presidente, que o antigo recrutamento era uma arma que embaraçava o livre exercício de muitos direitos, principalmente do direito do voto; eu pergunto, esta lei não o embaraça ainda mais? Sem dúvida, porque esta lei é cega, como é cega a sorte no incerto girar da roda; pode ser pior arma eleitoral; (*Muitos apartes*).

De sorte que, Sr. Presidente, é de sentir-se que o nobre ministro prometa solenemente fazer e executar essa lei, que êle e nosso partido solenemente impugnaram.

O que vale, Sr. Presidente, é que S. Excia. mesmo reconheceu, em seu discurso de 11 de junho, que essa lei precisa de retoques. Acanhou-se o nobre ministro da guerra quando disse que a lei precisava de retoques, porque ela do que precisa é de uma vassoura. (*Riso*).

O SR. FELÍCIO DOS SANTOS: — Apoiado.

O SR. MARTINHO CAMPOS: — Agora, Sr. Presidente, para não cansar por mais tempo a câmara (*Não apoiados*).....

O SR. MANUEL PORTELA: — Estamos ouvindo-o com muito prazer (*Apoiados*).

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — ..... vou obedecer ao preceito que me impus de não fazer crítica sem indicar o remédio. Sei que é temeridade de minha parte querer sugerir alvitres...

VOZES: — Tem muita competência.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — ..... perante esta augusta e ilustrada câmara; mas o mandato dá a cada um de nós o direito de trazer seu óbulo, a sua pedrinha para o grande edifício da pátria. (*Apoiados*).

E também não me arreceio de atirar agora sôbre êste tapête grandes absurdos, porque depois que apareceu aqui êsse projeto do govêrno, de que o nobre ministro da guerra faz parte, suponho que estou igualmente no direito de trazer para a discussão os maiores absurdos (*Hilaridade prolongada*).

Peço ao nobre ministro da guerra sua atenção...

O SR. CÂNDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — Estou ouvindo com muita atenção.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — ..... para o meu plano de organização do exército. (*Hilaridade*).

Nós não podemos representar o papel da Prússia, já eu disse: mas também não podemos ser como o antigo Paraguai; procuremos um meio têrmo, compatível com as nossas condições sociais, segundo disse o nobre ministro da guerra, quando prometeu propor alterações que tornassem a lei de acôrdo com os nossos costumes.

O SR. FELÍCIO DOS SANTOS: — Há de ser difícil.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Diz S. Excia. aqui: "Convém, talvez, retocar a lei, pondo-a de acôrdo com as nossas circunstâncias sociais, mas, enquanto não se fizer isto, cumpre executá-la". Daqui concluo que S. Excia. tem desejo de fazer alguma cousa para reformar a lei; por isso entro em obra com S. Excia. (*Hilaridade*).

É certo que nenhum país pode viver sem a mantença do poder público e o respeito do princípio da autoridade, e tudo isso depende da fôrça pública. Precisamos de fôrça armada, de exército, e havemos de levantá-lo, de qualquer modo; mas o que é mais compatível com a nossa forma de govêrno representativo?

É o voluntariado. (*Apoiados*).

O SR. CÂNDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — E isto está na lei.

O SR. DUQUE-ESTRADA TEIXEIRA: — Art. 1.º da lei.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — É por meio do voluntariado que a Inglaterra, os Estados-Unidos e outras nações mantêm seus exércitos.

Diz o nobre Deputado pelo Rio de Janeiro, apologista da lei, que o voluntariado está no art. 1.º.

O SR. CÂNDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — Está.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Mas eu respondo que é o mesmo que não estivesse, porque a lei não estabelece vantagem sôbre o recrutado.

O SR. FELÍCIO DOS SANTOS: — Apoiado.

O SR. DUQUE-ESTRADA TEIXEIRA: — Muitas.

O SR. CÂNDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — Tem vantagens.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Não estabelece vantagens bastantes. E depois, Sr. Presidente, eu admito, concordo que o art. 1.º é bom; retoquemos a lei, riscando tudo mais, deixando-se só a 1.ª parte do art. 1.º...

O SR. FELÍCIO DOS SANTOS: — Apoiado; é a única cousa aproveitável da lei.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — ..... que é a única aproveitável e que tem servido para manter o exército que temos.

O SR. Ministro da Guerra declarou, assim como seus antecessores, que o quadro do exército está completo, por meio do voluntariado.

O SR. CÂNDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — E está.

O SR. FELÍCIO DOS SANTOS: — Eis, Sr. Presidente, como tudo está demonstrando que o voluntariado em nosso país é o meio compatível com os nossos hábitos e suficientes para as nossas necessidades.

E eu creio, Sr. Presidente, que, se o voluntariado fôsse melhor remunerado, se tivesse mais vantagens, grande seria a concorrência e não se daria o inconveniente, que notou o nobre ministro da guerra, isto é, o de não ser o voluntariado o meio mais próprio de se obterem soldados idôneos para o exército.

O SR. CÂNDIDO DE OLIVEIRA: — (*Ministro da Guerra*): — Não prova muito bem.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Mas, se a remuneração fôsse tal que abrisse concorrência com as outras profissões, poder-se-ia escolher com vantagem entre muitos, e teríamos os melhores soldados, porque os voluntários são aquêles que se sentem com vocação para a vida militar.

Eu não quero, porém, deixar o nobre ministro da guerra e meu país sujeitos só à vontade do voluntariado. Venho lembrar uma providência, reclamada por todos como único remédio para restabelecer a ordem, encaminhar os costumes e firmar o trabalho, maximé nesta quadra de transformações.

Todos se queixam da vadiagem e da ociosidade no Brasil, que é devida a seu clima ameno e poético (*riso*) e a esta natureza feliz, onde se vive sem ser preciso trabalhar (*Riso*).

Seja porque fôr, não há negar-se que a vadiação precisa de um corretivo, e o Sr. Presidente concordará comigo, assim como o nobre ministro da guerra, que nossas leis policiais são insuficientes, não bastam para reprimi-la.

A experiência prova que o único meio de encaminhar êste país à prosperidade, combatendo o vício da vadiação — é o recrutamento.

O SR. ZAMA: — Não o antigo recrutamento.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Eu disse que me supunha no direito de apresentar alvitres, nem que fôssem absurdos, ora, se eu quisesse o antigo recrutamento, não seria meu o absurdo, não teria as honras da invenção: eu trago uma novidade. (*Riso*).

Proponho o recrutamento, mas livre da intervenção da autoridade policial ou agentes do govêrno, intervenção esta que tornava o recrutamento odioso como arma eleitora, do capricho e paixão partidária. (*Apartes*).

Deve-se arrolar tôda gente apta para o serviço do exército e converter-se o impôsto de sangue em uma contribuição pecuniária, proporcional às várias classes de modo que não seja impossível ao pobre; estabelecendo-se que aquêle que não tiver rendas de que viva, ou não se mostre empregado não poderá substituir pela contribuição pecuniária e ficará no caso de ser recrutado como desocupado.

Êste arrolamento e classificação poderão ser feitos pelas juntas de que fala esta lei.

O SR. CÂNDIDO DE OLIVEIRA (*Ministro da Guerra*): — Já V. Excia. quer a lei.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Eu quero sòmente as juntas criadas por ela.

Seja a intervenção do govêrno só na parte relativa à aceitação ou rejeição do recruta pelo exame de capacidade ou incapacidade, para qualquer dos serviços do exército, onde há serviço para todos, até para os capengas. (*Riso*).

O SR. ZAMA: — Faça-se um exército de fortes e fracos.

O SR. MARTINHO CONTAGEM: — Asseguro ao nobre ministro e à câmara que o país não se levantaria contra esta idéia e contra o impôsto ou isenção pecuniária, porque seria o meio de aliviar o povo da opressão em que se acha por virtude desta lei, e seria uma fonte extraordinária que por si só bastaria para matar a sêde do Tesouro.

E nem a substituição do impôsto de sangue por uma contribuição pecuniária é idéia minha.

O Senador Nabuco, de saudosíssima memória, falando contra esta lei no senado, impugnando que a substituição pecuniária fôsse elevada, pois só estaria ao alcance dos ricos, lembrou que na antiga Roma, quando o tesouro achava-se esgotado, afrouxava-se o rigor do recrutamento, substituindo-se por contribuição pecuniária, na proporção das posses de cada um.

Lembro ao nobre Ministro que poder-se-ia, por exemplo, fixar a contribuição na razão de quatro para os ricos que vivam das rendas de seus bens; de dois, para os que vivem das letras e artes liberais; e de um, para

os que vivem do trabalho braçal, ficando sujeitos ao serviço os que não pagarem e os que forem vadios e turbulentos.

Pense S. Excia. neste absurdo que digo e que foi muitas vêzes empregado no antigo povo conquistador pela Roma conquistadora, que entretanto tinha necessidade de grandes exércitos para manter largas fronteiras e domínios conquistados; e, mesmo que o nobre ministro se julgue no caso dos antigos conquistadores romanos, adote o meio que lembro, que prestará um bom serviço à nossa Pátria.

Bn-178 Rita Flausina de Abreu e Silva, c.c. Fortunato Justiniano de Morais. Residiram e faleceram no distrito de Santa Luzia do Rio Manso, município de Bonfim.

Pais de:

Tn-615 Amélia Alves de Abreu, c.c. Inácio de Souza Campos, em 28 de julho de 1877. Residiram e faleceram no distrito de Santa Luzia do Rio Manso. Inácio era filho Capitão Joaquim José de Campos e de Maria Cândida de Jesus.

Pais de:

Qn-1.425 Maria Cândida
Qn-1.426 Pedro de Alcântara
Qn-1.427 Rita
Qn-1.428 Fortunato
Qn-1.429 Zulmira
Qn-1.430 Amélia
Qn-1.431 Artur
Qn-1.432 Maria Rosa.

Tn-616 Romualdo de Morais, c.c. sua prima Maria Alves de Abreu.
Tn-617 João Morais, c.c. Joaquina Teixeira
Tn-618 José Bonifácio
Tn-619 Emília Alves de Abreu, c.c. Jerônimo Parreiras.

Bn-179 Francisca Alves de Abreu, c.c. Henrique Parreira Vilaça. Francisca nasceu a 24 de maio de 1848 e faleceu a 24 de maio de 1901. Residiram na Fazenda da Sesmaria, município de Bonfim.

Pais de:

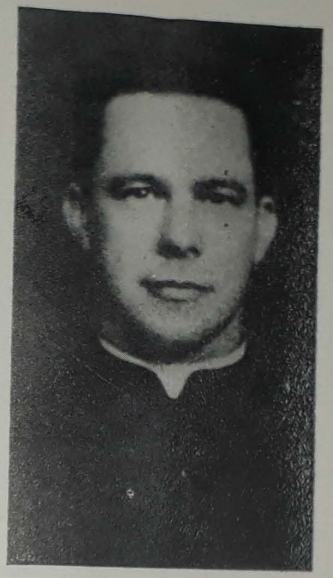
Tn-610 Adelaide Alves de Abreu, nascida em 24 de maio de 1870, casada em 29 de abril de 1885, com José Pedro de Souza Campos, nascido a 9 de abril de 1857, filho de Joaquim José de Campos de Maria Cândida de Jesus. Adelaide faleceu a 5 de dezembro de 1903 e seu marido a 12 de julho de 1930. Residiram na Fazenda do Capão da Serra da Boa Esperança, município de Betim.

Pais de:

Qn-1.433 Alcina Alves Contagem, nascida a 22 de agôsto de 1886, c.c. José Maria Taitson, falecido a 7 de outubro de 1946.

Pais de:

Pn-1.438 Padre José Campos Taitson, nascido a 5 de agôsto de 1905, ordenado em 19 de junho de 1929, ex-vigário de Nova Lima. Diretor do Ginásio Municipal de Belo Horizonte.
Pn-1.439 Padre Fernando, da Congregação da Divina Providência. Formado em Roma em Teologia e Filosofia. Professor no Santuário de N. S. de Fátima, no Rio de Janeiro.



Pe. José Campos Taitson

Pn-1.440 Alcina, irmã da Congregação do Verbo Divino com o nome de Irmã Maria Teresa.
Pn-1.441 Padre Américo, vigário da Freguesia de S. Sebastião do Bairro Prêto, em Belo Horizonte. Formado em Roma em Teologia.
Pn-1.442 Marcolina, irmã da Congregação da Divina Providência, sob o nome de Irmã Maria América.
Pn-1.443 Wilson, funcionário da Companhia Monlevade.
Pn-1.444 Henrique, funcionário do Banco Crédito Real.
Pn-1.445 Geraldo, funcionário da Prefeitura de Belo Horizonte.
Pn-1.446 Paulo.

Qn-1.434 José Vilaça Campos, residente em Igaratinga, município de Pará de Minas, casado com Estefância de Melo.
Qn-1.435 Pedro Alves Campos, c.c. Filomena Resende.
Qn-1.436 Zulmira Alves Campos, c.c. Américo Gonçalves de Freitas, do município de Betim.
Qn-1.437 Artur Alves Campos, c.c. Maria Teresa Lara.

Irmã Maria Teresa

Qn-1.438 Henrique Vilaça Campos, c.c. Maria José do Nascimento.
Qn-1.439 Joaquim José de Campos.

Tn-611 Belisário Contagem Vilaça, c.c. Malvina Moreira, filha de José Moreira da Silva e de Ubaldina Moreira.

Pais de:
Qn-1.440 João Moreira Vilaça
Qn-1.441 José Lourenço
Qn-1.442 Maria
Qn-1.443 Odete
Qn-1.444 Arminda
Qn-1.445 Francisco
Qn-1.446 Henrique

Tn-612 João Contagem Vilaça, falecido solteiro.

Tn-613 Maria Isabel de Abreu Vilaça, c.c. Romualdo Justiniano de Morais.

Pais de:
Qn-1.447 José Contagem Vilaça, c.c. Rita Vilaça
Qn-1.448 Iraci Contagem Vilaça, c.c. Maria de Morais Vilaça.

Qn-1.449 Álvaro Contagem Vilaça
Qn-1.450 Emília, falecida em criança.

Tn-614 Elisa Álvares de Abreu, c.c. Antônio de Souza Parreiras, filho de Antônio Alves Parreiras e de Fausta Parreiras de Souza.

Pais de:
Qn-1.451 Amélia
Qn-1.452 Ubaldo
Qn-1.453 Maria Elisa, c.c. Humberto Henrique, Coletor Estadual de Cataguazes.
Qn-1.454 Henrique, falecido em criança.
Qn-1.455 Dr. Geraldo Parreiras, engenheiro da Belgo Mineira.

Tn-615 Doverley Contagem Vilaça, casado a primeira vez com Rita de Cássia Marra.

Pais de:
Qn-1.456 Maria

Doverley, casado a segunda vez com Filomena Marra da Silva, filha de João Marra da Silva e de Maria Marra.

Pais de:
Qn-1.457 Zoé, c.c. Severino de Paula Lara.

Doverley, casado a terceira vez com Nívea Clara Parreiras filha de Jerônimo de Souza Parreiras e de Emília de Morais.

Pais de:
Qn-1.458 Maria
Qn-1.459 Francisca
Qn-1.460 Jerônimo
Qn-1.461 Henrique.

Tn-516 Amélia Alves de Abreu, c.c. José Timóteo Parreiras de Figueiredo, filho de Miguel Parreiras de Figueiredo e de Maria Alves de Abreu.

Sem filhos

Tn-617 Artur Contagem Vilaça, nascido em 1885, c.c. Maria das Dores de Oliveira Campos, filha de João Luís de Oliveira Campos e de Maria Francisca Vilaça. Artur Vilaça é Farmacêutico e Banqueiro em Belo Horizonte. Ex-prefeito de Itauna.

Sem filhos

Tn-618 Zulmira, Alves de Abreu, c.c. Antônio Antunes Campos, filho de Joaquim Antunes Campos e de Maria Constança de Jesus.

Pais de:
Qn-1.462 Henrique Antunes Vilaça, c.c. Maria Virgínia Dornas.
Qn-1.463 Joaquim
Qn-1.464 Francisca, falecida
Qn-1.465 Benvinda, c.c. Geraldo Parreiras
Qn-1.466 Maria, c.c. Iraci Parreiras
Qn-1.467 José
Qn-1.468 Artur
Qn-1.469 Doverley
Qn-1.470 Alcina, c.c. Antônio de Faria Lopes.

Tn-619 Leonídia, falecida em criança.
Tn-620 Sinfrônio, falecido em criança.

Bn-180 Maria Álvares de Abreu, c.c. Miguel Parreiras de Figueiredo.

Pais de:

Tn-621 José Timóteo Parreiras de Figueiredo, c.c. Amélia Alves de Abreu. Residente em Itatiaiuçu.

Sem filhos

Tn-622 Escolástica Alves Parreiras, c.c. Lino.

Pais de:

Qn-1.471 Maria da Conceição

Qn-1.472 Escolástica.

Tn-623 Maria

Tn-624 Francisco Tomás Parreiras, falecido solteiro.

Tn-625 Manuel, falecido.

Nota: Estas informações nos foram gentilmente fornecidas pelo nosso amigo Cap. Artur de Alcântara Campos, grande genealogista, autor de "Traços Genealógicos da Família Campos".

N-37 Beatriz Umbelina de Oliveira e Silva, falecida a 22 de abril de 1842, c.c. Antônio José de Abreu e Silva, filho de Antônio José de Abreu e Silva e de Maria de Sant'Ana Álvares da Silva.

Pais de:

Bn-181 Dr. Higino de Abreu e Silva, casado a primeira vez com Aurora Álvares da Silva, filha do Cel. Jacinto Álvares Ferreira da Silva e de Maria Carolina Álvares da Silva. O Dr. Higino foi Deputado e brilhante intelectual.

D. Aurora C. A. da Silva

JOÃO LOPES CANÇADO

Eis um rebento da família de Dona Joaquina do Pompéu, produto de consangüinidade em que se somam, de acôrdo com a genética, as boas taras, como se multiplicam as más.

Autêntico representante de sua estirpe, é-lhe traço dominante do espírito a bossa jurídica.

Os descendentes de Dona Joaquina se gabam de nascer sabendo direito, cuja intuição espalha-se por tôda família, mesmo entre os analfabetos.

Em Pompéu, o reduto dêles, todos trazem o código civil como livro de cabeceira, que sabem de cor em sua maior parte. O foro de Pitangui tem

João Lopes Cançado

em Pompéu a sua maior clientela. O código civil é ali um incentivo às demandas e querelas.

Para o João Lopes o compêndio de nossas leis substantivas era um verdadeiro breviário, que manuseava todos os dias, no exercício de suas funções de rábula, convencido de sua sabença, por ninguém ultrapassada.

Era um discutidor impertinente. Francisco Campos, de cuja intimidade se envaidecia, gostava de puxar-lhe pela língua, acêrca de casos que forjava no momento. Era de ver o João a solucionar a todos, com a sua dialética simplista e pretenciosa.

Em suas freqüentes discussões com o ex-Ministro, saia sempre convencido de que o tinha levado à parede. Certa vez lhe diz, irritado pelo ca-

pricho do amigo em destruir-lhe todos os argumentos: — Ocê não passa de um boboca.

João Lopes gabava-se de que em sua família as crianças nasciam "querelando", isto é, choramingando de birra.

É de se contar o que se passou entre êle e Fernando Costa, ex-Ministro da Agricultura.

Munido de uma carta de Francisco Campos, João Lopes apresenta-se em audiência especial àquele titular, pedindo licença para construir um pari no rio Pará, em Pitangui. Fernando Costa para logo retorque, afirmando a impossibilidade da concessão, uma vez que a lei a tal se opunha taxativamente.

João Lopes retruca imediatamente: Sr. Ministro, V. Excia. há que atender à peculiaridade do caso, não enquadrado em nossa legislação. Saiba V. Excia. que o rio Pará em certo lugar bifurca-se em dois galhos, que adiante se ajuntam novamente, formando uma ilhota de permeio. Pois bem, construo o pari em um dos galhos, deixando livre a passagem dos peixes pelo outro. Só os peixes bobos cairão na armadilha. Fernando Costa não pôde reprimir gostosa gargalhada.

João Lopes fecha os olhos, deixando numerosa e distinta prole, como inúmeros amigos e admiradores de sua inteligência e caráter.

Aurora era viúva do Dr. Francisco Álvares da Silva Campos (Dr. Cucuta).

Pais de:

Tn-626 Aurora, nascida a 7 de dezembro de 1863, falecida.

Tn-627 Beatriz, nascida a 1.º de abril de 1871, c.c. João Xavier Lopes Cançado.

Pais de:

Qn-1.473 Turíbio, Coletor Estadual, c.c. Jovelina de Oliveira Dias.

Pais de:

Pn-1.447 Edite, c.c. Lídio Lopes Cançado.
Pn-1.448 Edsonina
Pn-1.449 Gualter
Pn-1.450 Evandro
Pn-1.451 Turíbio
Pn-1.452 José
Pn-1.453 Hélio
Pn-1.454 Moacir
Pn-1.455 Sílvio
Pn-1.456 João Batista
Pn-1.457 Élcio

Qn-1.474 José, solteiro

Qn-1.475 Sílvia, c.c. Antônio Xavier Lopes de Abreu.

Pais de:

Pn-1.458 Sílvio, c.c. Maria ....
Pn-1.459 Irene, c.c. Antero Rocha
Pn-1.460 Delba
Pn-1.461 Zulma
Pn-1.462 Vera
Pn-1.463 Tasso

Beatriz Álvares da Silva

Pn-1.464 Omar, c.c. Helena Vasconcelos
Pn-1.465 Maria (Lili)
Pn-1.466 Antônio
Pn-1.467 João

Qn-1.476 Aristóteles, casado a primeira vez com Ana Queirós. Coletor em São Gonçalo de Sapucaí.

Pais de:

Pn-1.468 Orlando, estudante.

Aristóteles, casado a segunda vez com Elza Boaventura Cançado.

Qn-1.477 Teotista, solteira, professôra da Escola Normal em Pitangui.

Qn-1.478 João, falecido.

Tn-628 Higino, nascido a 4 de março de 1867, c.c. Josefina ..... Residiu em Jaguaruna (Onça).

Pais de:

Qn-1.479 Higino
Qn-1.480 Maria.

Tn-629 Francisco, nascido a 1.º de setembro de 1865, falecido solteiro.

Dr. Higino, casado a segunda vez com Maria Carolina Álvares da Silva, viúva do Cel. José Luís Álvares da Silva.

Pais de:

Tn-630 Maria, c.c. Nicolau Nolasco

Sem filhos

Tn-631 Manuel (Dilé), c.c. Maria José Álvares da Silva, filha de Luísa Álvares Contagem e de Inácio Álvares da Silva.

Filhos já descritos

Tn-632 Adolfo, c.c. Maria Osória de Abreu e Silva. Residiu em Pompéu, onde faleceu.

Bn-182 Virgínia de Abreu e Silva, c.c. Flávio Xavier Lopes Cançado.

Sem filhos

Bn-183 Isabel Jacinta (Sabila), c.c. João Lopes Cançado.

Tn-633 Joaquim, c.c. Bárbara Maria de Freitas.

Pais de:

Qn-1.481 Maria de Lourdes
Qn-1.482 Azejúlia
Qn-1.483 Clotilde
Qn-1.484 Alzira
Qn-1.485 Joaquim
Qn-1.486 Lídia
Qn-1.487 Lídio
Qn-1.488 José

Tn-634 João, casado a primeira vez com Beatriz, filha do Dr. Higino de Abreu e Silva e de Aurora Álvares da Silva.

Filhos já descritos

João, casado a segunda vez com Alzira, filha de Antônio Álvares da Silva e de Maria Carolina Álvares da Silva Campos.

Pais de:

Qn-1.489 Iracema
Qn-1.490 Darci
Qn-1.491 Epoína
Qn-1.492 Maria, c.c. Raul, Tabelião em Pitangui, filho de Inácio Álvares da Silva e de Luísa Álvares Contagem.

Filhos já descritos

Qn-1.493 Beatriz, solteira.

Tn-635 Antônio, c.c. Cecília Júlia de Freitas.

Pais de:

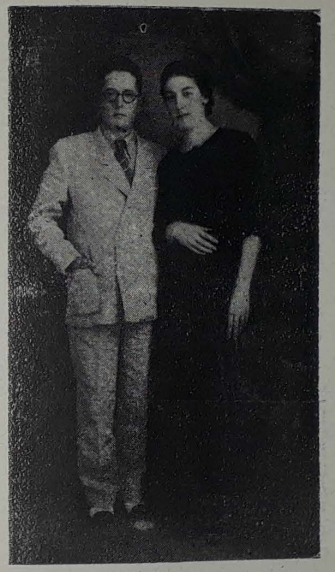
Qn-1.494 Maria
Qn-1.495 José
Qn-1.496 Aurora
Qn-1.497 Antônio
Qn-1.498 Cecílio
Qn-1.499 Ana
Qn-1.500 Joaquim
Qn-1.501 Agenor
Qn-1.502 Maria

Qn-1.503 João
Qn-1.504 Cecília.

Tn-436 Maria, c.c. Francisco Vilaça.

Pais de:

Qn-1.505 Isabel
Qn-1.506 João



Raul Álvares da Silva Campos e sua espôsa D. Maria Lopes Cançado

Qn-1.507 Maria, falecida
Qn-1.508 Aurora, falecida.

Tn-637 Maria, c.c. Francisco Vilaça.

Pais de:

Qn-1.509 Agenor
Qn-1.510 Antônio
Qn-1.511 Jordelina
Qn-1.512 Maria
Qn-1.513 Nelson
Qn-1.514 Francisco

Qn-1.515 Joaquim, falecido

Qn-1.516 João, falecido.

Bn-184 Maria de Abreu e Silva, c.c. João Moreira.

Pais de:

Tn-638 Francisco

Tn-639 Ovídio

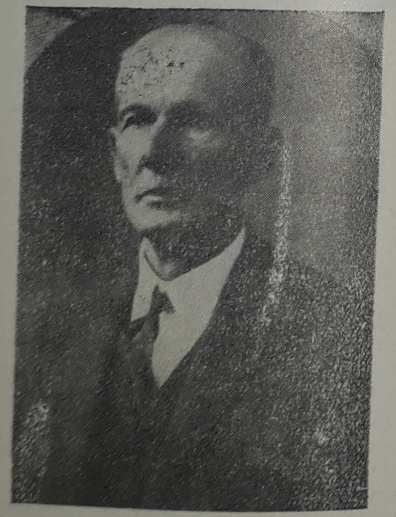
Bn-185 Fabrício, de Abreu e Silva, c.c. Isabel Jacinta Álvares da Silva, filha do Cel. José Luís Álvares da Silva e de Maria Carolina Álvares da Silva.

Filhos já descritos

NOTA: Antônio Jose de Abreu e Silva, depois de viúvo de Beatriz Umbelina de Oliveira e Silva, casou-se a segunda vez com Jesuína Cândida de Oliveira Abreu, nascida a 15 de agôsto de 1822 e falecida a 15 de março de 1907.

Pais de:

1) Antônio de Abreu e Silva, falecido solteiro.
2) Olímpio, c.c. Joana, filha do Dr. Francisco Álvares da Silva Campos (Dr. Cucuta).
   Ver os filhos do Dr. Cucuta.
3) José, falecido solteiro.
4) Ovídio, falecido solteiro.
5) Feliciano, nascido a 20 de julho de ..... e falecido a



Cel. Feliciano de Abreu

12 de setembro de 1936, c.c. Cristina de Castro Abreu.
Ver os filhos de Cristina de Castro Abreu.

NOTA: A descendência de Francisco Manuel de Abreu e Silva está descrita em outro local.

N-38 Domitila Cândida de Oliveira e Silva, nascida a 15 de outubro de 1815, no município de Pompéu e falecida a 31 de março de 1897. Está sepultada no cemitério de Maravilha. Foi casada com o Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares, filho de Antônia de Oliveira Campos e do Guarda-Mor Joaquim Cordeiro de Valadares.

O Dr. Francisco era formado em Medicina. Nasceu em Pompéu em 30 de outubro de 1820 e faleceu em 15 de junho de 1886. Está sepultado no cemitério do Pompéu Velho. Formou-se em 20 de dezembro de 1843 e viveu em sua Fazenda do Barreiro, deixando um nome imperecível de clínico emérito.

Pais de:

Bn-186 Isabel Jacinta, c.c. Diogo Gabriel de Castro Vasconcelos.

Filhos já descritos

Bn-187 Emília, casada a primeira vez com José Alvares Contagem, filho do Cel. João Álvares Contagem e de Maria Isabel de Oliveira e Silva.

Sem filhos

Emília, casada a segunda vez com Aprígio Gabriel de Castro Vasconcelos.

Filhos já descritos

Bn-188 Dr. Benedito Cordeiro dos Campos Valadares, c.c. Maria Luísa Álvares da Silva, filha do Dr. Inácio Álvares da Silva e de Luísa Carolina Álvares da Silva.

Filhos já descritos

Bn-189 Francisca (Gorda) nascida a 3 de dezembro de 1850 e falecida a 20 de fevereiro de 1930, c.c. José Pinto da Fonseca, filho de Jose Pinto da Fonseca e de ....

Pais de:

Tn-640 Francisco, nascido a 12 de março de 1871, residente em Pitangui, c.c. Francisca Valadares de Vasconcelos, nascida a 24 de junho de 1885.

Filhos já descritos

Tn-641 José, nascido a 3 de julho de 1880, c.c. Maria das Dores, filha de Emília Valadares e de Aprígio Gabriel de Castro Vasconcelos.

Filhos já descritos

Tn-642 Benedito, nascido a 1 de junho de 1885 e falecido a 10 de dezembro de 1941, c.c. Rita Cardoso, residente em Bom Despacho, filha de Adelaide Cardoso e de Mário Cardoso.

Pais de:

Qn-1.517 Maria José, c.c. Dr. Antônio Bitencourt, residente no Rio de Janeiro.

Pais de:

Pn-1.469 Antônio de Pádua

Qn-1.518 Dr. José Celso Valadares Pinto, solteiro, ex-Prefeito de Juiz de Fora.

Qn-1.519 Márcia, c.c. José Lembi, residente em Belo Horizonte.
Pais de:
Pn-1.470 Márcia Maria
Pn-1.471 Magda
Qn-1.520 Mirtes, c.c. Antônio Marques Gontijo, filho de Antônio Marques Gontijo e de Leopoldina Augusta de Oliveira.
Pais de:
Pn-1.472 Marco Antônio
Pn-1.473 Márcio Roberto
Pn-1.474 Tânia Maria.
Qn-1.521 Maura, c.c. Pedro Tavares Gontijo
Qn-1.522 Jadir, solteiro
Qn-1.523 Jair, falecido solteiro
Qn-1.524 Mary, solteira
Qn-1.525 Miriam, solteira
Qn-1.526 Jairo, solteiro
Qn-1.527 Benedito Júlio, solteiro
Qn-1.528 Jêner, solteiro.
Tn-643 Francisca, solteira
Tn-644 Isabel, viúva de Antônio Sabino, de Martinho Campos (Abadia).

Sem filhos

Bn-190 Antônia, nascida em Pará de Minas em 25 de dezembro de 1853

D. Antônia Valadares Ribeiro

e falecida em 31 de agôsto de 1942. Foi casada com o Cel. Domingos Justino Ribeiro, nascido em 1811 e falecido em Mateus Leme, em 1901, filho de Antônio Justino Ribeiro e de Cândida Diniz Sales.

Pais de:

Tn-645 Cel. Antônio Ataíde Valadares Ribeiro, nascido em 21 de outubro de 1872, residente em Pitangui, de onde foi Prefeito. Foi

Cel. Ataíde Valadares Ribeiro

casado a primeira vez com Maria José de Oliveira Ribeiro, filha de Miguel Francisco Alves de Oliveira e de Maria Justino Ribeiro.

Pais de:

Qn-1.529 José Valadares Ribeiro, nascido em 17 de março de 1894, c.c. Maria da Paixão Miranda, filha de João José de Miranda e de Inácia Maria da Silva.

Sem filhos

Qn-1.530 Elvira, nascida em 31 de maio de 1896, c.c. o Dr. José Custódio Martins Lage, filho de José Custódio Lage e de Manuela Martins.

Pais de:

Pn-1.475 José Ribeiro Lage, ex-Prefeito de Cambuquira, e. c. Rute. ....
Pn-1.476 João, engenheiro agrônomo
Pn-1.477 Osvaldo, ~~falecido~~ prefeito de Pouso de Minas

Pn-1.478 Lígia
Pn-1.479 Custódio.

Qn-1.531 Maria do Rosário, nascida em 31 de março de 1898, c.c. Mário Valadares de Vasconcelos, filho de Francisco Valadares de Vasconcelos e de Maria Valadares Ribeiro.

Filhos já descritos

Qn-1.532 Rute, falecida, nascida a 8 de dezembro de 1900.
Qn-1.533 Rute, nascida em 9 de fevereiro de 1902, c.c. Darwin Valadares de Vasconcelos, filho de Francisco Valadares de Vasconcelos e de Maria Valadares Ribeiro.

Filhos já descritos

Qn-1.534 Fábio, nascido a 10 de janeiro de 1904, residente em Bambuí, c.c. Isabel Valadares de Vasconcelos, filha de Francisco Valadares de Vasconcelos e de Maria Valadares Ribeiro.

Filhos já descritos

Qn-1.535 Edite, nascida em 26 de setembro de 1908, c.c. José Valadares de Vasconcelos, filho de Francisco Valadares de Vasconcelos e de Maria Valadares Ribeiro.

Filhos já descritos

Qn-1.536 Cristina, nascida a 30 de abril de 1910 c.c. o Dr. Nabôr de Freitas, Juiz Municipal de Cataguases.

Qn-1.537 Saul, nascido a 8 de maio de 1911, casado a primeira vez com Raimunda (Aída), filha de Francisco Valadares de Vasconcelos e de Maria Valadares Ribeiro.

Filhos já descritos

Saul, casado a segunda vez com Catarina de Freitas, filha de Raul de Freitas Batista e de ....

Pais de:

Pn-1.480 Vicentina

Qn-1.538 Miguel, nascido a 15 de agôsto de 1913, c.c. Albertina Luísa da Silva, filha de Antônio Lano da Silva e de Concécia Ferreira da Silva.

Pais de:

Pn-1.481 Nize
Pn-1.482 Neusa
Pn-1.483 Albertina
Pn-1.484 Nair
Pn-1.485 Nice
Pn-1.486 Antônio
Pn-1.487 Maria.

Qn-1.539 Dulce, nascida a 11 de setembro de 1917, c.c. Ozéas Teixeira de Abreu, Veterinário.

Pais de:

Pn-1.488 Homero

Qn-1.540 Vanda, nascida a 31 de dezembro de 1919, solteira.
Qn-1.541 Dilva, nascida a 23 de julho de 1921, solteira.

Cel. Antônio Ataíde, casado a segunda vez com Maria Torres de Almeida, filha de João Batista de Freitas e de Amélia Torres. Residente em Pitangui.

Pais de:

Qn-1.542 João Ataíde Torres Valadares, nascido a 9 de agôsto de 1942.
Qn-1.543 Maria Ângela, nascida a 29 de dezembro de 1943.

Tn-646 Francisca, nascida a 23 de março de 1874, falecida, foi casada com Francisco Saraiva de Andrade e de Maria Saraiva.

Pais de:

Qn-1.544 Domingos, c.c. Maria Albertina Ferreira da Silva, filha de Francisco Marinho e de Conceição Ferreira da Silva.

Pais de:

Pn-1.489 Francisca
Pn-1.490 Maria Lúcia

Qn-1.545 Maria, solteira.

Tn-647 Antônia, nascida a 10 de junho de 1875, c.c. João Ferreira de Oliveira Pena, nascido a 28 de março de 1864 e falecido a 15 de janeiro de 1918, filho de José Ferreira Pena e de Catarina Diniz.

Sem filhos

Tn-648 Marta Emília, nascida a 13 de dezembro de 1876, falecida em criança.

Tn-649 Domingos, farmacêutico, nascido a 19 de março de 1878, falecido, foi casado com Elisa de Toledo, filha de João Evangelista de Toledo e de ..... de São Paulo.

Pais de:

Qn-1.546 Vera, residente em Santos — Estado de São Paulo, c. c. Breno Vieira, filho de José Vieira de Faria e de Cesarina Vieira.

Pais de:

Pn-1.491 Regina Ceeli

Qn-1.547 Guiomar, residente em Belo Horizonte, c.c. Edgar de Almeida, Coletor Estadual, filho de Teófilo de Almeida e de Luísa F. de Almeida.

Pais de:

Pn-1.492 Maiza
Pn-1.493 Mariza
Pn-1.494 Teófilo Domingos.

Tn-650 José, nascido a 24 de agôsto de 1880, falecido solteiro.

Tn-651 Domitila, nascida a 14 de março de 1882, falecida a 20 de agôsto de 1923, foi c.c. Antônio Diogo Valadares de Vasconcelos, filho de Diogo Gabriel de Castro Vasconcelos e de Isabel Valadares.

Filhos já descritos

Tn-652 Isabel, nascida a 3 de setembro de 1884, c.c. Francisco Saraiva, viúvo de Francisca Valadares Ribeiro, irmã de Isabel.

Pais de:

Qn-1.548 Gil, c.c. Lourdes Guimarães.
Qn-1.549 Otília, falecida solteira.
Qn-1.550 Raul, solteiro, ex-Prefeito de Betim.

Qn-1.551 Luís, c.c. Sultana Saliba.
Qn-1.552 Ercília, solteira.
Qn-1.553 Emília, c.c. Dr. Geraldo Azevedo Rios, Juiz de Direito de Santo Antônio do Monte.
Qn-1.554 Rui, c.c. Leocádia Ferreira de Melo.

Pais de:
Pn-1.495 Maria Helena
Pn-1.496 Rui Arnaldo

Qn-1.555 Antônio
Qn-1.556 Elsa, c.c. Dr. Sílvio Cesar Romeu de Araújo.
Sem filhos
Qn-1.557 Vera, solteira.
Qn-1.558 Olga, solteira
Qn-1.559 José, solteiro
Qn-1.560 Paulo, solteiro.

Tn-653 Francisco, nascido a 28 de março de 1885, c.c. Ana Capanema, filha de Gustavo Xavier Capanema (Nhonhô Capanema) e de Maria Augusta de Carvalho, de Pará de Minas. Francisco foi Prefeito de Pará de Minas, onde faleceu.

Pais de:
Qn-1.561 Rafael
Qn-1.562 Maria Inês
Qn-1.563 Sara

Tn-654 Maria Jose, nascida a 13 de julho de 1887, c.c. Oto Augusto Ribeiro, filho de Belisário Augusto Ribeiro e de Amélia Edwar. Residente em Belo Horizonte. Diretor da Caixa Econômica Federal. Fazendeiro.

Pais de:
Qn-1.564 Rui, c.c. Lourdes Cristóforo

Pais de:
Pn-1.497 Virginia

Qn-1.565 Marta, c.c. Dr. Célio Diniz Carneiro, médico.

Pais de:
Pn-1.498 Frederico
Pn-1.499 Jane

Qn-1.566 Vera, c.c. José Wanderley Cabral de Barros.

Pais de:
Pn-1.500 Ana Maria

Qn-1.567 Lúcio, solteiro
Qn-1.568 Paulo, solteiro
Qn-1.569 João, solteiro.

Tn-655 Maria da Conceição, nascida a 8 de dezembro de 1888, c.c. Francisco Aprígio Valadares, filho de Emília Valadares e de Aprígio Gabriel de Castro Valadares.

Pais de:
Qn-1.570 Maria, falecida em criança.

Tn-656 Inácio, ex-Diretor do Banco Mineiro da Produção, nascido

a 19 de janeiro de 1890, c.c. Francisca Ramalho, filha de Del Cassiano Ramalho e de Leoni Ramalho, de Cruzeiro — Estado de São Paulo.

Pais de:
Qn-1.571 Roberto.

Tn-657 Dr. Benedito Valadares Ribeiro, nascido na Fazenda Cachoeira, no município de Pará de Minas, a 4 de dezembro de 1892. Diplomou-se em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro em 1920. Foi Professor no Instituto Lafaiete do Rio de Janeiro. Advogou em sua terra natal. Entrou na política, fazendo a campanha da Aliança Liberal. Revolucionário de 1930. Em 1932, durante a contra-revolução paulista, como Chefe de Polícia da Zona do Túnel, prestou relevantes serviços à causa do Govêrno Provisório da Revolução. Deputado pelo Partido Progressista, Presidente da Câmara de Pará de Minas e Prefeito.

Pelo fato de ter sido Chefe de Polícia do destacamento do Comando do então General Cristóvão de Barcelos, recebeu a nomeação de Capitão Honorário da Fôrça Pública de Minas Gerais. Em dezembro de 1933 foi designado Interventor de Minas Gerais e em 5 de abril de 1935 eleito Presidente do Estado. Em 1937, Governador, foi ainda agraciado com o título de Comendador da Ordem do Mérito Militar.

É casado com D. Odete Pinto Valadares Ribeiro, nascida a 19 de junho de 1905, no Rio de Janeiro, filha do Dr. Augusto Pinto e de D. Maria Maldonado.

O Dr. Benedito Valadares é uma individualidade típica dos descendentes de Dona Joaquina do Pompéu, em os quais o espírito político costuma apresentar-se como traço dominante.

Efetivamente, desde que ingressou na política tem sabido cercar-se de grande autoridade e prestígio entre os seus companheiros de partido, conseguindo manter-se na posição de um autêntico líder.
É atualmente Deputado Federal por Minas, havendo sido eleito Presidente da Comissão de Legislação e Justiça. Publicou recentemente "O Esperidião", romance que despertou vivo interêsse e larga repercussão na imprensa e nos arraiais literários, em críticas na sua generalidade elogiosas.

Pais de:
Qn-1.572 Lúcia Valadares de Pádua, nascida a 13 de fevereiro de 1923, em Pará de Minas, ex-Secretária particular do Sr. Governador, seu pai, c.c. o Dr. João Lima Pádua, nascido em Lavras a 4 de abril de 1914, filho de Lafaiete Aquino de Pádua e de Carmelita Lima de Pádua.

Pais de:
Pn-1.501 João Maurício Valadares Pádua, nascido em Belo Horizonte a 2 de setembro de 1944.
Pn-1.502 Cláudio Benedito.

Qn-1.573 Helena Valadares Sabino, nascida no Rio de Janeiro a 10 de janeiro de 1925, c.c. o Dr. Fernando Tavares Sabino, nas-

Dr. Benedito Valadares Ribeiro

cido em Belo Horizonte a 12 de outubro de 1923, Escritor e jornalista.

Pais de:

Pn-1.503 Eliana

Pn-1.504 Elionora

NOTA: O Cel. Domingos Justino Ribeiro, foi casado a primeira vez com Maria das Dores de Oliveira Pena.

Pela segunda vez foi casado com Antônia Benedita, filha do Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares e de Antônia Benedita de Oliveira e Silva.

Ver filhos mais adiante

Pela terceira vez foi casado com D. Antônia Valadares, cujos filhos acabamos de descrever.

N-39 Antônia Benedita de Oliveira e Silva, casada a primeira vez com José dos Santos Silva.

Pais de:

Bn-191 José Joaquim dos Santos Silva (filho único), nascido a 16 de

Cel. José Joaquim dos Santos Silva e sua Espôsa Ana Augusta Correia Pinto

abril de 1842 e falecido a 13 de setembro de 1911, c.c. Ana Augusta Correa Pinto, natural de Mar de Espanha, nascida a 7 de outubro de 1848 e falecida a 21 de março de 1917.

Pais de:

Tn-658 José Joaquim dos Santos Silva (Juquinha), c.c. Hilda Soares dos Santos Silva.

Pais de:

Qn-1.574 Anita, c.c. Cândido ....

Pais de:

Pn-1.505 Hilda

Qn-1.575 Floriano Peixoto, c.c. Elvira Santos, do Rio Grande do Sul.

Qn-1.576 Hortência, c.c. Olinto Tavares Pais.
Sem filnos

Qn-1.577 José, c.c. América dos Santos, de Poços de Caldas.

Qn-1.578 Florianita, c.c. Antônio Ricci.

Pais de:

Pn-1.506 Ernani

Pn-1.507 Hélcio

Tn-659 Martinho Álvares dos Santos Silva (Bento), c.c. Ana Gabriela Dias.

Pais de:

Qn-1.579 Nilson Mineiro dos Santos Silva, Capitão do Exército, c.c. Djanira Soares dos Santos Silva. Residente no Rio de Janeiro.

Pais de:

Pn-1.508 Nilson

Pn-1.509 Lia Maura

Pn-1.510 Nanci.

Qn-1.580 Nelson, almoxarife no Departamento Nacional do Café, c.c. Maria Neri dos Santos Silva.

Pais de:

Pn-1.511 Ana Maria

Pn-1.512 Roberto

Qn-1.581 Graciema, c.c. Cori da Silva Teles, residente no Rio de Janeiro, Presidente do Instituto do Café.

Pais de:

Pn-1.513 Teresinha

Pn-1.514 Antônio Claúdio

Qn-1.582 Agostinho, c.c. Maria Elisa Cavalcanti de Albuquerque, residente em Recife.

Pais de:

Pn-1.515 Glória Maria

Tn-660 Maria Amélia (Januária), c.c. Otávio Augusto de Souza Westim.

Pais de:

Qn-1.583 Oscavo Westim, c.c. Gentil Moreira.

Pais de:

Pn-1.516 Simoni

Pn-1.517 Irma

Pn-1.518 Neusa

Pn-1.519 Ildeu

Pn-1.520 Sinval

Qn-1.584 Olavo Westim, c.c. Maria Luisa Braga.

Pais de:

Pn-1.521 Luis

Pn-1.522 Lígia

Qn-1.585 Anita, c.c. Josino de Araújo Dias.
Sem filhos

Qn-1.586 Olavina, c.c. José Soares da Silveira.

Pais de:

Pn-1.523 Vilma

Pn-1.524 Jesuina

Pn-1.525 Dalton

Pn-1.526 Lincoln

Pn-1.527 Júnia.

Tn-661 Francisco Campos dos Santos Silva (Gregório), c.c. Honorina Bressane.

Pais de:

Qn-1.587 Noêmia, c.c. Garibaldi Aquino.

Pais de:

Pn-1.528 Amélia

Pn-1.529 Fausta

Pn-1.530 Áquila

Pn-1.531 Fausto.

Qn-1.588 Lauro, c.c. Congeta (Conceição). Soromenho.

Pais de:

Pn-1.532 José Aroldo

Pn-1.533 Valter.

Qn-1.589 Grizelda, c.c. João Diniz
Sem filhos

Qn-1.590 Paulo, c.c. Marieta Capobiango
Sem filhos

Qn-1.591 Glicério, solteiro.

Tn-662 Antônio Alberto (Mercês), c.c. Maria do Carmo Carneiro Xavier.

Pais de:

Qn-1.592 Maria dos Santos Silva

Qn-1.593 Guilherme

Qn-1.594 Arnaud, c.c. Rute Passos.
Sem filhos

Qn-1.595 Nazaré, c.c. Gumercindo Godoi.

Pais de:

Pn-1.534 Maurício

Pn-1.535 Mauro

Pn-1.536 Maércio
Pn-1.537 Maulon
Pn-1.538 Maria
Pn-1.539 Magali
Pn-1.540 Milton
Pn-1.541 Murilo.

Qn-1.596 Eletra, c.c. Fernando Dias.

Pais de:
Pn-1.542 Teresinha
Pn-1.543 Luís
Pn-1.544 João
Pn-1.545 Rafael
Pn-1.546 Juraci
Pn-1.547 Nelson

Qn-1.597 Januária, c.c. Gentil Vieira.

Pais de:
Pn-1.548 Oscar
Pn-1.549 Raquel
Pn-1.550 Paulo

Qn-1.598 Antônio, c.c. Zica ....

Pais de:
Pn-1.551 Mariluci
Pn-1.552 Marilene

Qn-1.599 Anita, solteira.

Tn-663 Joaquim José (Beleleco), dos Santos Silva, c.c. Arduina Tellini. Tabelião em Machado-Minas.

Sem filhos

Tn-664 Feliciano Floriano dos Santos Silva (Facinho), advogado em Machado-Minas, c.c. Maria Dagmar Dias.

Pais de:
Qn-1.600 Evânio
Qn-1.601 Solange
Qn-1.602 Léo
Qn-1.603 Climene, c.c. Antônio Luís de Araújo.

Pais de:
Pn-1.553 Arnaldo
Qn-1.604 Eva
Qn-1.605 Jarbas
Qn-1.606 Nilo Peçanha.

Tn-665 Jaime (Leocádio), Capitão da Fôrça Pública do Estado do Espírito Santo, c.c. Júlia Macedo, falecida.

Pais de:
Qn-1.607 Francisco, c.c. ....

Pais de:
Pn-1.554 Marcos
Pn-1.555 Sônia Maria

De Pé: Feliciano (Facinho), Cap. Jaime e Beleléco — Sentados: Lélio e D. Maria Dagmar Dias de Sousa

Qn-1.608 Gefersina, viúva de João Diniz.

Pais de:
Pn-1.556 Marçal
Pn-1.557 João

Qn-1.609 José, solteiro
Qn-1.610 Marcílio solteiro.

Jaime, casado a segunda vez com Isaura .... falecida.

Pais de:
Qn-1.611 Lélio.

Jaime, casado a terceira vez com Izolina.

Sem filhos

Antônia Benedita de Oliveira e Silva, casada a segunda vez com o Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares (Primeira mulher do Dr. Francisco), filho de Antônia de Oliveira Campos e do Guarda-Mor Joaquim Cordeiro Valadares.

Pais de:

Bn-192 Antônia Benedita, c.c. o Cel. Domingos Justino Ribeiro, de Mateus Leme, nascido em 1811 e falecido em junho de 1901, filho de Antônio Justino Ribeiro e de Cândida Diniz Sales.

Pais de:

Tn-666 Dr. Antônio Benedito Valadares Ribeiro, (F.) formado em

Direito, advogou em sua terra Natal, Pará de Minas. Secretário do Interior de Minas Gerais em 1908. Inteligente e sagaz, foi eleito Deputado por diversas vêzes. Foi promotor de Justiça em Muzambinho, Agente Executivo em Pará de Minas (1897). Diretor da Secretaria do Interior, Professor de Instrução Moral e Cívica do Ginásio Mineiro, senador pelo Estado de Minas (1922-1926). Deputado à Constituinte Mineira e Chefe do Departamento da Educação e Saúde Pública, cargo em que se aposentou.

Casou-se com D. Mercês de Oliveira Valadares, de Baependi, falecida a 15 de dezembro de 1942, em Belo Horizonte, filha de Luís Antônio de Oliveira e de D. Felicidade de Oliveira, Viscondes de Caldas.

Pais de:

Qn-1.612 Luísa, c.c. o Dr. Prudente Versiani Caldeira, cirurgião dentista, filho de José Caldeira Brant e de Augusta Versiani Caldeira.

Pais de:

Pn-1.558 Maria Luísa, nascida a 30 de janeiro de 1936.
Pn-1.559 Paulo, nascido a 7 de fevereiro de 1937.
Pn-1.560 Otávio, nascido a 9 de setembro de 1942.

Qn-1.613 Benedita, professôra no Instituto de Educação de Minas Gerais, em Belo Horizonte, c.c. o Dr. Luís Vicente Guerra.

Pais de:

Pn-1.561 Luís Vicente, nascido a 26 de outubro de 1944.

Qn-1.614 Dr. Domingos Justino Ribeiro, solteiro, Médico do Instituto Bioquímico de Minas Gerais.

Qn-1.615 Dr. Márcio Ribeiro, nascido a 25 de janeiro de 1910, Desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, c.c. Diva Paraíso Ribeiro, nascida a 3 de março de 1909, filha de Dr. Alfredo Afonso Figueiredo Paraíso e de Maria Carolina Ribeiro de Oliveira e Silva.

Pais de:

Pn-1.562 Leonardo, nascido a 30 de abril de 1937.
Pn-1.563 Flávio, nascido a 7 de março de 1942.
Pn-1.564 Gilda, nascida a 26 de dezembro de 1943.

Qn-1.616 Joaquim Justino Ribeiro, solteiro. Ex-prefeito de Poços de Caldas.

Qn-1.617 Clélia, c.c. José do Patrocínio Andrade, filho do Desembargador Dr. Horácio de Andrade e de Josina Mota Andrade.

Sem filhos

Qn-1.618 Ida Valadares Ribeiro, do Gabinete do Secretário da Agricultura.

Qn-1.619 Alda Valadares Ribeiro

Qn-1.620 Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares, Engenheiro.

Tn-667 Benedita Antônia, c.c. Joaquim Ferreira de Oliveira Pena, falecido, filho de José Ferreira de Oliveira Pena e de Catarina Diniz. Benedita reside em Mateus Leme.

Dr. Antônio Benedito Valadares Ribeiro

N-40 Cel. Antônio Álvares da Silva (Nico da Mata), nascido nos Guardas, em 1816, c.c. Virgínia Joaquina dos Santos Silva, filha de Joaquim José dos Santos Silva e de Joaquina Rosa dos Santos Silva, cunhada do Conselheiro Martinho Campos, nascida em Pitangui em 1818 e falecida em Penha Longa (Santo Antônio da Cachoeira) em 1880.

NOTA: No cemitério de Penha Longa acham-se sepultados o Barão de São Geraldo, Ana Leonissa e Beralda Lucinda.

Pais de:

Bn-193 Dr. José Joaquim Álvares dos Santos Silva, Barão de São Geraldo, c.c. Umbelina Teixeira Leite, filha dos Barões de Ibituruna.

Sem filhos

Bn-194 Dr. Antônio Álvares de Abreu e Silva, nascido em 30 de maio de 1841. Foi Deputado, no Império. Era formado em Direito, advogou em Leopoldina e Cataguazes, c.c. Teodorinha da Cunha e Souza, filha de Antônio da Cunha e Souza e de Francisca da Cunha e Souza (esta depois de viúva casou-se com o Dr. Belisário Nóbrega de Airosa).

Pais de:

Tn-668 Antônio, falecido solteiro.
Tn-669 Virgínia, falecida solteira.
Tn-670 Joaquina, c.c. Antônio dos Santos Valente.

Sem filhos

Tn-671 Clotilde, solteira.
Tn-672 Mário Álvares de Abreu e Silva, c.c. Maria Lídia da Rocha, filha de Francisco Florêncio da Rocha e de Elisa Bukler.

Pais de:

Qn-1.621 Washington, nascido a 30 de julho de 1910 e falecido em 24 de dezembro de 1932.

Tn-673 Eduardo, farmacêutico, c.c. Gabriela da Silva Costa, filha do Dr. Gabriel da Silva Costa e de ....

Pais de:

Qn-1.622 Dr. Eduardo Carlos, engenheiro.
Qn-1.623 Osmarina, solteira.

Tn-674 Dr. Álvaro, Engenheiro Civil, c.c. Miquelina Gonçalves Pereira.

Pais de:

Qn-1.624 Álvaro
Qn-1.625 Maria Teodora
Qn-1.626 Maria Miquelina.

Tn-675 José, c.c. Graci de Sá Lessa.

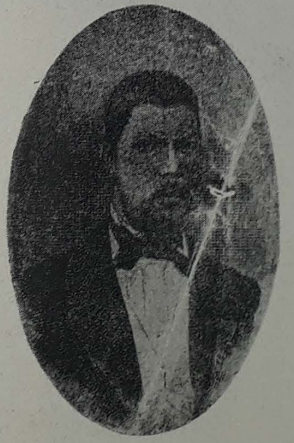
Pais de:

Qn-1.627 Gláuco.

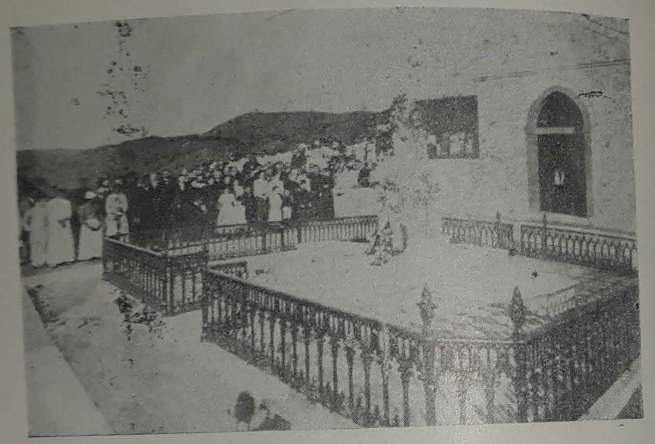
Bn-195 Martinho, falecido em criança.
Bn-196 Napoleão, falecido em criança.

N-41 Dr. Martinho Álvares da Silva Campos, Médico, Senador, Conselheiro do Império, nascido nos Guardas, município de Pará de Minas, a 22 de novembro de 1818. Formou-se em Medicina a 20 de dezembro de 1838, pela

Virgínia de Abreu e Silva



Antônio de Abreu e Silva



Cemitério da Fazenda de Santo Antônio da Cachoeira, de propriedade dos pais do Barão de São Geraldo — Neste Cemitério estão sepultados: D. Ana Leonissa de Oliveira e Silva, Dr. Antônio Álvares de Abreu e Silva, D. Virgínia de Abreu e Silva, D. Teodorinha Álvares de Abreu e Silva, o Barão de São Geraldo e D. Lucinda de Oliveira e Silva — A fotografia é da inauguração do túmulo do Barão de São Geraldo

Faculdade do Rio de Janeiro; os seus estudos de Humanidades foram feitos no Colégio do Caraça. Casou-se a primeira vez com Maria Joaquina dos Santos Silva, a 7 de janeiro de 1840, filha de Joaquim Jose dos Santos Silva, da Fazenda de Matozinhos, e de Joaquina Ribeiro de Avelar, da Fazenda de Guarida; falecida a 10 de julho de 1842.

Sem filhos

Dr. Martinho Álvares da Silva Campos, casado a segunda vez com Luisa Joaquina dos Santos Silva, irmã de Maria Joaquina, falecida a 4 de fevereiro de 1846.

Sem filhos

Dr. Martinho Álvares da Silva Campos, casado a terceira vez com Felisberta Balbina Ribeiro de Avelar, irmã de Joaquina Ribeiro de Avelar, falecida a 1 de janeiro de 1854, filha de Francisca de Avelar Werneck e de Antônio Gomes Ribeiro de Avelar.

O Dr. Martinho faleceu a 29 de março de 1887 em Caxambu, Minas Gerais.

Pais de:

Bn-197 Dr. Martinho Álvares da Silva Campos Filho, nascido a 21 de dezembro de 1853 e falecido a 5 de agôsto de 1915, foi Político, Deputado, Secretário do Interior do Estado do Rio de Janeiro, c.c. Rita Gomes de

Barão e Baronesa de S. Geraldo

Avelar, filha de Maria Francisca Werneck e do Comendador José Gomes Ribeiro de Avelar.

Pais de:

Tn-676 Rita, solteira.

Tn-677 Felisberta, c.c. Alfredo Corrêa e Castro.

Pais de:

Qn-1.628 Zélia, solteira

Qn-1.629 Marina

Qn-1.630 Martinho.

Tn-678 Olga, c.c. William Frederico Cheston.

Pais de:

Qn-1.631 Sidney Cheston, c.c. Julieta Campos.

Tn-679 Martinho Campos Filho, c.c. Josefa ....

Sem filhos

JAZIGO PERPÉTUO EM ~~CAXAMBU~~ BAEPENDI DE MARTINHO CAMPOS

Doutor em Medicina pela Escola do Rio de Janeiro de 1838.
Deputado Geral de 1857 a 1881 pelos Distritos de Vassouras, Capital do Império e Provincia de Minas Gerais.
Senador pela Provincia de Minas Gerais em 1881.
Presidente da Câmara dos Deputados em 1881.

Presidente do Conselho e Ministro da Fazenda em 21 de janeiro de 1882.
Conselheiro do Estado, em 1886.
Filho legitimo do Coronel Martinho Álvares da Silva e de D. Isabel de Oliveira Campos.

Nascido em 18 de agôsto de 1818, na fazenda dos Guardas, freguesia da Onça, têrmo de Pitangui, desta provincia e falecido em Caxambu, em 29 de março de 1887.

Dr. Antônio A. de Abreu e Silva

MARTINHO CAMPOS

Visconde de Taunay

Tinha Martinho Campos uma pretensão, inocente por certo, mas que se tornara legítima mania, elevada sem dúvida no seu teimoso espírito a proporções de incontrastável verdade — acreditar-se muito entendido, autoridade até, em usanças e praxes do parlamento inglês, particularmente da Casa dos Comuns.

Raro também o discurso — e quantos não só fazia! — em que deixasse de citar algo de procedência e feição britânica, referente sobretudo ao longo período do agitado reinado de Jorge III, tudo bem num desalinho enorme de plano oratório, objetivo, dedução e frase positiva salsada, conforme foram por um político conservador batizadas essa originalíssimas peças tribunícias.

Se, com efeito, possuía êle alguma leitura aproveitada do que se havia passado no palácio de Westminster, particularmente no tempo do tal Jorge III, não raro, entretanto, inventava, ageitando-as às necessidades do momento, anedotas mais ou menos engraçadas, em que fazia figurar — estropiando-lhes, já se sabe, os nomes — Lord Bolingbrodke ou Lichfield, Newcastle ou Townshend Shewsbury e outros. Quanto mais arrevezados êsses nomes, melhor para o efeito do caso análogo, verídico ou não.

É que, experimentado como era nos debates e lutas parlamentares, sabia quanto serve uma citação a propósito, uma alusão histórica aduzida a tempo, ou uma data contraposta com energia.

Nisto fôra mestre Jerônimo Francisco Coelho, o brigadeiro, um dos militares que mais se distinguiram na cena política e nas discussões da câmara, já pela calma, já pela fluência da palavra e dialética.

Em certa ocasião, com um simples aparte desmontou fogoso orador que atacava com acalorada vivacidade e numerosa cópia de argumentos baseados em leis e decretos, a sua administração na pasta da guerra.

— V. Excia., asseverou êle com todo o sangue-frio, mostra, pelas suas afirmações, que desconhece radicalmente o decreto de tantos de tal mês e ano. (E disse a primeira data que lhe veio à cabeça).

O oposicionista ficou perplexo, mas acaçapou-se deveras, quando o ministro continuou impertubável:

— Decreto número tal (e lá veio a emenda com rigorosa exatidão) explicado pelos avisos de tantos e mais tantos e mais tantos.

Depois observou com ar de modéstia:

— São provas irrecusáveis. Estude V. Excia. a legislação, antes de me vir acusar com tamanha injustiça e leviandade!

A! essa embrulhada de avisos, quanto não perturbou a boa marcha da administração pública! Não havia ministro que os não derramasse a flux, interpretando cada qual a seu modo o pensamento de legislador ou o sentido da lei.

Tudo era possível no domínio do Aviso, até decisões contrárias e antinômicas de um dia para outro e assinadas pelo mesmo punho!

Lembra-nos isto fato bem curioso e engraçado em sua audiência de petulante e até criminoso ardil eleitoral.

Num dos últimos e mais disputados pleitos da província do Paraná, tinha um juiz de direito que resolver certa dúvida, aventada com o maior ardor e insistência por um dos lados litigantes.

O advogado da causa, mestre em subtilezas do ofício, desenvolvia tantas razões, que o magistrado se mostrava atarantado e hesitante, quando a emergência não admitia vacilações.

— E a lei? objetiva êle.

— A lei? Está conosco assegurava o cabalista.

Leia um aviso bem explícito de 1875, caso exatíssimamente idêntico...

Deu a data e correu para a tipografia do jornal político que redigia, mandando às pressas imprimir em papel de aspeto amarelado pelo tempo um aviso da sua lavra e de acôrdo com a solução desejada.

Daí a pouco, recado do juiz de direito.

— Não existe tal aviso.

— Pois na minha coleção o tenho. À tarde, levo-lhe o livro.

— E a página nova, hàbilmente insinuada no volume de 1875, infundia sem mais contestação a convicção precisa no ânimo da autoridade perplexa, que, sem reparar na numeração das fôlhas e outros ligeiros indícios, lavrou sentença conforme os intuitos e as manobras do ousado cabo eleitoral.

Em geral, Martinho Campos, que timbrava de correctíssimo parlamentar e, segundo a moda inglêsa, se intitulava a oposição de Sua Magestade, ao falar coletivamente, buscou, contra a tendência dos companheiros de bancada, salvar a corôa dos ataques de incandescentes debates; mas nem sempre obedeceu a essa bela regra de comedimento e reserva, imposta, aliás, rigorosamente pela lei constitucional.

Depois, como presidente do conselho de ministros, mostrou-se muito surprêso de encontrar no Imperador só lhanura, cordialidade ilimitada condescendência. — Nunca pensei, dizia então todo alegre positivamente embelezado, na genuína expressão portuguêsa — achar em D. Pedro II as qualidades que reune em si... Se têm havido maus ministérios é por conta dos políticos... não culpa dêle. Mais esta aprendi eu já velho!

Repetia êsse conceito a quem o queria ouvir, e, quando repisava as cousas, as repisava deveras.

Antes porém de organizar ministério, gabinete que não durou senão meses, de 21 de janeiro e 3 de julho de 1882, esbarrondado, conforme depois veremos, por muitas causas de dissolução, não deixara, também no eterno papel de intransigente impugnador, de por vêzes referir-se ao Poder Moderador com grande dureza e acentuada suspeição.

Já dêle citarei uma frase bem pesada, verdadeira ameaça.

— Lembre-se Sua Magestade que a barra por onde saiu o Sr. seu pai continua aberta e bem larga... Lembre-se Sua Magestade!

Tratando-se, em começos de 1872, de dar interpretação ao valor da moeda, que devia dobrar, como de fato dobrou, o subsídio dos deputados e senadores, falou-se em acréscimo da lista civil do Imperador.

Martinho Campos na tribuna reportou-se logo, como perfeitamente aplicáveis, às palavras daquele presidente da Câmara dos Comuns que, na mensagem de Jorge III, observou ao rei "Vossa Magestade ganha mais do que precisa", gravíssima injustiça em relação a D. Pedro II, que aliás, com o admirável desinterêsse que ninguém lhe pode contestar, havia já e sem demora mandado declarar que não aceitaria o mínimo aumento na sua dotação anual.

Ministro Martinho Campos

Uma feita, um ministro acabava de orar no meio de grandes provas de adesão por parte dos amigos, não nos recordamos qual, se João Alfredo, ou o Sr. Duarte de Azevedo. Acalmado o ruído dos apoiados, muito bem, apertos de mão e até abraços do costume, romperam vigorosas palmas, que ecoaram estrondeantes pelo recinto da câmara e dos corredores.

Pasmo de todos!...

Era Martinho de Campos, que fazia aquêle enorme barulho, batendo as mãos com fingido e sarcástico fervor.

— Estou aplaudindo o entusiasmo da maioria, explicava êle — mas afinal enfiou e, todo vermelho e encavacado, dizia aos vizinhos de bancada:

— Isto se usa muito na Casa dos Comuns... muito!

Mas havia em que incontestàvelmente tinha repentes felizes, muita graça, irresistível chiste, e aos maiores e mais dedicados sustentadores do gabinete Rio Branco se tornava quase impossível resistir à gargalhada geral, tanto mais quanto era êle o primeiro a dar o exemplo, escancarando a cara tôda e terminando a boa e gostosa risada em prolongado acesso de tosse.

— Estou, como o país todo, com êste gabinete atravessado na garganta!...

— Não há descanso possível... É um penar sem conta.

E nessa nota batia horas inteiras, tocando realejo, na frase parlamentar, repisando nos assuntos já estafados, e sôfrego por qualquer aparte que o estimulasse mais.

— Srs. ministros, tenham dó dêste pobre Brasil... larguem os lugares que ocupam, ou então administrem melhor... Isto não pode continuar assim... não, senhor, não pode... Os sofrimentos do povo já são demais... Olhem, ainda ontem recebi uma carta de Minas e de pessoa muito séria... conservador de todos os tempos. — Reparem bem, senhores da maioria, conservador de todos os tempos; e êle me dizia isto mesmo... não é possível continuarem as cousas assim... Acreditem, nós liberais não queremos o poder... Eu pelo menos não o quero. Quem me tira da oposição, tira o peixe fora dágua... fora dágua, é o que digo à câmara... Sr. taquígrafo, tome nota...

E por aí seguia, levantando e abaixando com ambas as mãos tampa da escrivaninha da bancada de onde falava — habitualmente o segundo lugar, embaixo, na linha de frente, entre Silveira Martins que ocupava a primeira cadeira e Inácio Martins.

Quase sempre inclinado à pilhéria, por vêzes também se mostrava arrebatado, irritante, a abrir ensanchas a cenas de caráter acrimonioso e inconveniente. Num dêsses atritos, ia-se originando, nada menos que um duelo sério, por causa de um artigo do jornal liberal "A Reforma", que acirrara os ânimos mal acalmados da colisão parlamentar da véspera e do choque de violentos apartes.

Tudo isto já está tão longe, tão metido nas brumas do passado!

Na questão servil e no grandioso movimento da abolição, que deu ao Brasil uma das suas mais fulgurantes datas, Martinho Campos tomou o papel de reacionário extremado e, com exagerada franqueza e, mais que isto, desnecessário alarde, pronunciou-se escravocrata da gema.

— Com muito orgulho me capitulo assim, não desejo popularidade na rua do Ouvidor. Não desejo. — Fiquem sabendo... É declaração de que não recuo... Alisto-me entre os mais emperrados e ferrozes escravagistas... Tenham paciência!

Tudo de bôca para fora, no modo de dizer popular. O bom e leal coração de mineiro era só meiguice, solicitude e perdão para os seus escravos, meus negrinhos, conforme os costumava chamar.

Da extensa e importante fazenda, que possuia em Cebolas, município de Paraíba do Sul, e que o filho, o Dr. Silva Campos, transformou em valiosíssima propriedade rural, não tirava com que cobrir as despezas do simples custeio. Os anos sempre se fechavam com deficits, pois forros e cativos

não trabalhavam, vadiavam à grande, faziam o que bem queriam e entendiam. Era sabido, que a ninguém castigava, por maior repressão que merecessem continuos abusos.

Uma vez, viu êle de longe um prêto carregando às pressas café furtado do terreiro. Pôs o cavalo a trote e alcançou sem custo o delinqüente.

— Olhe, filho, aconselhou todo risonho, meta-se pelo cafesal e vá depressa onde tem de ir... O feitor anda por aí e depois eu não saberia como livrar a você do bacalhau.

— Não quero, costumava êle dizer para dar razão da sua atitude especial e tão contrária aos princípios liberais, entregar êsses pobres coitados a todos os vícios e à cachaça... Sei quanto são bons, dóceis, mas também quanto precisam de proteção e de tutela...

É uma raça que os filantrópicos abolicionistas querem fazer desaparecer do Brasil, estinguir de vêz... uma hecatombe que preparam de inconscientes vítimas...

E repetia pirrônico e encerrando nessas palavras todo um largo programa.

— Cá por mim, sou e serei sempre escravocrata da gema. É dever meu sê-lo... hei de saber cumprí-lo!

Com efeito, jamais arredou pé de uma linha.

MARTINHO CAMPOS

Por Homero Pires

Deputado federal pelo Estado da Bahia

25 ANOS DE PARLAMENTO.

Até 1882, sòmente na Legislatura de 1869 a 1872 deixaria Martinho Campos de fazer parte da Câmara. Mas êste hiato não significou um desprestigio seu. Resolvera então o partido liberal, aliás contra o seu voto, abster-se das urnas, deixando o campo completamente às mãos dos adversários. De 1882 a 1887, estêve no Senado. Foram, assim, vinte e cinco anos de intensa vida parlamentar, representando a província do Rio de Janeiro, o município da Côrte e depois sempre Minas Gerais, com outros postos intercurrentes, que não lhe marcam a carreira: Presidente do Rio em 1881, Presidente do Conselho e Ministro da Fazenda em 1882, Conselheiro de Estado em 1886.

Sob outros hábitos políticos, que fazem do parlamento a peça mestra do sistema constitucional, sob signos mais propícios à inteligência, à cultura e ao caráter dos representantes, que se não decapitam ou se não deixam decapitar, pois no seio do parlamento têm de fazer a carreira e galgar todos os postos, — encontraria Martinho Campos, nas câmaras do Império, um ambiente de todo o ponto próprio aos seus talentos e à sua capacidade.

Apesar de médico, não quis ser, não foi jamais de verdade outra coisa senão parlamentar. Administrador em férias, sentia no govêrno a nostalgia das câmaras e da oposição.

Alguns dos que o ouviram dizem que não foi pròpriamente um orador. Não sabemos se de fato seria assim. Àqueles que dêste modo opinavam, parecia que não elevava o debate, com freqüentes interrupções no curso das idéias, para atender aos apartes, que recebia com prazer, dêles tirando novos elementos de argumentação, ou utilizando-os como recurso e protelação, arte em que era exímio, e com que atrapalhava os governos, na sua quase permanente adversário dêles. Mas, prova de que seria quando mêsmo um orador, e sobretudo orador parlamentar, que tem nesta uma das suas qualidades dominantes, primaciais. Tal, porém, não era a única que possuía. Tinha uma voz de tonalidades suaves, a locução espontânea, grande presença de espírito, memória pronta. Não abusava da gesticulação. A sacudir freqüentemente a cabeça, volta-se, porém, rápido para onde lhe parecia vir um aparte, que respondia sem demora, quase sempre numa galhofa. Se não havia pressa, mas, ao contrário, era preciso procrastinar o debate trazia à baila quantas pessoas conhecera desde a mocidade, analisava pacientemente, um por um, cada qual dos ministros, e pelo caminho ia lançando

apelidos pitorescos. Apesar da costumeira serenidade de ânimo, irritava-se quando o atacavam ou se acaso supunha que o não levavam a sério. Enquanto o adversário ocupava a tribuna, olhava-o com ares de ironia, e, parecendo estar de mau-humor, falava entre dentes. Sempre na brecha, e ainda mais a combater as situações, tornou-se um regimentalista consumado, e os Presidentes da Câmara acabaram afinal por viver bem com êle. Tinha imenso tato em afastar dificuldades, tratando os assuntos sem lhes descobrir os áspetos inconvenientes, saltando de um a outro ponto como se houvesse de permeio dado a resposta precisa.

Leader na Câmara do Gabinete Saraiva, e a responder, na sessão de 30 de agôsto de 1880, a um veemente discurso de Joaquim Nabuco, não lhe deu afinal satisfação nenhuma "Compreendo a delicadeza do nobre deputado e sua fina educação, que não lhe permitem trazer para êste recinto, sem que eu o autorizasse, o que se passou em particular entre nós. Compreendo, por esta forma, a interrogação, que me dirigiu; mas o nobre deputado é bastante conhecedor das coisas do parlamento para desculpar-me de não responder-lhe agora, porque a resposta no principal compete ao ministério".

UMA CARICATURA

Do seu processo de discursar temos uma representação neste trecho, que não é pròpriamente da sua lavra, mas da autoria do Visconde de Taunay nas Reminiscências; é um pastiche, à la manière de... em que tanto aprimorava Alberto Sorcel, e prova da impressão que produziu no seu tempo o gôsto de Martinho Campos: "Senhores ministros, tenham dó dêste pobre Brasil! Larguem os lugares que ocupam, ou então administrem melhor! Isto não pode continuar assim!... Não, Senhor! Não pode! Os sofrimentos do povo já são demais. Olhem; ainda ontem recebi uma carta de Minas, e de pessoa muito séria, — conservador de todos os tempos. Reparem bem, senhores da maioria; conservador de todos os tempos; e êle me dizia isto mesmo. Não é possível continuarem as coisas assim. Acreditem: nós, liberais, não queremos o poder. Eu, pelo menos, não o quero. Quem me tira da oposição, tira o peixe fora dágua... Fora dágua, é o que digo à Câmara. Sr. Taquígrafo faz o pastiche a caricatura das qualidades predominantes, avultando-as.

Mas neste outro trecho, que é autêntico, e está em Nabuco, se pode avaliar da oratória de Martinho Campos, dirigindo-se ao Presidente da Câmara, que o chamava ao assunto, e a quem êle buscava conquistar, e acabou de fato conseguindo-o: "Mas permita-me V. Excia. uma observação. O que quer V. Excia. que faça uma oposição de quatro ou cinco deputados? Quer que discuta como se fôsse uma oposição composta de quarenta ou cinqüenta membros? É possível que em tais circunstâncias discuta a oposição uma medida desta natureza com a indiferença, com o sangue frio, com que discutem os indiferentes? V. Excia. julga que isto é possível? V. Excia. deve olhar para uma oposição de quatro ou cinco deputados com mais alguma indulgência. Não temos outro recurso senão suprir pelo vigor da palavra e do ataque a fraqueza do número. V. Excia. não procede nisto com a generosidade de seu coração. Não faço a V. Excia. uma acusação, apresento uma queixa de filho (Risadas). (O Presidente. Então não sou justo). Os pais são sempre justos para com os filhos (Risadas); mas quando os pais têm preferência para

uns filhos em prejuízo dos outros, os preteridos apresentam suas queixas. V. Excia. há-de ter conhecido isto; quando famílias ou pais mostram predileção para alguns dos filhos, essa preferência injusta influi até para a desharmonia entre os membros da família. V. Excia. deve ser para nós como Deus é para os homens: absolutamente igual (Risadas). Os filhos mais fracos, os doentes, são os que devem merecer mais atenção; e V. Excia. vê que em matéria eleitoral somos, não sòmente enfermos, porém os moribundos (Risadas). E quando nesta circunstâncias os senhores ministros até os socorros espirituais nos arrancaram (Hilaridade prolongada)... Neste ponto não quero dizer tudo; alguém, algum amigo compreende o motivo".

Não era de admirar que um orador dêstes fôsse um dos raros, em tôrno dos quais se agrupassem os companheiros, seduzidos da novidade e da graça. Ninguém se aproximava de Martinho Campos para admirar, nem êle queria isto. Não tinha a fôrça, o brilho, o apuro de Sales Torres Homem ou José Bonifácio. Dêle se acercavam os que desejavam ver a trituração de um adversário, análise de uma situação feita com ridículo, com chacota, com chistes imprevistos, e de tudo apenas dito o bastante, sem delongas, só úteis na protelação.

TERROR DOS ESTREANTES

Era o terror dos estreantes adversários, e, neste sentido, ficaram célebres as suas interrupções a Gusmão Lôbo, que entrou para a Câmara com grande fama, e que no jornalismo, se tornou depois aqui um dos batalhadores mais fulgurantes e eficazes do abolicionismo. Fazia o novo deputado a defesa do Ministério de 7 de março de 1872, precedido pelo Visconde do Rio Branco. Ao começar o discurso, tivera Gusmão Lôbo a infelicidade de dizer, numa descabida revivescência clássica:

— Apelidado à tribuna, Sr. Presidente...

Sim, senhor, apelidado... É isto mesmo... apelidado, atalhou Martinho Campos.

— Se o têrmo não é do agrado de V. Excia., direi — Avocado ou chamado à tribuna...

— Avocado também é bom, mas apelidado é melhor. Não dispenso mais êste apelidado.

Mais adiante, abriu Gusmão Lôbo nova margem à troça:

— Mal formado o gabinete, iniciou logo...

— Apoiado, muito bem. Não há dúvida: mal formado, pessimamente formado.

— V. Excia. sabe perfeitamente o que eu quis dizer, isto é apenas formado o gabinete...

— Não, senhor. Mal formado é que é: pèssimamente. Mal formado — nem podia ser pior. O senhor falou pela bôca de um anjo. O país é que sofre as conseqüências dessa péssima organização ministerial. O que é ser moço é abrir o coração! Sim, senhor! Abrir o coração!

Queria Martinho Campos ver escrùpulosamente adotados ao Brasil os estilos parlamentares da Inglaterra, nos quais falava muito, dizendo-se seu conhecedor. Mas, quando era conveniente, inventava, inventava, positivamente inventava exemplos políticos da Casa dos Comuns, ou engendrava anedotas

da vida parlamentar britânica, através das quais passavam nomes de estadistas inglêses que, quanto mais complicados e difíceis, mais eram estropiados.

Apesar de filiados ao partido liberal tôda a sua vida, era Martinho Campos um temperamento inconciliável com as idéias adiantadas da sua fação política, com Zacarias, com Saraiva, que aliás de comêço haviam militado nas fileiras conservadoras.

E, assim foi Martinho Campos um dos adversários mais tenazes do Gabinete do Visconde do Rio Branco, combatendo o projeto, que se transformou na Lei de 28 de setembro de 1871, que declarou de condição livre os filhos de mulher escrava que nascessem desde aquela data em diante.

MARTINHO CAMPOS

(Trécho de uma conferência realizada no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais).

João Dornas Filho

A galeria de estadistas do segundo reinado possuiu em Martinho Álvares da Silva Campos uma das suas figuras mais impressivas e cativantes. Filiado ao partido liberal, que durante cêrca de trinta anos representou no parlamento, o nosso ilustre comprovinciano exerceu o seu longo mandato com um brilho invulgar, uma capacidade de ação que não encontra paralelo nos anais de tôda a nossa história parlamentar e política.

E o mais interessante na sua sugestiva personalidade é que ela resumia um complexo de qualidade que aparentemente se chocavam. Sem ser um grande orador, sem pretender conquistar popularidade fácil, sem lastrear o seu ingente trabalho parlamentar com uma cultura que se pudesse medir com a de Nabuco de Araújo ou Ferreira Viana, Martinho Campos desfrutou, apesar disso, um prestígio sem contraste no seio do parlamento, o qual dominou tirânicamente durante tôda a sua vida.

Foi um grande, um perfeito, um inimitável representante do povo: isso, porém, inteiramente despido de demagogia ou filáucia, de teatralidade ou intenção. Talvez seja êsse o motivo do seu incomparável fascínio, somado ainda a uma agreste independência, a uma bravia altivez, a uma contundente desambição. A sua deficiência oratória era certamente compensada por essas sugestionadoras qualidades, nitidamente características de uma personalidade sem par em tôda a nossa história política.

Êle mesmo se chamava enfàticamente o "fiscal dos governos". De uma honestidade moral e política acima de qualquer suspeita, a sua vida de parlamentar transcorreu numa vigilante e tenaz oposição a tudo que lhe parecesse contrário aos interêsses do país. Essa preocupação do bem público não respeitava sequer os próprios correligionários, que muitas vêzes o encontraram a combatê-los e torturá-los com a sua intransigência e os seus aculeantes remoques...

Mas, êsse homem singular, que os anais do parlamento parecem nos revelar um demolidor insensível e rude, era a melhor das criaturas dêste mundo. A sua célebre afirmação de ser "um escravocrata da gema" não passava de uma simples fórmula política para efeitos meramente políticos. Senhor de escravos, aos quais alforriou bem antes da Abolição na soma de quase um milhar, não havia em suas fazendas de café um negro que o não estimasse como a um amigo certo e compassivo. Chamava-os paternalmente "os meus negrinhos" e conta Batista Pereira que, certa ocasião, passeando a cavalo

pela fazenda, viu que um prêto, tendo às costas um balaio de café roubado, quis esconder-se. Não o consentiu. E aproximando-se disse-lhe: Olhe, esconda-se no cafezal e segue depois o seu caminho, porque o feitor vem por aí e, se o pega, nem eu o salvarei do bacalhau...

Mineiro até à medula e, pois, conservador de hábitos e costumes não dispensava a sua calça de algodão grosso tecida ao tear de pau, que lhe enviavam de Minas, a sua botina de elástico, o seu cigarro de palha. E, como os nossos parlamentares daquele tempo não atavam uma gravata sem despregar o ôlho a ver como faziam os inglêses, Martinho Campos completava o seu traje com uma sobrecasaca gladstoneana. E ainda quando todo o parlamento se deixava cobrir de hirsuta barba ou agressivas suiças, Martinho pelava todo o rosto, glabro e liso como um ator de teatro aposentado...

«Só pelo físico — depõe o Visconde de Taunay — tinha não pouca originalidade. Alto, bastante alto, magro, esgalgado quase, mostrava na fisionomia, antes do mais, franqueza e alegria, é o riso freqüente que nêle pairava não o embelecia por certo, avermelhando-lhe mais a tez já de si fortemente corada, apertando-lhe os olhos pequenos, mas vivos e penetrantes e escancarando-lhe a bôca desprovida de dentes e rasgada até perto das orelhas, grandes, destacadas do crânio...

Creio que foi Cotegipe, também um mestre de malícia e graça, que o chamou no ardor de um debate, de "cara de Páscoa"...

E ainda de Taunay, que talvez alimentasse uma secreta mágua por ter Martinho votado contra o reconhecimento do seu diploma de deputado e, casquilho palaciano, não perdoava ao sertanejo de Pitangui a simplicidade do vestir, êste recorte nitidamente cortezão: "Gostava de trajar à mineira, à moda dos fazendeiros, classe a que pertencia, usando um largo sombrero do Chile, o que, naquele tempo de muito maior correção no trajar do que hoje e da quase obrigatoriedade do chapéu alto ou cartola, não deixava de causar espécie aos colegas e freqüentadores da rua do Ouvidor"...

Era realmente Martinho um mineiro de boa cêpa, daquelas que as maiores posições sociais não conseguem modificar a simplicidade, a modéstia, a afabilidade do trato. Contador de anedotas, conhecia minuciosamente a crônica parlamentar do Império e não perdia ocasião de aproveitá-la nas suas palestras com os amigos. Empregava freqüentemente, e já era um cacoete, a palavra canoa, "canoa do nobre deputado" "a minha canoa" — referia-se — aqui ao ministério de que era presidente, eram expressões de que usava sempre nos discursos e na conversação.

Dêsse cacoête nasceu até uma crítica carnavalesca em 1882, quando era presidente do Conselho, brincadeira que êle permitiu com bonomia e foi assistir com prazer. Chamava-se o carro alegórico. — "A canôa do tio Martinho" e compunha-se de uma canoa cheia de gatos e cachorros, guardados por pessoas imitando o presidente do Conselho e cantando:

A canôa virou,
pois deixe ela virar...
foi o tio Martinho
que não soube remar...

Da sua simplicidade é testemunho um fato relatado por Afonso Celso Filho. Dirigia-se Martinho, já chefe do Gabinete de 21 de janeiro, do Tesouro

para a sua residência, sob uma chuva torrencial que desabara inopinadamente. O sota do seu coupé, um pretinho humilde e silencioso, permanecia no seu pôsto, molhando-se todo, quando Martinho lhe ordena que se passe para dentro da carruagem, viajando então o moleque ao lado do presidente de Ministros do Império do Brasil...

A vida na Côrte, o convívio das altas rodas, a fortuna, as posições políticas, nada disso modificou os seus hábitos de simplicidade e modéstia. As suas qualidades inatas permaneceram fiéis, mormente aquelas que configuravam a sua bela estatura moral: — a lealdade indormida, a altivez, o sentido vigilante da honra, a bondade, a ironia, o amor da boa chacota e, sobretudo, a coragem e a anglicana pureza de hábitos. Herdara-as do pai, o Tenente-Coronel Martinho Álvares da Silva, natural de Pitangui, onde nascera a 11 de novembro de 1769 e onde faleceu a 9 de abril de 1846. Casado com a Sra. D. Isabel Jacinta de Oliveira Campos, que lhe dera vinte e dois filhos.

Filho de militar, o Tenente-Coronel Martinho Álvares, muito jovem ainda, assentava praça de cadete na tropa de linha da Colônia, atingindo ràpidamente o alto pôsto a golpes das suas excelentes qualidades de homem.

O militar, entretanto, não deslustrava o cidadão prestante e probo, que ocupou vários cargos eletivos e de nomeação no seu distrito, como os de Presidente do Senado da Câmara e o de Comandante superior das guardas da comarca. Residiu por muitos anos no quartel que até há poucos anos existia no lugar denominado "Guardas", velho e belíssimo edifício colonial que ainda conheci, perto da estação de Jaguaruna, antiga freguezia de Onça. Aí nasceu o Conselheiro Martinho Campos a 18 de agôsto de 1818.

Ao Tenente-Coronel Martinho Álvares se deve a introdução da vacina antivariólica na zona Oeste de Minas, num dos surtos fulminantes da peste. Foi pessoalmente ao Rio e de lá trouxe a linfa preciosa e em poucos anos extinguiu o morbus apavorante que devastava periòdicamente a região.

Isso deve ter se verificado depois de 1804, porque foi nesse ano que o Marquez de Barbacena trouxe a vacina jeneriana de Portugal, transplantando-a de escravo a escravo durante tôda uma longa travessia marítima .

O Tenente-Coronel Martinho Álvares era filho do oficial do mesmo pôsto Antônio Álvares da Silva e D. Ana Maria de Jesus.

A sua espôsa, D. Isabel Jacinta de Oliveira Campos, era filha do Cap. Inácio de O. Campos pernambucano de Manga, e D. Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, a famosa e injuriada D. Joaquina do Pompéu, que as lendas, nascidas da ignorância e da má fé, confundem com a D. Maria Tangará. É um caso êsse que anda exigindo esclarecimento cabal, porque a cativante figura da extraordinária mulher que foi a D. Joaquina de Pompéu, despida das falsidades e das lendas, pode ser inscrita sem desdouro no número das mulheres mais notáveis da História do Brasil.

Era D. Joaquina filha do Dr. Jorge Castelo Branco, magistrado de ilibada memória que em Minas exerceu o cargo de Juiz em Mariana, onde lhe nasceu essa filha, e em Pitangui. Do consórcio de D. Joaquina com o Capitão Inácio Campos nasceria, como vimos, a progenitora de Martinho, que, além dêste, teria mais Francisco Álvares e Domitila Cândida, únicos citados pela linha que dêles continua. Francisco Álvares casou-se com Aurora Álvares, nascendo Jacinto Álvares do consórcio. Jacinto Álvares esposou D. Azejúlia Souza que, entre outros filhos, teve Francisco Luís da Silva Campos, atual Ministro da Justiça. D. Domitila Cândida desposou Francisco Cordeiro dos Campos Valadares, de que

nasceu D. Antônia Valadares, casada que foi com Domingos Justino Ribeiro de cujo matrimônio nasceu, entre outros filhos, o Sr. Benedito Valadares Ribeiro, atual Governador do Estado de Minas.

Mas, voltemos ao Tenente-Coronel Martinho Álvares, cidadão que tinha consciência da sua responsabilidade de "homem bom", como então se chamavam as pessoas capazes para os cargos públicos. Martinho e o seu irmão Inácio fizeram primeiras letras e foram enviados à Côrte para completarem os estudos e se tornarem aptos para continuar a tradição da família em Minas. E ambos se formaram mais tarde em medicina e ambos se casariam na mesma família, com duas irmãs filhas do Coronel João Joaquim dos Santos e Silva, fazendeiro em Sant'Ana das Cebolas, município de Paraíba do Sul.

Martinho, é certo, nunca mais voltou a Pitangui. De Inácio não consegui mais informes, sendo provável que também não tenha tornado ao velho rincão do seu nascimento. Formados em 1838, de Martinho se sabe que defendeu tese sob o tema: "Observações de tétanos, precedidas de considerações sôbre esta moléstia". Estava assim, habilitado a matar com certa liberdade de ação...

Martinho, entretanto, já denunciando pendor para a política e a tribuna, preferiu apenas causticar e dissecar os homens e as suas atitudes. Inscreveu-se logo, e ainda acadêmico, na «Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional", célebre por ter sido fundada por Evaristo da Veiga e pelos serviços que então prestou na consolidação da nossa Independência. Aí começou a sua atividade política, que só a morte iria interromper.

Casando-se em família de agricultores, era natural que também se tornasse agricultor, com prejuízo da sua profissão de médico, que nunca exerceu. Ficaram célebres, pela riqueza da produção, as suas fazendas Cebolas e Matosinhos. E, como naquela época a aristocracia agrária implicava a imiscuição nas cousas da política, que já o era de natural desde estudante e embrendou de coração na escura floresta que atrai, arrebata e domina irremediàvelmente os homens neste mundo...

Dos prélios municipais, entrou logo a pesar na política provincial e geral, dadas as suas eminantes qualidades de chefe, tornando-se de golpe um dos "leaders" mais prestigiosos do partido liberal, sendo a sua opinião sempre reclamada e acatada nos altos conselhos dessa pujante agremiação partidária da monarquia.

De 1857 a 1887 o seu nome esteve sempre em destaque no parlamento e nos conselhos da Corôa. E, depois de vencidas árduas batalhas em que a sua estupenda organização de homem público se projetou na história política do Brasil com um brilho desconhecido no segundo Império, a morte reclamou o seu quinhão inexorável sôbre aquêle belo organismo de lutador.

Agravando-se os seus padecimentos biliares, procurou, como aquelas aves das florestas polonezas quando pressentem o fim, o aconchêgo da terra de Minas e das águas maravilhosas de Caxambu, que não puderam mais restituir-lhe o vigor da saúde. Falecia a 29 de março de 1887, sendo dado à sepultura em Baependi, onde ainda repousa.

E foi êste o homem singular, certamente deformado pelos limitados contornos de uma conferência. Deputado provincial e geral pelo Rio de Janeiro e geral pelo município neutro e Minas Gerais; presidente da província do Rio na situação liberal de Saraiva; Presidente da Câmara dos Deputados; senador por Minas; Presidente do Conselho de Ministros e Conselheiro

do Império, todos êsses postos Martinho Campos os percorreu com a envergadura e o desempenho moral que explicavam o seu invejável prestígio na alta política da monarquia.

Cêrca de trinta anos consecutivos nunca deixou de levantar nas duas casas do parlamento a sua voz contra tudo o que lhe parecesse nocivo ao bem público, mesmo quando fôsse de encontro aos interêsses do seu partido e dos seus amigos. A sua inteireza moral foi um patrimônio inalienável e os atritos partidários, às vêzes bem ásperos e cruéis, só serviram para aumentar êsse patrimônio, que é um legítimo orgulho da monarquia e da sua província natal.

Carlos Otoni, orando em Pitangui nas exéquias que celebravam a sua morte, disse dêle que era como Ulisses, rejuvenescendo em cada embate, ou como Penélope, urdindo e desfazendo a sua teia. Carneiro da Cunha, porém, foi mais eloqüente porque foi justo e incisivo. Disse que tombava um general de cem batalhas. Isto é, precisamente, o que fôra Martinho Álvares da Silva Campos: um forte e generoso Bayard — sem mêdo e sem mácula...

(1) — Martinho Campos, se não fundou na família a tradição parlamentar, emprestou-lhe todavia um brilho forte e amplo, culminando na senatória conferida em 1882. Antes dêle, na Assembléia Provincial de Minas, Francisco Álvares da Silva Campos representava o 5.º distrito na legislatura de 1848-1849, seguindo-se-lhe Adrião de Campos Valadares (1856-57), Francisco Cordeiro de Campos Valadares (58-59), Frederico Augusto Álvares da Silva (62-63), Higino Álvares de Abreu e Silva (64-65), outra vez Frederico Álvares (66-67), Antônio Álvares de Abreu e Silva, Higino e Martinho Álvares da Silva Contagem (80-81), e Antônio Zacarias Álvares da Silva (82-83).

No período republicano, Frederico Augusto Álvares da Silva, já Desembargador, foi duas vêzes Vice-governador do Estado de Minas, e numa das quais exerceu o cargo de Governador. Nos dias presentes a dinastia dos Campos ainda presta ao país serviços relevantíssimos, como o Sr. Benedito Valadares Ribeiro, Governador do Estado de Minas; Francisco Luís da Silva Campos, Ministro da Justiça; Antônio Benedito Valadares, Alberto Álvares da Silva Campos e Frederico Álvares da Silva Campos, que no parlamento, no magistério e no jornalismo, ainda ilustram a família e a Pátria; e muitos outros que na administração, no fôro e no Magistério do interior de Minas e do Rio continuam a tradição notàvelmente aprimorada por Martinho Campos.

.....

Em todos os gabinetes era o oitavo ministro; o ministro sem pasta da opinião pública. Ao próprio Imperador não poupava. É dêle esta dura profecia: "Lembre-se Vossa Magestade que a barra por onde o Senhor Seu Pai saiu em 1831 ainda está aberta e bem aberta!"

A graça borbulhava do seu todo, do seu físico, dos seus modos, das suas palavras como a água da fonte. Realizava o milagre de fazer-se respeitar fazendo rir. Conseguiu impor-se à Câmara por um conjunto de qualidades: a independência, a integridade, a desambição, o lealismo partidário, o mais ardente dos patriotismos. Foi o chefe da patrulha liberal que em 1872 fazia oposição a Rio Branco, e que se compunha de Gaspar Martins, conde de Pôrto Alegre, Florêncio de Abreu, Luís Flores, Araújo Brusque e Manuá, êste pouco depois separado do grupo.

A sua graça não era a que os francezes chamam espírito, que como a rosa tem aromas e espinhos para embalsamar ou ferir. Era antes o humor

saxônio que se nutre de excentricidade, e que por isso mesmo nasceu no paraíso dos excêntricos.

E espírito francês é principalmente auricular: daí o trocadilho. O humor inglês, principalmente visual, é um espêlho côncavo ou convexo onde se vê a realidade aumentada ou diminuída, mas se vê a realidade. Martinho tinha o condão de apresentar aos seus ouvintes êsse duplo espêlho.

Apresentando à Câmara o seu programa de Presidente do Conselho êle não teme confessar-se "mais habituado a derrubar governos do que a pensar em ser govêrno". Leva a sinceridade ao ponto de dizer "que sabia um pouco o ofício de oposicionista", mas que "de govêrno não tinha nenhuma prática". Vai mais longe. Confessa que "o papel de oposicionista é muito mais patriótico do que o de govêrno".

Produzem hilaridade essas declarações. O público que afluira para ver como Martinho descalçava a bota, não perdeu tempo Martinho mostrou-lhe o Presidente do Conselho, de formado no espelho humorístico do mesmo oposicionista impenitente, que o país conhecia. Mas o seu discurso é tão nobre e tão repassado de elevação, apesar de feito sem plano, que àqueles trechos de humorismo são como as flores das encostas, que vão ficando para traz do viajante na subida da montanha.

São dessa época outras frases, que o pintam. "Mal me acho no govêrno já estou com saudades da oposição!" "Quanto eu não daria para poder meter desde já as botas no govêrno!" «Decididamente não nasci para aguentar cangalha! "Mas foi mais longe. Presidente do Conselho, apresentou ao Senado um requerimento em que pedia informações sôbre o péssimo serviço do Correio. E explicava "ali tem caveira de burro, como disse o Cotegipe. É preciso tirá-la! Não quero demitir ninguém. O pessoal do Correio, sabendo do meu pedido de informações, melhora. E é o que eu quero". E retirou o requerimento. Quando caiu do Poder, onde se achava como um peixe fora dágua, comentava irônicamente; "perdi o emprêgo".

O público das galerias assenhoreava-se dos seus ditos e popularizava-os.

"A todos tratarei (falava dos adversários) não como a filhos mas como a sobrinhos". "Podemos viver todos na mesma canoa". Essas imagens fizeram época. No Carnaval, apareceu a Canoa do Tio Martinho, com gatos e cachorros, escoltados por uma vistosa guarda de honra, cujas máscaras, por expressa autorização sua, reproduziam-lhe fielmente os traços. Presidente do Conselho, dava disso uma prova de liberalismo e tolerância.

DISCURSO

EM SESSÃO DE 24 DE JANEIRO DE 1882

NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

PELO CONSELHEIRO

MARTINHO ÁLVARES DA SILVA CAMPOS

O SR. MARTINHO CAMPOS (*Presidente do Conselho e Ministro da Fazenda. Profundo silêncio*): — Sr. Presidente, na sexta-feira, 20 do corrente mês, recebi por intermédio do Dr. Visconde de Paranaguá ordem de ir a S. Cristóvão a chamado do Imperador.

Ali chegado, Sua Magestade dignou-se dizer-me que, depois de muitas insistências com o Sr. Conselheiro Saraiva e seus dignos colegas para continuarem na administração, se vira forçado a aceitar a demissão de que não prescindiam, pois que julgavam ter desempenhado a missão que tinham no govêrno com a votação da reforma eleitoral.

Sua magestade fêz-me a honra de dizer que aprovara a política do ministério do Sr. Conselheiro Saraiva, e desejando que ela continuasse, resolvera a apelar para o presidente de província que era conhecidamente o seu mais íntimo amigo e companheiro na administração, o Sr. Visconde de Paranaguá; que êste senhor porém lhe dissera que por motivos diversos, e que não me cabe a mim expor, não podia aceitar a incumbência, o que muito lhe pesava, porque é notório e sabido que jamais recusou serviço público; e que nestas circunstâncias, tendo eu acompanhado o ministério passado, tendo sido um dos auxiliares de sua administração, desejava, na intenção já manifestada de uma política análoga a que tão bons resultados havia dado, que me encarregasse da organização do ministério novo.

Escuso dizer à Câmara que não por uma afetação de falsa modéstia, mas pela convicção de minha insuficiência pessoal (*muitos não apoiados*) disse a Sua Magestade que conhecia o muito que me faltava para uma posição a que nunca aspirei; mas Sua Magestade dignou-se responder-me que não podia prescindir dos meus serviços, que evidentemente me não faltava o apôio dos meus amigos políticos, e que portanto eu, como êle, tinha deveres públicos a que não podia recusar-me.

A Câmara compreende as dificuldades em que me achei. Mas acostumado a embaraçar os governos do que a pensar em ser govêrno (*riso*), tendo passado a minha vida inteira na oposição, devo declarar, apesar da justiça que me faço a mim mesmo, que dêste ofício de oposicionista já eu sabia um pouco (*riso*), mas quanto ao do govêrno nenhuma experiência e prática tinha.

Um pequeno e ligeiro ensaio na província do Rio de Janeiro não serviu senão para demonstrar-me que o papel de govêrno é muito mais difícil do que o de oposição, conquanto o desta seja muito mais patriótico e exija muito mais sacrifícios pessoais. (*Não apoiados da bancada conservadora*).

A câmara e o país sabem que o meu liberalismo nunca teve como dogma fundamental senão a obediência absoluta e cega à lei. A vontade e o capricho de um homem qualquer não obrigam a outros homens, mas a lei deve obrigar a todo o bom liberal a abaixar a cabeça.

A tarefa com que o Imperador me honrou é muito superior às minhas fôrças.

Entretanto a primeira vez que o Soberano me encarregava de uma missão desta ordem, quando evidentemente, pela inteligência e pelas conversações que eu tinha tido com os meus amigos políticos, eu reconhecia que havia para o Imperador muita dificuldade em constituir um novo govêrno, e visto que Sua Magestade se dizia contente de uma administração e política que eu tinha acompanhado cordialmente, eu não tinha pelo lado político nenhuma objeção séria a fazer: só restava a minha incapacidade pessoal.

Pedi licença para dizer a Sua Magestade que além desta incapacidade pessoal havia outra dificuldade muito grande para mim.

A política neste país tem quase sempre nos vindo pelo govêrno do senado. O senado recebe fàcilmente todos os nossos cidadãos mais eminentes que se distinguem no parlamento.

Infelizmente para a Pátria a vida dos senadores cada vez é mais curta. Uma fatalidade tem perseguido a todos os nossos partidos e nossos homens mais eminentes têm desaparecido ràpidamente. Entretanto os que lá estão, dignos sucessores dos nossos primeiros homens da época da independência, do primeiro reinado e da menor idade, não são homens menos importantes e menos dignos. Mas, em relação a êles, diante da maioria daquela achava como adversário político; em relação aos membros da minoria daquela alta câmara, uns eram notoriàmente meus superiores, era eu mais próprio para ser seu subalterno e auxiliar e quando muito seu companheiro em uma administração, mas não seu chefe.

Disse francamente a Sua Magestade que teria muita dificuldade em achar no senado um ou dois companheiros para a administração; que eu me contentaria com um; mas que ainda assim teria dificuldade em procurar e convidar.

Sua Magestade fêz-me a justiça de crer que eu era sincero nesta declaração e teve a bondade de dizer-me — O senhor já tem um senador para o seu ministério. Eu sabia que estava escolhido.

Sua Magestade acrescentou: — Se lhe convier mais um, posso facilitar-lhe, há na lista tríplice pelo Maranhão, cuja eleição está apurada e conhecida, pessoa idônea. Se êste lhe pode servir de auxílio, conquanto a atribuição da escolha seja da corôa, é evidente que eu não posso servir-me dele para contrariar a política do ministério.

Pedi a Sua Magestade tempo para ouvir e conferenciar com alguns amigos.

O primeiro daqueles a quem me dirigi, é o mais digno respeitável dos representantes da minha província no senado. Sem dúvida alguma é digno rival e companheiro dos grandes mineiros que durante o primeiro rei-

nado, a minoridade e parte dêste reinado deixaram no parlamento brasileiro, nesta e na outra casa, rasto de luz que será sempre a glória mais bela da provincia de Minas.

Dirigi-me ao Sr. Senador Visconde de Abaeté, que sempre me honrou com a sua particular e paternal amizade, e cujos conselhos me foram sempre muito úteis na vida pública. Disse a S. Excia. as circunstâncias em que me achava e que ia não só pedir-lhe licença para recusar a incumbência, como pedir-lhe conselho. S. Excia. depois de breve conversação que tivemos, disse-me que aceitava a consulta que eu lhe fazia, considerando-a uma atenção com S. Excia. quando não era mais do que dever para com o cidadão que sempre venerei, e acrescentou: Como amigo devo dizer-lhe que não tem o direito de recusar, porque desmentiria assim a sua vida no parlamento; desmentiria as obrigações que tem contraído com o país, fazendo uma campanha parlamentar de algumas dezenas de anos sempre na oposição.

Abaixei a cabeça ao conselho que me dava o Sr. Visconde de Abaeté e aceitei-o. Voltei a S. Cristóvão e disse a Sua Magestade que, à vista do conselho que me dava o Sr. Visconde de Abaeté, estava às suas ordens para o serviço do país. Sua Magestade confirmou o convite que me havia feito, ordenando-me a organização de um ministério e dando-me para isso 24 horas ou o tempo que me fôsse necessário. No dia seguinte voltei a S. Cristóvão; levei os nomes dos companheiros que tenho a honra de apresentar à Câmara, nomes que sua Magestade se dignou aceitar, sem fazer a mínima observação que não fôsse de aprovação.

Quanto às duas pastas que ficaram vagas, eu disse a Sua Magestade que me convinha aguardar a verificação de poderes de outros membros para convidar dois outros amigos a fazerem parte da administração. Assim, me apresento perante a Câmara dos Srs. Deputados com o ministério tendo dois membros de menos; mas êste estado durará muito poucos dias, e terei a honra de apresentar à Câmara os dois novos ministros, desde que estiver mais adiantada a verificação de poderes.

Há a questão do Senado. Causou a algumas pessoas reparo que eu não convidasse senadores. A Câmara, na exposição que fiz, deve ter reconhecido que êste reparo não tem fundamento algum. Há dois senadores no ministério, o presidente do conselho e o nobre ministro dos negócios estrangeiros. Sei bem que os poderes de nenhum dêles estão ainda reconhecidos; mas a câmara sabe que a eleição não é a verificação de poderes; a eleição é a votação dos colégios; a verificação de poderes pode invalidar uma eleição, mas não é ela que confere o mandato.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — E o decreto imperial da escolha também.

O SR. MARTINHO CAMPOS (*Presidente do Conselho*): — É a vocação dos colégios e a escolha.

Acredito, pois, que nenhum fundamento sério tem a estranheza que produziu a algumas pessoas o meu procedimento com relação ao senado.

A câmara e o país sabem perfeitamente que prestei sempre a maior atenção, o maior acatamento ao senado, não de hoje, que devo julgar-me membro daquela corporação. Sempre acatei e reconheci, não só os conhecimentos e capacidade superior dos membros do senado, que encerra em si os nossos principais homens de estado, não só acatei sempre esta corporação, como seria uma negra ingratidão do partido liberal, que tem tido longos anos de ostra-

cismo, desconhecer os serviços imensos do senado, onde nunca nos faltou o apoio de amigos, cujos nomes e memória formam o nosso desvanecimento. Nenhum sentimento político, nenhuma intenção havia nem podia haver da nossa parte de faltar com o respeito e a consideração devidos ao senado. Mas os que me fazem essa acusação obrigam-me a apoiar-me com a opinião e o exemplo de um conservador, o Sr. Visconde de Itaboraí, que não era nenhum liberal da minha escola. Em 1853 quando se retirou do ministério declarou que uma das razões que motivaram a sua retirada era ter o ministério maioria de membros senadores, quando devia ser de deputados. A natureza de nossa forma de govêrno obriga aceitar a preeminência da câmara dos deputados em organizações ministeriais. O estadista que excluisse de uma organização ministerial os senadores não cometeria nenhum atentado contra a constituição, cometeria, porém, a grande inépcia privando-se do auxílio de homens em geral mais experientes que os deputados, mais habilitados para facilitar o andamento dos negócios no senado.

Peço, pois, a V. Excia., visto que o regimento do senado me inibe de entrar no seu recinto, salvo o caso de convite, peço a V. Excia. e a câmara licença para responder daqui as observações e acusações que me possam ser atiradas por faltar com o respeito ao senado. O senado a ninguém merece mais respeito do que a mim, e disto tenho dado exuberantes provas na tribuna desta casa, embora se compusesse aquela corporação em sua quase totalidade de adversários meus e coubesse constantemente nela ao meu partido uma vida não das melhores.

A câmara permitir-me-á dizer-lhe que não me julgo na obrigação de expor um programa político. Quando se me chamou para organizar o ministério, todo o público sabia que se chamava o Deputado Martinho Campos com êsses vinte e tantos anos de oposição. O que o público e a câmara têm direito a exigir de mim, é que no ministério eu seja coerente com o que fui na oposição. Protesto à Câmara que na presidência do conselho de ministros hei de praticar as doutrinas e seguir as práticas que aconselhei como membro da oposição aos ministros de Sua Magestade; não tenho hoje opiniões diversas das que tinha quando era parte da oposição permanente de Sua Magestade nesta casa.

Não tendo um programa político a fazer, devo declarar à câmara que, aceitando os estilos do parlamento inglês-balda que eu confesso que tenho, — desejava ver no Brasil estabelecidos êsses estilos. Com efeito não me acusam sem razão os que me criticam, por desejar tais práticas inglêsas, visto que as sustento; — não tendo um programa político a fazer, limitar-me-ei a pedir à câmara o seu apoio, o apoio não só dos liberais com o qual julgo dever contar, — e a confiança de que o obteria foi o que me autorizou a aceitar o lugar que ocupo, — como também o auxílio da oposição conservadora.

Não tomei sem intenção para mim a pasta da fazenda: não a tomei por espírito de imitação, por terem os meus antecessores, presidentes de conselho; portanto a mim deve caber uma ação mais direta na pasta de maior responsabilidade, embora solidário com todos os meus colegas de cuja amisade pessoal e política me desvaneço.

A responsabilidade maior da administração é a do presidente do conselho, ocupando em geral esta pasta; mas porque nas muitas questões administrativas com que a câmara dos deputados tem de se ocupar, as relativas ao

ministério da fazenda são as mais importantes, as que mais urgentes medidas exigem.

Nós estamos sem leis anuais de fixação de fôrças de terra e de mar, porque a autorização para êsse fim concedida já está esgotada.

Temos orçamento até o último de junho próximo.

É portanto urgente, e será o meu primeiro esfôrço na câmara dos deputados, obter que entremos quanto antes no exame das leis anuais relativas à fixação de fôrças de mar e de terra e ao orçamento.

Quando convido a Câmara para cuidarmos sèriamente dos orçamentos dou testemunho das minhas intenções nesta matéria.

Informo à câmara que pedi o concurso da honrada oposição para o exame dos orçamentos; pedi e obtive dos nobres deputados que fizessem também parte da comissão de orçamento, facilitando a sua eleição, dando por parte do govêrno que então existia e com quem eu estava de acôrdo listas incompletas, a fim de que fôssem eleitos fàcilmente membros da oposição.

Desta tribuna peço aos nobres deputados o mesmo favor que pedi em particular quando não era ministro, o seu auxílio no exame da questão que nada tem de política, mas que tem hoje maior importância, maior que nenhuma questão política.

Nas questões do ministério da fazenda, com as quais tenho de me ocupar, examinados os orçamentos, eu chamarei a atenção da câmara, principalmente para as relativas ao papel-moeda.

O estado do câmbio há muito tempo acabrunha o nosso comércio, e por tanto a nossa indústria, porque nas indústrias sabe-se que a solidariedade é absoluta, e inteira; uma não sofre sem que as outras sofram. Nós temos 213.000:000$ de papel moeda depois da guerra do Paraguai.

Evidentemente tôdas as medidas adotadas com vistas de melhorar o estado do câmbio enquanto a massa do papel-moeda fôr esta, são meros expedientes incapazes de dar resultado.

É indispensável começarmos a retirada do papel-moeda.

A câmara compreende que nem o govêrno, nem o parlamento podem proceder nesta matéria senão com tôda a sabedoria e todo o critério — à retirada do papel-moeda. Se ela fôr feita lenta e gradualmente será grande serviço prestado ao nosso comércio e à nossa indústria; seria, porém, uma calamidade se fôsse feita repentinamente.

A retirada e a emissão do papel alteram o valor da moeda.

Partindo destas considerações nós somos obrigados a guardar a maior cautela em semelhante operação, da qual nenhum bom patriota pode prescindir, porque o estado atual da moeda, um dos maiores embaraços ao desenvolvimento da riqueza do nosso país, é das causas que afugentam de nós o capital estrangeiro de que tanto carecemos.

A dívida pública é outro objeto da mais séria atenção para o ministério atual. A soma a que durante a guerra e nos anos imediatos tem chegado a dívida pública causa-me a mim e deve causar a todos os brasileiros as mais sérias apreensões.

É uma grande fraqueza do nosso país ter uma dívida pública cujo serviço de juros nos absorve sôbre uma renda de cento e vinte e tantos mil contos, mais de quarenta mil contos; isto é, a têrça parte da renda é destinada ao serviço da dívida pública e com muito fraca amortização.

Esta é uma das maiores preocupações para o govêrno; a mais severa economia na decretação e execução das despesas públicas é, porém, a câmara compreende, a primeira das condições, a mais indispensável mesmo para nos habilitar, quer a cuidar da retirada do papel-moeda, quer a prover o que concerne à dívida pública.

Quando nós soubermos com que meios podemos contar para satisfazer estas duas necessidades, outra grande questão seguramente se levantará, mas eu não conto ter de ocupar-me com ela nesta 1.ª sessão do corrente ano: é a questão da conversão da dívida pública. Não há razão para que o Estado pague juros maiores do que pagam os bancos aos particulares; nada justifica isto senão a necessidade e a contingência desgraçada, em que os governos se têm colocado, de prover todos os anos por novos empréstimos aos *deficits*, algumas vêzes extraordinários do orçamento anual.

É preciso equilibrarmos séria e realmente o orçamento anual, fazermos cessar êste sistema de todos os anos saldar-se o *deficit* por novos empréstimos, que nos dão a certeza de *deficit maior* no ano seguinte; é preciso que êste sistema cesse, a fim de podermos tomar medidas capitais quanto ao papel-moeda, quanto à dívida pública e quanto à conversão dos juros excessivos que o Estado paga.

São estas no ministério da fazenda a meu cargo as três questões de maior alcance, e eu me julgarei muito feliz se tiver a honra de carregar a mais pequena pedra para a obra dêstes melhoramentos, que a nação exige.

Para estas medidas sei de antemão que conto com o apoio dos membros mais eminentes da oposição conservadora: foi esta uma *delenda Carthago* dêles, quando durante muitos anos tive a honra de militar a seu lado nas censuras que faziamos a algumas administrações conservadoras. Estão na memória do país os magníficos e nunca esquecidos discursos e trabalhos do meu particular e honrado amigo, o Sr. D. Ferreira Viana.

O SR. FERREIRA VIANA: — Obrigado.

O SR. MARTINHO CAMPOS (*Presidente do Conselho*): — .... as opiniões do ilustre Sr. Dr. Domingos de Andrade Figueira, tão competente nestas matérias, são conhecidas de todo o país: as do digno chefe do partido conservador nesta casa são também por todos conhecidas, e assim também os dos seus mais importantes companheiros.

Quanto às outras pastas, devo dizer à Câmara que todo o desenvolvimento, todo o melhoramento que as fôrças do orçamento permitirem ao ministério atual promover, nós promoveremos.

Na pasta do império, por exemplo, trataremos de melhorar e reformar a instrução pública, secundária, primária e superior, mas de maneira que as reformas não consistam simplesmente na criação de mais cadeiras e mais despesas para o Estado, e sim que obtenhamos melhoramentos reais, de sorte que esta despesa, que é tão grande nos nossos orçamentos, quer gerais quer provinciais, dê à Nação mais resultados do que, é fôrça confessar, até hoje tem dado. Em ocasião oportuna o meu honrado colega e amigo, o Sr. Ministro do Império, apresentará à câmara as idéias do ministério e as suas vistas nesta questão.

Quanto aos minnistérios da justiça e da agricultura, eu pedirei desde já ao senado brasileiro o exame e a adoção dos projetos remetidos da câmara dos deputados nas legislaturas anteriores, modificados como a sua sabedoria

aconselhar, um, relativo às sociedades anônimas, outro, relativo a danos e sinistros, e que melhoram a nossa legislação nesta matéria.

A colonização não pode por nós ser esquecida.

Não encubro à câmara que no ministério manterei a opinião, que sempre tive, de que o pior dos sistemas de colonização é a colonização recrutada, a colonização levantada a um tanto por cabeça de colono. (*Apoiados*).

Mas tudo quanto pudermos fazer para atrair para o nosso país imigração européia objeto de tôda a solicitude do govêrno.

Fala-se, é certo, em outra colonização, como a de chins e asiáticos, mas eu entendo que não somos uma feitura como as de outras nações estrangeiras a quem é indiferente a qualidade do colono. Nós não estamos neste caso, e todos os elementos estranhos que admitirmos no Brasil devem ser de uma população digna de identificar-se com a nossa. Se lavradores, industriais, ou outras quaisquer pessoas desejarem tais colonos, que não são superiores aos negros, por sua conta e risco que os procurem.

Resta-me, Sr. Presidente, dizer algumas palavras sôbre política.

Anda a política muito mal vista há alguns tempos a esta parte.

UM SR. DEPUTADO: — E com razão.

O SR. MARTINHO CAMPOS (*Presidente do Conselho*): — Eu direi a V. Excia.: V. Excia. é ingrato além de injusto nisto *ariso*), mas direi a V. Excia.: qual o país em que os homens políticos tenham mais direito à gratidão da história do que o Brasil? (*Apoiados*). Não, nenhum país do mundo, nem há país em que se sirva à Pátria com mais sacrifícios do que servem os homens dêstes brilhantes partidos que se procura condenar e inutilizar.

O que somos devemos exclusivamente a êles, e certamente os inimigos que se apresentam dos antigos partidos não dão ao Estado nenhuma garantia de que o dirigirão melhor do que tem sido dirigido até hoje. (*Apoiado*).

Pela minha parte admiro e respeito como verdadeiros mártires do serviço da minha Pátria os homens políticos desta terra (*apoiados*), e os antigos partidos podem responder aos seus injustos e sistemáticos detratores: a história nos julgará a nós e a vós.

A reforma eleitoral, a câmara compreende-o e o país, é uma verdadeira revolução política. Mudando a base de eleição, entregando-a completamente à nação, já pelo sistema de um grau, já pelos distritos de um, que dão ao voto do eleitor uma eficácia decisiva, essa reforma permite à nação governar-se como quiser e como entender (*apartes*). E permita V. Excia. que acrescente — graças ao Sr. Conselheiro Saraiva.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — Graças ao senado.

O SR. MARTINHO CAMPOS: (*Presidente do Conselho*) — Também tem V. Excia. razão, e eu me alegro pelos apartes que ouço, que são um certo digno de nós, para reconhecermos um serviço tão importante como a adoção de uma lei, cuja prática fêz calar todos os seus antagonistas.

O SR. TAUNAY: — Graças ao Sr. Saraiva e não à nova lei se deve a boa eleição.

O SR. MARTINHO CAMPOS (*Presidente do Conselho*): — Não quero para o meu país a grande felicidade que Alexandre I não quis para a Rússia. Eu prefiro depender da boa ou má lei de meu país, do que da boa ou má vontade dos homens; eu sei que há muito bons senhores, mas não quero nenhum.

No nosso país nós temos já feito muitos progressos em matéria política, já antes da reforma eleitoral um grande progresso se fêz, a chamada política de conciliação. Nós somos todos perfeitamente tolerantes, quanto às opiniões dos adversários. Hoje é que se pode dizer como o finado Visconde de Albuquerque — são duas cousas muito parecidas — um liberal e um conservador e podia mesmo acrescentar-se — um republicano, porque têm todos os mesmos ares de família. Vivemos às mil maravilhas na mesma canoa e não temos dificuldades quanto às opiniões; mas desgraçadamente os homens têm sempre a mesma natureza, as paixões e os interêsses bons e maus que os unem e desunem. Esta tolerância perfeita de opiniões que já temos a fortuna de ver reinar no Brasil há muitos anos ainda a não podemos conseguir de ambos os lados em relação as pessoas dos adversários.

Toleramos neste recinto as opiniões, temos visto mesmo os conservadores mostrarem grande amor pelas nossas opiniões e terem feito reformas liberais; mas o que não conseguimos dêles nem êles de nós é êsse acôrdo quanto à pessoa dos adversários; entretanto, não podemos dizer que sejamos uma nação livre, enquanto não tiver cada um o seu lugar de cidadão nesta terra; enquanto os brasileiros poderem dizer, como eu dizia outrora, sem razão talvez — "Nós somos os cristãos da Turquia". O que eu dizia há anos, sem razão nenhuma, querem hoje os conservadores repetir.

Mas a reforma eleitoral alterou as condições de vida e composição do parlamento brasileiro.

Nenhum govêrno tem fôrça mais no Brasil para introduzir neste recinto a peste das câmaras unânimes.

Na província do Rio que acabo de presidir e na qual os ilustres conservadores se desvanecem de seus triunfos, eu lhes direi — no dia em que fordes govêrno a vantagem será para nós, liberais. A disposição da população é para fazer valer os direitos de todos os brasileiros. Além do respeito e estima que os candidatos mereciam pelos seus talentos e qualidades, o que mais os elevou aos olhos do corpo eleitoral da província do Rio de Janeiro foi o serem oposicionistas.

E a propósito direi eu que me acho nesta tribuna, devo à província do Rio de Janeiro a minha entrada no parlamento. Devo a minha eleição principalmente ao auxílio dos conservadores mais ricos e opulentos daquela província, no distrito eleitoral que os conservadores, com tôda a razão, muito se honravam de considerar e respeitar, pretendendo fazer crer que era um distrito de sua inteira adesão.

Eu devi a minha eleição à minha qualidade de liberal; todos aqueles que me votaram e me deram aqui entrada sabiam que votavam em um liberal absolutamente intransigente quanto a opiniões políticas.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — Foi para mostrar conciliação. V. Excia. foi suplente de um conservador muito respeitável.

SR. MARTINHO CAMPOS (*Presidente do Conselho*): — Mas declaro a V. Excia. que não houve conciliação naquele distrito; houve eleição.

O SR. ANDRADE FIGUEIRA: — Foi a liga.

O SR. MARTINHO CAMPOS (*Presidente do Conselho*): — Isso foi muito depois.

Mas a questão a que eu me referia era esta: a constituição do parlamento. A constituição atual do parlamento obriga-nos a contar sempre com uma oposição conservadora, como aqui temos, assim como os conservadores,

no govêrno, deverão contar com uma oposição liberal igual ou maior, porque o nosso ofício de oposicionistas sabemos nós muito melhor do que êles conservadores, temos mais recursos de oposição e prática mais seguida.

Mas, dir-me-á a Câmara e dir-me-ão os que me ouvem, a que vem esta observação? Vem a isto! o ministério atual, compenetrado da situação e da composição atual do parlamento envidará todos os esforços por dever, e se não o fizesse por dever, e porque entende que esta política é a melhor, a mais justa e a mais razoável, o faria por cálculo, por tática; o ministério procurará não agravar as dificuldades da situação e do govêrno, fazendo uma política de reação que nada justificaria atualmente.

Nós somos liberais, viemos do partido liberal, e pela minha parte disse à Câmara — eu não tenho programa político a apresentar. Tenho cêrca de 30 anos de parlamento, pretendo governar com as minhas opiniões. A composição do parlamento torna ainda para mim necessária uma declaração.

A nenhum dos meus co-religionários eu pedi apoio para entrar para o ministério; julguei que podia contar com êsse apôio. Aos meus colegas do ministério comuniquei que tinha apresentado os seus nomes e tinham sido aceitos e que me julgava no direito de contar com o seu concurso, o qual me foi cavalheirosamente dado.

Ainda, pois, mesmo por êste meu procedimento declaro à câmara: será para mim da maior honra e do maior desvanecimento todo o concurso nas questões administrativas que me fôr dado, a bem da marcha do govêrno, pelos membros da oposição conservadora, entre a qual conto muitos dos meus melhores amigos pessoais e dos que eu mais venero e respeito; mas declaro à Câmara e aos meus co-religionários: o voto e o apôio que eu desejo ou antes que eu solicito a bem do serviço público e em medidas que não podem ser votadas como medidas de partido não me dará nunca o direito de me manter no ministério.

Viverei no ministério se tiver a fortuna e a honra de continuar a merecer a confiança dos liberais, como me desvaneço de ter durante tôda a minha vida merecido a confiança do meu partido, que tenho aqui representado apenas com uma única interrupção, a legislatura de 1869 em que, declaro para mostrar mesmo a minha gratidão aos meus co-religionários, não fui eleito porque não quis; em 1869 pensei, aliás, confesso, erradamente, acompanhar a abstenção que outros e não eu aconselharam.

A presença dos nossos adversários nesta casa não é para nós uma dificuldade, é uma necessidade para a dignidade do parlamento (*apoiados*) e para a boa marcha do govêrno, e faz com justo motivo a glória do ministério que voltou a reforma eleitoral. A presença dos nossos adversários nesta casa obrigará o nosso partido a conservar-se unido e forte, como é e como se tem mostrado nas eleições da casa; a presença dos nossos adversários nos dará, e ao país, garantias de que todos os negócios serão examinados com o cuidado, o escrúpulo e a dedicação de que os seus chefes que aqui têm assento, hão dado provas.

Pela minha parte, se aplaudo a vitória de meu partido e lamento a derrota eleitoral de amigos e co-religionários que eram para mim os melhores e os mais íntimos, de amigos que nos farão e ao país a maior falta nesta legislatura me congratulo com o parlamento e com o país pela presença dos nobres deputados nesta casa, porque estou convencido que sem tal presença nós teríamos o mesmo papel que tôdas as câmaras unânimes têm dado, sendo

preciso até representar comédias parlamentares, simulando uns de oposicionistas e outros de governistas. Estamos, felizmente, livres desta condição que fazia descer muito o parlamento na estima do país.

Sr. Presidente, não tendo organizado um programa que deveria ser em frazes muito breves e concisas, eu abusei da atenção da câmara (*não apoiados*) com um discurso demais longo para esta circunstância, mas peço desculpa à Câmara e ao público. As minhas condições pessoais são singulares e excepcionais; não admira que eu não saiba fazer programa; eu nunca me julguei preparado para o govêrno. Procurarei suprir a minha inexperiência em matéria de administração pelo zêlo e dedicação à causa pública. Protesto o maior respeito à bolsa do contribuinte, o respeito ao direito de todos e o mais vivo interêsse pela sorte dos desvalidos e pela justiça imparcial a cada um; no momento em que, por êrro próprio ou por qualquer circunstância, eu me desligue dêstes sentimentos, não me julgarei digno de continuar na posição que ocupo; e para isso conto com o apôio da oposição e dos membros da maioria.

Peço licença à Câmara para dizer: há hoje em nosso país uma imprensa que faz sua arma predileta o insulto e a injúria; pois bem: eu protesto à Câmara que até dessa imprensa aceitarei as injúrias, os insultos, as críticas as mais amargas como um auxílio à administração; aceito-as com ânimo calmo e sem nenhum ressentimento ou espírito de vingança; examinarei as queixas, os fatos que forem por ela trazidos ao conhecimento do país, e não guardarei dela o mínimo rancor. Sei bem que ela não fica impune, porque para seu justo castigo não tem a autoridade que a imprensa possuiu em nosso país; nenhum instrumento de civilização serviu jamais em nosso país com mais fruto, mais benefícios do que a imprensa outrora.

Nenhum poder será maior neste país do que o da imprensa, quando fôr exercido com o critério, patriotismo, sabedoria e moralidade com que nos ensinaram os nossos primeiros homens da imprensa; que vieram uns de lá para o parlamento, e outros foram do parlamento para lá.

Tenho dito à câmara o que julguei do meu dever dizer e peço-lhe desculpa, pedindo aos meus amigos o seu apôio, sem o qual não me manterei no ministério nem um instante, ainda que pudesse ter outros meios de vida, que não desejo, embora, muito honroso para mim.

Vozes: — Muito bem! Muito bem!

(*O orador é cumprimentado*).

Tn-680 Marieta Campos, c.c. Luís Tapajós.

Pais de:

Qn-1.632 Torquato Tapajós
Qn-1.633 Mercedes Tapajós, c.c. João Reis
Sem filhos
Qn-1.634 Madalena Tapajós, c.c. Milton Guimarães.

Pais de:

Pn-1.565 Teresa
Pn-1.566 Leita
Pn-1.567 Milton
Pn-1.568 Marli

Pn-1.569 Murilo
Pn-1.570 Marilda.
Qn-1.635 Consuelo Tapajós, c.c. Hipólito Arruda.

Pais de:
Pn-1.571 Luís
Pn-1.572 Teresa
Pn-1.573 Jair.
Qn-1.636 Vítor Tapajós, solteiro
Qn-1.637 Marta, c.c. Armando de Oliveira Júnior.

Pais de:
Pn-1.574 Joanete.
Qn-1.638 Antônio, solteiro
Qn-1.639 Maria de Lourdes, solteira
Qn-1.640 Julieta, c.c. Sidney Cheston, já referido.
Tn-681 Maria Alice de Campos, solteira.
Tn-682 Joaquim de Avelar Campos, farmacêutico em Cerqueira César — S. Paulo, c.c. Carmem Campos.

Pais de:
Qn-1.641 Maria da Conceição
Qn-1.642 Osvaldo
Qn-1.643 Maurício
Qn-1.644 Suzana.
Tn-683 Alzira de Campos, solteira.

NOTA: — Martinho Nóbrega de Airosa e Miguel Infante organizaram uma árvore genealógica que trata das famílias: Avelar Álvares da Silva, Nóbrega de Airosa e Infante Vieira.
Antônio Ribeiro Velho de Avelar, da Fazenda do Pau Grande, município de Paraíba do Sul, também organizou uma árvore genealógica, que entrelaça as famílias Álvares da Silva e Ribeiro de Avelar.

N-42 Dr. Francisco Álvares da Silva Campos, (Dr. Cacuta), nascido em 1819, nos Quartéis dos Guardas, perto da Estação de Jaguaruna, antiga freguesia da Onça, era formado em Direito foi Deputado-Geral. Casou-se com Aurora Carolina Álvares Ferreira da Silva, (esta depois de viúva casou-se com o Dr. Higino Álvares de Abreu e Silva), filha do Cel. Jacinto Álvares Ferreira da Silva e de Maria Carolina Álvares da Silva (D. Maria Bahia).

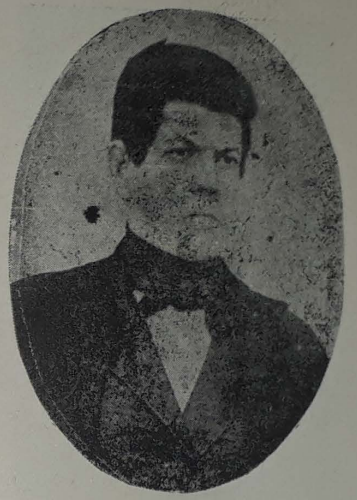
Pais de:

Bn-198 Martinho, nascido a 15 de dezembro de 1848 e falecido a 6 de fevereiro de 1849.

Bn-199 Francisca Gabriela, nascida a 3 de dezembro de 1850, na Fazenda do Trigueiro, e falecida a 2 de agôsto de 1886. Foi casada com Francisco José de Andrade Botelho, de Paracatu, falecido a 23 de julho de 1888, fundador da fábrica de tecido do Bramado, município de Pitangui.

Sem filhos

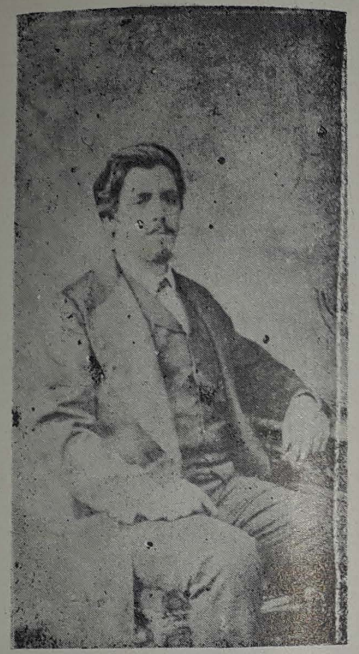
Testamento feito por Francisco de Andrade Botelho, em Pitangui, a 29 de outubro de 1886.



Dr. Francisco Álvares da Silva Campos

Instituo por meus herdeiros universais a Beatriz, irmã de minha falecida mulher; ao Dr. Jacinto Álvares da Silva Campos, também irmão dela; as filhas de Inácio Fidelis Botelho, F. F. e F. A minha herança consistente dos remanescentes será dividida em quatro partes iguais: Uma caberá à dita Beatriz, irmã de minha falecida mulher; mas se vier ela a falecer sem deixar descendência, esta parte irá às suas irmãs, filhas de sua mãe, a falecida D. Aurora, que foi casada primeiro com o Dr. Francisco Álvares da Silva Campos, e depois com o Dr. Higino Álvares de Abreu e Silva, pai dela Beatriz; nesse caso, seus sobrinhos representarão as mães, irmãos dela, que forem falecidos. A outra quarta parte pertencerá ao Dr. Jacinto Álvares da Silva Campos, irmão de minha mulher, com as mesmas condições de passar às suas irmãs maternas os seus sobrinhos legítimos representantes destas, se ela falecer sem descendência. Outra quarta parte pertencerá a tôdas as filhas legítimas de Fidelis Inácio Botelho, etc.

Deixo libertos todos os meus escravos, que ainda tiver. Deixo a minha casa de sobrado na cidade de Pitangui, vizinha da Igreja do Rosário, para servir de Escola de Instrução Primária de meninas pobres; deixo mais 25 contos para manutenção dessa Escola, que se denominará Escola Dona Francisca Botelho, que será oferecida à Província de Minas Gerais, e não sendo aceitará, ficará a cargo da Câmara Municipal de Pitangui. Fui casado com D. Francisca Álvares da Silva Botelho falecida a 3 de agôsto de 1886, e não tenho descendentes nem descendentes, etc."



Fransisco
Fransico Botelho

Bn-200 Isabel Jacinta, nascida a 28 de dezembro de 1851, c.c. o Dr. Martinho Álvares da Silva Contagem, filho do Cel. João Francisco Alves Contagem e de Maria Isabel de Abreu e Silva.

Filhos já descritos

Bn-201 Luís, nascido a 21 de junho de 1853, c.c. Elisa Gabriela de Castro Vasconcelos.

Filhos já descritos

Bn-202 Dr. Jacinto Álvares da Silva Campos, nascido a 31 de janeiro de 1855, na Fazenda "Bahia", município de Pitangui, e falecido a 20 de outubro de 1919, em Juiz de Fora. Formado em Direito, foi Juiz de Direito em Patos de Minas e em Dores do Indaiá; c.c. D. Azejúlia de Souza Campos, nascida a 21 de outubro de 1867, residente no Rio de Janeiro, filha de Antônio Filgueira Campos, nascido a 15 de abril de 1839 e falecido a 23 de janeiro de 1921, e de D. Balbina de Souza e Silva. (NOTA: D. Balbina de Souza e Silva, depois de viúva, casou-se em segundas

núpcias com o Dr. Antônio Zacarias Álvares da Silva (Dr. Nico), com quem não deixou filhos).
Pais de:

Tn-684 Francisca, c.c. Jacinto Caitano da Silva Guimarães, nascido em Dores do Indaiá, a 6 de março de 1883, filho de Antônio Caitano

Dr. Jacinto Álvares da Silva Campos

da Silva Guimarães e de Leopoldina Melgaço Guimarães. Concluiu os preparatórios no Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, matriculando-se na Escola de Farmácia de Ouro Prêto, onde se diplomou. Exerceu a profissão que escolhera, por pouco tempo, em Dores do Indaiá, para dedicar-se à de fazendeiro em Pompéu, sendo um dos incentivadores da introdução do gado "zebu" naquele município. Antes foi Promotor Público interino em sua terra natal. Presidente e Agente executivo do Município de Pitangui, foi nomeado Prefeito, após mudança do regime, cargo que exerceu por vários anos. Contam-se as seguintes realizações de seu govêrno municipal: Escola Normal, Cadeia Pública, Forum, Jardim Público, Estrada de Rodagem da Ponte Melo Viana no Paraopeba à Estação de Pompéu, Ponte Antônio Carlos sôbre o Rio São Francisco, etc. Nomeado tesoureiro da Prefeitura de Belo Horizonte e Inspetor do Instituto dos Comerciários, não quis tomar posse dêsses cargos. É então nomeado tesoureiro do Estado, cargo que vem exercendo há mais de um decênio. Jornalista, ex-Redator do "Município de Pitangui", escreve em diversos jornais do país, inclusive no "Correio da Manhã". É atualmente um

dos colaboradores de o "Diário" de Belo Horizonte. Autor de "Milagres" poesias. Co-autor de "Dona Joaquina do Pompéu".

Pais de:

Qn-1.645 Omar Campos Guimarães, c.c. Inês de Castro Guimarães, filha de Jerônimo Lino de Souza e de D. Maria de Castro. Fazendeiro em Pompéu.

Pais de:

Pn-1.575 Antônio, acadêmico de medicina.
Pn-1.576 Jacinto Vinício, estudante.

Qn-1.646 José Mariano, c.c. Neli Carvalho, filha de José Maria de Carvalho e de D. Francisca Carvalho. Fazendeiro em Pompéu.

Pais de:

Pn-1.577 Carlos Elói, estudante
Pn-1.578 Maria Helena
Pn-1.579 Marco Aurélio
Pn-1.580 Francisca
Pn-1.581 Elizabete
Pn-1.582 Vanda Maria
Pn-1.583 Adalberto
Pn-1.584 Heloísa.

Qn-1.647 Dr. Talma, formado em Direito, residente no Rio de Janeiro, c.c. May Saldanha.

Pais de:

Pn-1.585 Mário Alberto
Pn-1.586 Andréia.

Qn-1.648 Claudina, c.c. José Cesário Bahia Mascarenhas, filho de Américo Bahia da Rocha e de Virgínia Mascarenhas Bahia, do alto comércio de Belo Horizonte.

Pais de:

Pn-1.587 Jacinto Américo
Pn-1.588 Vera Lúcia
Pn-1.589 Maria Cristina
Pn-1.590 José Cláudio
Pn-1.591 Virgínia
Pn-1.592 Maria Vitória.

Qn-1.649 Dr. Paulo Campos Guimarães, formado em Direito, Deputado Estadual, c.c. Marina Matos, filha do Desembargador Mário Matos e de D. Elisa Moura Matos.

Pais de:

Pn-1.593 Fabiano
Pn-1.594 Lucas, falecido.

Qn-1.650 Jacinto, advogado, c.c. Luísa Silva Araújo.

Pais de:

Pn-1.595 Paulo Jacinto.

Qn-1.651 Guilherme, advogado, c.c. Francina Cançado Azevedo.

Pais de:

Pn-1.596 Fátima.

D. Francisca de Campos Guimarães

Azejúlia Campos

José Cesarino Bahia e Claudina de Campos Guimarães Bahia

Qn-1.652 Antônio, advogado, c.c. Leila Magalhães.

Pais de:

Pn-1.597 Marco Antônio

Qn-1.653 Afonso Arinos, doutorando em Medicina.

Qn-1.654 Francisco, estudante.

Qn-1.655 Rui Barbosa, falecido.

Tn-685 Alice, nascida a 1.º de agôsto de 1838, em Pitangui, c.c. o Dr. Carlos Vaz de Melo, filho de Fernando Vaz de Melo e de Laurinda Carneiro.

Pais de:

Qn-1.656 Nair, c.c. Hilton de Souza Ribeiro

Dr. Paulo Campos Guimarães
Deputado Estadual

Pais de:

Pn-1.598 Hilton.

Qn-1.657 Dr. Eurípedes, c.c. Antonieta Lôbo, filha de **Aurélio** Lôbo e de Altina Costa.

Pais de:

Pn-1.599 Fernando

Pn-1.600 Roberto

Pn-1.601 Carlos Aurélio

Pn-1.602 Eurípedes.

Qn-1.658 Ivone, c.c. Hélio Vaz de Melo, filho do **Dr. Pedro** Aurélio Vaz de Melo e de Otília Quintela. Banqueiro.

Pais de:

Pn-1.603 Hélio Alberto

Pn-1.604 Maria Alice.

Tn-686 Francisco José, nascido a 27 de dezembro de **1889, em Pi**tangui, c.c. Laura, filha de Antônio de Assis Martins e de **Ana Bar**bosa. Fazendeiro em Abaeté. Ex-Prefeito de Pompéu.

Pais de:

Qn-1.659 Marta, c.c. Dr. Paulo Trindade, filho de **Randolfo Ro**drigues Trindade e de Maria Barbosa Trindade, de **Ouro Prêto.**

Pais de:

Pn-1.605 Francisco José

Pn-1.606 Sérgio
Pn-1.607 Mário

Qn-1.660 Edite, normalista, c.c. Francisco José Iraci Torquato, farmacêutico.

Pais de:
Pn-1.608 Sérgio
Pn-1.609 Ana Maria
Pn-1.610 Márcio

Qn-1.661 Dr. Caio, Promotor Público em Pitangui, c.c. Dea Albano.

Pais de:
Pn-1.611 Sandra
Pn-1.612 Francisco

Qn-1.662 Paulo, c.c. Arlete Mendonça Buarque, de Maceió. Inspetor de Rendas.

Sem filhos

Qn-1.663 Wilson, c.c. Maria da Conceição Álvares Campos.

Pais de:
Pn-1.613 Alberto, falecido
Pn-1.614 Alberto
Pn-1.615 Laura Maria
Pn-1.616 Álisson.

Qn-1.664 Otávio, c.c. Júlia Lila.

Pais de:
Pn-1.617 Marilda Maria
Pn-1.618 Nelson,

Tn-687 Dr. Francisco Luís da Silva Campos, nascido a 18 de novembro de 1891, em Dores do Indaiá, c.c. Lavínia Ferreira da Silva, filha do Cel. José Gabriel Ferreira e de D. Ana Zeferina da Silva, de Rezende Costa.

Pais de:
Qn-1.665 Maria Iole, c.c. Dr. Francisco Osvaldo Impellizieri, filho, de Salvador Impellizieri e de Leonor Gallo.

Pais de:
Pn-1.619 Maria Iole
Pn-1.620 Eliana
Pn-1.621 Gilda.

FRANCISCO CAMPOS

Uma vida pública que é uma criação da inteligência e da cultura

ABGAR RENAULT

A vida pública do Sr. Francisco Campos poderia ser representada, gràficamente por uma ampla curva em permanente distensão ascencional e a fôrça miracular do seu espírito poderia ser iniciada pelo sentido da profundidade e, em conseqüência, da altura. Nêle, o homem de pensamento e o homem de ação confundem-se para formar uma larga e poderosa personalidade, que, por onde passe e em tudo quanto faça, deixa, indelével, a sua "garra". A notoriedade dessa imensa figura do Brasil começou nos bancos da Faculdade de Direito de Belo Horizonte, precisamente quando, ainda no 2.º ano, ali por volta do ano de 1911, Francisco Campos tomou a si a defesa dos soldados da 9.ª Cia. de Caçadores, que numa noitada trágica resistiram a tiros cêrca de 12 guardas da polícia civil daquela cidade.

Foi de tal ordem a defesa produzida pelo estudante Francisco Campos, tão forte a impressão causada pela sua cultura, pela sua oratória, pela precisão de sua argumentação, pela agudeza de sua réplica, pelo inesperado de seus apartes, que o Tribunal quedou atônito — segundo expressão dos jornais da época. Mas os estudos jurídicos não eram suficientes a observer as energias espirituais e a matar a sêde de conhecimento, de cultura e de criação do jovem estudante. E datam de então numerosos ensaios críticos, de natureza filosófica (como, por exemplo, um lúcido estudo sôbre Pascal e Bergson) e literária, polêmicas, conferências, discursos (entre os quais é forçoso assinalar a saudação a Georges Dumas na Faculdade de Direito, escrita em francês de primeira qualidade), tudo tocado daquela aura de gravidade, profundez e altitude, que é o "hall-mark" do espírito de Francisco Campos.

Concluído o seu curso na Faculdade de Direito, não só conquistou o Prêmio Barão Rio Branco, como ainda foi eleito orador de sua turma, havendo pronunciado, por ocasião da solenidade de formatura, discurso que valeu por uma nova e ruidosa consagração da profundidade do seu espírito e da severidade de sua cultura, tal a segurança, agilidade e lucidez com que nêle versava problemas de filosofia. Em 1916, dois anos após a formatura, candidatou-se Francisco Campos ao lugar de lente de tôda uma secção de disciplinas (Filosofia do Direito, Economia Política, Ciências das Finanças e Direito Romano) do curso da Faculdade de Direito. Inscrevendo-se em concurso, que ficou famoso nos anais daquele estabelecimento e no qual, classificado em primeiro lugar com dois outros candidatos, não foi nomeado, apesar do fulgor com que se houve em tôdas as provas, discutindo, debatendo, expondo e en-

Dr. Francisco Luís da Silva Campos

sinando pontos de vista inéditos e alguns inteiramente pessoais, com a tese de que a ciência das finanças não é uma ciência, mas é uma arte.

Um ano depois, mediante concurso em que o único candidato, conquistava, com o fulgor característico de tudo o que é seu, o lugar de professor de Direito Público Constitucional e foi em seguida eleito deputado ao Congresso Mineiro. A sua atuação no legislativo Mineiro não refugiu às constantes de sua mentalidade. Entre outros trabalhos de vulto que são os melhores entre quantos se contêm nos anais do Congresso Mineiro, figura com relêvo especial a reforma da Constituição Mineira, cujo projeto, preparado da noite para o dia, a que novamente imperasse, acima não só de todos os planos do comum, do vulgar ou do mediocre, mas também do apenas bom, a voz dominadora, profunda e densa dêsse sobrinho — neto de Martinho Campos.

1921 assinala o ingresso de Francisco Campos na Câmara Federal, onde sustentou os mais tremendos debates no terreno político e no terreno doutrinário. Notável exemplo de trabalho doutrinário é o admirável parecer sôbre taxa-ouro, em que a sua palavra tem a fôrça convincente e definitiva da palavra de um técnico, quando nada há de menos parecido com um técnico do que o Sr. Francisco Campos, mercê da universalidade de seu espírito. Constitui exemplo modelar de discurso político àquele em que, examinando a candidatura de Nilo Peçanha, transformou — com a tendência imanente da sua inteligência, para os ideais gerais — um assunto vulgar num florentino duelo de idéias e, convocado, de súbito, por um aparte, acabou por fazer uma digressão de tal quilate em tôrno do tema — demagogia — que há ali coisas definitivas sôbre assunto tão duro de abordar-se de improviso. Já Francisco Campos era um nome Nacional.

1926 marca a sua primeira ascenção a um pôsto de govêrno — Secretário do Interior de Minas Gerais.

A figura escassa, mofina e indecisa da cultura mineira movimenta-se, amplia-se e ganha côr e corpo à vibração mágica de suas mãos de demiurgo. Funda-se o moderno ensino público em Minas Gerais.

Cria-se no Brasil a primeira escola para formar professôres. O problema foi atingido nas raízes. Como de hábito, o sentido linear das coisas não interessa a êste aristotélico. Só as linhas verticais tem para êle significação. O volume — "Pela civilização mineira" conjunto de discursos que são obra de pensamento de um homem de ação e do entusiasmo de um céptico (e o entusiasmo dos céptico opera prodígios) — vale mais que tôdas as plataformas de govêrno e todos os relatórios oficiais. Não contém um dado estatístico, mas encerra esta coisa surpreendente: as palavras de fé e profecia que deram a Minas Gerais a mais perfeita organização de instrução pública — primária e normal — dêste país e desencadearam em todos os quadrantes da terra mineira um apaixonamento pelas coisas do espírito, que modificou, de vêz, os rumos da cultura naquele Estado. A 18 de novembro de 1930, Francisco Campos tomou posse do cargo de ministro da Educação e Saúde Pública do Govêrno Provisório, govêrno que ajudara a fundar por sua atuação na Aliança Liberal, de que fôra um dos criadores. Nesse Ministério realizou a mais perfeita reforma do ensino secundário e superior de que ainda há notícia neste país. Por onde passa deixa rastro de luz que não se extingue: de uma rápida interinidade na pasta da justiça em 1932 ficou, por

exemplo, uma luminosa exposição de motivos sôbre uma tese de Direito Internacional Privado — que é uma exaustiva monografia do assunto.

Pertence a êste ano de 1932 o "Ciclo de Helena", belo volume de versos de ritmo amplo, liberto, ondulante e faiscante de riqueza verbal gorgeanos pela profundeza, orientais às vêzes pela opulência e calor das imagens envolventes e amargas como aquêles "mares de Ulisses e de Homero"...

No ano de 1932, a política o devolve às letras, à advocacia, ao magistério, até que nomeado Consultor Geral da República. Frutos de sua atividade como jurista, aí estão dois volumes de "Pareceres" em que a aridez das letras judiciais aparece transfigurada pelo milagre de um cultura universal, que aproxima e associa as coisas, aparentemente, mais dispares e longínquas. Acaso não será uma das funções da cultura reduzir as coisas à sua unidade inicial e pela audácia de uma dialética que estonteia?

É também de 1933 um punhado de poemas em prosa, tão vários na forma, na concepção e no estilo como vário e móbil o espírito que os criou. O extraordinário, como se vê, é que nem a ação política, nem a ação administrativa, nem as atividades jurídicas lograram vingar sua personalidade, que permanece sempre jovem e liberta, com uma mobilidade e uma renovação perpétua de água corrente...

Nomeado Secretário da Educação do Distrito Federal em 1935, veio em hora grave da nacionalidade, prestar ao govêrno do país o assinalado serviço da sua "presença" num setor cheio de perigos e ameaças para a sociedade. Daí saiu para o Ministério da Justiça, à cuja frente se acha para ajudar o Brasil a sair do enjôo do marasmo, a rearticular-se consigo mesmo, a renovar o seu sangue, a oxigenar os pulmões e a distender rijamente os músculos para a atitude de coragem, da vontade, e da ação, — coragem, vontade e ação de que a própria vida do Sr. Francisco Campos constitui um símbolo faiscante.

Tal, em traços rápidos, largos, e pouco acentuados, a síntese da vida pública dêsse homem de pensamento e de govêrno, que é tôda ela, criação pessoal de uma inteligência numerosa e irresistível como uma fôrça da natureza.

DISCURSO SÔBRE A POESIA

FRANCISCO CAMPOS

O Poeta é aquêle a quem o mundo como existe não basta. Para o homem de ação o mundo que é já oferece matéria para tantas combinações, complicações, aventuras e possibilidades que o seu problema está em limitar o interêsse a um só dos seus aspectos. Todo o seu negócio consiste em aplicar a atenção a êsse trecho do mundo e em manipular os seus elementos com a prudência relativa, que não exclui a confiança na intervenção e no auxílio das conjeturas felizes. Para o Poeta não tem limitares a plasticidade do mundo. Todo poeta é contemporâneo do primeiro dia da criação. O que existe é apenas o barro maleável que o seu sopro anima, conforma e transfigura. Êle trabalha com os mesmos elementos e a mesma liberdade com que trabalhou nos primeiros dias da Gênese o Pai da Criação. O homem de ação é um poeta tímido, cujas limitadas ambições só satisfazem com modificar ou pôr em relêvo alguns recantos obscuros do mundo. O Poeta é o homem da ação fáustica, que não reconhece limites ao seu poder e para quem o mundo pode ser criado de novo ou para quem todo dia de sol é o primeiro dia da criação, porque os seus sentidos e, particularmente, os seus olhos têm a propriedade de surpreender nos elementos a festa que devia ter sido o seu nascimento e o seu primeiro encontro, quando tudo nos planos divinos ainda era contigência, jôgo e liberdade e a luz brincava, como um sorriso de Leonardo, nas barbas do Eterno.

O Poeta é contemporâneo da infância do mundo e graças a êle é que essa infância se prolonga. O Poeta é tão necessário ao mundo como a infância o é à humanidade. Se cada um de nós pudesse prolongar, pela vida em fora, um fio de sol do tecido de sonho da sua infância, todos seríamos poetas. Como, porém, para a maioria dos homens o primeiro ciclo da vida é apenas o tempo perdido, o Poeta exerce a função de traduzir em símbolo para os adultos que não tiveram a felicidade de prolongar a sua infância, os tesouros de sensibilidade e de experiência mágicas que as crianças extraem dos seus brinquedos. Os elementos só se entregam a quem brinca com êles. A água, a luz, o mar, os ventos guardam o sabor original, que só as crianças e os poetas conhecem. Na infância e na poesia as cousas existem na plenitude da sua realidade; elas existem como se o modo da sua existência fôsse o do prazer. As cousas ainda não foram manipuladas em convenções, como acontece no mundo chamado da prática e da experiência, que consiste em substituir a existência das cousas, segundo o modo do prazer pela sua existência, segundo o modo das nossas conveniências, incapacidade e limitações.

O Poeta é o homem de ação no sentido original e primitiva da palavra. O que se chama ordinàriamente homem de ação é o homem que renunciou à poesia, porque esta lhe impunha como tarefa a criação do mundo e o que êle queria era apenas construir a sua casa. O homem ordinário de ação está para o Poeta como o doméstico para o cósmico.

A ação é a vocação profunda do Poeta. O poema é apenas a sublimação dessa tendência quando reprimida pelas circunstâncias. Na infância do mundo a poesia era ação e o poeta exercia o seu poder diretamente, criando na imaginação dos homens as formas específicas de admiração e de terror, que ainda hoje constituem os temas elementares da poesia. O povo continua, ainda hoje, a ser dirigido pela poesia popular. O racionalismo político é obra dos chamados homens práticos, isto é, dos homens que não estão em relações familiares com os elementos. O que os homens práticos chamam realidades são apenas abstrações, noções, convenções, ficções, sinais algébricos, pelos quais procuram traduzir os valores reais, que só encontram tradução nos símbolos intraduzíveis dos poetas. O que dirige o povo é a poesia popular, — o mito do nascimento e da morte dos heróis, o mito das hégiras e da redenção do cativeiro, o mito das Promissões e da palingenésias, as constelações primitivas de mitos religiosos e políticos em cuja configuração e renovação trabalha, desde o começo do mundo, a imaginação dos poetas. Foram os poetas que condenaram Sócrates; as Erinias da poesia popular engendraram nêle um crime comparável ao de que se tornara culpado Orestes, matando a sua mãe. Sócrates não tinha olhos para ver que as realidades homéricas eram tão reais para os cidadãos da sua pátria como as realidades quotidianas e absurdas que se passavam em tôrno dêle.

Sente-se em Platão e no seu ressentimento contra os poetas como banindo-os da sua República, o que êle pretendia era afastar uma influência mais poderosa do que a dos filósofos e dos sábios sôbre a conduta, a ação e as virtudes do povo.

Só há, porém, um método político eficaz, só uma política é capaz de empolgar e unanimizar a alma popular, — aquela cujos valores supremos se traduzem em afirmações de caráter poético, tão remotos das realidades cotidianas como o divino Ulisses o era da casa de Penélope.

Estamos assistindo em nossos dias, tão cheios de perplexidades e de espantos, a um novo desencadeamento das Erinias ou das fôrças poéticas nos domínios até há pouco aparentemente racionalizados da política: o mito da raça, do Estado, da Nação, o mito da Autoridade e da Tradição, o mito do nascimento e da morte dos heróis, o mito da nova era, o das utopias econômicas e políticas ou o da reconquista dos paraísos perdidos. Creio que não haverá povo no mundo capaz de resistir ao apêlo de um Poeta para combater numa parte remota da terra, tanto melhor se fôr imaginária, um dragão apocalíptico, a quem fôssem atribuídos, segundo a lógica da poesia popular, todos os males dos humanos.

A história está cheia de aventuras iguais a esta e não é de estranhar que mesmo o malicioso Ulisses tenha sido levado pelas mãos da poesia àqueles mares e um só tempo sorridentes e enigmáticos e àquelas ilhas iluminadas e suspeitas, quando da sua prudência só poderia partir o conselho de que ficasse em casa a cuidar dos seus rebanhos.

O Poeta é o homem de ação para que o Universo é plástico. Há, evidentemente, neste estado de espírito, um grão de loucura. Tôdas as grandes transformações práticas por que tem passado o mundo pressupõem, entretanto, que o postulado poético é ao mesmo tempo um postulado prático. Todo grande homem de ação está em entendimento secreto com os elementos. E êste estado de graça ou de interiorização do Universo é que constitui o estado do poeta.

Eis aí, meu Schmidt, porque, sendo poeta, você é homem de ação e porque, apesar de não ser eloqüente, você exerce tanta influência sôbre os homens. Diante de você tudo se torna possível, porque a gente sente que o poeta se situa naturalmente na linha em que o impossível já começou, sem que o comum dos homens o perceba, a se tornar realidade.

Dotado dêsse poder demoniaco, é natural que no poeta se encontra uma grande capacidade de manifestação. É, ainda, um elemento que êle tem em comum com a criança. A criança mistifica naturalmente, por prazer ou por necessidade de mistificar. A mistificação é um dos atributos inseparáveis do dom da poesia e tem a sua raiz, tanto na criança como no poeta, na sêde de influência que se encontra em ambos. Particularmente no campo de influência próprio aos poetas, isto é, no amor, êsse poder de mistificação é susceptível de atingir a graus inconcebíveis de intensidade e de fascinação.

E êsse dom em você, Schmidt, está em proporção com o seu gênio poético. De todos os sêres plásticos, o poeta é o mais plástico e o poder de mistificação consiste precisamente nesta fôrça plástica do espírito e da personalidade. E êsse poder é tão grande em você que não se exerce apenas pela expressão poética, mas pela expressão física e sensível da sua personalidade. Você joga com ela com a mesma liberdade com que as crianças se movem no plano das suas personificações.

Não é que a mistificação no poeta seja uma mentira ou uma fraude, como o não é a mistificação infantil. O poeta, como a criança, se mistifica para mistificar os outros, por desejo de prestígio, para influenciar ou seduzir. Nisto êle se distingue do homem ordinário de ação, que, como todo racionalista, pretende mistificar os outros sem incorrer na própria mistificação.

Aí está, meu caro Schmidt, porque você é um bom comerciante, um homem de negócios a um só tempo no plano do fantástico e do real, e, particularmente, um propagandista de gênio dos seus amigos, porque possuído do tipo contagioso do entusiasmo.

A sua poesia, Schmidt, se se pode tratar o múltiplo como unidade, é você. Isto, porém, não explica nem a você, nem à sua poesia.

Há na sua poesia muita cousa que o Schmidt quotidiano não explica. A sua poesia não tem física. Não há nela festa, alegria, resplendor, beleza, carne. Não há formas na sua poesia. Os olhos, que costumam ser no poeta os intermediários do processo de transfiguração que se passa entre o seu espírito e o Universo não estão em você voltados para fora, para a luz, a água, a côr, o mar, para as florescências e as frutificações, para o ouro e o azul, para êsses estados de densidade e de maturação física, em que as imagens, à semelhança dos frutos sazonados, reunem na sua consistência o apêlo e a expressão de todos os sentidos. Os seus olhos são como aquêles de que fala Chestov, aquêle par de olhos que o Anjo da Morte, incumbido de separar a alma do corpo, deixa como lembrança ou advertência a alguns predestinados. Então, êsses eleitos, sem que saibam porque, passam a ver não o que nós vemos, os jogos físicos e as festas animais dos elementos, mas o que para a visão ordinária é informe e sem figura. Daí a recorrência do tema da

cegueira na sua poesia. A sua visão ordinária não está em correspondência com os seus dons poéticos. O outro par de olhos é que dá a você aquela estranha visão do que os olhos ordinários não vêem.

Na poesia "Mar", por exemplo, o mar é simplesmente ausência; êle apenas se deixa evocar vagamente, como um abismo negro ou como um hiato feito de nada, pela música do vento, o aceno das despedidas e a angústia que dá o pensamento da solidão e da distância. É o mar visto com os olhos do Anjo da Morte.

"Igrejas mortas, passado morto, estrêla morta, sòzinho e pobre como a noite, a grande calma, o último sossêgo, flores descendo para a morte, noiva morta, tristeza de passarinho morto num caminho chovendo, mãos distantes de morta"; nos próprios temas do amor, não há formas definidas e visíveis figuras vistas e tocadas com os olhos da carne, com os olhos ordinários pelos quais recebemos a luz, a côr, o movimento, a graça, a beleza, o sorriso, a festa dos cabelos e das mãos, a presença total e pungente do Universo num ser concreto, limitado pelo pescoço e pelo tempo.

"Quem sabe, diz Euripedes, pode ser que a vida seja a morte e que a morte seja a vida". Aquela segunda vista, que se exerce pelos olhos do Anjo da Morte, enche o espírito humano da angústia dessa dúvida ou dessa perplexidade monstruosa.

Na sua poesia, Schmidt, tôdas as coisas parecem transfiguradas por essa visão dos olhos voltados para dentro, para o mundo inacessível aos olhos ordinários, para o que não deve ser objeto de visão, para o que não podemos e não devemos ver, sob pena de não distinguirmos mais a vida da morte, o alvoroço e o canto matutino da criação da honra eterna do sossêgo e da renúncia e da expiração no abandono e no silêncio.

Em "Porque chorar" volta ao nosso espírito aquela perplexidade de Euripedes. Dando as razões de não chorar, você enumera, um a um, todos os motivos de chorar, — virgens morrendo, doentes sorrindo, moças de branco enamoradas, velhas dançarinas já resignadas, possuídas por um instante pelo demônio faustico da ilusão do rejuvenescimento, para afundar de novo na maior das misérias físicas e morais, que é a do fausto reconhecendo a sua falsa juventude, feliz como os cegos e os pobres desconhecidos dos hospitais e a infância dos demais fantasmas interiores evocados pelos olhos cegos do Anjo da Morte". Quem sabe, pode ser que a vida seja a morte e que a morte seja a vida".

Você não pôde realizar a sua grande ambição, que era a de ser o poeta católico do Brasil. Aquêles olhos o impediram, aquêles olhos funestos, que o tornaram cego para o esplendor litúrgico, para as côres e as imagens para as festas divinas da encarnação e da resurreição, para tudo o que distingue a vida da morte, os motivos de chorar das razões de rejubilar-se com a alma e com os olhos feitos para a luz.

Você tem as suas raízes na sua raça. Você data do Antigo Testamento. Lá se encontram alguns de seus irmãos a quem o Anjo da Morte dotou igualmente daquele par de olhos funestos. Eu não teria escrúpulo, fora de uma sociedade bíblica, em atribuir a você aquêles versículos de Isaías, nos quais se encontram o seu ritmo e a confusão entre a vida e a morte, que corre, como um frio de febre, através da sua poesia.

"Êle disse, então: vai e dize a êste povo:
Ouvireis e não compreendereis;
Olhareis e não vereis.
Torna insensível o coração dêste povo,
Duros os seus ouvidos e cegos os seus olhos,
Para que êle não veja com os seus olhos e não ouça
com os seus ouvidos.

Não compreenda com o seu coração,
Não se converta e não seja curado.

Eu disse: Até quando, Senhor?
E êle respondeu: Até que as cidades sejam devastadas,
E privadas de habitantes;
Até que não haja ninguém nas casas,
E sôbre o país reine a solidão;
Até que o Eterno tenha afastado os homens,
E que o país se torne um imenso deserto,
E se nêle ainda fôr encontrado um décimo de habitantes

Êles serão por sua vez aniquilados".

Quem sabe, pode ser que a vida seja a morte e que a morte seja a vida". Esse Isaías tinha, certamente, os olhos voltados para dentro, aquela segunda vista de que êle queria dotar o povo infeliz, recomendando que se lhe cegassem os olhos ordinários para que êle passasse a ver por aquêle par de olhos do Anjo da Morte.

Não sei, meu caro Schmidt, em você e nos profetas, qual a parte de dom natural e qual a de mistificação nessa cegueira ordinária e nessa lucidez anormal.

Que a mistificação anda em grande dose nos profetas, é o que se vê das suas conversas com o Eterno em que os negócios se misturam muitas vêzes aos temas terríveis da cólera divina.

O que eu sei, porém, é que você é um grande poeta, estranho poeta cheio de música, de visões, e de apocalípses, assim como de beleza, de ternura de sossegos e de angústias diante dos elementos: um grande poeta diante do Eterno. O seu "Canto da Noite" é um noturno em que o "pathos beethoveniano" ergue algumas vêzes as suas vozes agudas e dilacerantes no côro das humildes angústias e das serenas agonias, cantadas em surdina, ou antes mais talvez adivinhadas nos silêncios e nas pausas do que nas palavras geladas pelo vento polar de terror, que sopra naqueles mares apagados e sem praias, frios e silenciosos com o coração visitado pela morte.

Aqui estamos para que você nos veja, admirando-o e festejando-o, não com os olhos do Anjo da Morte, mas com os seus grandes olhos humanos, cheios de malícia.

Qn-1.666 Maria Auxiliadora, c.c. Dr. Mauro Belegardi Marcondes, filho de Maria Belegardi e de Vicente Marcondes.

Pais de:
Pn-1.622 Vera
Pn-1.623 Heloísa.

Tn-688 Dr. Jacinto, Médico radiologista, especializado na Alemanha, residente no Rio de Janeiro, c.c. Celina Pêgo de Faria, filha do Dr. Pêgo de Faria e de Elisa Pêgo de Faria. Chefe radiológista do Hospital dos Alienados, no Rio de Janeiro.

Pais de:
Qn-1.667 Jacinto Luís
Qn-1.668 Marco Antônio.

Tn-689 Maria Ismênia, nascida a 28 de abril de 1897, em Dores do Indaiá, c.c. o Dr. Manuel Álvares da Silva Campos, filho de D. Zulmira Loureiro Gomes e do Dr. Martinho Álvares da Silva Campos Sobrinho.

Pais de:
Qn-1.669 Beatriz, c.c. Raul Guimarães.

Pais de:
Pn-1.624 Mário.
Qn-1.670 Maria Lúcia, c.c. João Eduardo de Sá Lucas.

Pais de:
Pn-1.625 Eduardo.

Tn-690 Dr. José, nascido a 13 de dezembro de 1898, em Pitangui, cirurgião dentista, residente no Rio de Janeiro, c.c. Sílvia Felicíssimo, filha do major Artur Felicíssimo e de Olímpia de Carvalho.

Pais de:
Qn-1.671 Sílvio José, cirurgião dentista, c.c. Araci Brochado.

Pais de:
Pn-1.626 Sílvia Maria
Qn-1.672 Haroldo, c.c. Villy Azevedo.

Pais de:
Pn-1.627 Antônio Cláudio
Pn-1.628 Neide.
Qn-1.673 Maurício, contabilista
Qn-1.674 Maria José.

Tn-691 Dr. Mário, nascido a 1 de abril de 1901, em Dores do Indaiá, médico, foi Diretor da Saúde Pública de Minas Gerais; era casado com Honorina Prates, filha de Dr. Carlos Prates e de Honorina Martins. Dr. Mário é falecido.

Pais de:
Qn-1.675 Mário Vinício
Qn-1.676 José Carlos
Qn-1.677 Maria Cristina.

Tn-692 Odete, nascida a 8 de fevereiro de 1903, c.c. Alfeu Felicíssimo, filho do major Artur Felicíssimo e de Olímpia de Carvalho.

Pais de:
Qn-1.678 Alfeu, advogado, c.c. Lúcia Monteiro de Campos.

Pais de:
Pn-1.629 Vera Lúcia

Dr. Mário Álvares da Silva Campos

Pn-1.630 Ana Maria.
Qn-1.679 Lucíola
Qn-1.680 Elza, c.c. José Maria Vieira.

Pais de:
Pn-1.631 João Pedro
Pn-1.632 José Maurício.

Tn-693 Dr. Alberto, nascido a 13 de fevereiro de 1905, e falecido a 17 de junho de 1933. Foi Advogado de grande nomeada, Consultor Jurídico da Secretaria da Agricultura de Minas Gerais, Advogado do Banco do Brasil. Era casado com Clélia Prates, filha do Dr. Carlos Prates e de Honorina Martins.

Pais de:
Qn-1.681 Francisco José, falecido
Qn-1.682 Alberto Luís
Qn-1.683 Carlos Jacinto.

Bn-203 Maria Carolina, nascida a 24 de agôsto de 1862, c.c. Antônio

Dr. Alberto Álvares da Silva Campos

Álvares da Silva, filho do Cel. José Luís Álvares da Silva e de Maria Carolina Álvares da Silva. ....

Filhos já descritos

Bn-204 Joana Helena, nascida a 3 de março de 1856, c.c. Olímpio Alvares de Abreu e Silva, filho de Jesuina Cândida de Oliveira Abreu e de Antônio José de Abreu e Silva.

Pais de:

Tn-694 Francisco, falecido solteiro.
Tn-695 Aurora, c.c. Francisco Moreira, filho de José Cândido Moreira e de Maria Álvares da Silva Campos.

Pais de:

Qn-1.684 Maria
Qn-1.685 Cândida
Qn-1.686 Conceição
Qn-1.687 César, falecido
Qn-1.688 Geralda, falecida.

Tn-696 Antônio, falecido solteiro.
Tn-697 Jesuína, solteira.
Tn-698 Maria, c.c. José Rodrigues Vilaça, filho de José Rodrigues Vilaça e de Ana Rodrigues.

Pais de:

Qn-1.689 José Francisco

Qn-1.690 Maria
Qn-1.691 Joana
Qn-1.692 Olímpio.

Tn-699 Isabel.
Tn-700 Joana.
Tn-701 Ovídio, viúva de Maria Luísa da Conceição, filha de Cassiano Luís de Oliveira e de Maria Isabel de Queirós.

Pais de:

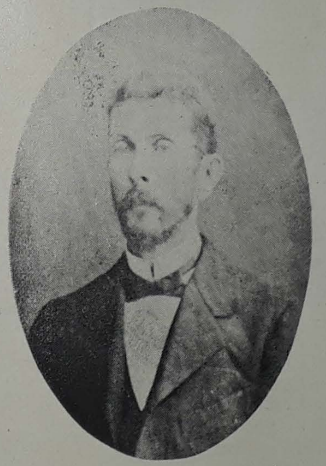
Qn-1.693 Maria de Lourdes
Qn-1.694 Antônio
Qn-1.695 Juvenal
Qn-1.696 Geralda
Qn-1.697 Paulo
Pn-1.698 José
Qn-1.699 Jesuína
Qn-1.700 Francisco.

Bn-205 Dr. Martinho Campos Sobrinho, formado em Direito, nascido a 16 de setembro de 1857, na Fazenda Bahia — município de Pitangui, e falecido a 5 de junho de 1922, em Paracatu. Era casado com Zulmira Loureiro Gomes, filha de Antônio Loureiro Gomes e de Zenóbia Pimentel Barbosa. Foi Juiz de Direito em Paracatu.

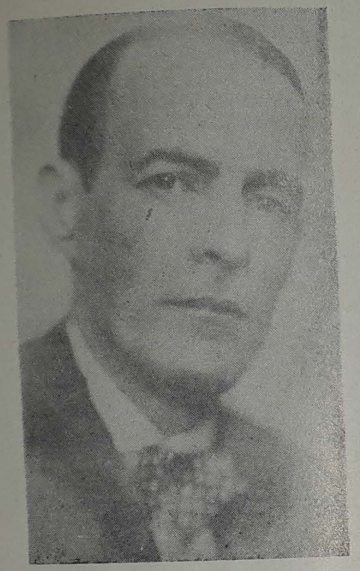
Pais de:

Tn-702 Francisco, nascido a 14 de outubro de 1891, falecido, c.c. Ana Tôrres Brochado.

Sem filhos



Dr. Martinho Campos Sobrinho



Professor Carlos Alvares da Silva Campos

Tn-706 Maria, nascida a 11 de março de 1898, c.c. Antônio Carneiro de Abreu, reside em Belo Horizonte.

Pais de:

Qn-1.704 Décio

Qn-1.705 Diná, c.c. o Dr. Manuel Morais Pernambuco.

Pais de:

Pn-1.633 Dea Lúcia

Pn-1.634 Diná Maria

Pn-1.635 Alberto

Pn-1.636 Armando.

Qn-1.706 Dea, c.c. Dr. Mário Aurélio Pires.

Pais de:

Pn-1.637 Roberto

Pn-1.638 Aurélio

Pn-1.639 Flávio

Pn-1.640 Cláudio.

Qn-1.707 Dalca, c.c. o Dr. Geraldo Ferreira Aguiar, advogado.

Pais de:

Pn-1.641 Eduardo

Pn-1.642 Guilherme.

D. Zulmira Loureiro Gomes

Tn-703 Carlos, nascido a 2 de fevereiro de 1893, em Paracatu, residente em Belo Horizonte, formado em Direito. Foi Promotor de Justiça em Campo Belo, Advogado em Paracatu, Deputado ao Congresso Mineiro, Inspector da Instrução Pública de Minas Gerais. É atualmente Catedrático da Universidade de Minas Gerais. Autor de muitas obras, das quais se destacam "Hermenêutica Tradicional", "Direito Científico", "Consolidação das Leis Eleitorais", "Sociologia e Filosofia de Direito", "Reflexões sôbre a Relatividade" e "Estudos de Psicologia e Lógica". O Dr. Carlos é casado com Maria das Dores Brochado Campos, filha de Olímpio Brochado Machado e de Joviana Neiva Brochado. Ex-Deputado Federal.

Pais de:

Qn-1.701 Álvaro, advogado

Qn-1.702 Lauro, Acadêmico de Direito.

Qn-1.703 Ana Lúcia.

Tn-704 Zenóbia, nascida a 28 de dezembro de 1894 e falecida a 7 de janeiro de 1921, solteira.

Tn-705 José, nascido a 18 de outubro de 1896, falecido a 29 de abril de 1897.

Tn-707 Joaquim, nascido a 4 de outubro de 1899 e falecido a 12 de dezembro de 1934, c.c. Ana Moura Santiago.

Pais de:

Bn-1.708 Eni, Advogada
Qn-1.709 Vladimir
Qn-1.710 Aluísio
Qn-1.711 Joaquim.

Tn-708 Dr. Manuel, nascido a 1 de julho de 1901, Curador de Resíduos no Rio de Janeiro, c.c. Maria Ismênia da Silva Campos.

Filhos já descritos

Tn-709 Martinho, nascido a 13 de novembro de 1902, c.c. Elizeta Bueno com os seguintes filhos: Olga, c.c. Harold Jannes, Oswaldo, Antônio, Olivia, Maria Olívia, Odete, Teresinha, Orlando, Osmar, Elismar.

Tn-710 Ana, nascida a 2 de junho de 1906, c.c. Carlos Tunes, residente em Belo Horizonte.

Pais de:

Qn-1.712 Clara, c.c. o Dr. Jaques Luciano.

Pais de:

Pn-1.643 Maria Helena
Pn-1.644 Maria Clara
Pn-1.645 Paulo Jaques.

Qn-1.713 Alba
Qn-1.714 Nuno
Qn-1.715 Mauro
Qn-1.716 Maria Elvira
Qn-1.717 Alceu
Qn-1.718 Carlos.

Tn-711 José Domingos, nascido a 4 de agôsto de 1907, formado em Direito, c.c. Nadir Mendonça, filha de Francisco Agnelo e de ....

Pais de:

Qn-1.719 Martinho
Qn-1.720 Marta
Qn-1.721 Matilde
Qn-1.722 Nelson Dario.

Tn-712 Geraldo, Tabelião em Paracatu, nascido a 30 de outubro de 1908, c.c. Joviana Neiva.

Pais de:

Qn-1.723 Maria Isabel
Qn-1.724 José Francisco
Qn-1.725 Joaquim
Qn-1.726 Iná.

Tn-713 Antônio, nascido a 21 de abril de 1910, c.c. Maria do Espírito Santo Fernandes Campos.

Pais de:

Qn-1.727 Marcelo

Tn-714 Zulmira, nascida a 6 de fevereiro de 1912, professôra, solteira.

Tn-715 Salvador, nascido a 11 de outubro de 1916, solteiro.

Tn-716 Bento, nascido a 14 de abril de 1918, c.c. Teresinha Peres Campos.

Tn-717 Jacinto, nascido a 24 de novembro de 1920, c.c. Stela Araújo Campos.

N-43 Isabel Jacinta, nascida em 1821, nos Guardas, município de Pará de Minas, c.c. Francisco Manuel de Abreu e Silva, filho de Antônio José de Abreu e Silva e de Maria de Sant'Ana Álvares da Silva, (esta, filha de Antônio Álvares da Silva e de Ana Maria de Jesus).

Pais de:

Bn-206 Antônio Pedro de Abreu e Silva, c.c. Ana Jacinta (Dona da Forquilha), falecida a 8 de janeiro de 1945, filha de José de Campos Cordeiro Valadares e de Isabel Jacinta de Oliveira Campos (esta, filha do Cap. Joaquim Antônio de Oliveira Campos e de Claudina Cândida Lataliza França).

Pais de:

Tn-718 Francisco, c.c. Maria Guiomar, filha de Higino Cordeiro Valadares e de Maria Joaquina Cordeiro Valadares.

Pais de:

Qn-1.728 Higino
Qn-1.729 Nair
Qn-1.730 Geraldo
Qn-1.731 José
Qn-1.732 Francisco
Qn-1.733 Alda.

Tn-719 Antônio, ex-Tabelião em Pitangui, c.c. Turena de Campos Castelo Branco, filha de Antônio Cândido de Campos Cordeiro e de D. Carolina Cordeiro Valadares (D. Calu).

Pais de:

Qn-1.734 Judite (Saju), casada a primeira vez com Marcondes Gonçalves Reis, falecido.

Pais de:

Pn-1.646 Taís
Pn-1.647 Marco Antônio
Pn-1.648 June.

Judite, casada a segunda vez com Francisco Gabriel de Castro Campos (Nhonhô), ex-Coletor Estadual em Pitangui, filho de Elisa Gabriela de Castro Vasconcelos e de Luís Álvares da Silva Campos.

Filhos já descritos

Qn-1.735 Cecília Antonieta, c.c. José Campolina de Sá, filho de José Campolina de Sá e de Maria Luísa de Sousa Mateus.

Pais de:

Pn-1.649 José, (Zilu), c.c. Diva Reis, filha de José Reis e de Elisa Gonçalves dos Reis.
Pn-1.650 Dalva, falecida
Pn-1.651 Gladys, c.c. Ari Castelo Branco.
Pn-1.652 Homero
Pn-1.653 Antônio
Pn-1.654 Maria da Glória
Pn-1.655 Sílvio Túlio

Pn-1.656 Volnei
Pn-1.657 Teresa
Pn-1.658 Tirena
Pn-1.659 Maria Violeta
Pn-1.660 Márcio Nélio.

Qn-1.736 Dr. José Maria (Dr. Ioiô), falecido em São Gotardo, onde residia, era formado em Medicina, c.c. D. Dulce, filha de Joana Helena Valadares e de Antônio de Castro Barbosa.

Filhos já descritos

Qn-1.737 José, falecido
Qn-1.738 Salvador, falecido
Qn-1.739 Isaltina, falecida
Qn-1.740 Maria José, c.c. Antônio Mourão, filho de Antônio Mourão e de Sabina Bahia.

Pais de:

Pn-1.661 Maria José
Pn-1.662 Sônia.

Tn-720 Leopoldo, solteiro.
Tn-721 Jacinto, solteiro.
Tn-722 José, (Juca Abreu), falecido em Pompéu, onde residia, c. c. Antônia, filha de Antônio Gabriel de Souza Machado e de Elisa de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-723 Isabel, c.c. Domiciano Alves Corgozinho.

Pais de:

Qn-1.741 José Geraldo
Qn-1.742 Alberto
Qn-1.743 Ivan.
Qn-1.744 Rosa, c.c. Joaquim Nicéas Cordeiro Valadares, filho de Joaquim Cordeiro Valadares, (Cordeiro das Lages), e de Maria Francelina de Campos Cordeiro.

Pais de:

Pn-1.663 Marlene
Pn-1.664 Sílvio
Pn-1.665 Sílvia
Pn-1.666 Maria
Pn-1.667 Rute.

Qn-1.745 Ana
Qn-1.746 Antonieta
Qn-1.747 Maria José (Marieta), c.c. Sebastião de Campos Cordeiro Valadares, filho de Álvaro de Campos Cordeiro Valadares, (Álvaro de Fundo) e de Alvarina de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:

Pn-1.668 Maria José, (Petita).
Pn-1.669 Ivete
Pn-1.670 Ruí
Pn-1.671 Sebastião
Pn-1.672 Olga

Pn-1.673 Ivone
Pn-1.674 Iolanda
Pn-1.675 José
Pn-1.676 Irilda
Pn-1.677 Afrânio
Pn-1.678 Francisco
Pn-1.679 Adalberto.

Tn-724 Cecília, falecida solteira.
Tn-725 Antônia, c.c. Olímpio Luís Chaves.

Pais de:

Qn-1.748 Conceição
Qn-1.749 João, falecido
Qn-1.750 Maria das Dores
Qn-1.751 Antônia.

Tn-726 Joaquina, (Quita), casada a primeira vez com Miguel Ribeiro.

Pais de:

Qn-1.752 Ana
Qn-1.753 Maria das Dores
Qn-1.754 Antônio, (Tonico), c.c. Conceição Ferreira Lobato.

Joaquina, (Quita), casada a segunda vez com José Luís Chaves.

Pais de:

Qn-1.755 Maria José
Qn-1.756 Cecília
Qn-1.757 Joaquina
Qn-1.758 Joaquim, falecido
Qn-1.759 José
Qn-1.760 Francisco
Qn-1.761 Virgílio
Qn-1.762 Virgínia.

Bn-207 Maria, falecida solteira.
Bn-208 Martinho, falecido solteiro.

NOTA: — Francisco Manuel de Abreu e Silva, casou-se a segunda vez com Margarida de Campos Cordeiro, filha de José de Campos Cordeiro e de Isabel Jacinta de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

N-44 Beralda Lucinda de Oliveira e Silva, nascida em 1823, nos Guardas, município de Pará de Minas. Residiu em Vassoura, onde faleceu, c.c. Antônio Ribeiro do Avelar, da Fazenda de Matozinhos, irmão de Maria Joaquina, Luísa Joaquina e Virgínia Joaquina dos Santos Silva; filho de José Joaquim dos Santos Silva e de Joaquina Rosa dos Santos Silva.

Não descobri descendência de Beralda Lucinda.

Nn-45 Balbina, nascida em 1824, falecida em criança.
N-46 Antônia Júlia de Oliveira e Silva, c.c. Francisco Alves Fernandes.

Pais de:

Bn-209 Francisco Álvares Fernandes (Chiquinho da Esperança) c.c. D. Dioguina de Oliveira Campos, filha de Diogo de Oliveira Campos e de Maria Eliza Pereira da Costa.

Filhos já descritos

Bn-210 Jorge Álvares Fernandes, c.c. Zinha Dias Maciel (irmã do Padre Miguel Kerdole Dias Maciel).

Pais de:

Tn-727 Francisco

Tn-728 Miguel

Bn-211 Joaquina (Quininha), c.c. Martinho de Oliveira Campos (Martinho Fincão), filho de Maria Jacinta de Oliveira Campos e de Felix de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Bn-212 Martinho Álvares Fernandes, c.c. Antônia Carolina (Gorda), filha de Inês Umbelina Álvares Fernandes e de Jerônimo Antônio Vieira Rabelo.

Pais de:

Tn-729 Antônio Maria, c.c. Virgínia de Oliveira Campos, filha de Martinho de Oliveira Campos, (Martinho Fincão), e de Joaquina Álvares Fernandes (Quininha).

Sem filhos

Tn-730 Isabel, (Belinha), c.c. Gustavo Epifânio Pereira.

Pais de:

Qn-1.763 Efrem Epifânio Pereira, fazendeiro em Curvelo Minas. Casado com Raimunda Pereira.

Pais de:

Pn-1.680 José Pedro, ex-Prefeito de Felixandia.
Pn-1.681 Isabel
Pn-1.682 Vicente
Pn-1.683 Maria de Lourdes
Pn-1.684 Dilva
Pn-1.685 Antônia
Pn-1.686 Carmem

Qn-1.764 Inês, c.c. Inácio Maria de Campos.

Pais de:

Pn-1.687 Maria
Pn-1.688 Isabel
Pn-1.689 Eni
Pn-1.690 Neusa
Pn-1.691 Antônio
Pn-1.692 Cleide

Qn-1.765 Helena, c.c. Pedro Vieira Neto, falecido.

Pais de:

Pn-1.693 Geraldo.

Qn-1.766 Antônio, falecido solteiro.

Tn-731 Francisco, falecido solteiro.

Bn-213 Eliza (Petiu), c.c. José Pedro de Souza.

Pais de:

Tn-732 Francisco (Chico Fofão), residente em Abadia, hoje Martinho Campos, c.c. Danila de Souza.

Pais de:

Qn-1.767 Ercília (Siluca).

Tn-733 Maria, c.c. Gustavo Epifânio Pereira.

Pais de:

Qn-1.768 Isabel, c.c. Joaquim Fulgêncio.

Pais de:

Pn-1.694 Elisa
Pn-1.695 Maria de Lourdes
Pn-1.696 Gustavo
Pn-1.697 Gilméia
Pn-1.698 Efrem.

Tn-734 Márcio, falecido.

Bn-214 Antônio Álvares Fernandes, (Tonico do Diamante), c.c. Maria

Cel. Antônio Álvares Fernandes da Silva

Joana Vieira Maciel, filha de Antônio Joaquim Vieira Machado (português) e de Joana Dias Maciel.

Pais de:

Tn-735 Francisco, nascido 5 de abril de 1877, c.c. Alé Álvares da Silva, filha de Antônio Feijó Álvares da Silva e de Adelaide Álvares da Silva (esta, filha do Barão do Indaiá).

Pais de:

Qn-1.769 Nazareno, falecido, c.c. Celina, filha de Maria de

Campos Álvares e de Manuel Ferreira Álvares da Silva, (Manoelzinho do Pará).

Filhos já descritos

Qn-1.770 Dr. José Feijó Álvares, falecido.
Qn-1.771 Alberto Feijó Álvares.

Tn-736 Antônio, nascido a 5 de abril de 1878, c.c. Lucília Vieira Machado. Brilhante intelectual.

Pais de:

Qn-1.772 Caio, c.c. Iracema Soares, filha de Onofre Soares de Sá e de Elvira Soares. Inspetor de rendas.

Pais de:

Pn-1.699 Caio Márcio
Pn-1.700 Ricardo.

Qn-1.773 Pelágio
Qn-1.774 Maria
Qn-1.775 Danunzia, c.c. Francisco Sales Freitas. Coletor Estadual.

Pais de:

Pn-1.701 Valderez
Pn-1.702 Maria Luisa
Pn-1.703 Maria Clara.

Qn-1.776 Madalena
Qn-1.777 José, c.c. Leda Pereira da Silva.

Pais de:

Pn-1.704 Ângela Maria
Pn-1.705 Luis Guilherme.

Qn-1.778 Lucília
Qn-1.779 Conceição, c.c. Alair Álvares Fernandes
Qn-1.780 Júlio
Qn-1.781 Marcelo.

Tn-737 Dr. Alberto Álvares Fernandes Vieira, nascido a 3 de dezembro de 1881, c.c. D. Maria Helena Álvares, nascida a 23 de outubro de 1887, filha do Dezembargador Dr. Amador Álvares da Silva e de Isabel Carolina Álvares da Silva. O Dr. Alberto é formado em Direito. Deputado à Constituinte Mineira. Ex-Professor do Ginásio Mineiro, em Belo Horizonte. Jornalista vibrante, fêz a campanha civilista.

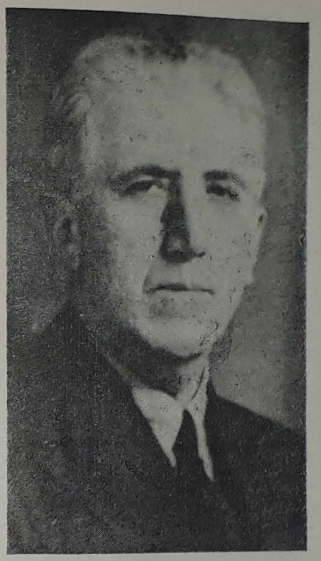
Pais de:

Qn-1.782 Dr. Paulo Álvares
Qn-1.783 Humberto, c.c. Carmem Pires Álvares.
Qn-1.784 Dr. Júlio, Juiz Federal no Rio de Janeiro.
Qn-1.785 Dr. José Álvares, engenheiro.
Qn-1.786 Zulma, c.c. Dr. Edmundo Machado Júnior, da Embaixada do Brasil na Argentina.

Pais de:

Pn-1.706 Maria Lúcia
Pn-1.707 Álvares
Pn-1.708 Antônio Carlos.

Qn-1.787 Dr. Máximo, engenheiro civil



Dr. Alberto Alvares

Qn-1.788 Geraldo
Qn-1.789 Maria Luisa
Qn-1.790 Evangelina, falecida.

Tn-738 Stela, nascida a 24 de setembro de 1872, residente em Belo Horizonte, c.c. Sigefredo de Morais Navarro, falecido.

Qn-1.791 Sila, c.c. Reginaldo Bigman
Qn-1.792 Geraldo, falecido
Qn-1.793 Alberto, falecido
Qn-1.794 Geraldo, c.c. Maria Mendes dos Santos, filha de Inácio Camilo dos Santos e de Maria Mendes dos Santos

Pais de:

Pn-1.709 Alberto
Pn-1.710 Pedro
Pn-1.711 Luciano.

Tn-739 Dimas, c.c. Maria do Carmo Soares.

Pais de:

Qn-1.795 Paulo
Qn-1.796 Elza

Qn-1.797 Maria
Pn-1.798 Conceição
Qn-1.799 José
Qn-1.800 Alair
Qn-1.801 Alberto.

Tn-740 Helena, nascida a 4 de outubro de 1890, falecida.

Tn-741 Artur, residente em Passa Quatro, c.c. Maria Ribeiro Pereira Álvares. Tesoureiro da R.M.V. Fazendeiro.

Pais de:
Qn-1.802 Maria Joana
Qn-1.803 Artur Luís

Tn-742 Gastão, nascido a 15 de outubro de 1892, c.c. Atília de Castro Álvares, do Estado da Bahia.

Pais de:
Qn-1.804 Bolivar
Qn-1.805 Adi
Qn-1.806 Geraldo
Qn-1.807 Lucília
Qn-1.808 Maria Stella
Qn-1.809 Maria Inês.

Tn-743 Ester, nascida a 14 de janeiro de 1884, c.c. Antônio de Alcântara Castro, filho de Antônio Gabriel da Cunha e Castro e de Firmina de Valois.

Filhos já descritos

Bn-215 Inês Umbelina, c.c. Jerônimo Antônio Vieira Rabelo, nascido a 20 de dezembro de 1823 e falecido a 8 de outubro de 1895, filho de João Vieira Rabelo e de Jacinta de Oliveira Campos.

Pais de:

Tn-744 Antônia, (Gorda), c.c. Martinho Álvares Fernandes, seu tio.

Filhos já descritos

Tn-745 Jerônimo Antônio Vieira Filho, c.c. Rosa Lino Fiuza.

Pais de:

Qn-1.810 Inês, c.c. Procópio Lobato, filho do Dr. Francisco Lobato e de Rosa Azevedo.

Pais de:

Pn-1.712 José Maria (Juju), c.c. Amine Mattar. Prefeito de Pompéu.

Pais de:
Sn-442 José Maria
Sn-443 Jaime
Sn-444 Joana Inês.

Pn-1.713 Maria José, c.c. Geraldo Faria.

Pais de:
Sn-445 Zizita
Sn-446 Zulma
Sn-447 José
Sn-448 Gilson
Sn-449 Laura Inês.

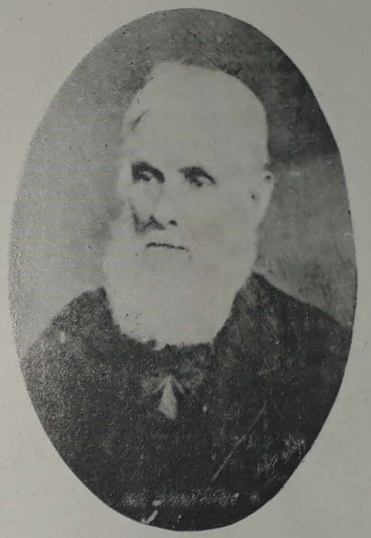
Pn-1.714 Francisco (Quim), c.c. Maria Epifânia.

Pais de:
Sn-450 Maria Consuelo
Sn-451 Geraldo Magela.

Pn-1.715 Omar, solteiro

Pn-1.716 Rosa, c.c. Lulu (?).....

Pais de:
Sn-452 Geraldo Eustáquio



Gerônimo Antônio Vieira Rabelo
(Jerônimo do Diamante)

Sn-452-a Márcio
Sn-453 Gilson.

Pn-1.717 Neusa, c.c. o Dr. Geraldo Alves Reis, Juiz de Direito.

Pais de:
Sn-454 Neusa Beatriz.

Pn-1.718 Elza, c.c. Dr. Jacinto Menezes, Médico.

Pais de:
Sn-455 Paulo.

Pn-1.718-a Odilon, estudante de medicina.

Tn-746 Cândido, c.c. Clara Maria Vieira, filha de Francisco Lino e de Tiburtina Maria Vieira.

Sem filhos

Tn-747 Miguel Antônio, (Miguel do Diamante), c c. Tiburtina, filha de Pedro Hilário Vieira (Pedro do Curral Velho), e de Joana Lino de Souza.

Pais de:

Qn-1.811 Pedro, c.c. Helena Epifânio.

Pais de:

Pn-1.719 Geraldo

Qn-1.812 Maria, c.c. Miguel Álvares

Pais de:

Pn-1.720 Lídia, falecida

Pn-1.721 Joana, falecida.

Qn-1.813 Geraldo, solteiro

Qn-1.814 Jerônimo, solteiro

Qn-1.815 Miguel, solteiro.

Tn-748 Pedro Hilário (Pedro do Curral Velho), c.c. Joana Lino de Souza.

Pais de:

Qn-1.816 Jerônimo Vieira Sobrinho (Nonô), c.c. Antônia Maciel (Tonica).

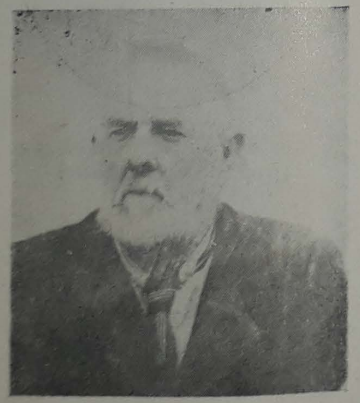
Pais de:

Pn-1.722 Vicente

Pn-1.723 Pedro Hilário

Pn-1.724 Joana

Pn-1.725 José



Pedro Fernando Vieira
(Pedro do Curral Velho)

Pn-1.726 Ilka

Pn-1.727 Braulina

Pn-1.728 Manuel

Pn-1.729 João

Qn-1.817 Inês, solteira

Qn-1.818 Clara, solteira

Qn-1.819 Tiburtina, c.c. Miguel Antônio Vieira.

Filhos já descritos

Tn-749 Inês, c.c. Jacinto Álvares da Silva (Jacinto Cipó), filho do Cel. José Luís Álvares da Silva e de Maria Carolina Álvares da Silva. Inês é falecida.

Sem filhos

Tn-750 Emília, c.c. Pedro Lino de Souza.

Pais de:

Qn-1.820 Josino, (Josa), c.c. Ana Teodoro Mendonça

Pais de:

Pn-1.730 Luísa

Pn-1.731 Maria (Mariquinha)

Pn-1.732 Emília.

Qn-1.821 Jerônimo, c.c. Maria Inês de Castro.

Pais de:

Pn-1.733 Pedro, falecido, c.c. Conceição Alves de Souza.

Pais de.

Sn-456 Jarbas

Sn-457 Mirma Loy

Sn-458 Osman.

Pn-1.734 Inês, c.c. Osmar Campos Guimarães, Fazendeiro.

Filhos já descritos

Pn-1.735 Emília, c.c. Antônio Joaquim de Oliveira Campos.

Pais de:

Sn-459 Antônio Osmar

Sn-460 Marly

Sn-461 Marlene

Sn-462 Paulo

Sn-463 Marilene

Sn-464 Mariluci

Sn-465 Maria Luísa.

Pn-1.736 Geralda, c.c. João Elói de Oliveira Campos.

Pais de:

Sn-466 Maria Inês

Sn-467 Maria Helena

Sn-468 Hipólito

Sn-469 Jerônimo.

Pn-1.737 Maria José, (Lulu), c.c. Luís Álvares de Souza.

Pais de:

Sn-470 Ronaldo.

Pn-1.738 Gabriel, c.c. Glória Pereira Maciel.

Pais de:

Sn-471 Maria Isménia

Sn-472 Cléia Maria.
Pn-1.739 Cleonice, solteira.
Qn-1.822 Pedro, c.c. Ernestina Soares (Tinica), Fazendeiro.
Pais de:
Pn-1.740 Pedro, falecido
Pn-1.741 Raimundo, falecido
Pn-1.742 Alice
Pn-1.743 Elisa
Pn-1.744 Paulo
Pn-1.745 Célia
Pn-1.746 Mauro
Pn-1.747 Lourdes.
Qn-1.823 Elídia, c.c. José Maria Álvares da Silva, (Nilico das Cabeceiras), ex-Prefeito de Pompéu. Fazendeiro.
Filhos já descritos
Qn-1.824 Maria, c.c. Vicente Soares da Silva.
Pais de:
Pn-1.748 Pedro Soares da Silva.
Qn-1.825 Emília, c.c. Ricardo Lino Neto.
Pais de:
Pn-1.749 José
Pn-1.750 Araci
Pn-1.751 Inês
Pn-1.752 Irene.
Qn-1.826 Manuel, c.c. Ana Alves de Souza, filha de Luís Alves e de ....
Pais de:
Pn-1.753 Luís Alves de Souza (Lulu), c.c. Maria José.
Filhos já descritos
Pn-1.754 Conceição, c.c. Pedro Lino Neto.
Filhos já descritos
Qn-1.827 Ana, (Anita), c.c. José Lino Fiuza.
Pais de:
Pn-1.755 Francisco (Chiquito).
Qn-1.828 Francisca, c.c. Bertolino Teodoro da Costa.
Pais de:
Pn-1.756 Jerônimo
Pn-1.757 Pedro
Pn-1.758 Balbina
Pn-1.759 Dico
Pn-1.760 Manuel
Pn-1.761 Emília
Pn-1.762 Rita
Pn-1.763 Maria, falecida.
Qn-1.829 Inês, c.c. o Dr. José Belisário Lopes Cançado, filho do Dr. Romualdo Lopes Cançado e de D. Francisca de Campos. Lopes. Fazendeiro.
Pais de:
Pn-1.764 Romualdo, c.c. Maria Viegas.

Pais de:
Sn-473 José Romualdo
Sn-474 Maria Helena
Sn-475 Maria Inês.
Pn-1.765 Raimundo, c.c. Francisca Soares da Silva.
Pais de:
Sn-476 José Raimundo
Sn-477 Maria Inês
Sn-478 Maria Aparecida
Sn-479 Maria Selda
Sn-480 Maria Mônica
Sn-481 Maria Emília.
Pn-1.766 José, c.c. Inês Soares da Silva.
Pais de:
Sn-482 Maria José
Sn-483 Maria Inês
Sn-484 José Marcílio.
Pn-1.767 Maria do Carmo, c.c. José Lino de Souza.
Pais de:
Sn-485 Galba Amauri
Sn-486 Marly
Sn-487 Múcio
Sn-488 Maurício.
Pn-1.768 Maria Zilá, normalista. Orientadora das Escolas Rurais de Martinho Campos.
Pn-1.769 Maria de Lourdes, falecida.
Pn-1.770 Galba, falecido
Pn-1.771 Antônio Amauri, falecido
Pn-1.772 Teresinha, c.c. José Lino.
Pais de:
Sn-489 Marci.
Pn-1.773 Maria Emília, professôra
Pn-1.774 Maria Francina, estudante
Pn-1.775 Geraldo Klebes, falecido
Pn-1.776 Maria Inês, falecida
Pn-1.777 Tarcilo, falecido
Pn-1.778 Pedro Lino.

RESUMO

F	6
N	46
Bn	215
Tn	750
Qn	1.829
Pn	1.778
Sn	489
Hn	17
Soma:	5.130

Descendentes: 5.130

Nº - 15-54.
Assunto - Fazendo agradecimento.
Secretaria - do Interior.
Serviço - da Diretoria do Arquivo Público Mineiro

Belo Horizonte, 3 de Junho de 1954.

Exmo. Snr. Dr.

Coriolano Pinto Ribeiro

Rua Montes Claros, 386 - 1º andar

Belo Horizonte.

Venho trazer-vos os meus melhores agradecimentos pela preciosa doação que fizestes ao Arquivo Público Mineiro, de numerosos manuscritos originais, que em grande parte, serviram de base para o vosso longo e conscencioso trabalho sobre "Dona Joaquina do Pompeo", e sua grande familia.

Não posso deixar de mencionar, embora sumariamente, alguns desses documentos, que acabam de ser incorporados ao patrimonio do Arquivo.

São os seguintes:

1º - Escritura das fazendas do Pompéo, Diamante, Matto Grosso, Santa Rosa, Chôro, Passagem e Tres Barras. Compra feita por Manoel Gomes da Cruz a Estevam Gonçalves Fraga, em 1º de Agosto de 1756, pela quantia de 20.000$000 (Vinte contos de reis).

2º - Sesmaria de Ignacio de Oliveira, (1728) em Paracatú. Trata-se do sogro de Dona Joaquina.

3º - Varias cartas e documentos originais de Dona Joaquina.

4º - Duas grandes pastas com numerosos manuscritos, ainda não traduzidos e nem classificados, referentes a Dona Joaquina, sua familia e suas terras no Pompeo, em Pitangui e Paracatú.

Agradeço-vos a doação dos retratos do Cel. Jacyntho Ferreira Alvares da Silva; de Dr. Balbino da Cunha e Dona Carolina Pinto da Fonseca - progenitores do Embaixador Gastao da Cunha; de Adrião de Campos Valladares, de Paracatú, e de D. Adelaide de Mello Franco, de Paracatú.

Quero salientar mais uma vez meu sincero reconhecimento pelo vosso louvavel gesto entregando ao Arquivo Público Mineiro esses valiosos documentos de grande interesse historico.

Aproveito-me da oportunidade para apresentar-vos os meus cordiais cumprimentos.

João Gomes Teixeira

Diretor do Arquivo Publico Mineiro

DESCENDÊNCIA DE TEN. INÁCIO DE OLIVEIRA CAMPOS E BÁRBARA UMBELINA DE SÁ E CASTRO

CAPITULO VII

FILHOS

N-47 Antônio de Abreu Castelo Branco, c.c. Mariana Carneiro de Mendonça.
N-48 Gertrudes de Abreu Castelo Branco, c.c. o Dr. Francisco Garcia Adjuto.
N-49 Isabel Gertrudes de Abreu Castelo Branco, c.c. Antônio de Campos Cordeiro Valadares.
N-50 Beatriz Gertrudes de Abreu Castelo Branco, c.c. José Luís Álvares da Silva.
N-51 Belchior José de Oliveira Campos, c.c. Antônia Carolina Álvares da Silva.
N-52 Bárbara de Oliveira Campos.
N-53 Inácio de Oliveira Campos.
N-54 Maria de Abreu Castelo Branco, c.c. Francisco Carneiro de Mendonça.
N-55 Joana de Oliveira Campos, c.c. o Cel. Pedro Cordeiro Valadares.
N-56 Joaquina de Oliveira Campos, c.c. Francisco Cordeiro Valadares.

F-7 Ten. Inácio de Oliveira Campos, falecido em Paracatu, onde residia, a 6 de agôsto de 1844. Residiu em suas fazendas "Córrego dos Canudos", "Cotovêlo", "Riachinho" e "Rêgo", onde veio a falecer. O Ten. Inácio nasceu em Pompéu.

Era casado com Bárbara Umbelina de Sá e Castro, natural de Ouro Prêto.

Pais de:

N-47 Antônio de Abreu Castelo Branco, nascido em Paracatu, em 1809, c.c. Mariana Carneiro de Mendonça, nascida em Paracatu, a 7 de fevereiro de 1857 e falecida a 3 de outubro de 1923.

Pais de:

Bn-216 Inácio Carneiro de Abreu Castelo Branco, falecido solteiro
Bn-217 Antônio, falecido solteiro, na Bélgica.
Bn-218 Melchior, c.c. Josefa Carneiro de Mendonça.

Pais de:

Tn-751 Maria Carlinda, c.c. Leopoldo de Faria.
Sem filhos

Tn-752 Amador (Dozinho), c.c. Genésia Siqueira Tôrres.

Pais de:

Qn-1.830 Melchior, c.c. Inês Santos de Abreu.

Pais de:

Pn-1.779 Melchior Nominato
Pn-1.780 Inês Maria
Pn-1.781 José Leonardo
Pn-1.782 Amador Alberto
Pn-1.783 Eliana Maria
Pn-1.784 Elizabete
Pn-1.785 Luís César.

Qn-1.831 Maria, c.c. Zoé Coutinho Soares.

Pais de:

Pn-1.786 Maria Helena, normalista
Pn-1.787 Maurício, estudante.

Qn-1.832 Luís, c.c. Celina Duarte de Abreu.

Pais de:

Pn-1.788 Amador Luís
Pn-1.789 Maria Ângela
Pn-1.790 João Luís
Pn-1.791 Melchior Luís
Pn-1.792 Luís Otávio.

Qn-1.833 Marieta, c.c. Sebastião Ferreira de Assis.

Pais de:

Pn-1.793 Maria Marta
Pn-1.794 Maria da Glória
Pn-1.795 Sebastião
Pn-1.796 Maria José
Pn-1.797 Maria do Carmo
Pn-1.798 Ana Maria
Pn-1.799 José Geraldo
Pn-1.800 Antônio Maria Claret
Pn-1.801 Francisco.

Qn-1.834 Augusta, c.c. Almir Pinheiro Campos.

Pais de:

Pn-1.802 Betânia Maria
Pn-1.803 Benício
Pn-1.804 Betúlia
Pn-1.805 Betsáida.

Qn-1.835 José, c.c. Célia Morais Lima de Abreu.

Pais de:

Pn-1.806 Alcer
Pn-1.807 José Carlos
Pn-1.808 Gustavo
Pn-1.809 Maria Célia.

Tn-753 Laura, c.c. Júlio Carneiro de Mendonça.

Pais de:

Qn-1.836 Maria das Dores

Qn-1.837 Rodolfo
Qn-1.838 Celmira
Qn-1.839 Vitória
Qn-1.840 Antônio
Qn-1.841 Carmem
Qn-1.842 Delna
Qn-1.843 José
Qn-1.844 Melchior.

Tn-754 Soter, c.c. Sara Carneiro de Mendonça.

Pais de:
Qn-1.845 Amador
Qn-1.846 Melchior
Qn-1.847 Leonina
Qn-1.848 Vicente
Qn-1.849 Cláudio, falecido
Qn-1.850 Teresinha, falecida.

Tn-755 Francisco de Paula, (Paulo de Abreu), c.c. Maria Carneiro

Francisco de Paula C. de Abreu e espôsa

de Abreu, falecida, filha de João Carneiro de Abreu e de Josina de Campos Cordeiro.

Pais de:
Qn-1.851 Carmelita
Qn-1.852 João
Qn-1.853 Enólia
Qn-1.854 Melchior
Qn-1.855 Álvaro, falecido
Qn-1.856 Maria
Qn-1.857 Nestor
Qn-1.858 José Joaquim
Qn-1.859 Josefa.

Tn-756 Antônio, c.c. Maria de Campos.

Filhos já descritos

Bn-219 Cícero (Francisco) Carneiro de Abreu, c.c. Ana Margarida Gomes de Magalhães.

Pais de:
Tn-757 Antônia
Tn-758 Enock
Tn-759 Abel
Tn-760 Jonas
Tn-761 Josias
Tn-762 América.

Bn-220 João Carneiro de Abreu, c.c. Josina, filha de Basílio de Campos Cordeiro e de Josina Braga.

Pais de:
Tn-763 Trajano
Tn-764 Basílio
Tn-765 Enólia, c.c. Agenor Torres
Tn-766 Maria
Tn-767 Carmelita
Tn-768 Percília
Tn-769 Etelvina
Tn-770 Joana.

Bn-221 Isabel, c.c. Antônio Oton.

Sem filhos

Bn-222 Mariana, (Tiná), c.c. João Carneiro de Mendonça.

Pais de:
Tn-771 Mariana, (Totinha), solteira.
Tn-772 Francisca, solteira.
Tn-773 Ester, c.c. o Dr. Aristides de Oliveira. Residente em São Paulo.
Tn-774 Melchior, formado em Direito, residente em São Paulo.
Tn-775 Lívia c.c. Antônio Pinheiro, filho de Gabriela Garcia Adjuto e de Augusto Pinheiro.
Qn-1.860 Dr. João Augusto, engenheiro.
Qn-1.861 Arlete.

Bn-223 Ana, c.c. Francisco Garcia Adjuto, filho de Gertrudes de Oliveira Campos e do Dr. Francisco Garcia Adjuto.

Filhos descritos em outro local

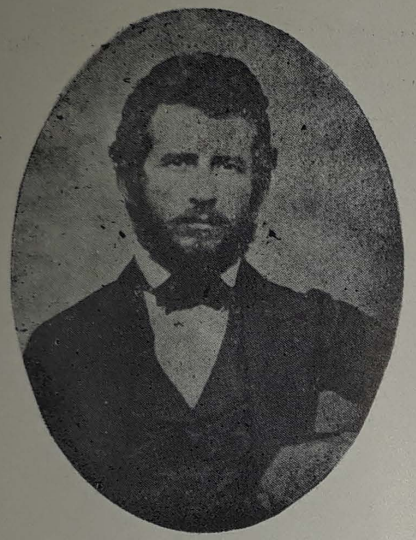
N-48 Gertrudes, nascida em 1812, c.c. o Dr. Francisco Garcia Adjuto.

Pais de:
Bn-224 Francisco Garcia Adjuto, nascido em 1829, c.c. Ana Cornélia de Abreu Castelo Branco, filha de Antônio de Abreu Castelo Branco e de Mariana Carneiro de Mendonça.

Pais de:
Tn-776 Gabriela, c.c. Augusto Pinheiro.

Pais de:
Qn-1.862 Euthália, c.c. o Dr. Arcanjo Guimarães, falecido.

Pais de:
Pn-1.810 Iolanda
Pn-1.811 Dr. Olavo
Pn-1.812 Dr. Augusto, médico
Pn-1.813 Dra. Elza, advogada



Francisco Garcia Adjuto

Pn-1.814 Rute, professôra
Pn-1.815 José, dentista.
Qn-1.863 Francisco, c.c. Julieta Ulhoa.

Pais de:
Pn-1.816 Paulo
Pn-1.817 Oto
Pn-1.818 Múcio, falecido
Pn-1.819 Maria José.

Qn-1.864 Jaquelina, c.c. Artur Pimentel, falecido.
Sem filhos

Qn-1.865 Alderico, falecido, c.c. Blandina Ulhoa.

Pais de:
Pn-1.820 Dr. Augusto Pinheiro Ulhoa, falecido.
Pn-1.821 Maria da Conceição
Pn-1.822 Záila.

Qn-1.866 Zenáide, c.c. o Major Eugênio Cirino Rodrigues, da Polícia Militar. Promovido a Coronel, depois de reformado.
Sem filhos

Qn-1.867 Antônio, c.c. Lívia Carneiro de Mendonça.
Filhos já descritos

Qn-1.868 Del Duque, c.c. Celuta Lima Torres.

Pais de:
Pn-1.823 Vinício

Pn-1.824 José
Pn-1.825 Maria da Conceição
Pn-1.826 Zeni
Pn-1.827 Guido
Pn-1.828 Del Duque, falecido
Pn-1.829 Solano
Pn-1.830 Ermelinda, falecida
Pn-1.831 Francisco.

Qn-1.869 Valdemiro, c.c. Geni de Carvalho.

Pais de:
Pn-1.832 Alderico, falecido
Pn-1.833 Alaíde
Pn-1.834 Muniz
Pn-1.835 Darci
Pn-1.836 Valdemiro
Pn-1.837 Gabriel Augusto
Pn-1.838 Lourdes.

Qn-1.870 Ana, c.c. o Dr. Oscar de Oliveira Lima, ex-Juiz de Direito de Betim.

Pais de:
Pn-1.839 Rubens
Pn-1.840 Isis

Qn-1.871 Júlia, c.c. Santos Roquete.
Sem filhos

Tn-777 Cel. Rodolfo, c.c. Joana Carneiro de Mendonça.

Pais de:
Qn-1.872 Francisco, c.c. Zaíra Adjuto Vitor Rodrigues.
Qn-1.873 Lindolfo, c.c. Angélica Porto.
Qn-1.874 Maria, c.c. Osório Botelho.
Qn-1.875 Augusta, c.c. Raul Botelho.
Qn-1.876 José, c.c. Djalmira Lepesquer. Falecido.

Tn-778 Dr. Alonso Garcia Adjuto. Catedrático de Grego do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, c.c. Carolina Adjuto.

Pais de:
Qn-1.877 Lenita, c.c. o Dr. Mário. ....
Residente no Rio de Janeiro.

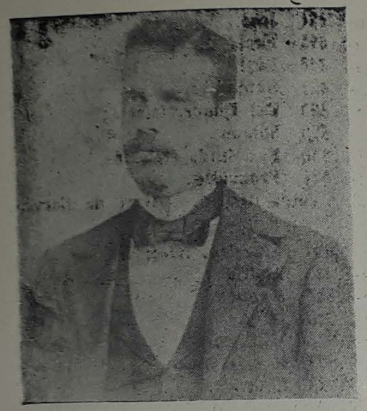
Tn-779 Dr. Antônio, Advogado, Deputado Federal. Fundador do Jornal "Lavoura e Comércio" de Uberaba, onde reside.

Pais de:
Qn-1.878 Dr. Anibal, médico, c.c. Ana Adjuto.
Residente no Rio de Janeiro.

Tn-780 Amélia, residente em São Paulo, c.c. Dr. Josias de Paula Vitor Rodrigues, falecido.

Pais de:
Qn-1.879 Dirceu, professor em São Paulo.
Qn-1.880 Zaíra, c.c. Francisco, filho do Cel. Rodolfo Garcia Adjuto e de Joana Carneiro de Mendonça.
Qn-1.881 Marieta, falecida.

Tn-781 Júlia, c.c. José Veloso.



Dr. Alonso Adjuto

Pais de:

Qn-1.882 Átila, falecido.
Qn-1.883 Ario, falecido.
Qn-1.884 Azária, falecida.
Qn-1.885 Armênia.
Qn-1.886 Anita.

Tn-782 Francisco, c.c. Alexandrina Loureiro.

Pais de:

Qn-1.867 Otávio, falecido
Qn-1.868 José Luís
Qn-1.869 Maria, c.c. o Dr. Frederico de Oliveira Campos, Advogado, Membro da Diretoria da Ordem dos Advogados. Foi Deputado Federal. Ex-Presidente da Caixa Econômica Federal. Residente em Belo Horizonte.

Filhos já descritos .....

Qn-1.870 Odete, c.c. o Dr. Dionísio. .....
Qn-1.871 Maria da Conceição, c.c. Francisco Botelho, falecido. Escritora e Filosofa.
Qn-1.872 Ana, (Nicota).
Qn-1.873 Lídia, (Nenzinha), c.c. Mário do Nascimento Botelho.

Pais de:

Pn-1.841 Celso, c.c. Alda Álvares da Silva Torres.

Pais de:

Sn-490 Rosa Maria
Sn-491 André Luís.

Pn-1.842 Záida, c.c. Oton Pereira
Pn-1.843 Hélio, solteiro
Pn-1.844 Sílvio, c.c. Maria José Pôrto Adjuto

Pn-1.845 Mário, solteiro
Pn-1.846 Job, solteiro.

Qn-1.874 Maria Teresa, (Zizinha), c.c. Jair Dantas, Prefeito e Fazendeiro em Caeté.

Pais de:

Pn-1.847 José Maurício
Pn-1.848 Maria Teresa
Pn-1.849 Maria Lúcia
Pn-1.850 Maria Stella
Pn-1.851 José Márcio
Pn-1.852 José Antônio
Pn-1.853 Maria Zélia
Pn-1.854 Ana Maria
Pn-1.855 Maria Cristina
Pn-1.856 José Dantas
Pn-1.857 Maria Clara
Pn-1.858 Maria Sívia.

Tn-783 Josefina, falecida.

Bn-225 Ten. Inácio Garcia Adjuto, c.c. Florinda Adjuto, nascida em 1835.

Pais de:

Tn-784 Idalina, c.c. Matias de Matos Pinho.

Pais de:

Qn-1.875 Maria
Qn-1.876 Manuel
Qn-1.877 José
Qn-1.878 Altino, ex-Prefeito de Corinto
Qn-1.879 Gentil, falecido. Residiu em Curvelo, onde foi fazendeiro.
Qn-1.880 Inácio
Qn-1.881 Florinda
Qn-1.882 Gertrudes

Tn-785 Gertrudes, c.c. João Farago.

Pais de:

Qn-1.883 Orestina, c.c. Osório de Abreu.

Pais de:

Pn-1.859 João
Pn-1.860 Júlio
Pn-1.861 Afrânio
Pn-1.862 Saint' Clair
Pn-1.863 Líbânia
Pn-1.864 Gertrudes
Pn-1.865 Carmen.

Qn-1.884 João Farago de Abreu, c.c. Dalila de Campos Valadares, filha de Ana Luísa e de João Nepomuceno. Dalila é neta de Basílio de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:

Pn-1.866 Geni.

Qn-1.885 José Farago de Abreu, c.c. Predilina Gonçalves.

Pais de:

Pn-1.867 Maria
Pn-1.868 Valdemiro
Pn-1.869 Antônia.

Qn-1.886 Idalina, (Dalu), residente em Pirapora, c.c. Jonas Carneiro de Abreu.

Pais de:

Pn-1.870 Geraldo
Pn-1.871 Ismar
Pn-1.872 Júlio, falecido
Pn-1.873 Francisco
Pn-1.874 João
Pn-1.875 Alexandre
Pn-1.876 Antônio
Pn-1.877 José
Pn-1.878 Dalva
Pn-1.879 Luísa
Pn-1.880 Maria
Pn-1.881 Maria de Lourdes.

Qn-1.887 Claudimira.

Gertrudes, casada a segunda vez com Felicíssimo Durães.

Pais de:

Qn-1.888 Lindolfo (Duque).
Qn-1.889 Georgina, c.c. Germano Sales Peixoto
Qn-1.890 Antenor.
Qn-1.891 Oscar, já falecido.

N-49 Isabel, nascida em 1814, c.c. Antônio de Campos Cordeiro Valadares nascido em Pompéu, filho do Guarda-Mor Joaquim Cordeiro Valadares e de Antônia de Oliveira Campos.

Filhos descritos em outro local

N-50 Beatriz Gertrudes, nascida em 1815, c.c. o Cel. José Luís Álvares da Silva Campos.

Sem filhos

N-51 Belchior José de Campos, c.c. Antônia Carolina Álvares da Silva, filha do Cel. Jacinto Álvares Ferreira da Silva e de Maria Carolina da Cunha Lara.

Pais de:

Bn-226 Maria Belchiorina, c.c. Felipe Joaquim de Castro Vasconcelos, (Felipe Bahia).

Pais de:

Tn-786 Belchior de Castro Vasconcelos
Tn-787 Felipe Augusto
Tn-788 Bernardo Augusto
Tn-789 Frederico Augusto
Tn-790 Luís Antônio
Tn-791 Antônio
Tn-792 Antônia, c.c. o Dr. Cornélio Evangelista de Queirós

Sem filhos

T-793 Francisco Augusto, c.c. Antônia Elisa, filha de Luís Álvares da Silva e de Elisa Gabriela de Castro Vasconcelos.

Filhos já descritos

Tn-794 Emílio
Tn-795 Cornélio
Tn-796 Maria, c.c. José Fernandes, espanhol, falecido.

Pais de:

Qn-1.892 Paulo
Qn-1.893 Afonso
Qn-1.894 Otávio
Qn-1.895 Felipe
Qn-1.896 Maria
Qn-1.897 Teresa.

Nota: — Antônia Carolina Álvares da Silva, depois de viúva, casou-se com o Dr. Sebastião dos Campos Cordeiro Valadares.

N-52 Bárbara, nascida em 1818.

N-53 Inácio, nascido em 1820.

N-54 Maria, nascida em 1821, c.c. Francisco Carneiro de Mendonça.

Sem filhos

N-55 Joana de Oliveira Campos, nascida em 1822, c.c. o Cel. Pedro Cordeiro Valadares.

Sem filhos

Nota: — Joana foi a primeira mulher do Cel. Pedro Cordeiro Valadares.

N-56 Joaquina de Oliveira Campos, nascida em 1823, c.c. Francisco Cordeiro Valadares, filho do Sargento-mor João Cordeiro Valadares e de Ana Joaquina de Oliveira Campos, da Cana Brava.

Ver adiante os filhos de Francisco Cordeiro Valadares.

RESUMO

F	7
N	56
Bn	226
Tn	796
Qn	1.897
Pn	1.881
Sn	491
Hn	17
Soma:	5.371

Descendentes: 5.371.

DESCENDÊNCIA DE ANA JOAQUINA DE OLIVEIRA CAMPOS E SARGENTO-MOR JOÃO CORDEIRO VALADARES

CAPITULO VIII

FILHOS

N-57 Ten. José Cordeiro Valadares, c.c. Ana Leopoldina.
N-58 Furriel João Cordeiro Valadares, c.c. Ana Maria Moreira de Carvalho.
N-59 Cel. Pedro Cordeiro Valadares, c.c. Joana de Oliveira Campos.
N-60 Maria Eugênia Cordeiro Valadares, c.c. Anselmo Pinto.
N-61 Jorge Cordeiro Valadares, c.c. Maria Madalena da Costa Sampaio.
N-62 Francisco Cordeiro Valadares, c.c. Joaquina de Oliveira Campos.
N-63 Ana Cordeiro Valadares, c.c. Felício Cordeiro.
N-64 Rita Cordeiro Valadares, c.c. Antônio Mendes de Carvalho.
N-65 Sebastião Cordeiro Valadares, c.c. Antônia de Campos Cordeiro.

F-8 Ana Joaquina de Oliveira Campos, c.c. o Sargento-mor João Cordeiro Valadares, da Cana Brava, filho do Capitão José Fernandes de Valadares e de Rita Maria de São José Cordeiro.

Pais de:

N-57 Ten. José Cordeiro Valadares, nascido em 1804, c.c. Ana Leopoldina, da Fazenda do Curral.

Pais de:

Bn-227 José Cordeiro Valadares, c.c. Maria Clara do Espírito Santo, filha de Manuel Ferreira e de Joana Maria de Barros (filha do Ten. Barros).

Pais de:

Tn-797 Deolino Cordeiro Valadares, c.c. Isabel Cornélia de Oliveira, filha de Antônio de Oliveira Campos e de Isabel Cornélia de Oliveira.

Pais de:

Qn-1.898 José Maria
Qn-1.899 Manuel
Qn-1.900 Joaquim
Qn-1.901 Wilson
Qn-1.902 Fidêncio
Qn-1.903 Djalma

Qn-1.904 Alberto
Qn-1.905 Gualter
Qn-1.906 Ceci.

Tn-798 Joaquina Cordeiro Valadares, c.c. Joaquim de Castro Machado, filho de João Joaquim da Cunha Sá e Castro e de Maria Joaquina de Oliveira Machado.

Filhos já descritos

Tn-799 Ana Cordeiro do Espírito Santo, c.c. João Joaquim de Castro Machado, filho de João Joaquim da Cunha Sá e Castro e de Maria Joaquina de Oliveira Machado.

Filhos já descritos

Tn-800 Antônio Cordeiro Valadares (Tonho da Rocinha), c.c. Afra Cornélia de Oliveira, filha de Antônio de Oliveira Campos e de Isabel Cornélia de Oliveira.

Pais de:

Qn-1.907 João Gualberto, c.c. Maria Eufrásia de Oliveira, filha de Francisco Alves de Oliveira e de Juvenita Alves Ferreira.
Qn-1.908 José, c.c. Dorotéia de Oliveira Campos, filha de Cecília Cordeiro Valadares e de Antônio Fernandes de Oliveira Campos.

Pais de:

Pn-1.882 Maria Ingratia
Pn-1.883 Maria das Dores
Pn-1.884 Geraldo
Pn-1.885 Alcina.

Qn-1.909 Orlando, c.c. Iolanda Bernardina, filha de Teófilo Silvino de Oliveira Campos (Gonde) e de Maria Bernardina de Oliveira.

Pais de:

Pn-1.886 Valter
Pn-1.887 Valério.

Qn-1.910 Zeno, c.c. Natividade de Oliveira, filha de João Batista de Oliveira e de Antônia de Oliveira.

Pais de:

Pn-1.888 Irani
Pn-1.889 Moacir
Pn-1.890 Nair
Pn-1.891 Lígia
Pn-1.892 Apolônio
Pn-1.893 Orlando
Pn-1.894 Eli
Pn-1.895 Lenir.

Qn-1.911 Alcina, c.c. Alceu Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

Qn-1.912 Acrísio, solteiro.
Qn-1.913 Lenita, c.c. Francisco Fernandes de Campos.

Sem filhos

Qn-1.914 Nascimento, solteiro.

Tn-801 Alexandre Cordeiro Valadares, c.c. Lucília de Almeida Ma-

chado, filha de Olímpio de Souza Machado e de Tertuliana Maria de Almeida.

Pais de:

Qn-1.915 Cláudio, c.c. Marina, filha de Sérgio Ferreira da Silva e de Ana Joaquina dos Santos.

Qn-1.916 Maria, c.c. José Antônio Soares, filho de Francisco Alves Martins e de Joana Luísa de São José.

Qn-1.917 Olímpio
Qn-1.918 Zaira
Qn-1.919 Ana
Qn-1.920 Alexandre
Qn-1.921 Lucilia
Qn-1.922 Josefina
Qn-1.923 Tertuliana
Qn-1.924 Joaquim
Qn-1.925 Noberto
Qn-1.926 Celma
Qn-1.927 Maria Imaculada.

Tn-802 Cecília, c.c. Antônio Fernandes de Oliveira Campos (Nande).

Pais de:

Qn-1.928 Dorotéia.

Tn-803 Maria, c.c. Salatiel de Oliveira Campos.

Pais de:

Qn-1.929 Claudimira
Qn-1.930 Eni.

Tn-804 Aprígio Cordeiro Valadares, c.c. Maria de Almeida, irmã de Lucília de Almeida.

Pais de:

Qn-1.931 Geralda
Qn-1.932 Ilsa, c.c. Pedro de Menezes.
Qn-1.933 Elsa
Qn-1.934 Célia
Qn-1.935 Zelma
Qn-1.936 Zeni
Qn-1.937 Maria
Qn-1.938 Luci
Qn-1.939 Nelvida
Qn-1.940 José
Qn-1.941 Aprígio
Qn-1.942 João Bosco
Qn-1.943 Odacir
Qn-1.944 Sebastião
Qn-1.945 Edmar.

Bn-228 Lafaiete Cordeiro Valadares, c.c. Teresa, filha de Belchior de Campos Cordeiro (Belchior do Penedo) e de Isabel de Campos Cordeiro.

Pais de:

Tn-805 Feliciano Cordeiro Valadares, c.c. Claudina, filha de Hipólito Cordeiro Valadares e de Rosa Cordeiro Maciel.

Pais de:

Qn-1.946 Geralda
Qn-1.947 Lafaiete
Qn-1.948 José
Qn-1.949 Francisco
Qn-1.950 Feliciano
Qn-1.951 Josafá
Qn-1.952 Francisco de Assis
Qn-1.953 Alderico
Qn-1.954 Donato
Qn-1.955 Luísa
Qn-1.956 Maria José
Qn-1.957 Rosa
Qn-1.958 Francisca
Qn-1.959 Josias.

Feliciano, casado a segunda vez com Dordina, filha de João Crisóstomo Ribeiro e de Joana Maciel.

Pais de:

Qn-1.960 Josefina
Qn-1.961 Maria
Qn-1.962 Sebastiana
Qn-1.963 Ladislau.

Tn-806 Ana Cordeiro Valadares, c.c. Amador Cordeiro Valadares, filho de Luís Felipe Cordeiro Valadares e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-807 Lafaiete Cordeiro Valadares (Pingo), c.c. Maria Rosa de Campos Machado, filha de Antônio de Assis Machado (Tonico da Cachoeira) e de Antônia de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:

Qn-1.964 Wilson
Qn-1.965 Glicéria
Qn-1.966 Maria Rita
Qn-1.967 Antônia
Qn-1.968 Valdir
Qn-1.969 Vesquival
Qn-1.970 Mussolini
Qn-1.971 Maria
Qn-1.972 Rute
Qn-1.973 Velque
Qn-1.974 Joaquina
Qn-1.975 Péres
Qn-1.976 Edelweis.

Tn-808 Rita, c.c. Alvino Cordeiro dos Reis, filho de Belchior Cordeiro Valadares (Belchior Flecha) e de Maria dos Reis, do Taboleiro Grande.

Pais de:

Qn-1.977 Maria
Qn-1.978 Alvino.

Tn-809 Francisca (Sinhá), c.c. Luís Caetano, filho de Francisca de Campos Cordeiro e de Jacinto de Campos Cordeiro Valadares (Jacinto Travessão).

Sem filhos

Tn-810 Luísa, c.c. Joaquim de Oliveira França.

Pais de:

Qn-1.979 Teresa
Qn-1.980 Almeirinda
Qn-1.981 Alcebíades
Qn-1.982 Anaor
Qn-1.983 Margarida
Qn-1.984 Édson
Qn-1.985 Anaúm
Qn-1.986 Arleta
Qn-1.987 Cerenita.

Bn-229 João Cordeiro Valadares, c.c. Joana de Oliveira Campos, filha de Felício de Oliveira Campos e de Ana Cordeiro.

Pais de:

Tn-811 João Cordeiro Valadares, c.c. Luísa, filha de Daniel Cordeiro Valadares e de Luísa de Oliveira Campos.

Pais de:

Qn-1.988 Deodoro.

Tn-812 Pedro Cordeiro Valadares, c.c. Antônia Cândida de Lisboa.

Pais de:

Qn-1.989 Pedro Cordeiro Filho, c.c. Salvina Maria de Jesus.
Qn-1.990 João, c.c. Filomena Clara de Valadares.
Qn-1.991 Aristides, falecido
Qn-1.992 Joaquim
Qn-1.993 Petrina Maria da Conceição, falecida, c.c. Francisco Maria de Souza.
Qn-1.994 José, c.c. Maria da Conceição Campos.
Qn-1.995 Maria Firmina, c.c. Salomão Jorge
Qn-1.996 Inês, c.c. Antônio Batista de Oliveira
Qn-1.997 Alvarina
Qn-1.998 Joana, c.c. João Batista da Rocha.

Bn-230 Belchior Cordeiro (Belchior Flecha), c.c. Maria dos Reis, filha de José dos Reis e de ....

Pais de:

Tn-813 José Cordeiro dos Reis, falecido.
Tn-814 Alvino, c.c. Rita Cordeiro, filha de Lafaiete Cordeiro Valadares e de Teresa de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Alvino, casado a segunda vez com Laura, filha de Luís Felipe Cordeiro Valadares e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

Tn-815 Maria José, c.c. Jerônimo Afonso, filho de Claudina Cordeiro Valadares e de Luís Afonso Silva.
Tn-816 José, falecido solteiro.

Tn-817 Francisca
Tn-818 Regina.

Bn-231 Daniel Cordeiro Valadares, c.c. Luísa América de Campos.

Pais de:

Tn-819 Luísa, c.c. João Cordeiro Valadares, filho de João Cordeiro Valadares e de Joana de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Tn-820 Virgínia, c.c. Luís Chaves (Tucho).

Pais de:

Qn-1.999 Pedro
Qn-2.000 Francina
Qn-2.001 Antônio
Qn-1.202 Luísa.

Tn-821 Amélia, viúva de Diogo Nepomuceno de Campos, irmão de Mestrinho, de Pompéu.

Filhos já descritos

Tn-822 Maria, falecida solteira.

Bn-232 José, falecido solteiro.

Bn-233 Claudina, c.c. Luís Afonso Silva.

Pais de:

Tn-823 João Afonso
Tn-824 Jerônimo Afonso
Tn-825 Virgínia.

Bn-234 Maria, (Tia Quena), c.c. Joaquim Firmino de Barros, filho do Ten. Barros.

Pais de:

Tn-826 Antônio Firmino de Barros.

Bn-235 Ana Leopoldina, (Cota d'Agua Doce), c.c. o Ten. Joaquim de Barros.

Sem filhos

Bn-236 Policena, c.c. Bento Joaquim de Barros, filho, do Ten. Barros, (Filho do primeiro casamento do Ten. Barros).

Sem filhos

Bn-237 Joana, c.c. Antônio Julião Duarte Maciel (Nhô Nico).

Pais de:

Tn-827 Joana, (Pequenina), c.c. João Crisóstomo Ribeiro, filho de Pedro Ribeiro de Camargos e de Maria Firmina dos Santos.

Pais de:

Qn-2.003 José Maria
Qn-2.004 Pedro
Qn-2.005 Miguel
Qn-2.006 João Crisóstomo
Qn-2.007 Antônio
Qn-2.008 Xisto
Qn-2.009 Ulisses
Qn-2.010 Luís
Qn-2.011 Maria
Qn-2.012 Joana

Qn-2.013 Dordina
Qn-2.014 Concéssia.

Tn-828 Antônia Cordeiro Maciel (Tonica da Angola), c.c. Pedro Augusto de Menezes.

Pais de:
Qn-2.015 José Maria
Qn-2.016 Luís Gonzaga
Qn-2.017 Alcina
Qn-2.018 Maria das Dores
Qn-2.019 Maria da Conceição
Qn-2.020 Maria Judite, falecida
Qn-2.021 Maria José
Qn-2.022 Pedro Alexandre
Qn-2.023 João Batista
Qn-2.024 Almir José
Qn-2.025 Antônio Júlio.

Tn-829 Maria Cordeiro Maciel, falecida, c.c. João Silvério de Menezes.

Pais de:
Qn-2.026 Pedro
Qn-2.027 Maria das Dores
Qn-2.028 Joana
Qn-2.029 Sebastiana
Qn-2.030 Maria Geralda

Maria, casada a segunda vez com Levindo Cordeiro Valadares.

Pais de:
Qn-2.031 Antônia Coroaci.

Tn-830 Isaura, c.c. José de Menezes, filho de João de Menezes e de Ana Moreira da Silva.

Pais de:
Qn-2.032 Pedro
Qn-2.033 João
Qn-2.034 José Antônio
Qn-2.035 Messias
Qn-2.036 Orestes
Qn-2.037 Osória
Qn-2.038 Maria.

Tn-831 Ana, c.c. Antônio Maria de Oliveira (Antônio Cachoeira).

Pais de:
Qn-2.039 José
Qn-2.040 Djanira
Qn-2.041 Geralda.

Nota: — Antônio Maria casou-se a segunda vez com Luísa, filha de Luís Felipe, cujos filhos já foram descritos. Não confundir êste Antônio Cachoeira com o Tonico da Cachoeira (Antônio de Assis Machado).

Tn-832 Policena, c.c. Cornélio de Menezes.

Pais de:
Qn-2.042 João Pedro

Qn-2.043 Antônio Jorge
Qn-2.044 Aristides Bernardino
Qn-2.045 Cornélio Faustino
Qn-2.046 Custódio Cornélio
Qn-2.047 Claudimira
Qn-2.048 Benedita
Qn-2.049 Ana Maria
Qn-2.050 Luzia.

Tn-833 Rosa, (Rosa do Hipólito), c.c. Hipólito Cordeiro.

Pais de:
Qn-2.051 Edwiges
Qn-2.052 Virgílio
Qn-2.053 Antônio
Qn-2.054 Secundino, (Dino).
Qn-2.055 Claudina, (Coló).
Qn-2.056 Marieta
Qn-2.057 Julieta
Qn-2.058 Claudimira.

Tn-834 José Firmino Cordeiro Maciel, (Juca da Invejosa), c.c. Matilde Cordeiro Valadares.

Pais de:
Qn-2.059 Felipe, c.c. Maria, filha de José Joaquim Cordeiro Valadares (Zé da Chácara), e de Claudina Cândida de Oliveira Campos.

Pais de:
Pn-1.896 Maria do Carmo.

Qn-2.060 Antônio, c.c. Júlia, filha de Francisco Possidônio de Oliveira Campos e de Claudina Joaquina de Oliveira Campos.
Sem filhos

Qn-2.061 Levindo
Qn-2.062 Procópio
Qn-2.063 Zózimo
Qn-2.064 Jorge
Qn-2.065 Cecília
Qn-2.066 Maria
Qn-2.067 Inês
Qn-2.068 Luísa
Qn-2.069 Madalena

Tn-835 Alexandre Cordeiro Maciel (Alexandre do Brejinho), casado a primeira vez com Joana Dias Maciel, filha de Francisco Álvares da Silva (Chiquinho do Quati) e de Joana Dias Maciel.

Pais de:
Qn-2.070 Joana
Qn-2.071 Adelaide
Qn-2.072 Etelvina
Qn-2.073 Francisca
Qn-2.074 Rosa
Qn-2.075 Francisco
Qn-2.076 Maciel.

Alexandre, casado a segunda vez com Aurora, irmã de Joana.

Pais de:
Qn-2.077 Edgar
Qn-2.078 Carmelinda, falecida
Qn-2.079 Enedina, falecida.

N-58 Furriel João Cordeiro Valadares, nascido em 1805, c.c. Maria Moreira de Carvalho.

Pais de:
Bn-238 Ana, c.c. José Joaquim de Oliveira Machado, do Aterrado, filho de João Joaquim de Oliveira Machado e de Luísa Cordeiro Valadares.

Pais de:
Tn-836 Maria Luísa.
Tn-837 João, (João do Zezé), c.c. Maria de Oliveira Cordeiro, filha de Pedro de Oliveira Machado e de Ricarda Cordeiro Valadares.

Bn-239 Joana, falecida solteira.
Bn-240 Maria, (Cota), c.c. Fortunato Mourthé, filho de João Mourthé, francês, dos Pirineus, que veio para o Brasil com o Dr. Vitor Renault para a construção da Estrada União e Indústria.

Pais de:
Tn-838 Tibúrcio Mourthé, c.c. Georgina Cezarina de Paula.

Pais de:
Qn-2.080 Francisco
Qn-2.081 Maria
Qn-2.082 Alberto
Qn-2.083 Alvino
Qn-2.084 Geralda
Qn-2.085 Helena
Qn-2.086 Raimunda.

Tn-839 Benedito, solteiro.
Bn-241 Joaquina, c.c. Olímpio de Oliveira Campos.
Sem filhos

Bn-242 João Cordeiro Valadares, falecido solteiro.
N-59 Inácio, nascido em 1808.
Descendência desconhecida

N-60 Cel. Pedro Cordeiro Valadares, nascido em 1810 e falecido em 1884, c.c. Joana de Oliveira Campos, filha de Ten. Inácio de Oliveira Campos e de Bárbara Umbelina de Sá e Castro. Joana de Oliveira Campos, nascida em 1822 e falecida em 1866.
Sem filhos

Cel. Pedro Cordeiro Valadares, casado a segunda vez com .....

Pais de:
Bn-243 Maria Cordeiro Valadares, c.c. o Cel. Francisco José Fernandes Pitangui.

Pais de:
Tn-840 Saint Clair Fernandes Valadares, ex-Prefeito de São Romão, c.c. Emília Pereira de Araújo.

Pais de:
Qn-2.087 Aristóteles, c.c. Adalgisa Carneiro, de Januária.

Pais de:
Pn-1.897 Saint Clair
Pn-1.898 Carmem
Pn-1.899 João
Pn-1.900 Honorina.
Pn-1.901 Anésia.

Qn-2.088 Garibaldina, c.c. Oto Carneiro Wagner.

Pais de:
Pn-1.902 Zilda
Pn-1.903 Maria
Pn-1.904 Antônio
Pn-1.905 Maria das Dores.

Qn-2.089 Veridiano, c.c. Eurípedes César.

Pais de:
Pn-1.906 Valdemar
Pn-1.907 Valquiras
Pn-1.908 Violeta
Pn-1.909 Delcídia
Pn-1.910 Maria Vani.
Pn-1.911 João Pessoa
Pn-1.912 Geraldo
Pn-1.913 Veridiano.

Qn-2.090 Antônia
Qn-2.091 Violeta, falecida solteira.
Qn-2.092 Dr. Saint Clair, Engenheiro, ex-Diretor da Rádio Inconfidência de Minas Gerais, c.c. Maria Carmen Estrêla Valadares.

Pais de:
Pn-1.914 Flávio
Pn-1.915 Afrânio
Pn-1.916 Márcio
Pn-1.917 Aída
Pn-1.918 Maria Emília.

Qn-2.093 Francisco, c.c. Maria Carneiro.
Qn-2.094 Israel, falecido solteiro.
Qn-2.095 Félix
Qn-2.096 Pedro
Qn-2.097 Maria, c.c. Henrique de Meireles.
Qn-2.098 José, c.c. Nilza Gomes.
Qn-2.099 Diomedes, c.c. Herculana da Rocha Viana.

Tn-841 Ana Cordeiro Valadares, c.c. Lucas Valadares.

Pais de:
Qn-2.100 Alcina
Qn-2.101 Antônio
Qn-2.102 Randolfo
Qn-2.103 Lídia
Qn-2.104 Clotilde
Qn-2.105 Maria
Qn-2.106 Haidée

Nota: — Residem no Alegre, município de Paracatu.
Tn-842 Garibaldina, c.c. Pedro Versiani, residente em Paracatu.

Pais de:
Qn-2.107 Jovanina Versiani
Qn-2.108 Saint Clair
Qn-2.109 Pedro
Qn-2.110 Israel
Qn-2.111 Julieta.

Nota: — O Cel. Francisco José Fernandes Pitangui, casado a segunda vez com .....

Pais de:
1) João Fernandes Pitangui.
2) José Fernandes Pitangui, c.c. Iolanda Romero, residente em São Francisco.
3) Aurora, c.c. Alcides Carneiro de Carvalho.
4) Francisco Fernandes Pitangui, c.c. Jacinta de Paula, residente em São Romão.
5) Júlia, c.c. Osvaldo Gonçalves de Mendonça.
6) Joana, solteira.
7) Guilhermina, c.c. Pedro Valadares Versiani.
8) Maria.

Bn-244 Pedro Cordeiro Valadares Júnior, c.c. Ana de Faria Cordeiro.
Cel. Pedro Cordeiro Valadares, casado a terceira vez com ....

Pais de:
Bn-245 Ana Fernandes, nascida em 1867.
Bn-246 Prima Fernandes, nascida em 1869, c.c. Antônio Pimentel Barbosa.
Bn-247 Antônio, nascido em 1874.
Bn-248 Teresa, nascida em 1875.

N-61 Maria Eugênia, nascida em 1812, c.c. Anselmo Pinto.

Pais de:
Bn-249 Anselmo Pinto, c.c. Isabel Maria da Conceição.

Pais de:
Tn-843 Pedro Pinto Cordeiro, da Fazenda da Cachoeirinha, c.c. Joana Custódia dos Santos.

Pais de:
Qn-2.112 Ana Pinto Cordeiro
Qn-2.113 Geralda
Qn-2.114 José
Qn-2.115 Maria Custódia dos Santos
Qn-2.116 Maria Pinto Cordeiro
Qn-2.117 Cecília
Qn-2.118 Pedro
Qn-2.119 Hermínia
Qn-2.120 Anselmo.

Bn-250 Antônio Pinto Cordeiro, (Iaião).
Bn-251 Elias Pinto Cordeiro, c.c. Isabel Cordeiro de Sá.

Pais de:
Tn-844 Salvino.

Tn-845 Cândido
Tn-846 Euzébia
Tn-847 Luciano
Tn-848 Guaraciaba
Tn-849 Francisco.

Bn-252 José Pedro, c.c. Francisca Melgaço.

Pais de:
Tn-850 Geraldo
Tn-851 Maria
Tn-852 Francisca
Tn-853 João

Bn-253 Ana, (Sinhá), falecida solteira.

N-62 Jorge Cordeiro Valadares, nascido em 1818, c.c. Maria Madalena da Costa Sampaio, de Curvelo.

Pais de:
Bn-254 Ricarda Cordeiro Valadares, c.c. Pedro de Oliveira Machado (Dico do Aterrado), filho de Belchior Joaquim de Souza Machado (Belchior da Bucaina) e de Joana de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Bn-255 Hipólito Cordeiro Valadares, c.c. Rosa Cordeiro Maciel, filha de Antônio Julião Dias Maciel (Nhô Nico) e de Joana Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

Bn-256 Ricardo Cordeiro Valadares, c.c. Joana Cândida Teixeira, da Vargem Grande.

Pais de:
Tn-854 Maria José
Tn-855 Eduardo
Tn-856 Belisário
Tn-857 Maria Orninta
Tn-858 Almir
Tn-859 Maria da Conceição
Tn-860 José, falecido.

Bn-257 Jorge Cordeiro Valadares, c.c. Antônia Joaquina de Campos, filha de Antônio Joaquim Cordeiro Valadares, da Novilha Brava, e de Claudina de Oliveira Campos.

Pais de:
Tn-861 Francelina
Tn-862 Francina
Tn-863 Vitalina
Tn-864 Maria

Bn-258 Vitor, c.c. Emília, filha de Antônio Joaquim Cordeiro Valadares, da Novilha Brava, e de Claudina de Oliveira Campos.

Pais de:
Tn-865 Hipólito
Tn-866 Inácio
Tn-867 Francina
Tn-868 Alentério
Tn-869 Raimunda

Tn-870 Maria
Tn-871 Petrina.

Vitor, casado a segunda vez com Bernarda, filha de Pedro de Oliveira Machado (Dico do Aterrado) e de Ricarda Cordeiro Valadares.

Pais de:
Tn-872 Raimundo
Tn-873 Sérgio
Tn-874 Elisa
Tn-875 Rosa, falecida
Tn-876 Ricarda
Tn-877 Joana
Tn-878 Celina
Tn-879 Alentério.

Bn-259 Olímpio Cordeiro Valadares, c.c. Antônia Joaquina de Campos, viúva de Jorge Cordeiro Valadares.

Pais de:
Tn-880 Álvaro Joaquim
Tn-881 Alvarina
Tn-882 Rita
Tn-883 Conceição
Tn-884 Amarilis
Tn-885 Etelvina
Tn-886 Sinfrônio
Tn-887 Alice
Tn-888 Adelaide.

Bn-260 Matildes Cordeiro Valadares, c.c. José Firmino Cordeiro Maciel, (Juca da Invejosa), filho de Antônio Julião Dias Maciel e de Joana Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

Bn-261 Matias Cordeiro Valadares, c.c. Joaquina Maria de Campos, filha de Antônio Joaquim Cordeiro Valadares e de Claudina de Oliveira Campos

Pais de:
Tn-889 Júlia Maria de Campos, c.c. Virgílio Cordeiro Maciel.

Matias Cordeiro Valadares, casado a segunda vez com Francelina, filha de Jorge Cordeiro Valadares e de Antônia Joaquina de Campos.

Pais de:
Tn-890 Nacipe
Tn-891 Anibal
Tn-892 Violeta, c.c. Clóvis Cordeiro Valadares
Tn-893 Eduarda
Tn-894 Maria Raimunda
Tn-895 Maria das Dores
Tn-896 Alvarina.

Bn-262 Franklin Cordeiro Valadares, c.c. Francina, filha de Jorge Cordeiro Valadares e de Antônia Joaquina de Campos.

Pais de:
Tn-897 Irineu, falecido, c.c. Francina Ferreira de Menezes.

Sem filhos

Tn-898 Ambrosina, c.c. Alentério, filho de Vitor Cordeiro Valadares e de Emília de Campos Cordeiro.
Tn-899 Antônia, c.c. Feliciano Melgaço de Menezes
Tn-900 Maria, solteira
Tn-901 Agenor, solteiro
Tn-902 Ana, c.c. José Álvares Cordeiro, falecido
Tn-903 Geni, solteira.

Bn-263 Luísa (Sá Quita), c.c. Joaquim Antônio de Oliveira Machado (Nenem do Aterrado), filho de Belchior Joaquim de Souza Machado (Belchior da Bucaina) e de Joana de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

N-63 Francisco Cordeiro Valadares, nascido em 1819, c.c. Joaquina, (Sinhàzinha), filha do Ten. Inácio de Oliveira Campos e de Bárbara Umbelina de Sá e Castro.

Pais de:

Bn-264 Joana, c.c. Francisco Alves de Souza e Silva, filho do Capitão Manuel Alves de Souza e Silva e de Antônia Alves de Souza, de Morada Nova.

Pais de:

Tn-904 Maria, (Dona Sinhá), nascida a 3 de novembro de 1872 e falecida a 9 de agôsto de 1943, em Belo Horizonte, c.c. René Lepesquer, de Paracatu, nascido a 9 de novembro de 1865, filho de Etienne Lepesquer, da Normandie, França, e de Carolina Augusta de Moura Teles, natural do Pôrto, Portugal.

Pais de:
Qn-2.121 Romero de Campos Lepesquer, falecido solteiro.
Qn-2.121 Joanita, solteira.
Qn-2.123 Etienne, c.c. Áurea Botelho, filha de Franklin Botelho e de Cândida Vilela, de Araxá.

Pais de:
Pn-1.919 Maria da Conceição
Pn-1.920 Rogério
Pn-1.921 Renato
Pn-1.922 Maria Lúcia
Pn-1.923 Maria Stella
Pn-1.924 Maria Ângela.

Qn-2.124 Gastão, c.c. Dilénia Vitor Rodrigues, filha do Dr. Gastão Vitor Rodrigues, de Catalão, e de Leonor de Ulhoa, de Paracatu.

Pais de:
Pn-1.925 Romero
Pn-1.926 Sílvio
Pn-1.927 Teresinha

Qn-2.125 Stella
Qn-2.126 Maria
Qn-2.127 Djanira, c.c. José Adjuto, filho do Cel. Rodolfo Garcia Adjuto e de Joana Carneiro de Mendonça.

Pais de:
Pn-1.128 Valderês

Pn-1.929 Carmem
Pn-1.930 Alberto
Pn-1.931 José Valter.

Djanira, casada a segunda vez com Antônio Simplício.

Pais de:
Pn-1.932 Etiene
Pn-1.933 Márcio
Pn-1.934 Levi
Pn-1.935 Teresinha
Pn-1.936 Davi.

Qn-2.128 Djalma, c.c. Diva Ormidas de Oliveira, filha de Nelson Ormidas e de Lucinda Pôrto. de Paracatu.

Sem filhos

Tn-905 Mário Campos, e Silva, c.c. Maria Cambraia de Campos.

Pais de:
Qn-2.129 Francisco, fazendeiro em Oliveira, c.c. Maria da Conceição Pinheiro de Campos.

Pais de:
Pn-1.937 Maria Teresa, falecida
Pn-1.938 Maria Sílvia
Pn-1.939 Alderico
Pn-1.940 Maria Lúcia
Pn-1.941 Álvaro Augusto
Pn-1.942 Mário Lúcio
Pn-1.943 Francisco
Pn-1.944 Marcelo
Pn-1.945 José Maurício
Pn-1.946 Eduardo
Pn-1.947 Regis
Pn-1.948 Fernando.

Qn-2.130 Afos, ex-Prefeito de Oliveira, c.c. Ione de Souza Campos.

Pais de:
Pn-1.949 João Carlos
Pn-1.950 Mário
Pn-1.951 Enock
Pn-1.952 Marilda
Pn-1.953 Marina
Pn-1.954 Celso
Pn-1.955 Evandro
Pn-1.956 Maria Inês.

Qn-2.131 Edméia, c.c. o Dr. Blair Ferreira, médico-cirurgião, residente em Belo Horizonte.

Pais de:
Pn-1.957 Mário Cícero
Pn-1.958 Orlando
Pn-1.959 Maria Laura
Pn-1.960 Maria Pompéia
Pn-1.961 Ana Maria
Pn-1.962 Maria José.

Bn-265 João Cordeiro Valadares e Silva, c.c. Josina Cordeiro, filha de Basílio Cordeiro e de Josina Braga.

Bn-266 Ana Cordeiro Valadares e Silva, c.c. José Nunes, residente em Morada Nova.

Pais de:
Tn-906 Eliseu.

Bn-267 Francisco Cordeiro Valadares e Silva, c.c. Maria Cordeiro, (Cotinha),

Sem filhos

N-64 Ana Cordeiro Valadares, nascida em 1820, c.c. Felício Cordeiro.

Pais de:
Bn-268 Belchior Cordeiro, c.c. Maria Isabel Pinto da Costa.

Pais de:
Tn-907 Maria
Tn-908 Carolina
Tn-909 Francisca
Tn-910 Joana
Tn-911 Paulino
Tn-912 Jerônimo.

Bn-269 Brasilício, c.c. Maria ....

Pais de:
Tn-913 Antônia
Tn-914 Pedro Brasilício, c.c. Joana de Souza Cândido.

Pais de:
Qn-2.132 Julieta, c.c. Joaquim Julião Corgosinho.
Qn-2.133 Amélia
Qn-2.134 Alda, c.c. João Emídio da Costa.

Pais de:
Pn-1.963 José
Pn-1.964 Zilda
Pn-1.965 Pedro
Pn-1.966 João.

Qn-2.135 Clotilde, solteira
Qn-2.136 Rosalina
Qn-2.137 Maria, c.c. Felizardo .....
Qn-2.138 Vicente, solteiro
Qn-2.139 Geraldo, c.c. Geni Maria de Souza.

Pais de:
Pn-1.967 Juraci
Pn-1.968 Artmys.

Tn-915 Cândido
Tn-916 Severo
Tn-917 Maria
Tn-918 Antônio.

Bn-270 Felício, (Felicinho), c.c. Maria Felisbina da Costa, (Pequerrucha).

Pais de:
Tn-919 Joaquim, c.c. Joana de Oliveira Campos.

Pais de:
Qn-2.140 Osório
Qn-2.141 Francino
Qn-2.142 Jerônimo.

Tn-920 Antônio, c.c. Rita Ribeiro dos Santos.

Pais de:
Qn-2.143 Pedro
Qn-2.144 Antônio.

Nota: — Residem no Estado do Paraná.
Tn-921 Boaventura, c.c. Maria Firmina da Rocha.

Pais de:
Qn-2.145 Jose
Qn-2.146 Antônio
Qn-2.147 João
Qn-2.148 Pedro
Qn-2.149 Luis
Qn-2.150 Conceiçãc
Qn-2.151 Virgínia
Qn-2.152 Joana
Qn-2.153 Maria
Qn-2.154 Francina
Qn-2.155 Antônia.
Tn-922 João, solteiro
Tn-923 Maria, falecida solteira.
Bn-271 Antônio Gonçalo, c.c. Felicidade Cândida de Araújo.

Pais de:
Tn-924 Pedro
Tn-925 Maria Francisca
Tn-926 João Batista
Tn-927 Isabel Cândida
Tn-928 Antônio Gonçalo.
Bn-272 Higino
Bn-273 Bernardo
Bn-274 João Felício, c.c. Maria ....

Pais de:
Tn-929 Vital
Tn-930 João
Tn-931 Maria
Tn-932 Antônio.
Bn-275 Joana, c.c. João Cordeiro Valadares, filho de José Cordeiro Valadares e de Ana Leopoldina Cordeiro, da Fazenda do Curral.

Filhos já descritos

Bn-276 João Tomás, c.c. ....

Pais de:
Tn-933 Manuel
Tn-934 Bernardo
Tn-935 José
Tn-936 Maria

Tn-937 Antônia
Tn-938 Odilon.
Bn-277 Aurora, c.c. ....

Pais de:
Tn-939 João
Tn-940 Maria.

N-65 Rita Cordeiro Valadares, nascida em 1822, c.c. Antônio Mendes de Carvalho.

Bn-278 Belchior Mendes Cordeiro, (Belchior Coisa Boa), c.c. Emília de Oliveira Campos, filha de Diogo de Oliveira Campos e de Claudina Gomes Leite.

Filhos já descritos

Bn-279 Ana Mendes Cordeiro, c.c. Lafaiete Ferreira da Silva, filho de João Ferreira da Silva e de Carlota Ferreira Leite.

Pais de:
Tn-941 Tite, c.c. Cícero Ferreira Leite.
Qn-2.156 Carmita
Qn-2.157 Amélia
Qn-2.158 Maria Amélia
Qn-2.159 José, c.c. Irene Campos
Qn-2.160 Adélia
Qn-2.161 Maria Geralda
Qn-2.162 Lafaiete
Qn-2.163 Cirino
Qn-2.164 João
Qn-2.165 Áurea
Qn-2.166 Alice, falecida.
Tn-942 João Mendes Ferreira, c.c. Maria de Menezes.

Pais de:
Qn-2.167 Joaquim
Qn-2.168 José
Qn-2.169 Maria, c.c. Estevão Batista
Qn-2.170 Ana
Qn-2.171 Francisco
Qn-2.172 Raimundo
Tn-943 Rita Mendes Ferreira, c.c. Teodoro Antônio Moreira.

Pais de:
Qn-2.173 José Antônio, c.c. Maria Menezes Moreira.

Pais de:
Pn-1.969 José
Pn-1.970 Edy, normalista
Pn-1.971 Onofre
Pn-1.972 Maria Idalina
Pn-1.973 Geraldo
Pn-1.974 Fernando
Pn-1.975 Jane
Pn-1.976 Antônio
Pn-1.977 Marcos.

Qn-2.174 Ana
Qn-2.175 Maria
Qn-2.176 Geralda
Qn-2.177 Sebastião
Qn-2.178 Antônio
Qn-2.179 Janira
Qn-2.180 Geni.

Tn-944 Joaquina Mendes Ferreira, c.c. Antônio Joaquim dos Santos.

Pais de:

Qn-2.181 Lafaiete, c.c. Maria da Conceição de Souza.

Pais de:

Pn-1.978 Antônio
Pn-1.979 Dora.

Qn-2.182 Joaquim, c.c. Maria José de Almeida, falecida.

Pais de:

Pn-1.980 José Maria
Pn-1.981 Geraldo
Pn-1.982 Antônio Francisco
Pn-1.983 Teresa Aparecida.

Joaquim, casado a segunda vez com Isaura Ferreira da Silva.

Pais de:

Pn-1.984 Maria Telma.

Qn-2.183 Antônio solteiro.
Qn-2.184 Maria Luisa, c.c. Benedito de Campos Barros.

Pais de:

Pn-1.985 Maria
Pn-1.986 Helena
Pn-1.987 José
Pn-1.988 Maura
Pn-1.989 Sebastião
Pn-1.990 Eleuza.

Qn-2.185 Ana, c.c. José Otacílio.

Pais de:

Pn-1.991 Maria Joaquina
Pn-1.992 Paulo
Pn-1.993 Joaquim Antônio
Pn-1.994 Antônio Joaquim
Pn-1.995 José Almir
Pn-1.996 Ilza
Pn-1.997 Vicente.

Qn-2.186 Francisca, solteira.
Qn-2.187 Maria José, c.c. Geraldo José de Menezes.

Pais de:

Pn-1.998 Lúcio.

Qn-2.188 Tite Geralda, c.c. Sebastião Mendes Moreira.
Sem filhos

Qn-2.189 Virginia, c.c. José Casteio Branco, filho de Estanislau Castelo Branco e de Belchiorina Álvares Castelo Branco.

Pais de:

Pn-1.999 Maria Celeste
Pn-2.000 Hortência
Pn-2.001 Estanislau.

Qn-2.190 Raimundo, solteiro
Qn-2.191 Sebastião Pedro, solteiro.

Bn-280 Antônio Mendes Cordeiro, residente em Ibia.
Bn-281 Maria Mendes Cordeiro, c.c. Francisco Timótio, residente em Ibiá.
Bn-282 Joaquina, residente em Ibiá.
Bn-283 Joana, c.c. Lafaiete Ferreira da Silva.

Pais de:

Tn-945 Carlota, c.c. Miguel Ferreira da Silva.

Pais de:

Qn-2.192 Artur Ferreira da Silva.
Qn-2.193 Astolfo Ferreira da Silva.

Tn-946 Maria, c.c. Altino Ferreira da Silva.

Pais de:

Qn-2.194 Antônio Liberato
Qn-2.195 José
Qn-2.196 Maria
Qn-2.197 Ester
Qn-2.198 Geralda
Qn-2.199 Iraci
Qn-2.200 Lafaiete
Qn-2.201 Francisco
Qn-2.202 Geraldo.

N-66 Sebastião Cordeiro Valadares, nascido em 1823, c.c. Antônia, filha de Antônio de Campos Cordeiro Valadares e de Isabel de Oliveira Campos.
Ver filhos adiante.

RESUMO

F	8
N	66
Bn	283
Tn	946
Qn	2.202
Pn	2.001
Sn	491
Hn	17
Soma:	6.014

Descendentes: 6.014

DESCENDÊNCIA DE ANTÔNIA DE OLIVEIRA CAMPOS E GUARDA-MOR JOAQUIM CORDEIRO VALADARES

CAPITULO IX

FILHOS

N-67 Joaquim de Campos Cordeiro Valadares, c.c. Claudina de Oliveira Campos.

N-68 Antônio de Campos Cordeiro Valadares, c.c. Isabel de Oliveira Campos.

N-69 Ana de Campos Cordeiro, c.c. o Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos.

N-70 José de Campos Cordeiro Valadares, c.c. Jacinta de Oliveira Campos.

N-71 Rita de Campos Cordeiro Valadares, c.c. Inácio de Oliveira Campos.

N-72 Dr. Sebastião Cordeiro dos Campos Valadares, casado a primeira vez com Antônia Margarida de Campos Cordeiro Valadares; casado a segunda vez com Antônia Carolina Álvares da Silva.

N-73 Antônio Garcia Cordeiro Valadares, casado a primeira vez com Carolina de Oliveira Campos; casado a segunda vez com Maria Joaquina de Oliveira Machado.

N-74 Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares, casado a primeira vez com Antônia Benedita de Oliveira e Silva; casado a segunda vez com Domitila Cândida de Oliveira e Silva.

N-75 Basílio de Campos Cordeiro Valadares, c.c. Isabel de Campos Cordeiro.

F-9 Antônia de Oliveira Campos, (Dona Antônia do Paulista ou Mãe Gorda), c.c. o Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares, filho do Capitão José Fernandes de Valadares e de Rita Maria de São José Cordeiro. Dona Antônia casou-se em 1804 e faleceu a 1 de abril de 1872, estando sepultada no Cemitério do Pompéu Velho. Residiu na Fazenda do Paulista.

Pais de:

N-67 Joaquim de Campos Cordeiro Valadares, nascido em 1.805, c.c. Claudina de Oliveira Campos, filha do Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos e de Claudina Cândida Lataliza França.

Pais de:

Bn-284 Álvaro de Campos Cordeiro Valadares, (Álvaro do Chôro), nascido a 20 de setembro de 1839 e falecido a 18 de março de 1909, c.c. Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro, filha de Antônio de Campos Cordeiro Valadares, falecido em Paracatu em 1864, e de Isabel de Oliveira Campos, falecida em Paracatu em 1867.

D.ª Antônia de Oliveira Campos

Pais de:

Tn-947 Belisário de Campos Cordeiro, nascido a 6 de abril de 1850, falecido, casado a primeira vez com Luisa Cordeiro Valadares, filha de José Joaquim Cordeiro Valadares e de Maria de Campos Cordeiro Valadares.

Sem filhos

Belisário, casado a segunda vez com Beatriz Valadares, sua sobrinha, filha de José Joaquim Cordeiro Valadares, (Zezé da Porteira), e de Isabel Beatriz de Campos Cordeiro.

Sem filhos

Tn-948 Adelaide Francelina, nascida a 23 de fevereiro de 1852, falecida em Curvelo, c.c. Sebastião de Campos Valadares, (Sebastiãozinho do Melciro), nascido a 25 de setembro de 1852 e falecido a 1 de dezembro de 1937, filho do Dr. Sebastião Cordeiro dos Campos Valadares e de Antônia Margarida de Campos Cordeiro. Adelaide Francelina faleceu a 5 de novembro de 1939.

Pais de:

Qn-2.203 Álvaro de Campos Valadares, (Álvaro do Fundo), c. c. Alvarina de Campos Cordeiro Valadares, filha de José Joaquim Cordeiro Valadares e de Maria de Campos Cordeiro.

Pais de:
Pn-2.002 Aquileu, c.c. Stella Álvares Martins, filha de Joana Martins e de Francisco Álvares.

Pais de:
Sn-492 Álvaro, c.c. Zizita, filha de Maria José e de Geraldo Faria.

Pais de:
Hn-18 Maria do Perpétuo Socorro.
Sn-493 Evandro, solteiro.
Sn-494 Francisca, c.c. Vladimir de Campos Valadares.
Filhos já descritos
Sn-495 Alvarina, (Nininha), c.c. Alberto de Campos Cordeiro.
Filhos já descritos
Sn-496 Artur, c.c. Gilza, filha de Oséas Cordeiro Valadares.
Sn-497 Maria
Sn-498 José, (Zizi)
Sn-499 Aquileu
Sn-500 Eula
Sn-501 Elsa
Sn-502 Neusa
Sn-503 Luzia.

Aquileu, casado a segunda vez com Ana Álvares Martins, irmã de Stella.

Sem filhos

Pn-2.003 Evandro, falecido solteiro.
Pn-2.004 Sebastião, c.c. Maria José, filha de Isabel Jacinta de Abreu e de Domingos Alves Corgozinho.
Filhos já descritos
Pn-2.005 Juvenal, c.c. ....
Pn-2.006 Álvaro, solteiro.
Pn-2.007 Moacir, c.c. Maria, (Maricota).
Pn-2.008 José, solteiro
Pn-2.009 Antônia, solteira
Pn-2.010 Maria, solteira
Pn-2.011 Júlia, solteira
Pn-2.012 Adelaide, c.c. Agenor Cordeiro Maciel.
Filhos descritos em outro local
Pn-2.013 Irineu, solteiro.
Pn-2.014 Beatriz, solteira.

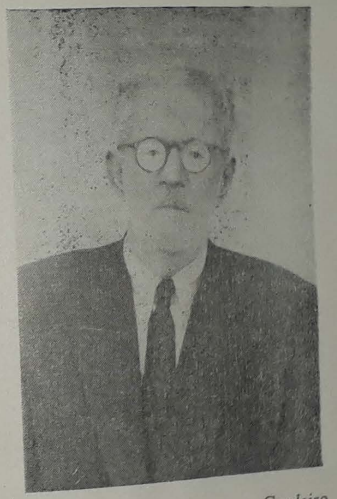
Qn-2.204 Beatriz, c.c. Joaquim Higino de Campos Cordeiro Valadares, filho de Higino de Campos Cordeiro e de Maria Joaquina de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:
Pn-2.015 Adelaide, c.c. José Gabriel, (Casula), filho de Antônio Gabriel (Toniquinho da Bucaina) e de Ilídia de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Pn-2.016 Joaquim Higino, (Quito), próspero fazendeiro no município de Pompéu, c.c. Maria José, (Cota), filha de Antônio Gabriel Filho (Toniquinho da Bucaina) e de Ilídia de Campos Cordeiro.

Pais de:
Sn-504 José
Sn-505 Nazarene
Sn-506 Rubens



Joaquim Higino de Campos Cordeiro

Sn-507 Antônio
Sn-508 Nelita
Sn-509 Célia
Sn-510 Maria
Sn-511 Elza.
Pn-2.017 José, falecido em criança ....
Pn-2.018 Maria, c.c. ....
Sem filhos
Pn-2.019 Arestina, solteira
Pn-2.020 Jair, c.c. Edite, filha de Agenor Cordeiro Maciel e de Adelaide de Campos Cordeiro Valadares.
Filhos descritos em outro local
Pn-2.021 Antônio, c.c. Rosa ....

Pais de:
Sn-512 Beatriz.
Pn-2.022 Sebastião, c.c. Maria, (Maruca), filha de Osório Maciel.

Sem filhos

Pn-2.023 Álvaro, (Caboclo), c.c. Adélia, filha de Roberta de Campos Cordeiro e de Inácio de Oliveira Campos.
Pn-2.024 Otoni, solteiro, fazendeiro no município de Curvelo.

Qn-2.205 Antônia Margarida de Campos Neta, nascida a 31 de janeiro de 1873 e falecida a 19 de setembro de 1943, em Curvelo, c.c. seu tio Virgílio de Campos Cordeiro Valadares, filho de Álvaro de Campos Cordeiro Valadares e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro.

Pais de:
Pn-2.025 Maria José, falecida
Pn-2.026 Alice, solteira
Pn-2.027 Ulisses, c.c. Araci Gabriela de Campos, filha de José Gabriel de Campos Machado e de Belisária Beatriz de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Pn-2.028 José Alcides, c.c. Geni, irmã de Araci Gabriela de Campos.

Filhos já descritos

Pn-2.029 Elvira, falecida
Pn-2.030 Beatriz, solteira
Pn-2.031 Djanira, c.c. José Mascarenhas Dinis, filho de Joaquim Dinis e de Maria Mascarenhas.

Pais de:
Sn-513 Teresinha
Sn-514 Marcos.
Pn-2.032 Oscar, falecido solteiro
Pn-2.033 Dr. Geraldo Castelo Branco Valadares, Médico em Curvelo, c.c. Sílvia Coelho Valadares, filha de Henrique Dias Coelho e de Ernestina Marques Coelho.

Pais de:
Sn-515 Maurício
Sn-516 Mariza.
Qn-2.206 Constantino de Campos Valadares, nascido a 13 de setembro de 1876, solteiro.
Qn-2.297 Constâncio, nascido a 4 de outubro de 1879, falecido solteiro.
Qn-2.208 Júlia Francelina, nascida a 13 de setembro de 1881, c.c. Aprígio de Campos Cordeiro, filho de José Belisário de Campos Cordeiro e de Antônia Margarida de Campos Cordeiro Valadares.

Filhos descritos adiante

Qn-2.209 Salvador, nascido a 28 de dezembro de 1884.
Qn-2.210 Viriato, nascido a 28 de dezembro de 1894, e falecido a 4 de dezembro de 1907.

Tn-949 José Belisário de Campos Cordeiro, nascido a 31 de maio de 1853, na Fazenda "Olhos d'água", foi batizado a 14 de dezembro de 1854, e faleceu em Pitangui a 9 de setembro de 1942. Foi casado com Antônia Margarida de Campos Cordeiro Valadares, nascida a 23 de dezembro de 1854, na Fazenda do Pompéu Velho, falecida a 8 de março de 1923, filha do Dr. Sebastião Cordeiro dos Campos Valadares e de Antônia Margarida de Campos Cordeiro.

Pais de:
Qn-2.211 Emílio de Campos Cordeiro, nascido a 16 de julho de 1876, Fazendeiro em Pompéu, c.c. Alcira de Campos Machado, falecida, filha de Antônio Gabriel de Souza Machado, (Caboclo), e de Antônia de Campos Cordeiro Valadares (esta, filha de Zé do Paulista).

Cel. José Belisário dos Campos Cordeiro
D. Francina, Filha
D. Francina, Neta
D. Maria, Bisneta e seu espôso Antônio Viegas
Maria Aparecida, Tetraneta

Pais de:
Pn-2.034 Dr. Ciro de Campos Cordeiro, Médico, ex-Prefeito de Pompéu, falecido solteiro.
Pn-2.035 Bolivar, (Bola), c.c. Maria José Maciel, falecida, filha de Francisco Severino Dias Maciel e de Cecília Morato.

Filhos já descritos

Pn-2.036 Sebastião, (Tão), próspero fazendeiro em Pompéu, Presidente da Câmara Municipal de Pompéu, c.c. Nadir Ferreira Maciel, filha de Félix Dias Maciel e de Francisca Maciel, da Fazenda "Floresta".

Sem filhos

Pn-2.037 Sílvia de Campos Cordeiro, normalista, ex-Diretora Técnica do Grupo Escolar de Curvelo, Técnica de Ensino do Grupo Flávio dos Santos de Belo Horizonte.
Qn-2.212 Francina de Campos Lopes, nascida a 12 de janeiro de 1877 e falecida a 5 de julho de 1940, c.c. o Dr. Romualdo

Dr. Ciro de Campos Cordeiro

Lopes Cançado, Médico, nascido a 30 de novembro de 1858 e falecido a 19 de junho de 1919, filho de Eduarda Cândida Xavier e de Romualdo Xavier Lopes Cançado. Dona Francina e o Dr. Romualdo se casaram a 10 de maio de 1890 na Fazenda do Pompéu Velho.

Pais de:

Pn-2.038 José Belisário Lopes Cançado, nascido a 4 de abril de 1891, Dentista, Fazendeiro em Martinho Campos, c.c. Inês de Souza, filha do Cel. Pedro Lino de Souza e de Emília Álvares de Souza.

Filhos já descritos

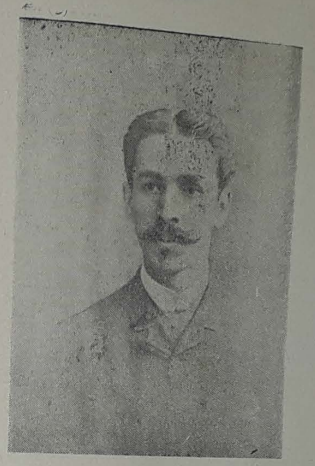
Pn-2.039 Dr. Romualdo Lopes Cançado Filho, Médico, (Dr. Dito), nascido a 16 de dezembro de 1892, residente em Pitangui, casado a primeira vez com Zilda Alves Pinto, filha de José Alves Pinto e de Custódia Lourenço Pinto. Foi Prefeito de Pitangui.

Pais de:

Sn-517 Zilda, c.c. Carlos Dale Mascarenhas.

Pais de:

Hn-19 Carlos Luís
Hn-20 Ângela Maria



Dr. Romualdo Lopes Cançado

Hn-21 Romualdo.
Sn-518 José, c.c. Áurea Dinis.

Pais de:

Hn-22 Franklin.
Sn-519 Romualdo, c.c. Cleonice Rosa Cançado.

Pais de:

Hn-23 Zilda Maria.
Sn-520 Alberto
Sn-521 Maria do Carmo, c.c. José de Oliveira, Dentista.

Pais de:

Hn-24 Romualdo Eustáquio
Hn-25 Elsa Maria
Hn-26 José Henrique
Hn-27 Maria Zilda.

Dr. Romualdo, (Dr. Dito), casado a segunda vez com Carmelita Mascarenhas, filha do Cel. Bernardo Pinto Mascarenhas e de Silvina Guimarães, de Vila Paraopeba.

Pais de:

Sn-522 Bernardo
Sn-523 Maria Helena
Sn-524 Maria de Lourdes, c.c. o Dr. José Carvalho Ramos, médico.

Pais de:
Hn-28 Maria Auxiliadora.
Sn-525 Silvina Maria
Sn-526 Maria Nazaré.

Pn-2.040 Francina Lopes Machado, (Cininha) nascida a 2 de setembro de 1894, ex-Diretora do Grupo Escolar de Pitangui, residente em Belo Horizonte, c.c. Teófilo Alves Machado, falecido, filho de Antônio Alves Machado e de Cândida Alves Machado.

Pais de:
Sn-527 Maria do Carmo, c.c. Antônio Viegas.

Pais de:
Hn-29 Maria Aparecida
Hn-30 Maria Auxiliadora
Hn-31 José Romeu
Hn-32 José Antônio
Hn-33 Maria Angélica.
Sn-528 José Romualdo, c.c. Antonieta Caetano Machado.

Pais de:
Hn-34 Ivan
Hn-35 Márcia Maria.
Sn-529 José Antônio
Sn-530 José Tarcilo, c.c. Petrônia Dias Machado.

Pais de:
Hn-36 Maria Letícia
Hn-37 Eloísa.
Sn-531 Maria Ilza
Sn-532 Dr. José Raimundo, Médico, Assistente da Cadeira de Fisiologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, c.c. Maria Auxiliadora Campos Araújo, filha de Maria José de Campos Araújo e de Antônio Pereira de Araújo. Pais de:
João Bosco.

Pn-2.041 Aurora, nascida a 15 de junho de 1896, falecida em criança.

Pn-2.042 Joaquim, nascido a 22 de setembro de 1897, falecido a 10 de maio de 1900.

Pn-2.043 Carmelita, nascida a 14 de julho de 1898, falecida em 10 de maio de 1900.

Pn-2.044 Lígia, c.c. Eurico Mendes, Cirurgião Dentista, residente em Belo Horizonte, filho de Bernardino Mendes e de Josefina Rios. Lígia nascida em Miraí, a 10 de abril de 1900.

Pais de:
Sn-533 José Romualdo, Advogado, c.c. Maria Inês Duarte.

Pais de:
Hn-38 José Romualdo.
Sn-534 Cleide, falecida em criança.
Sn-535 Raimunda Iris, c.c. Hélio de Lima Castro.

Pais de:
Hn-39 Lígia Maria
Hn-40 Maria Regina
Hn-41 Fernando Antônio
Hn-42 Maria Teresa.
Sn-536 Maria Eloísa, c.c. o Dr. Márcio de Castro.

Pais de:
Hn-43 Márcia.
Sn-537 Mauro, Cirurgião Dentista, c.c. Marta Guimarães.

Pais de:
Hn-44 Juliana.
Sn-538 Maria Lígia, falecida.

Pn-2.045 Djanira, nascida a 18 de dezembro de 1901, c.c. José Augusto Bahia Mascarenhas, falecido, filho de Virgínia Mascarenhas e de Américo Bahia da Rocha. Residente em Belo Horizonte.

Pais de:
Sn-539 Telma, c.c. o Dr. Marcelo Guimarães filho do Dr. Cristiano Guimarães e de Alda Magalhães.
Sn-540 Celda
Sn-541 Maria Luisa, c.c. Bernardino Vaz de Melo, Cirurgião Dentista.
Sn-542 José Romualdo
Sn-543 José Américo
Sn-544 Teresinha
Sn-545 Roberto Múcio
Sn-546 Francina Helena
Sn-547 Júlio César
Sn-548 Luís Carlos
Sn-549 Virgínia.

Pn-2.046 Mônica, nascida a 6 de setembro de 1904, c.c. o Dr. Silviano de Azevedo, Engenheiro, residente em Belo Horizonte, filho de Vasco de Azevedo e de Aurora Xavier de Azevedo.

Pais de:
Sn-550 Aurora, falecida
Sn-551 Vasco, falecido
Sn-552 Léa, c.c. Jorge Washington Lopes Cançado.

Pais de:
Hn-45 Léa Maria.
Sn-553 Maria de Lourdes
Sn-554 Silviano
Sn-555 José, falecido
Sn-556 Francina, c.c. o Dr. Guilherme Campos Guimarães.

Filhos já descritos

Sn-557 Augusto
Sn-558 José Lúcio, falecido
Sn-559 José Bernardes, falecido

Sn-560 Mônica.

Pn-2.047 Garcia Moreno, nascido a 1.º de dezembro de 1906, c.c. Geralda Camilo, filha de Inácio Camilo dos Santos e de Maria Mendes dos Santos.

Pais de:
Sn-561 Antônio Lúcio
Sn-562 Edgard
Sn-563 Raimundo
Sn-564 Maria de Lourdes
Sn-565 Fernando.

Pn-2.048 Júlio Maria, nascido a 28 de julho de 1908, c.c. Geni Rachid, filha de Nacipe Rachid e de Maria das Dores Rachid.

Pais de:
Sn-566 Enver
Sn-567 Vilma
Sn-568 Francina
Sn-569 Romualdo
Sn-570 José Raimundo
Sn-571 Fernando, falecido.

Pn-2.049 Geraldo, nascido a 23 de março de 1910, c.c. Ernestina Filizola, filha de Brás Filizola e de Maria Carolina Dias.

Pais de:
Sn-572 Maria Francina
Sn-573 Maria Carolina.

Pn-2.050 Maria das Dores, (Vivi), nascida a 6 de abril de 1911, residente em Belo Horizonte, c.c. o Dr. Eduardo Bourdot, Engenheiro, natural de Juiz de Fora, nascido a 5 de maio de 1893 e falecido a 30 de outubro de 1934, filho de José Cassiano Dutra e de Claudina Bourdot.

Pais de:
Sn-574 Dilma
Sn-575 Clélia
Sn-576 Eduardo.

Pn-2.051 Rosa, nascida a 4 de setembro de 1912, c.c. Pacífico Pinto Fiusa, filho de Cândido Pinto Fiusa e de Francisca Delfina dos Santos.

Pais de:
Sn-577 Pacífico, falecido
Sn-578 Teresinha
Sn-579 Romualdo Cândido
Sn-580 Francina Delfina
Sn-581 Ari
Sn-582 Raimundo
Sn-583 Geraldo
Sn-584 Eduardo

Pn-2.052 Raimundo, nascido a 24 de fevereiro de 1914 e falecido a 1.º de fevereiro de 1915.

Pn-2.053 Maria de Lourdes, nascida a 5 de agôsto de 1915, residente em Belo Horizonte, c.c. Mário Luís Monteiro, filho de Maurício Potier Monteiro e de Maria ....

Pais de:
Sn-585 Francina Maria
Sn-586 Maria Herminia
Sn-587 Marília
Sn-588 Maurício
Sn-589 Maria Aparecida
Sn-590 Mário Luís.

Qn-2.213 Aprígio de Campos Cordeiro, nascido a 22 de setembro de 1878, fazendeiro em Pompéu, c.c. Júlia Francelina de Campos Valadares, nascida a 13 de setembro de 1881, em Curvelo, onde faleceu a 31 de agôsto de 1922, filha de Sebastião de Campos Cordeiro Valadares, (Sebastiãozinho do Meleiro), e de Adelaide Francelina de Campos Cordeiro.

Pais de:
Pn-2.054 Antônia Júlia, normalista, professôra em Pompéu, c.c. Miguel Álvares Cordeiro, falecido, filho de Antônio Augusto Álvares da Silva. (Sinhô do Quati), e de Cecília de Campos Cordeiro.

Sem filhos

Pn-2.055 Irene, normalista, professôra em Pompéu, c.c. José Mendes Ferreira, filho de Ciro Ferreira Leite e de Tite Mendes Cordeiro.

Ver Rita Cordeiro

Pn-2.056 Clóvis, c.c. Violeta de Campos Cordeiro, filha de Matias Cordeiro Valadares e de Francelina de Campos Cordeiro.

Pais de:
Sn-591 Celice
Sn-592 Odilon.

Pn-2.057 Sertório, solteiro.

Pn-2.058 Dr. Geraldo Cordeiro Valadares, Juiz de Direito de Cambuquira, ex-Juiz de Direito de Espinosa e de Frutal, c.c. Guilhermina Chagas. Filho: José Geraldo.

Qn-2.214 Sebastião Augusto de Campos Cordeiro, nascido a 15 de março de 1881 e falecido a 17 de maio de 1941, Fazendeiro em Pompéu, casado a primeira vez com Conceição Cordeiro Maciel, nascida em Papagaio a 28 de novembro de 1889 e falecida a 9 de fevereiro de 1918, filha de Alexandre Cordeiro Maciel e de Benedita Beatriz de Campos Cordeiro.

Pais de:
Pn-2.059 Carmen, nascida em Papagaio a 4 de julho de 1907, normalista, c.c. o Dr. Coriolano Pinto Ribeiro, Juiz Municipal, ex-Diretor do Liceu Mineiro de Curvelo, ex-Professor de Latim do Ginásio Antônio Vieira de Formiga, ex-Professor de Ciências Naturais da Escola Normal Oficial de Formiga, ex-Professor de Grego no Seminário de Mariana, Juiz Mu-

Sebastião Campos Cordeiro

nicipal da cidade de Inhapim de 1946 a 1949. Nomeado Juiz de Direito das Comarcas Brasília, Carlos Chagas e Tarumirim, recusou os cargos. Nomeado Professor de Latim da Escola Normal de Ouro Prêto, igualmente não aceitou o cargo. Fêz o curso de humanidades do Colégio do Caraça e concluiu o curso de Filosofia em Mariana. Professor de Português da Escola Normal Regional Sandoval de Azevedo. Autor de Dona Joaquina do Pompéu, obra genealógica e histórica a que se dedicou desde o ano de 1933. É sócio do Instituto Genealógico Brasileiro e da Associação dos Magistrados Brasileiros. Nascido em Pitangui a 19 de abril de 1900. Filho do Dr. Miguel Pinto Ribeiro e de D. Possidônia Ribeiro.

Pais de:

Sn-593 Deusdedit, nascido a 4 de dezembro de 1931, Estudante de medicina.
Sn-594 Maria da Conceição, normalista.
Sn-595 Maria de Lourdes, normalista.
Sn-596 José, falecido em criança.
Sn-597 Maria Maura, estudante.
Sn-598 Teresinha, estudante.

Pn-2.060 Celuta, solteira.

Dr. Coriolano Pinto Ribeiro e família

Pn-2.061 Maria José, nascida a 17 de abril de 1910, c.c. Antônio Pereira Araújo, comerciante em Belo Horizonte, filho de Manuel Pereira Araújo e de Altina Atelina Teixeira.

Pais de:

Sn-599 Maria Auxiliadora, normalista, c.c. o Dr. José Raimundo Machado.

Filhos já descritos

Sn-600 Maria da Conceição, normalista.
Sn-601 Teresinha, normalista.
Sn-602 Tarciso, falecido.

Pn-2.062 José Cordeiro Maciel, c.c. Zaíra, filha de Olímpio Machado e de Tertuliana Maria de Almeida. Residente em Unaí.

Pais de:

Sn-603 Maria da Conceição
Sn-604 Cláudio
Sn-605 Cléia.

Pn-2.063 Juraci, falecida em criança.

Sebastião Augusto de Campos Cordeiro, casado a segunda vez com Maria Álvares da Silva, filha de Antônio Álvares da Silva, (Sinhô do Quati), e de Cecília de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Qn-2.215 José Belisário de Campos Cordeiro Filho, nascido a 5 de julho de 1883, falecido em Curvelo, c.c. Adelaide de Campos Valadares, filha de Sebastião de Campos Cordeiro Valadares e de Adelaide de Campos Cordeiro.

Pais de:

Pn-2.064 Sebastião de Campos Valadares, (Tãozinho), Prefeito de Felixlândia, Fazendeiro, c.c. Maria Gonçalves Pereira, filha de José Gonçalves Pereira e de Raimunda Fonseca Leal.

Pais de:

Sn-606 Maria de Lourdes
Sn-607 Rosá
Sn-608 José Belisário
Sn-609 Dalva.

Pn-2.065 Moacir
Pn-2.066 Belisário
Pn-2.067 Nezita
Pn-2.068 Celina
Pn-2.069 Euclides
Pn-2.070 Ernesto, falecido
Pn-2.071 Cira, normalista
Pn-2.072 Maria Helena, falecida
Pn-2.073 Diva, falecida.

Qn-2.216 Beatriz de Campos Cordeiro, (Beata), falecida solteira em Belo Horizonte.

Tn-950 Américo de Campos Cordeiro ~~Valadares~~, nascido a 4 de abril de 1857, falecido a 5 de agôsto de 1927, c.c. Ana Margarida de Campos Cordeiro Valadares, filha do Dr. Sebastião Cordeiro dos Campos Valadares e de Antônia Margarida de Campos Cordeiro.

Sem filhos

Tn-951 Beatriz, nascida a 15 de setembro de 1859, c.c. Luís Felipe, nascido em 1851, filho de Sebastião Cordeiro Valadares e de Antônia de Campos Cordeiro, de Paracatu.

Pais de:

Qn-2.217 Amador, c.c. Ana de Campos Cordeiro, filha de Lafaiete Cordeiro Valadares e de Teresa de Campos Cordeiro.

Dr Coriolano Pinto Ribeiro e sua espôsa

Antônio Pereira Araújo e família

Pais de:
Pn-2.074 João, falecido
Pn-2.075 José, falecido
Pn-2.076 Gervásio, falecido
Pn-2.077 Júlia
Pn-2.078 Roberta
Pn-2.079 Rita

Américo de Campos Cordeiro

Pn-2.080 Maria Beatriz
Pn-2.081 Teresa
Pn-2.082 Amador
Pn-2.083 Lafaiete
Pn-2.084 Geraldo Florestino.

Qn-2.218 Levindo, c.c. Maria Cordeiro, viúva de João Silvério de Menezes.

Filhos já descritos
Qn-2.219 Júlia, falecida solteira.
Qn-2.220 Antônia, falecida solteira.
Qn-2.221 Etelvina, c.c. Teófilo Estevão Filho.

Pais de:
Pn-2.085 Teócrito
Pn-2.076 Beatriz
Pn-2.087 Luís Felipe
Pn-2.088 Benedito
Pn-2.089 José
Pn-2.090 Maria
Pn-2.091 Wilson
Pn-2.092 Adélia
Pn-2.093 Eufrasina.

Qn-2.222 Luísa, c.c. Antônio Maria de Oliveira, (Antônio da Cachoeira).

Pais de:
Pn-2.094 Luís Felipe.

Qn-2.223 Aurora, falecida solteira.
Qn-2.224 Laura, c.c. Alvino Cordeiro dos Reis, filho de Belchior Cordeiro Valadares, (Belchior Flecha), e de Maria dos Reis.

Pais de:
Pn-2.095 Oacir
Pn-2.096 Abias
Pn-2.097 Maria
Pn-2.098 José Júlio
Pn-2.099 Gonçalo
Pn-2.100 Luís Conzaga
Pn-2.101 Álvaro
Pn-2.102 Duninho
Pn-2.103 Belchior
Pn-2.104 Maria de Lourdes
Pn-2.105 Antônia
Pn-2.106 Américo.

Qn-2.225 Antônio, falecido.
Tn-952 Francelina Gertrudes, nascida a 24 de janeiro de 1861, c.c. Álvaro Joaquim de Campos, (Álvaro Novato), filho de Antônio Joaquim Cordeiro Valadares e de Claudina de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Tn-953 Isabel Beatriz, nascida a 14 de março de 1863 e falecida a 18 de dezembro de 1918, c.c. José Joaquim Cordeiro Valadares, (Zezé Valadares ou Zezé da Porteira), nascido a 22 de dezembro de 1857 e falecido a 16 de maio de 1933, ex-Diretor do Grupo Escolar de Pitangui, filho de Joaquim Antônio de Campos Cordeiro e de Joaquina de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:
Qn-2.226 Beatriz, casada a primeira vez com seu tio Belisário Joaquim de Campos Cordeiro.

Sem filhos

Beatriz, casada a segunda vez com Ronan Gabriel de Campos Machado, filho de José Gabriel de Campos Machado e de Belisária Beatriz de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

José Joaquim Cordeiro Valadares

D. Isabel de Campos Cordeiro

Qn-2.227 Zulmira, falecida solteira.
Qn-2.228 Marieta, solteira, residente em Belo Horizonte.
Qn-2.229 Cincinato, falecido solteiro.
Qn-2.230 Etelvina, nascida a 7 de abril de 1899, c.c. João Evangelista da Silveira, filho de Maria Cristina Pereira e de Antônio Inácio da Silveira. Etelvina é Professôra em Pitangui.

Sem filhos

Tn-954 Cecília de Campos Cordeiro, nascida a 1 de fevereiro de 1865, c.c. Antônio Augusto Alvares da Silva, (Sinhô do Quati), filho de Antônio Maria Alvares da Silva, (Nenzinho do Quati), e de Isabel Joaquina de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Tn-955 Antônia Benedita, nascida a 13 de agôsto de 1866 e falecida a 29 de abril de 1895, c.c. José Joaquim Cordeiro Valadares, (Zezé da Porteira). (Primeiro casamento de Zezé da Porteira).

Pais de:

Qn-2.231 Maria Beatriz, solteira.

Tn-956 Virgílio de Campos Cordeiro Valadares, nascido a 26 de junho

de 1868, c.c. sua sobrinha Antônia Margarida de Campos Neta, falecida, filha de Adelaide Francelina de Campos Cordeiro e de Sebastião de Campos Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

Tn-957 Benedita Beatriz de Campos Cordeiro, residente em Papagaio,

Virgílio de Campos Cordeiro e Família

nascida a 28 de junho de 1870, c.c. Alexandre Cordeiro Maciel, falecido, filho de Virgínia Duarte Maciel e de Joaquim Antônio de Campos Cordeiro.

Pais de:

Qn-2.232 Agenor, c.c. Adelaide de Campos Valadares, filha de Álvaro de Campos Cordeiro Valadares, (Álvaro do Fundo), e de Alvarina de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:

Pn-2.107 Edite, c.c. Jair Cordeiro Valadares filho de Joaquim Higino de Campos Cordeiro e de Beatriz de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:

Sn-610 Maria da Glória, estudante
Sn-611 Beatriz Maria, estudante
Sn-612 Adelaide.

Pn-2.108 Wladimir, c.c. Francisca, filha de Aquileu de Campos Valadares e de Stella Martins.

Pais de:

Sn-613 Meibel
Sn-614 Neider
Sn-615 Maria Edite
Sn-615-a Teodoro
Sn-616 Marlene.

Qn-2.233 Conceição, c.c. Sebastião Augusto de Campos Cordeiro, filho de José Belisário de Campos Cordeiro e de Antônia Margarida de Campos Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

Qn-2.234 Portílho Cordeiro Maciel, residente em Papagaio, c. c. Stella Capanema, falecida, filha de Manuel Guilherme Capanema e de Minervina Ferreira de Carvalho.

Pais de:

Pn-2.109 Bendita, falecida.
Pn-2.110 Carmelo, estudante.

Qn-2.235 José Joaquim Cordeiro Maciel, residente em Papagaio, c.c. Gabriela dos Santos Ribeiro, filha de Sebastião Domingos dos Santos Ribeiro e de Gabriela dos Santos Ribeiro.

Pais de:

Pn-2.111 Áureo, bancário em Papagaio.

Qn-2.236 Anália, falecida solteira.

Qn-2.237 Maria Cordeiro Lima, falecida em Itaúna, c.c. Alberto Cerqueira Lima, português, filho de Antônio Cerqueira Lima e de Maria Júlia Cerqueira.

Pais de:

Pn-2.112 Altamiro
Pn-2.113 Alberto
Pn-2.114 João
Pn-2.115 Alice
Pn-2.116 Flora
Pn-2.117 Lizânias
Pn-2.118 Luzia
Pn-2.119 Iris
Pn-2.120 Maria.

Qn-2.238 Alexandre Cordeiro Maciel, solteiro.

Tn-958 Belisária, nascida a 26 de maio de 1872, c.c. José Gabriel de Campos Machado, filho de Antônio Gabriel de Souza Machado e de Antônia de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-959 Maria Augusta de Campos Cordeiro, nascida a 1 de agôsto de 1877, c.c. Altino Gabriel de Campos Machado irmão de José Gabriel de Campos Machado.

Filhos já descritos

Bn-285 Capitão José Joaquim de Campos Cordeiro Valadares, (Zé do Paulista), nascido em 1830 e falecido em 1914, c.c. Maria de Campos

Cordeiro Valadares, sua tia, filha do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares e de Antônia de Oliveira Campos.

Pais de:

Tn-960 Antônia de Campos Cordeiro, c.c. Antônio Gabriel de Souza Machado, (Caboclo), filho de João Joaquim de Souza Machado, (João Nenem), e de Antônia Ferreira Machado.

Filhos já descritos

Tn-961 Joaquim Maria, casado com Adelaide Álvares da Silva, filha de Antônio Maria Álvares da Silva, (Nenzinho do Quati) e de Isabel Joaquina Álvares da Silva.

Sem filhos

D. Adelaide Álvares da Silva e Joaquim Maria

Tn-962 Dr. José Maria, nascido a 11 de maio de 1854 e falecido a 24 de julho de 1924. Era formado em Direito. Faleceu solteiro.

Tn-963 Francelina Maria, c.c. Joaquim Ferreira Vaz,

Pais de:

Qn-2.239 Manuel Deodoro, c.c. D. Francisca Franco, com os seguintes filhos:

Amélia
Joaquim

Anésia
Geralda
Adélia
Adélio
José
Maria
Aurora.

Qn-2.240 Joaquim Domóstenes, c.c. D. Maria de Araújo, com os seguintes filhos:

Luciana, José, Lázaro, Madalena
Conceição, Auristela, Terezinha
Lindalva, Sebastião, Humberto e Joaquim Demóstenes.

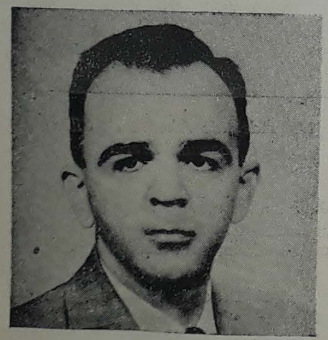
Qn-2.241 José Joaquim (f.), c.c. D. Tiburtina Ferreira de Souza, com os seguintes filhos:

Walter
Wolmey
José
Iraci
Jair
Maria de Lourdes

Qn-2.242 Guiomar, c.c. Oscar da Silva Prado, com os seguintes filhos:

Joaquim
José (f.)
Ordália
Jacó

Dr. Olendino Ferreira Prado, médico especialista: cirurgia-plástica, com curso de seis anos nos Estados Unidos residente em Belo Horizonte.



Dr. Olendino Ferreira Prado

Madelena
Elza
Iris.
José Vicente (irmão Marista).
Odilon (f).

Qn-2.243 Alzira, c.c. João Alves Franco, com os seguintes filhos:

Madalena
Amélia
Francelina
Osvaldina
Zélia
Célia
Maria Luísa
Paulo
José.

Qn-2.244 Izaira, c.c. Sebastião Leopoldino de Souza, residente em Belo Horizonte.

Pais de:

Pn-2.121 Maria de Lourdes
Pn-2.122 Nilza
Pn-2.123 Maria Elzita
Pn-2.124 Irineu (Padre)
Pn-2.125 Laércio
Pn-2.126 Sebastião
Pn-2.127 Maria Mirtes
Pn-2.128 João Bosco (f)
Pn-2.129 José (f.)

Qn-2.246 Maria, falecida.

Tn-963 Ricardina Maria, c.c. Inácio de Campos Cordeiro, filho de Inácio de Oliveira Campos e de Rita Gertrudes de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-964 Luisa Maria, c.c. Belisário Joaquim de Campos Cordeiro, filho de Álvaro de Campos Cordeiro Valadares, (Álvaro do Chôro), e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-965 Alvarina, c.c. Álvaro de Campos Cordeiro Valadares, (Álvaro do Fundo), filho de Sebastião de Campos Cordeiro Valadares, (Sebastiãozinho do Meleiro), e de Adelaide de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-966 Maria Francelina, c.c. Joaquim Cordeiro Valadares, (Cordeiro das Lages), filho de Joaquim Antônio de Campos e de Joaquina de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:

Qn-2.247 Maria José de Campos Cordeiro, c.c. Isídro Cordeiro Maciel, falecido, filho de Joaquim Antônio de Campos Cordeiro e de Virgínia Generosa Duarte Maciel.

Pais de:

Pn-2.131 José Otacílio
Pn-2.132 Edson José

Joaquim Cordeiro Valadares
Neto (Cordeiro das Lages)

Pn-2.133 Joaquim Antônio
Pn-2.134 Maria José
Pn-2.135 Ana
Pn-2.136 Odenila, falecida
Pn-2.137 Arleta, falecida.

Qn-2.248 Dario Cordeiro Valadares, c.c. Augusta Cordeiro Maciel, filha de Joaquim Antônio de Campos Cordeiro e de Virgínia Generosa Duarte Maciel.

Sem filhos

Qn-2.249 Protásio, falecido c.c. Ana, filha de Miguel Ribeiro da Silva e de Maria José de Abreu.

Sem filhos

Qn-2.250 Alonso, c.c. Maria do Carmo Valadares de Vasconcelos, filha de Aprígio Gabriel de Castro Vasconcelos e de Emília Valadares.

Filhos já descritos

Qn-2.251 Sizenando Cordeiro Valadares, c.c. Elvira Guimarães Valadares, filha do Ten. Emílio Guimarães Valadares e de Maria Amélia Ferreira Guimarães.

Sem filhos

Qn-2.252 José Hermílio Cordeiro Valadares, c.c. Maria Guimarães Chagas, professôra, filha de Dr. João Justiniano das Chagas e de Mariana Guimarães.

Sem filhos

Qn-2.253 Berta, nascida a 19 de abril de 1888 e falecida a 21 de outubro de 1907, c.c. Mário Higino de Campos Valadares, filho de Maria Joaquina de Campos Cordeiro Valadares e de Higino de Campos Cordeiro.

Sem filhos

Qn-2.254 Deodoro Cordeiro Valadares, c.c. Violeta de Campos Cordeiro, filha de José Gabriel de Campos Machado e de Belisária de Campos Cordeiro.

Sem filhos

Qn-2.255 Joaquina Cordeiro Valadares, c.c. Henrique, filho de José Diogo de Oliveira Campos e de Maria Bernardina de Campos.

Filhos já descritos

Qn-2.256 Sila Cordeiro Valadares, solteiro.
Qn-2.257 Ilca, solteira.

Qn-2.258 Joaquim Nicéas, casado a primeira vez com Orminda Castelo Branco, filha de Estanislau Castelo Branco e de Belchiorina Álvares da Silva.

Pais de:

Pn-2.138 Hélio
Pn-2.139 José
Pn-2.140 Raimundo
Pn-2.141 Nicéas
Pn-2.142 Estanislau
Pn-2.143 Maria Francelina, falecida
Pn-2.144 Nelida.

Joaquim Nicéas, casado a segunda vez com Rosa Corgosinho, filha de Domiciano Corgosinho e de Isabel de Abreu e Silva.

Filhos já descritos

Qn-2.259 Oséas, c.c. Cecília Honorata de Campos, filha de José Diogo de Oliveira Campos e de Maria Bernardina de Campos.

Filhos ja descritos

Qn-2.260 Gilberto Cordeiro Valadares, c.c. Isabel Alvares Valadares, filha do Capitão Olímpio Cordeiro Valadares e de Joana Evangelista de Oliveira.

Filhos já descritos

Qn-2.261 Alceu, c.c. Alcina de Campos Valadares, filha de Antônio de Campos Valadares e de Afra de Oliveira Campos.

Pais de:

Pn-2.145 Joaquim
Pn-2.146 Antônio
Pn-2.147 Wilson
Pn-2.148 Alceu.

Qn-2.262 Zilda, c.c. Antônio Maria de Campos Dutra, filho de Antônio Maria de Campos e de Mariana Dutra.

Filhos já descritos

Bn-286 Antônio Joaquim Cordeiro Valadares, (da Novilha Brava), c.c. Joana Duarte Maciel, filha do Ten. Alexandre Dias Maciel e de Rosa

Pais de:

Tn-967 Joana, c.c. Francisco Álvares da Silva, (Chiquinho do Quati), filho do Capitão Joaquim Antônio Álvares da Silva e de Joana Evangelista de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Tn-968 Aurora, falecida solteira.

Antônio Joaquim, casado a segunda vez com Claudina, (Dina), filha de Diogo de Oliveira Campos e de Claudina Gomes Leite.

Filhos já descritos

N-68 Antônio de Campos Cordeiro Valadares, nascido em 1806, falecido em 25 de dezembro de 1864, em Paracatu, c.c. Isabel de Oliveira Campos, filha do Ten. Inácio de Oliveira Campos e de Bárbara Umbelina de Sá e Castro.

Pais de:

Bn-287 Beatriz Gertrudes, c.c. Álvaro de Campos Cordeiro Valadares, (Álvaro do Chôro), filho de Joaquim de Campos Cordeiro Valadares e de Claudina de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Bn-288 Isabel, c.c. Basílio de Campos Cordeiro Valadares, filho de Antônia de Oliveira Campos e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares.

Pais de:

Tn-969 Joaquim, falecido solteiro.

Tn-970 Guilhermina, falecida solteira.

Bn-289 Adrião, falecido em Paracatu a 7 de fevereiro de 1882, c.c. Francelina Resende Costa, filha do Major José Resende Costa, de Araxá, falecido, e de Josefa Emília de Resende, de Paracatu.

Pais de:

Tn-971 Josefina Valadares Loureiro Tavares, c.c. o Dr. Brás Bernardino Loureiro Tavares, ex-Juiz de Direito de Juiz de Fora, residente no Rio de Janeiro.

Sem filhos

Tn-972 Isaura Valadares Roquete, c.c. Enéas Roquetes, falecido.

Pais de:

Qn-2.263 Ascânio, fazendeiro em Corinto, c.c. Júlia Neiva.

Pais de:

Pn-2.149 Diva
Pn-2.150 Dulce, falecida
Pn-2.151 Mirtes
Pn-2.152 Conceição.

Qn-2.264 Sílvio Roquete, falecido, c.c. Hermínia da Silva Roquete.

Pais de:

Pn-2.153 Rute, falecida
Pn-2.154 Carmen
Pn-2.155 Vanda
Pn-2.156 Sebastião.

Qn-2.265 Pedro, falecido solteiro.

Qn-2.266 Tito Valadares Roquete, casado a primeira vez com Cassinha Roquete. Fiscal de Rendas.

Pais de:

Pn-2.157 Milton
Pn-2.158 Conceição
Pn-2.159 Zilá
Pn-2.160 Newton.

Tito Valadares, casado a segunda vez com Elza Rodrigues.

Sem filhos

Qn-2.267 José, falecido solteiro.

Qn-2.268 Iná, c.c. Roy Vivian, norte-americano.

Pais de:

Pn-2.161 Clancy
Pn-2.162 Nency
Pn-2.163 Roy
Pn-2.164 William.

Qn-2.269 Milton, falecido solteiro.

Tn-973 Artur, nascido em 1864, falecido solteiro.

Tn-974 Virgílio, nascido em 1866, falecido solteiro.

Tn-975 Antônio, nascido em 1868, falecido solteiro.

Tn-976 Maria Carolina, nascida em 1870, c.c. Marcelino Armond.

Sem filhos

Tn-977 Adriana, nascida em 1872, solteira.

Tn-978 Joviano, nascido em 1875, c.c. América Carneiro de Abreu.

Pais de:

Qn-2.270 Célia Valadares Portela, formada em farmácia, c.c. José Fernando Portela, falecido.

Pais de:

Pn-2.165 Carlos Alberto.

Qn-2.271 Helena Valadares Portela, c.c. o Dr. Adolfo Portela, médico, Deputado Estadual.

Pais de:

Pn-2.166 Maria Helena
Pn-2.167 Vera Lúcia
Pn-2.168 Adolfo.

Qn-2.272 Celina, c.c. o Dr. Getúlio Portela, médico.

Pais de:

Pn-2.169 Luís Fernando
Pn-2.170 Lúcio.

Qn-2.273 Dr. Geraldo de Campos Valadares, médico, c.c. Geraldina Alves, falecida. Residente em Montes Carmelo.

Pais de:

Pn-2.171 Ana Lúcia.

Qn-2.274 Isáura de Campos Valadares, solteira.

Qn-2.275 Aluísio de Campos Valadares, c.c. Violeta Loureiro.

Pais de:

Pn-2.172 Aluísio Hermano.

Qn-2.276 Maria do Carmo, normalista, solteira.

Qn-2.277 Dr. José de Campos Valadares, solteiro.
Qn-2.278 João, solteiro.
Qn-2.279 Pe. Brás de Campos Valadares, SVD.
Qn-2.280 Teresinha de Campos Valadares, solteira.
Qn-2.281 Joviano de Campos Valadares, solteiro.

Tn-979 Isabel, falecida solteira.

Tn-980 Violeta Valadares Canabrava, nascida em 1877, c.c. Domingos Canabrava, funcionário do Estado de Minas.

Pais de:

Qn-2.282 Estela Valadares Canabrava, falecida, c.c. o Dr. Cícero Viana Marques, advogado, falecido em Curvelo.

Pais de:

Pn-2.173 Ilca, normalista.
Pn-2.174 Graco Viana Marques.

Qn-2.283 Marieta Canabrava Monteiro, c.c. Antenor Monteiro Lázaro, cirurgião dentista, falecido.

Pais de:

Pn-2.175 Hilton
Pn-2)176 Iêda
Pn-2.177 Nilza
Pn-2.178 Vilma
Pn-2.179 Myriam.

Qn-2.284 José Valadares Canabrava, Escrivão de Jacutinga, c.c. Augusta Barreiros Canabrava.

Pais de:

Pn-2.180 Luciano
Pn2.181 Lisbete
Pn-2.182 Norma
Pn-2.183 Marcelo.

Qn-2.285 Alaíde Canabrava Plá, c.c. Francisco Plá, cirurgião dentista, residente no Rio de Janeiro.

Sem filhos

Qn-2.286 Dr. Sebastião Valadares Canabrava, médico, residente em Belo Horizonte, c.c. Neite, filha do Dr. Augusto da Costa Leite e de Alzira Junqueira.

Pais de:

Pn-2.184 Alzira
Pn-2.185 Augusto Otávio
Pn-2.186 Stela.

Qn-2.287 Geraldo Valadares Canabrava, funcionário da Secretaria da Educação de Minas Gerais, c.c. Ana Fonseca Viana.

Pais de:

Pn-2.187 Roberto José
Pn-2.188 Antônio
Pn-2.189 Rosália.

Qn-2.288 Margarida, (Guida), c.c. o Dr. Farid Bedran, Advogado, residente em Belo Horizonte.

Pais de:

Pn-2.190 Maurício

Pn-2.191 Aluísio
Pn-2.192 Letícia
Pn-2.193 Eduardo.

Qn-2.289 Clóvis Valadares Canabrava, solteiro, funcionário do Banco Mineiro do Café, residente em Uberlândia.

Qn-2.290 Otávio Valadares Canabrava, Violinista, formado pelo Conservatório Mineiro de Música, c.c. Maria das Dores de Andrade.

Qn-2.291 Vicente Valadares Canabrava, Fiscal do Impôsto de Renda.

Bn-290 Cícero de Campos Cordeiro, c.c. Amélia Duarte Vieira Maciel.

Pais de:

Tn-981 Francelina, c.c. Francisco de Campos Castelo Branco, (Chicuruta).

Filhos já descritos

Tn-982 Antônio de Campos Maciel, c.c. Antonieta de Campos Valadares, filha de João Cordeiro Valadares e de Josefa da Silveira, de João Pinheiro.

Pais de:

Qn-2.292 Maria, falecida, c.c. Basílio Carneiro de Abreu, filho de João Cordeiro Valadares e de Augusta Ulhôa.

Pais de:

Pn-2.194 Rute
Pn-2.195 Enoi
Pn-2.196 Basílio
Pn-2.197 Geraldo
Pn-2.198 Josina
Pn-2.199 João
Pn-2.200 Rui.

Qn-2.293 Amélia, c.c. José Ademar Perdono.

Pais de:

Pn-2.201 Teresinha
Pn-2.202 Alberto
Pn-2.203 José Maria
Pn-2.204 Maria das Dores
Pn-2.205 Ari
Pn-2.206 Valdo
Pn-2.207 Sônia.

Qn-2.294 Ana, c.c. Rafi Abdala.

Sem filhos

Qn-2.295 Geralda, solteira.
Qn-2.296 José, solteiro
Qn-2.296-a Maria José, solteira.
Qn-2.297 Ceci
Qn-2.298 Teresinha, solteira
Qn-2.299 Paulo Benedito, solteiro
Qn-2.300 Dalva, falecida
Qn-2.301 Coraci, falecida
Qn-2.302 Maria de Lourdes, falecida

Qn-2.303 Nara, falecida
Qn-2.304 Maria das Dores, falecida
Qn-2.305 João, falecido
Qn-2.306 Violeta, falecida
Qn-2.307 Joaquim.

Bn-291 Antônia, c.c. Sebastião Cordeiro Valadares, filho do Sargento-mor João Cordeiro Valadares e de Ana Joaquina de Oliveira Campos.

Pais de:

Tn-983 Ana, c.c. ....

Pais de:

Qn-2.308 Afonso
Qn-2.309 Argentina, c.c. Panteleão Neri Tolentino, da Fôrça Pública de Minas Gerais, (Oficial reformado).
Qn-2.310 Maria da Glória
Qn-2.311 Jovina
Qn-2.312 Aristio.

Tn-984 Luís Felipe, c.c. Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro, filha de Álvaro de Campos Cordeiro Valadares, (Álvaro do Chôro), e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-985 Antônia, c.c. João Mendes.

Pais de:

Qn-2.313 Adelaide
Qn-2.314 Rita
Qn-2.315 Lídia
Qn-2.316 Onésimo
Qn-2.317 José
Qn-2.318 Isaura, (Nenen).
Qn-2.319 Olívia, (Nêga).

Antônia, casada a segunda vez com Cícero Marques.

Pais de:

Qn-2.320 Jaquelina
Qn-2.321 Alfeu
Qn-2.322 Laura
Qn-2.323 Alceu
Qn-2.324 Violeta
Qn-2.325 Dirceu.

Tn-986 João, c.c. Josefa da Silveira, de João Pinheiro.

Pais de:

Qn-2.326 Josino, c.c. Alzira Batista.

Sem filhos

Qn-2.327 João, falecido solteiro.
Qn-2.328 José, c.c. Maria ....

Pais de:

Pn-2.208 Dulce, falecida
Pn-2.209 Nair
Pn-2.210 Irene.

Qn-2.239 Antonieta, c.c. Antônio de Campos Maciel, filho de Cícero

de Campos Cordeiro e de Amélia Duarte Vieira Maciel.

Filhos já descritos

Qn-2.330 Julieta, c.c. Jorge Batista de Oliveira.

Pais de:

Pn-2.211 Amália
Pn-2.212 João
Pn-2.213 Dulce
Pn-2.214 Maria de Lourdes
Pn-2.215 Ovídio
Pn-2.216 Geraldo
Pn-2.217 Álvaro
Pn-2.218 Paulo
Pn-2.219 Jorge, falecido.

Qn-2.331 Alcino, c.c. Zezica Carneiro.

Pais de:

Pn-2.220 Maria José
Pn-2.221 Geralda
Pn-2.222 João
Pn-2.223 Antônio
Pn-2.224 José

Qn-2.332 Armindo, c.c. Anita de Melo Franco

Pais de:

Pn-2.225 Coraci
Pn-2.226 Iraci
Pn-2.227 Helena
Pn-2.228 Alice
Pn-2.229 Álvaro, falecido.

Qn-2.333 Dr. Adrião, médico.

Tn-987 Isabel, falecida em 1900, em Paracatu, c.c. Luís de Sant'Ana, falecido em Paracatu, em 1905.

Pais de:

Qn-2.334 Ataualpa, falecido, c.c. Josefina Castro.
Qn-2.335 Luís, c.c. Atília de Ulhôa, residente em São Romão.
Qn-2.336 João, falecido.
Qn-2.337 Isabel, c.c. Temístocles Rocha, (Dudu), residente em Paracatu, onde é comerciante.

Pais de:

Pn-2.230 Paulo Rocha
Pn-2.231 Pedro
Pn-2.232 Maria
Pn-2.233 Geraldo
Pn-2.234 Maria da Conceição
Pn-2.235 Beatriz
Pn-2.236 Viviana
Pn-2.237 Luísa
Pn-2.238 Francisca
Pn-2.239 José
Pn-2.240 Joaquim

Isabel Valadares Santana
c. c. Luís Santana

Pn-2.241 Alberto
Pn-2.242 Maria Isabel.
Qn-2.338 Argentina, c.c. Sinfrônio Camargos.
Qn-2.339 Alzília, falecida solteira.
Qn-2.340 Ranor, falecido solteiro.
Qn-2.341 João, c.c. Dantília Vieira Diniz.
Qn-2.342 Ester, c.c. Antônio de Andrade, ex-Prefeito de João Pinheiro.
Qn-2.343 Maria, c.c. João Costa.
Bn-292 Vargas, falecido solteiro.
Bn-293 Antônio, falecido solteiro.

N-69 Ana de Campos Cordeiro, nascida a 14 de maio de 1808 e falecida a 12 de novembro de 1903, c.c. seu tio Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos, filho de Dona Joaquina Bernarda Silva de Abreu Castelo Branco e do Capitão Inácio de Oliveira Campos.

Pais de:

Bn-294 Joaquim Antônio de Campos Cordeiro, casado a primeira vez com Joaquina de Campos Cordeiro Valadares, sua tia, filha de Dona Antônia

Ana Campos Cordeiro

Joaquim Antônio de Campos Cordeiro

de Oliveira Campos, (Dona Antônia do Paulista), e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares.

Pais de:

Tn-988 Joaquim Cordeiro Valadares Neto, (Cordeiro das Lages), c. c. Maria Francelina de Campos Cordeiro.
Filhos já descritos

Tn-989 José Joaquim Cordeiro Valadares, (Zezé da Porteira), casado a primeira vez com Antônia Benedita de Campos Cordeiro, filha de Álvaro de Campos Cordeiro Valadares (Álvaro do Chôro), e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro.
Filhos já descritos

José Joaquim, casado a segunda vez com Isabel Beatriz, irmã de Antônia Benedita.
Filhos já descritos

ZEZÉ VALADARES

(Do Município de Pitangui)

Não desmentiu, em verdade, durante tôda sua vida o bravo e intrépido lutador, as tradições de sua genealogia que são uns dos mais puros e legítimos motivos de orgulho do povo de Pitangui, porque evocam entre outras, a figura excepcional de D. Joaquina do Pompéu, símbolo da nobreza e da bravura da gente pitanguiense. Zezé Valadares soube honrar essas belas tradições e, expirando, deixa aos pósteros uma herança inestimável, qual seja o exemplo de uma vida que se consumiu na luta pelos mais nobres e puros ideais, norteada sempre pela superior inspiração do interêsse da coletividade.

Um dos traços predominantes e inconfundíveis de sua personalidade era a intransigência e o ardor com que defendia as suas convicções.

Colocando-se ao lado de uma causa, era de ver a sua bravura, o seu ardor, a sua intrepidez que não conheciam obstáculos, que não poupavam esforços, que não desanimavam, mas se alentavam cada vez mais até que triunfasse o ideal por que pelejava.

Eram êsses predicados que faziam dêle um dêsses raros exemplares humanos, que se impõem definitivamente no conceito e na admiração de seus concidadãos.

José Joaquim Cordeiro Valadares nasceu na fazenda do Pompéu, em 22 de outubro de 1856. Foram seus pais o Sr. Joaquim Antônio de Campos Cordeiro e D. Antônia de Campos Cordeiro Valadares. Fêz estudos de humanidade em Ouro Prêto e no Caraça. Completando o curso, veio para Pitangui, onde se dedicou ao magistério, abrindo uma escola em Pompéu, na Fazenda da Porteira. Daí passou a residir na cidade, ingressando no forum, como advogado.

Feria-se, então, em Pitangui, acêsa luta política, na qual êle tomou parte proeminente, ingressando na Câmara, pela oposição como representante de Pompéu.

Nesse cargo, foi destacada a sua atuação, desenvolvendo acirrado combate à situação dominante, que, tempos depois, cedia lugar ao partido de que Valadares era um dos mais fortes baluartes. Ocupou a presidência da Câmara Municipal no período de 1905 a 1907.

Na imprensa, destacou-se como redator do *Fanal* e *d'O Pitangui* órgãos do partido gonçalvista e deixa vasta colaboração esparsa em diversos outros órgãos da imprensa do município e da Capital do Estado.

Foi representante da Zona Oeste no Congresso da Lavoura, realizado em Juiz de Fora, há anos, onde teve atuação de destacado relêvo.

Desde a instalação do Grupo Escolar "D. Francisca Botelho" ocupava a sua direção. Entregou-se desde então, exclusivamente, aos misteres do magistério; e da proficiência, zêlo e competência com que desempenhava êsse cargo, fala bem alto o progresso, a que êle dedicava todo o seu amor e carinho.

Nessa qualidade, tomou parte no Congresso de Instrução realizado no govêrno Antônio Carlos, onde se salientou e teve oportunidade de receber da parte dos congressistas as mais significativas demonstrações de aprêço, sendo, então, cognominado "Vovô do Magistério Mineiro".

Foi casado em primeiras núpcias com D. Antônia de Campos Cordeiro Valadares e em segundas com D. Beatriz Valadares. Deixa do 1.º matrimônio: D. Maria Beatriz e do 2.º os seguintes: D. Beatriz Maria, casada com o Sr. Ronan Cordeiro Valadares, fazendeiro em Pompéu, D. Maria José, D. Etelvita, D. Zulmira e Cincinato.

Conquistou grande popularidade. Sua figura simpática de velho profissional do ensino foi sempre cercada da atenção e de estima.

Tn-990 Maria Joaquina Cordeiro Valadares, c.c. Higino de Campos Cordeiro, nascido a 6 de janeiro de 1839 e falecido a 14 de abril de 1911, filho de José de Campos Cordeiro Valadares e de Jacinta de Oliveira Campos.

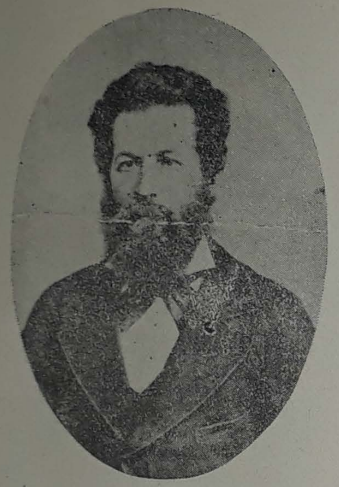
Pais de:

Qn-2.344 Crisipo Higino Cordeiro Valadares, casado a primeira vez com Luísa de Vasconcelos Valadares, filha de Aprígio Gabriel de Castro Vasconcelos e de Emília Valadares.

Filhos já descritos

Crisipo, Higino, casado a segunda vez com Policena, filha de Custódio Antônio de Faria e de Maria Salomé de Barcelos.

Maria Joaquina de Campos Cordeiro Valadares



Higino de Campos Cordeiro

Pais de:

Pn-2.243 Antônia, c.c. João Carlos de Oliveira Campos, filho de Isaltina de Oliveira Campos e de Joaquim, (Joaquim da Filó)

Pais de:

Sn-617 Flávio Lúcio
Sn-618 Marco Antônio
Sn-619 Margarida Maria.

Pn-2.244 Luzia

Pn-2.245 Eunice, c.c. José Florêncio Guimarães, filho de Vital Guimarães e de Maria Ferreira Guimarães.

Pais de:

Sn-620 Policena Maria
Sn-621 Crisipo Higino
Sn-622 José.

Pn-2.246 Ilídia.

Pn-2.247 Maria, c.c. Raul Ferreira Guimarães, filho de Vicente Guimarães e de ....

Pais de:

Sn-623 Maria Joaquina
Sn-624 Crisipo Higino

Pn-2.248 Mário
Pn-2.249 Conceição
Pn-2.250 João

Pn-2.251 Maurília
Pn-2.252 Policena Maria
Pn-2.253 Maria Joaquina.

Qn-2.345 Joaquim Higino, c.c. Beatriz de Campos Cordeiro, filha de Sebastião de Campos Cordeiro Valadares e de Adelaide de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Qn-2.346 José Higino, casado a primeira vez com Maria de Souza Machado, filha de Antônio Gabriel de Souza Machado e de Antônia de Campos Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

José Higino, casado a segunda vez com Angélica Mendes Maciel, filha de Francisco Mendes de Carvalho e de Angélica Dias Maciel, (Sinhá do Tamburil).

Filhos já descritos

Qn-2.347 Luzia, c.c. Antônio Garcia Cordeiro Valadares, filho de Benjamim Cordeiro Valadares e de Idalina Antonieta da Rocha.

Pais de:

Pn-2.254 José
Pn-2.255 Geraldo
Pn-2.256 Higino
Pn-2.257 Albis
Pn-2.258 Ataliba
Pn-2.259 Idalina.

Qn-2.348 Belisário, falecido solteiro.

Qn-2.349 Ormindo Higino, c.c. Maria José de Abreu, filha de Maria José de Abreu e de Miguel Ribeiro da Silva Braga.

Pais de:

Pn-2.260 Orminda
Pn-2.261 Miguel
Pn-2.262 Higino
Pn-2.263 José
Pn-2.264 Maria Joaquina
Pn-2.265 Geralda
Pn-2.266 Francisco
Pn-2.267 Joaquina
Pn-2.268 Joel, falecido.

Qn-2.350 Maria Guiomar, c.c. Francisco de Abreu, filho de Ana Jacinta de Campos Cordeiro, (Dona da Forquilha), e de Antônio Pedro de Abreu e Silva.

Pais de:

Pn-2.269 Higino
Pn-2.270 Nair
Pn-2.271 Geraldo
Pn-2.272 José
Pn-2.273 Francisco
Pn-2.274 Alda.

Qn-2.351 Elídia, c.c. Antônio Gabriel de Souza Machado, (Toniquinho Gabriel).

Filhos já descritos

Qn-2.352 Alcina Maria, c.c. Olegário Pereira da Fonseca, filho de Francisco Pereira da Fonseca e de Genoveva Rodrigues Braga. Residente em Papagaio.

Pais de:

Pn-2.275 Dr. José, médico, residente em Sacramento, ex-Prefeito local, c.c. Alice Valadares.

Pais de:

Sn-625 Luís Carlos
Sn-626 Luís Fernando.

Pn-2.276 Levindo, c.c. Vilsa de Souza, residente em Papagaio.
Pn-2.277 Irineu
Pn-2.278 Odete, c.c. Moacir Vieira, residente em Papagaio
Pn-2.279 Geraldo, c.c. Célia de Oliveira.
Pn-2.280 Francisco, c.c. Irene de Barcelos.
Pn-2.281 Adelaide, c.c. Jarbas de Abreu.
Pn-2.282 Valter
Pn-2.283 Mozar
Pn-2.284 Higino, (Lucas).
Pn-2.285 Elza, c.c. Raimundo Gonçalves dos Reis.

Filhos já descritos

Qn-2.353 Antônia, c.c. Antônio de Assis Machado, (Tonico da Cachoeira), falecido.

Filhos já descritos

Qn-2.354 Guiomar, falecida solteira.
Qn-2.355 Joaquina, falecida solteira.

Joaquim Antônio de Campos Cordeiro, casado a segunda vez com Virgínia Generosa Duarte Maciel, filha do Ten. Alexandre Dias Maciel e de Rosa Duarte, (Rosa do Barreiro Prêto). Virgínia Generosa, nascida a 15 de outubro de 1842, faleceu em 1920.

Nota: — Rosa Duarte era filha de Maria Viríssima e de Manuel Duarte Rodrigues. — Maria Veríssima era filha de Teodora Pires Monteiro e de José dos Santos Silva; neta materna de José Dias Maciel, nascido em Vina-Portugal, a 20 de abril de 1768, e de Joana Maria Bicudo, sobrinha do velho da Taipa; neta paterna de Estevão dos Santos Batalha e de Maria de Santa Ana. Maria Viríssima era natural de Pitangui onde nasceu a 26 de 12 de 1791. Êste sobrenome Santos está ligado ao do grande Santos Dumont, cognominado o Pai da Aviação.

Filhos de Generosa Duarte Maciel e de Joaquim Antônio de Campos Cordeiro.

Tn-991 Rosa, nascida a 2 de junho de 1859 e falecida a 5 de maio de 1898, c.c. o Dr. Luís Gonzaga Pereira da Fonseca, bacharel em Direito, nascido a 22 de agôsto de 1842.

Pais de:

Qn-2.356 Dr. Juvenal Pereira da Fonseca. Advogado em Curvelo, foi Deputado à Constituinte Mineira de 1934, nascido em Pitangui a 16 de maio de 1878, c.c. D. Antonina Mascarenhas, filha do Dr. Viriato Mascarenhas e de D. Teotônia Dinis Mascarenhas.

Rosa Cordeiro Maciel

Pais de:

Pn-2.286 Dr. Viriato Gonzaga Mascarenhas, Engenheiro-civil, ex-Prefeito de Curvelo, c.c. Eunice Pena Moreira.

Pais de:

Sn-627 Juvenal
Sn-628 Irineu
Sn-629 Alda.

Pn-2.287 Dr. Luís Antônio Gonzaga Mascarenhas, Engenheiro-civil, c.c. Emerenciana Dinis Viana.

Pais de:

Sn-630 Maurício
Sn-631 Lucas.

Pn-2.288 Dr. Paulo Gonzaga Mascarenhas, Engenheiro civil, c.c. Maria Salomé, filha do Dr. Péricles Pinto da Silva e de Adélia Lopes de Morais.

Pais de:

Sn-632 Amélia
Sn-633 Maria Inês
Sn-634 Luísa.

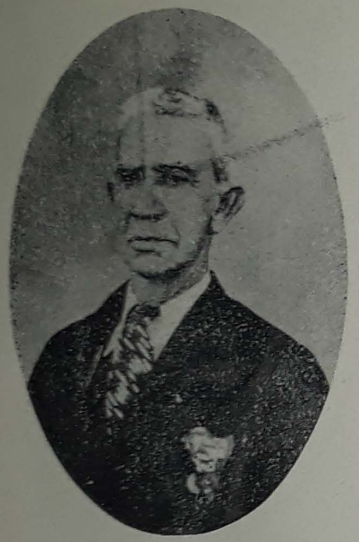
Dr. Juvenal Pereira da Fonseca

Pn-2.289 Breno Gonzaga Mascarenhas, c.c. Lúcia de Paula.
Pais de:
Sn-635 Valéria
Sn-636 Patrícia
Sn-637 Breno.
Pn-2.290 Rosa Amélia, c.c. Antônio Malheiros.
Pais de:
Sn-638 Rodrigo
Sn-639 Daniel
Sn-640 Ricardo.
Pn-2.291 Cloris, c.c. Fausto Mara Machado.
Sn-641 Estevão
Pn-2.292 Berenice, solteira.
Qn-2.357 Valdomiro, falecido em criança.
Qn-2.358 José, nascido a 31 de outubro de 1876, falecido solteiro.
Qn-2.359 Dr. Leonel Gonzaga Pereira da Fonseca, nascido a 21 de julho de 1885. Professor da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, ex-Presidente da Associação Médica, casado a primeira vez

com Celina Gomes, filha do Dr. Alfredo Gomes e de Ercília Andrade Pinto.
Sem filhos
Dr. Leonel, casado a segunda vez com Iná Barbosa, filha de João Barbosa e de Alice Pêgas Barbosa.
Pais de:
Pn-2.293 Maurício
Pn-2.294 Lená
Pn-2.295 Marcelo
Pn-2.296 Leonel.

Dr. Leonel Pereira da Fonseca

Qn-2.359 Celso Gonzaga Pereira da Fonseca, Farmacêutico, nascido a 21 de novembro de 1887, solteiro, residente em Curvelo onde é escrivão de Paz.
Qn-2.360 Rita, nascida a 22 de maio de 1890, c.c. Augusto de Melo Cançado, falecido. Residente em Belo Horizonte.
Sem filhos
Qn-2.361 Gotardo, falecido em criança.
Qn-2.362 Ivan, falecido em criança.
Tn-992 Capitão Olímpio Cordeiro Maciel, c.c. Joana Álvares da Sil-



Cap. Olímpio Maciel

va, filha de Antônio Maria Álvares da Silva, (Nenzinho do Quati), e de Isabel Joaquina Álvares da Silva.

Filhos já descritos

Tn-993 Ana Virgínia, solteira.

Tn-994 Virgínia, residente em Belo Horizonte, c.c. o Dr. Luís Gonzaga Pereira da Fonseca, (Terceiro casamento do Dr. Luís).

Pais de:

Qn-2.363 Genaro, nascido a 6 de março de 1900, solteiro.
Qn-2.364 Rosaura, nascida a 10 de junho de 1901, professôra do Instituto de Educação de Minas Gerais, em Belo Horizonte, c.c. o Dr. João Macena, viúvo de Evangelina.

Sem filhos

Qn-2.365 Evangelina, nascida a 26 de junho de 1906, professôra em Belo Horizonte, falecida a 5 de junho de 1906, professôra em Belo Horizonte, falecida a 5 de junho de 1945, c.c. o Dr. João Macena, filho de João Macena e de Regina Augusta de Macena.

Sem filhos

Virgínia e Ana Virgínia Cordeiro Maciel

Nota: — O Dr. Luís Gonzaga Pereira da Fonseca foi casado a primeira vez com Francelina Vieira Maciel, filha de Antônio Joaquim Vieira Machado, português, e de Joaquina Dias Maciel.

Pais de:

1) Almira, falecida
2) Joana, falecida
3) Maria, falecida
4) Luís Gonzaga, (Luisinho), nascido a 26 de junho de 1875, falecido.

Tn-995 Alexandre Cordeiro Maciel, c.c. Benedita Beatriz de Campos Cordeiro, filha de Álvaro de Campos Cordeiro Valadares, (Álvaro do Chôro), e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-996 Sebastião Cordeiro Maciel, c.c. Antônia Ferreira Lobato, filha de Antônio Gonçalves Ferreira e de Amélia de Souza Lobato.

Pais de:

Qn-2.366 Maria, falecida solteira.

Qn-2.367 Antônio, falecido solteiro.
Qn-2.368 José, falecido solteiro.
Qn-2.369 Valdemar Ferreira Maciel, c.c. Judite de Faria, filha de Francisco de Faria Freitas e de Angelina de Freitas.

Pais de:
Pn-2.297 Joaquim Antônio
Pn-2.298 Maria José
Pn-2.299 João Câncio.

Qn-2.370 Isolina, c.c. Antônio Luís de Faria, filho de Ilídio de Faria e de Emília Teixeira.
Qn-2.371 Amélia, c.c. Lourival, filho de Manuel da Costa Moreira e de Elvira Nogueira.

Tn-997 Isidro Cordeiro Maciel, c.c. Maria José de Campos Cordeiro, filha de Maria Francelina de Campos Cordeiro e de Joaquim Cordeiro Valadares Neto, (Cordeiro das Lages).

Pais de:
Qn-2.372 José Otacílio, c.c. Ana Ferreira dos Santos, filha de Joaquim dos Santos e de Joaquina Mendes Ferreira.

Pais de:
Pn-2.300 Maria Joaquina
Pn-2.301 Antônio Joaquim
Pn-2.302 José Almir
Pn-2.303 Maria Francelina
Pn-2.304 Paulo Otacílio.

Qn-2.373 Maria José, c.c. Antônio de Oliveira Barbosa, falecido, filho de Miguel Barbosa e de Ana de ....

Sem filhos

Qn-2.374 Arleta, falecida, c.c. Acrísio Álvares Cordeiro.

Filhos já descritos

Qn-2.375 Edson José, c.c. Djanira Guimarães, filha do Dr. João Justiniano das Chagas e de Mariana Caetano Guimarães.

Pais de:
Pn-2.305 Maria Solange
Pn-2.306 João Justiniano
Pn-2.307 Maria José
Pn-2.308 Edson José
Pn-2.309 Paulo Oto
Pn-2.310 Maria Ermelinda
Pn-2.311 Arleta
Pn-2.312 Francisco Luís
Pn-2.313 Ilza.

Qn-2.376 Odelina, falecida solteira.
Qn-2.377 Joaquim Antônio, c.c. Ana Álvares de Oliveira, filha de Benvindo José de Oliveira e de Adelaide Álvares da Silva.

Filhos já descritos

Tn-998 Maria Virgínia, casada a primeira vez com o Cornélio Dias Maciel, filho de Alexandre Dias Maciel e de Rosa Dias Maciel.

Pais de:
Qn-2.378 Joaquim
Qn-2.379 Cornélio.

Maria Virgínia, casada a segunda vez com Antônio Melgaço, filho de Manuel Antônio Melgaço e de Laura ....

Sem filhos

Tn-999 Adelina, c.c. Pedro Vieira Machado, filho de Joana Dias Maciel e de Antônio Joaquim Vieira Machado, português.

Pais de:
Qn-2.380 Washington Vieira Campos, (Juju), falecido, c.c. Maria dos Santos Vieira, filha de João Luciano dos Santos e de Carlota Nogueira.

Pais de:
Pn-2.314 Pedro, c.c. Odília Soares dos Santos.

Sem filhos

Pn-2.315 Antônio, solteiro
Pn-2.316 Garcia Moreno
Pn-2.317 Carlota, c.c. Raimundo Rodrigues Chaves.

Pais de:
Sn-642 Suzana Maria
Sn-643 Fernando Antônio.

Pn-2.318 José, solteiro.
Qn-2.381 Etelvina, solteira.
Qn-2.382 Antônio, falecido solteiro.
Qn-2.383 Antônio Joaquim, falecido em criança.

Tn-1.000 Júlia, falecida solteira.
Tn-1.001 Augusta, c.c. Dario Cordeiro Valadares, residente na Fazenda da Porteira, filho de Joaquim Cordeiro Valadares Neto, (Cordeiro das Lages), e de Maria Francelina de Campos Cordeiro. Augusta e tia de Dario.

Sem filhos

Bn-295 Belchior de Campos Cordeiro, (Belchior do Penedo), casado em 1850, com Isabel Jacinta, filha de José de Campos Cordeiro Valadares e de Jacinta de Oliveira Campos.

Pais de:
Tn-1.002 Francisco de Campos Cordeiro, (Chico Gordo), c.c. Domitila Jacinta, nascida a 17 de setembro de 1861 e falecida a 16 de janeiro de 1884, filha de José de Campos Cordeiro Valadares e de Domitila Jacinta de Oliveira Campos. Domitila Jacinta era tia de Francisco, (Chico Gordo).

Pais de:
Qn-2.384 Jacinto, (Tiambá), c.c. Feliciana Rita de Oliveira Campos, filha de Dâmaso de Campos Cordeiro e de Rita Maria de São José Cordeiro.

Pais de:
Pn-2.319 Milton
Pn-2.320 Isaias.

Qn-2.385 Jacinta, c.c. Luís Joaquim de Castro Machado.

Belchior de Oliveira Campos
(Belchior do Penedo)

Francisco de Campos Cordeiro
(Chico Gordo)

Pais de:

Pn-2.321 José Luís, c.c. Geralda Mendes de Faria, filha de Sebastião Mendes de Carvalho e de Maria das Dores de Faria.

Pais de:

Sn-644 Luís
Sn-645 José
Sn-646 Elsa.

Pn-2.322 Ana, c.c. Joaquim de Castro Machado, filho de João Joaquim de Castro Machado e de Ana Cordeiro do Espírito Santo.

Pais de:

Sn-647 Luis
Sn-648 João

Residem em Abaeté.

Pn-2.323 Maria José de Campos Machado, c.c. Pedro José de Menezes, filho de José Marcelino de Menezes e de Isaura Cordeiro Maciel. Residem em Abaeté.

Pais de:

Sn-649 Acrísio
Sn-650 Ataís.

Pn-2.324 Domitila, c.c. José de Campos Cordeiro, filho de Amador Cordeiro e de .... Residente em Macaúbas — Abaeté.

Pn-2.325 João, c.c. Maria José Cordeiro Maciel.

Sem filhos

Pn-2.326 Joaquim Luís de Castro Machado, c.c. Maria Ribeiro de Campos, filha de Ormindo Higino de Campos Cordeiro e de Maria José Ribeiro de Abreu. Residente em Rancharia, Pompéu.

Qn-2.386 Francisca Maria, c.c. Gaspar de Campos Cordeiro filho de Isabel de Campos Cordeiro e de Belchior de Campos Cordeiro.

Pais de:

Pn-2.327 Benevides, (Duga), c.c. Francisca .... Residente em Pompéu Velho.

Pais de:

Sn-651 Ildeu
Sn-652 Setembrino.

Pn-2.328 Joaquim Antônio, solteiro.

Pn-2.329 César, c.c. Rita Cordeiro Valadares, filha de Luísa Valadares de Vasconcelos e de Crisipo Higino Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

Pn-2.339 Joaquina, c.c. Antônio Garcia.

Pais de:

Sn-653 Marcos Antônio
Sn-654 Genoveva
Sn-655 Maria Violeta
Sn-656 Joaquim.

Pn-2.331 Domitila, falecida, c.c. José ....

Pais de:

Sn-657 Rossilda
Sn-658 Romilda.

Pn-2.332 Belchior, falecido solteiro.

Tn-1.003 Jacinto, (Jacinto Travessão), c.c. Francisca de Campos Cordeiro, filha de Luís de Campos Cordeiro, (Luís Tira Saia), e de Luísa Cândida de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-1.004 Gaspar, casado a primeira vez com Joaquina de Campos Cordeiro, filha de Joaquim de Campos Cordeiro e de Margarida de Campos Cordeiro, (Pequenina).

Gaspar, casado a segunda vez com Francisca, filha de Francisco de Campos Cordeiro, (Chico Gordo), e de Domitila de Campos Cordeiro. Gaspar é tio de Domitila.

Filhos já descritos

Tn-1.005 Cristiano, casado a primeira vez com Maria, (Nióla), filha de Dâmaso de Campos Cordeiro e de Rita Maria de São José Cordeiro.

Pais de:
Qn-2.387 Ana
Qn-2.388 Sinésio, c.c. Conceição ....

Pais de:
Pn-2.333 Francisco
Pn-2.334 Cristiano
Pn-2.335 Saul
Pn-2.336 Domingos
Pn-2.337 Maria
Pn-2.338 Cerenita
Pn-2.339 Leda
Pn-2.340 Marta Maria.

Qn-2.389 Gil, solteiro
Qn-2.390 Rita, c.c. ....
Qn-2.391 Maria, solteira.
Qn-2.392 Geraldo, c.c. Cecília .....

Pais de:
Pn-2.341 Cristiano
Pn-2.342 Rita
Pn-2.343 Ulda
Pn-2.344 Maria Verônica
Pn-2.345 Carmélia
Pn-2.346 Antônia.

Qn-2.393 Iria, solteira.
Qn-2.394 Jofre, c.c. .....
Qn-2.395 Belchior.
Qn-2.396 Carmelita, falecida solteira.

Cristiano, casado a segunda vez com Maria do Carmo Melgaço, filha de Batista de Menezes e de Cornélia Menezes.

Pais de:
Qn-2.397 Isaura, c.c. .....
Qn-2.398 José
Qn-2.399 Isidoro, c.c. .....

Cristiano, casado a terceira vez com Ana de Menezes. Cristiano é falecido.

Sem filhos

Tn-1.006 Margarida Jacinta, (Pequenina), c.c. Joaquim de Campos Cordeiro, seu tio, filho de José de Campos Cordeiro Valadares e de Jacinta de Oliveira Campos.

Pais de:
Qn-2.400 Jacinta, c.c. Francisco Luís de Campos Cordeiro, (Chico Mano), filho de José de Campos Cordeiro Valadares e de Jacinta de Oliveira Campos.

Pais de:
Pn-2.347 Juventina
Pn-2.348 Joaquina, c.c. João Serra Machado, (segunda mulher de João Serra).

Filhos já descritos

Pn-2.349 Claudina
Pn-2.350 Joaquim
Pn-2.351 Francisco de Assis.

Qn-2.401 Isabel, solteira.
Qn-2.402 Joaquina, c.c. Gaspar de Campos Cordeiro. (Joaquina foi a primeira mulher de Gaspar).

Sem filhos

Qn-2.403 Ovídio, solteiro.
Qn-2.404 Maria, (Sinhá), c.c. Francisco Luís Chaves.

Sem filhos

Qn-2.405 Claudina, (Dina),

Tn-1.007 Teresa, c.c. Lafaiete Cordeiro Valadares, filho do Ten. José Cordeiro Valadares e de Ana Cordeiro Leopoldina, da Fazenda do Curral.

Filhos já descritos

Tn-1.008 Rita de São José Cordeiro, c.c. Dâmaso de Campos Cordeiro, filho de José de Campos Cordeiro Valadares e de Jacinta de Oliveira Campos. Rita foi a segunda mulher de Dâmaso de Campos Cordeiro.

Pais de:
Qn-2.406 Maria, (Nióla), c.c. Cristiano de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Qn-2.407 Feliciana, (Ficha), c.c. Jacinto de Campos Cordeiro, (Jacinto Tiambá).

Filhos já descritos

Qn-2.408 Claudimira, c.c. Natanael de Campos Castelo Branco, filho de Antônio Cândido de Campos Cordeiro e de Carolina Cordeiro Valadares, (Dona Calu).

Filhos já descritos

Tn-1.009 Ana, c.c. José Cordeiro Valadares, filho de José Cordeiro Valadares e de Ana Cordeiro Leopoldina, da Fazenda do Curral.

Sem filhos

Tn-1.010 Laurinda, solteira
Tn-1.011 Antônia, solteira
Tn-1.012 Maria Madalena Belchiorina Cordeiro Valadares, c.c. Elídio de Oliveira Campos, filho de Vicente de Oliveira Campos, (Vicente Caolho), e de Isabel de Oliveira Campos.

Sem filhos

Tn-1.013 Bilar, falecido solteiro.
Tn-1.014 Sofia, falecida solteira
Tn-1.015 Belchior, falecido solteiro.
Bn-296 Antônia Margarida de Campos Cordeiro, c.c. o Dr. Sebastião Cordeiro dos Campos Valadares, filho de Antônia de Oliveira Campos, (Dona Antônia do Paulista), e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares.

Pais de:
Tn-1.016 Ana Margarida, casada a primeira vez com Francisco de Campos Cordeiro, filho de Claudina de Oliveira Campos e de.....

Sem filhos

Ana Margarida, casada a segunda vez com Américo de Campos Cordeiro, filho de Álvaro de Campos Cordeiro Valadares, (Álvaro do Chôro), e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro.

Sem filhos

Tn-1.017 Sebastião de Campos Cordeiro Valadares, (Sebastiãozinho do Meleiro), residiu no município de Curvelo, c.c. Adelaide de Campos Cordeiro, filha de Álvaro de Campos Cordeiro, (Álvaro do Chôro), e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro

Filhos já descritos

Tn-1.018 Antônia Margarida, c.c. José Belisário de Campos Cordeiro, filho de Álvaro de Campos Cordeiro Valadares, (Álvaro do Chôro), e de Beatriz Gertrudes de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

N-70 José de Campos Cordeiro Valadares, nascido em 1811, c.c. Jacinta de Oliveira Campos, filha do Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos e de Claudina Cândida Lataliza França.

Pais de:

Bn-297 Higino de Campos Cordeiro, c.c. Maria Joaquina, filha de Joaquim Antônio de Campos Cordeiro e de Joaquina de Campos Cordeiro Valadares, (esta, filha de Dona Antônia do Paulista).

Filhos já descritos

Bn-298 Joaquim de Campos Cordeiro, c.c. Margarida de Campos Cordeiro, (Pequenina), filha de Isabel Jacinta de Campos Cordeiro e de Belchior de Campos Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

Bn-299 Luís de Campos Cordeiro, (Luís Tira Saia), c.c. Luísa Cândida de Campos Cordeiro, filha de Claudina de Oliveira Campos e de Joaquim de Campos Cordeiro Valadares, (êste, filho de Dona Antônia do Paulista).

Filhos já descritos

Bn-300 Ana Jacinta, (Dona da Forquilha), c.c. Antônio Pedro de Abreu e Silva.

Filhos já descritos

Bn-301 Joaquina, c.c. Flávio Dias Maciel.

Sem filhos

Bn-302 Domitila Jacinta, c.c. Francisco de Campos Cordeiro Valadares, (Chico Gordo), filho de Isabel Jacinta de Campos Cordeiro e de Belchior de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Bn-303 Dâmaso de Campos Cordeiro, casado a primeira vez com Luisa, filha de Bernardo Alves Machado e de Carlota de Sena Guimarães.

Pais de:

Tn-1.019 Maria Luisa, c.c. José Alves Machado, filho de Bernardo Alves Machado, filha de José Alves Machado e de Cândida Álvares Machado.

Filhos já descritos

Dâmaso, casado a segunda vez com Rita Maria de São José Cordeiro, filha de Belchior de Campos Cordeiro e de Isabel Jacinta de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Joaquina de Campos Cordeiro e seus sobrinhos: Jacinto, Jacinta, e Francisca

Dâmaso, casado a terceira vez com Maria Madalena França, filha de Francisco França, (Chico do Mato), e de Maria França.

Pais de:

Tn-1.020 Benedita
Tn-1.021 Benedito
Tn-1.022 Antônio
Tn-1.023 José
Tn-1.024 Maria

Bn-304 Margarida Jacinta, c.c. Francisco Manuel de Abreu e Silva, filho de Antônio José de Abreu e Silva e de Maria de Sant'Ana Álvares da Silva, irmã do Cel. Martinho Álvares da Silva. Margarida Jacinta era segunda mulher de Francisco Manuel de Abreu e Silva.

Pais de:

Tn-1.025 Francisco Manuel, residente em Pará de Minas, c.c. Cecília Pereira Coelho, filha de Manuel Pereira Coelho e de Maria ....

Pais de.

Qn-2.409 José

Qn-2.410 Antônio
Qn-2.411 Francisco
Qn-2.412 Brás
Qn-2.413 Agripino
Qn-2.414 Maria Luisa, c.c. Chiodi Giovanni com os seguintes filhos: Italo, Itália, Nitazita, João Claret, Teresinha de Jesus e outro
Qn-2.415 Vicente
Qn-2.416 Vicentina
Qn-2.417 Silvia.

Tn-1.026 Benedita, falecida c.c. Francisco Gonçalves Linhares, português.

Pais de:
Qn-2.418 Francisco
Qn-2.419 Antônio
Qn-2.420 Vitalino
Qn-2.421 Jacinto
Qn-2.422 Maria
Qn-2.423 Maria Isabel
Qn-2.424 Maria Amélia
Qn-2.425 Amélia.

Tn-1.027 Isabel Jacinta, (Belinha), residente em Pará de Minas, c. c. João Domingos Barbosa, falecido, filho de Domingos Barbosa e de Honória Clara de Oliveira.

Pais de:
Qn-2.426 João Maria
Qn-2.427 Joana
Qn-2.428 Leocádia
Qn-2.429 Margarida
Qn-2.430 Isabel
Qn-2.431 Etelvina
Qn-2.432 Maria
Qn-2.433 Rosa
Qn-2.434 Amélia
Qn-2.435 João.

Tn-1.028 José, falecido, c.c. Maria Galvão.
Tn-1.029 Antônia Margarida, solteira. Falecida.
Tn-1.030 Joaquim, c.c. Aurora Xavier, filha de Fernando Otávio da Cunha Xavier e de Maria Amélia Xavier Capanema.

Filhos já descritos

Tn-1.031 Alexande Magno de Abreu e Silva, c.c. Rosina Amélia Xavier, filha do Cel. Fernando Otávio da Cunha Xavier e de D. Maria Amélia Xavier Capanema.

Filhos já descritos

Tn-1.032 Antônio, falecido.
Bn-305 Isabel Jacinta, c.c. Belchior de Campos Cordeiro, filho de Ana de Campos Cordeiro e do Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

N-71 Rita de Campos Cordeiro Valadares, c.c. Inácio de Oliveira Campos, (Inácio Cabeça), filho do Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos e de Claudina Cândida Lataliza França.

Pais de:
Bn-306 Sebastião de Campos Cordeiro, c.c. Josefina de Oliveira Campos, filha de Timóteo Gomes Valadares e de Ana Jacinta de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Bn-307 Inácio de Oliveira Campos, (Inacinho da Boa Vista), c.c. Rita Gertrudes de Campos Cordeiro, filha de Claudina de Oliveira Campos e de .....

Filhos já descritos

Inácio de Oliveira Campos, (Inacinho da Boa Vista), casado a segunda vez com .....

Pais de:
Tn-1.033 Vicente de Oliveira Campos, (Vicente Caolho), c.c. Isabel de Oliveira Campos, filha de Isabel de Campos Cordeiro e de Joaquim de Campos Cordeiro Valadares.

Pais de:
Qn-2.436 Marcília, c.c. Bernardino Machado, filho de Luís Alves Machado e de Bernarda de Freitas Mourão.

Pais de:
Pn-2.352 Saint Clair
Pn-2.353 Maria das Mercês
Pn-2.354 Maria Eugênia
Pn-2.355 Levindo
Pn-2.356 Maria Madalena
Pn-2.357 Maria Marcília
Pn-2.358 Maria
Pn-2.359 Maria Aurora
Pn-2.360 Luís
Pn-2.361 Bernardino
Pn-2.362 José Raimundo.

Qn-2.437 Ademar, c.c. Maria Garcia Cordeiro Valadares, filha de Antônio Garcia Cordeiro Valadares e de Maria Joaquina de Oliveira Machado, (Dona do Retiro).

Filhos já descritos

Qn-2.438 Sigefredo, c.c. Isaltina Lopes, filha de José Lopes e de .....

Pais de:
Pn-2.363 Geraldo
Pn-2.364 José
Pn-2.365 Nair
Pn-2.366 Lourdes
Pn-2.367 Divina
Pn-2.368 Luzia
Pn-2.369 Maria.

Qn-2.439 Nicanor, c.c. Maria de Barcelos, filha de Antônio Barcelos e de .....
Qn-2.440 Sebastiana, c.c. João Sabino, filho de Sabino José de Barcelos e de .....

Pais de:
P-2.370 José.

Qn-2.441 Alicério, c.c. Ambrosina, viúva de Augusto de Oliveira Campos, (Augusto Novato).

Sem filhos

Qn-2.442 Agenor, c.c. Maria Possidônia, filha de Inácio de Oliveira Campos, (Inacinho da Boa Vista), e de Rita Gertrudes de Campos Cordeiro.

Sem filhos

Nota: — Maria Possidônia é tia de Agenor.

Qn-2.443 Maria, c.c. Manuel Maria Rodrigues, português.

Pais de:

Pn-2.370 Adélia.

Qn-2.444 Ilídio, casado a primeira vez com Aurora, filha de Belchior Joaquim de Oliveira Machado (Belchior do Atoleiro), e de Joana de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Ilídio, casado a segunda vez com Maria Madalena Belchiorina de Campos Cordeiro Valadares, filha de Belchior de Campos Cordeiro e de Isabel Jacinta de Campos Cordeiro Valadares.

Sem filhos

Ilídio, casado a terceira vez com Ilda, filha de Fernando de Oliveira Machado, (Nandi), e de Ana de Campos Cordeiro Valadares.

Qn-2.445 Inácio, c.c. Maria, filha de Joaquina de Oliveira Resende e de Rita de Oliveira Resende.

Pais de:

Pn-2.371 Célio
Pn-2.372 Ulisses
Pn-2.373 Ilda
Pn-2.374 Célia

N-72 Dr. Sebastião Cordeiro dos Campos Valadares, nascido a 6 de novembro de 1815 e falecido a 16 de março 1896, casado a primeira vez com Antônia Margarida de Campos Cordeiro, filha de Ana de Campos Cordeiro e do Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Dr. Sebastião, casado a segunda vez com Antônia Carolina Álvares da Silva, viúva de Belchior José de Campos, filha de Maria Carolina Álvares Ferreira da Silva, (Dona Maria da Bahia), e de Jacinto Álvares Ferreira da Silva.

Sem filhos

Dr. Sebastião, casado a terceira vez com .....

Pais de:

Bn-308 Máxima de Campos Fonseca, c.c. João Gualberto da Fonseca.

Pais de:

Tn-1.034 Maria da Conceição Linhares, c.c. José Linhares Lage.
Tn-1.035 Maria José de Campos, falecida, c.c. Procópio de Oliveira Campos, filho de Pedro de Oliveira Campos e de D. Laurinda Augusta de Campos.

Filhos já descritos

Tn-1.036 Máxima, irmã de caridade.
Tn-1.037 Maria

Tn-1.038 Joanita, c.c. Ângelo Machado.
Tn-1.039 Maria Aurélia, c.c. Joaquim Timóteo.
Tn-1.040 Carmelita, solteira.
Tn-1.041 Eugênio, c.c. Adalgisa Fonseca.
Tn-1.042 Mário, c.c. Maria Regina.

Pais de:

Qn-2.446 Vanuci.

Tn-1.043 Maria Gualberto Pereira, c.c. o Ten. Espera em Deus Gomes Pereira, da Fôrça Pública do Estado de Minas Gerais.
Tn-1.044 João Gualberto de Campos, c.c. Carolina Sinval de Campos.

N-73 Antônio Garcia Cordeiro Valadares, nascido em 1817, casado a primeira vez com Carolina de Oliveira Campos, filha do Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos e de Claudina Cândida Lataliza França.

Pais de:

Bn-309 Carolina, (Calu), c.c. Antônio Cândido de Campos Cordeiro, filho de Claudina de Oliveira Campos e de ....

Filhos já descritos

Bn-310 Virgínia, c.c. Jacinto de Barcelos.

Sem filhos

Bn-311 Benjamim Garcia Cordeiro Valadares, c.c. Idalina Antonieta da Rocha.

Pais de:

Tn-1.045 Antônio, (Toniquinho Garcia), casado a primeira vez com Luísa Valadares.

Pais de:

Qn-2.447 José
Qn-2.448 Geraldo
Qn-2.449 Higino
Qn-2.450 Albis
Qn-2.451 Ataliba
Qn-2.452 Lalina.

Antônio, (Toniquinho Garcia), casado a segunda vez com Adelaide Alvares Maciel, filha do Capitão Olímpio Cordeiro Maciel e de Joana Álvares da Silva.

Filhos já descritos

Tn-1.046 Rogaciano, c.c. Leonor Guimarães Ferreira. Rogaciano é falecido.

Pais de:

Qn-2.453 Idalina, c.c. Higino, falecido, filho de Crisipo Higino Cordeiro Valadares e de Luísa Valadares de Vasconcelos.

Filhos já descritos

Qn-2.454 Nermi, c.c. José, filho de Crisipo Higino Cordeiro Valadares e de Luísa Valadares de Vasconcelos.

Filhos já descritos

Bn-312 Ernestina, c.c. José Pereira da Fonseca.

Pais de:

Tn-1.047 Edwiges
Tn-1.048 Maria

Tn-1.049 Amélia
Tn-1.050 Elisa.
Tn-1.051 José Garcia Pereira da Fonseca, c.c. sua tia Angélica, filha de Antônio Garcia Cordeiro Valadares e de Maria Joaquina de Oliveira Machado, (Dona do Retiro).

Filhos já descritos

Bn-313 Antônia, c.c. Antônio Benjamim de Barcelos.

Pais de:

Tn-1.052 Sebastião Cordeiro de Barcelos, c.c. Isabel Álvares da Silva, filha de José Miguel Álvares da Silva e de Antônia .....

Pais de:

Qn-2.455 Maria, c.c. João Bento e Silva, residente em Papagaio.
Qn-2.456 José Cordeiro da Silva, falecido, c.c. Maria, irmã de João Bento e Silva.
Qn-2.457 Isabel
Qn-2.458 Zulmira, c.c. Pedro Miguel Guimarães.
Qn-2.459 Teresa Isabel, c.c. José Lino de Barcelos, filho de Andrade de Barcelos e de .....
Qn-2.460 Miguel Cordeiro da Silva, c.c. Antônia Augusta de Barcelos, filha de Augusto de Barcelos e de .....
Qn-2.461 Antonieta, c.c. Júlio Miguel Guimarães, residente na Fazenda da Troncha, município de Pitangui.
Qn-2.462 Antônio, c.c. Umbelina Luísa de Faria.
Qn-2.463 Juventina, c.c. José Otávio dos Santos.

Tn-1.053 Antônio Maurício de Barcelos, c.c. Policena Luísa da Veiga, residente em Papagaio, filha de Antônio Pio da Veiga e de Lúcia de .....

Sem filhos

Tn-1.054 Andrade de Barcelos, c.c. Maria, filha de Joaquim Tomás Guimarães e de Eulália Guimarães.

Pais de:

Qn-2.464 José Lino de Barcelos, c.c. Teresa Isabel, filha de Sebastião de Barcelos e de Isabel Álvares da Silva.
Qn-2.465 Juvenal, c.c. Eulália, filha de Augusto de Barcelos e de .....
Qn-2.466 Antônio, solteiro.
Qn-2.467 Joaquim, solteiro.

Tn-1.055 Benedita, c.c. Osório de Freitas Maciel, filho Pedro Vieira Duarte Maciel e de Maria Felizarda de Freitas.

Pais de:

Qn-2.468 José Maciel Sobrinho, c.c. Otília de Faria, filha de João Tibúrcio de Faria e de Maria de Faria Barcelos.

Pais de:

Pn-2.375 Carmem
Qn-2.469 Antônio Maciel de Barcelos.
Qn-2.470 Davi Maciel de Barcelos.
Qn-2.471 Alcides Maciel de Barcelos, c.c. Generosa de Faria, irmã de Otília de Faria.

Pais de:

Pn-2.376 Osvaldo
Pn-2.377 Maria
Pn-2.378 Ari
Pn-2.379 Osório.

Qn-2.472 Maria Maciel de Barcelos, c.c. Sebastião Cordeiro Valadares, filho de Joaquim Higino de Campos Cordeiro Valadares e de Berta de Campos Cordeiro.

Sem filhos

Tn-1.056 Augusto Maurício.
Tn-1.057 Batista Maurício.
Tn-1.058 Maria Salomé de Barcelos, c.c. Custódio Luís de Faria.

Pais de:

Qn-2.473 Policena, c.c. Crisipo Higino Cordeiro Valadares, filho de Maria Joaquina Cordeiro Valadares e de Higino Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

Qn-2.474 José de Faria Barcelos, (Zé Custódio), c.c. Maria Joaquina, (Mazica), filha de Crisipo Higino Cordeiro Valadares e de Luísa Valadares de Vasconcelos.

Filhos já descritos

Tn-1.059 José Augusto de Barcelos.
Tn-1.060 Maria Garibaldina, c.c. José Augusto Marcelo, (José Caldereiro).

Bn-314 Joana, (Joana do Atoleiro), c.c. Belchior Joaquim de Oliveira Machado, (Belchior do Atoleiro), filho de Belchior Joaquim de Souza Machado, (Belchior da Bucaína), e de Joana de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Antônio Garcia Cordeiro Valadares, casado a segunda vez com Maria Joaquina de Oliveira Machado, (Dona do Retiro), filha de Belchior Joaquim de Souza Machado, (Belchior da Bucaína), e de Joana de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

N-74 Dr. Francisco Cordeiro dos Campos Valadares, nascido a 30 de outubro de 1820 e falecido a 15 de maio de 1886, formado em Medicina a 20 de dezembro de 1846, casado a primeira vez com Antônia Benedita de Oliveira e Silva, em 1844, filha do Cel. Martinho Álvares da Silva e de Isabel Jacinta de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Dr. Francisco, casado a segunda vez com Domitila de Oliveira e Silva, irmã de Antônia Benedita.

Filhos já descritos

N-75 Joaquina, nascida em 1822, c.c. Joaquim Antônio de Campos Cordeiro, filho de Ana de Campos Cordeiro e do Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos. Joaquina era tia de Joaquim Antônio e residiram na Fazenda da Porteira.

Filhos já descritos

N-76 Maria de Campos Cordeiro Valadares, nascida em 1824, c.c. o seu sobrinho José Joaquim Cordeiro Valadares, (Zé do Paulista), filho de Joaquim Cordeiro Valadares e de Claudina de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

N-77 Basílio, nascido em 1826, casado a primeira vez com Isabel de Campos Cordeiro, filha de Antônio de Campos Cordeiro Valadares e de Isabel de Oliveira Campos, (esta, filha do Ten. Inácio de Oliveira Campos e de Bárbara Umbelina de Sá e Castro).

Filhos já descritos

Basílio, casado a segunda vez com Josina Braga.

Pais de:

Bn-315 Josina, c.c. João Carneiro de Abreu, filho de Antônio de Abreu Castelo Branco e de Mariana Carneiro de Mendonça.

Filhos já descritos

CORONEL CLORINDO DE C. VALADARES

Condecorado com a Medalha e Passadeira de Prata pelos bons serviços militares prestados durante mais de vinte anos.

Na revolução de 1930 recolhe-se a seu Regimento, vencendo dificuldades para ali penetrar e assumir o comando da 1.ª companhia.

É um dos heróis da resistência do 12.º R.I.

Após seis dias de luta e já sem esperança de vitória pela falta absoluta de recursos, em reunião consultiva do Comandante e demais oficiais, opina pela continuação da resistência, mesmo diante as honrosas condições ofe-

Coronel Clorindo de Campos Valadares

recidas e a precária situação geral da tropa: munição esgotada, falta d'água, de acomodação para os feridos e condições sanitárias péssimas, manifestando-se contrário à rendição, em companhia do Tenente Bragança. Este, porém, reconsidera o seu voto, a pedido de seu progenitor, o Capitão da Fôrça Pública Lopes Bragança, homisiado naquela unidade do Exército.

Recebe inúmeros elogios constantes de sua fé de ofício, e desempenha cargos honrosos de comando. De instrução militar aprimorada, tem

trabalhos técnicos publicados e elogiosamente distribuídos pelos seus comandantes às corporações militares a que tem pertencido.

É escritor e jornalista.

Bn-316 Ana Luísa, c.c. José Nepomuceno.

Pais de:

Tn-1.061 Dalila
Tn-1.062 Joana
Tn-1.063 Joaquim Gerson.

Bn-317 Maximiliano de Campos Valadares, residente em Pirapora, c.c. Leopoldina da Silveira.

Pais de:

Tn-1.064 Arlindo, falecido solteiro.
Tn-1.065 José, c.c. Antonieta Estêves.

Pais de:

Qn-2.475 Leopoldina
Qn-2.476 Francisco de Assis
Qn-2.477 Ivan
Qn-2.478 Conceição
Qn-2.479 Lourdes
Qn-2.480 Jorge
Qn-2.481 Antônio
Qn-2.482 Maria Aparecida

Tn-1.066 Ccl. Clorindo de Campos Valadares, do Exército Nacional, residente em Belo Horizonte, c.c. Julieta Valadares.

Pais de:

Qn-2.483 Clorindo
Qn-2.484 Cléia
Qn-2.485 Clinton
Qn-2.486 Milton, falecido
Qn-2.487 Clardo.

Tn-1.067 Zulmira, c.c. Rolando Ferreira de Melo.

Pais de:

Qn-2.488 Sônia
Qn-2.489 Paulo Rolando.

RESUMO

		9
F	.. ..	77
N	.. ..	317
Bn	.. ..	1.067
Tn	.. ..	2.489
Qn	.. ..	2.379
Pn	.. ..	658
Sn	.. ..	45
Hn	.. ..	7.041
Soma	.. ..	
Descendentes: 7.041		7.041

DESCENDÊNCIA DE CAPITÃO JOAQUIM ANTÔNIO DE OLIVEIRA CAMPOS E CLAUDINA CÂNDIDA LATALIZA FRANÇA

CAPÍTULO X

FILHOS

N-78 Inácio de Oliveira Campos, (Inácio Cabeça), c.c. Rita de Campos Cordeiro Valadares.
N-79 Claudina de Oliveira Campos. c.c. Joaquim Cordeiro Valadares.
N-80 Joaquina de Oliveira Campos, c.c. João Joaquim de Souza Machado.
N-81 Jacinta de Oliveira Campos, c.c. José de Campos Cordeiro Valadares.
N-82 Joana de Oliveira Campos, c.c. Belchior Joaquim de Souza Machado, (Belchior da Bucaina).
N-83 Carolina de Oliveira Campos, c.c. Antônio Garcia Cordeiro Valadares.
F-10 Capitão Joaquim Antonio de Oliveira Campos, casado a primeira vez com Claudina Cândida Lataliza França, de Mateus Leme.
Pais de:
N-78 Inácio de Oliveira Campos, (Inácio Cabeça), casado a primeira vez com Rita de Campos Cordeiro Valadares, filha de Antônia de Oliveira Campos, (Dona Antônia do Paulista), e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares
Filhos já descritos
Inácio, (Inácio Cabeça), casado a segunda vez com .....
Pais de:
Bn-318 Joaquim Antônio de Campos, c.c. Leocádia Pereira da Fonseca, filha de Faustino Pereira da Fonseca e de Maria Duarte Maciel.
Pais de:
Tn-1.068 Inácio João, c.c. Luísa de Oliveira Machado, filha de Pedro de Oliveira Machado e de Ricarda Cordeiro Valadares.
Bn-319 Pedro Honório, falecido solteiro.
Bn-320 Antônia, c.c. Cornélio Pereira da Fonseca, filho de Faustino Pereira da Fonseca e de Maria Duarte Maciel.
Pais de:
Tn-1.069 Gabriel, c.c. Rita Lucas de Oliveira, filha de Júlio Alves de Oliveira e de Filomena Ribeiro de Souza.
Pais de:
Qn-2.490 Cassilda, c.c. Luís José de Freitas.
Qn-2.491 Honorata, c.c. Estácio da Silva Ribeiro, comerciante em Papagaio.
Pais de:
Pn-2.380 Teresinha, c.c. Múcio, filho de Cândido Gonçalves dos Reis e de Maria do Carmo Valadares Bahia. Residente em Papagaio.
Filhos já descritos
Pn-2.381 Teresinha, c.c. José, filho de Arinda Valadares de Vasconcelos e de José Valadares Bahia.
Pn-2.382 Tarciso, estudante
Pn-2.383 Telma, estudante.
Qn-2.492 Lacerdino, c.c. Branca Freitas de Oliveira.
Qn-2.493 Benevides, c.c. Juvelina Guimarães de Oliveira.
Qn-2.494 Gersi, c.c. Maria das Dores, filha de Cândido Gonçalves dos Reis e de Maria do Carmo Valadares Bahia.
Filhos já descritos
Qn-2.495 Glicéria, c.c. Luís Gonzaga de Faria.
Qn-2.496 Luci, c.c. Antônio José de Freitas.
Qn-2.497 Jofre, solteiro.
Qn-2.498 Maria Osias, solteira.
Qn-2.499 Valdevina, solteira.
Tn-1.070 Isabel
Tn-1.071 Maria
Tn-1.072 Afra.
Bn-321 Álvaro, c.c. Dona Sinhá (?), residente em Abaeté.
Bn-322 Joana, c.c. Horácio de Campos Cordeiro, residente em Abaeté.
Filhos já descritos
Bn-322 Teófila, c.c. Antônio de Medeiros.

Pais de:
Tn-1.073 Teófilo Silvino, (Gonde), c.c. Maria, filha de Máximo Pereira e de .....
Tn-1.074 Sinhô, (?), c.c. Ana Cordeiro do Espírito Santo.
Tn-1.075 Xisto, c.c. Francisca de Campos.
Tn-1.076 Antônio Fernandes, c.c. Cecília Cordeiro do Espírito Santo.
Tn-1.077 José Maria, c.c. Maria de Souza Machado.
Tn-1.078 Emília, c.c. Constantino Rocha.
Tn-1.079 Maria, solteira.
Bn-324 Alexandre, c.c. Cândida Maria Guimarães, filha de Cândido Tomás Guimarães e de Isabel Maria Guimarães.
Sem filhos

Bn-325 Olímpio de Oliveira Campos, casado a primeira vez com Joaquina Cordeiro Valadares, filha de João Cordeiro Valadares e de Maria Ferreira de Carvalho.
Olímpio de Oliveira Campos, casado a segunda vez com Luísa de Souza Machado, filha de João da Cunha e Castro, (Janjão), e de Maria Joaquina de Oliveira Machado.
Filhos já descritos

Olímpio de Oliveira Campos, casado a terceira vez com Leonor, irmã de Luísa de Souza Machado.
Sem filhos

Bn-326 Isabel, falecida solteira.

Bn-327 Maria, c.c. .....
Bn-328 Martinho, c.c. Antônia .....
Residente em Moravânia.

N-79 Claudina de Oliveira Campos, casada a primeira vez com Joaquim Cordeiro Valadares, filho de Dona Antônia de Oliveira Campos, (Dona Antônia do Paulista), e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

Claudina de Oliveira Campos, casada a segunda vez com .....

ANTÔNIO CÂNDIDO

O Antônio Cândido deveria chamar-se João Cândido por ter em seu homônimo um sublevado, sob cujo comando estivera a belonave capitânea de nossa marinha. A sorte do Rio de Janeiro também estivera em suas mãos, pelo menos é a lenda que corre, se ainda não constituem as façanhas do intrépido marujo uma página definitiva de nossa história.

O Antônio Cândido, abastado fazendeiro de Buriti da Estrada, hoje Pompéu, estava na obrigação de ser um bravo como o outro, daquela bravura que lhe herdou Dona Joaquina do Pompéu, que enche de lendas pitorescas a história do antigo distrito de Pitangui.

Há uma confusão nos dois nomes — Buriti da Estrada e Pompéu, mas o primeiro era a sede do distrito, nomeado Pompéu, que acabou designando o todo e a parte. É coisa que se não justifica senão para satisfazer o prurido dos reformadores de todos os tempos e estofos.

O nome Buriti da Estrada é mais evocativo, mais específico, por isso mesmo que aqui e ali, naquele ubérrimo trato de terra, insulado entre os rios São Francisco, Pará, Paraopeba e Rio do Peixe são freqüentes as grandes veredas banhadas de puríssima linfa corrente, em cujas margens se alteia em renques a palmeira indígena, que inspirara a Afonso Arinos uma das páginas mais formosas de nosso vernáculo.

Há imensa beleza nos buritizais do sertão, em cujas frondes não raro poisam as araras itinerantes, pintalgando de azul e amarelo o verde uniforme das folhagens, o qual quebram, além dos hóspedes gritadores, os cachos de cocos retintos, escamados e pendentes dos estipes aprumados.

Essas lindas paragens é costume freqüentar as garças, jaçanãs, irerês e outras aves aquáticas, matizando a planície em derredor e poetizando o ambiente. Buritis, há-os diferentes, consoante o aspecto da região em que medram: Buriti da Estrada, Buriti do Açude, Buriti Comprido, Buriti Torto, Buriti do Meio, etc.

Lá se vai, entretanto, o nome de Buriti da Estrada, em favor do de Pompéu, deixando dêle perene lembrança ligada a acontecimentos inesquecíveis.

Foi naquele rincão sertanejo que estadeou prestígio incontrastável Dona Joaquina do Pompéu, matrona de espírito viril e aprimoradas virtudes, cuja memória a maledicência por vêzes há tentado marcar, emprestando-lhe defeitos que não teve, porém em pura perda, pois está de todo em todo reabilitada a figura daquela que fazia inimigos, sòmente pelas suas qualidades varonis, reveladas no exercício da autoridade e no mandato do poder político, a ela conferidos por D. Pedro I.

Antônio Cândido é descendente de D. Joaquina, por isso dotado daqueles atributos viris, que a singularizavam. Êle os exercita, porém, só no círculo restrito de suas relações, fazendo-se respeitar como homem valente e demandista.

Não dá a sua razão para ninguém e absolutamente não concorda com a sabedoria do provérbio, que diz: "Antes má acomodação do que boa demanda". Quer que se faça luz sôbre os acontecimentos que o envolvem, a fim de que, afinal se verifique "quem tem garrafa vazia para vender".

Cel. Antônio Cândido de Campos Cordeiro

É homem rude e franco. Dado a freqüentes disputas e querelas, orgulha-se de não ceder jamais o seu direito para ninguém, até que se lhe extingue a vida atribulada.

O Dico do Aterrado é outro fazendeiro de Pompéu, da mesma estirpe de Antônio Cândido, porque também descendente de Dona Joaquina, o que, aliás acontece a quase todos os pompeanos.

Mais teimoso ainda que seu parente, com o qual passa a não mais "amarrar as éguas junto" na expressão usual dos sertanejos. Dico é maludo de inclinação. Não como Antônio Cândido, por amor a qualquer coisa que lhe representasse um ideal, mas pelo prazer, tão sòmente, de arrastar mala, pois não consta haja matado siquer um passarinho.

A sua casa é um arsenal de armas dependuradas pelas paredes, como ornamentos, variando da carabina ao bodoque, passando pela picapau, sempre mentirosa, porque crefa uma, duas e mais vêzes, antes de detonar. Pois os dois homens consangüíneos se desavêm de uma feita, e se fazem inimigos um do outro, não se sabe porque cargas dágua. Talvez por mera rivalidade. Cada qual se mostra mais ofendido em seus melindres. Instintivamente inclinado a bravatas Dico manda requerer a Antônio Cândido que não mais ouse passar em seus currais, que dão caminho para Buriti da Estrada. Antônio Cândido bufa de raiva e jura por Deus contrariar a ousada pretensão.

— Onde já se viu tamanho atrevimento? Acho um pouco meio muito o desaforo de meu parente, proibindo a minha passagem por uma estrada real!

Pensando bem e dizendo isto, manda arreiar a sua melhor besta de sela, veste o terno de sair, não dispensando o colete, que lhe guarda o cebolão prendido a uma pesada gôndola de ouro maciço, atravessada sôbre o mesmo, pendente ao meio da qual oscila um medalhão.

Conhecendo todos os segredos da arte hípica, monta com perfeição e elegância, trazendo, quando viaja, chapéu de aba larga, copa quebrada em quatro quinas, botas e esporas com corrente de prata luzidia. Barbas crescidas em desalinho, batidas pelo vento, é de vê-lo montado em sua demanda, pura marchadeira, azougada e passarinheira. Um perfeito cavaleiro, infundindo respeito e admiração pelo garbo e firmeza de rédea.

Por dá-cá-aquela-palha faz virar nos pés, ou recuar em marcha-ré e linha reta o fogoso animal.

Ei-lo que parte para o desagravo prelibado, armado até os dentes, disposto a tudo, mesmo a pisar o cadáver de quem quer que lhe obste a jornada.

— Dar eu uma volta de légua e meia é muito prá égua dêle!

Em caminho só pensa na lição que vai infligir. E toca a andar em ritmo acelerado, até que chega à fazenda de Dico, cujos currais, ponto obrigatório de passagem, lhe é defeso atravessar.

Sem um gesto de relutância, abre a porteira de entrada, que ringe alto no coice, despertando a atenção dos da casa.

De um ímpeto salta de dentro dela para o meio do curral dois jovens arquejantes e enfurecidos, que, enfrentando o destemido viajante, lhe apontam alentadas carabinas, a um só tempo, gritando a plenos pulmões:

Alto, parente!

Antônio Cândido, já transposta a porteira, sem dizer palavra, nem sequer pestanejar, dá de rédeas ao animal, que vira nos pés, volvendo caminho de casa, na humilhação de quem lhe falta a coragem ou sabe não perder a calma e medir devidamente o perigo.

Chega em casa noite fechada, não conseguindo fechar os olhos, ofendido em sua vaidade de homem destemeroso, que tem sido tôda a vida.

De manhãzinha, instintivamente, apresta-se de novo para a mesma viagem, frustrada na véspera, na intensão de desagravar-se em definitivo, houvesse o que houvesse. Arma-se também de carabina, reluzente ao sol e atravessada a tiracolo, certo de que tudo agora levaria de vencida. E parte. Chegado que é ao ponto fatídico de sua humilhação, com grande desenvoltura

abre a porteira de entrada, que ringe alto e de novo no coice, despertando desta vez o silêncio absoluto que envolve a casa de seu parente e desafeto.

É quando Dico, êle mesmo em carne e osso, sòzinho, salta prá fora, carabina em punho, gritando com fôrça, como o fizeram seus filhos:

Alto, parente!

Antônio Cândido, serenamente, não se dando por achado, nem sequer olhando para os lados, atravessa o curral e atinge a porteira de saída.

Dico, então, acometido de espanto e perplexidade, ante a coragem de seu velho parente feita daquela indiferença pelo perigo, arria a arma, que jamais havia empunhado com tanta gana, exclamando, possesso de raiva:

— Parente, por que o senhor ontem respeitou meus filhos e hoje faz tanto pouco caso de mim?

Antônio Cândido, já com a mão na tramela da porteira de saída, volve o olhar e responde:

— Parente, o senhor não vê que ontem eram dois moços que me agrediam e hoje é um velho como eu, incapaz de cometer um ato de loucura, matando à-toa um filho de Deus?

Dico do Aterrado, surpreendido com a justeza do conceito, tamanha calma e senso de oportunidade, responde sem mais aquela:

— Parente, apeie então, e venha tomar o meu café.

Pais de:

Bn-329 Antônio Cândido de Campos Cordeiro, c.c. Carolina de Oliveira Campos, (Calu), filha de Antônio Garcia Cordeiro Valadares e de Carolina de Oliveira Campos.

Pais de:

Tn-1.080 Francisco, (Chicuruta), c.c. Francelina, filha de Cícero de Campos Cordeiro e de Amélia Vieira Duarte Maciel. Residiu em João Pinheiro.

Pais de:

Qn-2.500 Anibal, falecido
Qn-2.501 Ataualpa, falecido
Qn-2.502 Amélia
Qn-2.503 Ataualpa
Qn-2.504 Enólia
Qn-2.505 Anor, falecido
Qn-2.506 Adelaide
Qn-2.507 Maria, c.c. Nadir Ferreira de Melo.

Pais de:

Pn-2.384 Teresinha
Pn-2.385 Solange
Pn-2.386 Júlio César.

Qn-2.508 Maria das Dores, c.c. Antônio Carneiro de Mendonca.

Pais de:

Pn-2.387 Afrânio
Pn-2.388 Neusa, falecida
Pn-2.389 José Júlio
Pn-2.390 Eliana
Pn-2.391 Renzo.

Qn-2.509 Zilá, c.c. Epaminondas dos Santos.

Pais de:

Pn-2.392 Maria Zilá
Pn-2.393 José Alcides
Pn-2.394 Epaminondas.
Pn-2.395 Gizelda
Pn-2.396 Tarciso
Pn-2.397 Lindóia
Pn-2.398 Márcio
Pn-2.399 Narciso.

Tn-1.081 Estanislau Castelo Branco, (Telau), casado a primeira vez com Belchiorina Álvares Castelo Branco, filha de Antônio Álvares da Silva e de ~~Maria~~ (Lulú) Alves de Morais.

Filhos já descritos

Estanislau, casado a segunda vez com Maria José, (Verônica), irmã de Belchiorina.

Filhos já descritos

Tn-1.082 Natanael de Campos Castelo Branco, (Nata), casado a primeira vez com Claudina de Campos Cordeiro, filha de Dâmaso de Campos Cordeiro e de Rita de Campos Cordeiro, (esta filha de Belchior do Penedo).

Pais de:

Qn-2.510 Anor, solteiro
Qn-2.511 Joaquim Antônio, solteiro
Qn-2.512 Claudimiro, solteiro
Qn-2.513 Regnelo.

Natanael, (Nata), casado a segunda vez com Rosa Cordeiro Maciel, filha de Alexandre Cordeiro Maciel e de Joana Cordeiro Maciel, (esta, filha de Chiquinho do Quati).

Pais de:

Qn-2.514 Senor
Qn-2.515 Genesina.

Tn-1.083 Turena, c.c. Antônio de Abreu e Silva, filho de Antônio Pedro de Abreu e Silva e de Ana Jacinta de Oliveira Campos.

Filhos já descritos

Tn-1.084 Cecília de Campos Castelo Branco, c.c. Emídio de Souza Mateus, filho de Francisco de Souza Mateus e de Maria Madalena de Souza Mateus.

Sem filhos

Bn-330 Horácio, c.c. Joana de Oliveira Campos, de Abaeté.

Pais de:

Tn-1.085 Rodolfo, c.c. Maria Barbosa de Jesus, filha de Carlos Alves e de Galvina Barbosa de Jesus.

Pais de:

Qn-2.516 Luís
Qn-2.517 José
Qn-2.518 Inácio
Qn-2.519 Maria

Qn-2.520 Joana
Qn-2.521 Dulce
Qn-2.522 Álvaro

Tn-1.086 Beatriz, solteira.

Tn-1.087 Inácio, c.c. Virgilina Lucas Pereira, filha de Pacífico Lucas Pereira e de Balbina Rosa do Rosário. Residente em Abaeté.

Pais de:

Qn-2.523 Maria José
Qn-2.524 José. falecido
Qn-2.525 José Inácio
Qn-2.526 José Maria
Qn-2.527 José Campos
Qn-2.528 José de Oliveira
Qn-2.529 José Olavo
Qn-2.530 Maria Elisa.

Bn-331 Luísa Cândida de Campos Cordeiro, c.c. Luís de Campos Cordeiro, (Luís Tira Saia), filho de José de Campos Cordeiro Valadares e de Isabel Jacinta de Oliveira Campos.

Pais de:

Tn-1.088 Francisca, c.c. Jacinto de Campos Cordeiro, (Jacinto Travessão), filho de Belchior de Oliveira Campos e de Isabel de Campos Cordeiro.

Pais de:

Qn-2.531 Luís Caetano
Qn-2.532 José
Qn-2.533 Nosso

Tn-1.089 Isaura, c.c. Pio Álvares da Silva, filho de João Alves da Silva e de Ana .....

Pais de:

Qn-2.534 Ana
Qn-2.535 Aprígio
Qn-2.536 João
Qn-2.537 Luísa
Qn-2.538 Adolfo
Qn-2.539 Orsine
Qn-2.540 Valdemiro.

Tn-1.090 Maria Luísa, c.c. Benedito, filho de Dâmaso de Campos Cordeiro e de Maria Madalena França.

Sem filhos

Tn-1.091 Gabriela, c.c. Antônio, filho de Dâmaso de Campos Cordeiro e de Maria Madalena França.

Sem filhos

Tn-1.092 Francisco Luís, (Chico Mano), c.c. Jacinta, filha de Joaquim de Campos Cordeiro e de Margarida de Campos Cordeiro, (Pequenina).

Pais de:

Qn-2.541 Juventina
Qn-2.542 Joaquina, c.c. João Serra Machado.

Filhos já descritos

Qn-2.543 Claudina
Qn-2.544 José
Qn-2.545 Joaquim
Qn-2.546 Francisco de Assis.

Tn-1.093 Leopoldo, c.c. Joaquina, filha de Estevão Ferreira e de Modestina Maia.

Pais de:

Qn-2.547 Luísa
Qn-2.548 Mário
Qn-2.549 Modestina
Qn-2.550 Marina
Qn-2.551 José Maria
Qn-2.552 Antônio
Qn-2.553 Maria
Qn-2.554 Amarilis.

Tn-1.094 Roberto, c.c. Francisca, filha de Luís Romano e de Rita de Menezes. Residem em João Pinheiro.

Pais de:

Qn-2.555 Alvarina
Qn-2.556 Luísa, falecida
Qn-2.557 Luís
Qn-2.558 Jacinta
Qn-2.559 Inês
Qn-2.560 Adão
Qn-2.561 João
Qn-2.562 Francisco
Qn-2.563 Maria José
Qn-2.564 José Maria.

Tn-1.095 Cristovão, falecido solteiro.

Tn-1.096 Viriato, c.c. Maria, filha de Antônio Ribeiro Álvares da Silva e de Ana Cordeiro Álvares da Silva.

Pais de:

Qn-2.565 Antonieta
Qn-2.566 Julieta
Qn-2.567 Marieta.

Tn-1.097 Adrião, c.c. Ana, filha de Luís Romano e de Rita de Menezes. Residem em Macaúbas-Abaeté.

Sem filhos

Tn-1.098 Gerôncio, falecido solteiro.

Tn-1.099 José Fernando, (Zé Barbado), solteiro.

Bn-332 Francisco, c.c. Ana Margarida de Campos Cordeiro, filha do Dr. Sebastião Cordeiro dos Campos Valadares e de Antônia Margarida de Campos Cordeiro Valadares.

Sem filhos

Bn-333 Rita, c.c. Inácio de Oliveira Campos, (Inácinho da Boa Vista), filho de Inácio de Oliveira Campos e de Ritta Gertrudes de Campos Cordeiro.

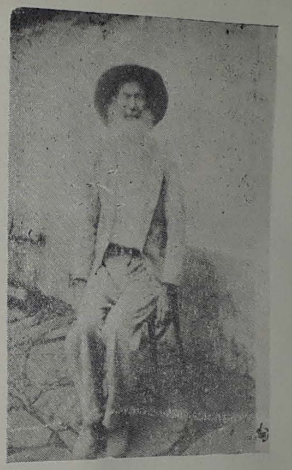
Pais de·

Tn-1.100 Joaquim, falecido solteiro.

Tn-1.101 Francisco Possidônio, casado a primeira vez com Claudina Cordeiro Valadares, filha de Antônio Joaquim de Campos Cordeiro, (Joaquim da Novilha Brava), e de Claudina de Campos.

Filhos já descritos

Francisco Possidônio, casado a segunda vez com Alvarina, filha de



Zé Barbado

Olímpio Cordeiro Valadares e de Antônia Joaquina de Campos.

Pais de:

Qn-2.568 Carlinda
Qn-2.569 Esterlita
Qn-2.570 Abílio
Qn-2.571 Alvarina, falecida
Qn-2.572 Carmelita
Qn-2.573 Juvenal
Qn-2.574 Beatriz, falecida
Qn-2.575 Ermelinda
Qn-2.576 Sudário, falecido
Qn-2.577 Francisco, falecido.

Tn-1.102 Claudina, c.c. José Joaquim Cordeiro Valadares, (Zé da Chácara), filho de Antônio Joaquim Cordeiro Valadares, da Novilha Brava, e de Claudina de Campos.

Filhos já descritos

Tn-1.103 Maria, casada a primeira vez com José Joaquim Cordeiro Valadares, (Zé da Chácara).

Filhos já descritos

Maria, casada a segunda vez com Romualdo de Oliveira Machado, filho de Fernando de Oliveira Machado e de Ana Cordeiro Valadares.

Sem filhos

Tn-1.104 Rita, falecida solteira.

Tn-1.105 Marcílio, c.c. Rosa Cordeiro Maciel, filha de Francisco Álvares da Silva, (Chiquinho do Quati), e de Joana Duarte Maciel.

Pais de:

Qn-2.578 Ursula
Qn-2.579 Valdomiro
Qn-2.580 Arão
Qn-2.581 Geraldo
Qn-2.582 Gervásio
Qn-2.583 Rita
Qn-2.584 Olivia
Qn-2.585 Maria.

Nota: Francisco Álvares da Silva (Chiquinho do Quati), c.c. Joana Duarte Maciel com os seguintes filhos:

Licurgo
Francisco
Jugurta
Esmeralda
Joana
Aurora
Eusébio
Rosa
Isabel
Virgínia

Casado com Silvina Ribeiro Bering. Filhos:

1) Alvarina, c.c. Clarindo de Brito. Sem filhos
2) Camélia, c.c. Antônio Batista dos Santos. Filhos:
   Luzardo
   Joaquim
   Maria Helena
   Múcio
3) Homero, c.c. Amélia dos Santos Bering. Filhos:
   Helena Maria
   Beatriz
   Eloíza Helena
   César Homero
4) Carmen, c.c. Antônio Pinto Barbosa. Filhos:
   Auta Feliz
   Célia Maria
   Maria José
   Dulce Vanda
   Joarez
   Zélia Ifigênia.
   Cícero
   Enéas

Tn-1.106 Inácio, (Inácio da Capivara ou do Campo Alegre), c.c. Roberta, filha de Álvaro Joaquim de Campos Cordeiro Valadares, (Álvaro Novato), e de Francelina Gertrudes de Campos Cordeiro.

Filhos já descritos

Tn-1.107 Valentina, c.c. Antônio de Oliveira Campos, (Antônio Munjolinho), filho de Joaquim Antônio de Campos e de Acácia Álvares da Silva.

Pais de:

Qn-2.586 Maria Celita
Qn-2.587 Adolfo
Qn-2.588 Antônio
Qn-2.589 Acácio
Qn-2.590 Miguel
Qn-2.591 Helena
Qn-2.592 Rita
Qn-2.593 Maria
Qn-2.594 Adis
Qn-2.595 Claudina
Qn-2.596 Isis
Qn-2.597 Américo.

Tn-1.108 Maria Possidônia, c.c. Agenor de Oliveira Campos, filho de Vicente de Oliveira Campos, (Vicente Caolho), e de Isabel de Oliveira Campos. Sem filhos

N-80 Joaquina, c.c. João Joaquim de Souza Machado, irmão de Belchior da Bucaína, filho de Maria Joaquina de Oliveira Campos e do Capitão Luís Joaquim de Souza Machado.

Filhos já descritos

N-81 Jacinta, c.c. José de Campos Cordeiro Valadares, filho de Antônia de Oliveira Campos. (Dona Antônia do Paulista), e do Guarda-Mor Joaquim Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

N-82 Joana, c.c. Belchior Joaquim de Souza Machado, (Belchior da Bucaína), filho de Maria Joaquina de Oliveira Campos e do Capitão Luís Joaquim de Souza Machado.

Filhos já descritos

N-83 Carolina, c.c. Antônio Garcia Cordeiro Valadares, filho de Antônia de Oliveira Campos, (Dona Antônia do Paulista), e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares.

Filhos já descritos

Capitão Joaquim Antônio de Oliveira Campos, filho de D. Joaquina do Pompéu, casado a segundo vez com Ana de Campos Cordeiro, sua sobrinha, filha de Antônia de Oliveira Campos, (Dona Antônia do Paulista), e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares.

Pais de:

N-84 Joaquim Antônio de Campos Cordeiro, casado a primeira vez com Joaquina de Campos Cordeiro Valadares, sua tia, filha de Antônia de Oliveira Campos, (Dona Antônia do Paulista), e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares. (Joaquim Antônio já foi referido como bisneto de Dona Joaquina do Pompéu).

Filhos já descritos

Joaquim Antônio de Campos Cordeiro, casado a segunda vez com Virgínia Generosa Duarte Maciel, filha do Ten. Alexandre Dias Maciel e de Rosa Duarte, (Rosa do Barreiro Prêto).

Filhos já descritos

N-85 Belchior de Campos Cordeiro, (Belchior do Penedo), c.c. Isabel Jacinta de Campos Cordeiro, filha de José de Campos Cordeiro Valadares e de Jacinta de Oliveira Campos. (Já referido como bisneto).

Filhos já descritos

N-86 Antônia Margarida de Campos Cordeiro, c.c. o Dr. Sebastião Cordeiro dos Campos Valadares, filho de Antônia de Oliveira Campos, (Dona Antônia do Paulista), e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares. (Já referida como bisneta).

Filhos já descritos

RESUMO

F	10
N	86
Bn	333
Tn	1.108
Qn	2.597
Pn	2.399
Sn	659
Hn	45
Soma Total:	7.237

Descendentes: 7.237

Olímpio de Campos Valadares, c.c. Ambrosina Gonçalves. Residiu em Sete Lagoas.

Pais de:

F-1 Coronel Quintiliano de Campos Valadares, nascido em 1888, em Capim Branco, município de Sete Lagoas, hoje cidade de Capim Branco, faleceu em 18 de agôsto de 1945.

Coronel da Polícia Militar de Minas Gerais; ocupou os mais altos postos em sua brilhante carreira militar; foi comandante de quase todos os batalhões da Milícia Mineira; Chefe do Estado Maior, Ajudante de ordem do Presidente Olegário Maciel; Assistente Militar do Governador Benedito Valadares; Prefeito de Januária e Chefe Político no Bairro de Santa Efigênia, em Belo Horizonte.

Como oficial subalterno, foi delegado em quase todos os municípios do Estado de Minas. Todos êstes cargos desempenhou com honestidade e galhardia. Era casado com a Exma. Sra. D. Hermínia Alvim de Campos Valadares, também já falecida.

Pais de:

N-1 Geraldina de Campos Valadares, falecida.

N-2 D. Dolores Valadares Meireles, c.c. o Sr. José do Carmo Meireles, chefe de ceção da Imprensa Oficial.

Pais de:

Bn-1 José Omar, estudante

Bn-2 Itamar, estudante

Bn-3 Marília, normalista

Bn-4 Ari, estudante

Bn-5 Márcio.

N-3 Capitão Paulo de Campos Valadares, do Corpo de Bombeiros, c.c. Altair Costa Valadares.

Pais de:

Bn-6 Paulo, falecido

Bn-7 Divina Lúcia, estudante

Cel. Quintiliano de Campos Valadares

Bn-8 Regina Maria

Bn-9 Luís Carlos.

N-4 Senhorita Zélia de Campos Valadares, professôra no Grupo Escolar D. Pedro 2.º, em Belo Horizonte.

N-5 Dr. Sebastião de Campos Valadares, médico veterinário da Secretaria de Agricultura do Estado de Minas Gerais, c.c. D. Nair Serra Valadares.

Pais de:

Bn-10 Roberto

Bn-11 Sônia.

N-6 Jaime de Campos Valadares, funcionário do Serviço de Trânsito do Estado de Minas Gerais, c.c. D. Marília Brasileiro Valadares.

Pais de:
Bn-12 Rosângela
Bn-13 Rosmary
Bn-14 Ricardo.

F-2 Maria ....., falecida.
F-3 Francisco, falecido solteiro.

POR ÚLTIMO

Eis que chegamos ao término de nossos trabalhos, com a satisfação de ter vencido uma longa jornada cheia de tropeços e canseiras, e o desvanecimento de haver realizado o cometimento a que nos propusemos, na preocupação de incorporar à história-pátria uma página sagrada pelas suas finalidades.

Efetivamente nos convencemos de ter levado a efeito obra de repercussão nos meios estudiosos, porque destinada à reabilitação e à consagração definitiva de uma grande figura, que passa a integrar, em luminosa evidência, a galeria de nossas patrícias, que mais lhes dignificaram o sexo, deixando rastros imperecíveis de sua passagem pela vida. Seria um grande crime deixar que o tempo, com sua ação destruidora, afinal impedisse a recomposição histórica da existência dessa mulher singular, que foi Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco, e sua memória pudesse continuar enxovalhada pela maledicência, ao serviço da mentira e da calúnia.

Não só a colheita de documentos históricos e dados genealógicos relativos a ela, sua descendência e ascendência, obtidos com escrupuloso zêlo e paciência beneditina, como também a estrutura orgânica e literária daqueles elementos, se fizeram com carinho e isenção, tudo sob o ponto de vista da verdade, excluindo as tradições lendárias e malévolas, que a volúpia do sensacionalismo costuma engendrar em tôrno das grandes personalidades.

Assim, diz-nos a consciência, cumprimos a obrigação assumida, inspirados, sobretudo, pelo espírito público de servir à coletividade, elevando, quanto em nós coube, com o estabelecimento de sua biografia histórica e genealógica, ao lugar que lhe compete, o nome bendito e glorioso de DONA JOAQUINA DO POMPÉU.

ÍNDICE

	Págs.
Introdução	13
Mariana	17
Pitangui	21
Pitangui de outros tempos	30
Pompéu	32
Pompéu Velho	36
Os Castelos Brancos	48
O Morgado	52
Dona Joaquina do Pompéu, do Bandeirante	59
Ascendentes dos Valadares de Pitangui	75
Documentos	82
Os Pintos da Fonseca	132
Abreu e Silva — Castelo Branco — Pinto Ribeiro	160
Descendência de três filhos de Garcia Rodrigues e Isabel Velho	177
Barão do Indaiá	214
Joana Maria Bicudo	221
Inês Rodrigues	240
Isabel Rodrigues	245
Uma figura de mulher no tempo dos Bandeirantes	270
Os Maciéis	277
Relação do parentesco entre a família do Dr. Getúlio Vargas e de Dona Joaquina do Pompéu	285
Dona Joaquina do Pompéu	295
Descendência de Ana Jacinta de Oliveira Campos e de Timóteo Gomes Valadares	301
Descendência de Félix de Oliveira Campos e de Eufrásia Maria da Silva	347
Em tôrno da vida e dos feitos de Dona Joaquina do Pompéu	374
Velhas Estirpes Mineiras e Paulistas	400
Descendência de Maria Joaquina de Oliveira Campos e de Cap. Luiz Joaquim de Sousa Machado	422

PÁGS.

Descendência de Jorge de Oliveira Castelo Branco e Antônio Maria de Jesus 498

Descendência de Isabel Jacinta de Oliveira Campos e do Te. Cel. Martinho Álvares da Silva 505

Discurso pronunciado em sessão de 18 de julho de 1884 por Martinho Álvares da Silva Contagem 535

Martinho Campos por Visconde de Taunay 581

Martinho Campos por Homero Pires 586

Martinho Campos por Jop João Dornas Filho 590

Discurso em sessão de 24 de janeiro de 1882 por Martinho Campos 596

Francisco Campos por Abgar Renault 615

Discurso sôbre a Poesia por Francisco Campos 619

Descendência do Te. Inácio de Oliveira Campos e de Bárbara Umbelina de Sá e Castro 646

Descendência de Ana Joaquina de Oliveira Campos e do Sargento-mor João Cardeiro Valadares 656

Descendência de Antônia de Oliveira Campos e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares 676

Descendência do Cap. Joaquim Antônio de Oliveira Campos e de Claudina Cândida Lataliza França 736

Por Último 751

	Págs.
Descendência de Jorge de Oliveira **Castelo** Branco e Antônio Maria de Jesus	498
Descendência de Isabel Jacinta de **Oliveira** Campos e do Te. Cel. Martinho Álvares da **Silva**	505
Discurso pronunciado em sessão de **18 de julho** de 1884 por Martinho Álvares da Silva **Contagem**	535
Martinho Campos por Visconde de **Taunay**	581
Martinho Campos por Homero Pires	586
Martinho Campos por Jop João Dornas Filho	590
Discurso em sessão de 24 de janeiro de 1882 por Martinho Campos	596
Francisco Campos por Abgar Renault	615
Discurso sôbre a Poesia por Francisco Campos	619
Descendência do Te. Inácio de **Oliveira Campos** e de Bárbara Umbelina de Sá e Castro	646
Descendência de Ana Joaquina de **Oliveira** Campos e do Sargento-mor João Cardeiro Valadares	656
Descendência de Antônia de Oliveira **Campos** e do Guarda-mor Joaquim Cordeiro Valadares	676
Descendência do Cap. Joaquim Antônio de Oliveira Campos e de Claudina Cândida Lataliza **França**	736
Por Último	751

IMPRENSA OFICIAL
BELO HORIZONTE
1956

ERRATA

Página	*Onde se lê*	*Leia-se*
7	portico	pórtico
15	quanta às datas	quanto ás datas
19	És a urbe	És urbe
19	é a queixa	é queixa
20	é o monumento	é monumento
20	do amor	o amor
20	é a tristeza	é tristeza
29	As escadinhas	Escadinhas
29	é uma bandeira	é a bandeira
29	uma saudade	a saudade
29	É assim	É tal
34	e ali	é ali
42	calánias	calúnias
42	e com ternura e com devoção	com ternura, com devoção
42	benemerência e	benemerência
43	fôra o	e fôra o
45	O velho casarão de Pompêu	O velho casarão do Pompéu
71	Pompêu Taques	Pompeu Taques
96	1956	1756
133	Crisosótomo	Chrisóstomo
141	Compos	Campos
180	mór	mor
184	áquele	aquêle
184	abalisado	abalizado
187	inventar do aeróstato	inventor do aeróstato
280	obrigatório	obrigatória
280	compôsto	composto
296	Caratinga	Catinga
308	Moacir Modesto de Souza Antônio Joaquim de Barros	Moacir Modesto de Sousa. Antônio Joaquim de Barros
310	Maro Grosso	Mato Grosso
317	Nenhinho	Nenzinho
318	Dr. Jacinto Alvares T da Silva	Dr. Jacinto Alvares F. da Silva
319	Dr. Edison	Dr. Edson
327	Isidoro	Isidro
333	Antônio Alves, Machado	Antônio Alves Machado
366	Eduarda Aman	Eduarda Amanda de Campos
376	e seu manuscrito	o seu manuscrito
397	siram	sairam
423	Osmar, Agente Fiscal, c. c. Iolanda Paiva	Osmar, Agente Fiscal, c.c. Iolanda Paiva. Pais de:
430	Aisson	Alisson
436	Azambuja	D. Loida Azambuja
437	Dr. Herbal	Dr. Herbert
440	Aluisius Silvius	Aloísio Sílvio
440	Apius	Ápio
440	Alulus	Aulus
441	Peita	Petita
441	22 de 1900	em 1900
475	Concécio	Concéssio
501	mucambo	mocambo
503	Sahazinha mulher Pacifiquinho	Inhazinha mulher de Pacifiquinho
513	Dr. Geraldo Sigaud	Dom Geraldo Sigaud
515	dos Campos Cordeiro	Cordeiro dos Campos
516	a Assembléia	á Assembléia
517	partricio	patricio
536	Dr. Martinho Alvares da Silva	Dr. Martinho Alvares da Silva Contagem
569	Cel. José Joaquim dos Santos	Cel. José Joaquim dos Santos Silva
578	Lucinha	Lucinda
579	Caxambu	Baependi
608	Fransico Botelho	Francisco Botelho
615	iniciada	indicada
640	Pedro Fernando Vieira	Pedro Fernandes Vieira
685	Dr. Marcel	Dr. Marcelo
690	Américo de Campos Cordeiro Valadares	Américo de Campos Cordeiro
694	Etelvina	Etelvita
697	Dr. Adelaide	D. Adelaide
698	Prados	Prado
701	José Hermilio	José Hermilo
701	solteiro	solteira
734	sua fé e ofício	sua fé de ofício
740	Alto parente	Alto, parente
741	rige	ringe
751	Casteuo	Castelo
323	Miguelina	Miquelina
487	Vanila	Vanilda
487	Togarma	Togalma
528	Mário Alves	Mário Álvares
528	Poetiza	Poetisa
571	Congeta (Conceição). Soromenho	Congeta (Conceição) Soromenho
742	Maria Alves	Luisa Alves
754	Cardeiro	Cordeiro.

Página	*Onde se lê*	*Leia-se*
94	— massão	meassão
247 a 248	— Dale	Dalle
251 a 258	— Mota	Motta
268	— Aluizio	Aluisio
272	— Edisson	Edson
327	— Belizário	Belisário
331	— Maristela	Maristella
341	— Togarma	Togalma
446 e 750	— Rosmary, Rosemeri	Rosemary
472	— Luiz	Luis
505	— Nábrega	Nóbrega
558	— Epoina	Eponina
566	— Vanderlei	Wanderley
605	— Marli	Marly
637 e 704	— Stela	Stella
665	— Aidê	Haydée
670	— Atos	Athos
670	— Mário Campos, e Silva	Mário Campos e Silva
746	— Joarez	Juarez

NOTA: —

Observações:

Pág. 168 — linha 4 — acrescentar: Zenóbia
Pág. 256 — linha 12 — suprimir: Motta
Pág. 331 — Acrescentar aos filhos de Antônio Alvares Gontijo: Rosa Maria
Pág. 335 — linha 13 — acrescentar: José Augusto, José Maurício, José Eduardo
Pág. 422 — A biografia que aparece antes da descendência do 3º filho de D. Joaquina refere-se a Qn-762 Dr. Lindolfo Xavier
Pág. 487 — linha 47 — acrescentar: Patrícia
Pág. 519 — A fotografia é de Caio Campos Valadares, filho do Dr. Benedito, tirada aos oito anos de idade.
No índice: Descendência de D. Joaquina de Oliveira Campos e do Cap. Antônio Alves da Silva, na pág. 498
Pág. 531 — Onde se lê Francisca Lopes Cançado leia-se Francina Lopes Cançado
Pág. 680 — Onde se lê Virginio de Campos Cordeiro Valadares leia-se Virgílio de Campos Cordeiro Valadares
Pág. 364-365 — Acrescentar aos filhos de Manoel Fidelis Teixeira: Padre Inácio Fidelis de Campos.
Pág. 467 — Acrescente-se aos filhos de Pedro Ivo Morato: Abel Morato.
Pág. 487 — Suprima-se a palavra "falecida" depois de Maria da Conceição Soares.
Pág. 563 — Suprima-se a palavra "falecido" depois de Osvaldo, acrescentando Prefeito de Pará de Minas.
Pág. 610 — Acrescente-se aos filhos de José Maria: Helena, Maria, Neli Maria.
Pág. 688 — Modifique-se o Sn 593 para: Dr. Deusdedit, médico, Assistente da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.
Pág. 689 — Acrescente-se aos filhos de Antônio Pereira de Araújo: José Calazans, falecido.
Pág. 728 — Acrescentar aos filhos de Chiodi Giovani: Nitti